1010929210
981.03
F899c
BCCL

CASA-GRANDE & SENZALA

LIVRARIA BÔA VISTA
WOLFENSON & IRMÃO
Rua do Hospicio, 68.

GILBERTO FREYRE

CASA-GRANDE
&
SENZALA

FORMAÇÃO DA FAMILIA BRASILEIRA
SOB O REGIMEN DE ECONOMIA
PATRIARCHAL

MAIA & SCHMIDT L.TDA
RIO — 1933

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTER
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

UNIDADE BCCL
Nº CHAMADA:
981.03
F899c
V. Ed.
TOMBO BCI 929210
PROC. 16-94-2013
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 28/06/13
CT 906254

Á memoria dos meus avós

ALFREDO ALVES DA SILVA FREIRE

MARIA RAYMUNDA DA ROCHA WANDERLEY

ULYSSES PERNAMBUCANO DE MELLO

FRANCISCA DA CUNHA TEIXEIRA DE MELLO

PREFACIO

Uma Wanderley do seculo XIX

Em Outubro de 1930 occorreu-me a aventura do exilio. Levou-me primeiro á Bahia; depois a Portugal, com escala pela Africa. O typo da viagem ideal para os estudos e as preoccupações que este ensaio reflecte.

Em Portugal foi surpreender-me em Fevereiro de 1931 o convite da Universidade de Stanford para ser um dos seus «visiting professors» na primavera do mesmo anno. Deixei com saudade Lisbôa, onde desta vez pudera familiarizar-me em alguns mezes de lazer com a Bibliotheca Nacional, com as collecções do Museu Ethnologico, com sabores novos de vinho do Porto, de bacalhau, de doces de freiras. Juntando-se a isto o gosto de rever Cintra e os Estoris; e o de abraçar amigos illustres. Um delles, João Lucio de Azevedo, o mestre admiravel.

Igual opportunidade tivera na Bahia — minha velha conhecida, mas só de visitas rapidas. Demorando-me em São Salvador pude conhecer com todo o vagar não só as collecções do Museu afro-bahiano Nina Rodrigues e a arte do trajo das negras quituteiras e a da decoração dos seus bôlos e tabuleiros(1) *como certos encantos mais intimos da cozinha e da doçaria bahiana que escapam aos simples turistas. Certos gostos mais finos da velha cozinha das casas-grandes que fez dos fornos, dos fogões e dos tabuleiros de bôlo da Bahia seu ultimo e Deus*

---

(1) *Merecem um estudo a parte os motivos decorativos e porventura mysticos que orientam as pretas quituteiras na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro no recorte dos papeis azues, encarnados, amarellos, etc. para enfeite dos tabuleiros e acondicionamento de doces, as formas que dão aos bôlos, alfenins, rebuçados, etc. A decoração dos tabuleiros é uma verdadeira arte de renda em papel, feita quasi sem molde.*

queira que invencivel reducto. Deixo aqui meus agradecimentos ás familias Calmon, Freire de Carvalho, Costa Pinto; tambem ao professor Bernardino de Souza, do Instituto Historico, a frei Philotheo, superior do Convento dos Franciscanos e á preta Maria Ignacia, que me prestou interessantes esclarecimentos sobre o trajo das bahianas *e a decoração dos tabuleiros. «Une cuisine et une politesse! Oui, les deux signes de vieille civilisation...» lembro-me de ter aprendido num livro francês. É justamente a melhor lembrança que conservo da Bahia: a da sua polidez e a da sua cozinha. Duas expressões de civilisação patriarchal que lá se sentem hoje como em nenhuma outra parte do Brasil. Foi a Bahia que nos deu alguns dos maiores estadistas e diplomatas do Imperio; e os pratos mais saborosos da cozinha brasileira em lugar nenhum se preparam tão bem como nas velhas casas de São Salvador e do Reconcavo.*

Realizados os cursos que por iniciativa do professor Percy Alvin Martin me foram confiados na Universidade de Stanford — um de conferencias, outro de seminario, cursos que me puzeram em contacto com um grupo de estudantes, moças e rapazes, animados da mais viva curiosidade intellectual, regressei da California a New York por um caminho novo para mim: atravez do Novo Mexico, da Arizona, do Texas; de toda uma região que ao brasileiro do Norte recorda, nos seus trechos mais acres, os nossos sertões ouriçados de mandacarús e de chiquê-chiques. Descampados em que a vegetação parece uns enormes cacos de garrafa, de um verde duro, ás vezes sinistro, espetados na areia secca.

Mas regressando pela fronteira mexicana, visava menos esta sensação de paisagem sertaneja que a do velho Sul escravocrata. Este se alcança ao chegar o transcontinental aos cannaviaes e alagadiços da Louissiana. Louisiana, Alabama, Mississipi, as Carolinas, Virginia — o chamado «deep South». Região onde o regimen patriarchal de economia creou quasi o mesmo typo de aristocrata e de casa-grande, quasi o mesmo

typo de escravo e de senzala que no Norte do Brasil e em certos trechos do Sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela bôa cozinha, pela mulher, pelo cavallo, pelo jogo; que soffreu, e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regimen devastador de exploração agraria — o fogo, a derrubada, a coivara, a «lavoura parasita da naturesa» (1), *no dizer de Monteiro Baena referindo-se ao Brasil. A todo o estudioso da formação patriarchal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado «deep South». As mesmas influencias de technica de producção e de trabalho — a monocultura e a escravidão — uniram-se naquella parte inglesa da America, como nas Antilhas e em Jamaica, para produzir resultados sociaes semelhantes aos que se verificam entre nós. Ás vezes tão semelhantes que só varia o accessorio: as differenças de lingua, de raça e de forma de religião.*

Tive a fortuna de realizar grande parte da minha excursão pelo Sul dos Estados Unidos na companhia de dois antigos collegas da Universidade de Columbia — Ruediger Bilden e Francis Butler Simkins. O primeiro vem se especializando com o rigor e a fleugma de sua cultura germanica no estudo da escravidão na America, em geral, e no Brasil em particular; o segundo, no estudo dos effeitos da abolição nas Carolinas, assumpto que acaba de fixar em livro interessantissimo, escripto de collaboração com Robert Hilliard Woody: South Carolina during reconstruction, *(Chapel Hill, 1932). Devo aos meus dois amigos, principalmente a Ruediger Bilden, suggestões valiosas para este trabalho; e ao seu nome devo associar o de outro collega, Ernest Weaver, meu companheiro de estudos de anthropologia no curso do professor Franz Boas.*

O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos

---

(1) *Antonio Ladislau Monteiro Baena* — Ensaio Corographico Sobre a Provincia do Pará — *Pará 1839.*

meus primeiros dias em Columbia. Creio que nenhum estudante russo, dos romanticos, do seculo XIX, preoccupou-se mais intensamente pelos destinos da Russia do que eu pelos do Brasil na phase em que conheci Boas. Era como si tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscegenação. Vi uma vez, depois de mais de tres annos macissos de ausencia do Brasil, um bando de marinheiros nacionaes — mulatos e cafusos — descendo não me lembro si do São Paulo *ou do* Minas *pela neve molle de Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me á lembrança a phrase de um livro de viajante inglês ou americano que acabara de lêr sobre o Brasil: «the fearfully mongrel aspect of the population». A miscegenação resultava naquillo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929, Roquette Pinto aos aryanistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os individuos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos* doentes.

Foi o estudo de anthropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor — separados dos traços de raça os effeitos do ambiente ou da experiencia cultural. Aprendi a considerar fundamental a differença entre raça *e* cultura; *a discriminar entre os effeitos de relações puramente geneticas e os de influencias sociaes, de herança cultural e de meio. Neste criterio de differenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Tambem no da differenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de familia.*

Por menos inclinados que sejamos ao materalismo historico, tantas vezes exaggerado nas suas generalizações — principalmente em trabalhos de sectarios e fanaticos — temos que admittir influencia consideravel, embora nem sempre preponderante, da technica da producção economica sobre a estructura das sociedades; na caracte-

rização da sua physionomia moral. É uma influencia sujeita á reacção de outras; porém poderosa como nenhuma na capacidade de aristocratizar ou de democratizar as sociedades; de desenvolver tendencias para a polygamia ou a monogamia; para a estratificação ou a mobilidade. Muito do que se suppõe, nos estudos ainda tão fluctuantes, de eugenia e de cacogenia, resultado de traços ou taras hereditarias. preponderando sobre outras influencias, deve-se antes associar á persistencia, atravez de gerações, de condições economicas e sociaes, favoraveis ou desfavoraveis ao desenvolvimento humano. Lembra Franz Boas que, admittida a possibilidade da eugenia eliminar os elementos indesejaveis de uma sociedade, a selecção eugenica deixaria de supprimir as condições sociaes responsaveis pelos proletariados miseraveis — gente doente e mal nutrida; e persistindo taes condições sociaes, de novo se formariam os mesmos proletariados (1).

---

(1) *Boas salienta o facto de que nas classes de condições economicas desfavoraveis de vida, os individuos desenvolvem-se lentamente, apresentando estatura baixa, em comparação com a das classes ricas. Entre as classes pobres encontra-se uma estatura baixa apparentemente hereditaria, que, entretanto, parece susceptivel de modificar-se, uma vez modificadas as condições de vida economica. Encontram-se — diz Boas — proporções do corpo determinadas por occupações, e apparentemente transmittidas de pae a filho, no caso do filho seguir a mesma occupação que o pae. (Franz Boas,* Anthropology and modern life, *London 1929). Veja-se tambem a pesquisa de H. P. Bouditch, «The Growth of Children»,* 8th annual Report of the State Bureau of Health of Massashusetts). *Na Russia, devido á fome de 1921-1922 — resultado não só da má organização das primeiras administrações sovieticas como do bloqueio da nova republica pelos governos capitalistas — verificou-se consideravel diminuição na estatura da população. (A. Ivanovsky, «Physical modifications of the population of Russia under famine»,* American Journal of Physical Anthropology, *n. 4 1923). Por outro lado os estudos de Hrdlicka na população norte-americana accusam o augmento de estatura (Ales Hrdlicka,* The old Americans, *Baltimore 1925). Sobre as differenças de estatura e de outros caracteristicos physicos e mentaes de uma classe social para outra veja-se o trabalho classico de A. Niceforo,* Les classes pauvres, *Paris 1905; e entre os recentes o de Pitirim Sorokin,* Social mobility, *New York 1927. Quanto á correlação entre a intelligencia e a classe social da criança, veja-se o notavel trabalho do professor L. M. Terman, da Universidade de Stanford,* Genetic studies of genius, *1925-1930. O interessante nessas differenças — exceptuados, é claro, casos extraordinarios — é determinar até que ponto são hereditarias ou geneticas*

No Brasil, as relações entre os brancos e as raças de côr foram desde a primeira metade do seculo XVI condicionadas, de um lado pelo systema de producção economica — a monocultura latifundiaria; do outro, pela escassez de mulheres brancas, entre os conquistadores. O assucar não só abafou as industrias democraticas de pau brasil e de pelles, como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta aos engenhos de canna, para os esforços de polycultura e de pecuaria. E exigiu uma enorme massa de escravos. A creação de gado, com possibilidades de vida democratica, deslocou-se para os sertões. Na zona agraria, desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semi-feudal — uma minoria de brancos e brancarões dominando patriarchaes, polygamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos creados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os aggregados, moradores de casas de taipa e de palha; (2) *vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão* (3).

---

ou deixam de sel-o para refletir o favor ou o desfavor successivo das condições economicas, do ambiente social e do regimen alimentar de ricos e pobres. Ou — vendo-se o problema de outro ponto de vista — quaes as possibilidades de tornarem-se hereditariamente transmissiveis qualidades adquiridas e cultivadas atravez de gereções. Dendy salienta que Oliver Wendel Holmes observou ter-se formado uma aristocracia intellectual e social na Nova Inglaterra pela repetição das mesmas influencias, geração após geração. (Arthur Dendy, The Biological Foundation of Society, *London 1924). Sobre este ponto vejam-se tambem J. A. Detlefsen,* Our Present Knowledge of Heredity, *Philadelphia, 1925; H. S. Jennings,* Prometheus, *New York 1925; C. M. Child,* Physiological foundations of behavior, *New York 1924; A. J. Herrick,* Neurological foundations of animal behavior — *New York 1924; F. B. Davenport,* Heredity in relation to eugenics, *New York 1911; A. Myerson,* The Inheritance of mental disorders, *Baltimore 1925.*

(2) *Sobre a correlação do material de construcção com a aristocratização das sociedades veja-se George Plekhanov —* Introduction à l'Histoire Sociale de la Russie — *(tr.) — Paris 1926.*

(3) *Refutando a theoria de Oliveira Vianna — a inexistencia da lucta de classes na formação social do Brasil — lembra Astrogildo Pereira as guerras, os conflictos dos «senhores» com os indigenas e com os negros fugidos (quilombolas) e da propria burguezia nascente com a aristocracia rural ja estratificada. Tambem os conflictos dos representantes da Corôa, quando fortalecidos pela descoberta das minas, com os caudilhos ruraes. Estes, embora atravessando crises e soffrendo de-*

Vencedores no sentido militar e technico sobre as populações indigenas; dominadores absolutos dos negros importados da Africa para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram entretanto de transigir com indios e africanos quanto ás relações geneticas e sociaes. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternisação entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações — as dos brancos com as mulheres de côr — de «superiores» com «inferiores» e, no maior numero de casos, de senhores desabusados e sadicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituirem familia dentro dessas circumstancias e sobre essa base. A miscegenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distancia social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a matta tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiaria e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambugem de gente livre sandwichada entre os extremos antagonicos, foi em grande parte contrariado pelos effeitos sociaes da miscegenação. A india e a negra Mina a principio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legitimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido da democratização social do Brasil. Entre os filhos mestiços, legitimos e mesmo illegitimos, havidos dellas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte consideravel das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudaes e dos latifundios do tamanho de reinos.

---

pressões de poderio, foram a força preponderante. (Astrogildo Pereira. «Sociologia ou apologetica», A Classe Operaria, Rio, 1.º de Maio de 1929.

Já depois de escrito este ensaio, appareceu o trabalho de Caio Prado Junior. Evolução Politica do Brasil (ensaio de interpretação materialista da historia brasileira), *S. Paulo 1933, com o qual me encontro de accordo em varios pontos.*

Ligam-se á monocultura latifundiaria males profundos que teem compromettido, atravez de gerações, a robustez e a efficiencia da população brasileira, cuja saude instavel, incerta capacidade de trabalho, apathia, perturbações de crescimento, tantas vezes são attribuidas á miscegenação. Entre outros males, o mau supprimento de viveres frescos, obrigando grande parte da população ao regimen de deficiencia alimentar caracterizado pelo abuso do peixe secco e da farinha de mandioca (a que depois se juntou a carne de xarque); ou então ao incompleto e perigoso, de generos importados em condições pessimas de transporte, taes como as que precederam a navegação a vapor e o uso, recentissimo, de camaras frigorificas nos vapores. A importancia da hyponutrição, destacada por Armitage(1), *Mc Collum e Simonds*(2) *e recentemente por Escudero*(3); *da fome chronica, originada não tanto da reducção em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistinctamente chamados de «decadencia» ou «inferioridade» de raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução. Salientam-se entre as consequencias da hyponutrição a diminuição da estatura, do peso e do perimetro thoraxico; deformações esqueleticas; decalcificação dos dentes; insufficiencia tiroide, hypofisiaria e gonadial provocadoras da velhice prematura, fertilidade em geral pobre, não raro infecundidade. Exactamente os traços de vida esteril e de physico inferior que geralmente se associam ás sub-raças; ao sangue maldito das chamadas «raças inferiores».*

---

(1) *F. P. Armitage.* Diet and Race, *London 1922.*

(2) *E. V. Mc Collum e Nina Simonds. — The Newer Knowledge of Nutrition. The use of Food for the Preservation of Vitality and Health (New York 1929).*

(3) *Pedro Escudero, «Influencia de la alimentacion sobre la raza»,* La Prensa, *27 de Março de 1933. Interessantes os artigos do professor argentino embora pouco acrescentem de original aos estudos dos physiologistas norte-americanos e europeus: Armitage, Mc Collum, Simonds, Lusk, Mabel Wellmen, Nitti. Alguns destes parecem attribuir importancia exaggerada, na determinação das condições sociaes, á maior ou menor ingestão de proteina. Sobre a proteina na alimentação brasileira prepara interessante trabalho o Dr. Ruy Coutinho.*

Não se devem esquecer outras influencias sociaes que aqui se desenvolveram com o systema patriarchal e escravocrata de colonização: a syphilis, por exemplo, responsavel por tantos dos «mulatos doentes» de que fala Roquette Pinto e a que Ruediger Bilden attribue grande importancia no estudo da formação brasileira.

A formação patriarchal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de «raça» e de «religião» do que em termos economicos, de experiencia de cultura e de organização da familia, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que ás vezes contrariaram não só a moral sexual catholica como as tendencias semitas do português aventureiro para a mercancia e o trafico.

Salienta Spengler que uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ella o meio physico. E recorda a proposito os resultados dos estudos de Gould e de Baxter, e os de Boas, no sentido da uniformização de media de estatura, do tempo medio de desenvolvimento e até, possivelmente, da estructura do corpo e da forma de cabeça a que tendem individuos de varias procedencias reunidos sob as mesmas condições de «meio physico»(1). *De meio biochimico, talvez mais do que physico; as modificações por effeito possivelmente de meio, verificadas em descendentes de immigrantes — como nos judeus sicilianos e allemães estudadas por Boas nos Estados Unidos*(2) *— parecem resultar principalmente do que Wissler chama de influencia bio-chimica do meio*(3). *Na verdade, vae adquirindo cada vez maior importancia o estudo, sob o criterio da bio-chimica, das modificações apresentadas pelos descendentes de immigrantes em clima*

---

(1) *Oswald Spengler* — La decadencia de Occidente *(tr.)* — *Madrid 1927.*

(2) *Franz Boas* — «*Changes in bodily forms of descendants of immigrants*», Senate Documents; *Washington 1911.*

(3) *Clark Wissler* — Man and Culture, *New York 1923.*

ou meio novo, rapidas alterações parecendo resultar da maior ou menor iodina que contenha o ambiente. A iodina agiria sobre as secreções da glandula tiroide. E o systema de alimentação teria uma importancia considerave! na differenciação dos traços physicos e mentaes dos descendentes de immigrantes.

Admittida a tendencia do meio physico e principalmente bio-chimico («biochemical content») no sentido de recrear á sua imagem os individuos que lhe chegam de varias procedencias, não se deve esquecer a acção dos recursos technicos dos colonizadores em sentido contrario: no de impôr ao meio formas e accessorios extranhos de cultura, que lhes permittem conservar-se o mais possivel como raça *ou* cultura *exotica.*

O systema patriarchal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um systema de plastica contemporização entre as duas tendencias. Ao mesmo tempo que exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada á atrazada, uma imposição de formas europeas (já modificadas pela experiencia asiatica e africana do colonizador) ao meio tropical, representou uma contemporisação com as novas condições de vida e de ambiente. A casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no seculo XVI, a levantar no Brasil — grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha vã, alpendre na frente e dos lados, telhados cahidos num maximo de protecção contra o sol forte e as chuvas tropicaes — não foi nenhuma reproducção das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao novo ambiente physico e a uma phase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua actividade agraria e sedentaria nos tropicos; seu patriarchalismo rural e escravocrata. Desde esse momento que o português, guardando embora aquella saudade do reino que Capistrano de Abreu chamou «transoceanismo», tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem economica e social; o creador de um novo typo de habitação. Basta comparar-se a planta de

uma casa-grande brasileira do seculo XVI com a de um solar lusitano do seculo XV para sentir-se a differença enorme entre o português do reino e o português do Brasil. Distanciado o brasileiro do reinol por um seculo apenas de vida patriarchal e de actividade agraria nos tropicos já é quasi outra raça, *exprimindo-se noutro typo de casa. Como diz Spengler,— para quem o typo de habitação apresenta valor historico-social superior ao da raça — á energia do sangue que imprime traços identicos atravez da successão dos seculos deve-se accrescentar a força «cosmica, mysteriosa que enlaça num mesmo rythmo os que convivem estreitamente unidos»* (1) *Esta força, na formação brasileira, agiu do alto das casas-grandes, que foram centros de cohesão patriarchal e religiosa: os pontos de apoio para a organização nacional.*

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um systema economico, social, politico: de producção (a monocultura latifundiaria); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavallo); de religião (o catholicismo de familia, com capellão subordinado ao pater familias, *culto dos mortos, etc.), de vida sexual e de familia (o patriarchalismo polygamo); de hygiene do corpo e da casa (o «tigre», a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamella, o banho de assento, o lava-pés). Foi ainda fortaleza, banco, cemiterio, hospedaria, escola, santa casa de misericordia amparando os velhos e as viuvas, recolhendo orphãos. Desse patriarchalismo absorvente dos tempos coloniaes a casa-grande do engenho Noruega, em Pernambuco, cheia de salas, quartos, corredores, duas cozinhas de convento, dispensa, capella, puxadas, parece-me expressão sincera e completa. Expressão do patriarchalismo já repousado e pacato do seculo XVIII; sem o ar de fortaleza que tiveram as primeiras casas-grandes do seculo XVI. «Nas fazendas estava-se como*

---

(1) *Oswald Spengler,* op. cit.

num campo de guerra», escreve Theodoro Sampaio referindo-se ao primeiro seculo de colonização. «Os ricos homens usavam proteger as suas vivendas e solares por meio de duplas e poderosas estacas, á moda do gentio, guarnecidas pelos famulos, os apaniguados e indios escravos, e servindo até para os visinhos quando de subito acossados pelos barbaros» (1).

Nos engenhos dos fins do seculo XVII e do seculo XVIII estava-se porém como num convento português — uma grande fazenda com funcções de hospedaria e de santa casa. Nem mesmo o não sei que de retrahido das casas dos principios do seculo XVII, com alpendres como que trepados em pernas de pau, verifica-se nas habitações dos fins desse seculo, do XVIII e da primeira metade do XIX — casas quasi de todo desmilitarizadas, accentuadamente paisanas, offerecendo-se aos extranhos numa hospitalidade facil, derramada. Até mesmo nas estancias do Rio Grande Nicolao Dreys foi encontrar, em principios do seculo XIX, o costume dos conventos medievaes de tocar-se um sino á hora da comida: «serve elle para avisar o viajante vagando pelo campo, ou o desvalido da vizinhança, que pode chegar á mesa do dono que está se apromptando; e, com effeito, assenta-se quem quer a essa mesa de hospitalidade. Nunca o dono repelle a ninguem, nem sequer pergunta-se-lhe quem he...» (2).

Não me parece inteiramente com a razão José Marianno Filho ao affirmar que a nossa architectura patriarchal não fez sinão seguir o modelo da religiosa, aqui desenvolvida pelos jesuitas(3) *— os inimigos terriveis dos senhores de engenho. O que a architectura das casas-grandes adquiriu dos conventos foi antes certa docura e simplicidade franciscana. Facto que se explica pela*

---

(1) *Theodoro Sampaio — «S. Paulo de Piratininga no fim do seculo XVI»*, Rev. Inst. Hist. de São Paulo, *vol. II.*

(2) *Nicolao Dreys* — Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul — *Rio de Janeiro 1839.*

(3) *José Marianno Filho — Conferencia na Escola de Bellas Artes do Recife, Abril de 1933.*

identidade de funcções entre uma casa de senhor de engenho e um convento typico de frades de São Francisco. A architectura jesuitica e de igreja foi, não ha duvida e nisto me encontro de inteiro accordo com José Marianno Filho, a expressão mais alta e erudita de architectura no Brasil colonial. Influenciou certamente a da casa-grande. Esta, porém, seguindo seu proprio rythmo, seu sentido patriarchal e experimentando maior necessidade que a puramente ecclesiastica de adaptar-se ao meio, individualizou-se e criou tamanha importancia que acabou dominando a architectura de convento e de igreja. Quebrando-lhe o rosso jesuitico, a verticalidade hespanhola para achatal-a doce, humilde, subserviente em capella de engenho. Dependencia da habitação domestica. Si a casa-grande absorveu das igrejas e conventos valores e recursos de technica, tambem as igrejas assimilaram caracteres da casa-grande: o copiar, por exemplo. Nada mais interessante que certas igrejas do interior do Brasil com alpendre na frente ou dos lados como qualquer casa de residencia. Conheço varias — em Pernambuco, na Parahyba, em São Paulo. Bem caracteristica é a de São Roque de Serinhaem. E em São Paulo, a de São Miguel, ainda dos tempos coloniaes.

A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a principio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuita, o senhor de engenho ficou dominando a colonia quasi sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos.

A força concentrou-se nas mãos dos senhores ruraes. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse immenso poderio feudal. Feias e fortes. Paredes grossas. Alicerces profundos. Oleo de baleia. Refere uma tradição nortista que um senhor de engenho mais ancioso de perpetuidade não se conteve: mandou matar dois escravos e enterral-os nos alicerces da casa. O suor dos negros foi o

oleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistencia quasi de fortaleza.

O ironico, porém, é que por falta de potencial humano, toda essa solidez arrogante de forma e de material foi muitas vezes inutil: na terceira ou quarta geração, casas enormes edificadas para atravessar seculos começaram a esfarelar-se de podres por abandono e falta de conservação. Incapacidade dos bisnetos ou mesmo netos para conservarem a herança ancestral. Veem-se ainda em Pernambuco as ruinas do grande solar dos barões de Mercês; neste até as cavallariças tiveram alicerces de fortaleza. Mas toda essa gloria virou monturo. No fim de contas as igrejas é que teem sobrevivido ás casas-grandes. Em Massangana, o engenho da meninice de Nabuco, a antiga casa-grande desappareceu; esfarelou-se a senzala; só a capellinha antiga de São Matheus continúa de pé com os seus santos e as suas catacumbas.

O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa — na capella, que era uma puxada da casa — é bem caracteristico do espirito patriarchal de cohesão de familia. Os mortos continuavam sob o mesmo tecto que os vivos. Entre os santos e as flores devotas. Santos e mortos eram afinal parte da familia. Nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitaram nunca em fazer dos seus filhinhos uns irmãos mais moços de Jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de Maria, ás vigilias de José, ás patetices de vóvó de Sant'Anna. A São José encarrega-se com a maior sem-cerimonia de embalar o berço ou a rede da criança:

«Embala, José embala
que a Senhora logo vem
foi lavar seu cueirinho
no riacho de Belém».

E a Sant'Anna de ninar os meninosinhos no collo:

«Senhora Sant'Anna
ninae minha filha
vêde que lindeza
e que maravilha.

Esta menina
não dorme na cama
dorme no regaço
da Senhora Sant'Anna».

E tinha-se tanta liberdade com os Santos que era a elles que se confiava a guarda das terrinas de doce e de melado contra as formigas:

«Em louvor de S. Bento
que não venham as formigas
cá dentro»

escrevia-se num papel que se deixava á porta do guarda-comida. E em papeis que se grudavam ás janellas e ás portas:

«Jesus, Maria, José
rogae por nós que recorremos a vós».

Quando se perdia um dedal, uma tesoura, uma moedinha, Santo Antonio que desse conta do objecto perdido. Nunca deixou de haver no patriarchalismo brasileiro, ainda mais que no português, perfeita intimidade com os santos. O menino Jesus só faltava engatinhar com os meninos da casa; lambusar-se de geléa de araçá ou goiaba; brincar com os moleques. As freiras portuguesas, nos seus extases, sentiam-no muitas vezes no collo brincando com as costuras ou provando dos doces(1).

Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarchia patriarchal, os mortos, governando e vigiando o mais possivel a vida dos filhos, netos, bisnetos. Em muita casa-grande conservavam-se seus retratos no santuario, entre as imagens dos santos, com direito á mesma luz votiva de lamparina de azeite e ás mesmas flores devotas. Um culto domestico dos mortos que lembra o dos antigos gregos e romanos.

Mas a casa-grande patriarchal não foi apenas fortaleza, capella, escola, officina, santa-casa, harem, con-

---

(1) *A Soror Mariana de Beja o menino Jesus vinha ajudar «a dobrar as meadas e o novelo» de sua costura; á Veneravel Madre Rosa Maria de Sto. Antonio apparecia para brincar com a roda do tear, etc. (Gustavo de Matos Sequeira,* Relação de varios casos notaveis e curiosos sucedidos em tempo na cidade de Lisbôa, etc. *Coimbra MDCCCCXXV).*

vento de moças, hospedaria. Desempenhou outra funcção importante na economia brasileira: foi tambem banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Ás vezes guardavam-se joias nas capellas, enfeitando os santos. Dahi Nossas Senhoras sobrecarregadas á bahiana de teteas, barangandans, corações, cavallinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naquelles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capellas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedicto; mas sob o pretexto, ponderavel para a epoca, de que «negro não devia ter luxo». Com effeito, chegou a prohibir-se, nos tempos coloniaes, o uso de «ornatos de algum luxo» pelos negros (1).

Por segurança e precaução contra os corsarios, contra os excessos demagogicos, contra as tendencias communistas dos indigenas e dos africanos, os grandes proprietarios, nos seus zelos exaggerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sosinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguem encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho apparecendo aos parentes ou mesmo aos extranhos pedindo padres-nossos, aves-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Ás vezes dinheiro dos outros de que os senhores illicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viuvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Succedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miseria devido a esperteza ou a morte subita do depositario.

---

(1) *Carta regia de 3 de Setembro de 1709 e* bando *de 1740 no Maranhão, cit. por Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* A escravidão no Brasil, ensaio juridico-historico — social, *Rio de Janeiro 1866.*

Houve senhores sem escrupulos que, acceitando valores para guardar, fingiram-se depois de extranhos e desentendidos: «Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?» (1). *Muito dinheiro enterrado sumiu-se mysteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Massangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para elle reunida pela bôa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. Já ministro em Londres, um padre velho falou-lhe do thesouro que D. Anna Rosa juntara para o afilhado querido. Mas nunca se encontrou uma libra siquer. Em varias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se teem encontrado em demolições ou excavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d'Avila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, «verdadeira fortuna em moedas de ouro». Noutras casas-grandes só se teem desencavado do chão ossos de escravos, justiçados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, á revelia das auctoridades. Conta-se que o visconde de Suassuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro suppliciado por ordem de sua justiça patriarchal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os proprios filhos. Um desses patriarchas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predilecção, mandou matal-o pelo irmão mais velho. «Como Deus foi servido que eu mandasse matar meu filho», escreveu ao padre coadjuctor de Cannavieira depois de cumprida a ordem terrivel* (2).

Tambem os frades desempenharam funcções de banqueiros nos tempos coloniaes. Muito dinheiro se deu

---

(1) *J. da Silva Campos — «Tradições bahianas»*, Rev. Inst. Geog. Hist. da Bahia, *n.* 56.

(2) *Tristão de Alencar Araripe — «Pater — familias no Brasil dos tempos coloniaes»*, Rev. Inst. Hist. Geogr. Br. *vol.* 55.

para guardar aos frades nos seus conventos (1) *duros e inaccessiveis como fortalezas. Dahi as lendas, tão communs no Brasil, de subterraneos de convento com dinheiro ainda por desenterrar. Mas foram principalmente as casas-grandes que fizeram de bancos na economia colonial; e são quasi sempre almas penadas de senhores de engenhos que apparecem pedindo padres-nossos e aves-marias.*

Os mal-assombrados das casas-grandes se manifestam por visagens e ruidos que são quasi os mesmos por todo o Brasil. Pouco antes de desapparecer, estupidamente dynamitada, a casa-grande de Megahype, tive occasião de recolher, entre os moradores dos arredores, historias de assombrações ligadas ao velho solar do seculo XVII. Eram barulhos de louça que se ouviam na sala de jantar; risos alegres e passos de dansa na sala de visita; tilintar de espadas; ruge-ruge de sedas de mulher; luzes que se accendiam e se apagavam de repente por toda a casa; gemidos; rumor de correntes se arrastando; choro de menino; phantasmas do typo cresce e mingua. Assombrações semelhantes me informaram no Rio de Janeiro e em São Paulo povoar os restos de casas-grandes do valle do Parahyba (2). *E no Recife, da capella da casa-grande que foi de Bento José da Costa, assegurá-me um antigo morador do sitio que toda a noite, á meia-noite, costuma sahir montada num burro, como Nossa Senhora, uma moça muito bonita, vestida de branco. Talvez a filha do velho Bento que elle não quiz que casasse com Domingos José Martins fugindo á tyrannia patriarchal. Porque os mal-assombrados costumam reproduzir as alegrias, os soffrimentos, os gestos mais caracteristicos da vida nas casas-grandes.*

---

(1) *José Vieira Fazenda — «Antiqualhas e memorias do Rio de Janeiro»*, Rev. Inst. Hist. Geogr. Br., *tomo 95, vol. 149.*

(2) *Tambem em Minas. Na tapera de Samangolê, municipio de Paracatú, havia até ha pouco um baile de noite de São João concorrido por gente de toda parte, que vinha em séges e cadeirinhas, escoltada de pagens, etc. As orchestras tocavam a noite inteira. Mas, ao amanhecer, tudo tinha desapparecido. Ultimamente este mal assombrado se desencantou.*

Em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes — em sua maioria mestiços de brancos com indios — os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira, a tendencia mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarchal. Estabilidade apoiada no assucar (engenho) e no negro (senzala). Não que estejamos a suggerir uma interpretação ethnica da formação brasileira ao lado da economica. Apenas accrescentando a um sentido puramente material, marxista, dos factos, ou antes, das tendencias, um sentido psychologico. Ou psycho-physiologico. Os estudos de Cannon(1), *por um lado, e por outro os de Keith*(2), *parecem indicar que actuam sobre as sociedades, como sobre os individuos, independente de pressão economica, forças psycho-physiologicas, susceptiveis, ao que se suppõe, de controle pelas futuras élites scientificas — dôr, medo, raiva — ao lado das emoções de fome, sede, sexo. Forças de uma grande intensidade de repercussão. Assim, o islamismo, no seu furor imperialista, nas suas formidaveis realizações, na sua exaltação mystica dos prazeres sensuaes, terá sido não só a expressão de motivos economicos, como de forças psychologicas que se desenvolveram de modo especial entre populações do Norte da Africa. Do mesmo modo, o movimento das bandeiras — em que emoções generalizadas de medo e raiva se teriam affirmado em reacções de superior combatividade. O português mais puro, que se fixou em senhor de engenho, apoiado antes no negro do que no indio, representa talvez, na sua tendencia para a estabilidade, uma especialização psychologica em contraste com a do indio e a do mestiço de indio com português para a mobilidade. Isto sem deixarmos de reconhecer o facto de que em Pernam-*

---

(1) *Walter B. Cannon* — Bodily Changes in Pain, Hunger, Fear and Rage — *New York, London 1929.*

(2) *Arthur Keith* — «*On certain factors concerned in the evolution of human races*», Journal of the Royal Anthropological Institute, *London, vol. XLVI.*

buco e no Reconcavo a terra se apresentou excepcionalmente favoravel para a cultura intensa do assucar e para a estabilidade agraria e patriarchal.

A verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o typo de civilização mais estavel na America hispanica; e esse typo de civilização, illustra-o a architectura gorda, horizontal, das casas-grandes. Cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hospedes; capella; puxadas para accomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para a reclusão quasi monastica das moças solteiras; gyneceu; copiar; senzala. O estylo das casas-grandes — estylo no sentido spengleriano — pode ter sido de emprestimo; sua architectura, porém, foi honesta e authentica. Brasileirinha da silva. Teve alma. Foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo rythmo de vida patriarchal que os proventos de assucar e o trabalho efficiente dos negros tornaram possivel.

Essa honestidade, essa largueza sem luxo das casas-grandes, sentiram-na varios dos viajantes extrangeiros que visitaram o Brasil colonial. Desde Dampier a Maria Graham. Maria Graham ficou encantada com as casas de residencia dos arredores do Recife e com as de engenho, do Rio de Janeiro; só a impressionou mal o numero excessivo de gaiolas de papagaio e de passarinho penduradas por toda a parte. Mas estes exaggeros de gaiolas de papagaio animando a vida de familia do que hoje se chamaria côr local; e os papagaios tão bem educados, accrescenta Mrs. Graham, que raramente gritavam ao mesmo tempo(1). *Aliás, em materia de domesticação patriarchal de animaes, d'Assier observou exemplo ainda mais expressivo: macacos tomando a benção aos moleques do mesmo modo que estes aos negros velhos e os negros velhos aos senhores brancos*(2). *A*

---

(1) *Maria Graham* — Journal of a voyage to Brazil and residence there during the years 1821, 1822, 1823. *London 1824.*

(2) *Adolphe d'Assier* — Le Brésil Contemporain -- Races — moeurs — institutions — paysages — *Paris 1867.*

hierarchia das casas-grandes extendeu-se aos papagaios e aos macacos.

A casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de canna, ao patriarchalismo nortista, não se deve considerar expressão exclusiva do assucar, mas da monocultura escravocrata e latifundiaria em geral: criou-a no Sul o café tão brasileira como no Norte o assucar. Percorrendo-se a antiga zona fluminense e paulista dos cafezaes, sente-se, nos casarões em ruinas, nas terras ainda sangrando das derrubadas e dos processos de lavoura latifundiaria, a expressão do mesmo impulso economico que em Pernambuco criou as casas-grandes de Megahype, de Anjos, de Noruega, de Monjope, de Gaypió, de Morenos; e devastou parte consideravel da região chamada da «matta». Notam-se, é certo, variações devidas umas a differença de clima, outras a contrastes psychologicos e ao facto da monocultura latifundiaria ter sido, em São Paulo, pelo menos, um regimen sobreposto, no fim do seculo XVIII, ao da pequena propriedade(1). *Não nos deve passar despercebido o facto de que «emquanto os habitantes do norte procuravam para habitações os logares altos, os pendores das serras, os paulistas, pelo commum, preferiam as baixadas, as depressões do solo para a edificação de suas vivendas...»* (2).

---

(1) *Alfredo Ellis (Junior) em* Raça de Gigantes, *demonstra, baseado nos* Inventarios *e nas* Sesmarias, *que até o fim do seculo XVIII dominou em São Paulo o regimen da pequena propriedade, as casas de morada não passando de edificios de taipas de pilão, a principio cobertas de sapé: «Tinham em ordinario tres lanços, com o seu quintal, e eram pessimamente mobiliadas...» Porém grandes, com immensas salas de jantar, e já com «casa dos negros», ou senzala. Na casa setecentista de Francisco Mariano da Cunha achou Ellis (Junior) 16 quartos de grandes dimensões e sala de jantar de 13 x 5.40. Oliveira Vianna, no seu* Populações Meridionaes do Brasil, *salienta o contraste entre as fazendas paulistas anteriores ao seculo do café — o XIX — fazendolas «que se mediam ás braças, sendo as maiores de uma legua em quadra, com as fazendas mineiras e fluminenses que são latifundios de 10 mil alqueires ou mais». Os verdadeiros latifundios foram porém os de Pernambuco e da Bahia, do typo do de Garcia d'Avila.*

(2) *João Vampré — «Factos e festas na tradição»,* Rev. Inst. Hist. S. Paulo, *vol. XIII.*

Eram casas, as paulistas, «sempre construidas em terreno ingreme, de forte plano inclinado, protegidas do vento sul, de modo que do lado debaixo o predio tinha um andar terreo, o que lhe dava desse lado apparencia de sobrado». Surpreende-se nos casarões do Sul um ar mais fechado e mais retrahido do que nas casas nortistas; mas o «terraço, de onde com a vista o fazendeiro abarcava todo o organismo da vida rural» é o mesmo do Norte; o mesmo terraço hospitaleiro, patriarchal e bom. A sala de jantar e a cozinha, as mesmas salas e cozinhas de convento. Os sobrados que, viajando-se de Santos ao Rio em vapor pequeno, que venha parando em todos os portos, avistam-se á beira d'agua — em Ubatuba, São Sebastião, Angra dos Reis — recordam os patriarchaes, de Rio Formoso. E ás vezes, como no Norte, encontram-se igrejas com alpendre na frente — convidativas, doces, brasileiras.

A historia social da casa-grande é a historia intima de quasi todo o brasileiro: de sua vida domestica, conjugal, sob o patriarchalismo escravocrata e polygamo; da sua vida de menino; do seu christianismo reduzido a religião de familia e influenciado pelas crendices da senzala. O estudo da historia intima de um povo tem alguma cousa de introspecção proustiana; os Goncourt ja o chamavam «ce roman vrai». O architecto Lucio Costa, diante das casas velhas de Sabará, São João d'el Rei, Ouro Preto, Marianna, das velhas casas-grandes de Minas, foi a impressão que teve: «A gente como que se encontra... E se lembra de cousas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; não sei — Proust devia explicar isso direito» (1).

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caracter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua historia intima despreza-se tudo que a historia politica e militar nos offerece de empolgante por

---

(1) *Lucio Costa — «O aleijadinho e a architectura tradicional»*, O Jornal, *edição especial de Minas Geraes, Rio de Janeiro.*

uma quasi rotina de vida; mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caracter de um povo. Estudando a vida domestica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o «tempo perdido». Outro meio de nos sentirmos nos outros — nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos archivos.

Isto, é claro, quando se consegue penetrar na intimidade mesma do passado; surpreendel-o nas suas verdadeiras tendencias, no seu a — vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras. O que não é facil em paizes como o Brasil; aqui o confessionario absorveu os segredos pessoaes e de famí'ia, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos paizes protestantes provê o estudioso de historia intima de tantos diarios, confidencias, cartas, memorias, auto biographias, romances autobiographicos. Creio que não ha no Brasil um só diario escripto por mulher. Nossas avós, tantas dellas analphabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e á mucama de estimação; e sua tagarelice dissolveu-se quasi toda nas conversas com as pretas boceteiras, nas tardes de chuva ou nos meios dias quentes. Debalde se procuraria entre nós um diario de dona de casa cheio de «gossip» no genero dos ingleses e dos norte-americanos dos tempos coloniaes (1).

---

(1) *«Livros de assentos» de senhores de engenho, existem alguns. Graças á gentileza de uma velha parenta, D. Maria (Yayá) Cavalcanti de Albuquerque Mello, foi-me dado para consulta o «livro de assentos particulares» iniciado em Olinda em 1 de Março de 1843 por seu pae Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello (1821-1901) registrando factos não só de interesse para a familia de Francisco Casado de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque (1776-1832) antigo senhor do Engenho Jundyá, que vendeu em 1832, e para as familias de seus filhos e genros, como de interesse geral — epidemia de cholera, mata-mata marinheiro, hecatombe de Victoria, etc.*

Em compensação, a Inquisição escancarou sobre nossa vida intima da era colonial, sobre as alcovas com camas que em geral parecem ter sido de couro, rangendo ás pressões dos adulterios e dos coitos damnados; sobre as camarinhas e os quartos de santos; sobre as relações de brancos com escravos — seu olho enorme, indagador. As confissões e denuncias reunidas pela visitação do Santo Officio ás partes do Brasil(1) *constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de familia no Brasil do seculo XVI e XVII. Indicam-nos a edade das moças casarem — doze, quatorze annos; o principal regalo e passatempo dos colonos — o jogo de gamão; a pompa dramatica das procissões — homens vestidos de Christo e de figuras da Paixão e devotos com caixas de doce dando de comer aos penitentes. Deixam-nos surpreender, entre as heresias dos christãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida domestica e na moral christã da familia — homens casados, casando-se outra vez com mulatas, outros peccando contra a natureza com ephebos da terra ou da Guiné, ainda outros comettendo com mulheres a torpeza que em moderna linguagem scientifica se chama* felação, *e que nas denuncias vem descripta com todos os ff e rr; desbocados jurando pelo «pentelho da Virgem»; sogras planejando envenenar os genros; christãos-novos mettendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da copula ou deitando-os nos urinoes; senhores mandando queimar vivas, em fornalhas*

---

(1) Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça — Confissões da Bahia — 1591-92 — *São Paulo 1922;* Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, etc. — Denunciações da Bahia — *1591-1593* — *São Paulo 1925;* Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, etc. — Denunciações de Pernambuco, *São Paulo 1929. Esses documentos fazem parte da serie Eduardo Prado, editada por Paulo Prado; os dois primeiros volumes trazem introducções de Capistrano de Abreu; o terceiro, de Rodolpho Garcia.*

de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chammas.

Tambem houve — isto no seculo XVIII e no XIX — exquisitões. Pepys de meia-tigela, que tiveram a pachorra de collecionar «gossip» e mexericos: chamavam-se «recolhedores de factos». Manoel Querino falanos delles com relação á Bahia; Arrojado Lisboa, em conversa, deu-me noticia de um caderno desses, relativo a Minas; e em Pernambuco, na antiga zona rural, tenho encontrado traços de «recolhedores de factos». Não consegui foi um Ms *— ainda que tenha andado proximo de semelhante victoria. Os «recolhedores de factos», antecipando-se aos pasquins, collecionavam em cadernos casos vergonhosos, que, em momento opportuno, serviam para emporcalhar brazões ou nomes respeitaveis. Em geral, exploravam-se os preconceitos de branquidade e de sangue nobre; desencavava-se alguma remota avó escrava ou mina; ou tio que cumprira sentença; avô que aqui chegara de sambenito. Registravam-se irregularidades sexuaes e moraes de antepassados. Até mesmo de senhoras.*

Outros documentos auxiliam o estudioso da historia intima da familia brasileira: inventarios, taes como os mandados publicar em São Paulo pelo antigo presidente Washington Luiz; cartas de sesmaria, testamentos, correspondencias da Côrte e ordens reaes — como as que existem em Ms na Bibliotheca do Estado de Pernambuco ou dispersas por velhos cartorios e archivos de familia; pastoraes e relatorios de bispos, como o interessantissimo, de Frei Luis de Santa Thereza, que amarellece, em latim, copiado em bonita lettra ecclesiastica, no archivo da Cathedral de Olinda; actas de sessões de ordens terceiras, confrarias, santas casas como as conservadas, inaccessiveis e inuteis, no archivo da Ordem Terceira de São Francisco, no Recife, e referentes ao seculo XVI; os Documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo, *de que tanto se tem servido Affonso de E. Taunay para os seus notaveis es-*

tudos sobre a vida colonial em São Paulo; as Actas *e o* Registro geral da Camara de São Paulo; *os livros de assentos de baptismo, obitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de familias e autos de processos matrimoniaes que se conservam em archivos ecclesiasticos; os estudos de genealogia de Pedro de Taques, em São Paulo e de Borges da Fonseca, em Pernambuco; relatorios de juntas de hygiene, documentos parlamentares, estudos e theses medicas, inclusive as de doutoramento nas Faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia; documentos publicados pelo Archivo Nacional, pela Bibliotheca Nacional, pelo Instituto Historico Brasileiro, na sua* Revista; *e pelos Institutos de São Paulo, Pernambuco e da Bahia. Tive a fortuna de conseguir não só varias cartas do archivo da familia Paranhos, que me foram gentilmente offerecidas pelo meu amigo Pedro Paranhos, como o accesso a importante archivo de familia, infelizmente já muito damnificado pela traça e pela humidade, mas com documentos ainda dos tempos coloniaes — o do Engenho Noruega, que pertenceu por longos annos ao capitão-mór Manoel Thomé de Iezus e, depois, aos seus descendentes. Seria para desejar que esses restos de velhos archivos particulares fossem recolhidos ás bibliothecas ou aos museus, e que os ecclesiasticos e das ordens terceiras fossem convenientemente catalogados. Varios documentos, que permanecem em Ms nesses archivos e bibliothecas devem quanto antes ser publicados. É pena — seja-me licito observar de passagem — que algumas revistas de historia dediquem paginas e paginas á publicação de discursos patrioticos e de chronicas litterarias, quando tanta materia de interesse rigorosamente historico permanece desconhecida ou de accesso difficil para os estudiosos.*

Para o conhecimento da historia social do Brasil não ha talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de extrangeiros — impondo-se, entretanto, muita discriminação entre os autores superficiaes ou viciados por preconceitos — os Thevet, os Expilly, os

Dabadie — e os bons e honestos, da marca de Lery, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Rendu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardener, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher. Destes me servi largamente(1) *valendo-me de uma familiaridade com esse genero não sei si diga de litteratura — muitos são livros mal escriptos, porém deliciosos na sua candura quasi infantil — que data dos meus dias de estudante; das pesquisas para a minha these* Social Life in Brasil in the Middle of the 19th Century, *apresentada em 1923 á Faculdade de Sciencias Politicas e Sociaes da Universidade de Columbia. Trabalho que Henry L. Mencken fez-me a honra de ler, aconselhando-me que o expandisse em livro. O livro, que é este, deve esta palavra de estimulo ao mais anti-academico dos criticos.*

Volto á questão das fontes para recordar os valiosos dados que se encontram nas cartas dos jesuitas. O material publicado já é grande; mas deve haver ainda — lembra-me em carta João Lucio de Azevedo, auctoridade no assumpto — deve haver ainda na séde da Companhia muita cousa inedita. Os jesuitas não só foram grandes escriptores de cartas — muitas dellas tocando em detalhes intimos da vida social dos colonos — como procuraram desenvolver nos caboclos e mamelucos, seus alumnos, o gosto epistolar. Escrevendo da Bahia em 1552 dizia o jesuita Francisco Pires sobre as peregrinações dos meninos da terra ao sertão: «...o que eu não escreverei porque o Padre lhes mandou que escrevessem aos meninos de Lisboa; e porque poderá ser que suas cartas as vejais o não escreverei...» Seria interessante descobrir essas cartas e ver o que diziam para Lisboa os caboclos do Brasil do seculo XVI. Frequentemente depara-se nas cartas dos jesuitas com uma informação valiosa sobre a vida social no primeiro seculo de colo-

---

(1) *Servi-me, algumas vezes, na transcripção de trechos dos livros de viagem mais conhecidos, de traducções já existentes em português. Mas cotejando-as sempre com os originaes, e em certos pontos discordando dos traductores.*

nização; sobre o contacto da cultura européa com a indigena e a africana. O padre Antonio Pires, em carta de 1552, fala-nos de uma procissão de negros de Guiné em Pernambuco, já organizados em confraria do Rosario, todos muito em ordem «uns traz outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos: Ora pro nobis». O mesmo padre Antonio Pires, em carta de Pernambuco, datada de 2 de Agosto de 1551, refere-se aos colonos da terra de Duarte Coelho como «melhor gente que de todas as outras capitanias»; outra carta informa que os indios a principio «tinham empacho de dizer Santa Jooçaba. *que em nossa lingua quer dizer — pelo Signal da Santa Cruz, por lhes parecer aquillo gatimonhas»* (1). *Anchieta menciona os muitos bichos peçonhentos que atormentavam a vida domestica dos primeiros colonos — cobras jararacas andando pelas casas e cahindo dos telhados sobre as camas; «e quando os homens despertam se acham com ellas enroscadas no pescoço e nas pernas e quando se vão a calçar pela manhã as acham nas botas»; e tanto Anchieta como Nobrega destacam irregularidades sexuaes na vida dos colonos, nas relações destes com os indigenas e os negros e mencionam o facto de serem mediocres os mantimentos da terra, custando tudo «o tresdobro do que em Portugal». Anchieta lamenta nos nativos, o que Camões já lamentara nos portugueses — «a falta dos engenhos», isto é, de intelligencia, accrescida do facto de não estudarem com cuidado e de tudo se levar em festus, cantar e folgar; salientando ainda a abundancia dos doces e regalos, laranjada, aboborada, marmelada, etc., feitas de assucar* (2). *Detalhes de um realismo honesto, esses, que se colhem em grande numero, nas cartas dos padres, por entre as informações de interesse puramente religioso ou devoto. Detalhes que nos esclarecem sobre aspectos de vida colonial, em geral desprezados pelos*

---

(1) Cartas Jesuiticas *(1550-1568) — Rio de Janeiro 1887.*
(2) *Joseph de Anchieta* — Informações e Fragmentos Historicos, *Rio de Janeiro 1886.*

outros chronistas. Não nos devemos, entretanto, queixar dos leigos que em chronicas como a de Pero Magalhães de Gandavo e a de Gabriel Soares de Souza tambem nos deixam entrever flagrantes expressivos da vida intima nos primeiros tempos de colonização. Gabriel Soares chega a ser pormenorizado sobre as rendas dos senhores de engenho; sobre o material de suas casas e capellas; sobre a alimentação, a confeitaria e doçaria das casas-grandes; sobre os vestidos das senhoras. Um pouco mais, e teria dado um bisbilhoteiro quasi da marca de Pepy.

De outras fontes de informações ou simplesmente de suggestões, pode servir-se o estudioso da vida intima e da moral sexual no Brasil dos tempos de escravidão: do folk-lore rural nas zonas mais coloridas pelo trabalho escravo; dos livros e cadernos MSS de modinhas e receitas de bôlo(1)*; das collecções de jornaes; dos livros de etiqueta; e finalmente do romance brasileiro que nas paginas de alguns dos seus maiores mestres recolheu muito detalhe interessante da vida e dos costumes da antiga familia patriarchal. Machado de Assis,* em Helena Memorias Posthumas de Braz Cubas, Yayá Garcia, Dom Casmurro, *e em outros de seus romances e dos seus livros de contos. Joaquim Manoel de Macedo nas* Victimas Algozes, A Moreninha, O Moço Louro, As Mulheres de Mantilha, *romances cheios de sinhasinhas, de yayás, de mucamas. José de Alencar, em* Mãe, Luciola, Senhora, Demonio Familiar, Tronco do Ipê, Sonhos de Ouro, Pata da Gazela. *Francisco Pinheiro Guimarães na* Historia de uma moça rica *e* Punição; *Manoel de Almeida nas* Memorias de um sargento de milicia; *Raul Pompeia no* O Atheneu, *Julio Ribeiro na* A Carne, *Franklin Tavora, Agricola de Menezes, Martins Penna, França Junior são romancistas, folhetinistas ou escriptores de*

---

(1) *Possuo um que foi de Geroncio Dias de Arruda Falcão, por algum tempo senhor do engenho Noruega; e grande* gourmet. *Sentado numa cadeira de balanço, o velho Geroncio seguia ás vezes o preparo dos guizados ou das sobremesas mais finas. Livro de modinhas, possuo tambem um: foi do meu tio-avô Cicero Brasileiro de Mello, por algum tempo inspector da Alfandega de Santos.*

theatro que fixaram com maior ou menor realismo aspectos caracteristicos da vida domestica e sexual do brasileiro; das relações entre senhores e escravos; do trabalho nos engenhos; das festas e procissões. Tambem os fixou a seu geito, isto é, caricaturando-os, o poeta satyrico do seculo XVIII Gregorio de Mattos. E em memorias e reminiscencias, o visconde de Taunay, José de Alencar, Vieira Fazenda, os dois Mello Moraes, deixaram-nos dados valiosos. Romances de extrangeiros procurando retratar a vida brasileira do tempo da escravidão existem alguns(1)*; mas nenhum que valha grande cousa, do ponto de vista da historia social. Quanto á iconographia da escravidão e da vida patriarchal está magistralmente feita por artistas da ordem de Franz Post, Zacarias Wagner, Debret, Rugendas; sem falarmos de artistas menores e mesmo toscos — desenhadores, lithographos, gravadores, aquarelistas, pintores de ex-votos — que desde o seculo XVI — muitos delles illustrando livros de viagem — reproduziram e fixaram, com emoção ou realismo, scenas de intimidade domestica, flagrantes de rua e de trabalho rural, casas-grandes de engenhos e de sitio, typos de senhores, de escravos, de mestiços*(2)*. Dos ultimos cincoenta annos da escravidão, restam-nos, além de retratos a oleo, daguerreotypos e photographias fixando perfis aristocraticos de senhores, nas suas gravatas de volta, de sinhá-donas e sinhá-*

---

(1) *Entre outros, o de Adrien Delpech,* Roman Brésilien *e o de Saint Martial,* Au Brésil; *tambem o de Mme. Julie Delafage — Brehier,* Les Portugais d'Amérique *(souvenirs historiques de la guerre du Brésil en 1635) — Paris 1847.*

(2) *Dentre os albuns destacam-se o* Album brésilien *(agoas tintas) de Ludwig & Briggs sobre o Rio de Janeiro e* Memoria de Pernambuco *(Lith. de Carl e desenhos de Schappriz). Aquarellas e gravuras soltas existem varias, salientando-se as da Brasiliana Oliveira Lima, hoje na Universidade Catholica, em Washington; as do antigo museu Baltar, por iniciativa feliz do ex-governador Estacio Coimbra adquiridas para o Museu do Estado de Pernambuco organizado por Annibal Fernandes; as do Museu Historico e as da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Tambem apresentam interesse historico quadros de ex-votos dispersos pelas sacristias de velhas igrejas, capellinhas de engenho, etc. Na igrejinha do Sitio da Capella, perto do Recife, apodrecem uns, bem interessantes.*

moças de penteados altos, tapa-missa no cabello; meninas no dia da primeira communhão — todas de branco, luvas, grinalda, véo, livrinho de missa, rosario; grupos de familiu — as grandes familias patriarchaes, com avós, netos, adolescentes de batina de seminarista, meninotas abafadas em sedas de senhoras de edade.

Não devo estender este prefacio, que tanto se vae afastando do seu proposito de simplesmente dar uma idea geral do plano e do methodo do ensaio que se segue; das condições em que foi escripto. Ensaio de sociologia genetica e de historia social, pretendendo fixar e ás vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da familia brasileira.

O proposito de condensar num só volume todo o trabalho, não o consegui infelizmente realizar. O material esborrou, excedendo os limites razoaveis de um livro. Fica para um segundo o estudo de outros aspectos do assumpto — que aliás admitte desenvolvimento ainda maior.

A interpretação, por exemplo, do 1900 brasileiro — das attitudes, das tendencias, dos preconceitos da primeira geração brasileira depois da lei do Ventre Livre e da débacle *de 88 — deve ser feita relacionando-se as reacções anti-monarchicas da classe proprietaria, seus pendores burocraticos, a tendencia do grande numero para as carreiras liberaes, para o funccionalismo publico, para as sinecuras republicanas — sinecuras em que se perpetuasse a vida de ocio dos filhos de senhores arruinados e desapparecessem as obrigações aviltantes de trabalho manual para os filhos de escravos, anciosos de se distanciarem da senzala — relacionando-se todo esse regimen de burocracia e de improductividade que no antigo Brasil agrario, com excepção das zonas mais intensamente beneficiadas pela immigração européa, se seguiu á abolição do trabalho escravo — á escravidão e á monocultura. Estas continuaram a influenciar a conducta, os ideaes, as attitudes, a moral sexual dos brasileiros. Aliás a monocultura latifundiaria, mesmo depois de abolida a*

escravidão achou geito de subsistir em alguns pontos do paiz, ainda mais absorvente e esterilizante do que no antigo regimen; e ainda mais feudal nos abusos. Criando um proletariado de condições menos favoraveis de vida do que a massa escrava. Roy Nash ficou surprehendido com o facto de haver terras no Brasil, nas mãos de um só homem, maiores que Portugal inteiro: informaram-lhe que no Amazonas os Costa Ferreira eram donos de uma propriedade de area mais extensa que a Inglaterra, a Escossia e a Irlanda reunidas (1). *Em Pernambuco e Alagôas, com o desenvolvimento das usinas de assucar, o latifundio só tem feito progredir nos ultimos annos, subsistindo á sua sombra e por effeito da monocultura a irregularidade e a deficiencia no supprimento de viveres: carne, leite, ovos, legumes. Em Pernambuco, em Alagôas, na Bahia continúa a consumir-se a mesma carne ruim que nos tempos coloniaes. Ruim e cara* (2). *De modo que da antiga ordem economica persiste a parte peior do ponto de vista do bem estar geral e das classes trabalhadoras — desfeito em 88 o patriarchalismo que até então amparou os escravos, alimentou-os com certa largueza, soccorreu-os na velhice e na doença, proporcionou-lhes aos filhos opportunidades de accesso social. O escravo*

---

(1) *Roy Nash* — The Conquest of Brazil, *New York 1926.*

(2) *Segundo estatisticas officiaes* (Annuario Estatistico de Pernambuco, *Recife 1929-1930) a zona sacrificada em Pernambuco á monocultura abrange uma area de 1.200.000 hectares com apenas 138.000 cobertas com lavoura. Em palestra realizada no Rotary Club do Recife o Snr. André Bezerra, da empreza arrendataria do Matadouro da capital pernambucana salientou o facto de que 88,5 % da referida zona se acham completamente incultas, emquanto 20 % do total da zona, ou 240.000 hectares, «transformados em campos de pastagem com gramineas seleccionadas, convenientemente divididos em cercados, com bebedouros adequados, banheiros carrapatecidas, etc., dão para manter um rebanho de 240.000 rezes, que na base de 10 % utilisavel para o córte, forneceria 24.000 rezes para o açougue ...»* (Diario de Pernambuco, *2 de Abril de 1933). Do assumpto pretendo me occupar com mais detalhes, em trabalho proximo. De passagem direi que não se comprehendem os obstaculos criados, em Pernambuco, á importação de carnes congeladas do Rio Grande do Sul e de São Paulo que viriam melhorar a qualidade da alimentação e baratear-lhe o preço, emquanto não se dá melhor destino, do ponto de vista do bem estar geral, ás terras sacrificadas á monocultura latifundiaria. A não ser que os governos assim procedam, sob a influencia de interesses inconfessaveis.*

foi substituido pelo paria de usina; a senzala pelo mocambo; o senhor de engenho pelo usineiro ou pelo capitalista ausente. Muitas casas-grandes ficaram vasias, os capitalistas latifundiarios rodando de automovel pelas cidades, morando em chalets suissos e palacetes normandos, indo a Paris de vez em quando.

*
**

Devo exprimir meus agradecimentos a todos aquelles que me auxiliaram, quer no decorrer das pesquisas, quer no preparo do Ms e na revisão das provas deste ensaio. Na revisão do Ms e das provas ajudou-me principalmente Manuel Bandeira. Outro amigo, Luis Jardim, auxiliou-me a passar a limpo o Ms que entretanto acabou seguindo para o Rio todo riscado e emendado. Agradeço-lhes o concurso intelligente como tambem o daquelles que gentilmente me auxiliaram na traducção de trechos antigos de latim, de allemão e de hollandês e em pesquisas de bibliotheca e folk-loricas: meu pae — o Dr. Alfredo Freyre; meu primo José Antonio Gonçalves de Mello, neto; meus amigos Julio de Albuquerque Bello e Sergio Buarque de Hollanda; Maria Bernarda, que bastante me instruiu em tradições culinarias; os ex-escravos e pretos velhos criados em engenho — Luiz Mulatinho, Maria Curinga, Jovina, Bernarda. Sergio Buarque traduziu-me do allemão quasi o trabalho inteiro de Watjen. Julio Bello, no seu engenho de Queimadas, reuniu-me interessantes dados folk-loricos sobre relações de senhores com escravos. Sózinho ou na companhia de Cicero Dias, realizei excursões para pesquisas folk-loricas ou conhecimento de casas-grandes caracteristicas, por varios trechos da antiga zona aristocratica de Pernambuco. Devo deixar aqui meus agradecimentos a quantos me dispensaram sua hospitalidade durante essas excursões: Alfredo Machado no engenho Noruega, André Dias de Arruda Falcão, no engenho Mupan, Geroncio Dias de Arruda Falcão, em Dois Leões, Julio Bello, em Queimadas, a baronesa de Contendas, em Contendas, Domingos de Albu-

querque, em Ipojuca, Edgar Domingues, em Raiz, — verdadeiro asylo da velhice desamparada, onde fui encontrar centenario um, e octogenarios os outros, quatro remanescentes das velhas senzalas de engenho. O mais velho, Luiz Mulatinho, com uma memoria de anjo. Doutras zonas, já minhas conhecidas velhas, recordarei gentilezas recebidas de Joaquim Cavalcanti, Julio Maranhão, Pedro Paranhos Ferreira, senhor de Japaranduba, neto do visconde e sobrinho do barão de Rio Branco, Estacio Coimbra, José Nunes da Cunha; da familia Lyra, em Alagôas; da familia Pessôa de Mello, no Norte de Pernambuco, dos parentes do meu amigo José Lins do Rego no Sul da Parahyba, dos meus parentes Souza e Mello, no Engenho Ramos — o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular. Meus agradecimentos a Paulo Prado que me proporcionou tão interessante excursão pela antiga zona escravocrata que se estende do Estado do Rio a São Paulo, hospedando-me depois, elle e Luis Prado, na fazenda de café de São Martinho. Agradeço-lhe tambem o conselho de regressar de São Paulo ao Rio por mar, em vapor pequeno, parando nos velhos portos coloniaes; conselho que lhe costumava dar Capistrano de Abreu. O autor do Retrato do Brasil, *desconfiado e commodista, nunca poz em pratica, é verdade, o conselho do velho caboclo — talvez antevendo os horrores a que se sujeitam, no afan de conhecer trecho tão expressivo da physionomia brasileira, os ingenuos que se entregam a vapores da marca do* Iraty.

Devo ainda agradecer gentilezas recebidas nas bibliothecas, archivos e museus por onde andei vasculhando materia: na Bibliotheca Nacional de Lisbôa, no Museu Ethnologico Português, organizado e dirigido por um sabio — Leite de Vasconcellos; na Bibliotheca do Congresso, em Washington, especialmente na secção de documentos; na collecção Oliveira Lima, da Universidade Catholica dos Estados Unidos — tão rica em livros raros, de viagem, sobre a America Portuguesa; na collecção

John Casper Branner, da Universidade de Stanford, igualmente especializada em livros de scientistas extrangeiros sobre o Brasil — scientistas que foram, muitas vezes, como Saint-Hilaire, Spix, Martius, Gardner, Mawe, o principe Maximiliano, excellentes observadores da vida social e de familia dos brasileiros; na secção de documentos da Bibliotheca de Stanford, onde me servi da valiosa collecção de relatorios diplomaticos e de documentos parlamentares ingleses(1) *sobre a vida do escravo nas plantações brasileiras; na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, hoje dirigida pelo meu amigo e mestre Rodolpho Garcia; na bibliotheca do Instituto Historico Brasileiro, onde fui sempre tão gentilmente recebido por Max Fleuiuss; na do Instituto Archeologico Pernamcano, no Museu Nina Rodrigues da Bahia; na secção de documentos da Bibliotheca do Estado de Pernambuco; no archivo do Cartorio de Ipojuca, cujos inventarios do seculo XIX constituem interessantes documentações para o estudo da economia escravocrata e da vida de familia patriarchal; na parte do archivo da Cathedral de Olinda — Mss de pastoraes e relatorios de bispos sobre modas, moral sexual, relações de senhores com escravos, etc. — que o conego Carmo Baratta gentilmente facultou ao meu estudo. Agradeço aos meus bons amigos André e Geroncio Dias de Arruda Falcão e Alfredo Machado terem-me franqueado seu archivo de familia, no engenho Noruega, com documentos virgens, do tempo do capitão-mór Manoel Thomé de Jezus; outros, da época do barão de Jundyá; alguns de vivo interesse para o estudo da vida social dos senhores de engenho; das suas relações com os escravos. Ao meu amigo José Maria Carneiro de Albuquerque e Mello, director da Bibliotheca do Estado de Pernambuco, agradeço as excellentes reproducções de Piso, Barleus e Hen-*

---

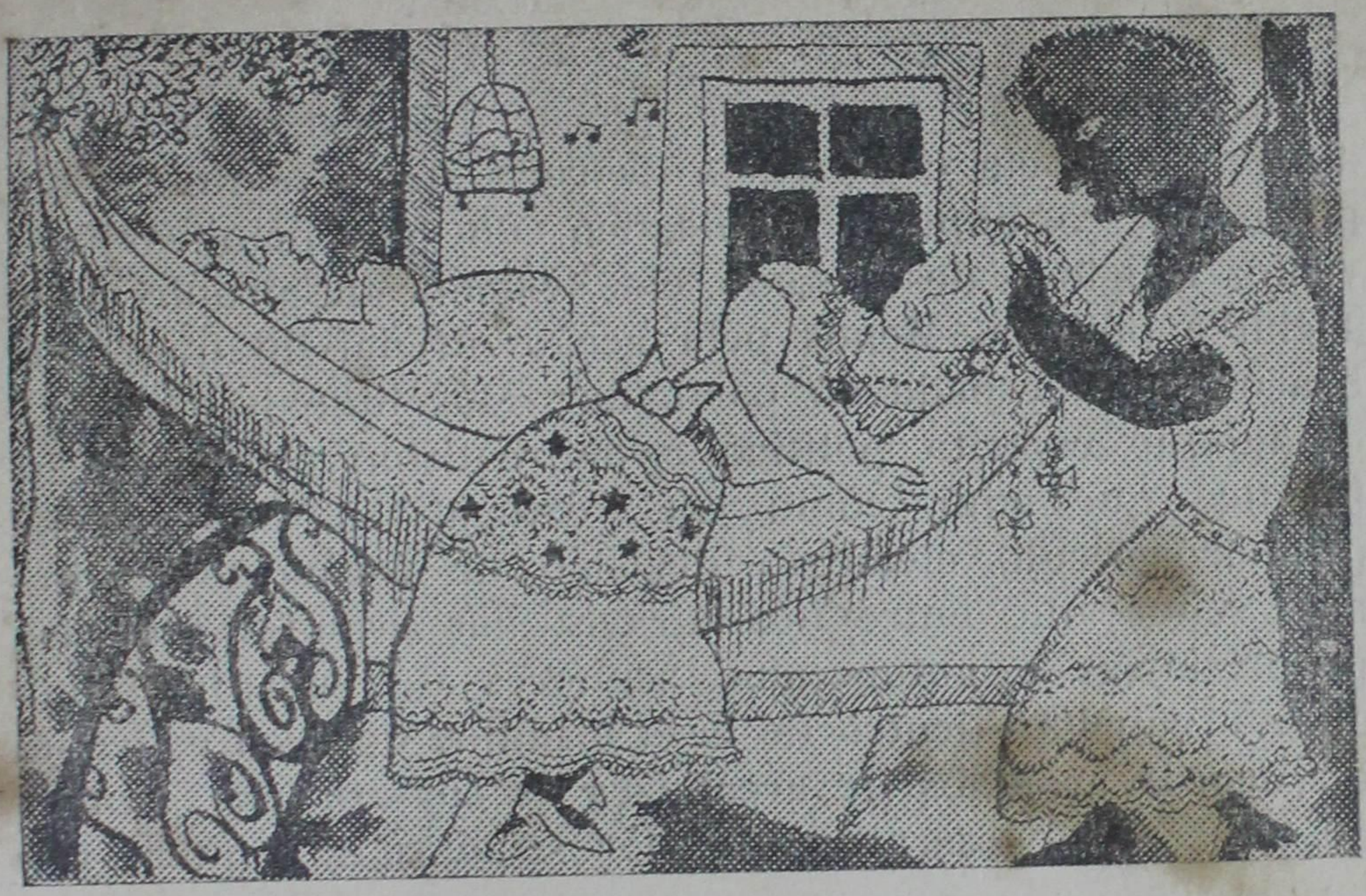
(1) British Foreign and State Papers *e* Parliamentary Papers, *especialmente* Reports from Committees, Sugar and Coffee Planting, House of Commons, *Session 1847-48.*

derson, que, a meu pedido, preparou para illustração deste livro; a Cicero Dias, as vinhetas e a elle e ao architecto Carlos Pacheco Leão as plantas da casa-grande de Noruega. Um nome me falta associar a este ensaio: o do meu amigo Rodrigo M. F. de Andrade. Foi quem mais me animou a escrevel-o e a publical-o.

Lisbóa 1931

Pernambuco 1933

GILBERTO FREYRE.



I — CARACTERISTICAS GERAES DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO BRASIL: FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE AGRARIA, ESCRAVOCRATA E HYBRIDA

Quando em 1532 se organizou economica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um seculo inteiro de contacto dos portugueses com os tropicos; de demonstrada na India e na Africa sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do facil, mercantil, para o agricola; organizada a sociedade colonial sobre base mais solida e em condições mais estaveis que na India ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquella aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarchal da familia, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher india, incorporada assim á cultura economica e social do invasor.

Formou-se na America tropical uma sociedade agraria na estructura, escravocrata na technica de exploração economica, hybrida de indio — e mais tarde de negro

—na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciencia de raça, quasi nenhuma no português cosmopolita e plastico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em systema de prophylaxia social e politica. Menos pela acção official do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espirito politico e de realismo economico e juridico que aqui, como em Portugal (1), foi desde o primeiro seculo elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós atravez das grandes familias proprietarias e autonomas: senhores de engenho com altar e capellão dentro de casa e indios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes ás suas ordens; donos de terras e de escravos que dos senados de camara falaram sempre grosso aos representantes d'El-Rei e pela voz liberal dos filhos padres ou doutores clamaram contra toda a especie de abuso da Metropole e da propria Madre Igreja. Bem diversos dos «criollos» ricos e dos bachareis lettrados da America Hespanhola — por longo tempo inermes á sombra dominadora das cathedraes e dos palacios dos vice-reis, ou constituidos em «cabildos» que em geral só faziam servir de mangação aos reinoes todo poderosos.

A singular predisposição do português para a colonização hybrida e escravocrata dos tropicos, explica-a em grande parte o seu passado ethnico, ou antes cultural, de povo indefinido entre a Europa e a Africa. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influencia africana fervendo sob a européa e dando um acre requeime á vida sexual, á alimentação, á religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em

---

(1) Em Portugal, como adiante veremos, mais atravez da burguesia maritima, que ali cedo se arredondou em força dominadora, do que pela vontade ou acção da nobreza rural. Esta, após a morte de D. Fernando em 1383, chegou a inclinar-se á reunião de Portugal com Castella, contra o que levantou-se a burguesia, escolhendo para occupar o throno o Mestre de Avis. Os partidarios do Mestre de Avis, diz-nos Antonio Sergio (*A Sketch of the History of Portugal*, Lisbon 1928) que eram «a minoria mas tinham a seu favor... o dinheiro da classe media».

regiões ainda hoje de gente escura (1); o ar da Africa, um ar quente, oleoso, amollecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germanicas; corrompendo a rigidez doutrinaria e moral da Igreja medieval; tirando os ossos ao christianismo, ao feudalismo, á architectura gothica, á disciplina canonica, ao direito wisigothico, ao latim, ao proprio caracter do povo. A Europa reinando mas sem governar: governando antes a Africa.

Corrigindo até certo ponto tão grande influencia do clima amollecedor, actuaram sobre o caracter português, entesando-o, as condições sempre tensas e vibrateis de contacto humano entre a Europa e a Africa; o constante estado de guerra (que entretanto não excluiu nunca a miscegenação nem a attracção sexual entre as duas raças, muito menos o intercurso entre as duas culturas(2); a actividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando-se, após a victoria, sobre o trabalho agricola e industrial dos captivos de guerra, sobre a escravidão ou a semi-escravidão dos vencidos. Hegemonias e subserviencias essas que não se perpetuavam: revesavam-se (3) tal como no incidente dos sinos de Santiago de Compostella. Os quaes teriam sido mandados levar pelos mouros á mesquita de Cordoba ás costas dos christãos e por estes, seculos mais tarde, mandados reconduzir á Galiza ás costas dos mouros.

---

(1) Na Beira Baixa abundam «as localizações da raça pequena, dolicocephala, do typo de Mugem», como no Alemtejo predominam «altas estaturas talvez pela influencia de uma raça arabe, mesaticephala» e no Algarve como em outros pontos do litoral português se encontram representantes numerosos de um «typo semito-phenicio de estatura mediana». (Mendes Corrêa, *Os Criminosos Portugueses*, Lisbôa 1914). Veja-se tambem Fonseca Cardoso, «Antropologia Portuguesa», in *Notas sobre Portugal*, Lisbôa 1908. No Concelho de Alcacer do Sul são numerosas as familias mulatas, segundo informa Leite de Vasconcellos (cit. por Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitania*. Porto 1924).

(2) Rafael Altamira na sua *Filosofia de la Historia y Teoria de la Civilizacion* (Madrid, 1915) observa que as influencias reciprocas se operam «entre pueblos enemigos e quienes separan odios» e cita precisamente o exemplo dos muslins e dos christãos: «los cuales no obstante sus gerras continuas se influyeron mutuamente en alto grado».

(3) Freeman salienta «the general law by which, in almost all periods, either the masters of Spain have borne rule in Africa or the masters of Africa have borne rule in Spain.» (E. A. Freeman, *Historical Geography of Europe*, London 1882. Mas é principalmente em Portugal que se tem verificado essa alternativa de dominio continental, de constante ajustamento e reajustamento de valores de cultura e preponderancia de raça.

Quanto ao fundo considerado autochtone de população tão movediça, uma persistente massa de dolicos morenos (1), cuja côr a Africa arabe e mesmo negra, alagando de gente sua largos trechos da peninsula, mais de uma vez veio avivar de pardo ou de preto. Era como si os sentisse intimamente seus por affinidades remotas apenas empallidecidas; e não os quizesse desvanecidos sob as camadas sobrepostas de nordicos nem transmudados pela successão de culturas europeizantes. Toda a invasão de celtas, germanos, romanos, normandos — *o anglo-scandinavo*, o *H. Europaeus L.*, o feudalismo, o christianismo, o direito romano, a monogamia. Que tudo isso soffreu restricção ou refracção num Portugal influenciado pela Africa, condicionado pelo clima africano, solapado pela mystica sensual do islamismo.

«Em vão se procuraria um typo physico unificado», notava recentemente em Portugal o conde Hermann de Keyserling. O que elle observou foram elementos os mais diversos e mais oppostos, «figuras com ar scandinavo e negroides», vivendo no que lhe pareceu «união profunda». «A raça não tem aqui papel decisivo», concluiu o arguto observador (2). E já da sociedade moçarabe escrevera Alexandre Herculano: «População indecisa no meio dos dois bandos contendores (nazarenos e mahometanos), meia christã, meia sarracena, e que em ambos contava parentes, amigos, sympathias de crenças ou de costumes» (3).

---

(1) Segundo a pesquisa craniometrica e osteometrica de Paula e Oliveira. Dois outros anthropologistas portugueses, Silva Bastos e Fonseca Cardoso, encontraram nas regiões montanhosas de Beira Alta, Traz-os-Montes, Beira, Beira Baixa «em estado de relativa pureza os representantes da raça dolicocephala de Mugem (typo Beaunes-Chaudes) que constitue», diz Mendes Corrêa, «o fundo anthropologico do povo português» (vejam-se Mendes Corrêa, *Os Criminosos Portugueses* e Fonseca Cardoso, *loc. cit.*; tambem os trabalhos de Costa Ferreira «La capacité du crâne chez les Portugais», *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série V, vol. IV, e Ferraz de Macedo, *Bosquejos de Anthropologia Criminal*, Lisbôa, 1900.

(2) Conde Hermann de Keyserling — «Portugal» (tr. do allemão por Herta Oppenheimer e Osorio de Almeida) — in *Descobrimento*, n. 2, Lisbôa, 1931.

(3) Alexandre Herculano — *Historia de Portugal*, Lisboa, 1853.

Casa-grande e Capella do Engenho da Torre (Pernambuco). (Reproduzido do livro de James Henderson sobre o Brasil colonial).

Esse retrato do Portugal historico, traçado por Herculano, talvez possa extender-se ao pre e proto-historico; o qual nos vae sendo revelado pela archeologia e pela anthropologia tão dubio e indeciso quanto o historico. Antes dos arabes e berberes: capsienses, libiphenicios, elementos africanos mais remotos. O *H. taganus*(1). Ondas semitas e negras, ou negroides, batendo-se, com as do norte.

A indecisão ethnica e cultural entre a Europa e a Africa parece ter sido sempre a mesma em Portugal como em outros trechos da peninsula. Especie de bi-continentalidade que correspondesse em população assim vaga e incerta á bi-sexualidade no individuo. E gente mais fluctuante que a portuguesa, difficilmente se imagina: o bambo equilibrio de antagonismos reflecte-se em tudo que é seu, dando-lhe ao comportamento uma facil e e frouxa flexibilidade, ás vezes perturbada por dolorosas hesitações (2), e ao caracter, uma especial riqueza de aptidões, ainda que não raro incoherentes e difficeis de se conciliarem para a expressão util ou para a iniciativa pratica.

Ferraz de Macedo, a quem a sensibilidade patriotica de seus conterraneos não perdôa o amargo de algumas conclusões justas, entre muitas de um grosso exaggero, procurando definir o typo normal português, deu logo com a difficuldade fundamental: a falta de um typo dynamico determinado. O que encontrou foram habitos, aspirações, interesses, indoles, vicios, virtudes variadissimas e com origens diversas — ethnicas, dizia elle; culturaes, talvez dissesse mais scientificamente. Entre outros, verificou Ferraz de Macedo no português os seguintes caracteristicos desencontrados: a «genesia violenta» e o «gosto pelas anecdotas de fundo erotico», «o brio, a franqueza, a lealdade»; a pouca iniciativa individual, «o patriotismo vibrante»; «a imprevidencia», «a intelligencia»; «o fatalismo», a «primorosa aptidão para imitar» (3).

---

(1) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitania.*

(2) A incapacidade de tomar resoluções promptas, que Theophilo Braga responsabiliza pela «falta de iniciativa» no português. (*O Povo Português,* Lisbôa, 1885).

(3) Ferraz de Macedo, *op. cit.*

Mas o luxo de antagonismos no caracter português, surprehendeu-o admiravelmente Eça de Queiroz. O seu Gonçalo, da *Illustre Casa de Ramires*, é mais que a synthese do fidalgo (1) — é a synthese do português de não importa que classe ou condição. Que todo elle é e tem sido desde Ceuta, da India, da descoberta e da colonização do Brasil como o Gonçalo Ramires: «cheio de fogachos e enthusiasmos que acabam logo em fumo» mas persistente e duro «quando se fila á sua idea»; de «uma imaginação que o leva... a exaggerar até a mentira» e ao mesmo tempo de «um espirito pratico sempre attento á realidade util»; de uma «vaidade», de «uns escrupulos de honra» de «um gosto de se arrebicar, de luzir» que vão quasi ao ridiculo mas tambem de uma grande «simplicidade»; melancolico ao mesmo tempo que «palrador, sociavel»; generoso, desleixado, trapalhão nos negocios; vivo e facil em «comprehender as coisas»; sempre á espera de «algum milagre, do velho de Ourique que sanará todas as difficuldades»; «desconfiado de si mesmo, acobardado, encolhido, até que um dia se decide e apparece um heroe» (2). Extremos desencontrados de introversão e extroversão ou alternativas de sintonia e esquizoidia, como se diria em moderna linguagem scientifica.

Considerado no seu todo, o caracter português dá-nos principalmente a idéa de «vago, impreciso», pensa o critico e historiador inglês Aubrey Bell; e essa imprecisão é que permitte ao português reunir dentro de si tantos contrastes impossiveis de se ajustarem no duro e anguloso castelhano, de um perfil mais definidamente

---

(1) Opinião de Antonio Arroyo, «O Povo Português», *in Notas sobre Portugal*, Lisbôa 1908. Entretanto lê-se no proprio Eça, após a descripção de Gonçalo:

«Assim todo completo, com o bom, com o mal, sabem vocês quem elle me lembra?...

— Quem?

— Portugal».

(2) Eça de Queiroz, *A Illustre Casa de Ramires*, — Lisbôa. O auctor menciona outros caracteristicos.

gothico e europeu (1). O caracter português — comparação do mesmo Bell — é como um rio que vae correndo muito calmo e de repente se precipita em quedas d'agua: dahi passar do «fatalismo» a «rompantes de esforço heroico»; da «apathia» a «explosões de energia na vida particular e a revoluções na vida publica»; da «docilidade» a «impetos de arrogancia e crueldade»; da «indifferença» a «fugitivos enthusiasmos», «amor ao progresso», «dynamismo»... É um caracter todo de arrojos subitos que entre um impeto e outro se compraz em certa indolencia voluptuosa muito oriental, na saudade, no fado, no *laus perenne*. «Mysticos e poeticos — são ainda os portugueses segundo Bell (o inglês que depois de Beckford melhor tem sentido e comprehendido a gente e a vida de Portugal), com intervallos de intenso utilitarismo... caindo dos sonhos vãos numa verdadeira volupia de proveito immediato; das alturas da alegria na tristeza, no desespero, no suicidio; da vaidade no pessimismo... alternando a indolencia com o amor da aventura e do sport (2).

O que se sente em todo esse desadoro de antagonismos são as duas culturas, a européa e a africana, a catholica e a mahometana, a dynamica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo delle, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regimem de influencias que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta taes antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilibrio ou a desharmonia delles resultantes, é que bem se comprehende o especialissimo caracter que tomou a colonização do

---

(1) Desconhecemos em que elementos se apoia Waldo Frank para escrever: «El português es más europeu que el español; posee un linage semitico más debil, un linage gótico más fuerte.» («La Selva», in *Sur*, n. I, Buenos Aires 1931).

Pensamos exactamente o contrario: que o português sendo mais cosmopolita que o hespanhol, é entretanto dos dois talvez o menos gothico e o mais semita, o menos europeu e o mais africano: em todo o caso o menos definidamente uma cousa ou outra. O mais vago e impreciso.

(2) Aubrey – F. G. Bell — *Portugal of the Portuguese*, London 1915. O auctor salienta outros contrastes.

Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos.

Varios antecedentes dentro desse de ordem geral — bi-continentalidade ou antes dualismo de cultura e de raça — impõem-se á nossa attenção em particular: um dos quaes a presença, entre os elementos que juntaram-se para formar a nação portuguesa, dos de origem ou *stock* semita (1), gente de uma mobilidade, de uma plasticidade, de uma adaptabilidade tanto social como physica que facilmente se surprehendem no português navegador e cosmopolita do seculo XV (2). Hereditariamente predisposto á vida nos tropicos por um longo *habitat* tropical, o elemento semita, movel e adaptavel como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil algumas

---

(1) Fonseca Cardoso verificou anthropologicamente a presença do elemento semito-phenicio em populações actuaes de Portugal (Fonseca Cardoso, *loc. cit.*) e o professor Mendes Corrêa, destaçando o papel ethnogenico dos judeus na formação portuguesa, diz que sua importancia já seria grande na epoca wisigothica (*Raça e Nacionalidade*, Porto 1919). Sob o ponto de vista da historia social, o estudo definitivo sobre a infiltração israelita em Portugal é o de J. Lucio d'Azevedo: *Historia dos Christãos Novos Portugueses*, (Lisbôa, 1915).

(2) D. G. Dalgado no seu estudo *The Climate of Portugal*, (Lisbôa, 1914), destaca o facto dos portugueses se acclimarem em varias partes do mundo melhor que quasi todos os outros europeus («acclimatize themselves in various parts of the world better than almost all the other European races»). Talvez — é opinião de muitos recolhida por Dalgado — por serem um povo em cuja formação a raça semita entrou com forte contingente («the great admixture of the people of the country with the Semitic race») Emile Béringer nos seus *Estudos sobre o Clima e a Mortalidade da Capital de Pernambuco* — (Tr. de Manoel Duarte Pereira — Pernambuco 1891) escreve sobre o assumpto: «... a raça portuguesa parece dotada de um temperamento que lhe permitte adaptar-se mais facilmente que outras raças a climas differentes do da mãe patria. Attribue-se esta qualidade não só ao cruzamento dos portugueses com os israelitas que se domiciliaram em Portugal depois de sua expulsão, e que possuem uma notavel aptidão para acclimação, como tambem á influencia persistente de sangue negro, que foi largamente propagado em Portugal na epoca em que, no proprio paiz, se fazia um importante trafico de escravos». E Hermann Watjen em *Das Judentum und die Anfänge der modernen Kolonisation* (*apud Das Holländische Kolonialreich in Brasilien*, Gotha 1921) salienta que a raiva dos hollandeses contra os judeus em Pernambuco (raiva que quasi se aguçou em anti-semitismo dos brabos) era em parte devida ao facto dos israelitas se acclimarem com espantosa facilidade emquanto os flamengos custavam a adaptar-se á vida nos tropicos.

das suas principaes condições physicas e psychicas de exito e de resistencia. Entre outras, o realismo economico que desde cedo corrigiu os excessos de espirito militar e religioso na formação brasileira.

A mobilidade foi um dos segredos da victoria portuguesa; sem ella não se explicaria ter um Portugal quasi sem gente (1), um pessoalzinho ralo, insignificante em numero — sobejo de quanta epidemia, fome e sobretudo guerra affligiu a peninsula na idade media — conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e a tão grandes distancias umas das outras: na Asia, na Africa, na America, em numerosas ilhas e archipelagos. A escassez de capital-homem, suppriram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na Africa ou na America, emprenhando mulheres e fazendo filhos, numa actividade genesica que tanto tinha de violentamente instinctiva da parte do individuo quanto de politica, de calculada, de estimulada por evidentes razões economicas e politicas da parte do Estado.

Os individuos de valor, guerreiros, administradores, technicos, eram por sua vez deslocados pela politica colonial de Lisbôa como peças num taboleiro de gamão: da Asia para a America ou dahi para a Africa, conforme

---

(1) Impossivel precisar qual fosse a reduzida população portuguesa nos seculos XV e XVI. Computam-na de modo diverso os historiadores. Talvez no seculo XV não passasse de 1.010.000 do calculo de Rebello Silva (*Memoria sobre a População e Agricultura em Portugal desde a Fundação da Monarchia até 1865*, Lisbôa, 1868). Dos escriptores mais approximados da epoca consultem-se sobre o assumpto Manoel de Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Lisbôa, 1655, e Duarte Nunes de Leão, *Descripção Geral do Reino de Portugal*, 1610. Dentre os modernos, vejam-se os calculos de Adrien Balbi, *Essai Statistique sur le Portugal*, Paris, 1822, Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal nos Seculos XV a XVI*, Lisbôa, 1896; Costa Lobo, *A Historia da Sociedade em Portugal, no seculo XV*, Lisbôa, 1904; Oliveira Martins, *A Historia de Portugal*, Porto, 1882; J. Lucio d'Azevedo, «Organização Economica» in *Historia de Portugal*, 27, II (ainda em curso de publicação); J. J. Soares de Barros, «Memorias sobre as Causas da Differente População de Portugal em Differentes Tempos da Monarchia Portuguesa», in *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, 2.ª ed., Lisbôa, 1885.

conveniencias de momento ou de região. A Duarte Coelho, enriquecido pela experiencia da India, entrega D. João III a nova capitania de Pernambuco; seus filhos, Jorge e Duarte de Albuquerque, adextrados nos combates contra os indios americanos, são chamados ás guerras mais asperas na Africa; da Madeira veem para os engenhos do norte do Brasil technicos no fabrico do assucar. Aproveitam-se os navios da carreira das Indias para o commercio com a colonia americana. Transportam-se da Africa para o trabalho agricola no Brasil nações quasi inteiras de negros. Uma mobilidade espantosa. O dominio imperial realizado por um numero quasi ridiculo de europeus correndo de uma para outra das quatro partes do mundo então conhecido como num formidavel jogo de quatro cantos (1).

Quanto á miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou siquer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de côr logo ao primeiro contacto e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastissimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de dominio colonial e na efficacia de acção colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiencia em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre areas extensissimas. Para tal processo preparara-os a intima convivencia, o intercurso social e sexual com raças de côr, invasoras ou vizinhas da peninsula, uma dellas, a de fé

---

(1) Permittia aos portugueses tão grande mobilidade a quasi perfeição que, para a epoca, attingira em Portugal a technica de transporte maritimo. Perfeição e abundancia de vehiculos. « Em compensação do exiguo material humano » — nota C. Malheiro Dias — « Portugal possuia como nenhum outro paiz nos primeiros decennios do seculo XVI, abundantes vehiculos de transporte maritimo ». (*Historia da Colonização Portuguesa do Brasil,* Introdução, Lisbôa MCMXXIV).

mahometana, em condições superiores, technicas e de cultura intellectual e artistica, á dos christãos louros (1).

O longo contacto com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da «moura encantada», typo delicioso de mulher morena e de olhos pretos (2), envolta em mysticismo sexual — sempre de encarnado (3), sempre penteando os cabellos ou banhando-se nos rios ou nas aguas das fontes mal-assombradas (4) — que os colonizadores vieram encontrar parecido, quasi igual, entre as indias nuas e de cabello solto do Brasil. Que estas tinham tambem os olhos e os cabellos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho (5), e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente

---

(1) Roy Nash em *The Conquest of Brazil* (New York, 1926) salienta o facto do colonizador do Brasil ter, antes do seu dominio imperial sobre raças de côr, experimentado, por sua vez, o dominio de um povo de pelle escura, superior aos hispano-godos em organização e em technica. «Under such conditions» — escreve Nash — «it would de deemed an honor for the white to marry or mate with the governing class, the brown man, instead of the reverse». Ruediger Bilden («Brazil, Laboratory of Civilisation», *in The Nation,* New York, 1929), põe igualmente em destaque o facto das relações dos portuguese: com povos de côr se terem iniciado em circumstancias desfavoraveis aos brancos. Refere-se, é claro, á phase historica.

(2) Luis Chaves, *Lendas de Portugal*, (Porto, 1924).

(3) E' o vermelho... que o povo português vê em tudo que é maravilhoso: desde os trajos romanticos das Mouras Encantadas...», Luis Chaves, *Paginas Folcloricas*, (Lisbôa, 1920).

(4) A's «mouras encantadas» se attribue em Portugal, como salienta Leite de Vasconcellos (*Tradições Populares de Portugal,* Porto, 1882), «o papel de divindade das aguas». E' vulgar a crença, segundo se lê nesse e noutros trabalhos do eminente investigador e nos de Consigliere Pedroso (*As Mouras Encantadas*) e Luis Chaves (*Lendas de Portugal*) de que as mouras encantadas apparecem quasi sempre junto ás fontes e a pentear-se: ás vezes com «pentes de ouro». Commum é tambem a crença de que as mouras não só andam vestidas de encarnado como approximam-se de quem lhes mostre um «lenço vermelho» ou «cousas vermelhas». (Leite de Vasconcellos, *op. cit.*). Circumstancias todas essas que parecem confirmar ser a crença nas mouras encantadas uma expressão de mysticismo sexual ou erotico, especie de culto da mulher de côr ou da Venus fosca entre os portugueses.

(5) Talvez entre os indigenas do Brasil, a côr erotica por excellencia, além de mystica e prophylactica. Sobre o assumpto, de que adiante trataremos com mais detalhes, veja-se o estudo do professor Rafael Karsten — *The Civilization of the South American Indians,* New York, 1920.

para pentear o cabello (1). Alem do que eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caso de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos «caraibas» gulosos de mulher.

Em opposição á lenda da «moura encantada», mas sem alcançar nunca o mesmo prestigio, desenvolveu-se a da «moura torta». Nesta vasou-se porventura o ciume ou a inveja sexual da mulher loura contra a de côr. Ou repercutiu, talvez, o odio religioso: o dos christãos louros descidos do Norte contra os infieis de pelle escura. Odio que resultaria mais tarde em toda a Europa na idealização do typo louro, identificado com personagens angelicas e divinas em detrimento do moreno, identificado com os anjos maus, com os decahidos, os malvados, os trahidores (2). O certo é que, no seculo XVI, os embaixadores mandados pela Republica de Veneza ás Hespanhas afim de cumprimentarem o Rei Philippe II, notaram que em Portugal algumas mulheres das classes altas tingiam os cabellos de «côr loura» e lá e na Hespanha varias «arrebicavam o rosto de branco e encarnado» para «tornarem a pelle, que é algum tanto ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias» (3).

Pode-se, entretanto, affirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor physico: *Est etiam fusco grata colore Venus*. A moda de mulher loura, limitada aliás ás classes altas, terá sido antes a repercussão de influencias exteriores do que a expressão de genuino gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o dictado: «branca

---

(1) «Penteiam-se as mulheres muitas vezes», notou Ive d'Evreux entre as indias do Brasil (*Voyage au Nord du Brésil*). Quanto á frequencia dos banhos entre as indias, salientam-na quasi todos os observadores dos costumes indigenas nos seculos XVI e XVII. Entre outros, Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedralvez, na sua carta escripta em 1.º de Maio de 1500, publicada por Manoel Ayres de Cazal, *Corographia Brasilica*, 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1845).

(2) Madison Grant — *The Passing of a Great Race, New York*, 19.

(3) «Viagem a Portugal dos cavalleiros Trom e Lippomani» (1580), tr. de Alexandre Herculano, *Opusculos*, Lisbôa, 1897.

para casar, mulata para f..., negra para trabalhar»; dictado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferencia sexual pela mulata. Aliás o nosso lyrismo amoroso não revela outra tendencia senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela belleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embellegos muito mais do que as «virgens pallidas» e «as louras donzellas»: estas surgem num ou noutro soneto, numa ou noutra modinha do seculo XVIII ou XIX.

Outra circumstancia ou condição favoreceu o português, tanto quanto a miscibilidade e a mobilidade, na conquista de terras e no dominio de povos tropicaes: a acclimatabilidade.

Nas condições physicas de solo e de temperatura, Portugal é antes Africa do que Europa. O chamado «clima português» de Martone, unico na Europa, é um clima approximado do africano. Estava assim o português predisposto pela sua mesma mesologia ao contacto victorioso com os tropicos: seu deslocamento para as regiões quentes da America não traria as graves perturbações de adaptação nem as profundas difficuldades de acclimatação experimentadas pelos colonizadores vindos de paizes de clima frio.

Por mais que insista Gregory (1) em negar ao clima tropical a tendencia para produzir *per se* sobre o europeu do norte effeitos de degeneração, recordando ter Elkington verificado em 1922 na colonia hollandesa de Kissav, fundada em 1783, condições satisfactorias de salubridade e prosperidade, sem nenhuma evidencia de degeneração physica («obvious evidence of physical degeneration») entre os colonos louros (2), grande é a massa de evidencias que parecem favorecer o ponto de vista

(1) J. W. Gregory — *The Menace of Colour*, Philadelphia 1925.
(2) Já Quatrefages mencionara alguns casos notaveis de acclimatabilidade: dos franceses na Corsega, dos fugitivos do Edicto de Nantes na Colonia do Cabo. Mas nenhum tão impressionante como o dos hollandeses em Kissav, citado por Gregory.

contrario: o daquelles que pensam revelar o nordico fraca ou nenhuma acclimatabilidade nos tropicos. Recentemente o professor Oliveira Vianna, desprezando com extrema parcialidade depoimentos como os de Elkington e Gregory, aos quaes nem siquer allude, reuniu contra a pretendida capacidade de adaptação dos nordicos aos climas tropicaes o testemunho de alguns dos melhores especialistas modernos em assumptos de climatologia e anthropogeographia: Taylor, Glenn Trewarka, Huntington, Karl Sapper. Deste cita o sociologo brasileiro expressivo juizo sobre os esforços colonizadores dos europeus do Norte nos tropicos: «Os europeus do norte não tem conseguido constituir, nos planaltos tropicaes, senão estabelecimentos temporarios. Elles teem tentado organizar, nestas regiões, uma sociedade permanente, de base agricola, em que o colono viva do seu proprio trabalho manual; mas em todas essas tentativas teem fracassado» (1). Mas é Taylor (2), talvez, aquelle dentre os anthropologistas cujas conclusões se contrapõem com mais força e actualidade ás de Gregory. Antes dos estudos de Taylor e de Huntington, de antropogeographia e antropologia cultural, e dos de Dexter, de climatologia, já Benjamin Kidd, observara quanto á acclimação dos europeus do norte nos tropicos: «todas as experiencias nesse sentido teem sido vãos e inuteis esforços desde logo destinados a fracasso («foredoomed to failure») (3). E Mayo Smith concluira do ponto de vista da estatistica applicada á sociologia: «As nossas estatisticas não são sufficientemente exactas para indicarem ser impossivel acclimar-se permanentemente o europeu nos tropicos, mas mostram ser isto extremamente difficil» (4).

Ao contrario da incapacidade dos nordicos, é que os portugueses teem revelado tão notavel aptidão para se acclimarem em regiões tropicaes. É certo que atravez de

---

(1) Karl Sapper, *apud* Oliveira Vianna, *Raça e Assimilação*, (São Paulo 1932).
(2) Griffith Taylor — *Environment and Race* — Oxford, 1926.
(3) Benjamin Kidd — *The Control of the Tropics*, (London 1898).
(4) Mayo Smith — *Statistics and Sociology*, (New York 1907).

muito maior miscibilidade que os outros europeus: as sociedades coloniaes de formação portuguesa teem sido todas hybridas, umas mais, outras menos. No Brasil, tanto em São Paulo como em Pernambuco — os dois grandes focos de energia criadora nos primeiros seculos da colonização, os paulistas no sentido horizontal, os pernambucanos no vertical — (1) a sociedade capaz de tão notaveis iniciativas como as bandeiras, a catechese, a fundação e consolidação da agricultura tropical, as guerras contra os franceses no Maranhão e contra os hollandeses em Pernambuco, foi uma sociedade constituida com pequeno numero de mulheres brancas e larga e profundamente mesclada de sangue indigena. Diante do quê torna-se difficil, no caso do português, distinguir o que seria acclimatabilidade de colonizador branco — já de si duvidoso na sua puresa ethnica e na sua qualidade, antes convencional que genuina, de europeu — da capacidade do mestiço, formado desde o primeiro momento pela união do adventicio sem escrupulos nem consciencia de raça com mulheres da vigorosa gente da terra.

---

(1) As palavras *horizontal* e *vertical* não veem aqui empregadas no puro e restricto sentido sociologico que lhes attribue em livro recente o professor Pitirim Sorokin (*Social Mobility*, New York, 1927). Quanto á actividade vertical dos pernambucanos, referimo-nos menos á mudança de actividade economica, seguida de social e politica, do conceito de Sorokin, do que á concentração regional de esforço no estabelecimento da agricultura da canna e da industria do assucar, na consolidação da sociedade escravocrata e agraria, na expulsão dos hollandeses perturbadores desse esforço e desse processo de aristocratização Isto em contraste com a actividade paulista, ou antes, com a mobilidade horizontal, como diria Sorokin, dos caçadores de escravos e de ouro, dos fundadores de fazenda de criar nos sertões e dos missionarios. Note-se, porém, que no sentido particular da terminologia de Sorokin, a sociedade colonial brasileira foi mobil no sentido horizontal como no vertical. Neste, pelas mudanças, ás vezes bruscas, que aqui se operaram, principalmente no Sul, na posição ou escala economica e social do individuo. O velho dictado parece indicar o phenomeno: «pae taverneiro, filho cavalheiro, neto indigente». E' que no Brasil, mesmo onde a colonização foi mais aristocratica como em Pernambuco, o patriarchalismo nunca foi absoluto, nem o podia ser com «a quasi geral transmissão parcellada das heranças e dominios» a que se referiu Sylvio Romero em carta a Ed. Demolins (*Provocações e Debates*, Porto 1916). As excepções, como a do morgadio dos Paes Barreto, no Cabo, em Pernambuco, foram raras.

De qualquer modo, o certo é que os portugueses triumpharam onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituida nos tropicos com caracteristicos nacionaes e qualidades de permanencia. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez de se retardarem como nas possessões tropicaes de ingleses, franceses e hollandeses.

Outros europeus, estes brancos puros, dolicolouros habitantes de clima frio, ao primeiro contacto com a America equatorial succumbiriam ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a propria saude physica, mesmo a mais rija, como os Puritanos colonizadores de Old Providence; os quaes da mesma fibra que os pioneiros da Nova Inglaterra desentesaram-se todos ao calor dissolvente da ilha americana: este é que os espapaçou nuns dissolutos e molleirões (1).

Não foi outro o resultado da emigração de « loyalists » ingleses da Georgia e de outros dos novos estados da União Americana para as ilhas Bahamas — duros ingleses que o clima tropical em menos de cem annos amollegou em « poor white trash » (2); o mesmo teria provavelmente succedido aos calvinistas franceses que no seculo XVI tentaram muito anchos e triumphantes estabelecer no Brasil uma colonia exclusivamente branca e daqui se retiraram quasi sem deixar traços de sua acção colonizadora. Os que deixaram foi em areia de praia; ou então em recifes por onde andaram se agarrando os mais persistentes dos companheiros de Villegaignon antes de abandonarem definitivamente as costas brasileiras (3). A estes sim, poderia Frei Vicente do Salvador ter chamado

---

(1) Acerca da actividade colonizadora dos Puritanos ingleses nos tropicos, veja-se A. P. Newton, *The Colonizing Activities of the English Puritans,* (New Haven, 1914).

(2) E. Huntington, *Civilization and Climate,* (New Haven, 1915), « Poor white trash » quer dizer « brancos degenerados ».

(3) Num desses recifes, perto de Olinda, é que um francês escreveu a phrase amarga recolhida por Sebastião da Rocha Pitta: *Le monde va de pi ampis* (sic). Veja-se Rocha Pitta, *Historia da America Portuguesa,* Lisbôa, 1730. Sobre a actividade dos franceses no Brasil no seculo XVI, leia-se o livro de Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au Seizième Siècle,* (Paris 1878).

de «caranguejos»: limitaram-se com effeito a arranhar o littoral.

Nem convem esquecer que os franceses desde 1715 estabelecidos nas ilhas Réunion e Mauritius, mostram-se hoje inferiores em energia e efficiencia aos das primeiras gerações (1).

Não tres nem quatro, mas duas gerações apenas bastaram para enlanguescer os anglo-americanos que foram estabelecer-se em Hawai (2). E Semple recorda que a pesquisa realizada em 1900 pela International Harvester Company of America, revela o enlanguescimento da energia allemã no Sul do Brasil, região, aliás, sub-tropical (3).

O português, não: por todas aquellas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoraveis ao estabelecimento de europeus nos tropicos, como supprir a extrema penuria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de côr. Pelo intercurso com mulher india ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e ductil população mestiça, ainda mais adaptavel do que elle puro ao clima tropical. A falta de gente, que o affligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o á immediata miscegenação — contra o que não o indispunham, aliás, escrupulos de raça, apenas preconceitos religiosos — foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos tropicos.

Semple nega aos movimentos de população européa nas regiões tropicaes da Asia, Australia, Africa e America, e de americana nas Philippinas, o caracter de genuina expansão ethnica: parece-lhe que até hoje a colonização européa e anglo-americana dos tropicos tem sido

---

(1) J. C. Keller — *Madagascar, Mauritius and other East African Islands*, (London, 1901).

(2) Ellen Churchill Semple — *Influences of Geographic Environment*. (London, 1911).

(3) Semple — *op. cit.* Gregory, entretanto, dá os colonos allemães desde 1874, estabelecidos no Sul do Brasil, como provando a acclimatabilidade dos europeus nos tropicos (J. W. Gregory, *op. cit.*).

antes exploração economica ou dominio politico (1): a colonização do typo que representam os setenta e seis mil ingleses que dirigem por assim dizer de luvas e preservados de mais intimo contacto com os nativos por prophylacticos de borracha os negocios commerciaes e politicos da India. Abre Semple excepção para os portugueses que pela hybridização (2) realizariam no Brasil obra verdadeira de colonização, vencendo a adversidade do clima.

Embora o clima já ninguem o considere o senhor-deus-todo-poderoso de antigamente, é impossivel negar-se a influencia que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, senão directa, pelos effeitos immediatos sobre o homem, indirecta pela sua relação com a productividade da terra, com as fontes de nutrição e com os recursos de exploração economica accessiveis ao povoador.

Estão meio desacreditadas as «doenças tropicaes». Não se nega, porém, que o clima, *per se* ou atravez de factos sociaes ou economicos por elle condicionados, predisponha os habitantes dos paizes quentes a doenças raras ou desconhecidas nos paizes de clima frio (3). Que di-

---

(1) Semple, *op. cit.*
(2) Semple, *op. cit.*
(3) Os antigos acreditavam que as doenças viessem todas de «miasmas» e de «ventos» — crença que se prolongou na das «doenças tropicaes» attribuidas ao clima, sem mais discriminação. Não ha duvida que, indirectamente, varias doenças se associam ás condições de clima — a malaria, entre outras. Como generaliza o professor Carl Kelsey em *The Physical Basis of Society,* (New York, London, 1928), «bacterial diseases are likely to be more numerous in the warmer and moister regions of the earth and to be least in evidence in high mountain countries and polar regions». Dalgado (*op. cit.*) nas suas pesquisas sobre os effeitos do clima na população portuguesa verificou que na região quente (sul) preponderavam a diarrhéa, a enterite, etc., correspondendo a maior morbidade nessa zona que na do norte aos resultados geraes de investigações de Adolphe Quetelet (*Physique sociale*, Bruxelles, 1869), relativas ao norte e ao sul da Europa. Reconhecida a influencia pathologica do clima quente accusada pelas estatisticas de doenças, crimes e suicidios, e pelas de efficiencia economica e capacidade de trabalho (vejam-se E. Huntington, *Civilization and Climate*, Huntington e Williams, *Business Geography*, Robert de Courcy Ward, *Climate Considered Especially in Relation to Man,* New York, 1908, Edwin Grand Dexter, *Weather Influences,* New York, 1904), é preciso não exaggerar tal influencia, como é tendencia

minua-lhes a capacidade de trabalho (1). Que os excite aos crimes contra a pessôa (2). Do mesmo modo que parece demonstrado resistirem umas raças melhor do que outras a certas influencias pathogenicas peculiares, no caracter ou intensidade, ao clima tropical (3).

A importancia do clima vae sendo reduzida á proporção que delle se desassociam elementos de algum modo sensiveis ao dominio ou á influencia modificadora do homem. Parece demonstrado, por experiencias recentes, que nos é possivel modificar pela drenagem a natureza de certos solos, influenciando assim as fontes de humidade para a atmosphera; alterar a temperatura pela

---

dos que confundem a acção do clima *per se* com a de causas sociaes e economicas — pobreza, miseria, ignorancia, syphilis, inefficiencia de defesa sanitaria. Defesa sanitaria não só do homem (contra os germens que o ataquem directamente) como de suas fontes, animaes e vegetaes, de nutrição e de agua potavel. Semple insiste (*op. cit.*) em que se discriminem com rigor os effeitos directos do clima dos indirectos, os transitorios dos permanentes, os physiologicos dos psychologicos. Ao seu ver varios dos effeitos directos ainda se acham imperfeitamente demonstrados. Reconhece entretanto que o clima modifica nos individuos muitos processos physiologicos e affecta nelles a immunidade a certas doenças e a susceptibilidade a outras, a energia, a capacidade de esforço, continuado ou apenas intermittente, determinando-lhes portanto a efficiencia como agentes economicos e politicos. De modo geral, as conclusões de Julius Hann, *Handbuch der Klimatologie* (Stuttgart, 1897), de E. Huntington, *Civilization and Climate*, de Griffith Taylor, *Environment and Race*, de Robert de Courcy Ward, *Climate Considered Especially in Relation to Man*, de M. R. Thorpe e collaboradores, *Organic Adaptation to Environment*, (New York, 1918): de Jean Brunhes, *La Géographie Humaine*, (Paris, 1912); de Robert Russel, *Atmosphere in Relation to Human Life and Health*, *Smithsorian Institution*, misc. collection, vol. 39. Com relação ao clima nas suas influencias sobre a vida brasileira, veja-se a *Bibliographia do Clima Brasilico*, (Rio de Janeiro, 1929) de Tancredo de Barros Paiva, onde veem indicados os principaes trabalhos nacionaes e estrangeiros. Sobre o clima do Nordeste do Brasil preparam interessante ensaio Josué de Castro e Aluisio Bezerra Coutinho.

(1) Huntington e Williams, *op. cit.*

(2) Dexter, *op. cit.*

A influencia, em geral acceita, do clima quente ou da temperatura alta sobre os crimes contra as pessôas foi recentemente posta em duvida pelo professor Todd, que os attribue ao maior contacto de individuo com individuo permittindo por aquelle clima ou por aquella temperatura. A causa directa, diz elle, é social.

(3) «... diseases attack some races more than others. Whether this is due to some original quality of the body or to some immunity acquired by long contact with the disease involved is disputed» Kelsey, *op. cit.*

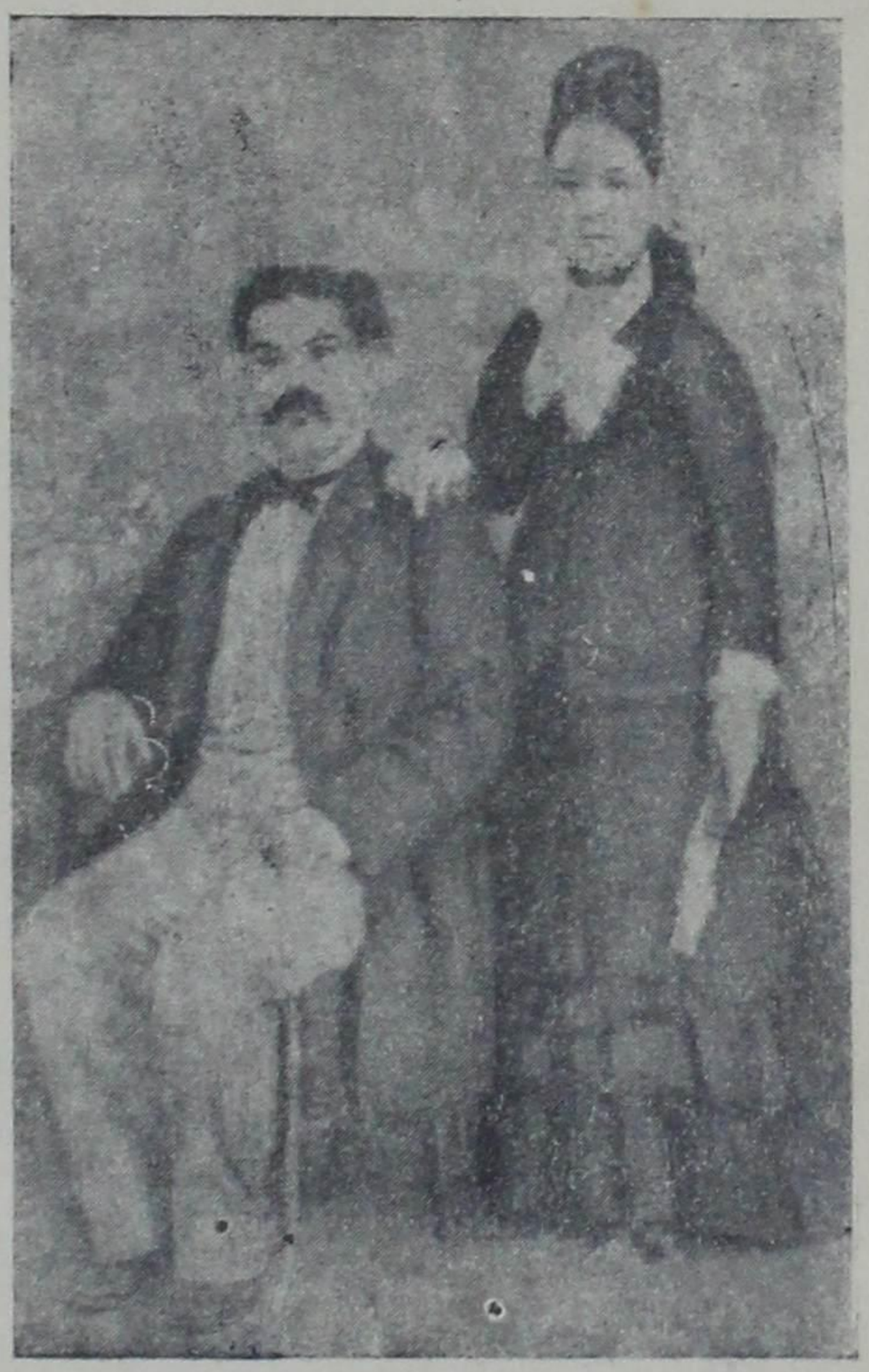
irrigação de terras seccas; quebrar a força dos ventos ou mudar-lhes a direcção por meio de grandes massas de arvoredos convenientemente plantadas. Isto sem falar nas successivas victorias que veem sendo obtidas sobre as «doenças tropicaes», amansadas quando não subjugadas pela hygiene ou pela engenharia sanitaria.

De modo que o homem já não é o antigo manégostoso de carne abrindo os braços ou deixando-os cahir, ao aperto do calor ou do frio. Sua capacidade de trabalho, sua efficiencia economica, seu metabolismo alteram-se onde a hygiene e a engenharia sanitaria, a dieta, a adaptação do vestuario e da habitação ás novas circumstancias, criam-lhe condições de vida de accordo com o physico e a temperatura da região. Os proprios systemas de communicação moderna — faceis, rapidos e hygienicos — fazem mudar de figura um problema outr'ora importantissimo ligado ás condições physicas de solo e de clima: o da qualidade e até certo ponto o da quantidade de recursos de alimentação ao dispôr de cada povo. Ward salienta a importancia do desenvolvimento da navegação a vapor, mais rapida e regular que a navegação a vela: veio beneficiar grandemente as populações tropicaes (1). O mesmo pode dizer-se com relação aos processos de preservação e refrigeração dos alimentos. Por meio desses processos e da moderna technica de transporte, o homem vem triumphando sobre a dependencia absoluta das fontes de nutrição regionaes a que estavam outr'ora sujeitas as populações coloniaes dos tropicos.

Neste ensaio, entretanto, o clima a considerar é o crú e quasi que todo-poderoso aqui encontrado pelo português em 1500: clima irregular, palustre, perturbador do systema digestivo: clima na sua relação com o solo desfavoravel ao homem agricola e particularmente ao europeu, por não permittir nem a pratica de sua lavoura tradicional regulada pelas quatro estações do anno nem

---

(1) Ward, *op. cit.*



1. *Um Fonseca Galvão que por nativismo mudou o nome para Carapeba.*
2. *Senhores de engenho (seculo XIX).*
3. *Sinhá-dona: penteado de dia de festa.*
4. *Meninas de engenho quasi em idade de casamento.*

a cultura vantajosa daquellas plantas alimentares a que elle estava desde ha muitos seculos habituado (1).

O português no Brasil teve de mudar quasi radicalmente o seu systema de alimentação, cuja base se deslocou, com sensivel *deficit*, do trigo para a mandioca; e o seu systema de lavoura, que as condições physicas e chimicas de solo tanto quanto as meteorologicas não permittiram fosse o mesmo doce e suave trabalho das terras portuguesas. A esse respeito o colonizador inglês dos Estados Unidos levou sobre o português do Brasil decidida vantagem ali encontrando condições de vida physica e fontes de nutrição semelhantes ás da mãe patria. No Brasil verificaram-se necessariamente no povoador europeu desequilibrios de morphologia tanto quanto de efficiencia pela falta em que se encontrou de subito dos mesmos recursos chimicos de alimentação do seu paiz de origem. A falta desses recursos como a differença nas condições meteorologicas e geologicas em que teve de processar-se o trabalho agricola realizado pelo negro mas dirigido pelo europeu dão á obra de colonização dos portugueses um carcater de obra criadora, original, a que não pode aspirar nem a dos ingleses na America do Norte nem a dos hespanhoes na Argentina (2).

Embora mais approximado o português que qualquer outro colonizador europeu da America do clima e das condições tropicaes, foi, ainda assim, uma rude mudança a que elle soffreu transportando-se ao Brasil. Dentro

---

(1) As primeiras cartas dos jesuitas falam em procissões motivadas pelas seccas ou enchentes. O padre Manuel da Nobrega refere-se a uma na qual saiu o povo «pedindo chuva pela grande secca que havia, de maneira que seccavam os mantimentos». *Cartas do Brasil*, (1549-1560) — Rio de Janeiro, 1931.

(2) Já observara Alberto Torres em *O Problema Nacional Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1914): «Os Estados Unidos e, em grande parte, a Argentina são paizes de terras semelhantes, senão eguaes, ás terras que habitavam os colonizadores europeus. O clima e a natureza do solo não differem do clima e do solo da mãe patria..... A colonização é uma mudança ordinaria de casa velha para casa nova». O professor Konrad Guenther, em livro recente (*Das Antlitz Brasiliens*, Leipzig 1927) salienta o facto de indicar a vegetação que a America do Norte muito se approxima da Europa.

das novas circumstancias de vida physica, comprometteu-se a sua vida economica e social.

Tudo era aqui desequilibrio. Grandes excessos e grandes deficiencias, as da nova terra. O solo, exceptuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nelle tudo o que se quizesse, do enthusiasmo do primeiro chronista. Em grande parte rebelde á disciplina agricola. Aspero, intratavel, impermeavel. Os rios, outros inimigos da regularidade do esforço agricola e da estabilidade da vida de familia. Enchentes mortiferas e seccas esterilizantes — tal o regimen de suas aguas. E pelas terras e mattagaes de tão difficil cultura como pelos rios quasi impossiveis de ser aproveitados economicamente na lavoura, na industria ou no transporte regular de productos agricolas — viveiros de larvas, multidões de insectos e de vermes nocivos ao homem.

Particularmente ao homem agricola, a quem por toda a parte affligem, mal elle inicia as plantações, as «formigas que fazem muito damno» á lavoura; a «lagarta das roças»; as pragas que os feiticeiros indios desafiam os padres que destruam com os seus signaes e as suas rezas (1).

Contrastem-se essas condições com as encontradas pelos ingleses na America do Norte, a começar pela temperatura: substancialmente a mesma que a da Europa occidental (media annual 56º F), considerada a mais favoravel ao progresso economico e á civilização á européa. De modo que não parece tocar ao caso brasileiro a generalização do professor Bogart sobre o povo por elle vagamente chamado de «raça latino-americana». O qual nem por se achar rodeado de grandes «riquezas naturaes» se teria elevado ás mesmas condições de progresso agricola e industrial que os anglo-americanos. Essa incapacidade attribue o economista a ser a tal «raça latino-americana» «a weak, ease loving race» e não «a

(1) Veja-se a correspondencia do padre Nobrega, *Cartas do Brasil* (1549-1560).

virile, energetic people» como os anglo-americanos. Estes, sim, souberam desenvolver os recursos naturaes a sua disposição: «devoted themselves to the exploitation of the natural resources with wonderful success» (1). Mas foi esse mesmo povo tão viril e energico que fracasssou em Old Providence e nas Bahamas.

O português vinha encontrar na America tropical uma terra de vida apparentemente facil; na verdade difficilima para quem quizesse aqui organizar qualquer forma permanente ou adiantada de economia e de sociedade. Se é certo que nos paizes de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundancia de productos espontaneos, convem, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberantes são, nesses paizes, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda a cultura agricola organizada e de todo o trabalho systematico e regular.

No homem e nas sementes que elle planta, nas casas que edifica, nos animaes que cria para seu uso ou subsistencia, nos archivos e bibliothecas que organiza para sua cultura intellectual, nos productos uteis ou de belleza que saem de suas mãos — em tudo se mettem larvas, vermes, insectos — roendo, esfuracando, corrompendo. Semente, fructa, madeira, papel, carne, musculos, vasos lymphaticos, instestinos, o branco do olho, os dedos dos pés, tudo é destruido ou corroido por inimigos terriveis.

Foi dentro de condições physicas assim adversas que se exerceu o esforço civilizador dos portugueses nos tropicos. Tivessem sido aquellas condições as faceis e doces de que falam os panegyristas da nossa natureza e teriam razão os sociologos e economistas que, contrastando o difficil triumpho lusitano no Brasil com o rapido e sensacional dos ingleses naquella parte da America de clima estimulante, flora equilibrada, fauna antes auxiliar que inimiga do homem, condições agrologicas e geologicas

(1) Ernest Ludlow Bogart — *The Economic History of the United States* (New Yorck, 1913).

favoraveis, onde hoje esplende a formidavel civilização dos Estados Unidos, concluem pela superioridade do colonizador louro sobre o moreno.

Antes de victoriosa a colonização portuguesa do Brasil, não se comprehendia outro typo de dominio europeu nas regiões tropicaes que não fosse o da exploração commercial atravez de feitorias ou o da pura extracção de riqueza mineral. Em nenhum dos casos se considerara a serio o prolongamento da vida européa ou a adaptação dos seus valores materiaes e moraes a meios e climas tão diversos; tão morbidos e dissolventes.

O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre os colonizadores modernos, a deslocar a base da colonização tropical da pura extracção de riqueza mineral, vegetal ou animal — o ouro, a prata, a madeira, o ambar, o marfim — para a de criação local de riqueza. Ainda que riqueza — a criada por elles sob a pressão das circumstancias americanas — á custa do trabalho escravo: tocada, portanto, daquella perversão de instincto economico que cedo desviou o português da actividade de produzir valores para a de exploral-os, transportal-os ou adquiril-os.

Semelhante deslocamento, embora imperfeitamente realizado, importou numa nova phase e num novo typo de colonização: a «colonia de plantação», caracterizada pela base agricola e pela permanencia do colono na terra, em vez do seu fortuito contacto com o meio e com a gente nativa. No Brasil iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos tropicos por uma technica economica e por uma politica social inteiramente novas: apenas esboçadas nas ilhas sub-tropicaes do Atlantico. A primeira: a utilização e o desenvolvimento de riqueza vegetal pelo capital e pelo esforço do particular; a agricultura; a sesmaria; a grande lavoura escravocrata. A segunda: o aproveitamento da gente nativa, principalmente da mulher, não só como instrumento de trabalho mas como elemento de formação da familia. Semelhante politica foi bem diversa da de exterminio ou segregação

seguida por largo tempo no Mexico e no Perú pelos hespanhóes, exploradores de minas, e sempre e desbragadamente na America do Norte pelos ingleses.

A sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Reconcavo da Bahia, desenvolveu-se patriarchal e aristocraticamente á sombra das grandes plantações de assucar, não em grupos a esmo e instaveis; em casas-grandes de taipa ou de pedra e cal, não em palhoças de aventureiros. Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil, «especialmente ao norte, constituiu-se aristocraticamente, isto é, as casas de Portugal enviaram ramos para o ultramar, e desde todo o principio a colonia apresentou um aspecto diverso das turbulentas immigrações dos castelhanos na America Central e occidental» (1). E antes delle já escrevera Southey que nas casas de engenho de Pernambuco encontravam-se, nos primeiros seculos de colonização, as decencias e o conforto que debalde se procurariam entre as populações do Paraguay e do Prata (2).

No Brasil, como nas colonias inglesas de tabaco, de algodão e de arroz da America do Norte, as grandes plantações foram obra não do Estado colonizador, sempre somitico em Portugal, mas de corajosa iniciativa particular. Esta é que nos trouxe pela mão de um Martim Affonso, ao sul, e principalmente de um Duarte Coelho, ao norte (3) os primeiros colonos solidos, as primeiras

---

(1) Oliveira Martins — *op. cit.*

(2) Robert Southey — *History of Brazil*, cit.

(3) No Sul, onde aliás já se encontravam, prosperando, a custa do proprio esforço, povoadores do typo de Ramalho e do bacharel de Cananéa, com grande progenie mestiça e centenas de escravos ao seu serviço, a colonia de São Vicente foi officialmente fundada em 1532, como mais tarde a da Bahia, a expensas da Corôa, «que correra com todas as despesas da armada e da installação ao contrário do que succederia nas restantes capitanias, cuja colonização se processou exclusivamente a expensas dos donatarios», (C. Malheiros Dias, «O Regimen Feudal dos Donatarios anteriormente á instituição do Governo Geral», *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, III). Foi em Pernambuco que no primeiro seculo de colonização mais vivo esplendeu o espirito de iniciativa particular, de esforço individual dos moradores. O que faz crer que estes foram, dentre os portugueses vindos para o Brasil no seculo XVI, os mais capazes, economicamente. A gente de melhores recursos e aptidões para a colonização agraria.

mães de familia, as primeiras sementes, o primeiro gado, os primeiros animaes de transporte, plantas alimentares, instrumentos agricolas, mechanicos judeus para as fabricas de assucar, escravos africanos para o trabalho de eito e de bagaceira (de que logo se mostrariam incapazes os indigenas mollengos e inconstantes). Foi a iniciativa particular que, concorrendo ás sesmarias, dispôs-se a vir povoar e defender militarmente, como era exigencia real, as muitas leguas de terra em bruto que o trabalho negro fecundaria. Como salienta Payne, na sua *History of European Colonies*, os portugueses colonizadores do Brasil foram os primeiros europeus a verdadeiramente se estabelecerem em colonias, vendendo para esse fim quanto possuiam em seu paiz de origem e transportando-se com a familia e cabedaes para os tropicos.

« The settlers of Brazil », escreve Payne, « were, properly speaking, the first European colonists. For they sold their own possessions at home, and brought their households with them to the new country (1).

Leroy — Beaulieu (2) assignala como uma das vantagens da colonização portuguesa da America tropical, pelo menos, diz elle, nos dois primeiros seculos, « a ausencia completa de um systema regular e complicado de administração », a « liberdade de acção » (« la liberté d'action que l'on trouvait dans ce pays peu gouverné ») caracteristica do começo da vida brasileira. « L'organisation coloniale ne précede pas, elle suivit le développement de la colonisation », observa o economista francês no seu estudo sobre a colonização moderna.

Ruediger Bilden escreve, com admiravel senso critico, que no Brasil a colonização particular, muito mais que a acção official, promoveu a mistura de raças, a agricultura latifundiaria e a escravidão, tornando possivel, sobre taes alicerces, a fundação e o desenvolvimento de grande e estavel colonia agricola nos tropicos.

---

(1) J. Payne — *History of European Colonies* — London 1878.
(2) Paul Leroy-Beaulieu — *De la Colonisation chez les Peuples Modernes* — Paris, 1891.

Isto alem de nos ter alargado grandemente para o oeste o territorio, o que teria sido impossivel á acção official cerceada por compromissos politicos internacionaes (1).

A partir de 1532, a colonização portuguesa do Brasil, do mesmo modo que a inglesa da America do Norte, e ao contrario da hespanhola e da francesa nas duas Americas, caracteriza-se pelo dominio quasi exclusivo da familia rural ou semi-rural. Dominio a que só o da Egreja faz sombra, atravez da actividade, ás vezes hostil ao familismo, dos padres da Companhia de Jesus.

A familia, não o individuo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de commercio, é desde o seculo XVI, o grande factor colonizador no Brasil, a unidade productiva, o capital que desbrava o solo, installa as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em politica, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da America. Sobre ella o rei de Portugal quasi que reina sem governar. Os senados de Camara, expressões desse familismo politico, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o proprio imperialismo ou antes parasitismo economico, que procura extender do reino ás colonias os seus tentaculos absorventes.

A colonização por individuos — soldados de fortuna, aventureiros, degredados, christãos novos fugidos á perseguição religiosa, naufragos, traficantes de escravos, de papagaios e de madeira — quasi que não deixou traço na plastica economica do Brasil. Ficou tão no raso, tão á superficie e durou tão pouco que politica e economicamente esse povoamento irregular e á tôa não chegou a definir-se em systema colonizador.

O seu aspecto puramente genetico não deve entretanto ser perdido de vista pelo historiador da sociedade brasileira. Sob esse criterio ha mesmo quem o considere de «tara ethnica inicial» e surprehenda «entre traços da physionomia collectiva do povo brasileiro, inequivo-

---

(1) Em livro, prestes a sahir, sobre o desenvolvimento economico e social do Brasil.

cos vestigios dos estigmas hereditarios, impressos por aquelles patriarchas pouco recommendaveis da nacionalidade». De Azevedo Amaral (de quem é esta observação) acceitamos, sobre o periodo em apreço, duas generalizações que nos parecem caracterizal-o admiravelmente: uma, que foi pela sua «heterogeneidade racial» um periodo, não português, mas promiscuo, o cunho português só se imprimindo sobre a confusão de ethnias pelo predominio do idioma; outra, que constitue uma especie de «prehistoria nacional». «Eliminar os primeiros cincoenta annos» — escreve Azevedo Amaral — «durante os quaes á revelia de qualquer supervisão politica e fóra mesmo da civilização, o Brasil recebeu os primeiros alluviões complexos de povoadores, equivale a supprimir um elemento basico da formação nacional, cuja influencia, projectada pelos seculos seguintes, podemos induzir seguramente de factos positivos, que a moderna pesquisa biologica demonstra sufficientemente. Se quizermos, qualifiquemos esse periodo, em uma categoria aparte, de prehistoria nacional» (1).

Onde Azevedo Amaral nos parece lamentavelmente exaggerado é em considerar todos aquelles povoadores, (sobre os quaes reconhece ser «tão escassa e precaria... a informação accessivel») uns «tarados, criminosos e semi-loucos» (2). Refere-se principalmente aos degredados; não ha, entretanto, fundamentos nem motivos para duvidar de que alguns fossem gente sã, degredada pelas ridicularias por que então se exilavam subditos, dos melhores, do reino para os ermos.

Era estreitissimo o criterio que ainda nos seculos XV e XVI, orientava entre os portugueses a jurisprudencia criminal. No seu direito penal o mysticismo, ainda quente dos odios de guerra contra os mouros, dava uma extranha proporção aos delictos. Affirma C. Malheiro Dias que «não existia na legislação coeva código de severidade comparavel ao Livro V das Ordenações Manue-

---

(1) Azevedo Amaral — *Ensaios Brasileiros* — Rio de Janeiro, 1930.
(2) Azevedo Amaral — *op. cit.*

linas». E accrescenta: «cerca de duzentos delictos eram nelle punidos com degredo» (1).

A lei de 7 de Janeiro de 1453, de D. Diniz, diz-nos o general Morais Sarmento que «mandava tirar a lingua pelo pescoço e queimar vivos os que descriam de Deus ou dirigiam doestos a Deus ou aos Santos»; e por usar de feitiçarias «per que uma pessôa queira bem ou mal a outra...», como por outros crimes mysticos ou imaginarios, era o português nos seculos XVI e XVII «degredado para sempre para o Brasil» (3). Num paiz de formação antes religiosa do que exclusivamente ethnica, eram esses os grandes crimes e bem diversa da moderna, ou da dos paizes de formação menos religiosa, a perspectiva criminal.

Emquanto quem dirigisse doestos aos santos tinha a lingua tirada pelo pescoço e quem fizesse feitiçaria amorosa era degredado para os ermos da Africa ou da America; pelo crime de matar o proximo, de deshonrar-lhe a mulher, de estuprar-lhe a filha o delinquente não ficava, muitas vezes, sujeito a penas mais severas que a de «pagar de multa uma gallinha» ou a de «pagar mil e quinhentos modios» (4). Contanto que fosse acoutar-se a um dos numerosos «coutos de homisiados».

Não faziam esses coutos mysterio de sua funcção protectora de homicidas, adulteros e servos fugidos, antes proclamavam-na abertamente pela voz dos foraes. «Não se julgue», diz Gama Barros, «que as terras onde o soberano decretava que os criminosos ficassem immunes, consideravam deshonrosas para ellas a concessão de tal privilegio» (5). E o professor Mendes Corrêa informa-nos que Sabugal em 1369 pedia que fossem dadas «mais garantias aos refugiados nesse couto»; que no foral de Azurara a «immunidade chegava ao ponto de

---

(1) *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, Introducção, III.
(2) Morais Sarmento, *D. Pedro I e sua Epoca*, Porto, 1924.
(3) *Ordenações Filippinas*, I, V, tit. III.
(4) Mendes Corrêa — *A Nova Antropologia Criminal*, (Porto, 1931).
(5) Gama Barros — *op. cit.*, II — Trecho citado por Mendes Corrêa, *op. cit.*

se punir gravemente quem perseguisse até dentro da villa o criminoso fugitivo » (1). Tem-se a impressão de que os lugares mal povoados do reino disputavam a concessão do privilegio do couto; e a gente que acoutavam eram, com o grande numero de servos fugidos, os scelerados de crime de morte e de estupro; vindo para o Brasil antes os auctores de delictos leves ou de crimes imaginarios que a perspectiva criminal portuguesa da epoca deformava em attentados horriveis, do que mesmo os criminosos de facto. Estes, entretanto, devem ter vindo em numero não de todo insignificante para a colonia americana: doutro modo, delles não se teria occupado tão vehementemente o donatario Duarte Coelho numa de suas muitas cartas de administrador severo e escrupuloso, rogando a El-Rei que lhe não mandasse mais dos taes degredados: pois eram peores que peçonha.

É possivel que se degredassem de proposito para o Brasil, visando o interesse genetico ou de povoamento, individuos que sabemos ter sido para cá expatriados por irregularidades ou excessos na sua vida sexual: por abraçar e beijar, por usar de feitiçaria para querer bem ou mal, por bestialidade, malicia, alcovitice (3). A ermos tão mal povoados, salpicados, apenas, de gente branca, convinham super-excitados sexuaes que aqui exercessem uma actividade genesica acima da commum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses politicos e economicos de Portugal no Brasil.

Attrahidos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade propria, muitos

---

(1) Mendes Corrêa — *op. cit.* No estudo do illustre anthropologista veem citados outros coutos privilegiados: Monforte de Rio Livre, Segura, Nondal, Marvão, Miranda, Penha, Garcia, e Caminha que foi «couto de marinheiros fugidos».

(2) *Carta de Duarte Coelho a El-Rei — Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, cit.

(3) *Jornal de Timon*, Obras de João Francisco, Lisbôa, ed. de Luis Carlos Pereira de Castro e dr. A. Henriques Leal, S. Luiz do Maranhão, 1864.

europeus do typo que Paulo Prado retrata em traços de um vivo realismo (1). Garanhões desbragados.

Outros, como os grumetes que fugiram da armada de Cabral sumindo-se pelos mattos, aqui se teriam deixado ficar por puro gosto de aventuras ou «afoiteza de adolescencia» (2): e as ligações destes, de muitos dos degredados, de «interpretes» normandos, de naufragos, de christãos novos; as ligações de todos esses europeus, tantos delles na flôr da idade e no viço da melhor saude, gente nova, machos sãos e vigorosos, «aventureiros moços e ardentes, em plena força» (3), com mulheres gentias, tambem limpas e sãs, nem sempre terão sido dos taes «connubios dysgenicos» de que fala Azevedo Amaral. Ao contrario. Taes uniões devem ter agido como «verdadeiro processo de selecção sexual» (4), dada a liberdade que tinha o europeu de escolher mulher dentre dezenas de indias. De semelhante intercurso sexual só podem ter resultado bons animaes, ainda que maus christãos ou mesmo más pessôas.

Junte-se ás vantagens, já apontadas, do português do seculo XV sobre os povos colonizadores seus contemporaneos, a da sua moral sexual, a moçarabe, a catholica amaciada pelo contacto com a mahometana, e mais frouxa, mais relassa que a dos homens do norte. Nem era entre elles a religião o mesmo duro e rigido systema que entre os povos do norte reformado e da propria Castella dramaticamente catholica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce christianismo lyrico, com muitas reminiscencias phallicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino Deus; as mulheres estereis indo esfregar-se, de saia le-

---

(1) Paulo Prado — *Retrato do Brasil* — (São Paulo, 1928).
(2 e 3) Paulo Prado, *op. cit.*
(4) Roy Nash, *The Conquest of Brazil*, cit.

vantada, nas pernas do São Gonçalo de Amarante; os maridos scismados de infidelidade conjugal indo interrogar os «rochedos dos cornudos» e as moças casadouras os «rochedos do casamento»; Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe.

No caso do Brasil, que foi um phenomeno do seculo XVII, o português trazia mais a seu favor, e a favor da nova colonia, toda a riqueza e extraordinaria variedade de experiencias accumuladas durante o seculo XV, na Asia e na Africa, na Madeira e em Cabo Verde. Entre taes experiencias, o conhecimento de plantas uteis, alimentares e de gozo que para aqui seriam transplantadas com exito, o de certas vantagens do systema de construcção asiatico, adaptaveis aos tropicos americanos, o da capacidade do negro para o trabalho agricola.

Todos esses elementos, a começar pelo christianismo lyricamente social, religião ou culto de familia mais do que de cathedral ou de igreja — que nunca as tiveram os portugueses grandes e dominadoras do typo das de Toledo ou da de Burgos, como nunca as teria o Brasil da mesma importancia e prestigio que as da America Hespanhola; todos esses elementos e vantagens viriam favorecer entre nós a colonização, que na America portuguesa, como nas «colonias de proprietarios» dos ingleses na America do Norte, repousaria sobre a instituição da familia escravocrata; da familia grande — agraria e patriarchal; sendo que nestas bandas accrescida de muito maior numero de bastardos e dependentes em torno dos patriarchas, mais femeeiros que os de lá e mais soltos na sua moral sexual.

A nossa verdadeira formação social se processa de 1532 em diante, tendo a familia rural ou semi-rural por unidade, quer atravez de gente casada vindo do reino, quer das familias aqui constituidas pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças orphãs ou mesmo atôa mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros.

Vivo e absorvente orgão da formação social brasileira, a familia colonial reuniu, sobre a base economica da riqueza agricola e do trabalho escravo, uma variedade de funcções sociaes e economicas. Inclusive, como já insinuámos, a do mando politico: o oligarchismo ou nepotismo, que aqui madrugou, chocando-se ainda em meados do seculo XVI com o clericalismo dos padres da Companhia (1). Em opposição aos interesses da sociedade colonial, queriam os padres fundar no Brasil uma santa republica de «indios domesticados para Jesus» como os do Paraguay; seraphicos caboclos que só obedecessem aos ministros do Senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. Nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de familia. Fóra o cacique, todos vestidos de camisola de menino dormir como num orphanato ou num internato. O trajo dos homens igualzinho ao das mulheres e das creanças.

Pela presença de um tão forte elemento ponderador como a familia rural, ou antes latifundiaria, é que a colonização portuguesa do Brasil tomou desde cedo rumo e aspectos sociaes tão diversos da theocratica, idealizada pelos jesuitas — e mais tarde por elles realizada no Paraguay — da hespanhola e da francesa. Claro que esse dominio de familia não se teria feito sentir sem a base agricola, em que repousou entre nós, como entre os ingleses colonizadores da Virginia e das Carolinas, a colonização. «Estabelecido nas ilhas do Atlantico», diz Manuel Bomfim do colono português, «e não encontrando ahi outra forma de actividade, nem possibilidade de fortuna senão a exploração estavel, agricola, o povoamento regular, assim procedeu e mostrou, antes de qualquer outro povo da Europa medieval ser excellente povoador, porque juntava as qualidades de pioneiro ás de formador de vida agricola e regular, em terras novas» (2).

---

(1) O clericalismo dos padres da companhia foi logo collidindo com a oligarchia que se formara em Pernambuco em torno da figura de Duarte Coelho e da do seu cunhado, o patriarcha Jeronymo de Albuquerque. Collidindo tambem com o patriarchalismo de Ramalho.

(2) Manuel Bomfim — *O Brazil na America*, (Rio de Janeiro, 1929).

É verdade que muitos dos colonos que aqui se tornaram grandes proprietarios ruraes não tinham pela terra nenhum amor nem gosto pela sua cultura. Ha seculos que em Portugal o mercantilismo burguês e semita, por um lado, e por outro lado a escravidão moura succedida pela negra haviam transformado o antigo povo de reis lavradores no mais commercializado e menos rural da Europa. No seculo XVI é o proprio rei que dá despacho não em nenhum castello gothico cercado de pinheiros mas por cima de uns armazens á beira do rio; e elle e tudo que é grande fidalgo enriquece no trafico de especiarias asiaticas. O que restava aos portugueses do seculo XVI de vida rural era uma facil horticultura e um doce pastoreio; e, como outróra entre os israelitas, quasi que só florescia entre elles a cultura da oliveira e da vinha. Curioso, portanto, que o successo da colonização portuguesa do Brasil se firmasse precisamente em base rural.

Considerando o elemento colonizador português em massa, não em excepções como Duarte Coelho — typo perfeito de grande agricultor — pode dizer-se que seu ruralismo no Brasil não foi espontaneo, mas de adopção, imposto pelas circumstancias. Para os portugueses o ideal teria sido não uma colonia de plantação mas outra India com que israelitamente commerciassem em especiarias e pedras preciosas; ou um Mexico ou Perú donde pudessem extrahir ouro e prata. Ideal semita. As circumstancias americanas é que fizeram do povo colonizador de tendencias menos ruraes ou, pelo menos, com o sentido agrario mas pervertido pelo mercantilismo, o mais rural de todos: do povo que a India transformara no mais parasitario, o mais criador.

Dentre aquellas circumstancias avultam imperiosas: a qualidade e as condições physicas da terra; as condições materiaes e moraes da vida e cultura de seus habitantes.

Terra e homem estavam em estado bruto. Suas condições de cultura não permittiam aos portugueses van-

tajoso intercurso commercial que reforçasse ou prolongasse o mantido por elles com o oriente. Nem reis de Kananor nem sobas de Çophala encontraram os descobridores do Brasil com quem tratar ou negociar. Apenas morubixabas. Bugres. Gente nua e á tôa, dormindo em rede ou no chão, alimentando-se de farinha de mandioca, de fructa do matto, de caça ou peixe comido crú ou depois de assado em borralho. Nas suas mãos não scintillavam perolas de Cipango nem rubis de Pegú; nem ouro de Sumatra nem sedas de Kata lhe abrilhantavam os corpos côr de cobre, quando muito enfeitados de pennas; os pés em vez de tapetes da Persia pisavam a arêa pura. Animal domestico ao seu serviço não possuiam nenhum. Agricultura, umas ralas plantações de mandioca ou midubi. Oliveira Vianna tem razão quando escreve que entre as Indias «com uma maravilhosa riqueza accumulada e uma longa tradição commercial com os povos do oriente e occidente» e o Brasil «com uma população de aborigenes ainda na edade da pedra polida» havia differença essencial. «Essa ausencia de riqueza organizada, essa falta de base para uma organização puramente commercial», accrescenta o auctor da *Evolução do Povo Brasileiro*, «é que leva os peninsulares para aqui transplantados a se dedicarem á exploração agricola» (1).

Cravo, pimenta, ambar, sandalo, cannela, gengibre, marfim, nenhuma substancia vegetal ou animal de valor consagrado pelas necessidades e gostos da Europa aristocratica ou burguesa encontraram os portugueses nos tropicos americanos. Isto sem falar no ouro e na prata, mais farejados do que tudo e de que logo se desilludiram os exploradores da nova terra. A conclusão melancolica de Vespucci resume o amargo desapontamento de todos elles: «infinitas arvores de pau brasil e canna fistula...» (2) «Arvoredos de ponta a ponta» e «aguas muy-

(1) Oliveira Vianna, *Evolução do Povo Brasileiro*, (Rio de Janeiro, 1929).

(2) Carta de Americo Vespucci, cit. por Capistrano de Abreu, *O Descobrimento do Brasil*, (Rio de Janeiro).

tas », notara o arguto chronista do descobrimento, Pero Vaz de Caminha (1).

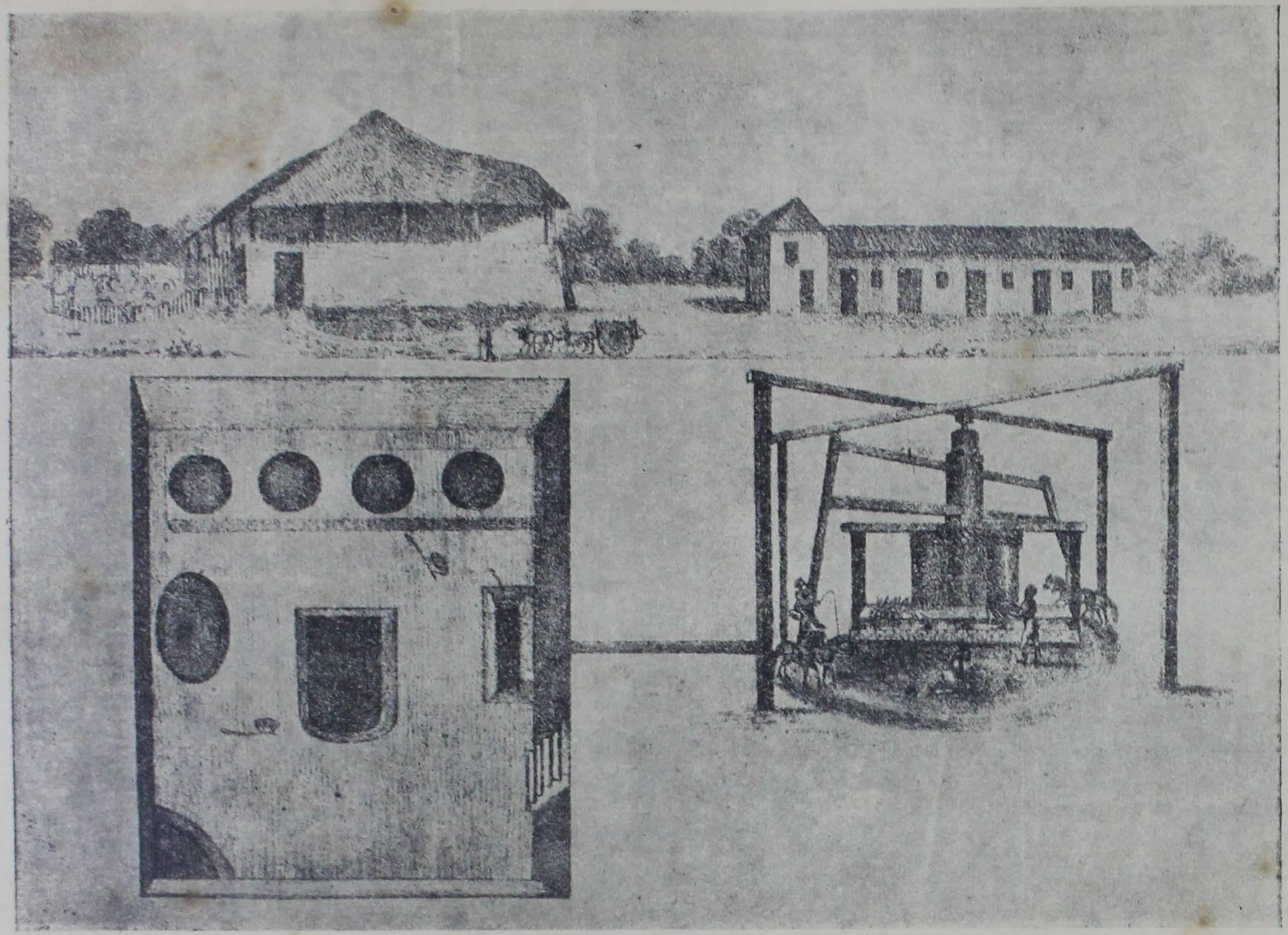
Grandes massas d'agua, é certo, davam grandeza á terra coberta de grosso mattagal. Dramatizavam-na. Mas grandeza sem possibilidades economicas para a technica e conhecimentos da epoca. Ao contrario: ás necessidades dos homens que criaram o Brasil aquellas formidaveis massas, rios e cachoeiras, só em parte, e nunca completamente, se prestaram ás funcções civilizadoras de communicação regular e de dynamização util.

Um rio grande daquelles quando transbordava em tempo de chuva era para inundar tudo, cobrindo cannaviaes e matando gado e até gente. Destruindo. Devastando. Lavoura e pecuaria eram quasi impossiveis ás suas margens, porque tanto tinha de facil o estabelecimento quanto de fatal a destruição pelas enchentes, pelas cheias que ou dizimavam as manadas ou corrompiam-lhes o pasto; e em vez de beneficiarem as plantações, destruiam-nas completamente ou em grande parte.

Sem equilibrio no volume nem regularidade no curso, variando extremamente em condições de navegabilidade e de utilidade, os rios grandes foram collaboradores incertos, — si é que os possamos considerar collaboradores — do homem agricola na formação economica e social do nosso paiz. Muito deve o Brasil agrario aos rios menores porém mais regulares: onde elles docemente se prestaram a moer as cannas, a alagar as varzeas, a enverdecer os cannaviaes, a transportar o assucar, a madeira e mais tarde o café, a servir aos interesses e ás necessidades de populações fixas, humanas e animaes, installadas ás suas margens, ahi a grande lavoura floresceu, a agricultura latifundiaria prosperou, a pecuaria alastrou-se. Rios do typo do Mamanguape, do Una, do Pitanga, do Paranamirim, do Serinhaem, do Iguassú, do

---

(1) « . . . terra . . . muyto chea de grandes arvoredos de ponta a ponta . . . agoas . . . muytas infindas. » Carta de Pero ou Pedro Vaz de Caminha, publicada por Manoel Ayres de Cazal, *Corographia Brasilica*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1845.



Varios aspectos de um engenho de assucar brasileiro dos tempos coloniaes (Reproduzido do livro de James Henderson sobre o Brasil colonial).

Cotindiba, do Pirapama, do Ipojuca, do Mundahú, do Parahyba, foram collaboradores valiosos, regulares, sem as intermittencias nem os transbordamentos dos grandes, na organização da nossa economia agraria e da sociedade escravocrata que á sua sombra se desenvolveu. Do Parahyba escreveu Alberto Rangel que pelo tempo do braço escravo foi «o rio paradisiaco, Euphrates das senzalas com Taubaté por metropole» (1). Tanto mais rica em qualidades e condições de permanencia foi a nossa vida rural do seculo XVI ao XIX onde mais regular foi o supprimento d'agua; onde mais equilibrados foram os rios ou mananciaes.

Se os grandes rios brasileiros já foram glorificados em monumento e cantada em poema celebre a cachoeira de Paulo Affonso (até hoje de um interesse puramente esthetico para não dizer scenographico em nossa vida), aos rios menores, tão mais prestadios, falta o estudo que lhes fixe o importante papel civilizador em nossa formação; ligados ás nossas tradições de estabilidade tanto quanto os outros, os mais romanticos talvez, porém não mais brasileiros — ás de mobilidade, de dynamismo, de expansão pelos sertões a dentro de bandeirantes e padres, a procura de ouro, de escravos e de almas para Nosso Senhor Jesus Christo. Os grandes foram por excellencia os rios do bandeirante e do missionario, que os subiam vencendo difficuldades de quedas d'agua e de curso irregular; os outros, os do senhor de engenho, do fazendeiro, do escravo, do commercio de productos da terra. Aquelles dispersaram o colonizador; os rios menores fixaram-no tornando possivel a sedentariedade rural.

Tendo por base physica as aguas, ainda que encachoeiradas, dos grandes rios, prolongou-se no brasileiro a tendencia colonial do português de derramar-se em vez de condensar-se. O bandeirante, particularmente, tor-

---

(1) Alberto Rangel — *Rumos e Perspectivas* — Rio, 1914.

na-se desde os fins do seculo XVI um fundador de sub-colonias. Ainda não é dono da terra em que nasceu mas simples colonial e já se faz de senhor das alheias num imperialismo que tanto tem de ousado quanto de precoce. Com o bandeirante o Brasil auto-coloniza-se. Já Pedro Dantas fixou essa possivel «constante da nossa historia»: derramamo-nos em superficie antes de nos desenvolvermos «em densidade e profundidade» (1). A mesma tendencia dispersiva da expansão colonial portuguesa. No Brasil, prolongou-se a tendencia — talvez vinda de longe, do semita (2) — no que pareceu a Alberto Torres o nosso «afan de ir extendendo populações aventureiras e empresas capitalistas... por todo o territorio». Afan que ao seu ver deviamos contrariar por uma «politica de conservação da natureza, de reparação das regiões estragadas, de concentração das populações nas zonas já abertas á cultura, sendo educado o homem para aproveital-as e para fazer fructificar, valorizando-as» (3). Outra cousa não desejaria Pedro Dantas para o Brasil de hoje que essa concentração das populações dynamicas nas zonas já abertas á cultura: «que o nosso desenvolvimento se processasse em densidade e profundidade». Esta foi aliás a tendencia esboçada no Brasil agrario, de fazendeiros e senhores de engenho, de que Azevedo Amaral se mostra tão severo critico nas paginas dos *Ensaios Brasileiros* (4).

---

(1) Pedro Dantas — «Perspectivas» — *Revista Nova* n. 4, S. Paulo 1931.

(2) São Paulo foi provavelmente o nucleo brasileiro de população mais colorida pelo sangue semita. Não tendo chegado até lá os tentaculos do Santo Officio, que entretanto se fixaram ameaçadoramente sobre a Bahia e Pernambuco, só faltando mesmo armar as fogueiras, a essa circumstancia costumava em conversa attribuir Capistrano de Abreu (segundo nos informa Paulo Prado, seu intimo e constante amigo), o facto de se ter tornado São Paulo o ponto preferido dos christãos novos. Sobre a infiltração israelita no Brasil, leia-se o ensaio de Solidonio Leite Filho, *Os Judeus no Brasil*, Rio de Janeiro, 1923.

(3) Alberto Torres, *A Organização Nacional*. Rio 1914. Veja-se tambem do mesmo autor *O Problema Nacional Brasileiro*, cit.

(4) Azevedo Amaral — *Ensaios Brasileiros*, cit.

Se é certo que o furor expansionista dos bandeirantes conquistou-nos verdadeiros luxos de terras, é tambem exacto que nesse desadoro de expansão comprometteu-se a nossa saude economica e quasi que se compromettia a nossa unidade politica. Felizmente aos impulsos de dispersão e aos perigos, delles decorrentes, de differenciação e separatismo, oppuseram-se desde o inicio da nossa vida colonial forças quasi que da mesma aggressividade, neutralizando-os ou pelo menos amollecendo-os. A começar pelo physico da região formando aquelle «ensemble naturel» que Horace Say ha quasi um seculo contrastava com o da America Hespanhola: «Aucune limite ne s'élève pour séparer les diverses provinces les unes des autres et c'est là un avantage de plus que les possessions portugaises ont eu sur les possessions espagnoles en Amérique» (1).

A mesma mobilidade que nos dispersa desde o seculo XVI em paulistas e pernambucanos, ou paulistas e bahianos, e dahi ao seculo XIX em varios sub-grupos, mantem-nos em contacto, em communhão mesmo, atravez de difficil mas nem por isso infrequente intercomcomunicação colonial. «Fluminenses e paulistas estiveram a combater na Bahia e em Pernambuco, que se defendiam do hollandês», lembra Manuel Bomfim a proposito da affirmativa de Euclydes da Cunha de que essa lucta do norte contra o estrangeiro se realizara «com o divorcio completo das gentes meridionaes». São tambem paulistas que «acodem aos repetidos chamados da Bahia na defesa contra o gentio Aymoré, como na defesa contra o hollandês, como a Pernambuco para resolver o caso dos Palmares» (2). Mais tarde — é ainda Bomfim quem o destaca — «espontaneamente correm os cearenses a soccorrer o Piauhy, ainda dominado pelas tropas portuguesas, e juntos, piauhyenses e cearenses vão

---

(1) Horace Say — *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil* — Paris, MDCCCXXXIX.

(2) M. Bomfim — *O Brazil na Historia*, (Rio de Janeiro, 1931).

em prol do Maranhão » (1); pela mesma epoca correm os pernambucanos em auxilio da Bahia, alcançando com os bahianos a victoria de 2 de Julho.

Os jesuitas foram outros que pela influencia do seu systema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão molle, plastico, quasi sem ossos, como a da nossa sociedade colonial nos seculos XVI e XVII, contribuiram para articular como educadores o que elles proprios dispersavam como catechistas e missionarios. Estavam os padres da S. J. em toda parte; moviam-se de um extremo ao outro do vasto territorio colonial; estabeleciam permanente contacto entre os focos esporadicos de colonização e, atravez da « lingua geral », entre os varios grupos de aborigenes (3). Sua mobilidade,

---

(1) Bomfim baseia-se para contradizer a affirmativa de Euclydes da Cunha em documentos paulistas (testamentos, inventarios, sesmarias, etc.) da grande e valiosa massa mandada publicar pelo antigo presidente do Estado de São Paulo, Sr. Washington Luis e que serviu ao professor Alcantara Machado para organizar um tão interessante livro, o seu *Vida e Morte do Bandeirante,* (São Paulo, 1930), como a Affonso Taunay para o estudo definitivo das bandeiras. Documentos pernambucanos por nós recentemente examinados na secção de manuscriptos da Bibliotheca Publica do Estado e na collecção do Instituto Historico e Archeologico de Pernambuco, confirmam a contradicta de M. Bomfim. Referimo-nos aos livros de *Sesmarias,* onde veem registradas concessões de terras pernambucanas a paulistas por haverem collaborado com os nossos nas « campanhas contra os negros levantados dos Palmares ». O caso de João Paes de Mendonça Arraide e do seu pae Christovão de Mendonça Arraide (Registro de Sesmarias e Datas de Terras, 1689-1730, MS na bibliotheca publica do Estado de Pernambuco) e o de Pascoal Leite de Mendonça, « Capitão de Infanteria dos Paulistas », a quem o capitão-general de Pernambuco concede em 1702 « tres leguas de terra em quadra das conquistadas a Palmares » onde foi « o Engenho de Christovão Dias na ribeira de Setuba » (Collecção de manuscriptos do Inst. Hist. e Arch.).

(2) M. Bomfim, *op. cit.*

(3) O padre Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, e do que Obraram seus Filhos nesta Parte do Novo Mundo* (2.ª ed., Rio 1864), diz do padre Leonardo Nunes que era tal a pressa com que corria os logares « que vieram a pôr-lhe por nome na lingua do Brasil, Abaré Bebê », isto é, « padre que vôa ». E na introducção á mesma chronica escreve o conego Fernandes Pinheiro dos primeiros missionarios que dir-se-ia terem « resolvido o problema da ubiquidade ». Varnhagen observa que viajando continuamente os missionarios foram « estabelecendo mais frequencias de noticias e relações de umas villas para outras. »

Pode-se generalizar de todos os missionarios no Brasil que eram padres que voavam. Alguns delles é certo que viajando de rede, ás costas dos indios: estes é que voavam.

como a dos paulistas, si por um lado perigosamente dispersiva, por outro lado foi salutar e constructora, tendendo para aquelle « unionismo » em que o professor João Ribeiro surprehendeu uma das grandes forças sociaes da nossa historia (1).

Para o « unionismo » preparara-nos, aliás, a singular e especialissima situação do povo colonizador; o qual chega ás praias americanas unido politica e juridicamente; e por maior que fosse a sua variedade intima ou apparente de ethnias e de crenças, todas ellas accommodadas á organização politica e juridica do Estado unido á Igreja Catholica. Como observa M. Bomfim, « a formação de Portugal se caracteriza por uma precocidade politica tal, que o pequeno reino nos apparece como a primeira nação completa na Europa do seculo XVI ». Observação que já fizera Stephens na sua *The Story of Portugal* (2).

Os portugueses não trazem para o Brasil nem separatismos politicos, como os hespanhoes para o seu dominio americano, nem divergencias religiosas, como os ingleses e franceses para as suas colonias. Os Maranos em Portugal não constituiam o mesmo elemento intransigente de differenciação que os Huguenotes na França ou os Puritanos na Inglaterra; eram uma minoria imperecivel em alguns dos seus caracteristicos, economicamente odiosa, porém não aggressiva nem perturbadora da unidade nacional. Ao contrario: a muitos respeitos, nenhuma minoria mais accommodaticia e suave.

---

(1) Para João Ribeiro, que vê sempre tão claro os factos e tendencias do nosso desenvolvimento historico, no Brasil o « particularismo local distingue-se ... pelo espirito superior de unionismo ... » *Historia do Brasil*, curso superior — Rio de Janeiro, 1900. Aliás, como mostra M. Bomfim, o proprio Euclydes da Cunha se contradiz na idéa de ser o Brasil « agrupamentos desquitados entre si » quando salienta em *Os Sertões* a importancia do sertanejo — o mesmo das raias septentrionaes de Minas a Goyaz, ao Piauhy, aos extremos do Maranhão e Ceará, pelo occidente e norte, e ás serranias das lavras bahianas a leste.

(2) H. M. Stephens, *The Story of Portugal*, New York, 1891; para conhecimento mais profundo do assumpto, veja-se o trabalho de H. Schäfer *Geschichte von Portugal*, Hamburg 1836-1854, do qual existe traducção portuguesa.

O Brasil formou-se, despreoccupados os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça. Durante quasi todo o seculo XVI a colonia esteve escancarada a estrangeiros, só importando ás autoridades coloniaes que fossem de fé ou religião catholica. Handelmann notou que para ser admittido como colono do Brasil no seculo XVI a principal exigencia era professar a religião christã: «somente christãos — e em Portugal isso queria dizer catholicos — podiam adquirir sesmarias». «Ainda não se oppunha todavia», continua o historiador allemão, «restricção alguma no que diz respeito á nacionalidade: assim é que catholicos estrangeiros podiam emigrar para o Brasil e ahi estabelecer-se....» (1). Oliveira Lima salienta que no seculo XVI Portugal tolerava em suas possessões muitos estrangeiros, não sendo a politica portuguesa de colonização e povoamento a de «rigoroso exclusivismo posteriormente adoptado pela Hespanha» (2).

Atravez de certas epocas coloniaes observou-se a pratica de ir um frade a bordo de todo o navio que chegasse a porto brasileiro, afim de examinar a consciencia, a fé, a religião do adventicio (3). O que barrava então o immigrante era a heterodoxia; a mancha de hereje na alma e não a mongolica no corpo. Do que se fazia questão era da saude religiosa: a syphilis, a bouba, a

---

(1) H. Handelmann — *Historia do Brasil* (tr.), Rio 1931.

(2) Oliveira Lima — «A Nova Lusitania», *in Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, cit.

(3) Veja-se Ritter von Shaeffer — *Brasilien als Unabhaengiges Reich*, Altona 1824. Essa como quarentena de hereges é referida e commentada por Tristão de Athayde: «Em 1813 indagava-se das crenças religiosas e do passaporte. Hoje indaga-se do passaporte, das bagagens, das crenças politicas, dos costumes privados, do estado de saude.» (*Estudos*, 1.ª serie, Rio MCMXXXVII). Sobre os frades e padres que velavam nos portos pela orthodoxia catholica da colonia, ás vezes com uma suavidade que falta aos modernos inspectores de saude e funcionarios de policia de immigração, ver ainda «Certain notes of the voyage to Brazil with the Minion of London... in the yere 1580 written by Thomas Grigs Purser of the same ship» *in The Principal Navigations Voyages Traffiques & Discoveries of the English Nation*... by Richard Hakluyt, London MCMXXVII.

bexiga, a lepra entraram livremente trazidas por europeus e negros de varias procedencias.

O perigo não estava no estrangeiro nem no individuo dysgenico mas no hereje. Soubesse rezar o Padre-Nosso e a Ave-Maria, dizer Creio-em-Deus-Padre, fazer o Pelo-Signal-da-Santa-Cruz — e o estranho era bem vindo no Brasil colonial. O frade ia a bordo indagar da orthodoxia do individuo como hoje se indaga da sua saúde e da sua raça. «Ao passo que o anglo-saxão», nota Pedro de Azevedo, «só considera de sua raça o individuo que tem o mesmo typo physico, o português esquece raça e considera seu igual aquelle que tem religião igual á que professa» (1).

Temia-se no adventicio acatholico o inimigo politico capaz de quebrar ou de enfraquecer aquella solidariedade que em Portugal se desenvolvera junto com a religião catholica. Essa solidariedade manteve-se entre nós esplendidamente atravez de toda a nossa formação colonial reunindo-nos contra os calvinistas franceses, contra os reformados hollandeses, contra os protestantes ingleses. Dahi ser tão difficil, na verdade, separar o brasileiro do catholico: o catholicismo foi realmente o cimento da nossa unidade (2).

Nos começos da nossa sociedade colonial encontramos em união com as familias de origem portuguesa, estrangeiros de procedencias diversas, sendo que alguns, filhos de paizes reformados ou tocados de heresia. Arzam, Bandemborg, Bentinck, Lins, Cavalcanti, Doria, Hollanda, Accioly, Furquim, Novilher, Barewell, Lems; mais tarde,

---

(1) Pedro de Azevedo — «Os Primeiros Donatarios», *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, cit.

(2) No Brasil o incredulo Fustel de Coulanges, ainda mais do que na França — desde a Revolução dividida em duas, a negra e a vermelha — se sentiria no dever de ser catholico por nacionalismo. Aliás a attitude de Oliveira Lima, que na falta de um ideal religioso mais ardente, declarou-se uma vez «catholico historico».

no seculo XVII, Van der Ley, Witte, Tourlon (1). Ainda outros cujos nomes se dissolveram nos portugueses. Os originarios de terras protestantes ou já eram catholicos ou aqui se converteram: o bastante para que fossem recebidos na intimidade da nossa vida social e até politica, aqui constituissem familia casando com a melhor gente da terra e adquirissem propriedade agricola, influencia e prestigio.

Observa Sylvio Romero que no Brasil foram o catechismo dos jesuitas e as Ordenações do Reino que «garantiram desde os primordios a unidade religiosa e a do direito» (2).

Por sua vez o mechanismo da administração colonial, a principio com tendencias feudaes, sem aquella adstringencia do hespanhol, antes frouxo, bambo, deixando á vontade as colonias e em muitos respeitos os donatarios, quando o endureceu a criação do governo geral foi para assegurar a união de umas capitanias com as outras, conservando-as sob os mesmos provedores-móres, o mesmo governador geral, o mesmo Conselho Ultramarino, a mesma Mesa de Consciencia, embora separando-as no que fosse possivel sujeitar cada uma de per si a tratamento especial da Metropole. Visava-se assim impedir que a consciencia nacional (que fatalmente nasceria de uma absoluta igualdade de tratamento e de regimen administrativo) sobrepujasse á regional; mas não ao ponto de sacrificar-se a semelhante medida de prophylaxia contra o perigo do nacionalismo na colonia a sua unidade essencial, assegurada pelo cathechismo e pelas Ordenações, pela liturgia catholica e pela lingua portuguesa auxiliada pela «geral», de criação jesuitica.

---

(1) Isto sem contarmos os numerosos colonos de outras partes da peninsula iberica aqui logo confundidos com os de origem portuguesa. Entre outros, os Bueno, Camargo, Aguirre, Lara y Ordones, Freyre, Bonilha. Nem os colonos de origem hebréa, incorporados á communhão catholica.

(2) Sylvio Romero, *op. cit.*

As condições physicas no Brasil, que poderiam ter concorrido para aprofundar a extremos perigosos as divergencias regionaes, não só toleradas como até estimuladas ao ponto de assegurarem a colonia tão extensa a relativa saude politica de que sempre gozou, — as condições physicas não agiram sinão fracamente no sentido separatista, atravez de differenças, consideraveis porém não dominadoras, de clima e de qualidade physica e chimica de solo; de systema de alimentação e de forma de cultura agricola. Pode-se antes affirmar que taes condições concorreram no Brasil para que as colonias se conservassem unidas e dentro do parentesco, da solidariedade assegurada pelas tendencias e pelos processos da colonização portuguesa — regionalista mas não separatista — unionista no melhor sentido, no que justamente coincidia com o interesse da catechese catholica.

O clima não variando de norte a sul, nem da altitude maxima á minima, o bastante para criar differenças profundas no genero de vida colonial, nem variando a qualidade physica e chimica do solo ao ponto de estimular o desenvolvimento de duas sociedades radicalmente antagonicas nos interesses economicos e sociaes, venceu a tendencia no sentido da uniformização. Por mais que a compromettesse a espantosa mobilidade dos bandeirantes e missionarios, sua influencia se fez sentir desde o primeiro seculo de povoamento e de expansão territorial.

A canna de assucar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, extendendo-se depois á Bahia e ao Maranhão a sua cultura, que onde logrou exito — mediocre como em São Vicente ou maximo como em Pernambuco, no Reconcavo e no Maranhão — trouxe em consequencia uma sociedade e um genero de vida de tendencias mais ou menos aristocraticas e escravocratas. Por conseguinte de interesses economicos semelhantes. O antagonismo economico se esboçaria mais tarde entre os homens de maior capital, que

podiam supportar os custos da agricultura da canna e da industria do assucar, e os menos favorecidos de recursos, obrigados a se espalharem pelos sertões em busca de escravos — especie de capital vivo — ou a ficarem por lá, como criadores de gado. Antagonismo que a terra vasta poude tolerar sem quebra do equilibrio economico. Delle resultaria entretanto o Brasil anti-escravocrata ou indifferente aos interesses da escravidão representado pelo Ceará em particular, e de modo geral pelo sertanejo ou vaqueiro.

A igualdade de interesses agrarios e escravocratas que atravez dos seculos XVI e XVII predominou na colonia, toda ella dedicada com maior ou menor intensidade á cultura do assucar, não a perturbou tão profundamente, como á primeira vista parece, a descoberta das minas ou a introducção do cafeeiro. Si o ponto de apoio economico da aristocracia colonial deslocou-se da canna de assucar para o ouro e mais tarde para o café, manteve-se o instrumento de exploração: o braço escravo. Mesmo porque a divergencia de interesses que se definiu, a differença de technica de exploração economica entre o Nordeste persistentemente assucareiro e a capitania de Minas Geraes, e entre estes e São Paulo cafeeiro, de algum modo compensou-se nos seus effeitos separatistas pela migração humana que o proprio phenomeno economico provocou, dividindo entre a zona assucareira do Nordeste e a mineira e a cafeeira ao sul um elemento ethnico — o escravo de origem africana — que conservado em bloco pelo Nordeste — até então a região mais escravocrata das tres, por ser a terra por excellencia da canna de assucar — teria resultado em profunda differença regional de cultura humana.

Para as necessidades de alimentação foram-se cultivando de norte a sul, atravez dos primeiros seculos coloniaes, quasi que as mesmas plantas indigenas ou importadas. Na farinha de mandioca fixou-se a base do nosso systema de alimentação. Além da farinha, cul-

tivou-se o milho; e por toda a parte tornou-se quasi a mesma a mesa colonial, com especializações regionaes apenas de fructas e verduras: dando-lhe mais côr ou sabor local em certos pontos a maior influencia indigena; noutros, um vivo colorido exotico a maior proximidade da Africa; e em Pernambuco, por ser o ponto mais perto da Europa, conservando-se um como equilibrio entre as tres influencias: a indigena, a africana e a portuguesa.

No planalto paulista — onde o successo, apenas compensador, da cultura da canna fez que se desviasse para outras culturas o esforço agricola dos povoadores, esboçando-se assim uma como tendencia salutar para a polycultura — tentou-se no primeiro seculo de colonização e logrou relativo exito o plantio regular do trigo. Tivesse sido o exito completo e maior a polycultura, apenas esboçada, e teriam resultado esses dois factos em profunda differenciação de vida e de typo regional. Mesmo dentro de sua relatividade, taes factos se fizeram sentir poderosamente na maior efficiencia e na mais alta eugenia do paulista, comparado com os brasileiros de outras zonas, de formação escravocrata, agraria e hybrida tanto quanto a delles, porém menos beneficiados pelo equilibrio de nutrição resultante em grande parte das condições referidas. «O regimen nutritivo dos paulistas não teria sido, pois, dos factores que menos concorreram para a prosperidade da gente do planalto» (1), conclue Alfredo Ellis Junior no suggestivo capitulo que em *Raça de Gigantes* dedica á influencia do clima e da nutrição sobre o desenvolvimento eugenico dos paulistas. De modo geral, em toda a parte onde vingou a agricultura, dominou no Brasil escravocrata o latifundio, systema que viria privar a população colonial do supprimento equilibrado e constante de alimentação sadia e fresca. Muito da inferioridade physica do brasileiro, em geral attribuida toda á raça, ou vaga e mussulmanamente ao

(1) Alfredo Ellis (Junior), *Raça de Gigantes*, (São Paulo, 1926).

clima, deriva-se do mau aproveitamento dos nossos recursos naturaes de nutrição. Os quaes sem serem dos mais ricos, teriam dado para um regimen alimentar mais variado e sadio que o seguido pelos primeiros colonos e por seus descendentes, dentro da organização latifundiaria e escravocrata.

É illusão suppor-se a sociedade colonial, na sua maioria, uma sociedade de gente bem alimentada. Quanto á quantidade, eram-no em geral os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. Os grandes proprietarios de terra e os pretos seus escravos. Estes porque precisavam de comida que desse para os fazer supportar o duro trabalho da bagaceira.

Succedia, porém, que os plantadores de canna « como o de que vivem é somente do que grangeiam com taes escravos » (os de Guiné) não occupavam quasi os seus negros — « a nenhum delles » — em cousa que não fosse tocante « á lavoura que professam » (1). Dahi — conclue o auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, que escreveu suas notas nos principios do seculo XVII — « resulta a carestia e falta destas cousas » (2).

Adversas ao trigo as condições de clima e de solo, quasi que só insistiram em cultival-o os padres da S. J. para o preparo de hostias. E a farinha de mandioca usada em lugar do trigo, abandonam os plantadores de canna a sua cultura aos caboclos instaveis. Dahi: pela ausencia quasi completa do trigo entre os nossos recursos ou possibilidades naturaes de nutrição, o rebaixamento do padrão alimentar do colonizador português; pela instabilidade na cultura de mandioca, abandonada aos indios — agricultores irregulares — a consequente instabilidade do nosso regimen de alimentação. Ao que deve accrescentar-se a falta de carne fresca, de leite e de ovos, e até de legumes, em varias das zonas de colonização

---

(1) *Dialogos das Grandezas do Brasil* — Edição de 1930 — Rio de Janeiro.

(2) Refere-se o chronista (*op. cit.*) a fructas, legumes e carne de boi.

agraria e escravocrata; talvez em todas ellas com a só excepção, e essa mesma relativa, do planalto paulista.

De modo que, admittida a influencia da dieta — influencia talvez exaggerada por certos auctores modernos (1) — sobre o desenvolvimento physico e economico das populações, temos que reconhecer ter sido o regimen alimentar do brasileiro, dentro da organização agraria e escravocrata que em grande parte presidiu a nossa formação, dos mais deficientes e instaveis. Por elle possivelmente se explicarão importantes differenças somaticas e psychicas entre o europeu e o brasileiro, attribuidas exclusivamente á miscegenação e ao clima.

É certo que, deslocando-se a responsabilidade do clima ou da miscegenação para a dieta na accentuação de taes differenças, não se tem innocentado de todo o primeiro: afinal delle, e das qualidades chimicas do solo, é que depende em grande parte o regimen alimentar seguido pela população. Que condições, sinão as physicas e chimicas, de solo e de clima, determinam o caracter da vegetação espontanea e as possibilidades da agricola, e atravez desse caracter e dessas possibilidades, o caracter e as possibilidades do homem?

No caso da sociedade brasileira o que se deu foi accentuar-se, pela pressão de uma influencia economico-social — a monocultura — a deficiencia das fontes naturaes de nutrição que a polycultura teria talvez attenuado ou mesmo corrigido e supprido, atravez do esforço agricola regular e systematico. Muitas daquellas fontes foram por assim dizer pervertidas, outras estancadas pela monocultura, pelo regimen escravocrata e latifundiario, que em vez de desenvolvel-as, abafou-as, seccando-lhes a espontaneidade e a frescura. Nada perturba mais o equilibrio da natureza que a monocultura, principalmente quando é de fóra a planta que vem dominar a região

---

(1) F. P. Armitage, *Diet and Race* (London 1922); E. V. Mc Collun e Nina Simmonds — *The Newer Knowledge of Nutrition — The Use of Foods for the Preservation of Vitality and Health*, (New York, 1929).

— nota o professor Konrad Guenther (1). Exactamente o caso brasileiro.

Na formação da nossa sociedade, a má hygiene alimentar decorrente da monocultura, por um lado, e por outro da inadaptação ao clima (2), agiu sobre o desenvolvimento physico e sobre a efficiencia economica do brasileiro no mesmo mau sentido do clima deprimente e do solo chimicamente pobre. A mesma economia latifundiaria e escravocrata que tornou possivel o desenvolvimento economico do Brasil, sua relativa estabilidade em contraste com as turbulencias nos paizes vizinhos, envenenou-o e perverteu-o nas suas fontes de nutrição e de vida.

Melhor alimentadas, repetimos, eram na sociedade escravocrata os extremos: os brancos das casas grandes e os negros das senzalas. Natural que dos escravos descendam elementos dos mais fortes e sadios da nossa população. Os athletas, os capoeiras, os «cabras», os marujos. E que da população media, livre mas miseravel, provenham muitos dos peores elementos; dos mais debeis e incapazes. É que sobre elles principalmente é

---

(1) Guenther, *Das Antlitz Brasiliens* cit.

(2) Em suggestivo artigo, «Fundamentos Scientificos da Alimentação Regional nos Climas Quentes», *Brasil Medico,* (Rio de Janeiro), Anno XLV, n.º 40, occupou-se recentemente do assumpto o Dr. Sinval Lins. Segundo elle, o brasileiro permanece no seu regimen de alimentação um inadaptado ao clima. «Abusa de doces... em pleno verão, quando tudo o convida a defender-se do calor, abusa de pratos gordurosos e por vezes tambem de bebidas alcoolicas... abusa de liquidos ás refeições sem reparar que quanto mais bebe, mais sua... gosta de comidas adubadas... quasi não usa legumes.» «As consequencias de tantos erros», accrescenta o hygienista, já se veem fazendo sentir ha muito tempo. Nossos dentes são fracos e vivem cariados por falta de calcio, isto é, de vegetaes...» Soffrem ainda «a pelle, os rins, o estomago». O dr. Sinval Lins destaca a «preguiça post-prandial» do brasileiro, attribuindo-lhe, tanto quanto á «auto-intoxicação resultante do abuso de azotados e da prisão de ventre tão banal entre nós por falta de vegetaes e de fructas na alimentação...» «a fadiga de que tanta gente se queixa no nosso meio.» Fadiga pela qual, ao seu ver, se tem injustamente responsabilisado o clima. Tambem o Dr. Araujo Lima, estudando o regimen alimentar das populações do extremo norte do Brasil, insiste na importancia do factor alimentação na interpretação da «indolencia lendaria e desabonadora dos homens destas paragens» (J. F. de Araujo Lima, «Ligeira contribuição ao estudo do problema alimentar das populações ruraes do Amazonas», *Boletim Sanitario* (Rio de Janeiro), anno 2, n.º 4.

que tem agido, aproveitando-se da sua fraqueza de gente mal alimentada, a anemia paludica, o beri-beri, as verminoses, a syphilis, a bouba. E quando toda essa quasi inutil população de caboclos e brancarões, mais valiosa como material clinico do que como força economica, se apresenta no estado de miseria physica e de inercia improductiva em que a surprehenderam Miguel Pereira e Belisario Penna, os que lamentam não sermos puros de raça nem o Brasil região de clima temperado o que logo descobrem naquella miseria e naquella inercia é o resultado dos coitos, para sempre damnados, de brancos com pretas, de portugas com indias. É da raça a inercia ou a indolencia. Ou então é do clima, que só serve para o negro. E sentenceia-se de morte o brasileiro porque é mestiço e o Brasil porque está em grande parte em zona de clima quente.

Do que pouco ou nenhum caso tem feito essa sociologia, mais alarmada com as manchas da mestiçagem do que com as da syphilis, mais preoccupada com os effeitos do clima do que com os de causas sociaes susceptiveis de controle ou rectificação, é da influencia que sobre as populações mestiças, principalmente as livres, terão exercido não só a escassez de alimentação, devida á monocultura e ao regimen do trabalho escravo, como a pobreza chimica dos alimentos tradicionaes que ellas, ou antes, que todos os brasileiros, com uma ou outra excepção regional, ha mais de tres seculos consomem: a irregularidade no supprimento e a má hygiene na conservação e na distribuição de grande parte desses generos alimenticios. São populações ainda hoje, ou melhor, hoje mais do que nos tempos coloniaes, pessimamente nutridas. Entre caboclos do Norte as pesquisas de Araujo Lima fizeram-no concluir que a maior parte desse elemento — lyricamente considerado pelos ingenuos a grande reserva de vitalidade brasileira — vive reduzida a um «estado de inferioridade organica.... ás vezes de fallencia declarada». O caboclo — escreve esse hygienista — «annulla o seu valor economico e social numa insuffi-

ciencia nutritiva que, secundada pelo alcoolismo e pela dupla acção distrophica do impaludismo e das verminoses, tem de ser reconhecida como um dos factores de sua inferioridade physica e intellectual » (1).

---

(1) J. F. de Araujo Lima, « Ligeira contribuição ao estudo do problema alimentar das populações ruraes do Amazonas », *Boletim Sanitario*, anno 2, n.º 4, Rio 1923. Essa observação, relativa ao caboclo do extremo Norte, pode-se generalizar, com uma ou outra restricção regional, ao brasileiro pobre das demais zonas ruraes. Em certas regiões do baixo Amazonas, Araujo Lima foi encontrar os trabalhadores de grandes plantações de algodão alimentando-se exclusivamente de um singelo mingau de arroz comido de manhã. « Um *xibé*, cuja base é a farinha dagua, tão pobre em vitaminas, constitue muitas vezes o alimento exclusivo dum homem nas 24 horas ».

Já Azevedo Pimentel surprehendera quasi que as mesmas condições entre os habitantes do Brasil central: maior que a acção devastadora das molestias syphiliticas e venereas, só a dos « desequilibrios ou perversões de nutrição organica » devido a « improprias e pouco nutrientes substancias alimentares. » Quem deu relevo á situação das nossas populações ruraes, mal alimentadas e ainda por cima victimas faceis de uma serie macabra de doenças — impaludismo, opilação, asthma, ankilostomiase, dysenteria, lepra, syphilis — foi Miguel Pereira, logo ratificado por Belisario Penna. Com relação ás populações ruraes e sertanejas da Parahyba depõe José Americo de Almeida: « A miseria organica determinada pela carestia da vida e insufficiencia da alimentação é o campo preparado que vae sendo invadido pelos meios ordinarios de infecção. » (*A Parahyba e seus Problemas*, Parahyba 1924.) Sobre o assumpto vejam-se ainda: as respostas ao inquerito realizado em 1778 pelo Senado do Rio de Janeiro sobre o clima e a salubridade da mesma cidade, n.º 5, vol. 2, anno 2, *Annaes Brasilienses de Medicina; Discurso* na sessão solemne anniversaria da Academia Imperial de Medicina de 30 de julho de 1847 por Roberto Jorge Haddock Lobo, Rio 1848; J. F. X. Sigaud, *Du Climat et des Malaãies du Brésil*, Paris 1844; Alf. Rendu, *Etudes sur le Brésil*, Paris 1835; J. A. B. Imbert, *Ensaio Hygienico e Medico sobre o Clima do Rio de Janeiro e o Regimen Alimentar de seus Habitantes*, Rio 1837; *Discurso sobre as Molestias que mais Affligem a Classe Pobre do Rio de Janeiro* ... por José Martins da Cruz Jobim, Rio 1835; Azevedo Pimentel, *Subsidios para o Estudo da Hygiene do Rio de Janeiro*, Rio 1890; Azevedo Pimentel, *O Brazil Central*, Rio 1907; Louis Couty, « L'Alimentation au Brésil et dans les Pays Voisins », *Revue d'Hygiène de Paris*, 1881; Eduardo Magalhães, *Hygiene Alimentar*, Rio 1908; Alfredo Antonio de Andrade, « Alimentos Brasileiros », *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, vol. VI, 1922; Alberto da Cunha, « Hygiene Alimentar », *Archivos de Hygiene*, n.º 11, Rio; Manuel Quirino, *A Arte Culinaria na Bahia*, Bahia 1928; Theodoro Peckolt, *Historia das Plantas Alimentares e de Gozo do Brasil*, Rio 1871; e as seguintes theses de concurso ou doutoramento: Antonio José de Souza, « Do Regimen das Classes Pobres e dos Escravos na Cidade do Rio de Janeiro em seus Alimentos e Bebidas », Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1851; José Maria Regadas, « Do Regimen das Classes Abastadas no Rio de Janeiro », 1852; José Rodrigues de Lima Duarte, « Ensaio sobre a Hygiene da Escravatura no Brasil », Rio 1849; Antonio Corrêa de

agitantur. Vinum quoque exinde, vulgo *Garapa* dictum, conficiunt, intermiſcendo aquam: quod avidiſſime expetunt incolæ, eoque, ſi vetus ſit redditum, ſe inebriant. Vinum itaque Sacchareum, vinum aduſtum, acetum, mel coctum, ipſumque Saccharum ex primo hoc

Senhor branco do seculo XVII dirigindo o trabalho dos escravos negros num engenho de assucar
(Reproduzido da *Historia Naturalis Brasiliae*, de Guilielmi Pisonis, Amsterladami 1648).

E não só terá sido affectada pela má ou insufficiente alimentação a grande massa de gente livre, mas miseravel, como tambem aquelles extremos da nossa população — as grandes familias proprietarias e os escravos das senzalas — em quem Couty foi encontrar, na falta de «povo», as unicas realidades sociaes no Brasil (1). Senhores e escravos que se consideramos bem alimentados — em certo sentido estes melhor que aquelles (2) — é apenas em relação aos matutos, caipiras, caboclos, aggregados e sertanejos pobres — os seis milhões de inuteis do calculo de Couty para uma população de doze, o vacuo enorme que lhe pareceu haver no Brasil entre os senhores das casas-grandes e os negros das senzalas. «La situation fonctionnelle de cette population peut se résumer d'un mot: le Brésil n'a pas de peuple», escreveu Couty (3). Palavras que Joaquim Nabuco repetiria dois annos depois do scientista francês: «São milhões», escrevia Nabuco em 1883, «que se acham nessa condição intermedia, que não é o escravo, mas tambem não é o cidadão...» Parias inuteis vivendo em choças de palha, dormindo em rede ou estrado, a vasilha de agua e a panella seus unicos utensilios, sua alimentação a fa-

---

Souza Costa, «Qual a Alimentação de que Vive a Classe Pobre do Rio de Janeiro e sua Influencia sobre a Mesma Classe», Rio 1865; Francisco Fernandes Padilha, «Qual o Regimen das Classes Pobres do Rio de Janeiro?», Rio 1852; Francisco Antonio dos Santos Souza, «Alimentação na Bahia», Faculdade de Medicina da Bahia, 1909; Josué de Castro, «O Problema Fisiologico da Alimentação no Brasil», Recife 1932.

(1) Louis Couty, *L'Esclavage au Brésil,* Paris 1881. Opinião tambem do mais claro dos nossos pensadores politicos, o professor Gilberto Amado, no estudo que, do ponto de vista politico, faz da nossa sociedade escravocrata: «As Instituições Politicas e o Meio Social do Brasil», *in Grão de Areia,* Rio 1919.

(2) Theodoro Peckolt na sua *Historia das Plantas Alimentares e de Gozo do Brasil,* I, Rio de Janeiro 1871, chega a considerar o trabalhador europeu da epoca «menos bem alimentado» que o escravo brasileiro. «Assim o escravo no Brasil e o trabalhador da roça em geral», escreve elle, «recebe uma alimentação bôa e nutritiva introduzida desde tempos antigos pela experiencia e não por calculo scientifico...» Refere-se ao trabalhador sob o regimen patriarchal: operario que estava no interesse do proprietario supprir de bôa alimentação.

(3) Louis Couty, *op. cit.*

rinha com bacalhau ou xarque: «a viola suspensa ao lado da imagem» (1).

Os proprios senhores de engenho dos tempos coloniaes que, atravez das chronicas de Cardim e de Soares, nos habituámos a imaginar uns regalões no meio de rica variedade de fructas maduras, verduras frescas e lombos de excellente carne de boi, gente de mesa farta comendo como uns desadorados — elles, suas familias, seus adherentes, seus amigos, seus hospedes — os proprios senhores de engenho de Pernambuco e da Bahia nutriam-se deficientemente: carne de boi má e só uma vez ou outra, os fructos poucos e bichados, os legumes raros. A abundancia ou excellencia de viveres que se surprehendesse seria por excepção e não geral entre aquelles grandes proprietarios.

Grande parte de sua alimentação davam-se elles ao luxo tolo de mandar vir de Portugal e das Ilhas; do que resultava consumirem viveres nem sempre bem conservados: carnes, cereaes e até fructos secos, depreciados nos seus principios, quando não deteriorados pelo mau acondicionamento ou pelas circumstancias do transporte irregular e moroso. Por mais exquisito que pareça, faltavam á mesa da nossa aristocracia colonial legumes frescos, carne verde e leite. Dahi, certamente, muitas das doenças do systema digestivo, communs na epoca e por muito doutor caturra attribuidas aos «maus ares».

Pelo antagonismo que cedo se definiu no Brasil entre a grande lavoura, ou melhor, a monocultura absorvente do littoral e a pecuaria, por sua vez exclusivista, dos sertões, uma se afastando da outra quanto possivel, viu-se a população agricola, mesmo a rica, a opulenta, senhora

---

(1) Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, Londres 1883. Herbert S. Smith fala-nos tambem dessa classe intermedia de parias inuteis que encontrou em suas viagens pelo interior do Brasil nos fins do seculo XIX. (*Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, S. Paulo—Cayeiras—Rio 1922). Attribue a miseria e a incapacidade economicas desses matutos ao facto de serem mestiços de indios e de negros, esquecido de que se viajasse, no seu proprio paiz, pelo velho Sul escravocrata e pelas montanhas de Kentucky e das Carolinas, haveria de encontrar o mesmo detrito humano. Porém gente branca: os «poor white».

de leguas de terra, privada do supprimento regular e constante de alimentos frescos. Cowan tem razão quando apresenta o desenvolvimento historico da maior parte dos povos condicionado pelo antagonismo entre a actividade nomade e a agricola (1). No Brasil esse antagonismo actuou, desde os primeiros tempos, sobre a formação social do brasileiro: nuns pontos favoravelmente; nesse da alimentação, desfavoravelmente.

Da Bahia, tão typica da agricultura latifundiaria por um lado, e da pecuaria absorvente por outro, que uma immensa parte de suas terras chegou a pertencer quasi toda a duas unicas familias, a do senhor da Torre e a do mestre de campo Antonio Guedes de Britto, a primeira com «260 leguas de terra pelo rio de S. Francisco acima á mão direita indo para o sul» e «indo do dito rio para o norte... 80 leguas», a segunda com «160 leguas... desde o Morro dos Chapeus até á nascente do rio das Velhas» (2); da Bahia latifundiaria sabe-se que os grandes proprietarios de terra, afim de não padecerem damnos nas suas lavouras — a de assucar ou a de tabaco — evitavam nos vastos dominios agricolas os animaes domesticos, sendo «as ovelhas e as cabras consideradas como criaturas inuteis» (3), os porcos difficeis por se tornarem monteses com o abandono, o gado vaccum insufficiente para «o serviço dos engenhos, gasto dos açougues e fornecimento dos navios» (4).

---

(1) Andrew Reid Cowan, *Master Clues in World History*, London 1914.

(2) André João Antonil, *Cultura e Opulencia do Brasil por suas Drogas e Minas* — com um estudo bio-bibliographico por Affonso de E. Taunay, S. Paulo-Rio de Janeiro, 1923.

(3) «Afim de que os agricultores não padeçam damno nas suas lavouras por toda a parte são poucos os animaes domesticos», informa Ayres do Cazal na sua já citada *Corographia Brasilica*.

(4) Ayres do Cazal, *op. cit.* Cazal attribue o facto á circumstancia dos pastos não serem geralmente bons e haver «na maior parte... falta d'agua». Mas sem deixar de atinar com a causa social: «afim de que os agricultores não padeçam damno nas suas lavouras.» Capistrano diz, referindo-se ao afastamento do gado, que era porque «cumpria defender os cannaviaes e outras plantações de seus ataques.» (*Dialogos das Grandezas do Brasil*, Introducção de Capistrano de Abreu e Notas de Rodolpho Garcia, ed. da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1930).

Na zona agricola tamanho foi sempre o descuido por outra lavoura, excepto a da canna de assucar ou a do tabaco, que a Bahia, com todo o seu fasto, chegou no seculo XVIII a soffrer de «extraordinaria falta de farinhas»; pelo que de 1788 em diante mandaram os governadores da Capitania incluir nas datas de terra a clausula de que ficava o proprietario obrigado a plantar «mil covas de mandioca por cada escravo que possuisse empregado na cultura da terra» (1). Uma especie da providencia tomada pelo conde de Nassau com relação aos senhores de engenho e aos lavradores de Pernambuco no seculo XVII(2).

É o proprio Cardim quem informa sobre a alimentação dos colonos no seculo XVI: «Neste tempo (pelas grandes calmas, faltas de bons mantimentos, e abundancia de pescado, que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adoeceram muitos dumas febres tão

---

(1) «Fragmentos de uma Memoria sobre as Sesmarias da Bahia» (copia de um MS que parece ter sido da bibliotheca do fallecido Marquez de Aguiar e talvez de sua penna)... *in Livro das Terras ou Collecção da Lei, Regulamentos e Ordens Expedidas a Respeito desta Materia até ao Presente*... 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1860.

(2) Hermann Watjen, *op. cit.* Entre os documentos existentes no archivo Real de Haya e relativos ao Brasil, publicados na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco*, n.º 33. Recife 1887, acham-se varios editaes nesse sentido. Aliás já no seculo XVI encontramos evidencias de intervenção do governo no sentido de regularizar a lavoura de mantimentos sacrificada pela do assucar. Nás *Actas da Camara de S. Paulo (1562-1601)* encontrou Taunnay uma requisição do Governador Geral do Brasil de oitocentos alqueires de farinha destinados a Pernambuco; capitania que, por ser a mais assucareira, sria tambem a mais exposta á carestia ou escassez de mantimentos locaes. A requisição era, porém, superior á capacidade dos paulistas: fornecida toda aquella farinha a Pernambuco, elles é que ficariam em penuria. «Decidiu a Camara», escreve Taunay, «apregoar para o conhecimento de todos os moradores da villa e termo, uma postura em que ficavam intimados a fazer farinha, em obediencia a uma provisão do capitão mor e do ouvidor da capitania de S. Vicente. Tudo sob a ameaça de cincoenta cruzados de multa e dois annos de degredo para as paragens inhospital do Estreito de Magalhães. Tal solicitude pelo aprovisionamento de farinha bem mostra quanto era irregular a producção da lavoura». (Affonso de E. Taunay, *S. Paulo nos Primeiros Tempos*, 1554-1601, Tours, 1920).

colericas, e agudas que em breve se punham em perigo manifesto de vida » (1).

E de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caracter de padre visitador, recebido nos engenhos e collegios com festas e jantares excepcionaes. Era um personagem a quem todo o agrado que fizessem os colonos era pouco: a bôa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitos macios dos grandes senhores de escravos talvez attenuasse a pessima, da vida dissoluta que todos elles levavam nos engenhos de assucar: «...os peccados que se commettem nelles (nos engenhos) não têm conta; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce por que tanto fazem; grande é a paciencia de Deus que tanto soffre » (2).

Pelos grandes jantares e banquetes, por essa ostentação de hospitalidade e de fartura não se ha de fazer idéa exacta da alimentação entre os grandes proprietarios; muito menos da commum, entre o grosso dos moradores. Commentando a descripção de um jantar colonial em Boston no seculo XVIII — um jantar de dia de festa com pudins de ameixa, carne de porco, gallinha, toucinho, *beef,* carne de carneiro, todas essas carnes nadando em espesso molho — perú assado, bolos, pasteis, queijos, etc. — todo um excesso de proteina de origem animal — o professor Percy Goldthwait Stiles, de Harvard, observa muito sensatamente que semelhante fartura talvez não fosse typica do regimen alimentar entre os colonos da Nova Inglaterra; do ordinario, do commum, do de todo dia. Que as festas gastronomicas entre elles talvez se compensassem com os jejuns (3). O que parece poder applicar-se, com litteral exactidão, aos banquetes coloniaes no Brasil intermeados decerto por muita par-

---

(1) Fernão Cardim, *Tratado da Terra e Gente do Brasil,* Introducção e Notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, Rio, 1925.

(2) Cardim, *op. cit.*

(3) Percy Goldthwait Stiles, *Nutritional Physiology,* Philadelphia and Boston, 1931.

cimonia alimentar, quando não pelos jejuns e pelas abstinencias mandadas observar pela Santa Igreja. Desta a sombra matriarchal se projectava então muito mais dominadora e poderosa sobre a vida intima e domestica dos fieis do que hoje.

Impossivel concluir dos banquetes que o padre Cardim descreve, e a que allude Soares, que fosse sempre de fartura o passadio dos colonos; forte e variada sua alimentação; que o Brasil dos primeiros seculos coloniaes fosse o tal «paiz de Cocagne» da insinuação um tanto litteraria de Capistrano de Abreu (1). É ainda no proprio Cardim que vamos recolher este depoimento de um flagrante realismo: «No Collegio da Bahia nunca falta um copinho de vinho de Portugal sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser relaxada e os mantimentos fracos» (2). Note-se de passagem que nesse mesmo vinho de Portugal afogavam os Puritanos da Nova Inglaterra a sua tristeza (3).

Paiz de Cocagne cousa nenhuma: terra de vida apertada e difficil é que foi o Brasil dos tres seculos coloniaes. A sombra da monocultura esterilizando tudo. Os grandes senhores ruraes sempre endividados. As sauvas, as enchentes, as seccas difficultando ao grosso da população o supprimento de viveres.

O luxo asiatico, que muitos imaginam generalizado ao Norte assucareiro, circumscreveu-se a familias privilegiadas de Pernambuco e da Bahia. E este mesmo um luxo morbido, doentio, incompleto. Excesso numas cousas, e esse excesso a custa de dividas (4); deficiencia noutras. Palanquins forrados de seda, mas telha-vã nas casas-grandes e bichos cahindo na cama dos moradores.

No Pará no seculo XVII «as familias de alguns homens nobres» não podem vir á cidade pelas festas de Natal (1661) «por causa de suas filhas donzelas não terem

---

(1) Capistrano de Abreu, *Tratado da Terra e Gente do Brasil*, Appenso.
(3) Cardim, *op. cit.*
(2) Stiles, *op. cit.*
(4) Cardim, *op. cit.*

que vestir para irem ouvir missa» (1). Recorda João Lucio de Azevedo que exprobrando Antonio Vieira á Camara do Pará não haver na cidade açougue, nem ribeira, ouvia em resposta ser impossivel o remedio «como impossivel era haver pagamento pelo sustento ordinario». E accrescenta: «A alimentação trivial, de caça e pescado, abundante nos primeiros tempos, rarefez-se á proporção que o numero de habitantes augmentava... As terras, sem amanho nem intelligente cultura, perdiam a primitiva fertilidade e os moradores retiravam-se, passando para outras estancias suas casas e lavouras» (2). Do Maranhão é o padre Vieira quem salienta não haver, no seu tempo, em todo o Estado, «açougue, nem ribeira, nem horta, nem tendas onde se vendessem as cousas usuaes para o comer ordinario» (3). De todo o Brasil é o padre Anchieta quem informa andarem os colonos no seculo XVI, mesmo «os mais ricos e honrosos» e os missionarios, de pé descalço, á maneira dos indios (4); costume que parece ter-se prolongado ao seculo XVII e aos proprios fidalgos olindenses — os taes dos leitos de seda para a hospedagem dos padres visitadores e dos talheres de prata para os banquetes de dia de festa. Seus tecidos finos seriam talvez para as grandes occasiões. Por uma scena que Maria Graham presenciou em Pernambuco nos principios do seculo XIX (5) parece igualmente ter prevalecido entre nossos fidalgos de garfo de prata... para inglês ver (mas inglês raramente se deixa illudir por apparencias douradas ou prateadas) o gosto de comer regaladamente com a mão. Nem esqueçamos este formidavel contraste nos senhores de engenho: a cavallo grandes fidalgos de estribo de prata, mas em casa uns franciscanos, descalços, de chambre de chita e ás vezes

---

(1) Berredo, *apud* J. Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão-Pará*, 2.ª ed., Coimbra, 1930.
(2) J. Lucio de Azevedo, *op. cit.*
(3) Padre Antonio Vieira, *apud* J. Lucio de Azevedo, *op. cit.*
(4) *Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta, S. J., (1584-1586)*, Rio, 1886.
(5) Maria Graham, *Journal of a Residence in Brasil, during the Year 1822, and a Voyage from Chile to Brazil in 1823*, London, 1824.

só de ceroulas. Quanto ás grandes damas coloniaes, ricas sedas e um luxo de tetéas e joias na igreja, mas na intimidade, de «cabeção», saia de baixo, chinello sem meias (1). Effeito em parte do clima, esse vestuario tão a fresca; mas tambem expressão do franciscanismo colonial, no trajar como no comer, dos dias communs.

A propria S. Salvador da Bahia, quando cidade dos Vice-Reis, habitada por muito ricaço português e da terra, cheia de fidaglos e de frades, notabilizou-se pela pessima e deficiente alimentação. Tudo faltava: carne fresca de boi, aves, leite, legumes, fructas; e o que apparecia era da peor qualidade ou quasi em estado de putrefacção. Fartura só a de doce, geléas e pasteis fabricados pelas freiras nos conventos: era com que se arredondava a gordura dos frades e das sinhadonas.

Má nos engenhos e pessima nas cidades: tal a alimentação da sociedade brasileira nos seculos XVI, XVII e XVIII. Nas cidades, pessima e escassa. O bispo de Tucuman, tendo visitado o Brasil no seculo XVII, observou que nas cidades «mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe e nada lhe traziam, porque nada se achava na praça nem no açougue»; tinha que recorrer ás casas particulares dos ricos (2). As cartas do padre Nobrega falam-nos da «falta de mantimentos» (3) e Anchieta refere nas suas que em Pernambuco não havia matadouro na villa, precisando os padres do collegio de criar algumas cabeças de bois e vaccas para sustento seu e dos meninos: «se assim não o fizessem, não teriam o que comer». E accrescenta: «Todos sustentam-se mediocremente ainda que com trabalho por as cousas valerem mui caras, e trezdobro do que em Por-

---

(1) Sobre o desmazelo no trajo domestico da nossa gente colonial, mesmo a illustre, leiam-se James Henderson, *A History of the Brazil*, London, 1821; John Luccock, *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil*, London, 1820.

(2) *Historia do Brasil por Frei Vicente do Salvador*, ed. revista por Capistrano de Abreu, S. Paulo e Rio, 1918.

(3) Nobrega, *Cartas*, cit.

tugal » (1). De carne de vacca informa não ser gorda: « não muito gorda por não ser a terra fertil de pastos » (2). E quanto a legumes: « da terra ha muito poucos ». É ainda do padre Anchieta a informação: « Alguns ricos comem pão de farinha de trigo de Portugal, maximé em Pernambuco e Bahia, e de Portugal tambem lhes vem vinho, azeite, vinagre, azeitona, queijo, conserva e outras cousas de comer » (3).

Era uma dieta, a da Bahia dos Vice-Reis, com os seus fidalgos e burgueses ricos vestidos sempre de seda de Genova, de linhos e algodão da Hollanda e da Inglaterra e até de tecidos de ouro importados de Paris e de Lyon; era uma dieta, a delles, em que na falta de carne verde se abusava de peixe, variando-se apenas o regimen ichtyophago com carnes salgadas e queijos do Reino, importados da Europa juntamente com outros artigos de alimentação (4). « Não se vê carneiro e raro é o gado bovino que preste », informava sobre a Bahia o abbade Reynal (5). Nem carne de vacca nem de carneiro nem mesmo de gallinha. Nem fructas nem legumes; que legumes eram raros na terra e fructos quasi que só chegavam á mesa já bichados ou então tirados verdes para escaparem á gana dos passarinhos, dos tapurús e

---

(1) *Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta, S. J.* (1584-1586), *in Materiaes e Achegas para a Historia e Geographia por Ordem do Ministerio da Fazenda*, n.º 1, Rio de Janeiro, 1886.

(2) Anchieta, *Informações*, cit.

(3) Anchieta, *Informações*, cit.

(4) « Il y a quantité de Boeufs, de Cochons, de Moutons, de Volailles & de Gibier; mais tout y est extrémement cher. La Flote qui y vient tous les ans de Portugal apporte des vins, des farines, de l'huile, du fromage . . . », informa a *Relation du Voyage autour du Monde de Mr. de Gennes au Détroit de Magellan* par le Sr. rroger, Amsterdam 1699. Veja-se tambem La Barbinais, *Nouveau Voyage autour du Monde*, (Paris, 1728-29).

(5) « On n'y voit point de moutons; la volaille y est rare & le boeuf mauvais. Les fourmis y désolent, comme dans le reste de la colonie, les fruits et les légumes. D'un autre côte, les vins, les farines, tous les vivres qu'on apporte d'Europe, arrivent pas toujours bien conservés. Ce qui a échappé à la corruption est d'une cherté prodigieuse ». *Histoire Philosophique et Politique des Etablissements & du Commerce des Européens dans les Deux Indes*, (A Genève, MDCCLXXV).

dos insectos. A carne que se encontrava era magra, de gado vindo de longe, dos sertões, sem pastos que o refizessem da penosa viagem. Porque as grandes lavouras de assucar ou de tabaco não se deixavam manchar de pastos para os bois descidos dos sertões e destinados ao corte. Bois e vaccas que não fossem os de serviço eram como se fossem animaes damnados para os latifundiarios.

Vaccas leiteiras sabe-se que havia poucas nos engenhos coloniaes, quasi não se fabricando nelles nem queijo nem manteiga, nem se comendo, senão uma vez por outra, carne de boi. Isto, explica Capistrano de Abreu, «pela difficuldade de criar reses em lugares improprios á sua propagação». Difficuldade que reduziu este gado ao estrictamente necessario ao serviço agricola (1). Era a sombra da monocultura projectando-se por leguas e leguas em volta das fabricas de assucar e a tudo esterilizando ou suffocando, menos os cannaviaes e os homens e bois a seu serviço.

Não só na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão como em Sergipe d'El-Rei e no Rio de Janeiro verificou-se, com maior ou menor intensidade, atravez do periodo colonial, o phenomeno, tão perturbador da eugenia brasileira, da escassez de viveres frescos, quer animaes quer vegetaes. Mas talvez em nenhum ponto tão agudamente como em Pernambuco (2). Nessa capitania por excellencia assucareira e latifundiaria, onde, ao findar o seculo XVIII e principiar o XIX, calculava-se estar a terra agricola, vizinha do mar, no dominio de oito ou dez senhores de engenho — «entre duzentos vizinhos,

(1) Capistrano de Abreu, Introducção aos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cit.

(2) Um documento do seculo XVI, quasi desconhecido no Brasil — «A discourse of the West Indies and South Sea written by Lopez Vaz a Portugal borne in the citie of Elvas continued unto the yere 1587, etc.» incluido em *The Principal Navigations Voyages Traffiques & Discoveries of the English Nation* ... by Richard Hakluyt, London MCMXXVII, informa sobre o Pernambuco do seculo XVI, opulento de engenhos de assucar: «... yet are they in great want of victuals that come cither from Portugal or from some places upon the coast of Brasil».

oito ou dez proprietarios» que de ordinario só permittiam aos rendeiros «plantar canna para ficarem com a meação» (1), — a carestia de mantimentos de primeira necessidade se faz sentir ás vezes angustiosamente entre os habitantes. Debalde tentara o conde de Nassau no seculo XVII dar geito a semelhante desequilibrio na vida economica da grande capitania assucareira. E como na Bahia e em Pernambuco, tambem no Rio de Janeiro o gado não chegou nunca para «o consumo dos açougues e serviço dos engenhos» (2), evitando-se a sua presença nas plantações de canna e mesmo a sua proximidade; e tanto quanto naquellas capitanias do norte estiveram sempre as terras no Rio de Janeiro concentradas nas mãos de poucos: grandes latifundiarios plantadores de canna — inclusive os frades do Mosteiro de S. Bento. Sob semelhante regimen de monocultura, de latifundio e de trabalho escravo não desfructou nunca a população da abundancia de cereaes e legumes verdes.

De modo que a nutrição da familia colonial brasileira, a dos engenhos e notadamente a das cidades, surprehende-nos pela sua má qualidade: pela pobreza evidente de proteinas e possivel de albuminoides; pela falta de vitaminas; pela de calcio; e, por outro lado, pela riqueza certa de toxinas. O brasileiro de bôa estirpe rural difficilmente poderá, como o inglês, voltar-se para o longo passado de familia na certeza de dez ou doze gerações de avós bem alimentadas de *beef-steak* e legumes, de leite e ovos, de avêa e fructas a lhe assegurarem de longe o desenvolvimento eugenico, a saude solida, a robustez physica, tão difficeis de ser perturbadas ou affectadas por outras influencias sociaes quando predomina a da hygiene de nutrição.

Se a quantidade e a composição dos alimentos não determinam sozinhas, como querem os extremistas — os

---

(1) Ayres do Cazal, *op. cit.*
(2) Ayres do Cazal, *op. cit.*

que tudo crêem poder explicar pela dieta (1) — as differenças de morphologia e de psychologia, o grau de capacidade economica e de resistencia ás doenças entre as sociedades humanas, sua importancia é entretanto consideravel, como o vão revelando pesquisas e inqueritos nesse sentido. Já se tenta hoje rectificar a anthropogeographia dos que, esquecendo os regimens alimentares, tudo attribuem aos factores *raça* e *clima;* nesse movimento de rectificação deve ser incluida a sociedade brasileira, exemplo de que tanto se servem os alarmistas da mistura de raças ou da malignidade dos tropicos a favor da sua these de degeneração do homem por effeito do clima ou da miscegenação. É uma sociedade, a brasileira, que a indagação historica revela ter sido em larga phase do seu desenvolvimento, mesmo entre as classes abastadas, um dos povos modernos mais desprestigiados na sua eugenia e mais compromettidos na sua capacidade economica pela deficiencia de alimento. Aliás, a indagação levada mais longe, aos antecedentes do colonizador europeu do Brasil, mesmo dos colonos de prol, revela-nos no peninsular dos seculos XV e XVI, como adiante veremos, um povo profundamente perturbado no seu vigor physico e na sua hygiene por um pernicioso conjuncto de influencias economicas e sociaes. Uma dellas, de natureza religiosa: o abuso dos jejuns.

Pode-se generalizar sobre as fontes e o regimen de nutrição do brasileiro: as fontes — vegetação e aguas — resentem-se da pobreza chimica do solo, exiguo, em larga

---

(1) E. V. McCollun e Nina Simmonds no seu trabalho *The Newer Knowledge of Nutrition* (New York, 1929) oppõem ao criterio de Huntington o da dieta: por elle explicam, entre outros factos attribuidos á influencia do clima ou da raça, a differença que em poucas gerações operou-se entre ingleses do mesmo *stock*: os que emigraram da Georgia nos fins do seculo XVIII, uns para o Canadá, outros para as ilhas Bahamas. Estes degeneraram: aquelles conservaram-se vigorosos. A dieta dos primeiros: leite, vegetaes, carne, trigo em abundancia. A dos outros, uma especie de dieta brasileira.

extensão, de calcio (1); o regimen, quando não pecca pela deficiencia em qualidade tanto quanto em quantidade, resente-se sempre da falta de equilibrio (2). Esta ultima situação, geral: inclue as classes abastadas. A deficiencia pela qualidade e pela quantidade é e tem sido desde o primeiro seculo, o estado de parcimonia alimentar de grande parte da população. Parcimonia ás vezes disfarçada pela illusão da fartura que dá a farinha de mandioca (3) intumescida pela agua.

A pobreza de calcio do solo brasileiro escapa quasi de todo ao controle social ou á rectificação pelo homem; as outras duas causas, porém, encontram explicação na historia social e economica do brasileiro — na monocultura, no regimen de trabalho escravo, no latifundio (4). São susceptiveis de correcção ou de controle.

---

(1) Em estudo sobre o valor nutritivo dos alimentos brasileiros Alfredo Antonio de Andrade salienta que o calcio «...diffunde-se exiguo no solo brasileiro, para concentrar-se em depositos riquissimos por determinados pontos do territorio». As plantas «não o encerram commumente em teor muito alto». Quasi uma sentença de morte em face do apurado pelas pesquisas modernas: que «...em torno do calcio gyra a defesa organica, maxime a resistencia ás causas infectuosas e ás doenças dyscrasicas e delle dependem todos os phenomenos subordinados á actividade dos musculos, nervos e glandulas, presa a suas proporções com os conios sodio, potassio e magnesio. Infelizmente essa escassez se dá, por igual, em nossas aguas...» (Alfredo Antonio de Andrade, «Alimentos Brasileiros», cit.

(2) Antonio Martins de Azevedo Pimentel, *Subsidios para o Estudo da Hygiene do Rio de Janeiro*, Rio, 1890.

(3) A farinha não é àpenas alimento de fraco valor: é prejudicial. Mesmo quando ingerida secca, «duplicando de volume, distende fortemente as paredes do estomago...», podendo dar lugar a «fermentações anormaes». Além do que, pela «existencia de fibras lenhosas da raiz de mandioca», contribue para «a formação de bolos fecaes endurecidos, constituindo verdadeiros *fecalomas*, capazes de resistirem ás mais fortes lavagens e aos mais energicos purgativos...» (Francisco Antonio dos Santos Souza, «Alimentação na Bahia», These apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia 1909.

(4) Inteiramente errado, ao nosso ver, Josué de Castrto no seu trabalho «O Problema Fisiologico da Alimentação Brasileira» — no qual chega, aliás, do ponto de vista physiologico e atravez da technica mais recente na sua especialidade, ás mesmas conclusões geraes que nós, neste ensaio, pelo criterio sociologico e sondagem dos antecedentes sociaes do brasileiro, isto é, «muitas das consequencias morbidas incriminadas aos effeitos desfavoraveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas basicos do regimen alimentar» — quando considera os alimentos ricos de carbono os «...de acquisição mais barata pela sua abundancia natural, num paiz agricola como o

Si exceptuamos da nossa generalização sobre a deficiencia alimentar na formação brasileira as populações paulistas, é por terem actuado sobre ellas condições um tanto diversas das predominantes no Rio de Janeiro e ao Norte: geologicas e meteorologicas, favorecendo o esforço agricola generalizado e até a cultura, embora mediocre, do trigo; de provavel superioridade de composição chimica do solo, dando em resultado maior riqueza dos productos destinados á alimentação; sociaes e economicas, da parte dos primeiros povoadores, que não sendo gente das mesmas tradições e tendencias ruraes, nem dos mesmos recursos pecuniarios dos colonizadores de Pernambuco, mas na maior parte ferreiros, carpinteiros, alfaiates, pedreiros, tecelões, entregaram-se antes á vida semi-rural e gregaria que á latifundiaria e de monocultura; e ainda economicas, por ter prevalecido no planalto paulista a concentração das duas actividades, a agricola e a pastoril (1), em vez da divisão quasi balkanica em esforços separados e por assim dizer inimigos, que condicionou o desenvolvimento da Bahia, do Maranhão, de Pernambuco, do Rio de Janeiro.

As generalizações do professor Oliveira Vianna, que nos pintou com tão bonitas côres uma população paulista de grandes proprietarios e opulentos fidalgos rus-

---

nosso». «A alimentação intuitiva, habitual, das classes pobres, trabalhadoras», accrescenta, «está sob este ponto de accordo com os fundamentos physiologicos». Procuramos indicar neste ensaio justamente o contrario; que a monocultura sempre difficultou entre nós a cultura de vegetaes destinados á alimentação. Do que ainda hoje se sente o effeito na dieta do brasileiro — na do rico e especialmente na do pobre. Nesta o legume entra raramente; uma fructa ou outra, a rapadura ou o mel de furo, um peixinho fresco ou a carne de caça, quebra, quando Deus é servido, a rigidez do regimen alimentar do brasileiro pobre: farinha, xarque e bacalhau. O proprio feijão já é luxo.

(1) Diz Anchieta na sua «Informação da Provincia do Brasil para Nosso Padre», (1585), que em Piratininga a terra era «de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados», «abastada de muitos mantimentos», informação que coincide com outro depoimento, quinhentista como o de Anchieta, transcripto pelo professor Taunay em *Non Ducor, Duco* (S. Paulo, 1924): o do padre Balthazar Fernandes, que escrevera de Piratininga em 1569 «haver muito pasto dos campos... que são de quem os quer» além de «bom mantimento» e «muito gado vaccum».

ticos, teem sido ultimamente rectificadas, naquelles seus falsos dourados e azues, por investigadores mais realistas e melhor documentados que o illustre sociologo das *Populações Meridionaes do Brasil*: Affonso de E. Taunay (1), Alfredo Ellis (Junior) (2), Paulo Prado (3) e Alcantara Machado (4). Baseado nesses auctores e na documentação riquissima mandada publicar por Washington Luis (5), é que divergimos do conceito de ter sido a formação paulista latifundiaria e aristocratica tanto quanto a das capitanias assucareiras do Norte. Ao contrario: não obstante as profundas perturbações do bandeirismo, foi talvez a que se processou com mais equilibrio. Principalmente no tocante ao systema de alimentação.

« Muito equilibrada, além de farta, teria sido a nutrição nos primeiros seculos, quanto aos seus elementos chimicos », escreve da alimentação dos povoadores paulistas Alfredo Ellis (Junior), que, para affirmal-o, baseia-se em informações dos *Inventarios e Testamentos*; « pois », accrescenta, « não só tinham elles em abundancia a proteina da carne de seus rebanhos de bovinos como tambem lhes sobrava a carne de porco, que é rica em materias gordurosas de grande valor, o que os fazia carnivoros, além de copiosa variedade na alimentação cerealifera, como o trigo, a mandioca, o milho, o feijão, etc., cujas plantações semeavam ás redondezas paulistanas e que conteem elevada percentagem de hydrocarbonados, muito ricos em calorias ». É ainda Alfredo Ellis (Junior) que lembra esta observação de Martius sobre

---

(1) E' já das mais vastas a obra, que se poderia classificar de profundo realismo historico, do professor Affonso de E. Taunay. A elle somos todos devedores de importantes revisões e rectificações na historia social e economica do nosso paiz. Na sua obra avulta o estudo definitivo das bandeiras paulistas — *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*, S. Paulo, 1924-1929 — que é talvez a investigação historica, especializada, mais seria que já se emprehendeu no Brasil.

(2) *Raça de Gigantes*, cit.

(3) *Paulisticas*, S. Paulo.

(4) *Vida e Morte do Bandeirante*, cit.

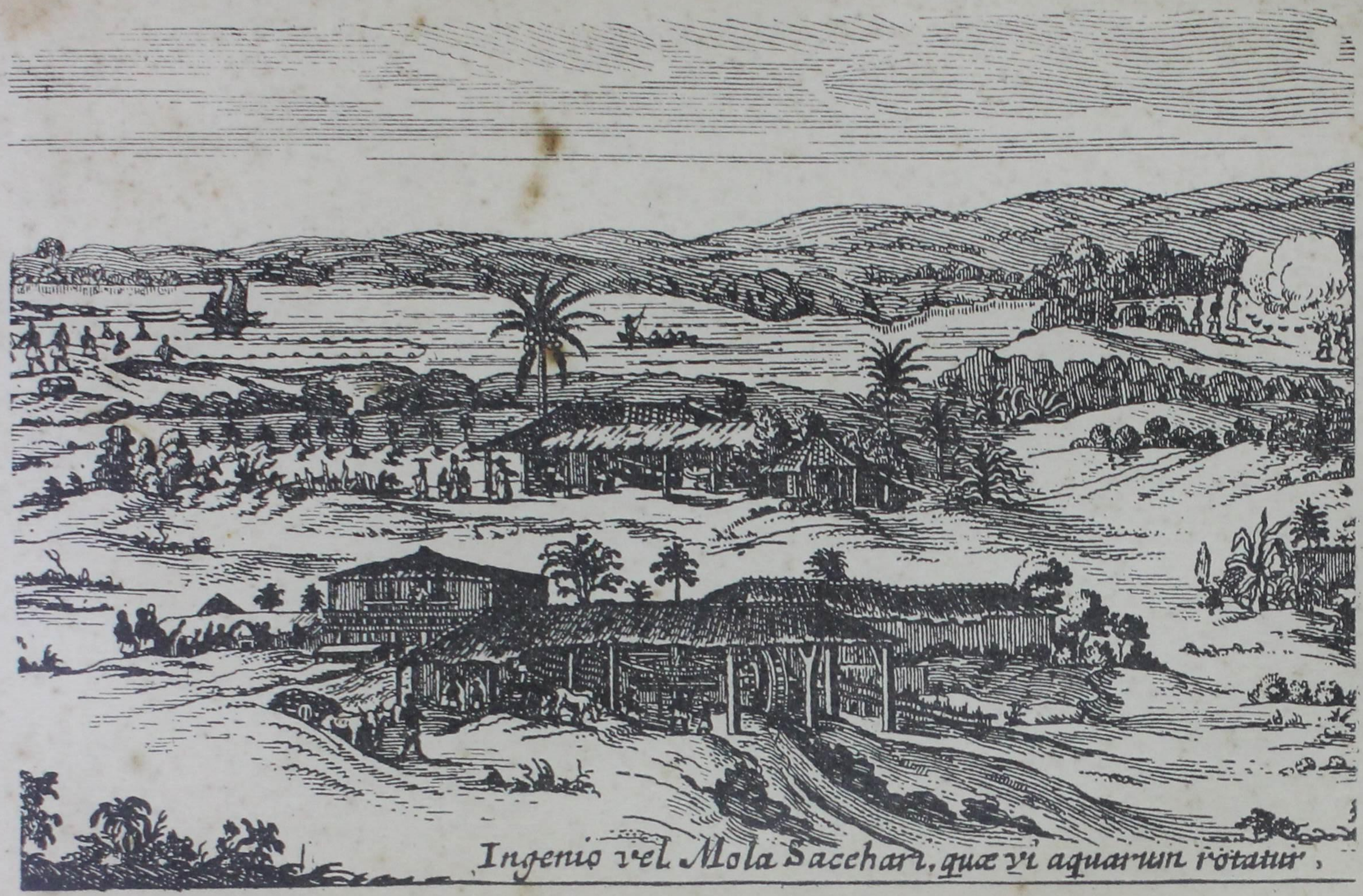
(5) Principalmente os *Inventarios e Testamentos*, Archivo do Estado de S. Paulo 1920-1921.

as populações paulistas: que o caracter das doenças em S. Paulo differia consideravelmente das condições pathologicas observadas no Rio (1). Martius attribue o facto á differença de clima — factor que estava então em moda exaltar-se — e, vagamente, a differenças de constituição dos habitantes. Fosse mais longe no diagnostico e chegaria sem duvida importante causa ou facto social determinante daquella differença de condições pathologicas entre populações tão proximas. Essa causa, a differença nos dois systemas de nutrição. Um, o deficiente de populações suffocadas no seu desenvolvimento eugenico e economico pela monocultura; o outro, equilibrado, em virtude da maior divisão de terras e melhor coordenação de actividades — a agricola e a pastoril — entre os paulistas (2). Destes a saude economica se transmittiria mais tarde aos mineiros; os quaes, passada a phase turbulenta do ouro e dos diamantes, se aquietariam na gente mais estavel, mais equilibrada e, talvez, melhor nutrida do Brasil.

---

(1) « Verificam-se aqui com mais frequencia », escrevia Martius de S. Paulo (Ellis, *op. cit.*), « doenças rheumaticas e estados inflammatorios, principalmente dos olhos, do peito, do pescoço e subsequente thysica pulmonar e tracheal, etc. Ao contrario, as doenças gastricas são mais raras, faltando aquella fraqueza geral do systema digestivo, assim como as cardialgias que são tão frequentes nos habitantes das regiões mais proximas do Equador, parecendo augmentar na mesma proporção do calor ». Ruediger Bilden desvia do clima e da miscegenação para a escravidão a responsabilidade pelos nossos principaes vicios de formação social, economica e moral; nós nos inclinamos a desvial-a antes para a monocultura e para o latifundio, sem desconhecermos por um momento, nem pretendermos diminuir a importancia tremenda da escravidão. Apenas se tivessemos de condicionar ou subordinar uma á outra, subordinariamos a escravidão á monocultura latifundiaria.

(2) Nos fins da epoca colonial o medico sueco Gustavo Beyer, tanto quanto os chronistas jesuitas do seculo XVI, salientava « a enorme abundancia de viveres dos mercados » em S. Paulo: fructas e legumes, cereaes e tuberculos, aves e animaes de corte. E accrescentava que nunca como em S. Paulo vira população de tão bello aspecto, jamais encontrara tão poucos aleijados... (Veja-se Affonso de E. Taunay, *Non Ducor, Duco*, cit.).



Engenho de assucar do seculo XVII
(Reproduzido no livro de Gaspar Barleus, *Rerum per Octennium*, etc.)

Cremos poder affirmar-se que na formação do brasileiro — considerada sob o ponto de vista da nutrição — a influencia mais salutar tem sido a do africano: quer atravez dos valiosos alimentos, principalmente vegetaes, que por seu intermedio vieram-nos da Africa, quer atravez do seu regimen alimentar, melhor equilibrado do que o do branco— pelo menos aqui, durante a escravidão. Dizemos aqui, como escravo, porque bem ou mal os senhores de engenho tiveram no Brasil o seu arremedo de *taylorismo*, procurando obter do escravo negro, comprado caro, o maximo de esforço util e não simplesmente o maximo de rendimento.

Da energia africana ao seu serviço cedo aprenderam muitos dos grandes proprietarios que, abusada ou esticada, rendia menos que bem conservada: dahi passarem a explorar o escravo no objectivo do maior rendimento mas sem prejuizo da sua normalidade de efficiencia. A efficiencia estava no interesse do senhor conservar no negro — seu capital, sua machina de trabalho, alguma cousa de si mesmo: donde a alimentação farta e reparadora que Peckolt observou dispensarem os senhores aos escravos no Brasil (1). Podia não ser nenhum primor de culinaria a alimentação do negro nos engenhos brasileiros; mas faltar nunca faltava. E sua abundancia de milho, toucinho e feijão recommenda-a como regimen apropriado ao duro esforço exigido do escravo agricola.

O escravo negro no Brasil parece-nos ter sido, com todas as deficiencias do seu regimen alimentar, o elemento melhor nutrido em nossa sociedade; explicando-se em grande parte pelo factor *dieta* serem em geral de ascendencia africana muitas das melhores expressões actuaes de vigor ou de belleza physica em nosso paiz: as mulatas, as bahianas, as creoulas, as quadraronas e

---

(1) Peckolt, *op. cit.* Peckolt accrescenta quanto ao regimen alimentar dos escravos: «...o fazendeiro acertou com os meios proprios para a substituição do material gasto».

principalmente as oitavonas (1); os cabras de engenho (2), os marinheiros nacionaes e os fusileiros navaes (3), os capoeiras, os capangas, os athletas, os estivadores no Recife e em S. Salvador, muitos dos jagunços dos sertões bahianos e dos cangaceiros do Nordeste. A exaltação lyrica que se faz entre nós do caboclo, isto é, do indigena tanto quanto do indio civilizado ou do mestiço de indio com branco, no qual querem alguns enxergar o expoente mais puro da capacidade physica, da belleza e até da resistencia moral da sub-raça brasileira (4) não corres-

---

(1) Sylvio Romero, *Historia da Litteratura Brasileira,* Rio, 1888.

(2) José Americo de Almeida no seu estudo sobre as populações parahybanas diz, referindo-se á negroide dos «antigos centros da escravaria» nos brejos: «...esse homem (o brejeiro), mal comido e mal vestido, lida no eito, curvado sobre a enxada, de sol a sol ou ao rigor das inverneiras, com uma infatigabilidade de que nenhum outro seria capaz... Apesar desse regimen de privações e esgotamento, o typo não é dos mais apoucados: apresenta, ao contrario, exemplos de robusta compleição — cabras herculeos que resistem ás mais penosas labutas, como a da *bagaceira*». *(Op. cit.)*. Igual observação fizera Lafcadio Hearn entre as populações mestiças (mulatos, quadrarões, oitavões, etc.) das Indias Occidentaes francesas: «Without fear of exaggerating facts, I can venture to say that the muscular development of the working-men here is something which must be seen in order to be believed; — to study fine displays of it, one should watch the blacks and half-breeds working naked to the waist — on the landings, in the gas-houses and slaughter-houses, or in the nearest plantations». (*Two Years in the French West Indies,* New York and London, 1923). De Lafcadio pode-se dizer, em resposta á allegação de que seria simples escriptor e não scientista, que enxergava mais, como simples escriptor, do que muito sociologo. Aliás elle cita a seu favor o depoimento de J. J. J. Cornilli, que no seu estudo medico *Recherches Chronologiques et Historiques sur l'Origine et la Propagation de la Fièvre Jaune aux Antilles* salienta a robustez e o vigor physico do mestiço de Martinica.

(3) Já em principios do seculo XIX o inglês Henry Koster contrastava em Pernambuco os regimentos de milicia formados exclusivamente por pretos e mulatos com os regimentos de linha, formados por portugueses, concluindo pela melhor apparencia physica dos homens de côr. (*Travels in Brazil,* London, 1816).

(4) Chamar-se a alguem de «caboclo» no Brasil quasi que é sempre elogio do seu caracter ou da sua capacidade de resistencia physica e moral. Em contraste com «mulato», «negro», «muleque», «creoulo», «pardo», «pardavasco», «sarará», que em geral envolvem intenção depreciativa da moral, da cultura ou da situação social do individuo. Muito mulato brasileiro de elevada posição social ou politica faz questão de dizer-se caboclo: «nós caboclos», «não fosse eu caboclo», etc. E Julio Bello refere que o velho Sebastião do Rosario, conhecido senhor de engenho pernambucano do seculo XIX, Wanderley puro, dos bons, dos de Serinhaen, a pelle avermelhada de europeu, os olhos azues, o cabello ruivo, quando exaltava-se, contente,

ponde senão superficialmente á realidade. Neste ponto já o mestre admiravel que é o professor Roquette Pinto insinuou a necessidade de rectificar-se Euclydes da Cunha, nem sempre justo nas suas generalizações. Muito do que Euclydes exaltou como valor da raça indigena, ou da sub-raça formada pela união do branco com o indio, são virtudes provindas antes da mistura das tres raças que da do indio com o branco; ou tanto do negro quanto do indio ou do português. «A mestiçagem», diz Roquette Pinto, «deu o jagunço: o jagunço não é mameluco, filho de indio e branco. Euclydes estudou-o na Bahia; Bahia e Minas são os dois Estados da União em que mais se espalhou o africano» (1).

Salienta mais o anthropologista brasileiro que «é grave erro acreditar que no grande sertão central e na baixada amazonica o sertanejo seja só caboclo». «Tanto nas chapadas do Nordeste como nos seringaes», accrescenta, «ha *cafusos* ou *caborés*, representantes de uma parte de sangue africano». E sublinha o facto de muito negro ter deixado o littoral ou a zona assucareira para ir se *aquilombar* no sertão: «Muitos escravos fugiam para se *aquilombar* nas matas, na vizinhança de tribus indias. A fuga das mulheres era mais difficil; de sorte que o rapto das indias foi largamente praticado pelos pretos quilombolas» (2).

Já no seu estudo *Rondonia* (3) publicara Roquette Pinto interessante documentação por elle desencantada do archivo do Instituto Historico Brasileiro sobre os

---

nos seus grandes jantares, era para gabar-se, falsamente, de ser «caboclo». Mulato ou tocado de sangue negro é que ninguem quer ser quando nas alturas. Rarissimas as excepções.

(1) E. Roquette Pinto, *Seixos Rolados*, Rio 1927. «Todavia elementos não faltam no livro *Os Sertões*», accrescenta Roquette Pinto, «para provar que aquelles homens que «antes de tudo eram fortes» tinham farta gotta de sangue negro. E' só reler a descripção do povileu de Canudos: «Todas as idades, todos os typos, todas as côres... grenhas maltratadas de creoulas retintas; cabellos corredios de caboclas, trunfas escandalosas de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legitimas embaralhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flôr, toucado ou coifa por mais pobre».

(2) Roquette Pinto, *op. cit.*

(3) Roquette Pinto, *Rondonia*, Rio 1917.

caborés da Serra do Norte, em pleno Brasil central: hybridos de negros fugidos das minas com mulheres indias por elles raptadas. Os raptos a que se entregaram por toda a parte os negros aquilombados não foram apenas de «sabinas pretas... pelos engenhos», como diz Ulysses Brandão (1), mas tambem, e principalmente, de caboclas. Gastão Cruls, viajando recentemente pelo baixo Cuminá, deu com varios remanescentes de antigos mocambos ou quilombos, isto é, de negros fugidos de engenhos e de fazendas. «Aliás», escreve elle, «quasi todos os rios da Amazonia tiveram desses refugios de escravos e até no alto Içá Crevaux foi surpresar a choça de uma preta velha» (2). Por onde se vê que até mesmo onde se suppõe conservar-se mais puro o sangue amerindio ou o hybrido de português com indio chegou o africano: ao coração mesmo da Amazonia, á Serra do Norte e aos sertões.

A supposta immunidade absoluta do sertanejo do sangue ou da influencia africana não resiste a exame demorado. Si são numerosos os brancos puros em certas zonas sertanejas, noutras se fazem notar residuos africanos. Um estudo interessantissimo a fazer seria a localização de reductos de antigos escravos que teriam borrado de preto, hoje empallidecido, muita região central do Brasil. Essas concentrações de negros puros correspondem necessariamente a manchas negroides no seio de populações afastadas dos centros de escravaria. Escasseavam entre os escravos fugidos as mulheres de sua côr, recorrendo elles, para supprir a falta, «ao rapto das indias» ou caboclas de povoados e aldeamentos proximos: teriam assim espalhado o seu sangue por muita zona considerada depois virgem de influencia negra. Aliás os movimentos, sertões a dentro ou rio Amazonas acima, de negros fugidos representam quasi arrojo igual ao dos bandeirantes paulistas ou dos povoadores cearenses.

---

(1) Ulysses Brandão, *A Confederação do Equador*, Pernambuco, 1924.

(2) Gastão Cruls, *A Amazonia que Eu Vi*, Rio, 1930.

Brancarana, ou então mestiça de branco com indio, e, em menor proporção, mistura de tres raças, a maior parte da população livre que correspondeu, em nossa organização escravocrata, ao « poor white trash » nas colonias inglesas da America, sobre esse elemento relativamente pouco carregado de influencia ou colorido africano, é que a anemia paludica, o beriberi, as verminoses exerceram desde o primeiro seculo colonial a sua maior acção devastadora, só depois do descalabro da abolição extendida com igual intensidade aos negros e pardos, já agora desamparados da assistencia patriarchal das « casas-grandes » e privados do regimen alimentar das senzalas. Os escravos negros gozaram sobre os caboclos e brancarões livres da vantagem de condições de vida antes conservadoras que desprestigiadoras da sua eugenia: puderam resistir melhor ás influencias pathogenicas, sociaes e do meio physico, e perpetuar-se assim em descendencias mais sadias e vigorosas.

Da acção da syphilis já se não poderá dizer o mesmo; que esta foi a doença por excellencia das « casas-grandes » e das senzalas. A que o filho do senhor de engenho contrahia quasi brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se precocemente aos doze ou aos treze annos. Porque depois dessa idade já o menino era donzelão. Ridicularizado por não conhecer mulher e levado na troça por não ter marca de syphilis no corpo. A marca de syphilis, notou Martius que o brasileiro a ostentava como quem ostentasse uma ferida de guerra (1); e cincoenta annos depois de Martius um observador francês, Émile Béringer, negando ao clima do norte do Brasil influencia preponderante na morbilidade da região, salientava a importancia verdadeiramente tragica da syphilis: « A syphilis produz grandes estragos. A maior parte dos habitantes não a consideram como uma molestia vergonhosa e não teem grande cuidado. Independentemente de sua influencia sobre o desenvolvimento de numerosas

(1) Joh. Bapt. von Spix e C. F. Phil. von Martius, *Travels in Brazil*, tr. London 1824.

affecções especiaes, fornece um contingente de dez fallecimentos sobre mil » (1).

Á vantagem da miscegenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da syphilização. Começaram juntas, uma a formar o brasileiro — o typo ideal do homem moderno para os tropicos, europeu com sangue negro ou indio a avivar-lhe a energia; outra, a deformal-o. Dahi certa confusão de responsabilidades: attribuindo muitos á miscegenação o que tem sido obra principalmente da syphilização; responsabilizando-se a raça negra ou a amerindia ou mesmo a portuguesa, cada uma das quaes, pura ou em cruzamento, está cansada de produzir exemplares admiraveis de belleza e de robustez physica, pelo « feio » e pelo « bisonho » (2) das nossas populações mestiças mais affectadas de syphilis ou mais roidas de verminose.

De todas as influencias sociaes talvez a syphilis tenha sido, depois da má nutrição, a mais deformadora da plastica e a mais depauperadora da energia economica do mestiço brasileiro. Sua acção, já o dissemos, começou ao mesmo tempo que a da miscegenação; vem das primeiras uniões de europeus, desgarrados á tôa pelas nossas praias, com as indias que iam ellas proprias offerecer-se ao amplexo sexual dos brancos. « A tara ethnica inicial » de que fala Azevedo Amaral foi antes tara syphilitica inicial.

---

(1) Emile Béringer, *op. cit.* Tão sensivel pareceu a Béringer a morbilidade do norte do Brasil aos aperfeiçoamentos da technica sanitaria e do conforto geral de vida, que concluiu dos seus estudos de climatologia em Pernambuco: « ... com os progressos da hygiene e da civilização muitas causas morbidas desapparecerão. Já hoje os habitantes brancos mais abastados, mais prudentes, mais apreciadores do seu bem-estar que os pardos ou os pretos, estão sujeitos a uma mortalidade menor. » Béringer respondia assim á interrogação que, pela mesma epoca, sahia da penna de Capistrano de Abreu: « ... o clima ardente a que tantas responsabilidades se attribuem em todos os nossos defeitos, que sabemos de sua acção? » (Prefacio á *Geographia Geral do Brasil* de A. W. Sellin, traduzida do allemão, Rio de Janeiro, 1889). Era como se atinasse o perspicaz historiador com a moderna attitude da anthropogeographia em relação ao factor clima: a tendencia no sentido de reduzir-lhe as responsabilidades.

(2) A. Carneiro Leão, *Oliveira Lima,* Recife, 1913; Paulo de Moraes Barros, *Impressões do Nordeste,* S. Paulo, 1923.

Costuma dizer-se que a civilização e a syphilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se syphilizado antes de se haver civilizado. Os primeiros europeus aqui chegados desappareceram na massa indigena quasi sem deixar sobre ella outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de syphilis. Não civilizaram: ha, entretanto, indicios de terem syphilizado a população aborigene que os absorveu.

Precisamente sob o duplo ponto de vista da miscegenação e da syphilização é que nos parece ter sido importantissima a primeira phase de povoamento. Sob o ponto de vista da miscegenação foram aquelles povoadores á tôa que prepararam o campo para o unico processo de colonização que teria sido possivel no Brasil: o da formação, pela polygamia — já que era escasso o numero de europeus — de uma sociedade hybrida. Dos Diogos Alvares, dos Joões Ramalhos, um tanto impropriamente de Jeronymo de Albuquerque (que já pertence a outra phase de povoamento) escreveu Paulo Prado que «proliferam largamente, como que indicando a solução para o problema da colonização e formação da raça no nosso paiz» (1). Do seu contacto com a população amerindia resultaram, na verdade, as primeiras camadas de mestiçagem formando porventura pontos mais faceis á penetração da segunda leva de gente européa. Quando os povoadores regulares aqui chegaram, já foram encontrando sobre o pardo avermelhado da massa indigena aquellas manchas de gente mais clara. Ainda que sem definida caracterização européa, esses mestiços, quasi pelo puro facto da côr mais proxima da dos brancos e por um ou outro traço de cultura moral ou material já adquirido dos paes europeus, devem ter sido um como calço ou forro de carne amortecendo para colonos portugueses ainda virgens de experiencias exoticas — e os havia decerto numerosos, vindos do Norte — o choque violento de contacto com criaturas inteiramente diversas do typo europeu.

(1) Paulo Prado, *op. cit.*

Muitos dos primeiros povoadores não fizeram senão dissolver-se no meio da população nativa. Raros os « verdadeiros regulos » (1) de que fala Paulo Prado: os grandes patriarchas brancos que, sozinhos no meio dos indios, conseguiram em parte sujeitar á sua vontade de europeus bandos consideraveis de gente nativa.

Mesmo aquelles, porém, que desappareceram no escuro da vida indigena sem deixar nome, impõem-se, pelas evidentes consequencias de sua acção procreadora e syphilizadora, á attenção de quem se occupe da historia genetica da sociedade brasileira. Bem ou mal, nelles é que madrugou essa sociedade. Delles se contaminou a formação brasileira de alguns dos seus vicios mais persistentes e caracteristicos: taras ethnicas, diria Azevedo Amaral; sociaes, preferimos dizer.

A syphilização do Brasil resultou dos primeiros encontros, alguns fortuitos, de praia, de europeus com indias. Não só de portugueses como de franceses e hespanhoes. Mas principalmente de portugueses e franceses. Degredados, christãos novos, traficantes normandos de madeira de tinta que aqui ficavam deixados pelos seus para irem se acamaradando com os indigenas; e que acabavam muitas vezes tomando gosto pela vida desregrada no meio de mulher facil e á sombra de cajueiros e goiabeiras.

O dr. Oscar da Silva Araujo, a quem se devem indagações valiosas sobre o apparecimento da syphilis no Brasil, liga-o principalmente ao contacto dos indigenas com os franceses. « No seculo XVI », recorda o scientista brasileiro, « surgiu na França a grande epidemia de syphilis; nas chronicas dos contrabandistas dessa epoca vêem-se referencias á existencia de doenças venereas entre elles, dizimando, muitas vezes, as populações. É de presumir que os aventureiros franceses que commerciavam com os nossos indigenas estivessem tambem infectados

---

(1) Paulo Prado, *op. cit.*

e que tenham sido os introductores e primeiros propagadores dessa doença entre elles » (1).

Menos infectados não deviam estar os portugueses, gente ainda mais movel e sensual que os franceses. « O mal que assolou o Velho Mundo em fins do seculo XV », observa noutro dos seus trabalhos Oscar da Silva Araujo, « propagou-se no Oriente, tendo sido para ahi levado pelos portugueses. As investigações de Okamura, Dohi e Susuky, no Japão e na China, e as de Jolly e outros na India, demonstram que a syphilis appareceu nesses paizes somente depois que elles se puzeram em relações com os europeus. Na India appareceu depois da chegada de Vasco da Gama em 1498, tendo elle saido de Portugal em 1497. Gaspar Corrêa, na *Lendas da India*, refere que « em Cacotorá, no anno de 1507, a gente começou a adoecer de maus ares e de mau comer e principalmente com a conversação com as mulheres, de que morriam » (2). Recorda ainda Oscar da Silva Araujo que « Engelbert Koempfer, citado por Astruc, assegura que o termo japonês *mambakassam*, com a sua significação litteral *doença dos portugueses*, é aquelle com que no Japão se designa a syphilis. E ainda nos nossos dias — accrescenta — em muitos paizes do Oriente *mal português* é synonimo de lues. Nos idiomas indiano, japonês e chinês não ha nomes indigenas para a doença » (3).

Ainda que varios tropicalistas, alguns delles com estudos especializados sobre o Brasil, como Sigaud, dêem a syphilis como autochtone (4), as evidencias reunidas por

---

(1) Oscar da Silva Araujo, *Alguns Commentarios sobre a Syphilis no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1928.

(2) Oscar da Silva Araujo, *Subsidios ao Estudo da Framboesia Tropica*, Rio de Janeiro, 1928.

(3) Oscar da Silva Araujo, *Subsidios*, cit.

(4) « La syphilis, » escreve Sigaud, « fait beaucoup de ravages dans les populations nomades, et bien que certains observateurs, pensent qu'elle se soit propagée davantage aprè la conquête des Portugais, a été constaté que la maladie existait déjà chez les indigènes qui n'avaient eu aucun rapport avec des Européens. Le voyageur Ribeiro de Sampaio, dans sa relation publiée en 1775, pags. 9, 24, dit avoir rencontré des tribus avec des symptomes évidents de maladie vénérienne. » (J. F. X. Sigaud, *Du Climat et des Maladies du Brésil*, Paris, 1844).

Oscar da Silva Araujo fazem-nos chegar a conclusão diversa. «Os viajantes medicos», lembra ainda o auctor brasileiro, «que nos ultimos tempos estudaram as doenças dos nossos indios ainda não mesclados com civilizados e entre elles os drs. Roquette Pinto, Murillo de Campos e Olympio da Fonseca Filho nunca observaram a syphilis entre esses indigenas, não obstante terem assignalado a existencia de varias dermatoses». Accresce que: «os primeiros viajantes e escriptores que se referem ao clima e ás doenças do Brasil nunca assignalaram a existencia desse mal entre os selvicolas que até então viviam isolados e não tinham tido contacto com os europeus...» (1) De igual parecer é outro investigador illustre, o professor Pirajá da Silva, que julga a lepra e a syphilis «introduzidas no Brasil pelos colonos europeus e africanos» (2). O que parece é ter havido muita confusão de *pian* ou mal boubatico como syphilis.

O intercurso sexual entre o conquistador europeu e a mulher india não foi apenas perturbado pela syphilis e outras doenças européas de facil contagio venereo: verificou-se — o que depois se tornaria extensivo ás relações dos senhores com as escravas negras — em circumstancias desfavoraveis á mulher. Uma especie de sadismo do branco e de masochismo de india ou de negra terá predominado nas relações sexuaes como nas sociaes do europeu com as mulheres das raças submettidas ao seu dominio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre victimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masochismo da mulher indigena ou da negra. Isto quanto ao sadismo de homem para mulher — não raro precedido pelo de senhor para moleque. Atravez da submissão do moleque, seu companheiro de brinquedos e expressivamente chamado *leva-pancadas*, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor physico.

---

(1) Oscar da Silva Araujo, *Commentarios*, cit.
(2) *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cit. nota 12 ao Dialogo II.

Quasi que do moleque *leva-pancadas* se pode dizer que desempenhou entre as grandes familias escravocratas do Brasil as mesmas funcções de paciente do *senhor moço* que na organização patricia do Imperio Romano o escravo pubere escolhido para companheiro do menino aristocrata: especie de victima, ao mesmo tempo que camarada de brinquedos, em que se exerciam os « premiers élans génésiques » do filho-familia (1).

Moll salienta que a primeira direcção tomada pelo impulso sexual na criança — sadismo, masochismo, bestialidade ou fetichismo — depende em grande parte de opportunidade ou *chance,* isto é, de influencias externas sociaes (2). Mais do que de predisposição ou de perversão innata.

Refere-se o auctor de *Sexual Life of the Child* ao periodo de « indifferenciação sexual » — que segundo Penta e Max Dessoir (3) todo individuo atravessa — como particularmente sensivel áquellas influencias. Nesse periodo é que sobre o filho de familia escravocrata no Brasil agiam influencias sociaes, — a sua condição de senhor cercado de escravos e animaes doceis — induzindo-o á bestialidade e ao sadismo. Este, mesmo dessexualizado depois, não raro guardava em varias manifestações da vida ou da actividade social do individuo, aquelle « sexual undertone » que, segundo Pfister, « is never lacking to well-marked sadistic pleasure » (4). Transformava-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de canna, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canarios — tantas vezes manifestado pelo senhor de

---

(1) F. Buret, *La Syphilis Aujourd'hui et chez les Anciens,* Paris, 1890.

(2) Albert Moll, *The Sexual Life of the Child* (tr.), New York, 1924.

(3) Pascale Penta, *I Pervertimenti Sessuali,* Napoli, 1893; Max Dessoir, « Zur Psychologie der Vita Sexualis » in *Allgemeine Zeitschrift für Psychischgerichtliche Medicin, apud* Westermarck. *The origin and development of moral ideas,* London 1926.

(4) Oscar Pfister, *Love in Children and its Aberrations* (tr.), London, 1924.

engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nelle ou no filho bacharel quando no exercicio de posição elevada, politica ou de administração publica; ou no simples e puro gosto de mando, caracteristico de todo o brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. Gosto que tanto se encontra, refinado num grave senso de autoridade e de dever, num Dom Vital, como abrutalhado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto.

Resultado da acção persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o facto, ligado naturalmente á circumstancia economica da nossa formação patriarchal, da mulher ser tantas vezes no Brasil victima inerme do dominio ou do abuso do homem (1); criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra todo-poderosa do pae ou do marido. Não convem, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciume ou inveja sexual.

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masochismo de escravo, excedendo a esphera da vida sexual e domestica, tem-se feito sentir, atravez da nossa formação, em campo mais largo: social e politico. Cremos surprehendel-os em nossa vida politica, onde o mandonismo tem sempre encontrado victimas em quem exercer-se com requintes ás vezes sadicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos civicos, como o do chamado «marechal de ferro». A nossa tradição revolucionaria, liberal, demagogica, é antes apparente e limitada a focos de facil prophylaxia politica: no intimo, o que o grosso do que se pode chamar «povo

---

(1) Não deve ficar sem reparo o facto de, num paiz por longos seculos de escravos e de mulheres recalcadas pela extrema pressão masculina, o culto dominante entre a maioria catholica ser o masochista, sentimental, do Coração de Jesus. E' commum entre os poetas um como exhibicionismo do coração soffredor. A nossa litteratura amorosa, tanto quanto a devocional e mystica, está cheia de corações a sangrarem voluptuosamente; ou então magoados, doloridos, feridos, amargurados, dilacerados, em chammas, etc., etc.

brasileiro » goza é a pressão sobre elle de um governo masculo e corajosamente autocratico. Mesmo em sinceras expressões individuaes — não de todo invulgares nesta especie de Russia americana que é o Brasil — de mystica revolucionaria, de messianismo, de identificação do redemptor com a massa a redimir pelo sacrificio de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o residuo masochista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vicios de organização politica ou economica que o puro gosto de soffrer, de ser victima, ou de sacrificar-se.

Por outro lado, a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em « principio de Autoridade » ou « defesa da Ordem ». Entre essas duas mysticas — a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a da Democracia — é que se vem equilibrando entre nós a vida politica, precocemente saida do regimen de senhores e escravos. Na verdade, o equilibrio continua a ser entre as realidades tradicionaes e profundas; sadistas e masochistas, senhores e escravos, doutores e analphabetos, individuos de cultura predominantemente européa e outros de cultura principalmente africana e amerindia. E não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial á nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do grande numero e, de outro lado, pelo contacto, atravez das *élites*, com a sciencia, com a technica e com o pensamento adiantado da Europa. Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercommunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagonicas, de cultura como no Brasil. É verdade que o vacuo entre os dois extremos ainda é enorme; e deficiente a muitos respeitos a intercommunicação entre as duas tradições de cultura. Mas não se pode accusar de rigido, nem de falto de mobilidade vertical — como diria Sorokin —

o regimen brasileiro, em varios sentidos sociaes um dos mais democraticos, flexiveis e plasticos.

Uma circumstancia significativa resta-nos destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e secca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura européa se poz em contacto com a indigena, amaciada pelo oleo quente da mediação africana. O proprio systema jesuitico — talvez a mais efficiente força de europeização technica e de cultura intellectual e moral, a agir sobre as populações indigenas; o proprio systema jesuitico, no que logrou maior exito no Brasil dos primeiros seculos foi na parte mystica, devocional e festiva do culto catholico. Na christianização dos caboclos pela musica, pelo canto, pela liturgia, pelas procissões, festas, danças religiosas, mysterios, comedias; pela distribuição de veronicas com *Agnus Dei*, que os caboclos penduravam no pescoço, de cordões, de fitas e rosarios; pela adoração de reliquias do Santo Lenho e de cabeças das Onze Mil Virgens. Elementos, muitos desses, embora a serviço da obra de europeização e de christianização, impregnados de quente influencia animistica ou fetichista vinda talvez da Africa.

Porque os proprios Exercicios Espirituaes parece que assimilara-os Loyola de originaes africanos: são, pelo menos, productos do mesmo clima mystico ou religioso que as manifestações do voluptuoso mysticismo dos arabes. O ceu jesuitico, como o purgatorio ou o inferno, cujas delicias ou horrores o devoto que pratique os Exercicios acabará vendo, sentindo-lhes o cheiro e o gosto, ouvindo-lhes os cantos de gozo ou os ai-Jesus de desespero — esse ceu, esse purgatorio e esse inferno ao alcance dos sentidos por meio da technica admiravel dos Exercicios Espirituaes, approxima-os o estudo comparado das religiões de antigos systemas de mystica mussulmana. Um livro sobre as origens da Companhia de Jesus, o de Hermann Muller, conclue, talvez precipitadamente, pela imitação da technica mussulmana por Santo Ignacio de

Loyola. E Chamberlain, na sua interpretação, toda em termos de raça — e esta a nordica — da cultura religiosa da Europa moderna, repudia em absoluto Santo Ignacio de Loyola por enxergar no seu systema qualidades anti-européas de imaginação, de sentimento e de technica de mysticismo. Ou, no seu entender, de anti-mysticismo. Chamberlain não sente no systema de Loyola nenhum perfume mystico: para elle os Exercicios resumem-se num «methodo grosseiramente mechanico, arranjado com suprema arte para excitar o individuo...» (1).

A origem africana, que Chamberlain considera definitivamente provada, do systema jesuitico nos parece facto importantissimo na explicação da formação cultural da sociedade brasileira: mesmo onde essa formação dá a idéa de ter sido mais rigidamente européa — a catechese jesuitica — recebera a influencia amollecedora da Africa. A mediação africana no Brasil approximou os extremos, que sem ella difficilmente se teriam entendido tão bem, da cultura européa e da cultura amerindia, estranhas e antagonicas em muitas das suas tendencias.

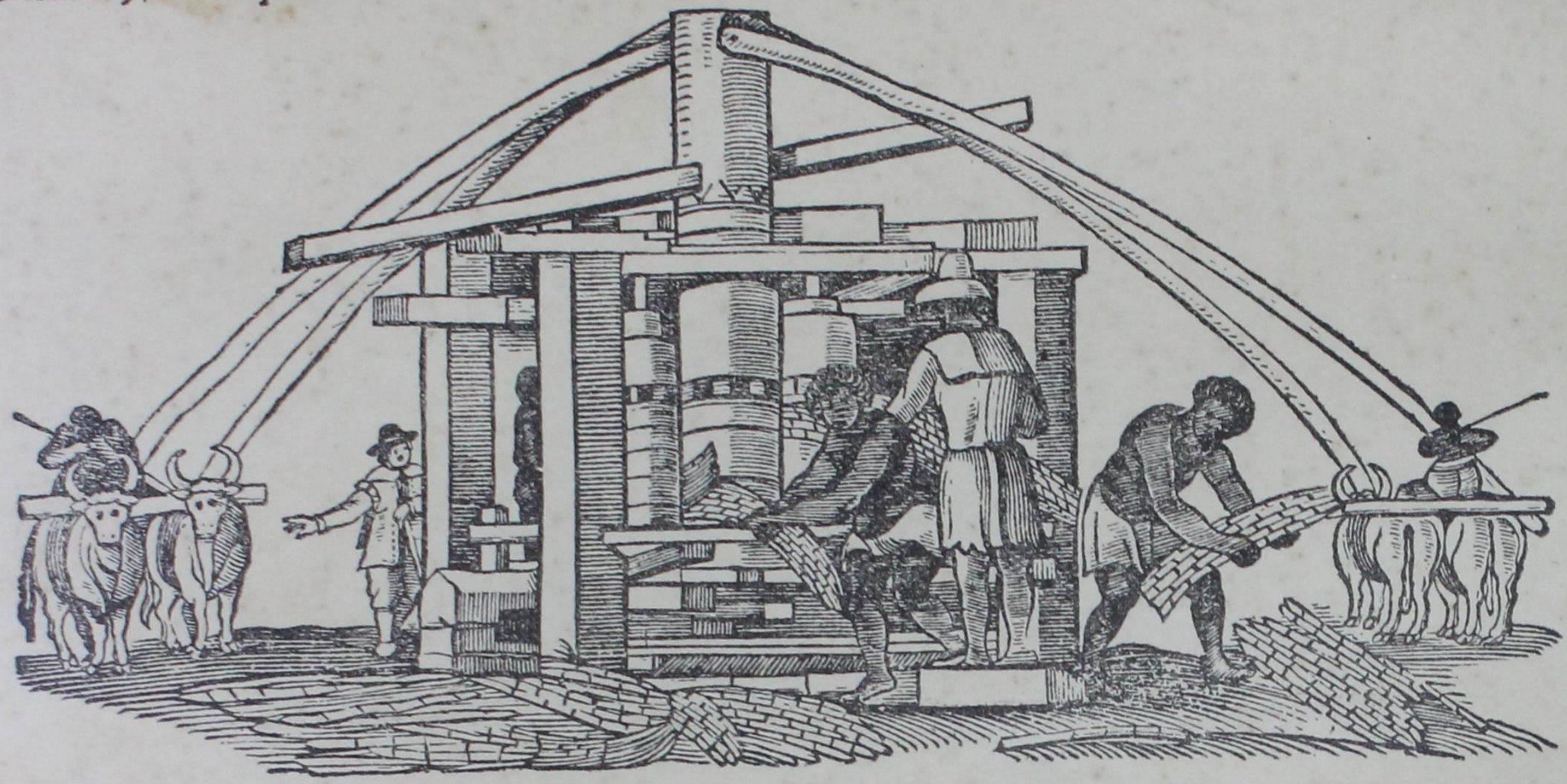
Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientámos ás primeiras paginas deste ensaio, um processo de equilibrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européa e a indigena. A européa e a africana. A africana e a indigena. A economia agraria e a pastoril. A agraria e a mineira. O catholico e o hereje. O jesuita e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietario e o paria. O bacharel e o analphabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo.

É verdade que agindo sempre, entre tantos antagonismos contundentes, amortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, condições de confraternização e de mobi-

(1) Houston Stewart Chamberlain, *The Fondations of the Nineteenth Century*, London, 1911.

lidade vertical peculiares ao Brasil: a miscegenação, a dispersão da herança, a facil e frequente mudança de profissão e de residencia, a accessibilidade a cargos e a elevadas posições politicas e sociaes a mestiços e a filhos naturaes, o christianismo lyrico, á portuguesa, a tolerancia moral, a hospitalidade a estrangeiros, a intercommunicação entre as differentes zonas do paiz. Esta, menos por facilidades technicas do que pelas physicas: a ausencia de um systema de montanhas ou de rios verdadeiramente perturbador da unidade brasileira ou da reciprocidade cultural e economica entre os extremos geographicos.

quem *Tabaxir* appellant, viſcoſum albicantemque liquorem promanare conſtat, ut Avicenna, Rhaſis, & Serapio teſtantur. Tamen alterutrum vel inſita qualitate, vel conficiendi dexteri-



tate adæquari huic arundinacco poſſe, nemo credat. Planta ſiquidem hæc noſtra fruticis inſtar firmitate prædita, ſucco dulci turget. Silveſtri arundini externa facie eſt ſimillima; niſi quod hæc crebrioribus articulis aliquando diſtinguatur, imprimis ſi anni, terræque intemperies minus reſpondeat. Quo enim majora internodia, eo feliciorem meſſem, quo breviora eo infeliciorem agricolæ prænuntiant.

Escravos negros trabalhando num engenho de bois (Reproduzido da *Hsitoria Naturalis Brasiliae*).

II — O INDIGENA NA FORMAÇÃO DA FAMILIA BRASILEIRA

Com a intrusão européa desorganiza-se entre os indigenas da America a vida social e economica; desfaz-se o equilibrio nas relações do homem com o meio physico.

Principia a degradação da raça atrasada ao contacto da adiantada; mas essa degradação segue rythmos diversos, por um lado conforme a differença regional de cultura humana ou de riqueza do solo entre os nativos — maxima entre os Incas e Aztecas e minima nos extremos do continente; por outro lado, conforme as disposições e recursos colonizadores do povo intruso ou invasor.

Os hespanhoes apressam entre os Incas, Aztecas e Mayas a dissolução dos valores nativos na furia de destruirem uma cultura (1) já na phase de semi-civilização; já na segunda muda; e que por isso mesmo lhes pareceu perigosa ao christianismo e desfavoravel á facil exploração das grandes riquezas mineraes. Apressam-na entre gentes mais atrasadas os Puritanos ingleses querendo conservar-se immaculados do contacto sexual e social de povos que lhes repugnavam pela differença de côr e de costumes e que evocavam á sua consciencia de raça e de christãos o espantalho da miscegenação e do paganismo dissoluto.

Os portugueses, além de menos ardentes na orthodoxia que os hespanhoes e menos estrictos que os in-

---

(1) A palavra cultura usamol-a aqui e, quando desacompanhada de adjectivo, atravez de todo este ensaio, no seu sentido anthropologico ou sociologico: significando aquelle conjuncto de estylos, de methodos, de valores materiaes que juntamente com os moraes caracterizam um povo ou sociedade.

gleses nos preconceitos de côr e de moral christã, vieram defrontar-se na America, não com nenhum povo articulado em imperio ou em systema já vigoroso de cultura religiosa e material — com palacios, sacrificios humanos aos deuses, monumentos, pontes, obras de irrigação e de exploração de minas — mas, ao contrario, com uma das populações mais rasteiras do continente.

De modo que não é o encontro de uma cultura exuberante de maturidade com outra já adolescente, que aqui se verifica; a colonização européa vem surprehender nesta parte da America quasi que bandos de crianças grandes; uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição; sem os ossos nem o desenvolvimento nem a resistencia das grandes semi-civilizações americanas.

Dos valores materiaes e moraes accumulados pelos Incas ou pelos Aztecas e Mayas resultaria uma indepressão de bronze ao contacto europeu; o que levou os hespanhoes a despedaçarem esse bronze nativo que tão duramente lhes resistiu ao dominio para entre os estilhaços estabelecerem mais a commodo o seu systema colonial de exploração e de christianização.

Mas entre os indigenas das terras de pau de tinta outras foram as condições de resistencia ao europeu: resistencia não mineral mas vegetal. Por sua vez o invasor pouco numeroso foi desde logo contemporizando com o elemento nativo: servindo-se do homem para as necessidades de trabalho e principalmente de guerra, de conquista dos sertões e desbravamento do matto virgem; e da mulher para as de geração e de formação de familia.

A reacção ao dominio europeu, na area de cultura amerindia invadida pelos portugueses, foi quasi a de pura sensibilidade ou contractibilidade vegetal, o indio retraindo-se ou amarfanhando-se ao contacto civilizador do europeu por incapacidade de accommodar-se á nova technica economica e ao novo regimen social e moral. Mesmo quando acirrou-se em inimigo, o indigena ainda foi vegetal na aggressão: quasi que mero auxiliar da

floresta. Não houve da parte delle capacidade technica ou politica de reacção que excitasse no branco a politica de exterminio seguida pelos hespanhoes no Mexico e no Perú. Explica-se assim — sem esquecermos outros factores — que mais se tivesse aproveitado, a principio, da cultura americana pobre, que era a da floresta tropical, do que da rica, dos metaes: a das duas semi-civilizações duras, compactas, hieraticas que se despedaçaram sob a invasão hespanhola e sob o dominio catholico, para só quatro seculos depois seus fragmentos, reunidos, irem de novo formando um todo não europeu e original.

Ruediger Bilden traça de modo admiravel as differentes condições de amalgamento de raça e de cultura que, ao seu ver, dividiram em «quatro grandes grupos» («a four fold division») (1) a massa ethnica e cultural indistinctamente englobada por muitos na facil mas vaga expressão «America Latina».

O primeiro grupo seria o formado pelas republicas brancas ou brancaranas do Prata e pelo Chile. Nestas regiões — observa Ruediger Bilden — «o clima e as condições physicas em geral encorajaram o typo de colonização mais favoravel ao desenvolvimento de uma sociedade predominantemente européa». Exceptuados os araucanos no Chile «as raças indigenas eram demasiado insignificantes em numero e primitivas em cultura para obstruirem seriamente o rumo (europeu) da colonização».

O segundo grupo seria «o que o Brasil typifica quasi sozinho» («almost exclusively»); região onde o elemento europeu nunca se encontrou em situação de absoluto e indisputado dominio». «Por mais rigido», accrescenta, «que fosse o seu dominio economico e politico sobre os outros elementos ethnicos, social e culturalmente os portugueses foram forçados pelo meio geographico e pelas exigencias da politica colonizadora a competirem com aquelles numa base approximadamente igual».

---

(1) Ruediger Bilden, «Race Relations in Latin America with Special Reference to the Development of Indigenous Culture», Institute of Public Affairs, University of Virginia, 1931.

O terceiro grupo seria o representado pelo Mexico ou pelo Perú, onde o conflicto do europeu com as civilizações indigenas já desenvolvidas, a presença de riquezas mineraes, o systema colonial de exploração resultaram antes em «juxtaposição e antagonismo de raças» do que em «harmonioso amalgamento»; na «criação de uma superestructura européa sob a qual se agitam correntes estranhamente remotas». Mais cedo ou mais tarde — accrescenta — essas correntes acabarão absorvendo a «delgada e anemica superestructura e transmutando os valores de origem européa».

O quarto grupo seria o constituido pelo Paraguay, pelo Haiti e «possivelmente pela Republica Dominicana». Neste «o elemento europeu é quando muito um verniz». Representa uma «incongruente mistura cultural de substancia francamente india ou negroide com fragmentos ou elementos mal assimilados de origem européa» (1).

Hybrida desde o inicio, a sociedade brasileira é de todas da America a que se constituiu mais harmoniosamente quanto ás relações de raça: dentro de um ambiente de quasi reciprocidade cultural que resultou no maximo de aproveitamento dos valores e experiencias dos povos atrasados pelo adiantado; no maximo de contemporização da cultura adventicia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade christã na superestructura, com a mulher indigena, recem-baptisada, por esposa e mãe de familia; e servindo-se em sua economia e vida domestica de muitas das tradições, experiencias e utensilios da gente autochtone.

Zacharias Wagner observaria no seculo XVII que entre as filhas das caboclas iam buscar esposas legitimas muitos portugueses, mesmo dos mais ricos, e até «alguns neerlandeses abrasados de paixões» (2). Já não seria então, como no primeiro seculo, essa união de eu-

---

(1) Ruediger Bilden, *loc. cit.*
(2) Alfredo de Carvalho, «O Zoobillion de Zacharias Wagner», *Revista do Inst. Arch. Hist. Geog. de Pernambuco*, tomo XI, 1904.

ropeus com indias, ou filhas de indias, por escassez de mulher branca ou brancarana, mas por decidida preferencia sexual. Paulo Prado foi surprehender «o severo Varnhagen» insinuando que, por sua vez, a mulher indigena, «mais sensual que o homem como em todos os povos primitivos... em seus amores dava preferencia ao europeu, talvez por considerações priapicas» (1). Capistrano de Abreu suggere, porém, que a preferencia da mulher gentia pelo europeu teria sido por motivo mais social que sexual; «...da parte das indias a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes á raça superior, pois segundo as idéas entre elles correntes só valia o parentesco pelo lado paterno» (2).

No primeiro seculo ás «considerações priapicas» ha que sobrepor a circumstancia da escassez, quando não da falta absoluta, de mulher branca. Mesmo que não existisse entre a maior parte dos portugueses evidente pendor para a ligação, livre ou sob a benção da Igreja, com as caboclas, a ella teriam sido levados pela força das circumstancias, gostassem ou não de mulher exotica. Simplesmente porque não havia na terra quasi nenhuma branca; e sem a gentia «mal se pudera remediar nem povoar tão larga costa...», como em carta de 1612 mandava dizer a El-Rei Diogo de Vasconcellos (3).

Observou Southey que o systema colonial português se revelara mais feliz do que nenhum outro no tocante ás relações do europeu com as raças de côr; mas salientando que semelhante systema fôra antes «filho da necessidade» do que de deliberada orientação social ou politica (4). O que mais tarde seria repetido pelo arguto observador Koster em palavras que a indiophilia de Manuel Bomfim se apressou em recolher, abaixo das de Southey, nas paginas de *O Brazil na America*. «Esta vantagem», escreveu Koster, referindo-se á ausencia de discrimina-

---

(1) Paulo Prado, *op. cit.*
(2) Capistrano de Abreu, *Capitulos de Historia Colonial*, 1924.
(3) Manuel Bomfim, *O Brazil na America*, cit.
(4) R. Southey, *History of Brazil*, London 1810-1819.

ções aviltantes da parte dos portugueses contra os indigenas, «provém mais da necessidade que de um sentimento de justiça».

Para a formidavel tarefa de colonizar uma extensão como o Brasil, teve Portugal de valer-se no seculo XVI do resto de homens que lhe deixara a aventura da India. E não seria com esse sobejo de gente, quasi toda miuda (1), em grande parte plebéa e, além do mais, moçarabe, isto é, com a consciencia de raça ainda mais fraca que nos portugueses fidalgos ou nos do Norte, que se estabeleceria na America um dominio português exclusivamente branco ou rigorosamente europeu. A transigencia com o elemento nativo se impunha á politica colonial portuguesa: as circumstancias facilitaram-na. A luxuria dos individuos, soltos sem familia, no meio da indiada nua, vinha servir a poderosas razões de Estado no sentido de rapido povoamento mestiço da nova terra. E o certo é que sobre a mulher gentia fundou-se e desenvolveu-se atravez dos seculos XVI e XVII o grosso da sociedade colonial, num largo e profundo mestiçamento, que a interferencia dos padres da Companhia salvou de resolver-se todo em libertinagem para em grande parte regularizar-se em casamento christão.

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quasi intoxicação sexual.

O europeu saltava em terra escorregando em india nua; os proprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clerigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que suppunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.

«Las mujeres andan desnudas y no saben negar a ninguno mas aun ellas mismas acometen y importunan

---

(3) Miuda, considerada nos seus recursos economicos; eugenicamente foi o elemento que deu a S. Paulo, como verificou Alfredo Ellis (Junior), as grandes figuras do bandeirismo (Ellis, *op. cit.*).

los hombres achando-se con ellos en las redes; porque tienen por honra dormir con los Xianos», escrevia o padre Anchieta (1); e isto de um Brasil já um tanto policiado; e não o dos primeiros tempos, de solta libertinagem, sem batinas de jesuitas para abafarem-lhe a espontaneidade.

Neste o amor foi só o physico; com gosto só de carne, delle resultando filhos que os paes christãos pouco se importaram de educar ou de criar á moda européa ou á sombra da Igreja. Meninos que cresceram á tôa, pelo matto; alguns tão ruivos e de pelle tão clara, que, descobrindo-os mais tarde a elles e a seus filhos entre o gentio, os colonos dos fins do seculo XVI facilmente os identificaram como descendentes de normandos e bretões. Desses franceses escreveria em 1587 Gabriel Soares no seu *Roteiro do Brasil* que «muitos se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para a França, e viveram como gentio com muitas mulheres, dos quaes e dos que vinham todos os annos á Bahia e ao rio de Sergipe em naus da França se inçou a terra de mamelucos que nasceram, viveram e morreram como gentios; dos quaes ha hoje muitos seus descendentes que são louros, alvos e sardos, e havidos por indios tupinambás e são mais barbaros que elles» (2).

Esse contingente francês no primeiro povoamento do Brasil não deve ser esquecido. Suas principaes localizações foram na Bahia e por todos aquelles pontos do littoral mais ricos de pau de tinta. Como os primeiros portugueses, deram-se os franceses ao unico luxo possivel nas rudes circumstancias de desbravamento da nova terra: o de cercarem-se de muitas mulheres. Se da numerosa progenie mestiça, delles e dos portugueses, muitos foram de todo absorvidos pelas populações indigenas, outros conservaram-se numa especie de meio termo entre

---

(1) Carta a Laynes, *apud* Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, cit.
(2) Gabriel Soares de Souza, *Tratado Descriptivo do Brasil em 1587*, ed. de F. A. Varnhagen, *Revista do Inst. Hist. Geog. Bras.*, tomo XIV.

a vida selvagem e a dos traficantes e flibusteiros, um pouco sob a influencia européa das naus francesas ou das feitorias portuguesas.

Mas é só a partir do meado do seculo XVI que pode considerar-se formada, diz Basilio de Magalhães, «a primeira geração de *mamelucos*»; os mestiços de portugueses com indios com definido valor demogenico e social. Os formados pelos primeiros coitos não offerecem senão o interesse, que já destacámos, de terem servido de calço ou de forro para a grande sociedade hybrida que ia constituir-se.

A mulher gentia temos que consideral-a não só a base physica da familia brasileira, aquella em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido numero de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira. Por seu intermedio enriqueceu-se a vida no Brasil, comó adiante veremos, de uma serie de alimentos ainda hoje em uso, de drogas e remedios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjuncto de utensilios de cozinha, de processos de hygiene tropical — inclusive o banho frequente ou pelo menos diario, que tanto deve ter escandalizado o europeu porcalhão do seculo XVI.

Ella nos deu ainda a rede em que se embalaria o somno ou a volupia do brasileiro; o oleo de côco para o cabello das mulheres; um grupo de animaes domesticos amansados pelas suas mãos.

Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indigena. O asseio pessoal. A hygiene do corpo. O milho. O cajú. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabello brilhante de loção ou de oleo de coco, reflecte a influencia de tão remotas avós.

Antes, porém, de salientarmos a contribuição da cunhã ao desenvolvimento social do Brasil, procuremos fixar a do homem. Foi formidavel: mas só na obra de devassamento e de conquista dos sertões, de que elle foi

o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador e pescador (1). Muito auxiliou o indio ao bandeirante mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro; sua capacidade de acção e de trabalho falhou, porém, no rame-rame tristonho da lavoura de canna, que só as reservas extraordinarias de alegria e de robustez animal do africano tolerariam tão bem. Compensou-se o indio, amigo ou escravo dos portugueses, da inutilidade no esforço estavel e continuo pela extrema bravura no heroico e militar. Na obra de sertanismo e de defesa da colonia contra hespanhoes, contra tribus inimigas dos portugueses, contra corsarios.

Indios e mamelucos formaram a grande muralha movediça de carne que foi alargando em sentido occidental as fronteiras coloniaes do Brasil ao mesmo tempo que defenderam, na região assucareira, os estabelecimentos agrarios dos ataques de piratas estrangeiros. Cada engenho de assucar nos seculos XVI e XVII precisava de manter em pé de guerra suas centenas ou pelo menos dezenas de homens promptos a defender contra selvagens ou corsarios a casa de vivenda e a riqueza accumulada nos armazens: esses homens foram na sua quasi totalidade indios ou caboclos de arco e flecha.

A enxada é que não se firmou nunca na mão do indio nem na do mameluco; nem o seu pé de nomade se fixou nunca em pé-de-boi paciente e solido. Do indigena quasi que só aproveitou a colonização agraria no Brasil o processo da «coivara», que infelizmente viria a empolgar por completo a agricultura colonial. O conhecimento de sementes e raizes, outras rudimentares experiencias agricolas, transmittiu-as ao português menos o homem guerreiro que a mulher trabalhadora do campo ao mesmo tempo que domestica.

Se formos apurar a collaboração do indio no trabalho propriamente agrario, temos que concluir, contra

(1) «Les Indiens, qui excellent dans la navigation des fleuves, redoutent la pleine mer, et la vie des champs leur est fa ale par le contraste de la discipline avec la vie nomade des forêts.» (Sigaud, *op. cit.*).

Manuel Bomfim — indianophilo até a raiz dos cabellos (1), pela quasi insignificancia desse esforço. O que não é de estranhar, se considerarmos que a cultura americana ao tempo da descoberta era a nomade, da floresta e não ainda a agricola; que o pouco de lavoura — mandioca, cará, milho, gerimun, amendoim, mamão — praticado por algumas tribus menos atrasadas, era trabalho desdenhado pelos homens — caçadores, pescadores e guerreiros — e entregue ás mulheres, diminuidas assim na sua domesticidade pelo serviço de campo tanto quanto os homens nos habitos de trabalho regular e continuo pelos de vida nomade. Dahi não terem as mulheres indias dado tão bôas escravas domesticas quanto as africanas, que mais tarde as substituiram vantajosamente como cozinheiras e amas de menino do mesmo modo que os negros aos indios como trabalhadores de campo.

Os estudos de Martius (2), de Karl von den Steinen (3) sobre as tribus do Brasil central, de Paul Ehrenreich (4) acerca das de Matto Grosso, Goyaz e Amazonas, os de Whiffen (5); Roquette Pinto (6), Koch-Grünberg (7), Schimidt (8), Krause (9); as observações deixadas por viajantes e missionarios que surprehenderam a vida dos caboclos ainda virgem do contacto europeu, autorizam-nos a generalização de ter sido a cultura indigena, mesmo a menos rasteira, encontrada na America pelos portugueses, — e da qual restam ainda pedaços em estado bruto — inferior á da maior parte das areas de cultura africana de onde mais tarde se importariam negros puros ou já

---

(1) Leia-se o seu *O Brazil na America*, cit.

(2) C. F. Ph. von Martius, *Belträge zur Ethnographie und Sprachenkunde America's zumal Brasiliens*, Leipzig, 1867.

(3) Karl von den Steinen, *Unter den Indianern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894.

(4) Paul Ehrenreich, *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*, Berlin, 1891.

(5) Thomas Whiffen, *The North-West Amazon*, London, 1915.

(6) E. Roquette Pinto, *Rondonia*, 1917.

(7) Theodor Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter den Indianern*, Stuttgart, 1908-1910.

(8) Max Schimidt, *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, Berlin, 1905.

(9) Fritz Krause, *In den Wildnissen Brasiliens*, Leipzig, 1911.

mestiços para as plantações coloniaes de assucar. Varias dessas areas de cultura africana se acham caracterizadas, segundo a technica anthropologica mais recente, por Leo Frobenius (1); as da America, magistralmente, por Wissler e Kroeber; o que nos permitte o confronto entre os valores moraes e materiaes accumulados nos dois continentes.

Whiffen resume os principaes traços da cultura das tribus do Noroeste do Brasil nos seguintes, muitos delles extensivos a quasi todo o Brasil (2): caça, pesca, cultura de mandioca, tabaco e coca, e em menor extensão de milho, inhame ou cará, gerimun, pimenta; os campos clareados a fogo (coivara) e cavados a pau e não a enxada; nenhum animal domestico; toda vida animal aproveitada como alimento; uso do mel, havendo certa domesticação de abelhas; a farinha ou o bolo de mandioca e a caça pequena conservada em caldo grosso, apimentado — os dois alimentos de resistencia; a raiz de mandioca espremida depois de embrulhada em palha ou esteira; a coca mascada e as sementes de mimora usadas como rapé; o tabaco usado apenas como bebida e só em certas cerimonias; o conhecimento e uso de curare e outros venenos; uso da flecha, lança, arco e remo; captura de peixe pelo processo de lançar veneno na agua, mas tambem por anzol, armadilha, rede e fisga denteada; habito de comer barro; cannibalismo; signaes por meio de tambores; decorações phallicas; redes de fibra de pal-

---

(1) Leo Frobenius, *Ursprung der Afrikanischen Kulturen, apud* Melville J. Herskovits, «A Preliminary Consideration of the Culture Areas of Africa». *American Anthropologist*, vol. XXVI, 1924. Sobre a correlação de traços de cultura entre varias culturas primitivas veja-se o trabalho de L. T. Hobhouse, G. C. Wheeler e M. Ginsberg, *The Material Culture and Social Institutions of the Simple Peoples*, London, 1915.

No mappa organizado por Herskovits a Africa vem dividida em nove zonas de cultura, segundo o conceito americano de «area de cultura» — definido por Alexander A. Goldenweiser em «Diffusionism and the American School of Historical Ethnology», *American Journal of Sociology*, vol. XXXI, 1925 e por Clarck Wissler em *Man and Culture* — e de accordo com a respectiva technica, applicada por Wissler ao estudo das duas Americas.

(2) Whiffen, *op. cit.* O auctor menciona outros traços além dos que aqui destacamos como mais caracteristicos e importantes.

meira; ceramica; cestos; nenhum metal; pouco uso da pedra, instrumentos de madeira; canoas cavadas na madeira; arvores derrubadas por meio de cunhas; grandes pilões de pau para pisar coca, tabaco e milho; frequente deslocamento de habitações e de lavouras; communidades inteiras numa casa só, grande e quadrangular, coberta de palha, quatro caibros sustentando-a no interior, sem chaminé; o terreno em redor da casa limpo, mas esta escondida no meio do matto e só accessivel por caminhos e veredas confusas; nenhuma indumentaria, a não ser de casca de arvore para os homens; pentes para as mulheres feitos de pedaços de palmeira; collares de dentes humanos; ligaduras decorativas para o corpo, fusos atravessados no nariz, chocalho atado ás pernas, pintura elaborada do corpo; especie de conferencia ou conclave em torno de uma bebida negra, de tabaco, antes de iniciar-se qualquer empresa importante, de guerra ou de paz; *couvade*; prohibição ás mulheres de se associarem ás cerimonias mais serias e de estarem presentes ás de iniciação dos meninos na puberdade; os nomes de pessôa não pronunciados alto e os dos caracteres mythicos apenas sussurrados; importancia da feitiçaria; fraudes grosseiras de feitiçaria; as doenças sugadas pelo feiticeiro, cuja principal funcção seria, entretanto, tirar espiritos maus; duas grandes cerimonias para celebrar epocas de colheita ou de amadurecimento de fructas, a da mandioca e a do abacaxi; os meninos cruelmente espancados nas cerimonias da puberdade; prova das formigas mordedeiras; os resentimentos ou magoas do individuo por elle formalmente apresentados ao grupo; uma especie de dança da ciranda; gaita, flauta, castanhola e maracá; cada um dos grupos accommodados numa só habitação, exogamo; descendencia por via paterna; monogamia; cada habitação com um chefe, sendo o conselho formado por todos os adultos do sexo masculino; contos com semelhança aos do *folk-lore* europeu; contos de animaes fazendo lembrar os do *lore* africano; o sol e a lua, venerados; os mortos, sepultados.

São traços extensivos á cultura que Wissler classifica de « cultura de floresta tropical » e que inclue quasi o Brasil inteiro.

Á cultura do littoral atlantico — aquella com que primeiro se puseram em contacto os europeus no Brasil — devem-se accrescentar os seguintes traços: o habito de fumar tabaco em cachimbo; as aldeias cercadas de pau a pique; bons instrumentos de pedra; em vez do simples enterramento, os mortos collocados em urnas. Ao mesmo tempo que á cultura do Gê-Botocudo ou Tapuia do centro ha que subtrair varios dos traços mencionados: o pouco de lavoura e tecelagem, o começo de astrologia encontrados entre tribus do norte e da costa, o fabrico e uso de instrumentos de pedra, o uso de rede para dormir. Accentuam-se na cultura dos Gê-Botocudo traços que, segundo Wissler, os approximam dos Patagonios, collocando-os em estadio inferior ao dos Tupi. Entre outros, o cannibalismo (1).

Quanto a animaes domesticados, entre quaesquer dos dois grupos principaes — os Tupi e os Gê-Botocudo (2) — deve-se notar, contra a generalização de Wissler, a presença de « algumas aves domesticadas como os jacamins; de roedores, taes como a cotia e a paca; e de alguns macacos (3). « É verdade que nenhum desses animaes a serviço domestico nem empregado no transporte de fardos, todo elle feito penosamente ao dorso do homem e principalmente da mulher. Os animaes domesticados entre os indigenas quasi que eram simplesmente para fazer companhia á pessôa e não para servil-a nem fornecer-lhe alimento. A não ser que se considerem ao serviço do homem as abelhas fabricantes de mel e as aves amansadas que Roquette Pinto foi encontrar servindo de bonecas ás crianças, entre os Nambikuaras (4).

---

(1) Wissler, *The American Indian* (New York, 1922).

(2) Como diz Roquette Pinto «. . . podemos, de modo geral, separar todas as nossas tribus em dois grupos, quanto ao seu estadio de cultura . . . E' a primitiva divisão que resurge, não mais pela apreciação linguistica isolada, mas pela força do criterio sociologico. » (*Seixos Rolados*, Rio, 1926).

(3) Roquette Pinto, *Seixos Rolados*, cit.

(4) Roquette Pinto, *Rondonia*, cit.

Theodoro Sampaio, que pelo estudo da lingua tupi tanto tem chegado a desvendar da vida intima dos indigenas do Brasil, affirma que em torno á habitação selvagem e «invadindo-a mesmo com a maxima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de animaes domesticados, a que chamavam *mimbaba*». Mas eram todos animaes antes de convivio e de estimação do que de uso ou serviço: «...aves de formosa plumagem, como o *guará*, a *arara*, o *canindé*, o *tucano*, grande numero de perdizes (*ianhamby* ou *iambú*), *urús* e patos (*ipeca*), animaes como o macaco, o *quati*, a *irara*, o veado, o gato (*pichana*) e até cobras mansas se encontravam no mais intimo convivio» (1).

Havia entre os amerindios desta parte do continente, como entre os povos primitivos em geral, certa fraternidade entre o homem e o animal, certo lyrismo mesmo nas relações entre os dois. Karsten encontrou entre os Jibaros o mytho de ter havido epoca em que os animaes falaram e agiram do mesmo modo que os homens. E ainda hoje — accrescenta — «o indio não faz distincção definida entre o homem e o animal. Acredita que todos os animaes possuam alma, em essencia da mesma qualidade que a do ser humano; que intellectual e moralmente seu nivel seja o mesmo que o do homem». Dahi, e independentemente mesmo do totemismo de que adiante nos occuparemos, a intimidade por assim dizer lyrica do primitivo habitante do Brasil com numeroso grupo de animaes, principalmente passaros, por elle amansados ou criados em casa, sem nenhum proposito de servir-se de sua carne ou dos seus ovos para alimento, nem de de sua energia para o trabalho domestico ou agricola ou para a tracção, nem do seu sangue para sacrificio religioso.

Quanto á monogamia, nunca foi geral nas areas de cultura americana invadidas pelos portugueses, a poly-

---

(1) Theodoro Sampaio, *O Tupi na Geographia Nacional*, 3.ª edição, Bahia, 1928.

gamia tendo existido e existindo ainda entre tribus que se conservam intactas da influencia moral européa. E «...não só os chefes, como todos os fortes — os que podem manter familia grande — casam-se com muitas mulheres» (1).

Nem deve ser desprezado, entre os traços de cultura mais caracteristicos dos indigenas encontrados no Brasil, um que Wissler parece ter esquecido: o uso das mascaras demoniacas ou mascaras-animaes, de importante significação mystica e cultural, salientada por Koch-Grünberg (2) e ultima e notadamente por Karsten (3).

Da cultura moral dos primitivos habitantes do Brasil, interessam-nos principalmente, dentro dos limites que nos impusemos neste ensaio: as relações sexuaes e de familia; a magia e a mythica. São traços que se communicaram á cultura e á vida do colonizador português — a principio com grande vivacidade de côr; e que embora empallidecidos depois pela maior influencia africana, subsistem no fundo primitivo da nossa organização social, moral e religiosa, quebrando-lhe ou pelo menos compromettendo-lhe seriamente a supposta uniformidade do padrão catholico ou europeu.

Entre os indigenas do Brasil, notou nos meados do seculo XVI o padre Anchieta que a mulher não se agastava com o facto do homem, seu companheiro, tomar outra ou outras mulheres: «ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se ainda é moça, ella toma outro». E «...se a mulher acerta ser varonil e virago, tambem ella deixa o marido e toma outro» (4).

Era ponto, naturalmente, esse de variar marido de mulher e mulher de marido, com o qual não podia transigir, nem transigiu no Brasil, a moral catholica: isto é, a dura, orthodoxa, representada pelos padres da Com-

---

(1) Rafael Karsten, *Civilization of the South American Indians*, London, 1929. Veja-se tambem Roquette Pinto, *Seixas Rolalos*, cit.
(2) Theodor Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter den Indianen*, cit.
(3) Karsten, *op. cit.*
(4) «Informação dos Casamentos dos Indios do Brasil pelo Padre José d'Anchieta», *Revista do Inst. Hist. Geog. Bras.*, vol. VIII.

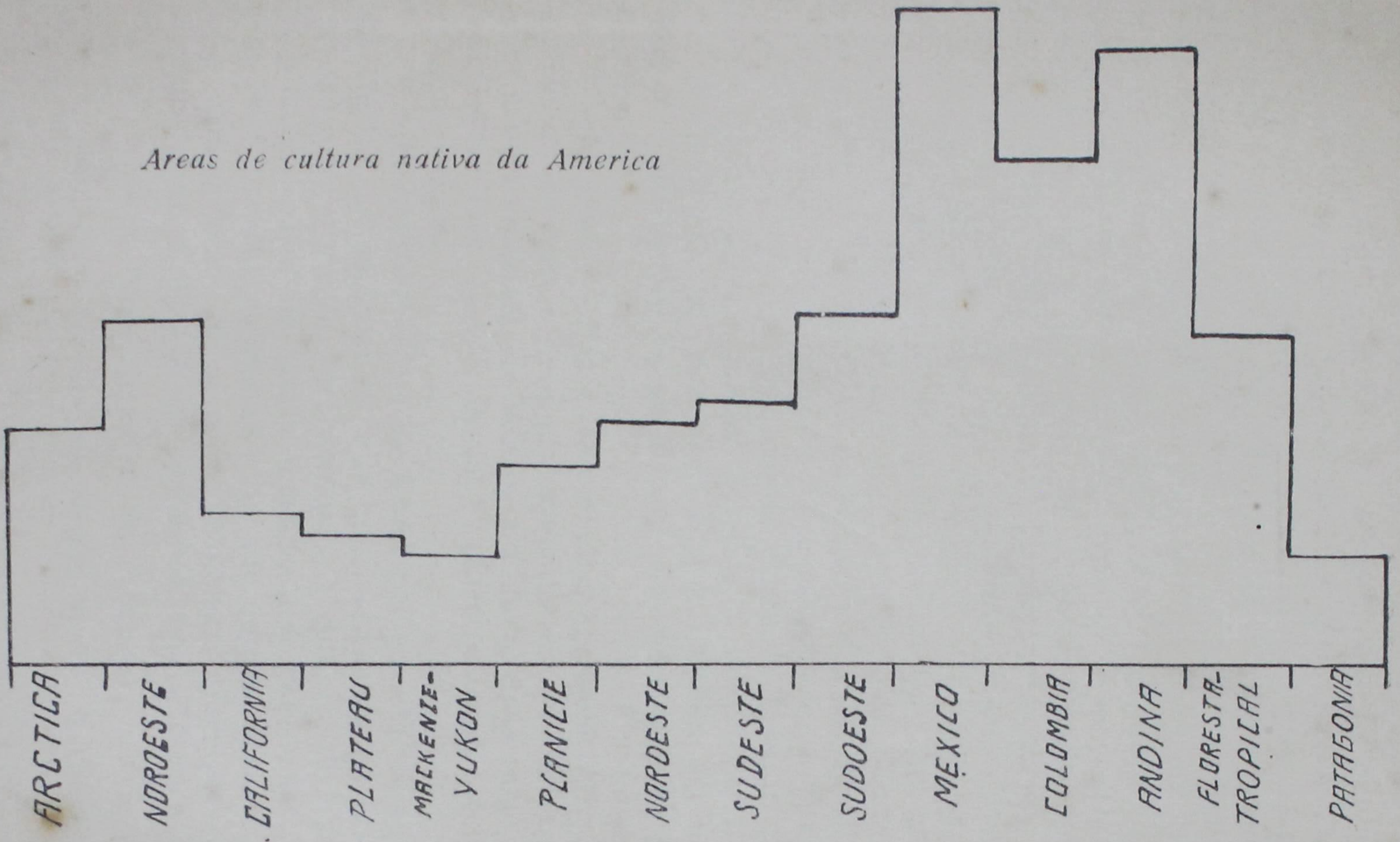
panhia. Destes o esforço no sentido de fazer praticar na colonia estricta monogamia teve que ser tremendo. E não só entre os indios baptizados como entre os colonos portugueses, a quem os proprios clerigos, em conflicto com os jesuitas, facilitavam a livre união com as «negras». Já affeiçoados á polygamia pelo contacto com os mouros, encontraram os portugueses na moral sexual dos amerindios o campo facil onde expandir-se aquella sua tendencia, de moçarabes, nos ultimos dois seculos um tanto recalcada e agora de repente solta, para viverem com muitas mulheres.

Foram sexualidades exaltadas as dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da America: o português e a mulher indigena. Contra a idéa geral de que a lubricidade maior communicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos tres elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual; e o mais libidinoso, o português.

Pelo menos entre os negros — os puros, immunes de influencia mussulmana — eram mais frequentes e ardorosas as danças eroticas que entre os amerindios e os portugueses; e as danças eroticas parece que quanto mais frequentes e ardorosas, mais fraca sexualidade indicam. Assim o consideram varios ethnologos e anthropologistas modernos, divergindo dos antigos: entre outros Crawley, que consagra ao assumpto uma de suas melhores paginas (1) e Westermarck. E do ponto de vista da psy-

(1) «The notion that the negro race is peculiarly prone to sexual indulgence seems to be due partly to the expansive temperament of the race, and the sexual character of many of their festivals — a fact which indicates rather the contrary and demonstrates the need of artificial excitement.» (Ernest Crawley, *Studies of Savages and Sex*, edited by Theodore Besterman, London, 1929). Veja-se tambem sobre o assumpto *The Mystic Rose*, ed. by Besterman, New York, 1927, pelo mesmo auctor; E. A. Westermarck, *The History of Human Marriage*, London, 1921; *The Origin and Development of Moral Ideas*, London, 1926. A idea, entretanto, da fraca sexualidade dos primitivos não é universal entre os anthropologistas modernos: entre outros pensam differente de Crawley, de Havelock Ellis e Westermarck, pelo menos com relação aos africanos, Leo Frobenius, «*Und Africa Sprach*», «Unter den Unsträflichen Athiopen», Charlottenburg, 1913 e Georg Schweinfurth, *Im Herzen von Africa*, 3.ª ed., Leipzig, 1908. Veja-se H. Fehlinger, *Sexual Life of Primitive People*, London, 1921.

Areas de cultura nativa da America



Adaptação *do diagramma de Kroeber que illustra de desigualdade na elaboração de valores de cultura nativa da America.*

chologia sexual e da sociologia genetica, Havelock Ellis, mestre de todos na materia (1).

Desempenhando funcções de aphrodisiaco, de excitante ou de estimulo á actividade sexual, correspondem taes danças á carencia e não ao excesso, como a principio pareceu a muitos e ainda parece a alguns, de lubricidade ou de libido. Danças eroticas como a presenciada por Koch-Grunberg entre tribus do Noroeste do Brasil — os homens mascarados, cada um armado com formidavel *membrum virile*, fingindo praticar o acto sexual e espalhar esperma — parecem ter sido menos frequentes entre os amerindios do que entre os africanos. O que nos leva á conclusão de que naquelles a sexualidade precisasse menos de estimulo. Convem, entretanto, attentarmos no facto de que muito do ardor animal no indio nomade e guerreiro da America absorviam-no, impedindo-o de sexualizar-se, necessidades de competição: as guerras entre as tribus, as migrações, a caça, a pesca, a defesa contra animaes bravios. Nem havia entre elles o *surplus* de lazer e de alimento que Adlez, do ponto de vista biologico, e Thomas, do sociologico, ligam ao desenvolvimento do systema sexual no homem (2).

Paulo Prado salienta que o «desregramento do conquistador europeu» veio encontrar-se em nossas praias com a «sensualidade do indio». Da india, diria mais precisamente. Das taes caboclas «priapicas», doidas por homem branco.

O ensaista do *Retrato do Brasil* recorda dos primeiros chronistas as impressões que nos deixaram da moral sexual entre o gentio. Impressões de pasmo ou de horror. É Gabriel Soares de Souza dizendo dos Tupinambá que «são tão luxuriosos que não ha peccado de luxuria que não commettam»; é o padre Nobrega alarmado com o numero de mulheres que cada um tem e com a faci-

---

(1) Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex*, Philadelphia, 1908.

(2) Adlez, citado por Crawley, *Studies*, cit.; W. I. Thomas, *Sex and Society*, Chicago.

lidade com que as abandonam; é Vespucci escrevendo a Lorenzo dei Medici que os indigenas «tomam tantas mulheres quantas querem e o filho se junta com a mãe, e o irmão com a irmã, e o primo com a prima, e o caminhante com a que encontra» (1).

Era natural a europeus surprehendidos por uma moral sexual tão diversa da sua concluirem pela extrema luxuria dos indigenas; entretanto, dos dois povos, o conquistador talvez fosse o mais luxurioso e sensual.

Da predominancia de relações incestuosas de que fala a carta de Vespucci, algumas dezenas de annos depois do italiano um observador mais exacto, o padre Anchieta, daria informações detalhadas. Notou o missionario que os indigenas tinham para si como «parentesco verdadeiro» o que vinha «pela parte dos paes que são os agentes»; e que as «mães não são mais que uns saccos... em que se criam as crianças»; por isso usavam «das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam*» (2). Accrescentando que a estas os padres casavam «agora (meados do seculo XVI) com seus tios, irmãos das mães, se as partes são contentes, pelo poder que teem de dispensar com elles...» O que mostra ter a moral sexual dos indios affectado logo aos principios da colonização á moral catholica e ás proprias leis da Igreja relativas a impedimentos de sangue para o matrimonio.

Aliás o intercurso sexual entre os indigenas desta parte da America não se processava tão á solta e sem restricções como Vespucci dá a entender; nem era a vida entre elles a orgia sem fim entrevista pelos pri-

---

(1) Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, cit.

(2) «Informações dos Casamentos dos Indios do Brasil pelo Padre José d'Anchieta», *Rev. Inst. Hist. Geo. Br.*, vol. VIII. Sobre a distincção que faz Anchieta entre as sobrinhas filhas de irmãos e as sobrinhas filhas de irmãs, escreve Rodolpho Garcia: «Áquellas respeitavam os indios, tratavam-nas de filhas, nessa conta as tinham e, assim, *neque fornicarie* as conheciam, porque consideravam que o parentesco verdadeiro vinha pela parte dos paes, que eram os agentes, emquanto que as mães não eram mais do que saccos em que se criavam as crianças; por isso das filhas das irmãs usavam sem nenhum pejo *ad copulam* e faziam dellas suas mulheres». (*Dialogos das Grandezas do Brasil*... com Introducção de Capistrano de Abreu e Notas de Rodolpho Garcia, nota 7, Dialogo Sexto).

meiros viajantes e missionarios. A laxidão, a licença sexual, a libertinagem, observa Fehlinger que não se encontra entre nenhum povo primitivo: e Baker salienta a innocencia de certos costumes — como o de offerta de mulheres ao hospede — praticados sem outro intuito senão o de hospitalidade. O que desfigura esses costumes é a má interpretação dos observadores superficiaes.

Ao contrario: o que hoje se pode affirmar é a relativa fraqueza do impulso sexual no selvagem americano. Pelo menos no homem — a vida mais sedentaria e regular da mulher dotando-a de uma sexualidade superior á do macho, numa desproporção que talvez explique o priapismo de muitas em face dos brancos.

Refere Gabriel Soares o rude processo dos Tupinambá fazerem augmentar de volume o *membrum virile*, concluindo dahi que elles fossem uns grandes libidinosos. Insatisfeitos «com o membro genital como a natureza o formou», conta o chronista do seculo XVI, que os Tupinambá punham-lhe «o pello de um bicho tão peçonhento que lh'o faz logo inchar com o que teem grandes dores, mais de seis meses, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar nem soffrer...» (1). Pois mesmo essa pratica, apparentemente de puro deboche, indica naquelles indigenas antes a necessidade de se compensarem de deficiencia physica ou psychica para a funcção genesica que desbragamento ou sadismo-masochismo. Sabe-se, com effeito, que entre os primitivos os orgãos genitaes apresentam-se em geral menos desenvolvidos que entre os civilizados (2); além do que, como já ficou dito, sentem os selvagens necessidades de praticas saturnaes ou orgiasticas para compensarem-se, pelo erethismo indirecto, da difficuldade de attingirem a secco, sem o oleo aphrodisiaco que é o suor das danças lascivas, ao estado de excitação e intumescencia tão facilmente conseguido pelos civilizados.

(1) Gabriel Soares, *op. cit.*
(2) Ploss-Bartels, *Das Weib*, Berlin, 1927.

Estes estão sempre promptos para o coito; os selvagens só o praticam picados pela fome sexual. Parece que os mais primitivos tinham até epoca para a união de machos com femeas (1).

Aos indigenas do Brasil não faltavam restricções ao intercurso sexual; só por ignorancia, ou tendencia para a phantasia, suppuseram chronistas do seculo XVI que o amor entre os caboclos fosse simples descarga dos sentidos, o macho agarrando e submettendo ao amplexo viril a primeira femea ao alcance dos seus braços.

A exogamia era restricção seguida por quasi todos: cada grupo por assim dizer dividindo-se em metades exogamas, que por sua vez se subdividiam ainda em menores grupos ou clans.

Já nos explicou a palavra do padre Anchieta porque entre os Tupi não existia repugnancia em unir-se sobrinha com tio materno: o parentesco importante e que restringia o intercurso entre os sexos, regulando por conseguinte a vida de familia, era o traçado pelo lado do pae. Não é que faltasse ao amerindio a noção do incesto e mesmo a da consaguinidade: esta era, entretanto, unilateral; e ambas vagas e imprecisas. Notou Gabriel Soares entre os Tupinambá que «a moça... a todos os parentes da parte do pae chamava pae, e elles a ella filha...» «O tio, irmão do pae da moça — é ainda informação do auctor do *Roteiro* — não casa com a sobrinha, nem lhe toca quando fazem o que devem, mas tem-na em logar de filha e ella como a pae lhe obedece depois da morte do pae...» (2). É verdade que o mesmo

(1) E. A. Westermarck, *The History of Human Marriage,* London, 1921.

(2) Gabriel Soares, *op. cit.* John Baker, do Museu da Universidade de Oxford, salienta no seu trabalho *Sex in Man and Animals,* (London, 1926), que entre muitas sociedades primitivas não ha palavra especial para pae ou mãe. Sob as palavras *pae* e *mãe* classificam-se, indistinctamente, grande numero de parentes. Para alguns ethnologos o facto indica ter havido phase na vida sexual das sociedades primitivas em que ás mulheres de um grupo permittia-se livre intercurso com qualquer homem do grupo opposto — dos dois grupos em que se dividia cada sociedade. Semelhante processo de relações entre os sexos, com as crianças criadas communariamente, teria constituido o *casamento entre grupos (group marriage).*

chronista accrescenta não ser raro entre os Tupinambá dormir irmão com irmã; mas ás escondidas pelo matto.

Fora da noção, embora vaga, do incesto e da unilateral, da consanguinidade, havia mais entre os indigenas do Brasil, como restricção ao .intercurso sexual, o totemismo segundo o qual o individuo do grupo que se suppusesse descendente ou protegido de determinado animal ou planta não se podia unir á mulher de grupo da mesma descendencia ou sob identica protecção. Sabe-se que a exogamia por effeito do totemismo extende-se a grupos os mais distantes uns dos outros em relações de sangue. Esses grupos formam, entretanto, allianças mysticas correspondentes ás do parentesco, os suppostos descendentes do javali ou da onça ou do jacaré evitando-se tanto quanto irmão e irmã ou tio e sobrinha para o casamento ou a união sexual.

Com tantas restricções, vê-se que não era de desbragamento a vida sexual entre os indigenas desta parte da America, mas ouriçada de tabús e impedimentos. Não seriam tantos nem tão agudos esses impedimentos como os que difficultam entre os europeus as relações amorosas do homem com a mulher. Davam, entretanto, para criar um estado social bem diverso do de promiscuidade ou de deboche.

É aliás erro, e dos maiores, suppor-se a vida selvagem não só neste, mas em varios outros dos seus aspectos, uma vida de inteira liberdade. Longe de ser o livre animal imaginado pelos romanticos, vivia o selvagem da America, aqui surprehendido em plena nudez e nomadismo, no meio de sombras de preconceito e de medo; muitos dos quaes nossa cultura mestiça absorveu, depurando-os de sua parte mais grosseira ou indigesta. É assim que a noção de caiporismo, tão ligada á vida psychica do brasileiro de hoje, deriva-se da crença amerindia no genio agourento do caipora; este era um caboclinho nú, andando de uma banda só e que quando apparecia aos grandes era signal certo de desgraça. Sumiu-se o caipora, deixando em seu lugar o caipo-

rismo, do mesmo modo que desappareceram os pagés, deixando atrás de si primeiro as «santidades» do seculo XVI (1), depois varias formas de therapeutica e de animismo, muitas dellas hoje incorporadas, junto com sobrevivencias dé magia ou de religião africana, ao baixo espiritismo, que tanta concurrencia faz á medicina á européa e ao exorcismo dos padres, nas principaes cidades e por todo o interior do Brasil.

No trajo popular do brasileiro rural e suburbano — a gente pobre moradora de mocambo ou de tejupar — como na sua dieta, na vida intima, na arte domestica, na attitude para com as doenças, os mortos,

---

(1) Nas denunciações ao Santo Officio referentes ao Brasil, encontram-se numerosas referencias ás «santidades». Entre ellas as seguintes que indicam ter tido essas manifestações, hybridas de religião e magia, certo caracter phallico: Domingos de Oliveira viu Fernão Pires «tirar de huma das figuras de Nossa Senhora ou Christo, hum pedaço de barro, do qual fez uma figura de natura de homem» (*Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Denunciações da Bahia — 1591-1593*, S. Paulo, 1925; «Fernão Cabral de Tayde christão velho no tempo da graça» (2 de agosto de 1591), «comfesando dise que auerá seis annos pouco mais ou menos que se leuantou hu gentio no sertão cõ hua nova seita que chamauão Santidade auendo hum que se chamaua papa e hua gentia que se chamaua may de Deos e o sacristão, e tinhão hu idolo a que chamauão Maria que era hua figura de pedra que nê demonstraua ser figura de homê nê de molher nê de outro animal, ao qual idolo adorauão e rezauão certas cousas per contas e pendurauão na casa que chamauão igreja huas tauoas com hus riscos que dizião que erão contas bentas e assim ao seu modo contrazião o culto deuino dos christãos»; «Gonçallo Fernades cristão velho mamaluco (13 de janeiro de 1592) «confesando dixe que avera seis annos pouco mais ou menos que no sertão desta capitania pera a banda de Jaguaripe se alevantou hua erronia e jdolatria gentilica á qual sustentavãn e fazião os brasis delles pagãos e delles cristãos e delles foros e delles escravos, que fugião a seus senhores pera a dita jdolatria e na companhia da dita abusão e jdolatria usávão de contrafazer as cerimonias da ygreja e figiam trazer contas de rezar como que rezavão e falavão certa lingoagem por elles inventada e defumavão se com fumos da erva que chamão erva Sancta e bebiam o dito fumo até que cayam bebados com elle dizendo que com aquelle fumo lhe entrava o espirito da sanctidade e tinhão hum jdolo de pedra a que faziam suas cerimonias e adoravão dizendo que vinha ja o seu Deus a livrallos do cautiveiro em que estavão e fazellos senhores da gente branca e que os brancos aviam de ficar seus captivos e que quem não creesse naquella sua abusão e jdolatria a que elles chamavão Santidade se avia de converter em passaro e em bichos do matto e assim diziam e faziam na dita jdolatria outros muitos despropositos» (*Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendoça — Denunciações da Bahia* — S. Paulo, 1927.

as crianças recem-nascidas, as plantas, os animaes, os mineraes, os astros, etc., subsiste muita influencia do fetichismo, do totemismo, da astrologia em começo e dos tabús amerindios. Ás vezes influencia quasi pura; em muitos casos reforçada e noutros contrariada pela africana; quasi sempre empallidecida pela subtil influencia catholica.

Um nosso amigo e conterraneo, viajadissimo pelos sertões do Brasil, o medico pernambucano dr. Samuel Hardman Cavalcanti, perguntava-nos uma vez a que attribuir a frequencia da côr vermelha no trajo das mulheres do interior. O facto observa-se tanto no Nordeste quanto no extremo Norte e na Bahia; observámol-o tambem no interior dos Estados de S. Paulo e do Rio de Janeiro, embora nessas regiões menos frequentemente do que naquellas. Na Amazonia, entre caboclos puros, e hybridos de caboclo com negro, Gastão Cruls surprehendeu o facto, registrando-o no seu *A Amazonia que Eu Vi*: «Noto, nestas paragens, como já observara no interior do Nordeste, a decidida predilecção das mulheres pelo encarnado. Não sei se vae nisso apenas uma questão de gosto ou, como me explicaram por lá, a procura de um mimetismo que as ha de poupar de possiveis vexames em certos dias do mez» (1). Igual observação fizera nessas mesmas paragens o medico Samuel Uchôa (2).

É um caso, o da frequencia do encarnado no trajo popular da mulher brasileira, principalmente no Nordeste e na Amazonia, typico daquelles em que as tres influencias — a amerindia, a africana e a portuguesa — apparecem reunidas numa só, sem antagonismo nem attrito. Em sua origem, e por qualquer das tres vias, trata-se de um costume mystico, de protecção ou de prophylaxia do individuo contra espiritos ou influencias más. Mas a influencia maior parece ter sido a do indio, para quem a pintura do corpo de encarnado (urucú)

---

(1) Gastão Cruls, A *Amazonia que Eu Vi*, Rio 1930.
(2) Samuel Uchôa, «Costumes Amazonicos», *Boletim Sanitario* (Departamento Nacional de Saude Publica, Rio, 1923).

nunca foi a expressão de simples gosto de bizarria que pareceu aos primeiros chronistas. Sem desprezarmos o facto de que pintando-se, ou antes, untando-se de oleoso urucú, parece que se protegiam os selvagens, durante a caça ou a pesca, da acção do sol sobre a pelle, das picadas de mosquitos e de outros insectos e das oscillações de temperatura — costume observado pelo prof. von den Steinen entre as tribus do Xingú, por Krause entre os Cayará e por Crevaux entre os Japurá (1) — encontramos a pintura do corpo desempenhando entre os indigenas do Brasil funcção puramente mystica, de prophylaxia contra os espiritos maus e, em numero menor de casos, erotica, de attracção ou exhibição sexual. E como prophylaxia contra os espiritos maus era o encarnado côr poderosissima, como demonstra o estudo de Karsten.

Aos portugueses parece que a mystica do vermelho se teria communicado atravez dos mouros e dos negros africanos; e tão intensamente que em Portugal o vermelho domina como em nenhum paiz da Europa, não só o trajo das mulheres do povo — as varinas de Lisboa, as tricanas de Coimbra, Aveiro e Ilhavo, as viannesas, as minhotas, as «ribeiras» de Leiria — como, por prophylaxia contra malicias espirituaes, varias outras expressões da vida popular e da arte domestica. Vermelho deve ser o telhado das casas para proteger quem mora debaixo delles:

«As telhas do teu telhado
São vermelhas, têm virtude:
Passei por ellas doente,
Logo me deram saude.» (2)

É a côr de que se pintam os barcos de pesca, os quadros populares dos *milagres* e das *alminhas*, os arreios dos muares, as esteiras; de que se debruam varios pro-

---

(1) Jules Crevaux, *Voyages dans l'Amérique du Sud*, Paris, 1883. Recentes pesquizas do prof. Alvaro Ozorio de Almeida vieram mostrar que effectivamente a pelle pintada de urucú fica protegida dos raios chimicos solares. Sinval Lins (citado por Gastão Cruls, *op. cit.*) diz que ainda é costume no interior de Minas pintar de urucú a pelle dos variolosos.

(2) Pedro Fernandes Thomás, *Canções Populares da Beira*, Lisboa, 1896.

ductos da industria portuguesa (1); a que se usa, por suas virtudes mirificas, nas fitas em torno do pescoço dos animaes — jumentos, vaccas, bois, cabras (2). Embora já um tanto perdida entre o povo a noção prophylactica do vermelho, é evidente que a origem dessa predilecção prende-se a motivos mysticos. E é ainda o encarnado entre os portugueses a côr do amor, do desejo de casamento (3).

Nos africanos, encontra-se a mystica do vermelho associada ás principaes cerimonias da vida, ao que parece com o mesmo caracter prophylactico que entre os amerindios.

Nos varios xangôs e seitas africanas que temos visitado no Recife e nos seus arredores é o vermelho a côr que prevalece, notando-se entre os devotos homens de camisa encarnada. Nos turbantes, saias e chales das mulheres de xangô domina o vermelho vivo. Ortiz nos seus estudos sobre a mythica afro-cubana diz que ao culto do xangô corresponde entre os negros de Cuba a côr encarnada. As mulheres, como *promessa*, por um favor solicitado e recebido de Xangô vestem-se de vermelho; de branco por uma graça alcançada de Obatala (Virgem das Mercês), etc. (4).

Nos nossos maracatús e reisados, o rei do Congo ou a rainha apparece sempre de manto vermelho; e encarnado. São sempre os estandartes, com cabeças de animaes ou emblemas de officios pintados ou bordados a ouro, dos clubs populares de carnaval; clubs de que de passagem salientaremos o interesse, quer como formas dissimuladas — dentro do ambiente officialmente catho-

---

(1) Luis Chaves, *Paginas Folcloricas*, Lisboa, 1929.
(2) Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, cit.
(3) Uma quadra popular citada por Leite de Vasconcellos, *(Ensaios*, cit.), diz:

«Trazes vermelho no peito,
Signal de casamento.
Deita o vermelho fora,
Qu'o casar inda tem tempo.»

(4) Fernando Ortiz, *Hampa Afro-Cubana-Los Negros Brujos* — Madrid, 1917.

lico da vida brasileira — de totemismo ou de animismo africano (assumpto já meio desfolhado por Nina Rodrigues), quer como formas degeneradas, ou pervertidas pelo systema de trabalho escravo aqui dominante, das corporações de officio medievaes. Essas corporações, na Hespanha pelo menos, haviam sido impostas ou permittidas aos mouros e negros nos seculos anteriores á colonização da America.

No Brasil a tendencia para o vermelho, já salientada no trajo da mulher do povo, nos estandartes dos clubs de carnaval, nos mantos de rainha de maracatú, etc., observa-se ainda em outros aspectos da vida popular ou da arte domestica; na pintura externa das casas e na decoração do interior; na pintura dos bahús de folha de flandres; na pintura de varios utensilios domesticos, de lata ou de madeira, como regadores, gaiolas de papagaio e de passarinho; na pintura de ex-votos; na decoração dos taboleiros de bolo e de doce — cujo interesse erotico adiante destacaremos ao recordar-lhes a nomenclatura impregnada de erotismo e ao salientar certas associações, frequentes entre os brasileiros, do gozo do paladar com o gozo sexual.

Mas o que se pode concluir é ser a preferencia pelo encarnado no brasileiro um traço de origem principalmente amerindia. Como salienta Karsten, o selvagem considera os grandes inimigos do corpo não os insectos e bichos mas os espiritos maus (1). Estes imagina o homem primitivo sempre á espreita de opportunidade para lhe penetrarem no corpo: pela bocca, pelas ventas, pelos olhos, pelos ouvidos, pelo cabello. Importa, pois, que todas essas partes, consideradas as mais criticas e vulneraveis do corpo, sejam particularmente resguardadas das influencias malignas. Dahi o uso de batoques, pennas e fusos atravessados no nariz ou nos labios; de pedras, ossos e dentes de animaes; a raspagem de cabello, que no Brasil Pero Vaz de Caminha foi o primeiro a notar

(1) Karsten, *op. cit.*

nos indios e nas indias nuas; os dentes ás vezes pintados de preto. Tudo para esconjurar espiritos maus; afastal-os das partes vulneraveis do homem. Dahi ainda o uso de uma especie de cosmetico de que se servem varias tribus sul-americanas — desde Tierra del Fuego a Guiana — para besuntar o cabello: em geral ocre encarnado; ás vezes um succo vegetal, tambem côr de sangue.

Von den Steinen surprehendeu os Bororo do rio Xingú besuntando o cabello de encarnado para poderem tomar parte em danças e cerimonias funebres — occasiões em que o indio se sente particularmente exposto á acção malefica do espirito do morto e a de outros espiritos, todos maus, que os selvagens julgam soltar-se ou assanhar-se nesses momentos (1). Koch-Grünberg encontrou o mesmo costume nas tribus do rio Negro: viu uma tribu inteira pintada de vermelho depois de um funeral; só se exceptuava da pintura o pagé. Em danças de esconjuro com maracás notou, entretanto, o ethnologo allemão que os feiticeiros traziam os rostos horrivelmente pintados de encarnado (2).

Von den Steinen teve occasião de presenciar a cerimonia com que indios do rio Xingú esconjuraram um meteoro: os *baris*, ou curandeiros, gesticulando com vehemencia e cuspindo para o ar. E afim de enfrentarem o inimigo, haviam-se cautelosamente pintado de vermelho vivo de urucú.

De vermelho de *carayurú* pintam-se os indigenas do rio Negro quando algum delles cae doente de catarrho ou de ronco do peito: a idéa é a de se resguardarem em tempo do mal por meio de pintura prophylactica. E entre os Kobeúa encontrou Koch-Grünberg o costume das mulheres pintarem de encarnado os meninos recemnascidos com o mesmo fim prophylactico. Costume que já Lery observara entre os Tupi do littoral ao tempo da descoberta e Von Spix e Von Martius entre os Coroado nos principios do seculo XIX.

---

(1) Von den Steinen, *op. cit.*
(2) Koch-Grünberg, *op. cit.*

Entre os Toba encontra-se o costume, diz Karsten, das mulheres se pintarem de vermelho (urucú) quando menstruadas; o que elle attribue á prophylaxia ou á desinfecção de espiritos maus que se suppõe agirem com especial furor sobre a menstruada. Del Campana observou entre as mulheres dos Chiriguanos que para prepararem a *chicha*, ou bebida sagrada, pintavam-se de encarnado; que de encarnado pintavam-se tambem depois de paridas. Homens e mulheres pintavam-se de encarnado na convalescança, para criarem forças. Entre os Karayá, os Jibaro e varias outras tribus do Orinoco, quando um membro da tribu sae em visita a outra, deve apresentar-se pintado de vermelho — pintura que é renovada depois de chegar o hospede ao seu destino. Karsten julga que tambem nesse caso trata-se de medida prophylactica (1). Aliás ao sabio professor de Helsingfors pode-se attribuir verdadeira theoria de interpretação da pintura do corpo entre os amerindios como medida prophylactica ou magica, em vez de simples decoração para exercer sobre o sexo opposto encanto puramente esthetico ou appello aos sentidos.

Mas para os selvagens da America do Sul o vermelho não era só, ao lado do preto, côr prophylactica, capaz de resguardar o corpo humano de influencias maleficas; nem côr tonificante, com a faculdade de dar vigor ás mulheres paridas e aos convalescentes e resistencia aos individuos empenhados em trabalho duro ou exhaustivo; nem a côr da felicidade, com o poder magico de attrahir a caça ao caçador (visando o quê, os Canelo pintavam até os cachorros). Era ainda a côr erotica, de seducção ou attracção, menos por belleza ou qualidade esthetica do que por magia: a côr de que se pintavam os mesmos Canelo para seduzir mulher; de que se serviam os Cainguá do alto Paraná para attrahir ao matto a femea do seu desejo ou da sua fome sexual, ás vezes intimidando-a mais do que cortejando-a.

---

(1) Karsten, *op. cit.*

Qual fosse o motivo fundamental da preferencia do selvagem da America pelo vermelho não é facil de precisar: talvez o facto de ser a côr do sangue e, por isso mesmo, mysticamente prestigiosa entre povos entregues ainda á caça e á guerra permanente. Alguns anthropologos, com effeito, suggerem que para os povos primitivos da America o vermelho do urucú e de outras tinturas talvez fosse empregado como substituito do vermelho do sangue.

Considerando neste ensaio o choque das duas culturas, a européa e a amerindia, do ponto de vista da formação social da familia brasileira — em que predominaria a moral européa e catholica — não nos esqueçamos, entretanto, de attentar no que foi para o indigena, e do ponto de vista de sua cultura, o contacto com o europeu. Contacto dissolvente. Entre as populações nativas da America, dominadas pelo colono ou pelo missionario, a degradação moral foi completa, como sempre acontece ao juntar-se uma cultura, já adiantada, com outra, atrasada (1).

Sob a pressão technica e moral da cultura adiantada, esparrama-se a do povo atrasado. Perde o indigena a capacidade de desenvolver-se autonomamente tanto quanto a de elevar-se de repente, por imitação natural ou forçada, aos padrões que lhe impõe o imperialismo colonizador. Mesmo que se salvem *formas* ou *accessorios* de cultura, perde-se o que Pitt-Rivers considera o *potencial*, isto é, a capacidade constructora da cultura, o seu *élan*, o seu rythmo.

A historia do contacto das raças chamadas «superiores» com as consideradas «inferiores» é sempre a mesma. Exterminio ou degradação. Principalmente porque o vencedor entende de impor ao povo submettido

---

(1) «Degeneration probably operates even more actively in the lower than in the higher culture», diz Edward B. Tylor, *Primitive Culture*, 5th ed., London, 1929. Veja-se tambem sobre o assumpto o trabalho de James Bryce, *The Relations of the Advanced and Backward Races of Mankind*, Oxford, 1902.

a sua cultura moral inteira, macissa, sem transigencia que suavize a imposição. O missionario tem sido o grande destruidor de culturas não-européas, do seculo XVI ao actual; sua acção mais dissolvente que a do leigo.

No caso do Brasil, verificou-se primeiro o collapso da moral catholica: a da reduzida minoria colonizadora, intoxicada a principio pelo ambiente amoral de contacto com a raça indigena. Mas sob a influencia dos padres da S. J. a colonização tomou rumo puritano — ainda que menos rigidamente seguido nesta parte da America pelos christãos portugueses que na outra, na do Norte, pelos verdadeiros Puritanos: os ingleses. Deu, entretanto, para suffocar muito da espontaneidade nativa: os cantos indigenas, de um tão agreste sabor, substituiram-nos os jesuitas por outros, compostos por elles, seccos e mechanicos; cantos devotos, sem falar em amor, apenas em Nossa Senhora e nos santos. Á naturalidade das differentes linguas regionaes superimpuseram uma só, a «geral». Entre os caboclos ao alcance da sua catechese acabaram com as danças e os festivaes mais impregnados dos instinctos, dos interesses e da energia animal da raça conquistada, só conservando uma ou outra dança, apenas graciosa, de *columins*. Procuraram destruir, ou pelo menos castrar, tudo que fosse expressão viril de cultura artistica ou religiosa em desaccordo com a moral catholica e com as convenções européas. Separaram a arte da vida: lançaram os fundamentos no Brasil para uma arte, não de expressão, de alongamento da vida e da experiencia physica e psychica do individuo e do grupo social; mas de composição, de exercicio, de calligraphia. O que se salvou dos indigenas no Brasil foi a despeito da influencia jesuitica; pelo gosto dos padres não teria subsistido á conquista portuguesa senão aquella parte molle e vaga de cultura amerindia por elles intelligentemente adaptada á theologia de Roma e á moral européa. Nem podia ser outra a sua orientação de bons e severos soldados da Igreja; tocados mais que quaesquer outros da vocação

catechista e imperialista. O imperialismo economico da Europa burguesa antecipou-se no religioso dos padres da S. J.; no ardor europeizante dos grandes missionarios catholicos dos seculos XVI e XVII (1), depois substituidos pelos presbyterianos e methodistas — estes ainda mais duros e mais intransigentes do que os jesuitas.

Com a segregação dos indigenas em grandes aldeias parece-nos terem os jesuitas desenvolvido no seio das populações aborigenes uma das influencias lethaes mais profundas. Era todo o rythmo de vida social que se alterava nos indios. Os povos acostumados á vida dispersa e nomade sempre se degradam quando forçados á grande concentração e á sedentariedade absoluta.

Debaixo do ponto de vista da Igreja repetimos que forçoso é reconhecer terem os padres agido com heroismo; com admiravel firmesa na sua orthodoxia; com lealdade aos seus ideaes; toda a critica que se faça á interferencia delles na vida e na cultura indigena da America — que foram os primeiros a degradarem subtil e systematicamente — precisa de tomar em consideração aquelle seu superior motivo de actividade religiosa e moral. Considerando-os, porém, sob outro criterio — puros agentes europeus de desintegração de valores nativos — temos que concluir pela sua influencia deleteria. Tão deleteria quanto a dos colonos, seus antagonistas, que, por interesse economico ou sensualidade pura, só enxergavam no indio a femea voluptuosa a emprenhar ou o escravo indocil a subjugar e a explorar na lavoura.

Se attentarmos no quadro, organizado por Pitt-Rivers, das influencias deleterias — despovoamento, degeneração, degradação — que o anthropologista inglês attribue ao

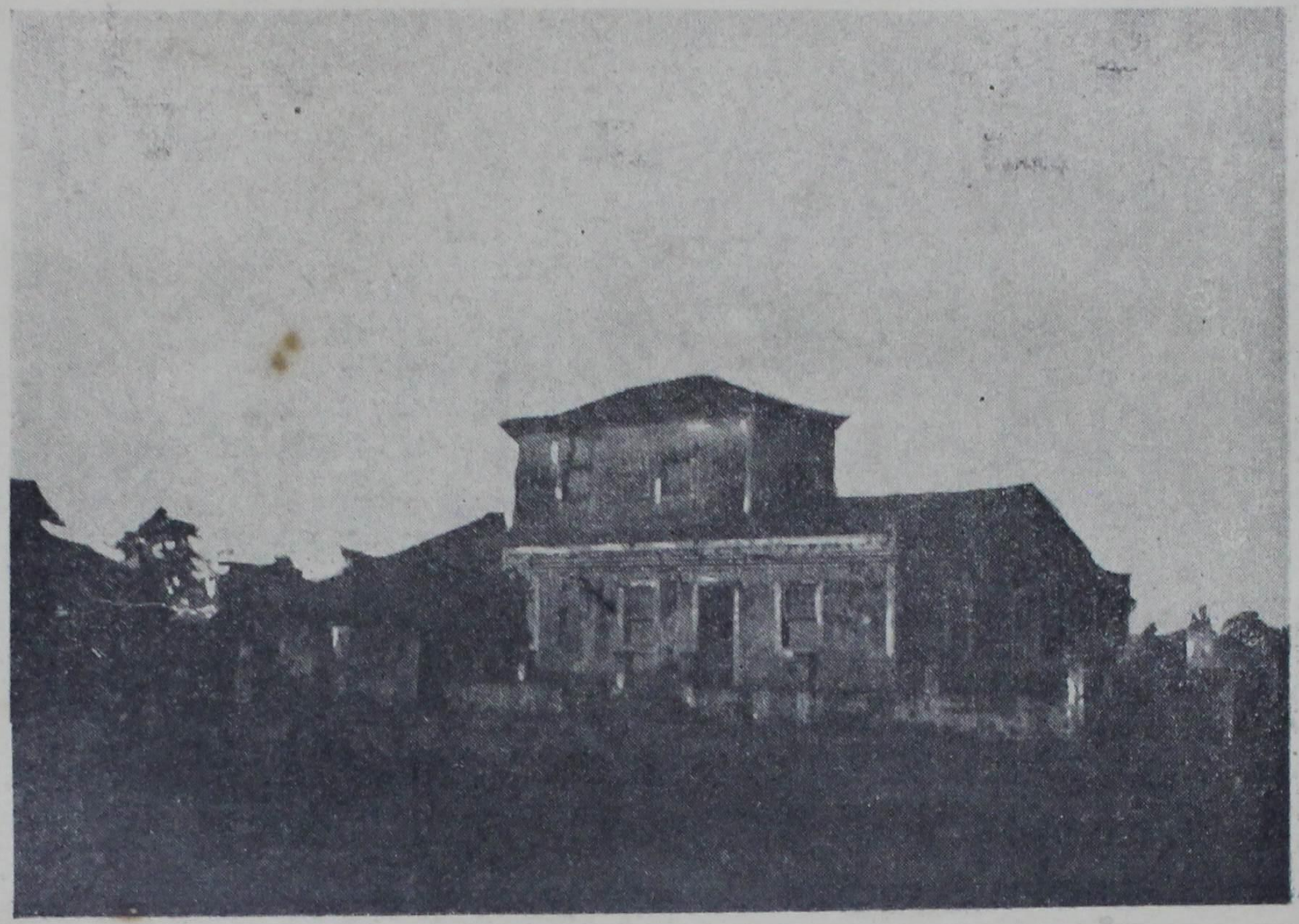
---

(1) Divergindo de Max Weber, que no seu estudo *Gesammelte Aufsatze zur Religionssziologie* identifica o capitalismo moderno e, consequentemente, o imperialismo colonizador com o calvinismo e o puritanismo, R. H. Tawney salienta o facto de terem sido catholicos, e não protestantes, os centros de finança e de espirito capitalista no seculo XV: Florença, Veneza, o Sul da Allemanha, Flandres (*Religion and the Rise of Capitalism*, London, 1926). Aqui, entretanto, referimo-nos ao imperialismo religioso, predecessor do economico: desse imperialismo os jesuitas foram os campeões nos seculos XVI e XVII.

contacto das raças atrasadas com as adiantadas (1), verificamos que grande, senão o maior numero, são influencias que no Brasil operaram sobre o indio atravez da catechese ou do systema moral, pedagogico e de organização e divisão sexual do trabalho imposto pelos jesuitas. Das quinze ali classificadas parece-nos que nove, pelo menos, caberiam, num ajuste das responsabilidades européas na degradação da raça e da cultura indigena no Brasil, ao systema civilizador dos jesuitas: 1) a concentração dos aborigenes em grandes aldêas (medida por que muito se esforçaram os missionarios no Brasil) (2);

(1) George Henry Lane-Fox Pitt-Rivers, *The Clash of Cultures and the Contact of Races*, London, 1927.

(2) Quem o destaca é um historiador extremamente sympathico aos jesuitas, Capistrano de Abreu: «Os jesuitas, observadores, intellites e praticos, tinham concentrado seus esforços em fazer de varias tabas um só aldeamento, regido por uma especie de meirinho nomeado pelo governador, com a vara de officio, que os enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo pôr gente no tronco; em extinguir a anthropophagia, a polygamia e a bebedice de vinhos de fructos em que os indios eram insignes.» (Appenso aos *Tratados da Terra e Gentes do Brasil*, cit.). E Ayres do Cazal (*op. cit.*) resume o systema civilizador dos jesuitas: «Em poucos lustros reduziram os Jesuitas as varias hordas da nação ha uma vida sedentaria em grandes aldeias denominadas *Reduções*, cujo numero pelos annos de 1630 subia a 20 com 70.000 habitantes...» Refere-se ás celebres, dos Guarani, no Sul, cuja rotina pormenoriza: «Cada huma das Reduções, por outro nome Missões, era huma consideravel, ou grande villa; e todas por hum mesmo risco com ruas direitas e encruzadas em angulos rectos; as cazas geralmente terreas, cubertas de telha, branqueadas, e com varandas pelos lados para prezervarem do calor e da chuva; de sorte que vendo-se huma, se forma idea verdadeira das outras... Hum vigario, e hum cura, ambos Jezuitas, erão os unicos ecclesiasticos, e sufficientes para exercer todas as funcções paroquiaes: sendo ainda os inspectores em toda a economia civil, debaixo de cuja direcção havia corregedores eleitos annualmente, hum cacique vitalicio, e outros officiaes, cada um com sua inspecção e alcada. Á excepção destes, todos os individuos d'hum e outro sexo uzavão d'huma camizola talar, ou quasi, de algodão branco... Tudo passava á vista dos corregedores, ou doutros subalternos.» Puro regimen de internato de collegio de padre. Ou de orphanato. Tudo aparado por igual. Sedentariedade absoluta. Grande concentração de gente. Severa vigilancia e fiscalização. A nudez dos caboclos tapada, em todos, homens e mulheres, com feias camisolas de menino dormir. Uniformidade. As raparigas aparte, segregadas dos homens. Emfim, o regimen jesuitico que se apurou no Paraguay, e que em forma mais branda dominou no Brasil, por isso mesmo que admiravelmente efficiente, foi um regimen destruidor de quanto nos indigenas era alegria animal, frescura, espontaneidade, animo combativo, *potencial de cultura*; qualidades e potencial que não poderiam subsistir á total destruição de habitos de vida sexual, nomade guerreira arrancados de repente nos indios reunidos em grandes aldeias.



Velha casa-grande em ruinas, perto do Recife (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

2) vestuario á européa (outra imposição jesuitica aos catechumenos)(1); 3) segregação nas plantações(2); 4) obstaculo ao casamento á moda indigena; 5) applicação de legislação penal européa a suppostos crimes de fornicação; 6) abolição de guerras entre as tribus; 7) abolição da polygamia; 8) augmento da mortalidade infantil devido a novas condições de vida; 9) abolição do systema communal e da autoridade dos chefes (accrescentemos: da autoridade dos pagés, mais visados que aquelles pela rivalidade religiosa dos padres e mais importantes que os morubixabas)(3).

Algumas dessas responsabilidades deveriam talvez ser repartidas com os colonos: entre outras, a segregação dos selvagens nas plantações e a divisão do trabalho sexual á européa. E os colonos, e não os jesuitas, terão sido, em grande numero de casos, os principaes agentes dysgenicos entre os indigenas: os que lhes alteraram o systema de alimentação e de trabalho, perturbando-lhes o metabolismo; os que introduziram entre elles doenças endemicas e epidemicas; os que lhes communicaram o uso da aguardente de canna.

Vê-se, entretanto, que maior, por mais systematizada, foi a influencia lethal ou deleteria da moralização, do ensino e da technica de exploração economica empregada pelos padres. Aos colonos, por exemplo, pouco incommodava a nudez dos escravos ou «administrados» nas plantações. Nudez que até lhes convinha sob o ponto de vista do interesse economico. De um colono rico dos primeiros tempos sabe-se que ia ao extremo de fazer-se

---

(1) Capistrano de Abreu, *loc. cit.*; Ayres do Cazal, *op. cit.*

(2) Ayres do Cazal, *op. cit.*

(3) «Ás leguas», diz Affonso d'E. Taunay, «fugiam os pagés dos detestados ignacianos, que a seu turno os abominavam, infelizmente, pois das informações dos pagés muito se poderia ter aproveitado». («A Fundação de S. Paulo», vol. 3, tomo especial do 1.º Congresso Internacional de Historia da America, *Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, Rio de Janeiro, 1927).

servir á mesa por indias nuas (1); e não parece que fosse caso isolado o seu. Emquanto que os padres desde o principio insistiram christã e pudicamente em vestir os indios, apenas tolerando a nudez nos meninos; ou em meninos e gente grande quando absoluta a falta de panno para roupa (2).

Da imposição de vestuario europeu a populações habituadas á pura nudez ou a cobrirem-se apenas do bastante para lhes decorar o corpo ou protegel-o do sol, do frio oú dos insectos conhecem-se hoje os immediatos e profundos effeitos dysgenicos. Attribue-se ao seu uso forçado influencia não pequena no desenvolvimento das doenças da pelle e dos pulmões que tanto concorrem para dizimar populações selvagens logo depois de submettidas ao dominio dos civilizados; doenças que no Brasil dos seculos XVI e XVII foram terriveis (3). Durrad

---

(1) Trata-se de Paschoal Barrufo da Bertioga. O caso é referido pelo padre Simão de Vasconcellos: «A tempo do jantar traçaram que servissem á mesa algumas Indias moças, descompostas e nuas ...» Era um jantar a que se achavam presentes jesuitas, que se escandalizarám. (*Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia Iesu ... Composto Pello P. Simão de Vasconcellos* ... Lisboa, MDCLXXII). Theodoro Sampaio registra o facto, accrescentando que «as escravas indias, formosas na sua tez morena, davam lugar a amiudadas tempestades domesticas.» («S. Paulo no Tempo de Anchieta», *III Centenario do Veneravel Joseph Anchieta*, S. Paulo, 1900).

(2) Diz Capistrano de Abreu *(loc. cit.)*, referindo-se aos primeiros indios christianizados, que «...como os vestuarios não chegavam para todos, andavam mulheres nuas». Baseia-se no padre Cardim. O padre visitador do seculo XVI nos dá este flagrante das primeiras indias vestidas: «...vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens, e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume». (*Tratado da Terra e Gentes do Brasil*, cit.). Por onde se sente o ridiculo, com sua ponta de tristeza, que deve ter acompanhado a imposição de vestuario aos indigenas de 1500. Anchieta informa dos indios sob a influencia christã dos primeiros missionarios: «Quando casam vão ás bodas vestidos e á tarde se vão passear somente com o gorro na cabeça sem outra roupa e lhes parece que vão assim mui galantes». (*Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta*, cit.).

(3) Entre outros chronistas registra essas doenças Simão de Vasconcellos: «Accendeu-se quasi de repente uma como peste terrivel de tosse e catarrho mortal sobre certas casas de indios baptisados ...» (*Chronica da Companhia de Jesus dos Estados do Brasil*, 2.ª edição, Rio, 1864). W. D. Hambly attribue á intermittencia no uso do vestuario pelo selvagem — o que frequentemente se verificou no Brasil — a responsabilidade de muitas doenças dizimadoras dos primitivos quando postos em contacto com os civilizados. (*Origins of Education among*

chega a considerar a imposição do vestuario «provavelmente o maior dos males» introduzidos pelos povos civilizados entre os selvagens.

O vestuario imposto aos indigenas pelos missionarios europeus vem affectar nelles noções tradicionaes de moral e de hygiene, difficeis de se substituirem por novas. É assim que se observa a tendencia, em muitos dos individuos de tribus acostumadas á nudez, para só se desfazerem da roupa européa quando esta só falta largar de podre ou de suja. Entretanto são povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual ás vezes superior á daquelles que o pudor christão faz cobrirem-se de pesadas vestes.

Quanto ao asseio do corpo, os indigenas do Brasil eram decerto superiores aos christãos europeus aqui chegados em 1500. Não nos esqueçamos de que entre estes exaltavam-se por essa epoca santos como Santo Antonio, o fundador do monachismo, por nem os pés dar-se á vaidade de lavar; ou como São Simeão, o Stylita, de quem de longe se sentia a inhaca do sujo (1). E não seriam os portugueses os menos limpos entre os europeus do seculo XVI, como a malicia anti-lusitana talvez esteja a imaginar; mas, ao contrario, dos mais asseados, devido á influencia dos mouros.

Dos primeiros chronistas são os franceses os que mais se espantam da frequencia do banho entre os caboclos: Ives d'Evreux (2) e Jean de Léry (3). E um hygienista francês, Sigaud, attribuiria aos banhos frios o facto de soffrerem os indigenas do Brasil — os já influenciados

---

Primitive Peoples, London, 1926). Theodoro Sampaio generaliza sobre a hygiene e saude dos primeiros indios escravizados pelos colonos no Brasil: «Não eram sadios os escravos. A vida sedentaria nas lavouras fazia-lhes mal, morrendo grande numero de pleurizes, camaras de sangue, affecções catarrhaes e do cobrelo, que se tornara terrivel e mui frequente entre elles». («S. Paulo no Fim do Seculo XVI», *Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*).

(1) Westermarck, *The Origin and Development of Moral Ideas*, cit.

(2) Ives d'Evreux, cit.

(3) Iean de Lery, *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil* (Nouvelle édition avec une introduction et des notes par Paul Gaffarel, Paris, MDCCCLXXX).

pela civilização européa — de desordens do apparelho respiratorio, desde o simples catarrho á pleuresia aguda e á bronchite (1). Aos banhos frios e ao habito de andarem quasi nús. Quando pelos estudos modernos de hygiene o que se apura é exactamente o contrario: que essas molestias do systema respiratorio desenvolvem-se entre populações selvagens pela imposição de vestuario e de resguardos europeus a gente habituada a andar inteiramente nua.

O seculo da descoberta da America — o XV — e os dois immediatos, de colonização intensa, foram por toda a Europa epoca de grande rebaixamento nos padrões de hygiene. Em principios do seculo XIX — informa um chronista allemão citado por Lowie — ainda se encontravam pessôas na Allemanha que em toda a sua vida não se lembravam de ter tomado banho uma unica vez (2). Os franceses não se achavam, a esse respeito, em condições superiores ás dos seus vizinhos. Ao contrario. Recorda o auctor de *Primitive Society* que a elegante rainha Margarida de Navarro passava uma semana inteira sem lavar as mãos; que o rei Luis XIV quando lavava as suas era com um pouco de alcool perfumado, uns borrifos apenas; que um manual francês de etiqueta do seculo XVII aconselhava o leitor a lavar as mãos uma vez por dia e o rosto quasi com a mesma frequencia; que outro manual, do seculo anterior, advertia os jovens da nobreza a não assoarem o nariz á mesa com a mão que estivesse segurando o pedaço de carne; que em 1530 Erasmo considerava decente assoar-se a pessôa a dedo, uma vez que esfregasse immediatamente com a sola do sapato o catarrho que caisse no chão; que um tratado de 1539 trazia receitas contra os piolhos, provavelmente communs em grande parte da Europa (3).

Pela Europa os banhos á romana, ou de rio, ás vezes promiscuos, contra os quaes por muito tempo a voz da

---

(1) Sigaud, *op. cit.*
(2) Robert H. Lowie, *Are We Civilized?* — London.
(3) Robert H. Lowie, *op. cit.*

Igreja clamara em vão, haviam cessado quasi de todo, depois das cruzadas e dos contactos commerciaes mais intimos com o Oriente. O europeu se contagiara de syphilis e de outras doenças, transmissiveis e repugnantes. Dahi resultara o medo ao banho e o horror á nudez (1).

Em contraste com tudo isso é que surprehendeu aos primeiros portugueses e franceses chegados nesta parte da America um povo sem mancha de syphilis na pelle; e cuja maior delicia era o banho de rio. Que se lavava constantemente da cabeça aos pés; que se conservava em asseada nudez; que fazia uso de folhas de arvores, como os europeus mais limpos de toalhas de enxugar as mãos e de pannos de limpar menino novo; que ia lavar no rio a sua roupa suja, isto é, as redes de algodão — trabalho esse, a cargo dos homens.

Ainda que urinando de ordinario dentro das *ocas*, os Tupi — observou Léry — «... vont néantmoins fort loin faire leurs excremens» (2). Dos indigenas parece ter ficado no brasileiro rural ou semi-rural o habito de defecar longe de casa; em geral no meio de touça de bananeiras perto do rio. E de manhã, antes do banho. Um gole de cachaça com cajú e ás vezes um Pelo Signal para guardar o corpo precedem ordinariamente esse banho hygienico. O cajú, para limpar o sangue. Toda uma liturgia ou ritual sanitario e prophylactico.

Nas mulheres, a cargo de quem se achava toda a serie de cuidados de hygiene domestica entre os indigenas, com excepção da lavagem das redes sujas, era ainda maior que nos homens o gosto pelo banho e pelo asseio do corpo. São asseadissimas, nota Gabriel Soares. E Léry attribue a esse maior amor da cunhã á agua e á hygiene do corpo enfeitarem-se ellas menos que os homens; facto que o chronista annota «entre les choses doublement estranges & vraiment esmerveillables, que i'ay observées en ces femmes bresiliennes». Na verdade, segundo o depoimento do escrupuloso pastor protestante

(1) William Graham Sumner, *Folkways*, Boston, 1906.
(2) Léry, *op. cit.*

(que revela invulgar senso critico atravez de toda sua relação de viagem e, logo ás primeiras paginas, nas rectificações que oppõe, não sem certo odio theologico, ao livro de frei André Thevet sobre o Brasil), na verdade foi nas mulheres que os europeus encontraram maior resistencia á imposição do vestuario moralizador mas para ellas anti-hygienico: « des robbes de frise & des chemises ». O que allegavam é que tanto panno por cima do corpo difficultava-lhes o costume de se lavarem livre e frequentemente no rio: ás vezes quasi de hora em hora. Dez, doze banhos por dia. Diz Léry que « ...il n'a iamais esté en nostre puissance de les faire vestir... » Elles disoyent que ce leur seroit trop de peine de se despouiller si souvent. Ne voila pas une belle & bien pertinente raison? » (1). As tentativas de conservar as cunhãs vestidas á européa foram por ellas frustradas systematicamente nos primeiros tempos; quando obrigadas pelos calvinistas franceses a andarem vestidas durante o dia claro, ás primeiras sombras da noite despiam saias e camisas e largavam-se nuas pelas praias em delicioso a-vontade. O pastor protestante viu-as repetidas vezes nesse estado, concluindo que as indias « ...quant au naturel, ne doivent rien aux autres en beauté ». E é observação sua que « ...les attiffets, fards, fausses perruques, cheveux tortillez, grands collets fraisez,

---

(1) Léry, *op. cit.* Parece-nos Jean de Léry um dos dois mais seguros chronistas que escreveram sobre o Brasil do seculo XVI. O outro é Gabriel Soares de Souza, de quem diz com toda a razão Oliveira Lima: « O senhor de engenho bahiano, tão minucioso nas suas descripções topographicas, quão meticuloso nas ethnographiacas, pode considerar-se um dos guias mais seguros para o estudo da rudimentar psychologia tupi. Não lhe toldavam o espirito exclusivas tendencias de proselytismo, como aos padres da Companhia, Simão de Vasconcellos, por exemplo; nem illusões de uma theologia romantica, como aos capuchinhos francezes do Maranhão, Claude d'Abeville e Yves d'Evreux ». (*Aspectos da Litteratura Colonial Brazileira*, Leipzig, 1896). De frei André Thévet nem é bom falar. Convem ler o seu livro mas como se lê um romance. E' o primeiro em francês sobre o Brasil: *Les Singularitez de la France Antarctique, Autrement Nommée Amérique...* par F. André Thevet. E', dos primeiros chronistas, quem se occupa com mais interesse do cajú: o livro traz uma gravura de indio trepado a um cajueiro tirando cajú. E faz o elogio da castanha assada: « Quãt au noyau qui est dedãs, il est tresbon à manger, pourueu qu'il ait passé legerement par le feu ».

vertugales, robbes sur robbes, & autres infinies bagatelles dont les femmes & filles de par deçà se contrefont & n'ont iamais assez, sont sans comparaison cause de plus de maux que n'est la nudité ordinaire des femmes sauvages...» (1) Havia qualquer cousa de um Havelock Ellis no rev. Jean de Léry.

Por alguns chronistas antigos sabemos de muita intimidade da rotina economica entre os indigenas; da sua divisão sexual de trabalho — tanto o trabalho de campo, quási todo entregue ás mulheres, como o de dentro de casa, tambem principalmente feminino; factos observados ás vezes com uma exactidão que as pesquisas recentes dos ethnologos só teem feito confirmar.

Escrevendo dos Tupinambá, informa Gabriel Soares que os machos é que «costumam a roçar os mattos, e os queimam e limpam a terra delles»; que «vão buscar a lenha com que se aquentam e se servem porque não dormem sem fogo ao longo das redes, que é a sua cama»; que «costumam ir lavar as redes aos rios quando estão sujas». Isto sem insistirmos nas responsabilidades principaes do homem de abastecer a taba de carne e de peixe e de defendel-a de inimigos e de animaes bravios.

As mulheres, porém, diz-nos Léry, trabalhavam, sem comparação, mais do que os homens; «car excepté quelques matines (& non au chaut du jour) qu'ils coupent & effertent du bois pour faire les iardins, ils ne font gueres autre chose qu'aller à la guerre, à la chasse, à la pescherie fabriquer leurs espees de bois, arcs, flesches, habillements de plume...» (2).

Gabriel Soares não precisa de que sexo ou idade fosse cada uma das actividades de caracter industrial ou artistico que encontrou entre os Tupinambá. Os «balaios de folha de palma, e outras vasilhas da mesma folha a seu modo, e do seu uso», os «cestos de vara, a que chamam samburá, e outras vasilhas em lavores, como as de rota da India» teriam sido arte de inicia-

---

(1) Léry, *op. cit.*
(2) Léry, *op. cit.*

tiva masculina. Seriam actividade de ambos os sexos e não de um só; actividade tambem dos meninos, e não apenas de gente grande.

Salienta o chronista como trabalho exclusivo das mulheres as redes de fio de algodão e as «fitas como passamanes, e algumas mais largas, com que ennastram os cabellos». E pormenoriza: «As mulheres já de idade tem cuidado de fazerem a farinha de que se mantem, e de trazerem a mandioca ás costas para casa; e as que são muito velhas tem cuidado de fazerem vasilhas de barro a mão como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa, em os quaes e em outros menores fervem os vinhos que bebem: fazem mais estas velhas panellas, pucaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha, e outros em que a deitam e em que comem, lavrados de tintas de côres; a qual louça cozem em uma cova que fazem no chão, e põem a lenha por cima; e tem e creem estas indias que se cozer esta louça outra pessoa que não seja a que a faz, que ha de arrebentar no fogo; as quaes velhas ajudam tambem a fazer a farinha que se faz no seu lanço» (1).

Eram ainda as mulheres que plantavam o mantimento e que iam buscar a agua á fonte; que preparavam a comida; que cuidavam dos meninos. Vê-se que não era pequena a importancia da mulher velha entre os indigenas; enorme a da mulher, em geral; e nessa categoria o estudo comparado da arte e da industria entre os primitivos autoriza-nos a collocar o homem effeminado ou mesmo o invertido sexual, commum entre varias tribus brasilicas.

Hartt salienta o facto da arte da ceramica entre os indigenas do Brasil ter-se desenvolvido pelas mãos da mulher; e essa generalização do sabio norte-americano confirmou-a, depois de observar os Cadiueus, o seu discipulo Herbert S. Smith (2). Confirmam-na, com relação

---

(1) Gabriel Soares, *op. cit.*
(2) Herbert S. Smith, *op. cit.*

á ceramica de Marajó, pesquisas recentes de Heloisa Alberto Torres (1). É certo que discriminam esses estudos ter sido a fabricação de louça entre os indigenas do Brasil arte tardia e precedida pela dos trançados; pela utilização durante muito tempo de trançados impermeabilizados como vasilhame para acondicionar liquidos; e esses trançados, arte dos homens mais do que das mulheres.

A producção artistica, exclusiva ou principalmente dos homens, resumia-se no fabrico de arcos e flechas, de instrumentos de musica e de certos adornos para o corpo. Na construcção da *oca* era seu o trabalho mais duro; seu o esforço de levantar em volta da aldêa a cerca de pau a pique, que os portugueses adoptariam mais tarde como meio de defender as casas-grandes de engenho dos ataques de inimigos. E obra dos homens eram ainda as canôas feitas de um só pau, igualmente adoptadas pelos primeiros colonos nos seus *raids* sertões a dentro.

Já dissemos, ás primeiras paginas deste capitulo, que sob o ponto de vista da organização agraria em que se estabilizou a colonização portuguesa do Brasil, maior foi a utilidade social e economica da mulher que a do homem indigena. Este se retraiu quasi por completo aos esforços dos colonos e mesmo aos agrados dos padres para o incorporarem á nova technica de exploração economica e ao novo regimen de vida social. Melhor ajustamento se verificou da parte da mulher; o que se comprehende, dada a sua superoridade technica entre os povos primitivos; e dada a sua tendencia maior para a estabilidade entre os povos nomades.

A toda contribuição que se exigiu della na formação social do Brasil — a do corpo que foi a primeira a offerecer ao branco, a do trabalho domestico e mesmo agri-

---

(1) Heloisa Alberto Torres, « Ceramica de Marajó » (conferencia), Rio, 1929.

cola, a da estabilidade — estado por que ansiava, estando seus homens ainda em guerra com os invasores e ella aos emboleus, de trouxa á cabeça e filho pequeno ao peito ou escarranchado ás costas— a cunhã correspondeu vantajosamente.

Entre os seus era a mulher india o principal valor economico e technico. Um pouco besta de carga e um pouco escrava do homem. Mas superior a elle na capacidade de utilizar as cousas e de produzir o necessario á vida e ao conforto communs.

A polygamia não corresponde entre os selvagens que a praticam — incluidos neste numero os que povoavam o Brasil — apenas ao desejo sexual, tão difficil de se satisfazer no homem com a posse de uma só mulher; corresponde tambem ao interesse economico de cercar-se o caçador, o pescador ou o guerreiro dos valores economicos vivos, criadores, que as mulheres representam.

Diz-nos Thomas que entre os primitivos o homem é a actividade violenta e esporadica; a mulher, a estavel, solida, continua (1). Funda-se esse antagonismo na organização physica da mulher, que a habilita antes á resistencia que ao movimento. Antes á agricultura e á industria que á caça e á guerra. Dahi a actividade agricola e industrial desenvolver-se quasi sempre pela mulher; pela mulher desenvolver-se a propria technica da habitação, a casa; e em grande parte a domesticação de animaes. Mesmo a magia e a arte, se não se desenvolvem principalmente pela mulher, desenvolvem-se pelo homem effeminado ou bi-sexual, que á vida de movimento e de guerra de homem puro prefere a domestica e regular da mulher. Os indigenas do Brasil estavam, pela epoca da descoberta, ainda na situação de relativo parasitismo do homem e sobrecarga da mulher. Eram as mãos criadoras da cunhã que reuniam os principaes trabalhos regulares de arte, de industria, de agricultura.

---

(1) Thomas, *op. cit.*

Quanto aos pagés, é provavel que fossem daquelle typo de homens effeminados ou invertidos que a maior parte dos indigenas da America antes respeitavam e temiam do que desprezavam ou abominavam (1). Uns, effeminados pela idade avançada, que tende a masculinizar certas mulheres e a effeminar certos homens; outros, talvez, por perversão congenita ou adquirida. A verdade é que para as mãos de individuos bi-sexuaes ou bi-sexualizados pela idade resvalavam em geral os poderes e funcções de mysticos, de curandeiros, pagés, conselheiros, etc. entre varias tribus americanas.

A propria *couvade*, complexo de cultura tão caracteristico das tribus brasilicas, talvez possa alguem arriscar-se a interpretal-a pelo criterio da bi-sexualidade. Notada entre povos que em geral respeitam, em vez de desprezar ou ridicularizar os effeminados, e enxergam nelles poderes ou virtudes extraordinarias, é possivel que o costume da *couvade* se tenha originado desses differenciados sexuaes: individuos de forte influencia e suggestão mystica sobre a maioria. Wissler observa que certos traços de cultura incorporam-se, ainda que raramente, á pratica geral de uma tribu ou de um grupo, por influencia de individuos excepcionaes que os iniciem (2). O homem invertido, sabe-se que é um individuo á procura de sensações e actividades criadoras e dolorosas que lhe substituam as impossiveis de feminilidade e maternidade: o masochismo, a flagellação, a arte da escultura, da pintura, da calligraphia e da musica entre os monges da idade media; o mesmo masochismo entre os fakires da India; e segundo Silberer, no seu trabalho *The Problems of Mysticism and Symbolism*, a propria alchimia representa o desejo de introvertidos de se compensarem da introversão (3). Sabe-se tambem que em certas

---

(1) Westermarck, *The Origin and Development of Moral Ideas*, cit.
(2) Wissler, *Man and Culture*, cit.
(3) Theodore Faithful, *Bisexuality*, London, 1927.

doenças, como a tuberculose e a prisão de ventre, o introvertido encontra prazer ou compensação (1).

São suggestões, todas essas, que embora insufficientes como elementos de convicção constituem talvez a base para uma possivel interpretação sexual da *couvade* pelo criterio da bi-sexualidade. Parece, com effeito, haver na *couvade* muito daquelle desejo que Faithful salienta no homem introvertido de obter pela identificação com a mulher a alegria da maternidade («to obtain by identification with their mates the joy of motherhood») (1).

---

(1) Pensam scientistas modernos que certas formas de tuberculose e prisão de ventre, de tratamento psychico, são meios de compensação, no homem introvertido, da impossibilidade de satisfazer-se femininamente nos seus desejos sexuaes. Theodore Faithful escreve a esse respeito no seu ensaio já referido: «Consumption is a ready means of satisfaction to an introvert who cannot use the libido in artistic or mental creative work, and who either has not a womb to use, or if possessed of one does not wish to use it, or whose desires in that direction are inhibited by attachments to relatives or economic necessity.» E ainda sobre os meios de compensar-se o homem introvertido da impossibilidade de expressão sexual feminina: «Chronic constipation is one of these ways, and it is used to satisfy introverted or female desires... In introverted men also it gives a satisfaction to the psyche unobtainable by the use of their reproductive apparatus.»... «The abnormal laying on of abdominal fat is another means of psychical satisfaction to introverted men who are unable to use up the libido in creative work, and in unmarried extraverted women».

(1) O chôco ou *couvade* collocava o homem em situação de receber, por «doente» attenções que doutra maneira caberiam só á mulher, com a qual elle se identificava pelos resguardos e cuidados especiaes que se impunha: «...o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto... em o qual lugar o visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos...» (Gabriel Soares, *Roteiro do Brasil,* cit.) R. R. Schuller explica a *couvade* pelo «*egoismo paterno*, acompanhado duma bôa dose de rivalidade com a parida». («A Couvade», *Boletim do Museu Goeldi*, vol. VI, 1910); explicação que se approxima, mas vagamente e de longe, da suggestão aqui esboçada. Sociologicamente talvez represente a *couvade* o primeiro passo no sentido de reconhecer-se a importancia biologica do pae na geração. E' preciso considerar o facto de raramente haver connexão essencial para o selvagem entre o intercurso sexual e a concepção. A noção de paternidade ou maternidade, noção antes sociologica que biologica, pela qual se estabelecem a descendencia e a familia entre os primitivos, corresponde em geral ao conhecimento apenas approximado, vago, da interferencia de um ou outro sexo no processo de geração. Entre varias tribus do Brasil dominava a crença de nascer o primeiro filho da interferencia de um demonio chamado *uauyara*, — muito significativamente para um freudiano — com a forma de um peixe, o boto, considerado o espirito tutelar dos demais peixes. (Couto de Magalhães,

Os effeminados, pelo seu prestigio atravez das praticas de magia sexual — actividade dominada por elles entre varias tribus — teriam sido os iniciadores da *couvade* — complexo de cultura em que são tantas as evidencias do mechanismo de compensação de que se serve o introvertido: o repouso, o resguardo, a dieta, a identificação do homem com a mulher. Porque em geral eram os dois que ficavam de resguardo e de dieta, e não o homem só, como de ordinario se pensa.

Goldenweiser (1), do ponto de vista da anthropologia, Westhermarck, do da sociologia (2), e Faithful (3) do da sexologia, destacam o facto de não raro assumirem os

---

O Selvagem, Rio 1876). Parece, entretanto, que a noção mais geral, ao tempo da descoberta, era a referida por Anchieta, de ser o ventre da mulher um sacco no qual o homem depositasse o embryão. Noção mais adiantada que aquella. Von den Steinen (*op. cit.*), aprofundando-se no estudo da *couvade*, foi dar com a noção, entre os indigenas do Brasil central, de ser o homem quem deita o ovo ou os ovos no ventre da mulher, chocando-os durante o periodo da gravidez. O ovo é identificado com o pae; de tal modo, que a palavra *ovo* e a palavra *pae* em Bakairi teem igual derivação. O filho não é considerado senão a miniatura do pae. Não importa que seja menino ou menina: é o pae em miniatura. No ventre da mãe só faz desenvolver-se como a semente na terra. Dahi suppor o selvagem que os males que affectam o pae possam affectar, por effeito de magia sympathica, ao filho recem-nascido. Dahi resguardarem-se em geral os dois: pae e mãe; ou exclusivamente o pae. Veja-se sobre o assumpto, além dos trabalhos mencionados por Schuller no seu estudo já referido «*A Couvade*» e dos acima citados — especialmente o de Von den Steinen — os estudos recentes de Rafael Karsten, que dedica á *couvade* um dos melhores capitulos do seu *Civilization of the South American Indians* de Walter E. Roth. An Inquiry into the Animism and the Folklore of the Guiana Indians 13th Annual Report, Bureau of American Ethnology, Washington, 1915. Tambem o de H. Ling Roth, «On the Significance of the Couvade», *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 22, 1893. «...the sociological problem it involves can hardly be said to have been completely solved», diz Karsten da *couvade*.

(1) «Numerous reports attest the presence in various tribes of effeminate men who avoid male occupations and disregard masculine attire: they dress as women and participate in feminine activities. Not infrequently such men function as magicians and seers.» (Alexander Goldenweiser, «Sex and Primitive Society», in *Sex and Civilization*, ed. by Calverton and Schmalhausen, London 1929).

(2) Westermarck, *The Origin and Development of the Moral Ideas*, cit.

(3) «The female or introverted men became the priests, the medicine men, the inventors, the magicians and the extraverted the fighters.» (Theodore J. Faithful, *Bisexuality*, cit.).

homo ou bi-sexuaes posição de mando ou influencia nas sociedades primitivas; facto que R. Lowe Thompson dá-se ao luxo de interpretar, em livro recente, com um desassombro a que talvez não o autorize a pura sciencia (1).

No seu estudo *Intermediate Types Among Primitive Men* Carpenter vae igualmente ao extremo de suggerir que muitas das mais importantes differenciações de vida social teriam decorrido de variações de natureza sexual; que a cultura se teria enriquecido e a actividade differenciado entre os primitivos por effeito da homo ou da bi-sexualidade. Teriam os homo e os bi-sexuaes desempenhado valiosa funcção criadora; lançado as bases de sciencias, artes e religiões. Teriam sido os prophetas, os videntes, os curandeiros, os medicos, os sacerdotes, os artistas plasticos (2).

É uma theoria que talvez attribua demasiada importancia, no desenvolvimento da sciencia, da religião e da arte ao erratico, ao estrambolico, ao romantico, desprezando um elemento que nem por dar pouco na vista é menos activo e criador: o bom senso dos extraverlidos. Não o bom senso rotineiro, mas o que não é senão equilibrio e saude intellectual e physica; o rabelaisiano, o johnsoniano, o cervantino; aquelle de que fala Marrett, identificando-o com a experiencia e a tradição do grande numero; o folk-lorico, o do povo, o das nações maduras como a França; o das igrejas grandes e antigas como a de Roma (que entretanto não tem deixado de enrique-

---

(1) Para Thompson os homens effeminados «... though they may have a poor physique, a less stable mentality and no great love for mainly sports or warlike exercises, often have, by reason of their bisexual outlook, a stereoscopic view of life, a quick intelligence, cunning, tenacity, patience, and a power of opportune adaptation, together with a strong desire for self-expression. In fact, they often have an unusually large amount of emulation and emotional energy, which cannot, of course, be expressed in motherhood and may not find an adequate outlet in paternity, since their proper sexual impulses are apt to be weak or confused or restrained by various conventions. They are, indeed, lustful rather than lusty fellows.» (R. Lowe Thompson, *The History of the Devil*, London, 1929).

(2) Carpenter, *apud* Goldenweiser, *op. cit.*

cer-se espiritualmente a custa de introvertidos quasi delirantes, como Santa Thereza de Jesus e São Francisco de Assis).

Da frequencia da homomixia entre varias das sociedades primitivas da America são numerosas — já o dissemos — as evidencias; suggere Westermarck que o rythmo guerreiro da vida dessas sociedades talvez favorecesse o intercurso sexual do homem com homem e mesmo de mulher com mulher. As sociedades secretas de homens, possivel expressão, ou antes, affirmação — na phase sexual e social de cultura atravessada por muitas das tribus amerindias ao verificar-se a descoberta do continente — do prestigio do macho contra o da femea, do regimen patronymico contra o matronymico, talvez fossem melhor estimulo que a vida de guerra á pratica da pederastia. O certo é que nos *Baito,* especie de lojas de maçonaria indigena só franqueadas aos homens depois de severas provas de iniciação, pôde surprehender Von den Steinen, entre os Bororo, os mancebos em livre intercurso sexual uns com os outros; e isto sem ar de peccado, mas naturalmente.

Já no seculo XVI Gabriel Soares se horrorizara de ver os Tupinambá «...mui affeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por affronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldêas pelo certo ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas» (1).

É impossivel apurar até que ponto a homomixia occorresse na America primitiva por perversão congenita; a verdade é que entre os amerindios se praticava a pederastia sem ser por escassez ou privação de mulher. Quando muito pela influencia social da segregação ou do internato dos mancebos nas casas secretas dos homens.

---

(1) Soares, *op. cit.*

Por crime de sodomia apparecem, no fim do seculo XVI, perante o visitador do Santo Officio (1) varios indigenas e mamelucos: homens ainda mal christianizados, catholicos ainda meio crús. A Egreja fulminou nelles como peccado dos mais profundos — um dos quatro *clamantia peccata* da theologia da Idade Media (2) — o que para a moral sexual desses primitivos — dos selvagens que o padre Cardim ouvindo em confissão achara tão candidos — seria quando muito um *peccadilho*. Parece, entretanto, que a mentalidade portuguesa cedo identificou os indigenas com a pratica da pederastia; pratica para os christãos tão abominavel.

A denominação de *bugres* dada pelos portugueses aos indigenas do Brasil em geral e a uma tribu de S. Paulo em particular talvez exprimisse o horror theologico de christãos mal saidos da Idade Media ao peccado nefando, por elles associado sempre ao grande, ao maximo, de incredulidade ou heresia. Já para os hebreus o termo *gentio* implicava idéa de sodomita; para o christão medieval foi o termo *bugre* que ficou impregnado da mesma idéa pegajosa de peccado immundo. Quem fosse hereje era logo havido por sodomita; como se uma damnação arrastasse inevitavelmente á outra. «Indeed so closely was sodomy associated with heresy that the same name was applied to both», escreve Westermarck. E accrescenta: «...the French *bougre* (from the Latin *Bulgarus* Bulgarian), as also its English synonim, was originally

---

(1) Entre outros casos o do indio Luiz «...somitigo que usa do peccado nefando, sendo paciente em lugar de femea, o qual he moço de idade de arredor de dezoito annos». (*Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil, pelo Licenciado Reitor Furtado de Mendoça — Denunciações da Bahia — 1591-1593* — S. Paulo 1925); do indio Acahuy, contra o qual depoe Francisco Barbosa por o ter visto praticar o «peccado nefando» com Balthazar de Lomba «...ambos em hua rede e sentio a rede rugir e a eles ofegarem como que éstavão no trabalho nefando e assim entendeo estarem elles fazendo o ditto peccado e ouvio ao ditto negro huas palavras na lingoa que querião dizer queres mais». (*Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Denunciações de Pernambuco — 1593-1595* — S. Paulo 1929).

(2) Thomas Aquinas, *Summa Theologica;* e já o apostolo Paulo na epistola aos Corinthios: «Nem os effeminados, nem os sodomitas...hão de possuir o reino de Deus.»

a name given to a sect of heretics who came from Bulgaria in the eleventh century, and was afterwards applied to other heretics, but at the same time it became the regular expression for a person guilty of unnatural intercourse» (1). Em ligação com o assumpto, encontra-se em Léry uma passagem digna de nota. Referindo-se aos Tupi, diz o chronista: «...toutefois, à fin de ne les faire pas assi plus gens de bien qu'ils ne sont, parce que quelque fois en se despitans l'un contre l'autre, ils s'appellent *Tyvire*, on peut de là coniecturer (car ie n'en afferme rien) que cest abominable pesché se commet entr'eux» (2).

Atravez das informações de Léry, de Gabriel Soares, de Hans Staden; das chronicas dos jesuitas do seculo XVI; dos livros de Ives d'Evreux e de Claude d'Abbeville vê-se que para a mulher tupi a vida de casada era de continuo trabalho: com os filhos, com o marido, com a cozinha, com os roçados. Isto sem esquecermos as industrias domesticas a seu cargo, o supprimento d'agua e o transporte de fardos. Mesmo gravida a mulher india mantinha-se activa dentro e fora de casa, apenas deixando de carregar ás costas os volumes extremamente pesados (3). Mãe, accrescentava ás suas muitas funcções a de tornar-se uma especie de berço ambulante da criança (4); de amamenal-a, ás vezes até aos sete annos; de laval-a; de ensinar ás meninas a fiar algodão e a preparar a comida.

A seu cargo, diz-nos Léry, estava toda a organização domestica: «...toute la charge du mesnage» (5). E eram trabalho de suas proprias mãos os utensilios de que se servia para fazer a comida, para guardal-a, para pisar

---

(1) Westermarck, *The Origin and Development of the Moral Ideas*, cit.

(2) Léry, *op. cit.*

(3) Léry, *op. cit.*

(4) O berço dos indigenas desta parte da America parece ter sido a *typoia* ou faixa de panno prendendo a criança ás costas da mãe, e a rede pequena. Sobre o berço entre os amerindios em geral, véja-se O. T. Mason, «Cradles of the American Aborigenes», *Report of the United States National Museum*, 1886-87.

(5) Léry, *op. cit.*

o milho ou o peixe, moquear a carne, espremer as raizes, peneirar as farinhas; os alguidares, as urupemas, as cuias, as cabaças de beber agua, os balaios. Utensilios muitos desses que se incorporaram ao trem de cozinha colonial. Ainda hoje o vasilhame de qualquer casa brasileira do Norte ou do Centro do Brasil contem numerosas peças de origem ou feitio puramente indigena. A nenhuma cozinha que se preze de verdadeiramente brasileira, falta a urupema ou o pilão, o alguidar ou o pote d'agua. A algumas dessas vasilhas domesticas, feitas de barro, de madeira, de casco de animal ou de casca de fructa — o ralo, de cascas de ostras —, não só davam as cunhãs recorte ou formas graciosas, como animavam-nas de desenhos pintados a côr: «...mille petites gentillesses», diz Léry, «comme guilochis, las d'amour & autres deroleres au dedans de ces vaisselles de terre, princepalement celles ou entient la farine & les autres viandes: de façon qu'on en est servi assez proprement: voire diray plus honestement que en sont qu'usent par deça de vaisselle de bois» (1).

Das comidas preparadas pela mulher as principaes eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca. As raizes da mandioca viu-as Gabriel Soares raspadas pelos indios de 1500 até ficarem alvissimas; «...depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem essa maça em um engenho de palma a que chamam tapitim que lhe faz lançar a agua que tem toda fora, e fica esta maça enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta maça e a enxugam sobre o fogo onde uma india a meche com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta, e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e desta maneira se come, é muito doce e saborosa» (2).

---

(1) Léry, *op. cit.*
(2) Soares, *op. cit.*

A farinha de mandioca adoptaram-na os colonos em lugar do pão de trigo; preferindo a principio os proprietarios ruraes a fresca, feita todos os dias; acerca do que diz Gabriel Soares: «...e ainda digo que a mandioca é mais sadia e proveitosa que o bom trigo, por ser de melhor digestão. E por se averiguar por tal, os governadores Thomé de Sousa, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brasil pão de trigo por se não acharem bem com elle, e assim o fazem outras muitas pessoas» (1).

Foi completa a victoria do complexo indigena da mandioca sobre o trigo: tornou-se a base do regimen alimentar do colonizador (é pena que sem se avantajar ao trigo em valor nutritivo e em digestibilidade, como suppoz a ingenuidade de Gabriel Soares). Ainda hoje a mandioca é o alimento fundamental do brasileiro e a technica do seu fabrico permanece, entre grande parte da população, quasi que a mesma dos indigenas. No extremo Norte a farinha preferida é a d'agua; e a maneira de prepararem-na os caboclos é assim descripta por H. C. de Souza Araujo: «A maceração termina quando a mandioca larga a casca, sendo então transportada para côchos com agua, onde permanece mais alguns dias. Depois de bem molle, é esmagada ou ralada e a massa collocada em longos tipitis conicos, feitos de embyra ou de taquara trançada. Esses tipitis têm 1 e meio a 2 metros e outro tanto de comprido e são pendurados na cumieira da casa depois de bem cheios, amarrando-se na sua extremidade inferior uma grande pedra. Quando a agua da mandioca, chamada tucupy, cessa de escorrer, tiram a massa amylacea, e levam-na ao sol para seccar, operação esta que termina ao forno. Resulta sempre uma farinha grossa, constituida de bolinhas duras, de difficil trituração na bocca» (2). No Nordeste a farinha geralmente fabricada é a secca, outrora chamada de guerra; nesta região, tanto quanto no extremo Norte, o *tipiti* — «cesto

---

(1) Soares, *op. cit.*

(2) H. C. de Souza Araujo, «Costumes Paraenses», Boletim Sanitario, anno 2, n.º 5, Rio, 1924.

tubular elastico, feito de folhas de palmeira», da definição de Theodoro Sampaio (1) — continua a caracterizar a technica do preparo da farinha.

Variado era o uso da mandioca na culinaria indigena; e muitos dos productos preparados outrora pelas mãos avermelhadas da cunhã, preparam-nos hoje as mãos brancas, pardas, pretas e morenas da brasileira de todas as origens e de todos os sangues. Da india aprendeu a brasileira a fazer de mandioca uma serie de delicados quitutes: a farinha fina, de *carimã,* para o filho pequeno; o mingau; o *mbeyu* ou *beijú.* «Conheciam», escreve Couto de Magalhães dos indigenas do Brasil, «processos de fermentação pelos quaes preparavam excellentes conservas alimentares e proprias para estomagos enfraquecidos; entre outros, citarei os bolos de «carimã», com os quaes quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo da nossa infancia» (2).

Do beijú cita Araujo Lima uma variedade de modernas especializações amazonenses. Além do beijú simples, conhecido de todo o brasileiro por esse nome ou pelo de tapioca — «bolo de massa fresca, ainda humida, ou de polvilho (tapyoca), passada pela urupema, de modo a formar grumos, que pela acção do calor ficam ligados pelo gluten proprio da massa» — o *beijú-assú,* «redondo, feito da mesma massa que o beijú tycanga, e cozido no forno»; o *beijú-cyca,* «feito de massa de macacheira, em grumos bem finos»; o de tapioca «feito de tapioca humidecida, de maneira a cair da urupema em grumos pequeninos e, quando prompto, enrolado sobre si mesmo depois de se lhe pôr manteiga na face exterior»; o *beijú-ticanga,* «feito da massa da mandioca molle e secca (tycanga) ao sol»; o *caribé* — «o *beijú-assú* posto de môlho e reduzido a uma massa, a que se accrescenta mais agua, morna ou fria, formando uma especie de mingau, mais ou menos ralo, conforme o gosto», mingau que se toma de manhã com agua morna, e no andar do dia, com agua fria; o

(1) Thodoro Sampaio, *op. cit.*
(2) Couto de Magalhães, *op. cit.*

curadá, « beijú grande e bastante espesso, feito de tapyoca humidecida, de grumos maiores que o enrolado, e levando castanha crua em pequenos fragmentos » (1). Tudo comida de indio adoptada pelo brasileiro do extremo Norte.

Não só em relação ao beijú, mas a tudo quanto é comida indigena, a Amazonia é a area de cultura brasileira mais impregnada de agreste influencia cabocla: o que ahi se come tem ainda gosto de matto; é enrolado em folha de palmeira ou de bananeira; leva castanha de cajú; prepara-se em cuia; é polvilhado de puçanga feita de folhas de curumikáa torrada; e os nomes são ainda os dos indios; com um quer que seja de estrangeiro á primeira vista. Mais só á primeira vista. Quitutes e nomes de quitutes indigenas desmancham-se familiarmente na bocca do brasileiro: um gosto de conhecidos velhos desfaz a primeira impressão de exoticos. É quando sentimos o muito que nos ficou de fundamentalmente agreste no paladar e no rythmo do idioma; o muito que nos ficou dos nossos antepassados tupis e tapuyas.

A culinaria nacional ficaria empobrecida, e sua individualidade profundamente affectada, se se acabasse com os quitutes de origem indigena: elles dão um gosto á alimentação brasileira que nem os pratos de origem lusitana, nem os manjares africanos jamais substituiriam.

No extremo Norte faz-se ainda de mandioca uma comida indigena chamada *macapatá:* um bolo feito de massa de mandioca molle que « depois de espremida no *tipity* », diz Araujo Lima, « amassada com banha de tartaruga e com pedaços de castanha crua é espalmada em pequenas porções oblongas, envolvidas em folha de bananeira, para serem assadas em rescaldo». Faz-se mais uma bebida, o *tarubá,* de beijús que depois de ligeiramente mergulhados dentro d'agua, de modo a ficarem apenas humidecidos, são postos um a um sobre folhas de curumi (kurimikáa) em « uma cama de folha de bananeira extendida num girau especial feito na casa da fa-

---

(1) Araujo Lima, *loc. cit.*

rinha ou na cozinha», sendo então polvilhado com puçanga e coberto com folha de curumi. Cobrem-se então todos os beijús de folha de curumi e de banana; e assim se deixa ficar por tres dias — quando delles começa a escorrer uma especie de melaço. Desfaz-se então toda a massa em agua, passa-se pela urupema e deixa-se descansar. Está prompta uma deliciosa bebida que tomada em excesso embriaga. Tem um doce perfume, essa *tarubá*.

A folha de bananeira de S. Thomé, de uso frequente no Nordeste para envolver productos de coco, de mandioca, de arroz e de milho, será talvez effeito de intrusão africana; contagio do complexo negro da bananeira. É certo que não faltava aos indigenas a bananeira caauassú ou pacova sororoca; mas duvidoso que entre elles o complexo da bananeira tivesse attingido o mesmo desenvolvimento que entre os africanos. Estes davam á banana e á folha da bananeira larga applicação.

Na tapioca de coco, chamada molhada, extendida em folha de bananeira africana, polvilhada de canela, temperada com sal, sente-se o amalgama verdadeiramente brasileiro de tradições culinarias: a mandioca indigena, o coco asiatico, o sal europeu, confraternizando-se num só e delicioso quitute sobre a mesma cama africana de folha de bananeira. Cremos, aliás, ser o Nordeste, isto é, a zona de influencia pernambucana, e mais para o Norte o Maranhão, os dois pontos mais intensos dessa confraternização de cultura; confraternização materializada na culinaria e subtilizada noutras espheras onde mais difficil se torna o discernimento ou a differenciação pelos estudos de psychologia social, de ethnographia, de *folklore* e de sociologia.

A *massoca*, de que se fazem varios bolos, além do *caribé*, não se restringe ao Amazonas: pode ser considerada de uso generalizado ao Norte e ao Centro do Brasil, embora menos que o mingau, a cangica de milho e a muqueca; estes se incorporaram ao systema nacional da alimentação brasileira logo depois dos productos por assim dizer originaes ou brutos — o cará, o milho, a ba-

tata, o cacau, o mindubi, a mandioca. A *massoca* é a massa da mandioca passada pelo *typity* e, depois de bem socada ao pilão e secca ao sol, posta em paneiro; e este pendurado a certa altura do fogo usual para manter-se a massa sempre enxuta.

Do milho preparavam as cunhãs, além da farinha *(abatiuy)*, hoje usada no preparo de varios bolos, a *acanijic*, que sob o nome de *canjica* tornou-se um dos grandes pratos nacionaes do Brasil, a *pamuna*, hoje pamonha — envolvida, depois de prompta, na propria palha do milho, a pipoca, que, segundo Theodoro Sampaio, quer dizer «epiderme estalada»; e ainda uma bebida fermentada, o abati-y (1).

Do peixe ou da carne pilada e misturada com farinha faziam a *paçoka* ou passoca, ainda tão usada no Norte; faziam o *piracuhy*, «arêa do peixe», feita do peixe desfeito a mão, depois de tiradas as espinhas, torrado no forno, pilado e empaneirado; mas o processo mais caracteristico de prepararem as cunhãs peixe ou a carne de caça era o de *mokaen*, que nos ficou sob o nome de moquem — isto é, o peixe ou a carne assada sobre brasas; «ou então sobre um gradeado de madeira», esclarece Theodoro Sampaio (2).

Como no caso da mandioca, no do peixe é a Amazonia a região de cultura brasileira que se conserva mais proxima das tradições indigenas; na culinaria amazonica o *pirarucú* occupa lugar importantissimo: logo após a tartaruga, que é sozinha um complexo. Para as populações ruraes do extremo Norte o *pirarucú* faz as vezes do bacalhau ou do xarque: «é aproveitado em conserva, salgado apenas *(salmoura)* para o consumo de dias mais proximos, ou salgado e desseccado ao sol (secco), em mantas, para resistir muito mais tempo e ser exportado». Outros peixes muito em uso na Amazonia são o *tucunaré* e o *tambaqui*: este aproveitado pelo processo tão caracteristicamente indigena da *myxira*. O processo da *myxira*

(1) Theodoro Sampaio, *op. cit.*
(2) Theodoro Sampaio, *op. cit.*

não se restringe ao peixe: pode haver *myxira* de carne. Peixe ou carne assada na propria banha a fogo brando, depois de feita em pedaços. Assim preparada é a carne, de caça ou de peixe, conservada na propria banha e fechada em vasilhas proprias; antigamente, pelos indigenas, em potes de barro; hoje, diz-nos Araujo Lima, em latas, cylindricas, de folha de Flandres. Faz-se myxira de peixe-boi, de tartaruga, de tambaqui, de anta, etc. (1).

Ha entretanto um processo indigena de preparar peixe que se generalizou ao Brasil: o da *pokeka* «de que se fez por corruptela, moqueca», informa Theodoro Sampaio no seu vocabulario geographico brasilico, «e significa embrulho». Embrulho de peixe em folhas. Moqueca é o peixe assado no rescaldo, que vem todo embrulhado em folha de bananeira — especie de bêbê-zinho envolto no seu cueiro. A moqueca mais apreciada é mesmo a que se faz de peixinho novo, ainda transparente, pequenininho: bêbê de peixe. Na Bahia a pokeka se africanizou, ou antes, se abrasileirou, deliciosamente.

A tartaruga como já foi dito, constitúe sozinha um complexo, dos varios que o indigena transmittiu ao systema alimentar brasileiro; della se faz no extremo Norte uma variedade de quitutes, cada qual mais louvado pelos *gourmets;* cada qual mais gostoso. Um delles é o *arabú*, feito com a gemma dos ovos de tartaruga ou tracajá e farinha — sem mais nada; outro, este mais fino e delicado, é a *abunã* — os ovos de tartaruga ou tracajá «moqueados antes de completa gestação», diz Araujo Lima, «tendo a tartaruguinha ou tracajá certa porção de gemma segura ao peito»; come-se a *abunã* com sal e farinha. E ha ainda o *mujanguê*: um mingau que se faz com as gemmas dos ovos de tartaruga ou tracajá e farinha de mandioca molle, entumescida d'agua; alguns europeizam

---

(1) Araujo Lima, *loc. cit.* O auctor menciona outro processo indigena de preparar o peixe entre as populações ruraes da Amazonia: a *mujica*. Trata-se de «qualquer qualidade de peixe, cosido ou moqueado, desfeito em pequenos fragmentos, depois de retiradas as espinhas, e engrossado no caldo proprio com farinha d'agua ou com polvilho (tapyoca)».

esse pirão, accrescentando-lhe sal ou assucar. Ha mais a *paxicá,* picado feito de figado de tartaruga, temperado com sal, limão e pimenta malagueta.

Sabe-se o abuso que faziam os indigenas da pimenta: abuso que se prolonga na culinaria brasileira de hoje (1). No extremo Norte existe o *juquytaia* — condimento hybrido, feito de malagueta e sal: depois de secca a malagueta, nos proprios ramos quebrados da pimenteira e pendurados na cozinha, é passada no forno e levada ao pilão para ser socada com sal. O complexo da pimenta aguçou-se no Brasil pela influencia da culinaria africana, ainda mais amiga que a indigena dos requeimes e excitantes do paladar: é a cozinha afro-bahiana que mais se salienta pelo abuso da pimenta. Mas o indigena não a desprezava, como não desprezava o *pijericú*, o *pichurim,* o limão e, para fazer as vezes do sal, a cinza. Sigaud dá como causa dos frequentes ataques de dysenteria entre os indios brasilicos — ataques de que nos falam as relações dos jesuitas — o uso immoderado de gengibre, pimenta e limão: « Les Indiens doivent à l'usage immodéré du gigembre, du piment et du limon, de fréquents attaques de dysenterie ».

Peckolt salienta ter sido o milho o unico cereal encontrado pelos europeus no Brasil; e menciona os outros alimentos vegetaes dos aborigenes de que logo se utilizaram os adventicios: a mandioca, a batata doce, o cará, os pinhões, o cacau, o midubi. De legumes verdes era escassa a terra; e aos poucos que havia não ligavam importancia os indigenas: « Os legumes verdes eram pouco procurados pelos Indios; porém as mulheres colhiam para fins alimenticios certas plantas sylvestres, como os carurús de varias qualidades, a serralha, mas principal-

---

(1) « L'emploi du piment pour relever l'insipidité des aliments », diz Sigaud (*op. cit.*), « s'est introduit depuis lors dans les habitudes au point de constituer aujourd'hui l'indispensable assaisonnement de tous les banquets . . . » Em Pernambuco diz-se que o Barão de Nazareth não ia a banquete sem levar pimentas no bolso da casaca, com receio de que o amphytrião, por elegancia europea, não as offerecesse á mesa.

mente o palmito, que, tanto cru como cozido, era alimento predilecto » (1).

De fructos era mais farta a terra descoberta por Pedr'Alvares; mas que tivesse sido transmittida pelos indigenas aos europeus pode-se mencionar apenas a cultura do mamoeiro e do araçazeiro. Dos indios transmittiu-se igualmente ao europeu o complexo do cajú (2) — com uma serie de applicações medicinaes e culinarias; destacando-se, porém, o seu uso no fabrico de excellente vinho, hoje caracteristicamente brasileiro.

Seria longa a lista de plantas e hervas medicinaes de conhecimento e uso dos indios: dellas mais teria aproveitado a cultura brasileira, se melhores tivessem sido as relações entre os primeiros missionarios e os *pagés* e curandeiros indigenas. Ainda assim os jesuitas ... « dès le principe de leur établissement s'appliquèrent à recueillir, à étudier les productions locales, et à faire leur profit des connaissances et des observations indigènes », escreve Sigaud. Mas, accrescenta o scientista francês a quem tanto deve a medicina brasileira: « Du mélange des pratiques indigènes et des formules copiées des livres de médicine européens, naquit une thérapeutique informe, grossière, extravagante qui se transmit par tradition dans les classes des cultivateurs de sucre et de coton et gardiens de troupeaux dans les montagnes ou sertões; et ce mélange primitif, altéré par les arcanes des nègres venus de Guinée et d'Angola, fut dès lors le partage exclusif des hommes qui s'intitulèrent médecins du peuple ou guérisseurs ». Senhor de engenho da especie mencionada por Sigaud, dado a curar doentes por essa therapeutica grosseira, mas ás vezes de melhores resultados que a academica, era Gabriel Soares. O seu *Roteiro* vem cheio de receitas

---

(1) Peckolt, *op. cit.*

(2) A palavra « complexo » empregamol-a atravez deste ensaio no seu sentido anthropologico ou sociologico: significando aquella serie de processos que constituem um traço de cultura material ou moral. E' assim que existem o complexo da mandioca, o da *couvade*, o do leite, o da exogamia, o do tabaco, etc. E' preciso, diz Wissler em *Man and Culture*, não confundir esse uso anthropologico com o psychopathologico.

aprendidas com os indios: carumã desfeita n'agua para meninos que teem lombriga ou para o individuo tocado de peçonha («uma cousa e outra está muito experimentada, assim pelos Indios como pelos Portugueses», accrescenta); milho cozido para doentes de boubas; summo do cajú pela manhã, em jejum, para «conservação do estomago» («e fazem bom bafo a quem os come pela manhã», diz ainda Gabriel Soares dos cajús); olho de embaiba para curar feridas e chagas velhas; emplastros de almecega para «soldar carne quebrada»; petume para mal do sesso e, sorvido o seu fumo por um canudo de palha, acceso na ponta — o avô indigena do cachimbo — excellente para «todo homem que se toma de vinho». De posse, com os demais colonos senhores de engenho, de tão preciosos conhecimentos, Gabriel Soares não via necessidade de cirurgiões na Bahia; «porque cada um o é em sua casa». Uma pagina inteira do seu *Roteiro* elle a consagra ao amendoi, ou midubi, producto que os indigenas não colhiam á tôa pelo matto: era dos raros que faziam parte do seu rudimentar systema de agricultura: «...em a qual planta e beneficio della não entra homem macho; só as indias os costumam plantar...» (1).

Outros conhecimentos uteis á actividade ou á economia domestica transmittiram-se da cultura vegetal do indigena á civilização do colonizador europeu, que os conservou ou desenvolveu, adaptando-os ás suas necessidades: o conhecimento de varias fibras para tecelagem ou entrançado — o algodão, o *tucum*, o caragotá bravo; o de peipeçaba para fazer vassouras; o de aboboras semeadas pelo gentio especialmente para servirem-se dos cabaços como vasilhas de carregar agua e de guardar farinha, gamelas e parece que como urinoes; o methodo de curar gerimun no fumo para durar o anno inteiro; o conhecimento de varias madeiras e outros elementos vegetaes de construcção, como o sipó, o *timbó* e o sapê ou a palha de pindoba empregada por muito tempo na cober-

(1) Soares, *op. cit.*

tura das casas; o de animaes, passaros, peixes, mariscos, etc., valiosos para a alimentação, prestando-se ao mesmo tempo os seus cascos, pennas, pelles, lanugem ou couro a varios fins uteis na vida intima e diaria da familia colonial: para cuias, agasalho, enchimento de travesseiros, almofadas, colchões, redes; o de junco de *tabuá,* material excellente para esteiras; o de tintas de varias côres, logo empregadas na caiação das casas, na tintura de pannos, na pintura do rosto das mulheres, no fabrico de tintas de escrever — o branco de tabatinga, o encarnado de araribá, de pau brasil e de urucú; o preto de genipapo, o amarello de *tatajuba;* o conhecimento de gommas e resinas diversas — prestando-se para grudar papeis, cerrar cartas á maneira de lacre, etc. Si na utilização, aproveitamento ou adaptação de todo esse material de cultura indigena entrou, na maior parte das vezes, a intelligencia ou a technica do europeu com funcção quasi criadora, ou pelo menos transmutadora, noutros casos o que se deu foi a pura transmissão dos valores ou conhecimentos de uma cultura á outra — da nativa á adventicia.

Varios desses processos e conhecimentos, ainda uma vez vale a pena accentuar que recebeu-os o colonizador europeu das mãos da mulher — elemento mais productor que o homem nas culturas primitivas. Della tambem se transmittiram á organização da familia brasileira valiosos methodos de hygiene infantil e domestica que merecem ser destacados; para fazel-o torna-se necessario esboçar em traços geraes não só a pedagogia como a vida de menino entre os indigenas. Do menino, aliás, salientaremos mais adiante o papel que representou em momento, senão dramatico, decisivo, de contacto entre as duas culturas, a européa e a indigena; quer como vehiculo civilizador do missionario catholico junto ao gentio, quer como o conducto por onde preciosa parte de cultura aborigene escorreu das tabas para as «missões» e dahi para a vida, em geral, da gente colonizadora.

Estava longe o *columim* de ser o menino livre imaginado por J. J. Rousseau: criado sem medo nem super-

stições. Tanto quanto entre os civilizados, vamos encontrar entre os selvagens numerosas abusões em volta á criança: umas prophylacticas, correspondendo a receios da parte dos paes de espiritos ou influencias malignas; outras pedagogicas, visando orientar o menino no sentido do comportamento tradicional da tribu ou sujeital-o indirectamente á autoridade dos grandes.

Frank Clarence Spencer, a quem se deve um dos estudos mais interessantes sobre a pedagogia amerindia, «Education of the Pueblo Child», salienta que a vida primitiva, não só na America como em geral, nem é a doce e idyllica que suppuseram os europeus do seculo XVIII, nem «...the dogged, sullen subjection described by some late writers». E sim um meio termo: «They are in constant subjection to their superstitions fears, and yet they are generally joyful and happy» (1).

O mesmo pesquisador foi encontrar entre os Pueblos uma dança destinada especialmente a fazer medo aos meninos e incutir-lhes sentimentos de obediencia e respeito aos mais velhos. Os personagens da dança eram uns como papões ou terriveis figuras de outro mundo, descidos a este para devorar ou arrebatar meninos maus. Stevenson informa-nos de dança semelhante entre os Zuñi, esta macabra, terminando na morte de uma criança, escolhida dentre os de peor comportamento da tribu: mas realizando-se com intervallos de longos annos (2). O fim, o moral, o pedagogico, de influir pelo medo ou pelo exemplo do castigo tremendo sobre a conducta do menino.

O trabalho, hoje classico, de Alexander Francis Chamberlain acerca da criança na cultura primitiva e no *folk-lore* das culturas historicas (3), indica ser o papão, complexo generalizado entre todas ellas; e quasi sempre,

---

(1) Frank Clarence Spencer, «Education of the Pueblo Child», *Columbia University Contributions to Philosophy, Psychology and Education* vol. 7, n.º I, New York, 1899.

(2) T. E. Stevenson, «The Religious Life of the Zuñi Child», *Bureau of Ethnology Report*, vol. V, Washington.

(3) Alexander Francis Chamberlain, *The Child and Childhood in Folk-Thought*, New York, 1896.

ao que parece, com fim moralizador ou pedagogico. Entre os antigos hebreus era o *Libith*, monstro cabelludo e horrendo que voava de noite em busca de crianças; entre os gregos roubavam menino umas velhas feiissimas, as *Strigalai;* entre os romanos a *Caprimulgus* sahia de noite para tirar leite de cabra e comer menino — talvez avó remota da cabra cabriola — emquanto de dia dominava nos mattos o espirito mau da floresta, *Silvanus*. Entre os russos é um horroroso papão, terrivel como tudo que é russo, que á meia-noite vem roubar as crianças em pleno somno; entre os allemães, é o *Pepenz;* entre os escosseses e os ingleses, o *Boo Man*, o *Bogle Man*. Champlain e os primeiros chronistas do Canadá falam num horrivel monstro, terror das crianças entre os aborigenes; entre os Mayas havia a crença em gigantes que de noite vinham roubar menino — os *balams*, o *culcalkin*. E entre os indios Gaulala, da California, Powers foi encontrar danças do diabo, que comparou ás *haberfeldtreiber* da Bavaria — instituição para amedrontar as mulheres e as crianças e conserval-as em ordem. Eram danças em que apparecia uma figura horrenda: «an ugly apparition». Na cabeça uma pelle de urso, nas costas um manto de pennas, o peito listrado como uma zebra (1).

Danças semelhantes — de diabo ou *Jurupary* — havia entre os indigenas do Brasil; e com o mesmo fim de amedrontar as mulheres e as crianças e conserval-as em bôa ordem. Sendo que entre os amerindios desta parte da America as mascaras de dança desempenhavam funcção importante; Koch-Grünberg salienta que eram guardadas como cousa sagrada e que o seu mysterioso poder se transmittia ao dançarino. Eram mascaras imitando animaes demoniacos nos quaes suppunha o selvagem transformarem-se os mortos, e sua efficacia magica era augmentada pela facto de serem humanos ou de origem animal muitos dos materiaes de sua composição: cabello de gente, pello de bichos, pennas, etc. Por sua vez o

(1) Powers, *apud* Chamberlain, *op. cit.*

dançarino devia imitar os movimentos e vozes do animal demoniaco tal como nas danças descriptas pelos primeiros chronistas. E como as mascaras, os instrumentos sagrados eram igualmente considerados cheios de mysterioso poder.

Os jesuitas conservaram danças indigenas de meninos, fazendo entrar nellas uma figura comica de diabo, evidentemente com o fim de desprestigiar pelo ridiculo o complexo *Jurupary*. Cardim refere-se a uma dessas danças. Desprestigiados o *Jurupary*, as mascaras e os maracás sagrados, estava destruido entre os indios um dos seus meios mais fortes de controle social; e victorioso, até certo ponto, o christianismo. Permaneceria, entretanto, nos descendentes dos indigenas o residuo de todo aquelle seu animismo e totemismo. Sob formas catholicas, superficialmente adoptadas, prolongaram-se até hoje essas tendencias totemicas na cultura brasileira. São sobrevivencias faceis de identificar, uma vez raspado o verniz de dissimulação ou simulação européa: e onde muito se accusam é em jogos e brinquedos de crianças com imitação de animaes — animaes verdadeiros ou vagos, imaginarios, demoniacos. Tambem nas historias e contos de bichos — de uma fascinação especial para a criança brasileira. Por uma especie de memoria social, como que herdada, o brasileiro, sobretudo na infancia, quando mais instinctivo e menos intellectualizado pela educação européa, se sente extranhamente proximo da floresta viva, cheia de animaes e monstros, que conhece pelos nomes indigenas e, em grande parte, atravez das experiencias e superstições dos indios (1). É um interesse quasi instinctivo, o do menino brasileiro de hoje pelos bichos temiveis. Semelhante ao que ainda experimenta a criança européa pelas historias

---

(1) No Brasil dos primeiros tempos, tanto quanto entre os selvagens, estava-se exposto a picadas e mordidelas de mil e um bichos venenosos ou damninhos: de cobra, de aranha caranguejeira, de lacrau, de piolho de cobra, de muriçoca, de mutuca, de nênê de gallinha, de marimbondo, de bicho de pé, de onça, de piranha, de tubarão, de

de lobo e de urso; porém muito mais vivo e forte; muito mais poderoso e avassalador na sua mistura de medo e fascinação; embora na essencia mais vago. O medo do menino brasileiro não é tanto de nenhum bicho em particular, como do bicho em geral, um bicho que não se sabe bem qual seja, especie de synthese da ignorancia do brasileiro tanto da fauna como da flora do seu paiz. Um bicho mythico, horroroso, indefinivel; talvez o carrapatú. Ainda hoje se ninam os meninosinhos no Norte:

« Durma, durma, meu filhinho,
Lá no matto tem um bicho
Chamado carrapatú. »

Talvez o *hupupiara;* ou o *macobeba,* nome e concepção que um amigo nosso recolheu recentemente de uma criança de seis annos em Barreiros, no Estado de Pernambuco. Quasi toda a criança brasileira, mais inventiva ou imaginosa, cria o seu *macobeba,* baseado nesse pavor vago, mas enorme, não de nenhum bicho em particular — nem da cobra, nem da onça, nem da capivara — mas do bicho — do bicho tutú, do bicho carrapatú, do zumbi: em ultima analyse, do jurupary. Medo que nos communica o facto de estarmos ainda tão proximos da matta viva e virgem e de sobreviver em nós, diminuido mas não destruido, o animismo indigena.

O complexo brasileiro do *bicho* merece estudo á parte: é dos mais interessantes para quem se interesse pelos problemas de relações e contacto entre culturas desiguaes. No que ha de vago no medo do *bicho* se manifesta o facto de sermos ainda, em grande parte, um povo de integração incompleta no *habitat* tropical ou americano: mas já a fascinação por tudo que é historia de animaes, mesmo assim vagamente conhecidos, o grande

---

besouro. Matto, arêa, a agua dos rios — tudo povoado de vermes e insectos, de reptis e peixes soffregos de sangue humano. Sigaud (*op. cit.*) escreve a esse respeito, referindo-se particularmente aos indigenas: « Les piqures, les morsures des animaux ou insectes venimeux les exposent au tétanes . . . »

numero de superstições ligadas a elles (1), indicam um processo, embora lento, de integração completa no meio; ao mesmo tempo que a sobrevivencia de tendencias totemicas e animistas. Da nossa ignorancia dos nomes precisos, exactos para designar os animaes e plantas que nos rodeiam pasmou-se o allemão Ruediger Bilden na sua visita ao Brasil. Já outro viajante, citado pelo professor Roquette Pinto, notara que no Brasil todo animal é apenas um bicho. E Roquette Pinto commenta: «Mesmo na roça todo o besouro é um *cascudo* e nada mais... Com as plantas é um pouco melhor, o povo consegue formar e baptizar grupos naturaes: é um *gravatá*, é um *angico*, é um *coqueiro*». Resultado de antagonismos de cultura: os nomes de animaes e plantas conservaram-se em lingua indigena, donde se communicaram mais aos descendentes, em grande parte analphabetos, dos indios nos sertões que á cultura mais accentuadamente européa ou africana do littoral e da zona agricola. Quando mais abundante fôr a communicação entre as duas sub-culturas, do elemento que, por mais instinctivo e menos

---

(1) Muitas dellas herdadas dos indigenas. Refere o auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cit., que os indios, por mais animosos, se a caminho de alguma empresa «...ouvirem cantar um passaro (a peitica) do qual já fiz menção, agourento para elles, desamparam a jornada, e se tornam a recolher...» E' superstição que permanece no brasileiro do Norte, a da peitica: «Nos Estados do Norte ainda a têm por agourenta e não supportam sua presença na vizinhança das habitações», escreve Rodolpho Garcia em commentario ao dialogo sexto daquella chronica seiscentista. E em algumas das superstições e crenças nitidamente totemicas dos indigenas, mencionadas pelo padre João Daniel, é facil de reconhecer a origem de muitas das abusões hoje correntes no Norte. quando não em todo o Brasil, entre a gente do povo: «Tambem desde pequenos se crião», escreve o missionario, «com varios agouros em passaros, em feras do matto, e muitos contingentes; e por isso ha passaros a quem não matão,, nem fazem mal. E quando se avistam com algumas feras em taes e taes tempos e occasiões, apprehendem que lhes ha de succeder esta ou aquella desgraça, ou que hão de morrer, e são tão aferrados a estes dogmas, em que os criam os pais, que ainda que vejam o contrario não ha de tirar-lhes da cabeça. Um destes seus agouros é com a anta, de que fallamos acima: similhante tem com o ouriço cacheiro, a que chamam gandú-açú, que lhes annuncia a morte, porque o viram deste ou daquelle modo; e em muitos outros animaes». («Thesouro Descoberto no Maximo Rio Amazonas», Principio da 2.ª Parte, que trata dos Indios do Amazonas, da sua fé, vida, costumes, etc. — co-

intellectualizado, guarda no seu analphabetismo maior numero de conhecimentos indigenas da flora e da fauna, receberá o outro, mais europeu em cultura, um contingente ou camada riquissima de valores nativos ainda sem funcção viva e criadora no systema social do Brasil.

Voltemos á infancia do selvagem, que accentuámos ser rodeada desde o berço, isto é, da rede ou da *typoia*, de superstições e medos de animaes monstruosos. A typoia — o menino carregado ás costas da mãe, preso por uma tira de panno — é traço que se perdeu nos costumes brasileiros; só se explicava, aliás, pela actividade extradomestica da mãe india. Vingou, com o complexo da rede, o costume da rede-berço, que só agora vae desapparecendo das tradições do Norte: muito nortista illustre, hoje homem feito, terá sido criado ainda em rede, embalada pela mãe ou pela ama negra (1); terá muitas vezes adormecido, em pequeno, ouvindo o ranger tristonho do punho da rede. Cardim observou que ao punho da rede associavam os indios as primeiras cerimonias em torno do nascimento do filho: ahi penduravam, no caso de ser macho o recem-nascido, um arco com flechas e

---

piada de um MS da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro», *Rev. do Inst. Hist. Geo. Br.*, vol. II, n.º 7, Rio 1858). Informa Montoya (*op. cit.*) que entre indigenas por elle observados, entrando no meio de gente um veado ou um sapo, era signal de morte proxima de um dos presentes. Pela lista de superstições regionaes que prepara, com o auxilio dos seus collaboradores do Instituto de Assistencia a Psychopathas de Pernambuco, o prof. Ulysses Pernambuco, vê-se que grande numero das crendices populares no Norte relacionam-se, como as dos indios, a animaes e vegetaes agourentos ou que dão felicidade: o besouro mangangá entrando dentro de casa é pessimo signal, como é qualquer borboleta preta ou sapo, mas já a aranha e a «esperança» veem trazer ou annunciar felicidade.

(1) A rede figura na historia social do Brasil como leito, meio de conducção ou viagem e de transporte de doentes e cádaveres. Existe a convenção da rede branca conduzir cadaveres e a vermelha, feridos. «O transporte dos cadaveres, nas zonas ruraes, em toda a extensão do Brasil, effectuava-se e ainda se effectua em redes. São essas redes, que, collocadas aos hombros robustos de sertanejos e matutos devoram leguas, até depôr o cadaver na igreja ou cemiterio da freguezia». (Francisco Luiz da Gama Rosa, «Costumes do Povo nos Nascimentos, Baptizados, Casamentos e Enterros», *Rev. do Inst. Hist. Geog. Br.*, Tomo Especial, Primeiro Congresso de Historia Nacional, Parte V, Rio 1917).

«molhos d'ervas». Tudo symbolico ou talvez prophylactico. Atravez da infancia continuavam as medidas de prophylaxia da criança contra as influencias malignas: «...têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, penna de passaros e paus, deitão-nos sobre as palmas das mãos, e roção-nos por ellas para que cresção» (1).

Era tambem o corpo pintado de urucú ou genipapo; os beiços, o septum, as orelhas perfuradas; batoques, fusos, pennas enfiadas nesses orificios; dentes de animaes pendurados ao pescoço. Tudo para desfigurar, mutilar a criança, com o fim de tornal-a repulsiva aos espiritos maus; guardal-a do mau olhado e das más influencias.

Algumas dessas preoccupações prophylacticas, disfarçadas ás vezes, ou confundidas, em motivos decorativos e devotos, permanecem em torno á criança brasileira. No Norte ainda é commum ver meninos cheios de tetéas penduradas ao pescoço — dentes de animaes, figas de madeira ou de ouro, bentos e medalhas catholicas, mechas de cabello. Aliás no costume, entre as familias mais devotamente catholicas do Norte e do Centro do Brasil, de offertar os cachos ou a cabelleira do menino, quando attingida a idade de cortar-lhe o cabello rente, á imagem do Senhor dos Passos ou do Senhor Morto, talvez sobreviva aquelle receio amerindio do cabello, dos dentes ou das unhas do individuo, principalmente da criança, servirem de objecto a praticas de feitiçaria ou de magia. Que melhor meio de evitar semelhante risco que o de offerecer ao proprio Jesus o cabello da criança?

A idealização de que foram objecto os meninos filhos dos indios nos primeiros tempos da catechese e da colonização — epoca, precisamente, de elevada mortalidade infantil, como se deprehende das proprias chronicas jesuiticas (2) — tomou muitas vezes caracter meio morbido;

(1) Cardim, *op. cit.*

(2) Montoya (*op. cit.*) fala de povoações como Ytapuan onde «a vida das crianças não era duradoura, morriam muito facilmente; algumas morrem até no ventre de suas mães, outras apenas em nascidas, sem serem baptizadas». Sobre o assumpto, leia-se tambem Affonso de E. Taunay, *S. Paulo nos Primeiros Annos*, 1920.

resultado, talvez, da identificação da criança com o anjo catholico. A morte da criança passou a ser recebida quasi com alegria; pelo menos sem horror. De semelhante attitude subsiste a influencia em nossos costumes: ainda hoje entre matutos e sertanejos, e mesmo entre a gente pobre das cidades do Norte, o enterro de criancinha, ou de «anjo», como geralmente se diz, contrasta com a sombria tristeza dos enterros de gente grande. Nos tempos da catechese, os jesuitas, talvez para attenuar entre os indios o mau effeito do augmento da mortalidade infantil que se seguiu ao contacto ou intercurso em condições dysgenicas, entre as duas raças, tudo fizeram para enfeitar ou embellezar a morte da criança. Não era nenhum peccador que morria mas um anjo innocente que Nosso Senhor chamava para junto de si. A historia que refere Montoya é typica desse ambiente morbido que se criou pela excessiva idealização da criança: «Um menino filho de um irmão do rosario teve inveja bastante quando viu o enterro de um seu companheiro; o corpo delle conforme o costume estava todo enfeitado de flores, e na cabeça tinha-se-lhe posto uma corôa de flores as mais bonitas. Por isso então elle ás vezes pedia a seu pai para morrer, dizendo-lhe: deixa-me morrer ó meu pai e se punha como o corpo do seu companheiro fallecido, que elle tinha visto, e ficava todo estendido no chão. O pae, tendo ouvido muitas vezes as fallas de seu filho assim lhe disse um dia: *Meu filho, si Deus quizer que tu morras, seja feita a sua vontade.* Em ouvindo as palavras de seu pai assim disse-lhe a criança: *Está bom, meu pai, eu vou morrer agora.* Foi deitar-se na cama e sem doença alguma morreu» (1).

Ninava a mãe selvagem o filho pequeno. Roquette Pinto conseguiu recolher dos Pareci esta cantiga:

Essá-mokocê cê-maká
(Menino dorme na rede...) (2)

---

(1) Montoya, *op. cit.*
(2) Roquette Pinto, *Rondonia,* cit.

E nas *ocas*, ou habitações collectivas dos indios, casas grandes mas bem diversas, pelo seu caracter communista e pela sua composição vegetal, das fortes, solidas, de taipa ou de pedra e cal, que o imperialismo colonizador dos europeus installaria ao lado dos engenhos de assucar, deviam muitas vezes misturar-se essas cantigas de mães ninando os meninos. Eram oitenta, cem pessôas que habitavam as ocas immensas (feitas de caibros e cobertas de pindoba) e muitas as crianças (1).

Entre algumas tribus as mães faziam para os filhos brinquedos de barro não cozido representando figuras de animaes e de gente, estas «predominantemente do sexo feminino», notaria o ethnologo Erland Nordenskiöld em estudos recentes entre tribus do Norte do Brasil (2).

Figuras «em forma muitissimo simplificada», «desprovidas geralmente de extremidades e até de cabeça, mas com a indicação das tatuagens em sua parte superior». Nordenskiöld attribue a extrema simplificação das bonecas de barro dos indigenas do Pilcomayo «á preoccupação de tornal-as menos quebradiças nas mãos das crianças». O que parece, entretanto, é que teriam essas figuras de gente e de animaes o seu sentido occulto; que não seriam simples brinquedos. Ou antes: que aos brinquedos das crianças estendiam-se unctuosamente o animismo, o totemismo, a magia sexual. Nas bonecas de barro dos indios Carajá, no rio Araguaya, Emilio Goeldi foi encontrar reminiscencia dos «idolos phallomorphos de barro cozido, como elles se encontram nas necropoles dos indios que outrora habitavam a foz do Amazonas» (3). A tradição indigena das bonecas de

---

(1) Léry, *op. cit.*

(2) Erland Nordenskiöld, cit. *in* analyse bibliographica do *Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de Historia Natural e Ethnographia*, vol. VII, Pará 1913.

(3) *Boletim do Museu Goeldi*, cit. Aliás já J. W.. Fewkes chegara á conc.usão de serem as bonecas dos civilizados sobrevivencias de idolos dos primitivos. (*apud* A. F. Chamberlain, *The Child*, 3d. ed. London.

barro não se communicou á cultura brasileira; a boneca dominante tornou-se a de panno, de origem talvez africana. Mas o gosto da criança pelos brinquedos de figuras de animaes é ainda traço caracteristico da cultura brasileira, embora vá desapparecendo com a standardização dessa industria pelos padrões americano e allemão: brinquedos mechanicos. Entretanto nas nossas feiras do interior ainda se encontram interessantes brinquedos de figuras de animaes: notadamente de macacos, besouros, tartarugas, lagartixas, sapos. E convem não esquecermos o costume indigena de aves domesticas servirem de bonecas ás crianças (1): ainda hoje pegar passarinho pelo systema indigena do bodoque ou pelo alçapão com rodela de banana, e crial-os depois, mansos, de não fugirem da mão, é muito do menino brasileiro.

Na sua «Informação da Missão do P. Christovão de Gouvêa ás Partes do Brasil, Anno de 83», diz o padre Cardim que os meninos entre os indios tinham «muitos jogos a seu modo». Mas com precisão não descreve nenhum. Nota que os caboclinhos brincavam «com muito mais festa e alegria que os meninos portugueses». E dá essa idéa geral dos taes brinquedos: «nestes jogos arremedam varios passaros, cobras, e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos, e desenfadadissimos, nem ha entre elles desavenças, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins, e deshonestos». Não nos fala, talvez por pudor de missionario, em jogos eroticos que talvez houvesse entre os meninos e adolescentes do Brasil, como os observados na Melanesia pelo professor Malinowsky (2). A julgar pelas «cantigas lascivas» a que alludem varios dos primeiros missionarios, cantigas que o padre Anchieta deu-se ao trabalho de substituir por hymnos á Virgem e cantos devotos, é de presumir que existissem daquelles jogos eroticos entre os indigenas do

---

(1) Roquette Pinto, *Rondonia*, cit.

(2) Bronislow Malinowsky, *The Sexual Life of Savages in North Western Melanesia*, London 1929.

Brasil. Encontra-se ainda em Cardim referencia a jogos brincados pelos meninos indios dentro dagua, nos rios: «... os meninos da aldêa tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebentando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'agua a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Christo! — e vinham tomar a benção do padre...»

Nota-se nos folguedos de menino referidos pelo padre Cardim, como nas danças de magia, de guerra e de amor da gente grande, a tendencia dos selvagens americanos de misturarem á sua vida a dos animaes. Seus diabos teem cabeças de bicho e são assim representados nas mascaras de dança. Suas cantorias fingem vozes de animaes; suas danças imitam-lhes os movimentos; suas cuias e potes repetem-lhes as formas.

Da tradição indigena ficou no brasileiro o gosto pelos jogos e brinquedos infantis de arremedo de animaes: o proprio jogo de azar, chamado do bicho, tão popular no Brasil, encontra base para tamanha popularidade no residuo animista e totemico de cultura amerindia reforçada depois pela africana (1). Ha, entretanto, uma contribuição ainda mais positiva do menino amerindio aos jogos infantis e sports europeus: a da bola de borracha por elle usada num jogo de cabeçada. Este jogo brincavam-no os indios com uma bola provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, ás vezes deitando-se de borco para fazel-o. Jogo eviden-

---

(1) A. F. Chamberlain salienta um facto que nos parece licito associar ao complexo brasileiro do jogo do bicho: o de noviços e neophytos, entre varias sociedades primitivas, serem postos em seclusão ou jejum até verem em sonho ou allucinação o animal destinado a ser o seu genio tutelar e cuja forma lhe é muitas vezes tatuada no corpo (*The Child and Childkood in Folk Thought*, cit.). Muito jogador de bicho tem o seu animal predilecto que lhe apparece em sonho para «trazer-lhe a sorte.»

temente do mesmo estylo do *matanaariti*, que o general Candido Rondon achou entre os Pareci; sendo que neste a bola — informa Roquette Pinto em *Rondonia* — é feita da borracha da mangabeira; e a maneira de jogar, ás cabeçadas. Logo após a descoberta da America viu-o jogado por meninos selvagens, em Sevilha — ponto de confluencia das novidades americanas nos seculos XVI e XVII em virtude de sua *Casa de Contratacion* — o embaixador de Veneza junto a Carlos V de Hespanha. O qual nos diz que a tal bola era do tamanho de um melão: «tamaño como un melocotón o mayor, y no lo rebatian con las manos ni con los piés, sino con los costados, lo que hacian con tal destreza que causaba maravilla verlo; a veces se tendiam casi en tierra para rebater la pelota, y todo lo hacian con gran presteza». Os jogadores que o embaixador viu em Sevilha eram um bando de rapazinhos selvagens levados das Indias á Hespanha por um frade (1).

Dos jogos e danças dos selvagens do Brasil varios tinham evidente intuito pedagogico; sendo de notar a «quietação e amisade» — em outras palavras o «fair play» — que o padre Cardim tanto admirou nos caboclos brasilicos de 1500. Nada de «nome ruim ou pulha» de um jogador a outro. Nada de «chamarem nomes aos pais e mãis». E é possivel que para fixar bem o contraste desse proceder com o dos meninos europeus exaggere o padre: «raramente quando jogam se desconcertam, nem desavenhem por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam» (2).

Bem cedo aprendiam os *columins* a dançar e a cantar. O referido padre Cardim descreve varias danças só de meninos. Algumas os missionarios da Companhia adoptaram no seu systema de educação e catechese. A mais commum talvez fosse, a *Sairé* descripta pelo padre João Daniel (3).

---

(1) J. Garcia Mercadal, *España Vista por Los Extranjeros, Relaciones de Viajeros y Embajadores* (Siglo XVI) — Madrid.
(2) Cardim, *op. cit.*
(3) João Daniel, *loc. cit.*

Pode-se generalizar do menino indigena que crescia livre de castigos corporaes e de disciplina paterna ou materna. Entretanto não deixava de seguir a meninice uma especie de liturgia ou ritual, como aliás toda a vida do primitivo.

Ao attingir a puberdade cortavam-lhe o cabello no estylo que Frei Vicente do Salvador descreve como de cabello de frade; tambem á menina cortava-se o cabello a homem. A segregação do menino, uma vez attingida a puberdade, nos clubs ou casas secretas dos homens, chamadas *baito* entre as tribus do Brasil central, parece que visava assegurar ao sexo masculino o dominio sobre o feminino: educar o adolescente para exercer esse dominio. Eram casas vedadas ás mulheres (a não ser as velhas, masculinizadas ou desexualizadas pela idade) e aos meninos, antes de iniciados. Nellas se guardavam as gaitas e os maracás que mulher nenhuma se lembrasse de querer avistar mesmo de longe: significava a morte certa. Durante a segregação aprendia o menino a tratar a mulher de resto; a sentir-se sempre superior a ella; a abrir-se em intimidades não com a mãe nem com mulher nenhuma mas com o pae e com os amigos. As affinidades que se exaltavam eram as fraternas, de homem para homem; as de affecto viril. Do que resultava ambiente propicio á homo-sexualidade.

As provas de iniciação eram as mais rudes. Algumas tão brutas que o iniciando não as supportava e fallecia em consequencia do seu excessivo rigor. Já nos referimos á flagellação, á tatuagem, á perfuração do septum, dos labios e das orelhas; outras provas em uso eram a de arrancar dentes e a de limal-os: da ultima e da tatuagem ainda havendo reminiscencias entre sertanejos do Nordeste e pescadores.

Segundo Webster, no seu trabalho, hoje classico, sobre *Secret Societies*, nessas organizações secretas dos primitivos processava-se uma verdadeira educação moral e technica do menino: o seu preparo para as responsabilidades e privilegios de homem. Ahi se iniciava elle

nos mysterios mais subtis da technica de construcção, da caça, da pesca, da guerra, do canto, da musica; em tudo que de magia e de religião tocasse ao leigo aprender. Ahi, ao contacto dos mais velhos, elle se impregnava das tradições da tribu. Era um processo rapido mas intenso de educação, a doutrinação e o ensino agindo sobre verdes noviços em estado de extrema sensitividade, consequida a poder de jejuns, vigilias e privações. De modo que não havendo castigo corporal nem disciplina de pae e mãe entre os indigenas do Brasil — de que tanto se espantaram os primeiros chronistas — havia, entretanto, essa severa disciplina, a cargo principalmente dos velhos. Conta o padre João Daniel de outro missionario, seu conhecido, que mandando um dia, logo ao amanhecer, indagar de uns gritos de menino que tinha ouvido de noite, soube que era «F. que toda a noite esteve dando pancadas e tratos a seu sobrinho para o fazer valente, animoso e reforçado» (1). De que estava livre a criança selvagem era do puxavante de orelha ou do muxicão disciplinador: até «erros e crimes» observou frei Vicente ficarem sem castigo entre os indigenas do Brasil (2). E Gabriel Soares escreve dos Tupinambá no seu *Roteiro*: «...não dão os Tupinambás aos seus filhos nenhum castigo nem os doutrinam, nem os reprehendem por cousa que façam». Eram, entretanto, espancados e até flagellados os meninos, — e ás vezes os grandes se flagellavam uns aos outros — com os fins pedagogicos e de prophylaxia de espiritos maus que já annotámos. Porque já possuissem o complexo da flagellação, facil lhes foi adaptarem-se ao da penitencia, introduzido pelos missionarios, e no qual desde os primeiros tempos se notabilizaram: Cardim registra o gosto com que os nativos cumpriam as penitencias catholicas.

Espancar a pessôa até tirar-lhe sangue, ou sarjal-a com dente agudo de animal, era para o primitivo um

---

(1) João Daniel, *op. cit.*
(2) Frei Vicente do Salvador, *op. cit.*

processo de purificação e de esconjuração, applicado com particular rigor ao menino ou á menina ao iniciar-se na puberdade. O mesmo pode dizer-se, segundo Rafael Karsten, de violentos exercicios physicos — danças, luta de corpo, corrida, queda de braço — capazes de provocar abundante transpiração. Pelo suor, como pelo sangue, suppunha o primitivo eliminar-se o demonio do corpo do individuo. Dahi certos selvagens sujeitarem seus doentes — considerados sempre endemoniados ou encafifados — a fortes exercicios choreographicos de um caracter todo ceremonial e magico e não de divertimento nem de sociabilidade. Não é o suor lubrico mas o mystico que se procura nessas danças, durante as quaes é commum os individuos se espancarem uns aos outros. Varios jogos brasileiros de meninos — entre os quaes o da peia queimada e o da manja — reflectem o complexo da flagellação.

Não faltavam á criança indigena cuidados da mãe pela sua saude: indicam-no as muitas medidas prophylacticas; mostra-o o asseio em que era conservado o *columin*. E acima de tudo a sua alegria e o seu bem-estar.

O pastor protestante Léry levou para a Europa entre as suas melhores lembranças de contacto com os indios do Brasil, a dos *conomis-miri* brincando ou dançando no terreiro das *tabas*. Maior que o seu encanto só o do padre Cardim. Os columinzinhos descriptos pelo padre já eram meninos ensinados pelos missionarios: mas evidentemente não haviam perdido á sombra das roupetas jesuiticas toda a sua alegria de selvagens. Léry pôde surprehendel-os ainda em plena liberdade: «...fessus, grassets & refais qu'ils sont, beaucoup plus que ceux de par deça, avec leurs poinçons d'os blancs dans leurs levres fendues, les cheveux tondus a leur mode & quelquefois le corps peinturé, ne failloyent iamais de venir en troupe danfans au devant de neus quand ils neus croyoyent arriver en leurs villages». Na sua fala errada pediam os caboclinhos que lhes sacudissem anzocs: «Coutoaffat, amabé pinda». Quando Léry os attendia, era uma

festa: «...c'estoit un passe temps de voir ceste petite marmaille toute nue laquelle pour trouver & masser ces hameçons trepilloit & gargoit la terre comme connils de garenne» (1).

Esses meninos que o francês achou tão fortes, vinham ao mundo como animaes. Léry ouviu uma vez uns gritos de mulher; alarmista, como todo bom francês, botou logo para o *ian-ou-arɛ*, bicho que uma vez por outra comia selvagens. Mas foi ver o que se passava, acompanhado de outro francês, e descobriram os dois que os gritos eram de uma mulher parindo. O marido servia de parteira: foi elle quem Léry viu cortar a dente o umbigo do menino; elle quem o francês surprehendeu achatando o nariz do bêbê em vez de afinal-o, segundo o costume europeu; lavando e pintando de encarnado e preto o recem-nascido (2). Este era depois collocado numa pequena rede de algodão ou mettido nuns «pedaços de redes que chamam tipoia» (3) e amarrado ás costas ou aos quadris da mãe.

Léry ficou encantado com a hygiene infantil e domestica dos indigenas. Contrasta-a com a dos europeus. E conclue pela superioridade do processo americano. O menino crescia livre de fraldas, cueiros e pannos que lhe difficultassem os movimentos. Mas não implicava essa liberdade em descuido das mães. Por faltar cueiros e fraldas de panno aos bêbês dos Tupi nem por isso cresciam elles sujos ou nojentos. Ao contrario: sua limpeza e asseio impressionaram o observador francês. Nas palavras francas de Léry: «...qu'encores que les femmes de ce pays la n'ayent aucuns linges pour toucher le derriere de leurs enfans, mesmes qu'elles ne se servent non plus à cela des feuillecs d'arbres & d'herbes, dont toutesfois elles ont grande abondance: neantmoins elles en sont si soigneuses, que seulement avec de petits bois que elles rom-

---

(1) Léry, *op. cit.*
(2) Léry, *op. cit.*
(3) Cardim, *op. cit.*

pent, comme petites chevilles, elles les nettoyent si bien que vous ne les verriez iamais breneux » (1). Folhas e lascas de madeira serviam para os indigenas do Brasil não só de prato, de toalha e de guardanapo, como de papel hygienico e cueiro de menino.

Gabriel Soares fixa o costume entre os indios de pôrem nos filhos nomes de animaes, peixes, arvores, etc. (2); nomes que Karsten verificou serem em geral os dos mesmos animaes representados nas mascaras de dança sagradas (3). Expressão, portanto, do animismo e da magia de que se achava impregnada a vida toda do primitivo. Whiffen salienta o facto dos nomes de pessôa entre as tribus brasilicas do Noroeste não se pronunciarem senão em voz baixa, religiosamente (4). Eram os nomes (5) em certas tribus substituidos por uns como appellidos, parecendo pertencer a esta categoria os nomes «nada poeticos», recolhidos por Theodoro Sampaio: *Guiraquinguira* (o traseiro do passaro), *Miquiguaçú* (as nadegas grandes), *Cururupeba* (o sapo miudo), *Mandiopuba* (a mandioca podre), etc. Parece que o fim desses nomes era tornar a pessôa repugnante aos demonios.

Do que não estava livre entre os selvagens a vida de menino nem de gente grande era de horrorosos medos. Medo de que o ceu caisse por cima delles. Medo de que a terra lhes fosse embora dos pés (6). Além do grande medo do Jurupary.

Até de dia, estando tudo claro pelos terreiros, os meninos andavam vendo mal-assombrado, inclusive o proprio diabo, bem no meio dos seus brinquedos: cor-

---

(1) Léry, *op. cit.*
(2) Soares, *op. cit.*
(3) Karsten, *op. cit.*
(4) Whiffen, *op. cit.*
(5) Isto é, os verdadeiros nomes, recebidos na infancia: estes se suppõem ligados magicamente á alma do individuo (Karsten, *op. cit.*).
(6) «...alguns delles pela manhã, em despertando, se levantam e fazem fincapé no chão, com as mãos para o céo, para terem mão nelles que não caia e assim lhes parece que fica direito por todo aquelle dia.» (Padre Luiz Figueira, *Relação do Maranhão Documentos para a Historia do Brasil e Especialmente do Ceará*, 1608-1625, Fortaleza, 1904.

riam então para casa assustados ou aos gritos. Os demonios appareciam em geral com cabeças horriveis de bicho. Uns que o padre Antonio Ruiz Montoya descreve com certo luxo de pormenor por terem apparecido justamente a um caseiro seu, é verdade que já nos tempos da catechese, tinham «os pés como de animaes, as unhas compridas, as pernas finas, os olhos afogueados» (1). Talvez influencia do diabo christão. O diabo do systema catholico veio juntar-se ao complexo Jurupary ou mesmo absorvel-o.

Mas não era só mal-assombrado. Nem era apenas o diabo na figura de bichos que vivia a aperrear a vida do selvagem. Eram monstros que hoje não se sabe bem o que seriam: os *guayazis,* os *coruqueamas,* os *mayturús* (homens de pé para traz), as *giboiucús,* a horrivel *simia-vulpina* (2) e, mais damnados que todos, os *hipupiaras* ou *hupupiaras;* estes, uns homens marinhos, que espalhavam o terror pelas praias (3). *Gourmets* ao seu geito, os *hipupiaras* não comiam da pessôa que pegavam a carne toda, mas uma felpa ou outra. O bastante, entretanto, para deixar a victima um molambo. Comiam-lhe os «olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitalias». O resto deixavam que apodrecesse pelas praias.

Aliás a vida selvagem toda, atravez de suas diversas phases, se achava impregnada de um animismo, de um

---

(1) Montoya, *op. cit.*

(2) Simão de Vasconcellos, *Vida do Veneravel Padre Ioeseph de Anchieta da Companhia de Iesu, Taumaturgo do Novo Mundo na Provincia do Brasil...* Lisboa, 1672.

(3) Cardim, Gabriel Soares, Gandavo, todos se referem, horrorizados, ao monstro marinho. Na sua *Historia da Provincia de Santa Cruz...* (ed. de 1858) Gandavo traz até a figura do hipupiara: é de aterrar. Desse monstro diz ainda o padre Cardim (*op. cit.*) que os naturaes lhe tinham tão grande medo que «só de cuidarem nelle morrem muitos e nenhum que o vê escapa.» E pormenoriza: «parecem-se com homens propriamente de bôa estatura mas teem os olhos muito encovados.» Havia femeas: «as femeas parecem mulheres, teem cabellos compridos e são formosas; acham-se esses monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoaripe sete ou oito leguas da Bahia se teem achado muitos...» Arthur Neiva acredita que o *hipupiara* fosse algum «exemplar desgarrado da *Otaria Jubata* Forster, 1755» (*Esboço Historico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil*; S. Paulo 1929).

totemismo, de uma magia sexual que forçosamente se communicariam á cultura do invasor: esta só os fez deformar. Não os destruiu (1).

Do indigena de cultura totemica e animista, ficaria no brasileiro, especialmente quando menino, uma attitude insensivelmente totemica e animista em face das plantas e dos animaes (ainda tão numerosos nesta parte do mundo); tantos delles investidos pela imaginação da gente do povo, tanto quanto pela infantil, de uma malicia verdadeiramente humana, de qualidades quasi humanas e ás vezes de intelligencia ou poder superior ao do homem. É o *folk-lore,* são os contos populares, as superstições, as tradições que o indicam. São as muitas historias, de sabor tão brasileiro, de casamento de gente com animaes, de compadrismo ou amor entre homens e bichos, no gosto das que Hartland filia ás culturas totemicas (2). Historias que correspondem, na vida real, a uma attitude de tolerancia, quando não de nenhuma repugnancia, pela união sexual do homem com besta; attitude generalizadissima entre os meninos brasileiros do interior (3). No sertanejo mais do que no de engenho; neste, porém, bastante commum para poder ser destacada como complexo — neste caso tanto sociologico como freudiano — da cultura brasileira. Em ambos — no menino de engenho, como no sertanejo — a experien-

---

(1) Da magia sexual no Brasil pretendia occupar-se, de modo geral, em trabalho de que só deixou as primeiras paginas, publicadas na *Rev. do Inst. Arch. Hist. Geog. Pern.*, n.º 102, Recife 1919, o historiador e critico brasileiro Alfredo de Carvalho.

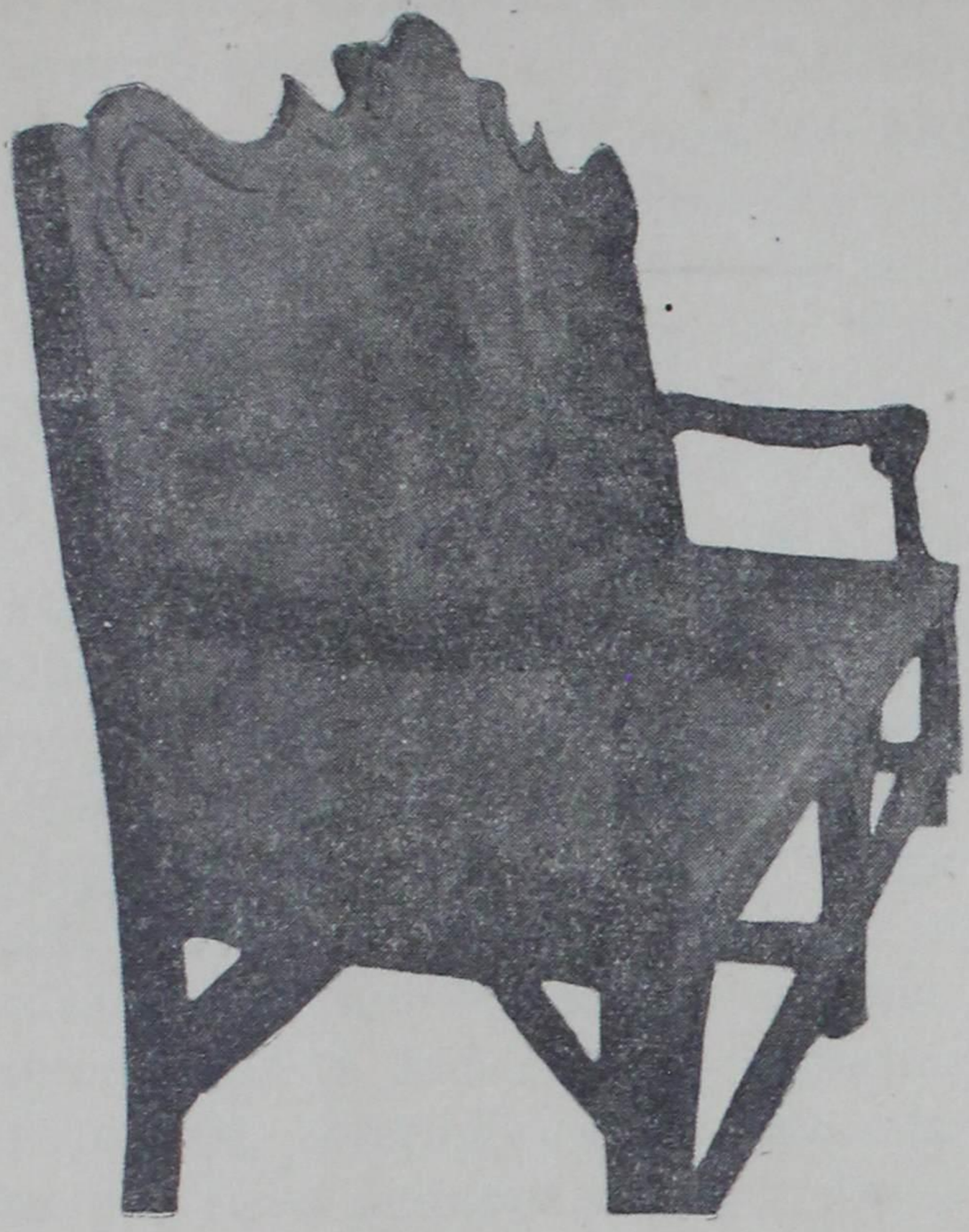
(2) «It follows,» diz Hartland, «that peoples in that stage of thought cannot have, in theory at all events, the repugnance to a sexual union between man and the lower animals with which religious training and the growth of civilization have impressed all the higher races. Such peoples admit the possibility of a marriage wherein one party may be human and the other an animal of a different species, or even a tree or a plant.» (Edwin Sidney Hartland, *The Science of Fairy Tales*, 2nd ed., London 1925).

(3) Gilberto Freyre, «Vida Social no Nordeste», *in Livro do Nordeste* (commemorativo do centenario do *Diario de Pernambuco* Recife 1925); e recentemente José Lins do Rego, *Menino de Engenho* (novella). Rio 1932. Do assumpto tambem se occupa Cicero Dias, no seu romance auto-biographico, em preparo, *Jundyá.*

cia physica do amor se antecipa no abuso de animaes e ate plantas; procuram satisfazer o furor com que o instincto sexual madruga nelles servindo-se de vaccas, de cabras, de ovelhas, de gallinhas, de outros bichos caseiros; ou de plantas e fructas — da bananeira, da melancia, da fructa do mandacarú. São praticas que para o sertanejo supprem, até á adolescencia, ás vezes até mesmo ao casamento, a falta ou escassez de prostituição domestica ou publica — as amas, as mulatas, os moleques de casa, as mulheres publicas — de que tão cedo se contaminam os meninos nos engenhos e nas cidades do littoral.

Outros traços de vida elementar, primitiva, subsistem na cultura brasileira. Além do medo, que já mencionámos, de bicho e de monstro, outros pavores, igualmente elementares, communs ao brasileiro, principalmente á criança, indicam estarmos proximos da floresta tropical como, talvez, nenhum povo moderno civilizado. Aliás o mais civilizado dos homens guarda dentro de si a predisposição a muitos desses grandes medos primitivos; em nós brasileiros, elles apenas actuam com mais força por ainda nos acharmos á sombra do matto virgem. Á sombra tambem da *cultura da floresta tropical* — da America e da Africa — que o português incorpou e assimilou á sua como nenhum colonizador moderno, sujeitando-nos, por isso, a frequentes relapsos na mentalidade e nos pavores e instinctos primitivos. Hall escreveu que todo o civilizado guarda em si, da ancestralidade selvagem, a tendencia para acreditar em phantasmas, almas do outro mundo, duendes: «...a pre-potent bias, which haunts the very nerves and pulses of the most cultured to believe in ghosts» (1). O brasileiro é por excellencia o povo da crença no sobrenatural: em tudo que nos rodeia sentimos o toque de influencias extranhas; de vez em quando os jornaes revelam casos de apparições, mal-assombrados,

(1) G. S. Hall, «A Study of Fears», *apud* Alexander Francis Chamberlain, *The Child*, a Study in the Evolution of Man, 3d ed., London.



Banco de engenho, feito de vinhatico e caracteristico da hospitalidade das antigas casas-grandes (Photographia de Ulysses de Mello Freyre).

Sofá brasileiro de jacarandá com decoração de cajús e maracujás, que pertenceu a antiga casa-grande. (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

encantamentos. Dahi o successo em nosso meio do alto e do baixo espiritismo (1).

Tambem são frequentes, entre nós, os relapsos no furor selvagem, ou primitivo, de destruição, manifestando-se em assassinatos, saques, invasões de fazendas por cangaceiros: raro aquelle dos nossos movimentos politicos ou civicos em que não tenham occorrido explosões desse furor recalcado ou comprimido em tempos normaes. Sylvio Romero chegou a criticar-nos pela ingenuidade com que «damos o pomposo nome de *revoluções liberaes*» a «assanhamentos desordeiros». O caracter, antes de choque de culturas desiguaes, ou antagonicas, do que civico ou politico, desses movimentos, parece não ter escapado ao arguto observador: «.... os elementos selvagens ou barbaros que repousam no fundo ethnico de nossa nacionalidade, vieram livremente á tona, alçaram o collo e prolongaram a anarchia, a desordem espontanea» escreve elle (2), referindo-se ás *balaiadas, sabinadas, cabanadas* que teem agitado o Brasil. Poderia estender-se a caracterização aos *mata-mata-marinheiro, quebra-kilos, farrapos;* quem sabe mesmo se actualizal-a, applicando-a a movimentos mais recentes, embora animados de um fervor ideologico mais intenso do que aquelles? A Revolução pernambucana de 1817 parece-nos permanecer em nossa historia politica «a unica digna desse nome», da phrase de Oliveira Lima; é sem duvida aquella

---

(1) Os medos que Hall chama da «gravidade», isto é, medo de cair, de perder a direcção, o tino, e da terra fugir dos pés, etc., communs entre os primitivos, exprimiram-se em varias abusões e lendas correntes no Brasil dos primeiros tempos e ainda encontrados no interior e nos sertões. «Das aguas do Grão Paraguay», escreve Theodoro Sampaio referindo-se ao seculo XVI, «lá no intimo dos sertões, corria a fama de que, precipitando-se em formidanda catadupa, com espantoso estrondo, faziam tremer a terra e perder o tino ao vivente que do espaço o ouvia.» (cit. por Taunay, *S. Paulo nos Primeiros Tempos*, cit.). Sobre outras lendas e superstições ligadas aos grandes rios e á floresta, e de origem amerindia, veja-se o livro posthumo de Affonso Arinos, *Lendas e Tradições Brasileiras*, S. Paulo 1917.

(2) Sylvio Romero, *Provocações e Debates*, cit.

que se revestiu menos de caracter de pura desordem propicia ao saque, ou menos soffreu da deformação de fins politicos ou ideologicos. Da *vinagrada* de 1836, no Pará, escreveu Sylvio Romero: «...o elemento *tapuio* alçou o collo, tripudiando sobre a vida e a propriedade alheia».

Isto sem falarmos em movimentos francamente de revolta de escravos, explosões ou de odio de raça ou de classe social e economicamente opprimida, — a insurreição de negros em Minas, por exemplo. Ou nos como terremotos de cultura: culturas opprimidas explodindo para não morrer suffocadas, rompendo a crosta da dominante para respirar, como parece ter sido o movimento de negros na Bahia em 1835. A cultura negra mahometana contra a portuguesa catholica (1). Estes são movimentos a parte, de um profundo sentido social, como a parte é o de Canudos — resultado da differenciação de cultura que se operou entre o littoral e o sertão. Os relapsos em furor selvagem observamol-os em movimentos de fins apparentemente politicos ou civicos, mas na verdade pretexto de regressão á cultura primitiva, recalcada porém não destruida.

É natural que na noção de propriedade como na de outros valores, materiaes e moraes, inclusive o da vida humana, seja ainda o Brasil um campo de conflicto entre antagonismos os mais violentos. No tocante á propriedade, para nos fixarmos nesse ponto, entre o communismo do amerindio e a noção de propriedade privada do europeu. Entre o descendente do indio communista, quasi sem instincto de posse individual, e o descendente do português particularista, que até principios do seculo XIX viveu, entre alarmes de corsarios e ladrões, a enterrar dinheiro em botija, a esconder bens e valores em subterraneos, a cercar-se de muros de pedra e estes, ainda

---

(1) Abbê Ignace Etienne, «La Secte Musulmane des Malés du Brésil et leur Révolte en 1835», *Anthropos*, Jan. Mars 1909.

por cima, ouriçados de cacos de vidro contra os gatunos. Saint-Hilaire, em viagem pelo interior de S. Paulo nos principios do seculo XIX, identificaria como reminiscencia dos tempos da descoberta — na verdade, expressão do conflicto que salientámos, entre as duas noções de propriedade — o facto da mercadoria, nas vendas, em vez de estar exposta ao publico, ser guardada no interior das casas, vindo ter ás mãos do vendeiro por um postigo. Interpreta o scientista francês: «Precisavam os taverneiros, naturalmente, tomar precauções contra a gulodice dos indios e a rapacidade dos mamelucos, que em materia de discriminação do teu e do meu não deviam ter ideas muito mais exactas do que os proprios indios» (1).

Gabriel Soares, com a sua sagacidade de homem pratico, apresenta os caboclos aqui encontrados em 1500 como «engenhosos para tomarem quanto lhes ensinam os brancos»; exceptuando precisamente aquelles exercicios mnemonicos e de raciocinio e abstracção, que os padres da S. J. insistiram, a principio, em ensinar aos indios em seus collegios: «cousa de conta» ou de «sentido», nas palavras do chronista (2). Ler, contar, escrever, soletrar, rezar em latim. Em taes exercicios se revelariam os indigenas sem gosto nenhum de aprender; sendo facil de imaginar a tristeza que deve ter sido para elles o estudo nos collegios dos padres. Tristeza apenas suavizada pelas lições de canto e musica; pela representação de milagres e de autos religiosos; pela aprendizagem de um ou outro officio manual. Dahi concluir Anchieta pela «falta de engenho» dos indigenas; o proprio Gabriel Soares descreve os Tupinambá como «muito barbaros» de entendimento.

Encontrou Gabriel Soares nos mesmos Tupinambá «uma condição muito bôa para frades franciscanos»:

---

(1) Auguste de Saint-Hilaire, *Voyages dans l'Intérieur du Brésil*, 1852.
(2) Soares, *op. cit.*

possuirem tudo em commum. Poderia mencionar outra: a sua queda ou pendor para os officios manuaes; a sua repugnancia pelas muitas lettras. O indigena do Brasil era precisamente o typo de neophyto ou catechumeno que uma vez fisgado pelos brilhos da catechese não correspondia á ideologia jesuitica. Um enthusiasta da Ordem Seraphica poderia sustentar a these: o missionario ideal para um povo communista nas tendencias e rebelde ao ensino intellectual como o indigena da America teria sido o franciscano. Pelo menos o franciscano em theoria; inimigo do intellectualismo; inimigo do mercantilismo; lyrico na sua simplicidade; amigo das artes manuaes e das pequenas industrias; e quasi animista e totemista na sua relação com a natureza, com a vida animal e vegetal.

Para S. Francisco dois grandes males affligiam o mundo christão do seu tempo: a arrogancia dos ricos e a arrogancia dos eruditos. Diz-se que informado de haver certo doutor parisiense, dos finos, dos subtis, entrado como frade num convento franciscano, teria dito: «Estes doutores, meus filhos, serão a destruição da minha vinha». Os jesuitas tornaram-se precisamente os doutores da Igreja; os seus mais agudos intellectuaes. Os seus grandes homens de sciencia. Tornaram-se notaveis pelas suas grammaticas, pelos seus compendios de rhetorica, pelos seus relogios, mappas e globos geographicos. E entretanto, como observa Freer, «...with all their self-confidence they failed; for, unlike the Franciscans, their spirit was not the spirit of the coming ages» (1).

O seu grande fracasso pode-se affirmar ter sido na America. No Paraguay. No Brasil. Aos indios do Brasil parece que teria beneficiado mais a orientação do ensino missionario dos franciscanos. Estes — salienta em livro recente frei Zephyrin Engelhardt — onde tiveram o encargo de

---

(1) Arthur S. B. Freer, *The Early Franciscans and Jesuits*, London 1922.

missões junto a amerindios, orientaram-nas em sentido technico ou pratico. Sentido que faltou ao esforço jesuitico no Brasil.

Os franciscanos preoccuparam-se acima de tudo em fazer dos indios artifices e technicos, evitando sobrecarregal-os da « mental exertion which the Indians hated more than manual labor » (1). Accrescenta frei Engelhardt sobre o methodo franciscano de christianizar os indios: « ... we do not find that Christ directed His Apostles to teach reading, writing and arithmetic ». Ironia que vae, evidentemente, cravar-se nas iniciaes S. J. E rebatendo a accusação de que os franciscanos só se teriam preoccupado nas suas missões em formar aprendizes ou technicos: « they gave the Indians the education which was adapted to their present needs and probable future condition in society ». Emquanto que os primeiros jesuitas no Brasil quasi que se envergonham, atravez das suas chronicas, do facto de lhes ter sido necessario exercer officios mechanicos. Seu gosto teria sido se dedicarem por completo a formar lettrados e bachareisinhos dos indios. Pelo que escreve o padre Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil e do que Obraram Seus Filhos nesta Parte do Brasil* vê-se que os padres da Companhia aqui chegaram sem nenhum proposito de desenvolver entre os caboclos actividades technicas ou artisticas; e sim as litterarias e academicas. Tiveram de improvisar-se em artifices; de franciscanizar-se. Do que os justifica o padre Simão como de uma fraqueza: « ... e deste tempo ficou introduzido trabalharem os irmãos em alguns officios mechanicos, e proveitosos a communidade, por razão da grande pobreza, em que então viviam. Nem deve parecer cousa nova, e muito menos indecente, que religiosos se occupem em officios semelhantes; pois nem S. José achou que era

---

(1) Fr. Zephyrin Engelhardt, *The Missions and Missionaries of California*, 1929.

cousa indigna de um pae de Christo (qual elle era na commum estimação dos homens); nem S. Paulo de um apostolo do Collegio de Jesus, ganhar o que haviam de comer, pelo trabalho de suas mãos, e suor de seu corpo: antes foi exemplo, que imitaram os mais perfeitos religiosos da antiguidade, acostumando, com esta traça, o corpo ao trabalho, e a alma a humildade: chegou a ser regra vinda do céo, que os anjos dictaram a Pacomio abbade santo» (1). Entre os primeiros jesuitas do Brasil só o padre Leonardo trouxera do seculo o officio de ferreiro; os outros, puros academicos ou doutores da especie que S. Francisco de Assis tanto temia, precisaram de improvisar-se em carpinteiros ou sangradores. Mas sem gosto nem enthusiasmo pelo trabalho manual ou artistico, antes desculpando-se delle pela allegação de imprescindivel nas rudes circumstancias da catechese.

Que para os indigenas teria sido melhor o systema franciscano que o dos jesuitas parece-nos evidente. Gabriel Soares descreve os Tupinambá como tendo «grande destinto para saberem logo estes officios», isto é, os de «carpinteiros de machado, serradores, oleiros»; e «para todos os officios de engenhos de assucar»; e, ainda, para «criarem vaccas». As mulheres para «criar gallinhas», «coser e lavar», fazer «obras de agulha», etc. (2).

Inserindo-se na vida dos colonizadores como esposas legitimas, concubinas, mães de familia, amas de leite, cozinheiras, puderam as mulheres exprimir-se em actividades agradaveis ao seu sexo e á sua tendencia para a estabilidade. O homem indigena, porém, quasi que só encontrou, nos adventicios, senhores de engenho para os fazerem trabalhar na lavoura da canna e padres para os obrigarem a aprender a contar, a ler e a escrever; mais tarde a mourejar nas plantações de matte

---

(1) Vasconcellos, *Chronica*, cit.
(2) Soares, *op. cit.*

e de cacau. Qualquer dessas actividades impostas ao indio captivo ou ao catechumeno vinha torcer-lhes ou desviar-lhes a energia em direcções as mais repugnantes á sua mentalidade de primitivos (1): a imposta pelos padres afastando-os do contacto, que tanto os attrahia aos adventicios, das ferramentas européas, para fixal-os na tristeza dos cadernos e dos exercicios de grammatica (2); as outras affectando-os no que é tão profundo nos selvagens quanto nos civilizados — a divisão sexual do trabalho; obrigando-os a uma sedentariedade lethal para homens tão andejos; segregando-os (3); concentrando-os nas plantações ou nas aldêas em grandes massas de gente, por um criterio inteiramente extranho a tribus acostumadas á vida communaria mas em pequenos grupos, e estes exogamos e totemicos. Quando o que mais convinha a selvagens arrancados ainda tão crús da floresta e sujeitos a condições deleterias de sedentaridade era a lide com as ferramentas européas: um doce trabalho manual que não os extenuasse como o outro, o da enxada, mas preparasse nelles a transição da vida selvagem para a civilizada.

Realizar essa transição deveria ter sido a grande, a principal missão dos catechistas. Por semelhante processo muita da habilidade manual, da aptidão artistica, do talento decorativo, que quasi se perdeu de todo nos indigenas do Brasil, se teria recolhido e prolongado em

---

(1) Sobre os caracteristicos e tendencias da mentalidade primitiva leia-se o trabalho de Lévy Bruhl, *Mentalité Primitive*, Paris, 1922.

(2) Cadernos escriptos a mão por Anchieta: «...ainda naquelle tempo não havia nestas partes copia de livros, por onde pudessem os discipulos aprender os preceitos da grammatica. Esta grande falta, remediava-a a caridade de José á custa do seu suor, e trabalho, escrevendo por propria mão tantos quadernos dos ditos preceitos quantos eram os discipulos que ensinava...» (Vasconcellos, *Chronica*, cit.).

(3) Os estudos sobre a mentalidade dos primitivos mostram como é doloroso para elles separarem-se de vez do seu meio physico regional, a que estão ligados por um systema de relações mysticas: totemicas e animistas. Este equilibrio de relações mysticas rompia-se com a segregação jesuitica.

novas formas e atravez de amplos e plasticos recursos de technica européa. A verdade, porém, é que dominou as missões jesuiticas o criterio, ora exclusivamente religioso, os padres querendo fazer dos caboclos uns doceis e acanhados seminaristas; ora principalmente economico de se servirem os missionarios dos indios, seus aldeados, para fins mercantis; para enriquecerem, tanto quanto os colonos, na industria e no commercio de matte, de cacau, de assucar e de drogas.

Campeões da causa dos indios, deve-se em grande parte aos jesuitas não ter sido nunca o tratamento dos nativos da America pelos portugueses tão duro nem tão pernicioso como pelos protestantes ingleses. Ainda assim os indigenas nesta parte do continente não foram tratados fraterna ou idyllicamente pelos invasores, os mesmos jesuitas extremando-se ás vezes em methodos de catechese os mais crueis. Da bocca de um delles, e logo de qual, do mais piedoso e santo de todos, José de Anchieta, é que vamos recolher estas duras palavras: «...espada e vara de ferro, que é a melhor pregação» (1).

A melhor attenção do jesuita no Brasil fixou-se vantajosamente no menino indigena. Vantajosamente sob o ponto de vista, que dominava o padre da S. J., de dissolver no selvagem, o mais breve possivel, tudo que fosse valor nativo em conflicto serio com a theologia e com a moral da Igreja. O eterno criterio simplista do missionario que não se apercebe nunca do risco enorme de ser incapaz de reparar ou substituir tudo quanto destroe. Ainda hoje se observa o mesmo simplismo nos missionarios ingleses na Africa e em Fiji (2).

---

(1) Cit. por João Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará*, cit.

(2) Simplismo considerado por Sir J. G. Frazer «always dangerous and not seldom disastrous», esse de se abolirem velhos systemas moraes sem lhes assegurar a substituição real, e não artificial. (Introducção ao livro de C. W. Hobey, *Bantu Beliefs and Magic*, London 1922). Tambem Wissler (*Man and Culture*, cit.) indica as desvantagens que decorrem para as populações selvagens das bôas intenções moralizadoras e civilizadoras dos missionarios, mesmo quando nelles não

O *columin*, o padre ia arrancal-o verde á vida selvagem: com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador; ainda indefinido na moral e vago nas tendencias. Foi, pode-se dizer, o eixo da actividade missionaria: delle o jesuita fez o homem artificial que quiz.

O processo civilizador dos jesuitas consistiu principalmente nesta inversão: no filho educar o pae; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande (1).

O *columin* tornou-se o cumplice do invasor na obra de tirar á cultura nativa osso por osso, para melhor

---

se antecipa o imperialismo economico dos grandes paizes capitalistas. E Pitt Rivers (op. cit.) escreve: «... the inevitable result of destroying all the old culture-forms and environmental conditions in the endeavour to impose too dissimilar a culture upon a people specialized by a long process of adaptation to particular conditions is actually to exterminate them». Accrescentando: «It follows from this that all Missionary endeavour among heathen and savage peoples, because in endeavouring to impose new and incompatible culture-forms it is bound first to destroy the old ones, is incapable of achieving any result in the end except to assist in the extermination of the people it protesses to assist».

(1) «A primeira traça com que sairam», escreve dos jesuitas o padre Simão, «foi fazer familiares de casa (ainda a custa de dadivas e mimos) os meninos filhos dos Indios; porque estes, por menos divertidos e por mais habeis que os grandes, em todas as nações do Brasil, são mais faceis de doutrinar; e doutrinados os filhos, por elles se começariam a doutrinar os pais; traça que a experiencia mostrou ser vinda do céo...» Grangeados os meninos filhos de indios, foram pelos jesuitas postos a aprender a «ler, escrever, contar, ajudar a missa, e doutrina christã: e os que estavam mais provectos sahiam em procissões pelas ruas entoando canto de solfa as orações, e os mysterios da fé, compostos em estylo. Com o que se alegravam immensamente os pais». «Chegava a ser demasiada a opinião que se tinha destes meninos entre os indios; porque os respeitavam como cousa sagrada: nenhum ousava obrar cousa alguma contra sua vontade, criam no que diziam, e cuidavam que nelles estava posta alguma divindade: até os caminhos enramavam, por onde haviam de passar». (Vasconcellos, *Chronica,* cit.). Sobre o assumpto escreve Couto de Magalhães: «estes meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque possuindo igualmente bem as duas linguas, eram o elo indispensavel para approximar as duas raças». (*O Selvagem*, cit.) Leia-se tambem sobre o systema de catechese e pedagogico dos primeiros jesuitas, Pires de Almeida, *L'Instruction Publique au Brésil*, Rio de Janeiro 1889.

assimilação da parte molle aos padrões de moral catholica e de vida européa; tornou-se o inimigo dos paes, dos pagés, dos maracás sagrados, das sociedades secretas. Do pouco que havia de duro e de viril naquella cultura e capaz de resistir, ainda que fracamente, á compressão européa. Longe dos padres quererem a destruição da raça indigena: queriam era vel-a aos pés do Senhor, domesticada para Jesus. O que não era possivel sem antes quebrar-se na cultura moral dos selvagens a sua vertebra e na material tudo que estivesse impregnado de crenças e tabús difficeis de assimilar ao systema catholico. Ás vezes os padres procuraram, ou conseguiram, afastar os meninos da cultura nativa, tornando-a ridicula aos seus olhos de catechumenos: como no caso do feiticeiro referido por Montoya. Conseguiram os missionarios que um velho feiticeiro, figura grotesca e troncha, dançasse na presença da meninada: foi um successo. Os meninos acharam-no ridiculo e perderam o antigo respeito ao bruxo, que dahi em diante teve de contentar-se em servir de cozinheiro dos padres (1).

A posse do *columin* significava a conservação, tanto quanto possivel, da raça indigena sem a preservação de sua cultura. Quizeram, entretanto, os jesuitas ir além e num ambiente de estufa — o dos collegios do seculo XVI ou o das missões Guaranis — fazer dos indigenas figuras postiças, desligadas não já das tradições moraes da cultura nativa mas do proprio meio colonial e das realidades e possibilidades sociaes e economicas desse meio. Foi onde o esforço educativo e civilizador dos jesuitas artificializou-se, não resistindo mais tarde seu systema de organização dos indios em « aldêas » ou « mis-

(1) Era um velho feiticeiro chamado leguacari. Os padres soltaram-no no meio da meninada, que a principio teve medo; mas « . . . pouco a pouco foi passando o medo, e por fim de contas todos juntos atiravam-se para a banda delle, accommetteram-o, deram com elle no chão e o maltrataram de todos os modos ». (Montoya, *op. cit.*).

sões» aos golpes da violenta politica anti-jesuitica do marquez de Pombal.

Mesmo realizada artificialmente, a civilização dos indigenas do Brasil foi obra quasi exclusiva dos padres da Companhia; resultado de esforço seu a christianização, embora superficial e pela crosta, de grande numero de caboclos.

Essa christianização, repetimos, processou-se atravez do menino indio, do *columin,* de quem foi grande o valor na formação social de um Brasil diverso das colonias portugueses na Africa; orientado em sentido opposto ao das feitorias africanas. Joaquim Nabuco, apologeta, como Eduardo Prado, do esforço jesuitico, ou antes, catholico, no Brasil, pouco exaggera quando affirma: «Sem os jesuitas a nossa historia colonial não seria outra cousa senão uma cadêa de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reducções; o paiz seria cortado de estradas, como as que iam do coração da Africa aos mercados das costas, por onde só passavam as longas filas de escravos» (1).

No Brasil o padre serviu-se principalmente do *columin,* para recolher de sua bocca o material com que formou a lingua tupi-guarani — o instrumento mais poderoso de intercommunicação entre as duas culturas: a do invasor e a da raça conquistada. Não somente de intercommunicação moral como commercial e material. Lingua que seria, com toda a sua artificialidade, uma das bases mais solidas da unidade do Brasil. Desde logo, e pela pressão do formidavel imperialismo religioso do missionario jesuita, pela sua tendencia para uniformizar e standardizar valores moraes e materiaes (2),

---

(1) *III Centenario do Veneravel Joseph Anchieta,* Paris-Lisboa 1900.

(2) E' verdade que os ethnologos lamentam o facto de que no Brasil a «Igreja nivelou demais, apagou os caracteristicos traços ethnicos e peculiares de tantas tribus indigenas, extinctas já ou prestes a extinguir-se. Uma correnteza poderosa abraçou todos os elementos que

o tupi-guarani approximou entre si tribus e povos indigenas, diversos e distantes em cultura, e até inimigos de guerra, para em seguida approximal-os todos do colonizador europeu. Foi a lingua, essa que se formou da collaboração do *columin* com o padre, das primeiras relações sociaes e de commercio entre as duas raças, podendo-se affirmar do povo invasor que adoptou para o gasto ou o uso corrente a fala do povo conquistado, reservando a sua para uso restricto e official. Quando mais tarde o idioma português — sempre o official — predominou sobre o tupi, tornando-se, ao lado deste, lingua popular, já o colonizador estava impregnado de agreste influencia indigena; já o seu português perdera o ranço ou a dureza do reinol; amollecera-se num português sem rr nem ss; infantilizara-se, quasi, em fala de menino, sob a influencia do ensino jesuitico de collaboração com os *columins*.

Ficou-nos, entretanto, dessa primeira dualidade de linguas, a dos senhores e a dos nativos, uma de luxo, official, outra popular, para o gasto, — dualidade que durou seguramente seculo e meio e que prolongou-se depois, com outro caracter, no antagonismo entre a fala dos brancos das casas-grandes e a dos negros das senzalas — um vicio, em nosso idioma, que só hoje, e atravez dos romancistas e poetas mais novos — os Bandeira, os Mario de Andrade, os Amando Fontes, os Jorge Amado, os Yan Prado, os Schmidt, os Oswald de Andrade, os Carlos Drummond, os Lins do Rego, os Ribeiro Couto, os Murillo Mendes, os Antonio de Alcantara Machado — vae sendo corrigido ou attenuado: o vacuo enorme entre a lingua escrita e a lingua falada. Entre o português dos bachareis e doutores, quasi sempre propensos ao purismo, ao preciosismo e ao classicismo, e o português do povo, do ex-

---

encontrou no seu percurso e uniformizou todos e em toda parte ». (Emilio Goeldi, « O Estado Actual dos Conhecimentos sobre os Indios do Brasil », *in Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, N.º 4, vol. II).

escravo, do menino, do analphabeto, do matuto, do sertanejo. O deste ainda muito cheio de expressões indigenas, como o do ex-escravo ainda quente da influencia africana.

É que a conquista dos sertões realizou-se no periodo de influencia ou predominancia do tupi como lingua popular. «As levas, que partiam do littoral, a fazerem descobrimentos», escreve Theodoro Sampaio, «falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam as novas descobertas, os rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colonias, espalhadas nos sertões, falando tambem o tupi e encarregando-se naturalmente de diffundil-o» (1).

Tupis ficaram no Brasil os nomes de quasi todos os animaes e passaros; de quasi todos os rios; de muitas das montanhas; de varios dos utensilios domesticos. Escrevia no seculo XVII o padre Antonio Vieira (que tanto se preoccupou com os problemas das relações entre colonos e indigenas): «Primeiramente he certo que as familias dos Portugueses, e Indios em S. Paulo, estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres, e os filhos, se crião mistiça e domesticamente, e a lingua, que nas ditas familias se falla, he a dos Indios, e a Portuguesa a vão os meninos aprender á escola; e deshunir esta tão natural, ou tão naturalizada união seria genero de crueldade entre os que assim se crião, e ha muitos annos vivem. Digo, pois, que todos os Indios, e Indias, que tiverem tal amor a seus chamados senhores, que queirão ficar com elles por sua vontade, o possão fazer sem outra alguma obrigação mais que a do dito amor, que he o mais doce cativeiro, e a liberdade mais livre» (2).

Emquanto nas casas de familia criavam-se «mistiçamente» portugueses e indios, predominando nessas rela-

---

(1) Theodoro Sampaio. *O Tupi*, cit.
(2) Cit. por Taunay, *Historia Geral des Bauderies*, cit.

ções domesticas a lingua dos escravos ou semi-escravos, nas escolas missionarias a lingua dos indigenas era ensinada e cultivada ao lado da dos brancos e da latina, da Igreja; e nos pulpitos os pregadores e evangelistas serviam-se do tupi. «Falavam os padres a lingua dos aborigenes», informa Theodoro Sampaio, «escreviam-lhe a grammatica e o vocabulario, e ensinavam e pregavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos de indios, mestiços, ou brancos, ensinavam de ordinario o português e o tupi, preparando deste modo os primeiros catechumenos, os mais idoneos, para levar a conversão ao lar paterno» (1).

Do menino indigena, já o dissemos, recolheram os padres o material para a organização da «lingua tupi»: esta resultou do intercurso intellectual entre catechista e catechumeno. Pela mulher transmittiu-se da cultura indigena á brasileira o melhor que hoje nos resta dos valores materiaes dos amerindios; pelo menino veio-nos a maior parte de elementos moraes incorporados á nossa cultura: o conhecimento da lingua, o de varios medos e abusões, o de diversos jogos e danças recreativas.

O padre Simão de Vasconcellos esclarece-nos sobre o systema de intercurso intellectual adoptado pelos jesuitas com relação ao *columin*. É assim que de Anchieta nos informa: «...no mesmo tempo era Mestre & era discipulo», e dos *columins:* «...lhe serviam de discipulos & Mestres»; succedendo que o padre «...na mesma classe falando latim alcançou da fala dos que o ouviam a mor parte da lingua do Brasil» (2).

Noutra esphera foram os *columins* mestres: mestres dos proprios paes, dos seus maiores, da sua gente. Allia-

---

(1) Theodoro Sampaio, *O Tupi*, cit.

(2) *Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta, da Companhia de Iesu... Composta Pello P. Simam de Vasconcellos...* Lisboa MDCLXXII.

dos dos missionarios contra os *pagés* na obra de christianização do gentio. Dos primeiros *columins* internados pelos jesuitas nos seus collegios diz o referido padre Simão: « Espalhavam-se a noite pellas cazas de seus parentes a cantar as cantigas pias de Ioseph em sua propria lingua contrapostas ás que elles costumavão cantar vãas & gentilicas; & vinham a ser Mestres os que ainda eram discipulos . . . (1).

E Varnhagen commenta a emulação provocada entre o gentio pelos jesuitas com as suas procissões de *columins* christianizados: « Feitos acolytos os primeiros piás mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que aproveitavam os jesuitas, entrando com elles pelas aldêas em procissões de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam ás vezes os pais » (2). Procissões que o padre Americo Novaes, baseado em Southey, evoca em côres ainda mais vivas: meninos e adolescentes vestidos de branco, uns com açafates de flores, outros com vasos de perfume, outros com thuribulos de incenso, todos louvando Jesus triumphante entre repiques de sino e roncos de artilharia (3). Eram as futuras festas de igreja, tão brasileiras, com incenso, folha de canela, flôres, cantos sacros, banda de musica, foguete, repique de sino, vivas a Jesus Christo, esboçando-se nessas procissões de *columins*. Era o Christianismo, que já nos vinha de Portugal, lyrico e festivo, cheio de sobrevivencias pagãs, aqui se enriquecendo de notas berrantes e sensuaes para séduzir o indio. Nobrega chegava a ser de opinião que pela musica conseguiria trazer ao gremio catholico tudo quanto fosse indio nú das florestas da America; e pelo impulso que deu á musica tornou-se — diz Varnhagen — « quasi um segundo Orfeo » (4).

---

(1) Vasconcellos, *Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta*, cit.
(2) F. A. Varnhagem, *Historia Geral do Brasil*, cit.
(3) *III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, cit.
(4) Varnhagem, *op. cit.*

De musica inundou-se a vida dos catechumenos. Os *columins* acordavam de manhã cedo cantando. Bemdizendo os nomes de Jesus e da Virgem Maria: «...dizendo os de hu coro: Bendito & louvado seja o santissimo nome de Iesú & respondendo os do outro, & o da bem aventurada Virgem Maria para sempre, Amen». E todos juntos em grave latim de igreja: «Gloria Patri & Filii & Spiritui Sancto, Amen» (1).

Mas esses louvores a Jesus e á Virgem não se limitavam á expressão portuguesa ou latina: transbordavam no tupi. Ao toque da Ave Maria quasi toda a gente dizia em voz alta, fazendo o Pelo Signal: *Santa Curuça rangana recê;* para então repetir cada um na sua lingua a oração da tarde. E era em tupi que as pessôas se saudavam: *Enecoêma;* que quer dizer «bom dia» (2).

A poesia e a musica brasileiras surgiram desse conluio de *columins* e padres. Quando mais tarde appareceu a «modinha», foi guardando ainda certa gravidade de latim de igreja, uma doçura piedosa e sentimental de sacristia a assucarar-lhe o erotismo, uns mysticismos de collegio de padre a dissimularem-lhe a lascivia já mais africana do que amerindia. Verificara-se, porém, desde o primeiro seculo a contemporização habil do estylo religioso ou catholico de ladainha com as formas de canto indigenas. «Na poesia lyrica brasileira do tempo da colonização», nota José Antonio de Freitas, «os jesuitas... ensaiavam as formas que mais se assemelhavam aos cantos dos Tupinambás, com voltas e refrens, para assim attrairem e converterem os indigenas á fé catholica». E accrescenta: «Numa epoca em que os cantos populares eram prohibidos pela Igreja, numa epoca em que o sentimento poetico das multidões estava completamente suffocado e atrophiado, o colono para dar expansão á saudade que lhe ia na alma, não deixava de repetir aquelles cantares, que os

---

(1) Vasconcellos, *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, cit.
(2) Theodoro Sampaio, *O Tupi*, cit.

Casa-grande em ruinas, perto de Olinda (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

jesuitas autorizavam » (1). Graças ao imperador D. Pedro II, que obteve, em Roma, copia das quadras escriptas pelos jesuitas para os meninos dos seus collegios e missões no Brasil, conhece-se hoje a seguinte, publicada por Taunay:

O Virgem Maria
Tupan ey êté
Aba pe ara pora
Oicó endê ɣabê

Que traduzido quer dizer o seguinte — diz Taunay: « Ó Virgem Maria, mãe de Deus verdadeira, os homens deste mundo estão bem comvosco » (2)

Os jesuitas — escreve Couto de Magalhães — « não colligiram litteratura dos aborigenes, mas serviram-se de sua musica e de suas danças religiosas para attrail-os ao christianismo... As toadas profundamente melancolicas dessas musicas e a dança foram adaptadas pelos jesuitas, com o profundo conhecimento que tinham do coração humano, para as festas do divino Espirito Santo, S. Gonçalo, Santa Cruz, S. João, e Senhora da Conceição » (3).

Um outro traço sympathico, nas primeiras relações dos jesuitas com os *columins*, para quem aprecie a obra missionaria, não com olhos devotos de apologeta ou sectario mas sob o ponto de vista brasileiro da confraternização das raças: a igualdade em que parece terem elles educado, nos seus collegios dos seculos XVI e XVII, indios e filhos de portugueses, europeus e mestiços, caboclos arrancados ás tabas e meninos orphãos vindos de Lisbôa. As chronicas não indicam nenhuma discriminação ou segregação inspirada por preconceito de côr ou de raça contra os indios; o regimen que os padres ado-

---

(1) José Antonio de Freitas, *O Lyrismo Brasileiro*, Lisboa 1873.
(2) Affonso d'Escragnolle Taunay, *S. Paulo no Seculo XVI*. Tours 1921.
(3) *III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, cit.

ptaram parece ter sido o de fraternal mistura dos alumnos. O collegio estabelecido por Nobrega na Bahia dá Varnhagen como frequentado por filhos de colonos, meninos orphãos vindos de Lisbôa e piás da terra (1). Terá sido assim a vida nos collegios dos padres um processo de co-educação das duas raças — a conquistadora e a conquistada: um processo de reciprocidade cultural entre filhos da terra e meninos do reino. Terão sido os *pateos* de taes collegios um ponto de encontro e de amalgamento de tradições indigenas com as européas; de intercambio de brinquedos; de formação de palavras, jogos e superstições mestiças. O bodoque de caçar passarinho, dos meninos indios, o papagaio de papel, dos portugueses, a bola de borracha, as danças, etc., terão ahi se encontrado, misturando-se. A « carrapeta » — forma brasileira de pião — deve ter resultado desse intercambio infantil.

É pena que posteriormente, ou por deliberada orientação missionaria, ou sob a pressão irresistivel das circumstancias, os padres tivessem adoptado o processo de rigorosa segregação dos indigenas em aldêas ou missões. Justificam-nos os apologetas: a segregação teria visado unicamente subtrair os indigenas « á acção desmoralizadora dos relaxados christãos » (2). Mas a verdade é que,

---

(1) Varnhagen, *op. cit.*

(2) J. M. de Madureira, S. J., *A Liberdade dos Indios e a Companhia de Jesus, sua Pedagogia e seus Resultados*, Rio de Janeiro 1927 (tomo especial do Congresso Internacional de Historia da America, vol. IV).

« Quanto a nós », escreve sobre o systema dos jesuitas o conego Fernandes Pinheiro, « grande erro era o d'aniquilar inteiramente a vontade dos catechumenos e neophytos, reduzindo-os ao mesquinho papel de machnias ambulantes. Considerando os indios como meninos que necessitavam de guias para se não despenharem nos abysmos do vicio, de tutores para não dissiparem a propria fazenda, entenderam os varões apostolicos que primeiro os chamaram ao gremio da Igreja e da civilização, que deveram ser elles esses guias; no que não se enganaram. Levando, porém, mais longe o zelo que pela familia espiritual tinham, transmittiram intacto tão grande poder aos seus successores, esquecendo que era elle por sua natureza precario, e apenas proprio para a primeira phase de transição da vida selvagem para

segregando os missionarios aos catechumenos da vida social, o que succedeu foi se artificializarem estes numa população á parte da colonial; extranha ás suas necessidades, aos seus interesses e aspirações; paralysada em crianças grandes; homens e mulheres incapazes de vida autonoma e de desenvolvimento normal. E nem sempre conservaram-se os padres da S. 'J., transformados em donos de homens, fieis aos ideais dos primeiros missionarios; muitos resvalaram para o mercantilismo em que os viria surprehender a violencia do marquez de Pombal.

Decorrido o periodo que Pires de Almeida considera heroico da actividade jesuitica no Brasil, varias missões só faltaram tornar-se armazens de exportação, negociando com assucar e com drogas, mas principalmente com matte, no Sul, e com cacau no Norte. Isto em prejuizo da cultura moral e mesmo religiosa dos indigenas, reduzidos agora a puro instrumento do mercantilismo dos

---

a civilizada. Daqui nasceu o abuso que assignalámos, daqui proveio que jamais teve o indio autonomia, jamais pensou em dirigir-se por suas inspirações, em assumir a responsabilidade de seus actos: daqui originou-se finalmente a destruição total da obra de catechese, que tão prospera e vivaz parecia, logo que faltou-lhe o braço jesuitico que de pé a sustinha ». (Introducção á *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, etc., pelo padre Simão de Vasconcellos, segunda ed., Rio 1864) Do mesmo conego Fernandes Pinheiro leia-se sobre o assumpto « Ensaio sobre os Jesuitas », *Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo XVIII. Convem ler, ao lado de ensaios sobre os jesuitas mais ou menos impregnados de fervor apologetico — os de Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Theodoro Sampaio, Brazilio Machado, (*III Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, Paris-Lisbôa 1900), J. P. Calogeras, *Os Jesuitas e o Ensino*, Rio 1911, Eugenio Vilhena de Moraes, « Qual a Influencia dos Jesuitas em nossas Lettras? » (*Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo especial, Congresso de Historia Nacional, Parte V, Rio 1917), as poucas tentativas de critica historica, como os « Apontamentos para a Historia dos Jesuitas, Extrahidos dos Chronistas da Companhia de Jesus », *Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo XXXIV, Rio 1871) de Antonio Henriques Leal. Este, aliás, é o primeiro a reconhecer a difficuldade de « reflectir criticamente » sobre a historia dos jesuitas, de que « elles são os proprios escriptores e, por consequencia, não isenta de grande somma de parcialidade e inverosimilhança ». Sobre a organização do trabalho nas missões jesuiticas no Brasil, veja-se livro IV, cap. I de *Le Travail en Amérique avant et après Colomb*, de L. Captain e Henri Lorin, Paris 1930.

padres. O general Arouche, nomeado em 1798 Director Geral das Aldêas dos Indios, no Brasil, accusaria os missionarios — tanto os jesuitas como os franciscanos — « de promover o casamento de indios com pretas e pretos, baptizando os filhos como servos » (1). Os padres teriam-se deixado escorregar para as delicias do escravagismo ao mesmo tempo que para os prazeres do commercio. Não fossem elles bons portugueses e talvez até bons semitas, cuja tradicional tendencia para a mercancia não se modificara sob a roupeta de jesuita nem com os votos de pobreza seraphica.

Accresce que, fugindo não só á sedentariedade da segregação como ás violencias civilizadoras, praticadas nas proprias aldêas de missionarios (2), muitos dos indigenas christianizados deram para ganhar o matto, « sem se lembrarem », diz Arouche, « das mulheres e filhos que deixavam . . . » (3). Situação que mais se aguçou quando, desmontada a possante machina de civilização dos jesuitas, os indios se encontraram, por um lado presos, pela moral que lhes fôra imposta, á obrigação de sustentar mulher e filhos, por outro lado em condições economicas de não se poderem manter nem a si proprios. Ao contrario: pretendeu-se systematizar de tal modo a exploração do trabalhador indigena em beneficio dos brancos e da Igreja, que de um salario de 100 réis por dia apenas recebia o indio aldeado para se sustentar a si, mulher e filhos a miseravel quantia de 33 réis (4). Occorreu então a dissolução de muita familia christã de

---

(1) José Arouche de Toledo Rondon, « Memoria sobre as Aldêas de Indios da Provincia de S. Paulo », *Rev. do Inst. Geog. Br.*, IV; João Mendes Junior, *Os Indigenas no Brasil — seus Direitos Individuaes e Politicos*, S. Paulo, 1912.

(2) « Não era talvez menor a tirania do religioso, na missão, que a do lavrador, na fazenda », escreve João Lucio de Azevedo. E ainda: « . . . não resta duvida que certos padres não tinham com os neofitos a caridade devida: por leves culpas os mandavam açoutar e meter em troncos; e nem sequer os *principaes* que o prestigio de sua autoridade devera resguardar, escapavam aos humilhantes castigos ». (*Os Jesuitaas no Grão Pará, suas Missões e a Colonização*, 2.ª ed. Coimbra 1930.

(3) Arouche, « Memoria », cit.

(4) Arouche, « Memoria », cit.

caboclo pela falta de base ou apoio economico; augmentando dentro de taes circumstancias a mortalidade infantil (dada a miseria a que ficaram reduzidos numerosos lares christãos, artificialmente organizados) e diminuindo a natalidade, não só pela «falta de propagação», como pelos abortos praticados, na ausencia de maridos e paes, por mulheres já eivadas de escrupulos christãos de adulterio e de virgindade (2). Por onde se vê que o systema jesuitico de catechese e civilização impondo uma nova moral de familia aos indigenas sem antes lançar uma permanente base economica, fez trabalho artificial, incapaz de sobreviver ao ambiente de estufa das missões; e concorreu poderosamente para a degradação da raça que pretendeu salvar. Para o despovoamento do Brasil de sua gente autochtone.

Esse despovoamento, os processos de simples captura dos indigenas, e não já de segregação e de trabalho, forçado ou excessivo, nas fazendas e nas missões, precipitaram de maneira infernal. Eram processos que se faziam acompanhar de grande desperdicio de gente: talvez maior que na captura e transporte de africanos. Quando as expedições de captura eram bem succedidas, informa João Lucio de Azevedo, referindo-se ás realizadas no Amazonas para supprir de escravos, ou «administrados», as fazendas do Maranhão e do Pará, que «chegava somente a metade; imagine-se o que seria nas outras» (2). E recorda o historiador estas palavras de Vieira: «Por mais que sejam os escravos que se fazem, mais são sempre os que morrem». «Para isso concorria», explica João Lucio, «o trabalho das fazendas, sobretudo a cultura de cana de açucar e de tabaco, tarefa em demasia pesada aos indios mal habituados á continuidade dos serviços penosos. Além das doenças que estas raças inferiores sempre adquirem no contacto dos brancos, os maus tratos que recebiam eram outras tantas causas de molestia e morte, não obstando a isso as leis repressivas

(1) João Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará,* cit.
(2) João Lucio de Azevedo, *op. cit.*

repetidamente promulgadas. Dos tormentos a que os sujeitavam basta lembrar que era corrente marcarem-se os captivos com ferro em brasa, para os distinguir dos forros, e tambem para serem reconhecidos pelos donos » (1).

Causa de muito despovoamento (2) foram ainda as guerras de repressão ou de castigo levadas a effeito pelos portugueses contra os indios, com evidente superioridade technica. Superioridade que os triumphadores não raras vezes ostentaram contra os vencidos, mandando amarral-os á bocca de peças de artilharia que, desparando, « semeavam a grandes distancias os membros dilacerados » (3); ou inflingindo-lhes supplicios adaptados dos classicos ás condições agrestes da America. Um desses o de Tulio Hostilio, de prender-se o paciente a dois fogosos cavallos, logo soltos em rumos oppostos. Esse horrivel supplicio foi substituido no extremo Norte do Brasil pelo de amarrar-se o indio a duas canôas, correndo estas, a força de remos, em direcções contrarias até partir-se em dois o corpo do suppliciado (4) No Maranhão e no Pará (5) as crueldades contra os indigenas não foram menores do que as exercidas no Sul pelos Paulistas: estes chegavam a incumbir-se de « guerras contra os indios » como de uma especialização macabra (6). O resgate, ou fosse a venda de indios, capturados e tra-

---

(1) Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará,* cit.

(2) O despovoamento parece ter sido enorme. Difficil de precisar qual fosse a população aborigene ao verificar-se a descoberta do Brasil, ha evidencias de sua relativa densidade « pelo menos », diz Azevedo, « no littoral do oceano e ás margens dos rios »., O mesmo facto é salientado por M. Bomfim, *O Brasil na America,* cit.

(3) Azevedo, *op. cit.*

(4) *Chronica da Companhia de Jesus pelo Padre Jacinto de Carvalho,* Ms. da Bibliotheca de Evora *apud* Azevedo, *op. cit.*

(5) *Memorias sobre o Maranhão,* do padre José de Moraes *apud* A. J. de Mello Moraes, *Corographia,* Rio de Janeiro 1859; João Francisco Lisbôa, *Timon,* cit.; Arouche, « Memoria », cit.; padre Antonio Vieira, *Obras Varias,* Lisbôa, 1856 e 1857; Agostinho Marques Perdigão Malheiro, *A Escravidão no Brasil,* Rio de Janeiro, 1866; J. J. Machado de Oliveira, « Noticia Raciocinada sobre as Aldêas de Indios da Provincia de S. Paulo » (*Rev. do Inst. Hist. Geog. Br.*, VIII).

(6) Perdigão Malheiro, *op. cit.*

zidos dos sertões ás fazendas em condições taes que só chegava a metade ou a terça parte, praticava-o o proprio governo em beneficio da construcção de igrejas (1).

Dos effeitos da escravidão do indio no Maranhão irforma João Lucio de Azevedo: «Absolutamente entregues (os colonos) á exploração do indio, nada sabiam nem podiam fazer, senão por elle e com elle» (2). Isto no segundo seculo de colonização. Fôra a mesma cousa no primeiro. O senhor de engenho, parasita do indio. O funccionario reinol, parasita do senhor de engenho. Os dois desadorados na «conjugação do verbo *rapio*», de que falaria o pregador no seu celebre sermão na Misericordia.

Tudo se processou atravez do escravo ou do «administrado», cujo braço possante era «a só riqueza, o unico objecto a que tendiam as ambições dos colonizadores» (3). Até que essa riqueza se foi corrompendo sob os effeitos dysgenicos do novo regimen de vida. O trabalho sedentario e continuo, as doenças adquiridas ao contacto dos brancos ou pela adopção, forçada ou espontanea, dos seus costumes, a syphilis, a bexiga, a dysenteria, os catarrhos foram dando cabo dos indios: do seu sangue, da sua vitalidade, da sua energia.

De S. Paulo refere um documento de 1585: «Vay esta terra em tanta diminuição, que já se não acha mantimeto a comprar, cousa que nunca ouve até agora, e isto tudo por causa de os moradores não terem escraveria com que prantar e beneficiar suas fazendas». É que «pelos annos de 1580, terrivel epidemia dysenterica matara milhares de indios captivos... mais de duas mil peças de escravos...» (4).

As doenças novas, foram-nas os indios attribuindo, e não sem certa razão, aos jesuitas. Em certos lugares,

---

(1) J. F. Lisbôa, *Timon*, cit.
(2) Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará*, cit.
(3) Antonio Vieira, citado por Azevedo, *op. cit.*
(4) Taunay, *S. Paulo no Seculo XVI*, cit.

á approximação dos padres, queimavam pimenta e sal para esconjural-os (1). Tudo inutil, porém. O systema escravocrata por um lado, e o missionario por outro, continuariam a sua obra de devastação da raça nativa, embora mais lenta e menos cruel do que na America hespanhola ou na inglesa.

A tendencia, a quasi differenciação biologica do português em escravocrata — differenciação que Keller comparou á de certas formigas estudadas por Darwin (2) — achou no indio da America presa facilima. O numero de indios possuidos pelo colono, quer sob o nome de «peças», quer sob a dissimulação de «administrados», tornou-se o indice do poder ou da importancia social de cada um; tornou-se o capital de installação do colono na terra (sendo o valor desta secundario). Ao mesmo tempo cada «peça» em si era como si fosse genero ou moeda; pagando-se dividas e adquirindo-se mantimentos com escravos ou «resgate» (3). Moedas côr de cobre depois substituidas pelas «peças de Guiné»; na realidade moedas de carne, todas ellas, que por facilmente se corromperem ou puirem no gasto constituiam um capital incerto e instavel. De modo que a politica economica era natural que fosse a de soffreguidão por escravos, por indios, por homens que se pudessem trocar como moedas; que se renovassem á proporção que a velhice, a doença e a invalidez exercessem sua acção devastadora sobre carne tão fraca fazendo as vezes dos mais fortes metaes. «A gente que de vinte annos a esta parte (1583) é gastada nesta Bahia», informa um jesuita citado por Tau-

---

(1) Vasconcellos, *Chronica*, cit.

(2) Escreve Keller dos portugueses: «They were so given to the slave-system that they could no longer provide for themselves. A biological differentiation of functions, as it were, had left them, like Darwin's slave-making ants, in a sort of parasitic relation to a subject race». J. G. Keller, *Colonization*, New Haven 1908.

(3) Vejam-se as *Actas da Camara de S. Paulo*, cit.

nay (1), «parece cousa que se não pode crer; porque nunca ninguem cuidou que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo». Gasta em trabalho; em abusos; em serviço de transporte; gasta em passar como cousa ou besta das mãos de um a outro senhor. Referindo-se já á phase de transição do escravo da terra para o da Guiné (que, veremos mais adiante, foi quem acabou supportando quasi sozinho, sem ajuda do indio, o repuxo do trabalho agricola e das minas), escreveu o padre Cardim que os senhores de engenho viviam endividados pelo facto de lhes morrerem «muitos escravos» (2). O trabalho mais devastador era, talvez o da lavoura da canna.

Que os escravos indios, como depois os africanos, foram, no Brasil dos primeiros tempos, o capital de installaçção dos brancos, muitas vezes chegados aqui sem recurso nenhum, mesmo modesto, indicam-no as palavras de Gandavo: «...si uma pessôa chega na terra e alcança dois delles (ainda que outra cousa não tenha de seu) logo tem remedio, para poder honradamente sustentar sua familia: porque um lhe pesca, outro lhe caça, os outros lhe cultivam e grangeiam suas roças, e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos, nem com elles, nem com suas pessôas» (3). E o padre Nobrega informa ainda mais claro: «Os homens que aqui vêm, não acham outro modo de viver sinão do trabalho dos escravos que pescão e vão buscar-lhe os alimentos, e tanto os domina a preguiça e são dados ás cousas sensuaes e vicios diversos que nem curam de estar excommungados possuindo os ditos escravos» (4).

Emquanto o esforço exigido pelo colono do escravo indio foi o de abater arvores, transportar os toros aos navios, grangear mantimentos, caçar, pescar, defender os senhores contra selvagens inimigos e corsarios estran-

---

(1) Taunay, *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*, cit.
(2) Cardim, *op. cit.*
(3) Gandavo, *op. cit.*
(4) Nobrega, *Cartas*, cit.

geiros, guiar os exploradores atravez do matto virgem — o indigena foi dando conta do trabalho servil. Já não era o mesmo selvagem livre de antes da colonização portuguesa; mas esta ainda não o arrancara pela raiz do seu meio physico e do seu ambiente moral; dos seus interesses primarios, elementares, hedonicos; aquelles sem os quaes a vida se esvaziaria para elles de todos os gostos estimulantes e bons: a caça, a pesca, a guerra, o contacto mystico e como que sportivo com as aguas, a matta, os animaes. Esse desenraizamento viria com a colonização agraria, isto é, a latifundiaria; com a monocultura, representada principalmente pelo assucar. O assucar matou o indio. Para livrar o indigena da tyrannia do engenho é que o missionario o segregou em aldêas. Outro processo, embora menos violento e mais subtil, de exterminio da raça indigena no Brasil: a sua preservação em salmoura, mas não já a sua vida propria e autonoma.

Ás exigencias do novo regimen de trabalho, o agrario, o indio não correspondeu, envolvendo-se numa formidavel tristeza de introvertido. Foi preciso substituil-o pela energia moça, tesa, vigorosa do negro, este um verdadeiro contraste com o selvagem americano pela sua extroversão e vivacidade (1). Não que o português aqui tivesse deparado em 1500 com uma raça de gente fraca e molle, incapaz de maior esforço que o de caçar passarinho com arco e flecha e atravessar a nado lagoas e rios fundos: os depoimentos dos primeiros chronistas são todos em sentido contrario. Léry salienta nos indigenas seu grande vigor physico abatendo a machado arvores enormes e transportando-as aos navios

---

(1) Tratando das variações, nos primitivos, em adaptabilidade a novas formas de cultura — o Melanesio em confronto com o Polynesio,, o Indio em contraste com o Africano — Pitt-Rivers (*op. cit.*) salienta a opinião de McDougall, para quem essas variações resultariam de «differenças de constituição physiologica»: introversão e extroversão. Já Wallace — lembra Pitt-Rivers — contrastara o taciturno e até moroso aborigene da America com o negro alegre e palrador.

franceses sobre o dorso nú (1). Gabriel Soares descreve-os como individuos de corpo dextro e enxuto (2); Cardim destaca-lhes a ligeireza e a resistencia nas longas caminhadas a pé (3); e o português que primeiro os surprehendeu, ingenuos e nús, nas praias descobertas por Pedralvares, fala com enthusiasmo da robustez, da saude e da belleza desses «como aves ou alimareas montezes»: «...por que hos corpos seus sam tam limpos, e tam gordos, e tam fremosos, que nem pode mais ser...» Robustez e saude que não esquece de associar ao systema de vida e de alimentação seguido pelos selvagens: ao «ar» — isto é, ao ar livre — «a que se criam»; e ao «...inhame, que aquy haa muyto...» «Elles nom lauram, nem criam, nem haa quy boy, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimarea, que costumada seja aho viver dos homeens; nem comem senom dese inhame, que aquy haa muito, e desa semente, e fruitos, que ha terra, e has arvores de sy lançam: e com isto andam taaes, e tam rijos, e tam nedeos, que ho nom somonós tanto com quanto trigo, e legumes comemos» (4).

Si indios de tão bôa apparencia de saude fracassaram, uma vez incorporados ao systema economico do colonizador, é que foi para elles demasiado brusca a passagem do nomadismo á sedentariedade; da actividade esporadica á continua; é que nelles se alterou desastrosamente o metabolismo ao novo rythmo de vida economica e de esforço physico. Nem o tal inhame nem os taes fructos da terra bastariam agora á alimentação do selvagem submettido ao trabalho escravo nas plantações de canna. O resultado foi evidenciar-se o indio no labor agricola o trabalhador banzeiro e molleirão que teve de ser substituido pelo negro. Este, vindo de um estadio de cultura superior ao do americano, corresponderia me-

---

(1) Léry, *op. cit.*
(2) Soares, *op. cit.*
(3) Cardim, *op. cit.*
(4) Pero Vaz de Caminha, *Carta*, cit.

lhor ás necessidades brasileiras de intenso e continuo esforço physico. Esforço agricola, sedentario. Mas era outro homem. Homem agricola. Outro, seu regimen de alimentação, que, aliás pouca alteração soffreria no Brasil, transplantadas para cá muitas das plantas alimentares da Africa: o feijão, a banana, o quiabo; e transportados das ilhas portuguesas do Atlantico para a colonia americana o boi, o carneiro, a cabra, a canna de assucar.

Do indigena se salvaria a parte por assim dizer feminina de sua cultura. Esta, aliás, quasi que era só feminina na sua organização technica, o homem limitando-se a caçar, a pescar, a remar e a fazer a guerra. Actividades de valor, mas de valor secundario para a nova organização economica — a agraria — estabelecida pelos portugueses em terras da America. O systema português do que precisava, fundamentalmente, era do trabalhador de enxada para as plantações de canna. Trabalhador fixo, solido, pé-de-boi.

Entre culturas de interesses e tendencias tão antagonicos era natural que o contacto se verificasse com desvantagem para ambas. Apenas um conjuncto especialissimo de circumstancias impediu, no caso do Brasil, que europeus e indigenas se extremassem em inimigos de morte, antes se approximassem como marido e mulher, como mestre e discipulo, dahi resultando uma degradação de cultura por processos mais subtis e em rythmo mais lento do que noutras partes do continente.

Goldenweiser aponta para o destino dos mongoes submettidos pelos russos; dos amerindios, dos nativos da Australia, Melanesia, da Polynesia e da Africa. Sempre o mesmo drama: as culturas atrasadas desintegrando-se sob o jugo ou á pressão das adiantadas. E o que mata esses povos primitivos é perderem quasi a vontade de viver, « o interesse pelos seus proprios valores » (1), diz Goldenweiser, uma vez alterado o seu ambiente; que-

(1) Alexander Goldenweiser, « The Significance of the Study of Culture for Sociology », *Journal of Social Forces*, vol. III, 1924.

brado o equilibrio de sua vida pelo civilizado. Dos primitivos da Melanesia já escrevera W. H. R. Rivers que estavam «dying from lack of interest» (1). Morrendo de desinteresse pela vida. Morrendo de *banzo*. Ou chegando mesmo a se matar, como aquelles indios que Gabriel Soares observou irem definhando e inchando: o diabo lhes apparecia e mandava que comessem terra até morrerem.

Ainda assim o Brasil é dos paizes americanos onde mais se tem salvo da cultura e dos valores nativos. O imperialismo português — o religioso dos padres, o economico dos colonos — si desde o primeiro contacto com a cultura indigena feriu-a de morte, não foi para abatel-a de repente, com a mesma furia dos ingleses na America do Norte. Deu-lhe tempo de perpetuar-se em varias sobrevencias uteis.

Sem que no Brasil se verifique perfeita intercommunicação entre seus extremos de cultura, — ainda antagonicos e por vezes até explosivos, chocando-se em conflictos intensamente dramaticos como o de Canudos, — ainda assim podemos nos felicitar de um ajustamento de tradições e de tendencias raro entre povos formados nas mesmas circumstancias imperialistas de colonização moderna dos tropicos.

A verdade é que no Brasil, ao contrario do que se observa noutros paizes da America e da Africa de recente colonização européa, a cultura primitiva — tanto a amerindia como a africana — não se vem isolando em bolões duros, seccos, indigestos, inassimilaveis ao systema social do europeu. Muito menos estratificando-se em archaismos e curiosidades ethnographicas: faz-se sentir na presença viva, util, activa, e não apenas pittoresca, de elementos com actuação criadora no desenvolvimento nacional. Nem as relações sociaes entre as duas raças, a conquistadora e a indigena, aguçaram-se nunca na antipathia ou no odio cujo ranger, de tão adstringente, che-

(1) Rivers, *apud* Goldenweiser, *loc. cit.*

ga-nos aos ouvidos de todos os paizes de colonização anglo-saxonica e protestante. Suavisou-as aqui o oleo lubrico da profunda miscegenação, quer a livre e damnada, quer a regular e christã sob a benção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado.

Nossas instituições sociaes tanto quanto nossa cultura material deixaram-se alagar de influencia amerindia, como mais tarde da africana, da qual se contaminaria o proprio direito: não directamente, é certo, mas subtil e indirectamente. Nossa «benignidade juridica» já a interpretou Clovis Bevilaqua como reflexo da influencia africana (1). Certa suavidade brasileira na punição do crime de furto talvez reflicta particular contemporização do europeu com o amerindio, quasi insensivel á noção desse crime em virtude do regimen communista de sua vida e economia (2).

Varios são os complexos caracteristicos da moderna cultura brasileira, de origem pura ou nitidamente amerindia: o da rede, o da mandioca, o do banho do rio, o do cajú, o do «bicho», o da «coivara», o da «igara», o do «moquem», o da tartaruga, o do bodoque, o do oleo de coco bravo, o da «casa do caboclo», o do milho, o de descansar ou defecar de cocoras, o do cabaço para cuia de farinha, gamela, coco-de-beber-agua, etc. Outros, de origem principalmente indigena: o do pé descalço (3), o da «muqueca», o da côr encarnada, o da pimenta, etc. Isto sem falarmos no tabaco e na bola

---

(1) Citado por J. Izidoro Martins Junior, *Historia do Direito Nacional*, Rio 1895.

(2) No que chama «Direito publico interno» dos indigenas encontra Bevilaqua «quasi nulla repressão do furto», «o communismo tribal com ausencia absoluta do dominio territorial», penas ás mulheres adulteras, do talião, vindicta de familia, etc. («Instituições e Costumes Juridicos dos Indigenas Brasileiros no Tempo da Conquista», *apud* Martins Junior, *op. cit.*).

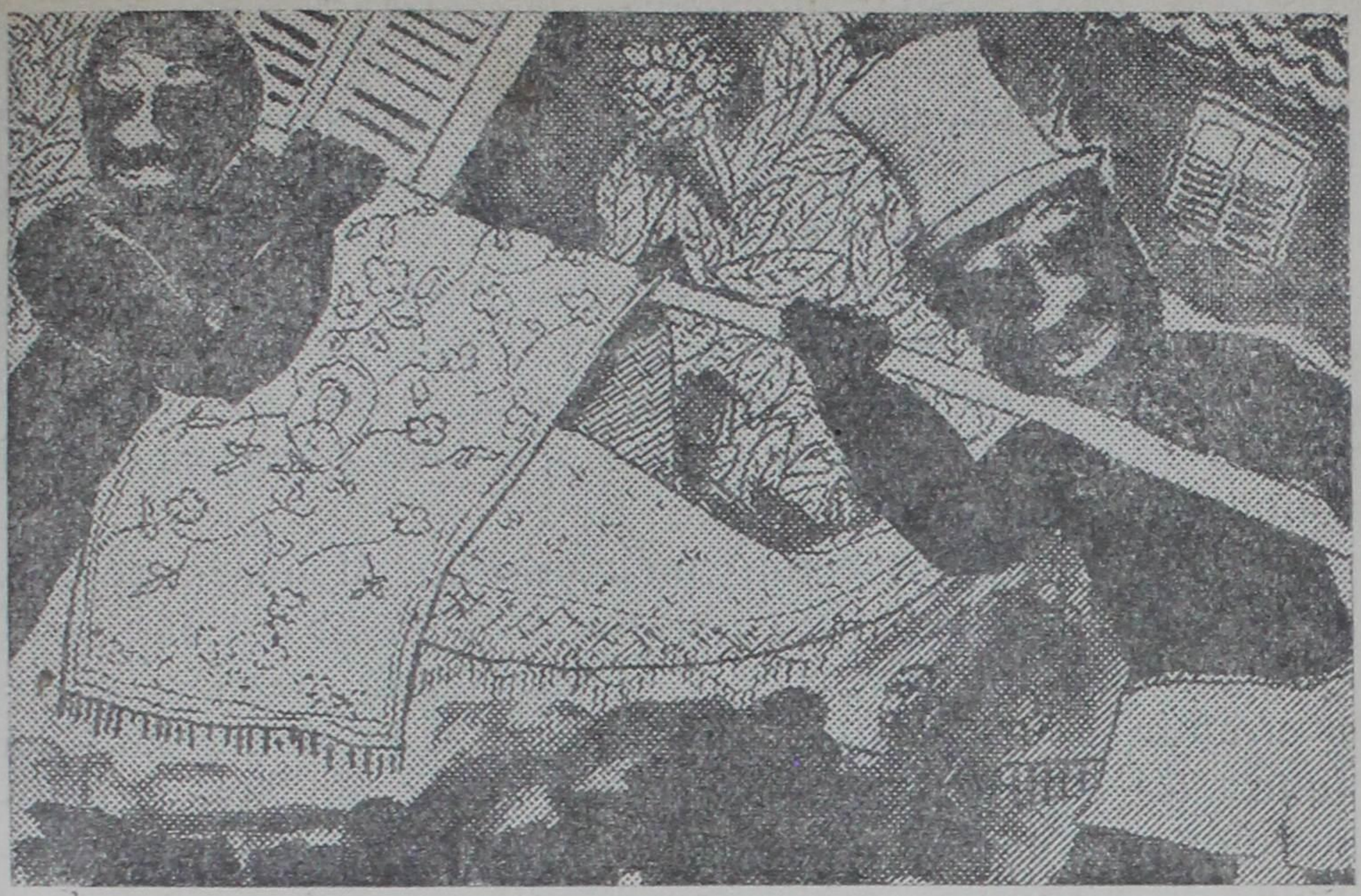
(3) Esse costume indigena foi adoptado pelos primeiros colonos. Anchieta escreve, referindo-se aos colonos e aos padres: «...andarem descalços é uso da terra e não lhes dá tanta pena o trabalho como si fôra na Europa e desta maneira fazem os mui ricos e honrados da terra». (*Informações e Fragmentos do Padre Joseph de Anchieta*, S. J., 1584-1586, cit.).

de borracha, de uso universal, e de origem amerindia, provavelmente brasilica.

No costume, ainda muito brasileiro, muito do interior e dos sertões, de não apparecerem as mulheres e os meninos aos extranhos nota-se tambem influencia da cultura amerindia; da crença, salientada por Karsten (1); de serem as mulheres e os meninos mais expostos que os homens aos espiritos malignos. Entre caboclos do Amazonas, Gastão Cruls observou recentemente o facto das mulheres e crianças serem sempre postas «ao abrigo do olhar estrangeiro» (2).

(1) Karsten, *op. cit.*

(2) Gastão Cruls, *op. cit.* Sylvio Romero e João Ribeiro assim resumem a contribuição amerindia á cultura brasileira: «Aos indios deve a nossa gente actual especialmente nas paragens em que mais cruzaram, como é o caso no centro, norte, oeste, leste e mesmo sul do paiz, muitos dos conhecimentos e instrumentos da caça e da pesca, varias plantas alimentares e medicinaes, muitas palavras da linguagem corrente, muitos costumes locaes, alguns phenomenos da mythica popular, varias danças plebéas e certo influxo na poesia anonyma, especialmente no cyclo de *romances de vaqueiros*, muito corrente na região sertaneja do norte, na famosa zona das seccas, entre o Paraguassú e o Parnahyba, a velha patria dos Cariris». (*Compendio de Historia da Literatura Brasileira*, 2.ª edição refundida, Rio, 1909). E Affonso Claudio no seu estudo sobre «As Tres Raças na Sociedade Colonial — Contribuição Social de Cada Uma» salienta que para a formação brasileira o indigena concorreu: «a) com o seu braço que foi um dos instrumentos de trabalho colonial: b) com o conhecimento dos cursos d'agua interiores do paiz, em que navegava e das florestas que varava e das quaes foi sempre o guia nas explorações industriaes e scientificas e nas missões religiosas; c) com a divulgação de vegetaes convinhaveis á alimentação, como a farinha de mandioca, o *cauim* ou *cauaba*, nozes e castanhas sylvestres; d) com a pratica de extracção de raizes, fructas, oleos e folhas, cipós e flores de propriedades therapeuticas, desconhecidas dos europeus; e) com o ensino do manejo do arco e flecha, dos laços e armadilha para a captura do peixe e da caça, como o *mundeu*, o *fojo*, o *jequiá* e o *tingui*; f) com os emprestimos de seu vocabulario dialectal, para designar factos de linguagem sem expressões correspondentes nas linguas portugeesa e africana; g) com o ensino e preparo da *coivara*, o governo das *igaras* nos rios e lagôas e o transporte nos rapidos e cachoeiras; h) com a applicação ao uso domestico e ao vestuario, das fibras textis, cipós e taquaras; i) com a tecelagem da rede de dormir e da de apprehender o peixe, da tarrafa de *tucum* e da fisga; j) com o conhecimento e preparo do *ticuna* ou *curape*». (Tomo Especial,, vol. III, *Rev. do Inst. Hist. Geog. Br.*, 1927). Entre outras muitas palavras que nos ficaram do tupi Theodoro Sampaio menciona as seguintes: arapuca, pereba, sapeca, embatucar, tabáreu, peteca, pipoca, tetéa, cuia, caipira, todas de uso corrente no Brasil («S. Paulo de Piratininga no Fim do Seculo XVI». *Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo*, tomo IV).



III — O COLONIZADOR PORTUGUES: ANTECEDENTES E PREDISPOSIÇÕES

Varios pontos em que tocámos de leve no primeiro capitulo vamos neste ferir com mais força na tentativa de caracterizar a figura do colonizador português do Brasil. Figura vaga, falta-lhe o contorno ou a côr que a individualize entre os imperialistas modernos. Assemelha-se nuns pontos á do inglês; noutros á do hespanhol. Um hespanhol sem a flamma guerreira nem a orthodoxia dramatica do conquistador do Mexico e do Perú; um inglês sem as duras linhas puritanas. O typo do contemporizador. Nem ideaes absolutos, nem preconceitos inflexiveis.

O escravocrata terrivel que só faltou transportar da Africa para a America, em navios immundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, uma população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europêo que melhor confraternisou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de consti-

tuir-se em aristocracia européa nos tropicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassês de mulher branca o português sempre pendeu para o contacto voluptuoso com mulher exotica. Para o cruzamento e a miscegenação. Tendencia que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europêo.

Nenhum menos rigido no contorno. Menos duro nas linhas do caracter. Dahi prestar-se a tantas e tão profundas deformações. Não é uma «lenda negra», como a grande, sinistra que prestigia, mesmo denegrindo, a figura do conquistador hespanhol, a que envolve o colonizador português, mas uma tradição pegagenta de inepcia, de estupidez e de salacidade.

A deformação do vulto, por natureza gothico, vertical do castelhano tem sido a grecoide. O alongamento morbido. A «ferrea austeridad» exaggerada em crueldade. O orgulho em fanfarronice quixotesca. A valentia em bravado. Mas conservada a nobreza angulosa do todo. A deformação do português tem sido sempre em sentido horisontal. O achatamento. O arredondamento. O exaggero da carne em enxundia. Seu realismo economico arredondado em mercantilismo, sumiticaria, materialização bruta de todos os valores da vida. Seu culto da Venus fôsca, de formação tão romantica como o das virgens louras, desfigurado em doentio erotismo ancillar: furor de don Juan das senzalas desadorado atraz de negras e molecas.

Não é pelo estudo do português moderno, já tão manchado de pôdre, que se consegue uma idéa equilibrada e exacta do colonizador do Brasil — o português de quinhentos e de seiscentos, ainda verde de energia, o caracter amollegado por um seculo, apenas, de corrupção e decadencia. Foi o que tentou Keyserling para concluir pelo seu plebeismo e quasi negar-lhe a qualidade de povo imperial. Mesmo que esse plebeismo fosse caracteristico do português de hoje não seria do português dos seculos XV e XVI. Sem aguçar-se nunca no

aristocratismo do castelhano, no que o português se antecipou aos europeus foi no burguesismo. Mas esse burguesismo precoce soffreria no Brasil refracção seria em face das condições physicas da terra e das de cultura dos nativos; e o povo que, segundo Herculano, mal conhecera o feudalismo (1), retrocedeu no seculo XVI á era feudal, revivendo-lhe os methodos aristocraticos na colonização da America. Uma como compensação ou rectificação de sua propria historia.

A colonização do Brasil se processou aristocraticamente — mais do que a de qualquer outra parte da America. No Perú terá havido maior brilho scenographico; maior ostentação das formas e dos accessorios da aristocracia européa. Lima chegou a ter quatro mil carruagens rodando pelas ruas e dentro dellas, magnificos e inuteis, centenas de grandes da Hespanha. Quarenta e cinco familias só de marqueses e condes. Mas onde o processo de colonização européa affirmou-se essencialmente aristocratico foi no Norte do Brasil. Aristocratico, patriarchal, escravocrata. O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da America. Essencialmente plebeu, elle teria falhado na esfera aristocratica em que teve de desenvolver-se seu dominio colonial no Brasil. Não falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos tropicos.

Ha muito que descontar nas pretensões de grandeza do português. Desde fins do seculo XVI elle vive parasitariamente de um passado cujo esplendor exaggera. Supondo-se diminuido ou negado pela critica extrangeira, artificializou-se num português-para-inglês-vêr, que os ingleses têm sido, entretanto, os mais perspicazes em retratar ao natural, restituindo-lhe os contornos e as côres exactas. Uns em livros admiraveis como o de Beckford e o de Bell, outros em desenhos ou aquarellas estupen-

---

(1) Alexandre Herculano — *Historia de Portugal,* cit.; *Controversias* e *Estudos historicos,* na serie *Opusculos,* Lisbôa 1887.

das de realismo como as de Kinsey, de Bradford, de Murphy. Já no seculo XVI Buchanan troçava em versos latinos dos portuguêses. Da grandeza antes mercantil do que imperial do seu rei:

«Tu és o incomparavel Lusitano
O Algarvio d'aquem e d'alem mar
O Arabe, o Indico, o Persa e o da Guiné;
Grande senhor de terras africanas
do Congo e Manicongo e de Zalopho.»

E logo, prophetico, antevendo os desastrosos effeitos do mercantilismo official accrescentava o lettrado:

«Se porém algum dia, ao rei dos nomes
A guerra ou o mar em furia s'inflamando
Lhe fecharem a tenda da pimenta,
Bem pode alimentar-se dessa fama
Mercadejada em terras d'alem mar!...
fará pesadas dividas,
ou morrerá de fome.» (1)

Foi o que succedeu, estancadas as fontes asiaticas de opulencia. Longe de conformar-se a uma viuvez honesta, de nação decahida — como mais tarde a Hollanda, que depois de senhora de vasto imperio, entregou-se ao fabrico do queijo e da manteiga — continuou Portugal, após Alcacer Quiber, a suppor-se o Portugal opulento de Dom Sebastião vivo. A alimentar-se da fama adquirida nas conquistas de ultra-mar. A illudir-se de uma mystica imperialista já sem base. A envenenar-se da mania de grandeza. «Celebram Lisbôa com tal cópia de palavras, que a fazem egual ás principaes cidades do mundo, e por isso costumam dizer: — «Quem não vê Lisbôa, não vê cousa bôa», escreviam dos portugueses em fins do seculo XVI os embaixadores venezianos Tron e Lippomani. E accrescentavam: «A gente miuda gosta que lhe deem o tratamento de *Senhor*, manha esta commum a toda a Hespanha (2)».

---

(1) Traduzidos pelo professor M. Gonçalves Cerejeira, hoje Cardeal Patriarcha de Lisbôa, e publicados no seu excellente estudo *O Humanismo em Portugal* — *Clenardo* — Coimbra 1926.

(2) Alexandre Herculano, *Opusculos*, cit.

Do seculo XVI até hoje só tem feito aguçar-se no português a simulação de qualidades européas e imperiaes, que possuiu ou encarnou por tão curto periodo. É um povo que vive a fazer de conta que é poderoso e importante. Que é super-civilisado á européa. Que é grande potencia colonial. Bell observou entre os portugueses dos principios do seculo XX que seus ideaes de engrandecimento nacional continuavam a variar entre «a conquista da Hespanha e a construcção de uma marinha de guerra» (1). A Suissa que condense o seu leite e a Hollanda que fabrique seus queijos. Portugal continua de ponta de pé, no esforço de apparecer entre as grandes potencias européas.

Foram esses exaggeros que o impressionismo de Keyserling não soube descontar ou descontou mal, reduzindo os portugueses a um povo sem grandeza nenhuma: quasi uma Andorra ou uma São Marinho. Republica de opereta onde todos os homens fossem doutores e se tratassem por Vossa Excellencia. Diminuio-lhes a importancia da funcção creadora que nos seculos XV e XVI affirmou-se não só na technica da navegação e da construcção naval como no arrojo dos descobrimentos e das conquistas, nas guerras da Africa e da India, na opulenta litteratura de viagens, no efficiente imperialismo colonizador. Só lhes deixou de original a musica popular ou plebéa; e de grande o odio ao hespanhol. Odio igualmente plebeu.

Pelo odio ou antagonismo ao hespanhol é que o português se teria tornado e conservado autonomo. Independente.

Mas antes do odio ao hespanhol, salientado por Keyserling, outro, talvez mais profundo e criador, actuou sobre o caracter português, predispondo-o ao nacionalismo e até ao imperialismo: o odio ao mouro. Quasi o mesmo odio que se manifestou mais tarde no Brasil

(1) Bell, *Portugal of the Portuguese*, cit.

nas guerras aos bugres e aos herejes. Principalmente aos herejes — o inimigo contra quem se uniram energias dispersas e até antagonicas. Jesuitas e senhores de engenho. Paulistas e Bahianos. Sem esse grande espantalho commum talvez nunca se tivesse desenvolvido «consciencia de especie» (1) entre grupos tão distantes uns dos outros, tão sem nexo politico entre si, como os primeiros focos de colonização lusitana no Brasil. A unificação moral e politica realizou-se pela solidariedade dos differentes grupos contra a heresia, ora encarnada pelo francês, ora pelo inglês ou hollandês; ás vezes, simplesmente, pelo bugre.

Repetiu-se na America, entre os portuguêses disseminados por um territorio vasto, o mesmo processo de unificação que na peninsula: christãos contra infieis. Nossas guerras contra os indios nunca foram guerras de brancos contra pelles-vermelhas, mas de christãos contra bugres. Nossa hostilidade aos ingleses, franceses, hollandeses teve sempre o mesmo caracter de prophylaxia religiosa: catholicos contra herejes. Os padres de Santos que em 1580 tratam com os ingleses da *Minion*, não manifestam contra elles nenhum duro rancor: tratam-nos até com alguma doçura. Seu odio é prophylactico. Contra o peccado e não contra o peccador, diria um theologo. É o peccado, a heresia, a infidelidade que não se deixa entrar na colonia e não o extrangeiro. É o infiel que se trata como inimigo no indigena e não o individuo de raça diversa ou de côr differente.

Bryce atinou com o sentido religioso da formação hispanica da America. «Religion has been in the past almost as powerful a dissevering force as has racial antagonism», escreve elle. E accrescenta: «In the case of the Spaniard and the Portuguese, religion, as soon as the Indians had been baptized, made race differences

---

(1) Servimo-nos aqui de conhecida expressão sociologica, creada pelo nosso velho mestre na Universidade de Columbia, professor Franklin Giddings.

seem insignificant » (1). Principalmente — poderia ter adiantado — no caso dos portugueses, ainda mais sem consciencia de raça do que os hespanhoes. Estes teriam maior que os portugueses o senso da ortodoxia catholica; mais grave o sentimento do *castiço;* mas em ambos ficara da luta contra os mouros o odio prophylatico ao hereje.

No fundo, esse purismo de religião, como o mais moderno e caracteristicamente anglo-saxonico, de raça, do que se origina ou se alimenta é quasi sempre de antagonismos economicos. Nem outra cousa foram em essencia as guerras entre christãos e mouros de que resultaria o ardoroso nacionalismo português. Se as consideramos de feição religiosa é menos pelos seus motivos essenciaes que pela sua forma e pela sua mystica. Já observou João Lucio de Azevedo: « . . . na reconquista não estava o principal fundamento na religião nem na raça » (2). E no seu estudo « Organização Economica », fere Azevedo a mesma nota: nas guerras da reconquista foram escravizados e esbulhados mouros e christãos indistinctamente Do que resultou « pelejarem as vezes os christãos contra os da sua fé ao lado dos sarracenos, defendendo assim a posse de seus bens e a liberdade ». Pode-se affirmar que nesses casos os esbulhos e a escravidão se fizeram em proveito, menos dos antigos hispano-romanos, do que de elementos « na procedencia alheios ao solo, quasi tanto quanto podiam ser os sarracenos » (3).

Elementos em grande maioria novos na peninsula; adventicios. Aventureiros louros vindos do norte a quem as guerras ou cruzadas aos infieis facilitavam constituirem-se em classe proprietaria, a custa da lenda suave de reconquista christã. Mas a verdade é que o capital de ins-

---

(1) James Bryce — *South America — Observations and Impressions* — London 1911.

(2) João Lucio de Azevedo — « Algumas notas relativas a pontos de historia social », *in Miscelanea de Estudos em Homenagem de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos* — Coimbra 1930.

(3) Azevedo, « Organização economica », *Historia de Portugal,* em curso de publicação.

tallação desse elemento aventureiro foi muitas vezes o captivo de guerra moçarabe e portanto christão; o gado, a terra e os bens desses seus correligionarios, e não apenas dos infieis.

Mas foi pela mystica religiosa que o movimento da reconquista se definiu. Christãos contra infieis. «Quando cumpria applicar uma designação que representasse o habitante da parte da peninsula livre do jugo do Islão, só uma havia: *Christianas*», diz-nos Alexandre Herculano (1) da época bellicosa que antecedeu a organização dos portugueses e hespanhoes em nações. «O epitheto que indicava a crença representava a nacionalidade». Esta só depois se definiu politicamente sem entretanto perder de todo, a não ser largos seculos depois da reconquista, o nexo ou o cunho religioso.

Na expressão popular, hoje ironica — «Vá queixar-se ao Bispo» — exgotados os appelos á policia, ao governo, á justiça, sobrevive a antiga idéa do prestigio ecclesiastico maior que o civil dentro da qual formou-se o espirito da gente peninsular. Principalmente na Hespanha. No Brasil já esse prestigio não seria tão grande. As condições de colonização criadas pelo systema politico das capitanias hereditarias e mantidas pelo economico, das sesmarias e da grande lavoura — condições francamente feudaes — o que accentuaram de superior aos governos e á justiça del-Rei, foi o abuso do couto ou homisio pelos grandes proprietarios de engenhos; e não pelas cathedraes e pelos mosteiros. Criminoso ou escravo fugido que se apadrinhasse com senhor de engenho livrava-se na certa das iras da justiça ou da policia. Mesmo que passasse preso diante da casa-grande bastava gritar: «Valha-me seu coronel Fulano». E agarrar-se á porteira ou a um dos moirões da cerca. Da mesma maneira que outrora, em Portugal, refugiando-se o criminoso á sombra

---

(1) Alexandre Herculano — Introducção à *O Bobo* (Época de D. Thereza 1128), Lisbôa 1897.

das igrejas, escapava ao rigor da justiça d'el-Rei. As igrejas portuguesas tornaram-se até escandalosas na protecção a criminosos. Anteciparam-se nesses abusos aos engenhos patriarchaes do Brasil. Ao de Dona Anna do Rio Formoso em Pernambuco. Ao de Machado da Bôa Vista na Bahia.

No seculo XVII a disciplina canonica juntou-se á autoridade del-Rei (Affonso V) no sentido de restringir as condições de asylo nas igrejas portuguêsas como mais tarde, no Brasil, o imperador Dom Pedro II tentaria restringir a omnipotencia dos proprietarios de engenhos, muitas vezes couteiros de assassinos. Pelos limites impostos no seculo XVII aos abusos de asylo nas igrejas, em Portugal (1), verificam-se os desmandos em que se extremavam, dentro dellas, os acoutados. Banqueteavam-se. Punham-se á porta ou no adro a tanger viola. Jogavam. Conversavam safadeza. Punham-se em contacto com mulheres suspeitas. Os mais afoitos comiam, bebiam e dormiam na propria capella-mór.

No Brasil, a cathedral ou a igreja mais poderosa que o proprio rei, seria substituida pela casa-grande de engenho. Nossa formação social, tanto quanto a portuguêsa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que nos suppriu a lassidão de nexo politico ou de mystica ou consciencia de raça. Mas a igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a cathedral com o seu bispo a que se vão queixar os desenganados da justiça secular; nem a igreja isolada e só, ou de mosteiro ou abbadia, onde se vão acoutar criminosos e prover-se de pão e restos de comidas mendigos e desamparados. É a capella de engenho. Não chega a haver clericarismo no Brasil. Esboçou-se o dos padres da Companhia para esvair-se logo, vencido pelo oligar-

---

(1) Esses limites foram impostos por Affonso V de accordo com o direito canonico. Pelas *Constituições do Bispado do Porto* estabelecendo condições menos suaves de asylo nas igrejas pode-se fazer idéa dos abusos. Veja-se o trecho das *Constituições* citado por A. A. Mendes Corrêa, *A Nova Antropologia Criminal*, Porto 1931.

chismo e pelo nepotismo dos grandes senhores de terras e escravos.

Os jesuitas sentiram, desde o inicio, nos senhores de engenho, seus grandes e terriveis rivaes. Os outros clerigos e até mesmo frades accommodaram-se, gordos e molles, ás funcções de capelães, de padres-mestres, de tios-padres, de padrinhos de meninos; á confortavel situação de pessôas da familia, de gente de casa, de alliados e adherentes dos grandes proprietarios ruraes, no seculo XVIII muitos delles morando nas proprias casas-grandes. Contra os conselhos, aliás, do jesuita Andreoni que enxergava nessa intimidade o perigo da subserviencia dos padres aos senhores de engenho e do demasiado contacto — não diz claramente, mas o insinua em meias-palavras — com negras e mulatas moças. Ao seu ver devia o capellão manter-se «familiar de Deus, e não de outro homem»; morar sózinho, fóra da casa-grande; e ter por creada escrava velha (1). Norma que parece ter sido seguida raramente pelos vigarios e capellães dos tempos coloniaes.

Em certas zonas do interior de Pernambuco, tradições maliciosas attribuem aos antigos capellães de engenho a funcção util, embora nada seraphica, de procreadores. Neste ponto havemos de nos deter com mais vagar; e esperamos que sem malicia nem injustiça para com o clero brasileiro dos tempos da escravidão. O qual si não primou nunca, a não ser sob a roupeta de jesuita, pelo ascetismo ou pela orthodoxia, sempre se distinguiu pelo brasileirismo. Durante certa epoca o facho da cultura e até do civismo esteve nas suas mãos: antes dos bachareis e doutores tomarem a deanteira sob a protecção do imperador D. Pedro II. Este tudo indica que teria preferido o titulo de doutor ao de imperador; a toga ao manto com papo de tucano.

Na falta do sentimento ou da consciencia da superioridade da raça, tão salientes nos colonizadores ingleses,

---

(1) André João Antonil (João Antonio Andreoni. S. J.) — *Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas* — ed. de Affonso de E. Taunay, cit.

o colonizador do Brasil apoiou-se no criterio da pureza da fé. Em vez de ser o sangue foi a fé que se defendeu a todo transe da infecção ou contaminação com os herejes. Fez-se da orthodoxia uma condição de unidade politica. Mas não se deve confundir esse criterio de prophylaxia e de selecção, tão legitimo á luz das ideas do tempo como o eugenico dos povos modernos, com a pura xenophobia.

Handelmann faz do colonizador português do Brasil quasi um xenophobo por natureza (1). Mas os antecedentes portugueses contradizem essa supposta xenophobia; nega-a a historia do direito lusitano — nesse ponto dos mais liberaes da Europa. Tão liberal que nelle não figuraram nunca o direito de albinagio, o de detração e o de naufragio. Em outras palavras: o de apropriar-se o Estado da successão dos estrangeiros mortos em seu territorio com exclusão de herdeiros e legatarios (albinagio); o de deduzir-se o imposto na quarta parte dos bens exportados dos extrangeiros fallecidos no paiz (detração); o de se apoderarem reis e senhores das pessôas e cousas naufragadas no mar e nos rios (naufragio) (2). O direito português iniciou-se, não suffocando e abafando as minorias ethnicas dentro do reino — os mouros e os judeus — suas tradições e costumes, mas reconhecendo-lhes a faculdade de se regerem por seu direito proprio e até permittindo-lhes magistrados aparte, como mais tarde no Brasil colonial, com relação aos ingleses protestantes.

Nas Ordenações Affonsinas, que Coelho da Rocha, no seu *Ensaio sobre a Historia da Legislação de Portugal* e Candido Mendes em introducção ao *Codigo Filippino*

---

(1) Handelmann — *Historia do Brasil*, cit.

(2) Escreve Rodrigo Octavio que «cumpre registrar, em honra ao espirito liberal da legislação do pequeno Reino, que ali nunca existiram os «*direitos de albinagio e de detração*» (Rodrigo Octavio, *Direito do Extrangeiro no Brasil*, Rio de Janeiro 1909.) E Pontes de Miranda: «No direito português não se encontra o direito de albinagio... nem o de naufragio, que autorizava reis e senhores a se apoderarem das pessôas e cousas naufragadas no mar e nos rios nem o de represalias» (Pontes de Miranda, *Fontes e Evolução do Direito Civil Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1928.

salientam ter sido o primeiro codigo completo de toda a Europa depois dos da idade media, recolheu-se do direito foraleiro e costumeiro a tendencia para conceder privilegios a mouros e judeus. Tendencia que cedeu, nas Ordenações Manoelinas, á pressão de preconceitos religiosos, então inflammados; mas nunca á da pura xenophobia. Tanto que as vantagens ahi concedidas a extrangeiros catholicos seriam depois pleiteadas pelos proprios nacionaes. É que a luta contra os mouros, como mais tarde o movimento separatista de que resulta a independencia, são elles mesmos favoraveis ao cosmopolitismo que se desenvolve no português ao lado, e em harmonia, com seu precoce nacionalismo. De modo que a nenhum desses dois odios ou antagonismos — o odio ao mouro e o odio ao hespanhol — pode-se attribuir ter actuado no português num só sentido e este inferior: o de crispal-o. O de estreitar-lhe o espirito nacional. O de ouriçar-lhe o caracter de cacos de vidro contra tudo e contra todos.

Na falta de grandes fronteiras naturaes ou physicas defendendo-os de aggressões e absorpções, tiveram os portugueses de entesar-se em muralhas vivas, de carne, contra o imperialismo mussulmano e mais tarde contra o de Castela; mas nesse proprio esforço de supprir com pura resistencia ou tensão humana a quasi nenhuma defesa geographica — a falta de grande rio ou montanha — valeram-se do concurso de extrangeiros. Tanto nas cruzadas como nas guerras de independencia esse concurso se fez sentir de maneira notavel. É o que explica no português não só seu nacionalismo quasi sem base geographica como o cosmopolitismo. Cosmopolitismo favorecido, este sim, em grande parte, pela situação geographica do reino: a de paiz largamente maritimo, desde remotos tempos variando de contactos humanos. Por um lado recebendo em suas praias successivas camadas ou simples, mas frequentes, salpicos de povos maritimos. Por outro lado, indo seus navegantes, pescadores e commerciantes ás

praias e aguas alheias commerciar, pescar e farejar novos mercados.

Não muito depois de 1184 pensa João Lucio de Azevedo que se teriam iniciado as relações commerciaes dos portugueses com Flandres; e com a Inglaterra desde os primeiros annos do seculo XIII. E havia tambem «mercadores que iam aos portos do Levante designados na linguagem da epoca por portos de além mar» (1). No tempo de D. Diniz barcos portugueses, alguns enormes para a epocsa, de mais de 100 toneladas, frequentaram portos do Norte e do Mediterraneo. O Porto intensificou-se na actividade maritima e mercantil. Em 1249 seus burgueses conseguiram exhimir-se do serviço militar na conquista de Algarve «contribuindo para ella com dinheiro» (2). Por onde se vê quão precocemente agiu sobre a formação portuguesa o cosmopolitismo commercial. A finança. O mercantilismo burgues.

É, assim, aos elementos «não hispanicos», como escreve Antonio Sergio, ou sejam os elementos extrangeiros, de origens diversas, que se deve attribuir o facto de não se ter incorporado á Castela o trecho occidental da peninsula «onde o commercio do Norte da Europa encontrou-se com o do Mediterraneo» (3). Despertaram os extrangeiros na população desse ponto dubio, impressionavel, de confluencia do Norte com o Sul da Europa e com o Levante, tendencias cosmopolitas e separatistas, maritimas e commerciaes; e essas tendencias cedo se desenvolveram em forças impetuosas de differenciação e autonomia.

A precoce ascendencia das classes maritimas e commerciaes na economia e na politica portuguesa resultou igualmente da extraordinaria variedade de contactos maritimos e de estimulos commerciaes. A principio os grandes agentes de difefrenciação e autonomia foram os cruzados.

---

(1) João Lucio de Azevedo, «Organização economica», cit.

(2) Azevedo, *loc., cit.*

(3) Antonio Sergio, *A Sketch of the History of Portugal*, tr. de Constantino José dos Santos, Lisbôa 1928.

Os aventureiros vindos do Norte e que no condado portucalense se constituiram em aristocracia militar e terrritorial. Um delles em fundador mesmo da monarchia. Mas esse elemento se estratificou depois em camada conservadora, inclinando-se por vantagem economica de classe á propria reunião com Castella. Foi quando a actividade differenciadora e autonomista, e bem assim o sentimento nativista ou de patria, concentrou-se nas cidades maritimas e mercantis. Em Lisbôa. No Porto. Entre burgueses e nas classes populares. Segundo Alberto Sampaio e Antonio Sergio, desde os começos da vida portuguesa que se esboçou o antagonismo entre a classe commercial das cidades maritimas e a aristocracia territorial do centro (1). Aguçado esse antagonismo economico e de classe, accentuada a divergencia entre os interesses ruraes e os maritimos, a politica dos reis, no desejo de libertar-se de tudo o que fosse pressão aristocratica sobre o poder real, inclinou-se para a burguesia mercantil e para o povo das cidades. As leis promulgadas por D. Fernando no sentido de proteger o commercio maritimo e animar a construcção naval, o apoio ao mestre de Avis contra a aristocracia territorial, a conquista de Ceuta — são iniciativas e movimentos que reflectem a precoce ascendencia da burguezia em Portugal.

A descoberta do Brasil enquadra-se no grande programma maritimo e commercial inaugurado pela viagem de Vasco da Gama; a colonização da vasta terra americana afastou-se, porém, das normas commerciaes e burguesas do primeiro seculo do imperialismo português para reviver os methodos de como que auto-colonização aristocratica e agraria, applicados no proprio Portugal ao territorio reconquistado aos mouros.

O Brasil foi como uma carta de paus puxada num jogo de trunfo em ouros. Um desapontamento para o imperialismo que se iniciara com a viagem á India de

---

(1) Alberto Sampaio, *Estudos Historicos e Economicos*, Lisbôa 1923; Antonio Sergio, *op. cit.*

Vasco da Gama. Dahi o gesto molle, desinteressado, sem vontade, com que a Corôa recolheu ao seu dominio as terras de pau de tinta descobertas por Pedralvares Cabral. Só em nova phase de actividade portuguesa — a propriamente colonizadora, a do fim do seculo XVI e parte do seculo XVII — teria o Brasil força de trunfo no jogo de competições imperialistas das nações européas. Essa transformação, em virtude da repentina valorização do assucar nos mercados aristocraticos e burgueses da Europa. O assucar tornou-se artigo de luxo, vendido a preços elevadissimos e dando lucros enormes a productores e intermediarios. Até o mascavo, notou Dampier, quando esteve na Bahia nos fins do seculo XVII, que se exportava para a Europa, valendo cerca de vinte shillings por cem libras (1).

Não nos interessa, porém, sinão indirectamente, neste ensaio, o aspecto economico ou politico da colonização portuguêsa do Brasil. Directamente, só nos interessa o social. E nenhum antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinaria riqueza e variedade de antagonismos ethnicos e de cultura; que o seu cosmopolitismo.

O Brasil não recolheu de Portugal a supposta falta de liberdade para com o extrangeiro que alguns têm enxergado na colonização lusitana da America. A politica de segregação no Brasil só a inspirou, no seculo XVII, e principalmente no XVIII, o ciume do ouro; o que houve antes, com apparencia de xenophobia, obedeceu á politica de defesa, como que sanitaria, da colonia contra infecções hereticas.

Iniciada a colonização do Brasil pelo esforço de portugueses, ao sangue do colonizador official logo se misturou livremente o de europeus das mais variadas procedencias: ingleses, franceses, florentinos, genoveses, allemães, flamengos, hespanhoes. Citamos os ingleses em

---

(1) William Dampier — *Voyages... aux terres australes, á la Nouvelle Hollande, & C, fait en 1699,* (tr.) Amsterdam MDCCV.

primeiro lugar porque nelles é que se encarnou com mais relevo a heresia protestante, tão odiosa aos olhos dos portugueses e hespanhoes do seculo XVI; como hoje a trachoma, o sangue negro e o bolchevismo aos da burguesia norte-americana. A presença de ingleses entre os primeiros colonos de São Vicente mostra que, livres da suspeita de hereges, eram recebidos fraternalmente. Narra Coreal que dizendo um dia a um santista já ter servido entre ingleses flibusteiros o homem immediatamente se arrepiou. Perguntou-lhe mais de trinta vezes si Coreal não seria herege. E apezar de todas as suas affirmativas em contrario não resistiu ao desejo de espargir com agua benta o aposento em que estavam (1). Entretanto, vamos encontrar o inglês John Whital perfeitamente accommodado entre os primeiros colonos do Brasil: escrevendo de Santos uma carta ao seu conterraneo Richard Stapes, na Inglaterra, que deixa ver claramente a liberalidade para com os extrangeiros na colonia portuguêsa da America. «Dou graças a Deus — diz Whital — por me haver proporcionado tamanha honra e abundancia de todas as cousas». E accrescenta contente de haver-se tornado subdito de Portugal no Brasil: «...now I am a free denizen of this countrey». Elle se casara com a filha do «signor Ioffo Dore», natural da cidade de Genova e por sua vez installado principescamente no Brasil; tanto que deu ao genro um engenho com sessenta ou setenta escravos. E como mais tarde Henry Koster em Pernambuco; como mais tarde Henry Koster, cujo nome se aportuguesou no de Henrique Costa, John Whital teve o seu aportuguesado em João Leitão: «Here in this countrey they have called me John Leitoam: so that they have used this name so long time that at this present there is no remedie but it must remaine so» (2).

Já antes de Whital outros ingleses haviam estado no Brasil commerciando ou farejando novidades: Robert

---

(1) Coreal, cit. por Affonso de E. Taunnay, *Non dueor, duco*, cit.

(2) *The Principal Navigations voyages, traffiques and discoverios of the English Nation... by Richard Hakluyt*, cit.

Reminiscencias mouriscas no Brasil: um abalcoado de velha casa de Olinda (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

Renigar e Thomas Borey em 1540; certo Pudsey em 1542; Martin Cockeran e William Hankins em 1530 e 1532 Hankins, segundo referem chronicas de epoca, teria levado á Inglaterra um cacique brasileiro apresentando-o no meio de grande sensação ao rei e á Côrte (1). O pobre do morubixaba porém não resistiu — ignora-se si ao frio. si ao horrivel da culinaria inglesa.

A nenhum inglês nem flamengo o facto, em si, da nacionalidade ou da raça, impediu que fosse admittido na sociedade colonial portuguesa da America no seculo XVI. O que era preciso é que fosse catholico romano ou aqui se desinfectasse com agua benta da heresia pestifera. Que se baptizasse. Que professasse a fé catholica, apostolica, romana. É o que encontramos praticando Thomas Avilkinson, de edade de 26 annos, Thomas Pratt, de edade de 42 annos, Patricio Guatusmus, de edade de 27 annos e Thomas Perking, de edade de 48 annos, todos «ingleses de Nação», perante o padre da Companhia de Jesus encarregado pelo Bispo de Pernambuco Frei Luiz de Santa Thereza de receber a absolvição de heresia dos excommungados (2). A Igreja era uma especie de desinfectorio ao serviço da saúde moral da colonia; um lazareto onde as almas ficavam em quarentena.

Handelman salienta que a principal exigencia para adquirir sesmaria no Brasil era professar o colono a religião catholica (3). Seria catholico Whital ou aqui se teria ligado á Igreja antes de casar-se com a filha de Adorno; do mesmo modo que Gaspar van der Lei, para unir-se pelo casamento á familia Mello, em Pernambuco, teve de abraçar a religião da noiva, filha de rico senhor de engenho. Do fidalgo hollandês, porém, ficaram murmurando os seus compatriotas que era homem dubio e incerto. Não perdoaram nunca ao illustre fundador da

---

(1) *The Principal Navigations*, etc., cit.
(2) MS no archivo do Instituto Archeologico de Pernambuco.
(3) Handelmann, *op. cit.*

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTER
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

familia Wanderley no Brasil haver se bandeado para os portugueses e para o papismo.

Parece-nos evidente a liberalidade para com o extrangeiro na America portuguêsa do seculo XVI. Liberalidade vinda de longe: das raizes mesmas da nação portuguêsa. Não se trata de nenhuma virtude descida do céo sobre os portugueses mas do resultado quasi chimico da formação cosmopolita e heterogena desse povo maritimo. A sociedade portuguesa, tanto do ponto de vista genetico como do social e economico, offerece-nos exemplo magnifico, atravez de sua formação, do processo de mobilidade vertical e horizontal de que falla Sorokin. Os que dividem Portugal em dois, um louro que seria o aristocratico, outro moreno ou negroide, que seria o plebeu, ignoram o verdadeiro sentido da formação portuguesa. Nesta andaram sempre revesando-se as hegemonias e os predominios não só de raça como de cultura e de classe. O quasi permanente estado de guerra em que viveu, por largos annos, Portugal, situado entre a Africa e a Europa, deu-lhe uma constituição social vulcanica que se reflecte no quente e plastico do seu caracter nacional, das suas classes e instituições, nunca endurecidas nem definitivamente estratificadas. O estado de conquista e reconquista, de fluxo e refluxo, não deixou que se estabelecesse em Portugal nenhuma hegemonia, a não ser de momento. Nenhum exclusivismo — a não ser official ou superficial — de raça ou de cultura.

Predisposto pela sua situação geographica a ponto de contacto, de transito, de intercommunicação e de conflicto entre elementos diversos, quer ethnicos, quer sociaes, Portugal accusa em sua anthropologia, tanto quanto em sua cultura, uma grande variedade de antagonismos, uns em equilibrio, outros em conflicto. Esses antagonismos em conflicto são apenas a parte indigesta da formação portugesa; outra parte subsiste harmoniosa nos seus contrastes, formando um todo social plastico, que é o caracteristicamente português.

A heterogeneidade ethnica e de cultura vamos surprehendel-a nas origens remotas do português. Do homem paleolitico em Portugal não se sabe o bastante para precisar-lhe a origem: européa para uns, africana para outros. Mendes Corrêa admitte a primeira hypothese para o chéleo-acheulense mas considera-a duvidosa para o mustierense (1). No què se entrevê remota indecisão do peninsular entre a Europa e a Africa.

Essa indecisão se accentua com relação á epoca do paleolitico superior, periodo em que, provavelmente, terão havido na Europa consideraveis infiltrações ethnicas e culturaes de origem africana (Capsienses) deixando traços mais fundos, localisações mais espessas nas zonas meridionaes extremas. Dentre outras indicações da penetração africana nesse periodo destacam-se representações de esculptura na arte capsiense peninsular de mulheres com nadegas salientes que recordam a esteatopigia das boschimanas e hottentotes (2). Quasi o mesmo pode dizer-se da ethnologia post-paleolitica do territorio português em que a Capsienses H. Taganus e braquicephalos (Muge), e a novos Capsienses de léste, se teriam reunido dolicocephalos «talvez descendentes dos dolicocephalos de feição européa» e possiveis portadores dos «elementos essenciaes da cultura neolitica», além de novas penetrações — aliás duvidosas — de origem africana (3).

No periodo neo-neolitico e neolitico continua na peninsula o intimo contacto entre a Europa e a Africa. Segue-se um periodo — o de idade de bronze — que alguns consideram de estabilização. O homem da peninsula, passado pela primeira fervura de miscegenação, teria sido deixado a esfriar por alguns seculos, sem invasões africanas ou do norte que lhe perturbassem o processo como que de endurecimento de cultura e de definição do typo

---

(1) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitania*, Porto 1924; *Raça e Nacionalidade*, cit.

(2) Boule, *Les Hommes Fossiles*, apud. Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitania*, cit.

(3) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, cit.

physico. Mas a ultima invasão africana da peninsula — a de Almeria — deixara muito que digerir á Europa nesse largo periodo de assimilação. Vêm mais tarde os contactos com os gregos e carthagineses dar novas côres á cultura peninsular no sul e a leste; ao mesmo tempo que no centro e no oeste surgem as formas da cultura post-hallstatiana, obra talvez dos celtas (1), invasores da peninsula, primeiro pelo nordeste e depois pelo occidente dos Pyrineus. Esboçam-se duas areas de cultura: uma de influencia do norte ou celtica; outra de influencia mediterranea. Mas sem perderem de commum entre si traços indigenas que mesmo na zona por alguns considerada de influencia predominantemente celtica sobreviveram na ceramica mal cosida.

Essa dualidade de formas de cultura caracterizaria a situação da peninsula, em geral e do territorio hoje português, em particular, ao verificar-se a invasão romana, sendo entretanto provavel que o typo moreno e de cabello crespo fosse o mais caracteristico, encarnando formas de cultura porventura mais mediterraneas do que nordicas; mais africanas do que européas. Bem expressivo é o celebre auto-retrato de Marcial: *hispanis ego contumax capillis*. Isto é: *eu hispano de cabello encarapinhado*. Esse typo moreno e talvez negroide seria o mais proximo do indigena e o mais frequente. Nunca porém o exclusivo. O ponto a fixar é exactamente o nenhum exclusivismo de typo no passado ethnico do povo português; a sua anthropologia mixta desde remotos tempos pre e proto-historicos; a extrema mobilidade que lhe tem caracterizado a formação social.

Os dados fornecidos a Ripley por Ferraz de Macedo permittiram aquelle anthropologista concluir pela persistencia da dolicocephalia e da estatura baixa em Portugal (2); mas sem predominio nem puresa de nenhum

---

(1) Opinião de Bosh, cit. por Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania.*

(2) W. Z. Ripley — *The Races of Europe,* 1900.

stock. Conclusão, tambem, de Fonseca Cardoso (1). Este dá como caracteristicos fundamentaes da população portuguesa no meio de toda a extraordinaria variedade de typos, a estatura abaixo da media, a dolicocephalia, os olhos e cabellos escuros, o nariz longo, leptorrhinico, de base um tanto longa. Caracteristicos que accusam a persistencia da raça pequena, dolicocephala, morena que se suppõe ter formado o fundo autochtone da população. Os descendentes da Beaumes — Chaudes — Mugem. Seus representantes mais puros se encontram hoje nas regiões montanhosas do alto Minho (Castro Labareiro). Traz-os-Montes e Beira. Já na região cantabrica de Oviedo, na margem direita do baixo Guadalquivir e em outros pontos do Norte o anthropologista português foi encontrar mais puramente representada a raça bracycephala, de estatura tambem abaixo da media, mesorrhinica, cabeça globulosa e o occiput vertical; raça que teria sido a primeira dentre as immigrantes. Emquanto que em varios pontos do Minho, em Gaia, Povoa de Varzim surprehendem-se localisações de nordicos de alta estatura, dolicocephalos ou mesato-dolicoides, nariz longo e fino, leptorrhinico, pelle côr-de-rosa, cabello louro ou ruivo, olhos claros. Representantes mais puros da raça loura do Norte que varias vezes invadiu o territorio hoje português. Á sua influencia sobre a população portuguesa attribue Fonseca Cardoso o facies mestiço que a cada passo se nota entre os portugueses.

A esses elementos juntem-se os semito-phenicios, de que o anthropologista português foi achar representantes mais puros na população piscatoria do littoral interdurammense; e entre invasores mais recentes, os judéus, berberes, mouros, allemães, negros, flamengos, ingleses.

Si as invasões do sul só fizeram accentuar, como pretende Haddon (2), os caracteres fundamentaes da po-

---

(1) Fonseca Cardoso, « Anthropologia Portuguesa », in *Notas Sobre Portugal,* Lisbôa 1908.

(2) A. G. Haddon — *The Races of man and Their Distribution,* Cambridge 1929.

população indigena, as do Norte trouxeram para a anthropologia portuguesa elementos novos e até antagonicos. Estes elementos se empenharam num como conflicto com os indigenas, parecendo ás vezes ir vencel-os, mas acabando sempre por fazer as pazes com elles. Contemporizando em dualidades bizarras de mestiçagem tão caracteristicas da população propriamente portuguesa.

Portugal é por excellencia o paiz europeu do louro transitorio ou do meio-louro. Nas regiões mais penetradas de sangue nordico, muita criança nasce loura e côr-de-rosa como um menino-Jesus flamengo para tornar-se depois de grande, morena e de cabello escuro. Ou então — o que é mais caracteristico — revela-se a dualidade, o equilibrio de antagonismos, naquelles minhotos de que nos fala Alberto Sampaio: homens de barba loura e cabello escuro (1). Homens morenos de cabello louro. Esses mestiços com duas côres de pello é que formaram, ao nosso vêr, a maioria dos portugueses colonizadores do Brasil, nos seculos XVI e XVII; e não nenhuma élite loura ou nordica, branca pura; nem gente toda morena e de cabello preto. Nem os dolicolouros de Oliveira Vianna, nem os judeus de Sombart nem os moçarabes de Dabané mas portugueses typicos. Gente mixta na sua anthropologia e na sua cultura. Mendes Corrêa fixa a frequencia da transitoria pigmentação loura que apresentam crianças não só portuguesas, como do typo mediterraneo em geral, para suggerir um possivel «vestigio da filiação do typo mediterraneo num velho crusamento em que teriam entrado a raça nordica e um typo proto-etiopico» (2). Supposição, tambem, de anthropologistas italianos.

No Brasil, o louro transitorio, o meio louro e o falso louro são ainda mais frequentes do que em Portugal. Mas antes de ser o Brasil o paiz do indio sararé, descripto por Gabriel Soares em chronica do seculo

---

(1) Alberto Sampaio — *Estudos Historicos e Economicos*, cit.
(2) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitania*, cit.

XVI (1) — e, mais caracteristicamente, do «mulato côr-de-rosa», como a eminente diplomata brasileiro chamava, na intimidade, o Eça de Queiroz — já Portugal se antecipara na producção de curiosos typos de homem de pigmentação clara ou de cabello ruivo, mas de labios ou ventas de negro ou judeu. Não nos esqueçamos, porém, a proposito de louros, em Portugal, que no Norte da Africa teem se identificado localisações antigas de louros (2); que na massa morena de mussulmanos que invadiu Portugal vieram tambem individuos de cabello claro. Que muita moura escantada foi vista de noite penteando cabellos dourados como o sol. Recebeu assim Portugal louros tambem dos lados do Sul. Da Africa — sandwichados entre grossas camadas de homens pardos, muitos delles negroides.

Durante a epoca historica, os contactos de raça e de cultura, apenas difficultados, nunca porém impedidos pelos antagonismos de religião, foram em Portugal os mais livres e entre elementos os mais diversos. Invadida a peninsula pelos romanos, a resistencia indigena, a principio heroica e tremenda, acabou cedendo á pressão imperial. Inaugurou-se então o periodo de romanização ou latinização da Iberia. Foi um dominio, o exercido sobre a peninsula pelos romanos, de caracter principalmente economico e politico. Trouxe ás populações submettidas, mas não esmagadas, vantagens da technica im-

---

(1) Referindo-se aos descendentes dos franceses que nos principios do seculo XVI se amancebaram com mulheres tupinanbás, em doce polygamia, «sem se quererem tornar para a França», diz Gabriel Soares: «não é espantar serem estes descendentes dos Franceses alvos e louros pois que saem a seus avôs». «Louros, alvos e sardos», dissera antes. A observação do chronista leva-nos a acreditar que não eram communs os louros puros entre os colonizadores portugueses do seculo XVI; que estes identificavam o louro ardente com os franceses. A proposito convem lembrar tambem palavras de Hans Staden, chronista do seculo XVI, que aliás veem citadas por Pedro Calmon na sua recente e suggestiva *Historia da Civilização Brasileira*: «Disseram-me que se tinha barba vermelha como os franceses, tambem tinham visto portugueses com igual barba, mas elles tinham geralmente barbas pretas». Os indios — recorda ainda Calmon, baseado na relação de Gonçalo Coelho — distinguiram os franceses dos portugueses pela côr da barba.

(2) Haddon, *op. cit.*

perial: estradas, thermas, aquedutos, arcos, fabricas de louça. Desceu ao fundo da terra para explorar as minas. E fez-se acompanhar de influencias sensiveis sobre a cultura moral e, em menor escala, sobre a anthropologia iberica. Á sombra imperial ergueram-se no territorio hoje português templos a deuses latinos. Deuses que tal devoção conquistaram no sentimento popular que os santos catholicos teriam mais tarde de tomar-lhes a semelhança e muitos dos attributos, para se popularizarem. A fala peninsular latinizou-se. Romanizou-se o typo antigo de habitação. Romanizaram-se varias instituições. Annato Lusitano notaria mesmo semelhanças physionomicas entre os lisboetas e os habitantes de Roma (1).

Á conquista pelos romanos succederam-se as invasões de alanos, de vandalos, de suevos. Quebradas por essa primeira onda de barbaros de cabello ruivo as represas romanas, largo trecho da peninsula inundou-se de gente vinda do norte, estabelecendo-se depois, sem duro esforço, o dominio visigothico. Dominio de tres largos seculos que entretanto não destruiu a influencia da colonização romana, antes accommodou-se ás linhas geraes de sua estructura latina e imperial. Em religião foram os invasores que abandonaram as doutrinas arianas para adoptar o credo catholico dos hispano-romanos; em direito deixaram-se os adventicios influir pelo de Roma embora mantendo costumes que crearíam definitivas raizes na antiga provincia romana.

Foi entre essas duas influencias — o direito escripto dos romanos e o de costumes dos invasores do Norte — foi entre essas duas influencias e amaciando-lhes os antagonismos — que uma terceira subtilmente interveio, dando ás instituições peninsulares novo sabôr juridico: o direito canonico. Estabeleceu-se uma nobreza episcopal com gestos de quem abençôa ou pacifica mas na verdade de quem manda e domina. Dominio effectivo, atravez

---

(1) Alberto Sampaio, *Estudos*, cit.; Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, cit.

da autoridade conferida aos bispos de decidirem em causas civis.

Com a conversão dos godos arianos á orthodoxia catholica, a Igreja, pela mão dos seus bispos, ganhou nas Hespanhas prestigio superior ao dos reis, juizes e barões: em Toledo, no concilio celebrado em 633, os bispos tiveram o gosto de ver o rei prostrado aos seus pés (1). No novo direito peninsular ou antes, no codigo que a fusão do direito romano com o barbaro produziu — o chamado *Fuero Juego* — de tal modo insinuou-se o prestigio canonico que nas suas leis ficou autorizada a jurisdicção dos bispos em causas civis desde que o autor ou réo optasse pelo julgamento episcopal. Desde que o autor ou réo preferisse queixar-se ao bispo. Porque nas palavras do jurisconsulto hespanhol Sempere y Guarinos que veem no livro de Buckle: «...los querellantes lesionados por la sentencia de um juez, podiam quejarse a los bispos, y estos avocar a si las pendencias, reformarlas e castigar a los magistrados» (2). A intervenção episcopal podia fazer-se sentir em causas iniciadas em tribunal civil, pela reforma de sentenças. Durham salienta a vigilancia continua que exerciam os bispos sobre a administração da justiça e sobre os juizes (3). Sobre os proprios reis, pode accrescentar-se. Um que, em Portugal, tentou governar á revelia dos bispos — Sancho II — teve o reinado cortado a meio; e salva a cabeça por muito favor. Triumpharam os padres sobre rebeldia tão ousada com o auxilio do proprio irmão de Sancho, depois sagrado rei sob o nome de Affonso III.

Na Hespanha e em Portugal, o alto clero não só tornou-se detentor de extraordinario prestigio mystico, moral e até juridico sobre populações dotadas pelas circumstancias physicas e sociaes de vida — os terremotos, as seccas, as fomes, as pestes, as guerras, toda a trepi-

---

(1) Fleury, *Hist. eccles.*, apud Buckle, *Bosquejo de una historia del intelecto español*, tr.

(2) Buckle. *op. cit.*

(3) Durham, cit, por Buckle, *op. cit.*

dação peculiar ás regiões de transito ou de conflicto — da extrema sensitividade religiosa que Buckle salientou nos hespanhoes e portugueses, como de grande poder intellectual e politico. Reflexo do irradiado de Roma papal sobre a nova Europa convertida ao christianismo. Em Portugal houve ordens religiosas que foram tambem militares reunindo esse outro prestigio — o guerreiro — ao ecclesiastico. Das guerras de reconquista se aproveitou largamente a Igreja na peninsula, atravez de suas ordens militares, para tornar-se proprietaria de latifundios enormes, não deixando exclusivamente aos cruzados a partilha das terras rehavidas dos inficis. Gordo quinhão coube aos Templarios, desde o tempo de D. Thereza senhores de Soure e de toda a doce região entre Coimbra e Leiria; depois de Thomar, de Almoral, de Pombal. Outras ordens fizeram-se grandes proprietarias de terras: a de Avis e a de Santiago. Ainda outras, de terras menos ricas (1). A colonização latifundiaria e semi-feudal mais tarde applicada ao Brasil teve seu começo em Portugal, nessa colonização semi-eclesiastica. Apenas o predominio eclesiastico foi entre nós eclypsado pela iniciativa particular dos Duarte Coelhos, dos Garcia d'Avila, dos Paes Barreto. Dos grandes latifundistas, colonizadores, a sua propria custa.

Em Portugal, as ordens religiosas desempenharam importante funcção creadora não só na reorganização economica do territorio reconquistado aos mouros como na organização politica das populações heterogeneas. Deram-lhes nexo politico atravez da disciplina canonica. A nação constituiu-se religiosamente sem prejuiso das duas grandes dissidencias que por tolerancia politica da maioria conservaram-se á sombra dos guerreiros mata-mouros: os judeus e os mouriscos. Essas relações de tolerancia politica permaneceram até que os segregados, ou pela superioridade do seu genio mercantil e industrial, ou pela circumstancia de serem um tanto extranhos ao meio e por

---

(1) Antonio Sergio, *A sketch of the history of Portugal*, cit.

conseguinte mais sem escrupulos do que os outros, tornaram-se detentores das grandes fortunas peninsulares. Foi quando a maioria se apercebeu de que sua tolerancia estava sendo abusada. Pelo menos pelos judeus.

Para conter os odios que se levantaram quentes, fervendo, contra a minoria israelita,. é que se organizou o Tribunal do Santo Officio, reunindo á funcção de examinar as consciencias o poder de examinar a frio e methodicamente os bens accumulados por mãos de herege. Os judeus haviam se tornado antipathicos menos pela sua abominação religiosa do que pela falta completa de delicadesa de sentimentos, tratando-se de questões de dinheiro com os christãos. Suas fortunas accumularam-se principalmente pela usura, prohibida pela Igreja aos christãos, ou pelo exercicio, na administração publica, nas grandes casas fidalgas e mesmo nas corporações catholicas, de cargos que convinham aos interesses dos christãos latifundiarios fossem exercidos por individuos desembaraçados de escrupulos e das leis da Igreja.

A dualidade na cultura e no caracter dos portugueses accentuara-se sob o dominio mouro; e uma vez vencido o povo africano persistiu sua influencia atravez de uma serie de effeitos da acção e do trabalho dos escravos sobre os senhores. A escravidão a que foram submettidos os mouros e até moçarabes, após a victoria christã, foi o meio pelo qual se exerceu sobre o português decisiva influencia não só particular do mouro, do mahometano, do africano, mas geral, do escravo. Influencia que o predispoz çomo nenhuma outra para a colonização agraria, escravocrata e polygama — patriarchal, emfim — da America tropical. As condições physicas da parte da America que tocou aos portugueses exigiram delle um typo de colonização agraria e escravocrata. Sem a experiencia moura, o colonizador teria provavelmente fracassado nessa tarefa formidavel. Teria fracassado, impotente para corresponder a condições tão fóra da experiencia propriamente européa.

Não é aqui o logar de se pormenorizarem as relações de raça e de cultura entre mussulmanos e christãos na peninsula iberica, particularmente entre mouros e portugueses. Apenas procuraremos salientar aquelles traços de influencia moura que nos parecem ter aberto predisposições mais fundas no caracter e na cultura do povo português para a colonização victoriosa dos tropicos.

Que a invasão moura e berbere não foi a primeira a alagar de pardo ou de preto os extremos meridionaes da Europa, particularmente Portugal — facil região de transito para onde primeiro e com mais vigor transbordaram as ondas de exuberancia africana — já ficou indicado. Indicada a possibilidade de ter sido de origem africana o fundo considerado indigena da população peninsular. De modo que ao invadirem a peninsula arabes, mouros, berberes, mussulmanos foram-se assenhoreando de região já amaciada pelo seu sangue e pela sua cultura; e talvez mais sua do que da Europa. Sua por esse passado humano; e, em largos trechos, pelo clima, pela vegetação.

A invasão da peninsula pelos mahometanos da Africa occorreu em 711; elles teriam tido o concurso de hispanos contrarios aos visigodos — circumstancia que assignalamos para destacar o facto de que desde o principio confundiram-se interesses europeus e africanos na peninsula. Com a excepção do pequeno numero de intransigentes que se concentraram em Asturias, centro da independencia christã, grande parte das populações christães submetteu-se ao dominio politico dos mouros. E com elles desenvolveu relações intimas, conservando porém relativa pureza de fé.

Foram essas populações — os moçarabes — gente impregnada da cultura e mesclada do sangue do invasor, que se constituiram no fundo e no nervo da nacionalidade portuguesa. Nacionalidade que, a principio differenciada de Castela pelo interesse separatista dos aventureiros ruivos, descidos do Norte para a luta contra os mouros, depois se affirmou, menos pelo ardor de taes

nobres, promptos a confraternizarem com os visinhos por interesse economico de classe, do que pela intransigencia da plebe moçarabe. João Lucio de Azevedo chega a salientar como psychologia de raça em Portugal a intransigencia de sentimento nacional no povo e a fraqueza desse mesmo sentimento nos nobres. Tendencias verificadas nos grandes crises de 1383, 1580 e 1808. «Quando a ideia de patria — escreve João Lucio — perdida na unidade romana, acordou novamente na peninsula, o povo foi entre nós o depositario do sentimento nacional que faltou na classe dominadora» (1). Áquelle attribue o historiador português, alem do ardor patriotico, indole pacifica, incuria, toques de fatalismo semita: a esta, o pendor guerreiro e habitos predatorios.

Não nos parece acceitavel, senão em parte, a interpretação ethnica suggerida por João Lucio de Azevedo do papel representado, no desenvolvimento português. pela aristocracia de fundo nordico e pela plebe indigena, penetrada fortemente de sangue mouro e berbere. Porque em paiz nenhum, dos modernos, tem sido maior a mobilidade de uma classe para outra e, digamos assim, de uma raça para outra, do que em Portugal. Na historia do povo português o facto que, ao nosso vêr, se deve tomar na maior consideração é o social e economico da precoce ascendencia da burguesia, da qual cedo se fizeram alliados os reis contra os nobres. Destes o prestigio logo empallideceu sob o dos burgueses. E quasi toda a seiva da aristocracia territorial, absorveu-a a omnipotencia das ordens religiosas latifundiarias ou a astucia dos capitalistas judeus. Este facto explica não ter a aristocracia territorial em Portugal se ouriçado dos mesmos duros preconceitos que nos paizes de formação feudal, nem contra os burgueses em geral, nem contra os judeus e mouros, em particular. Debilitados sob a pressão dos latifundios eclesiasticos, não poucos

---

(1) João Mucio de Azevedo — «*Algumas notas relativas a pontos de historia social*», cit.

aristocratas, dos de origem nordica, foram buscar na classe media, impregnada de sangue mouro e hebreu, moça rica com quem casar. Dahi resultou em Portugal uma nobreza quasi tão mesclada de raça quanto a burguesia ou a plebe. Porque a mobilidade de familias e individuos de uma classe para outra foi formidavel. Impossivel concluir por estratificações ethnico-sociaes num povo que se conservou sempre tão plastico e inquieto.

Durante o dominio mouro, a cultura indigena absorveu da invasora larga serie de valores; e os dois sangues se mesclaram intensamente. Escrever como recentemnte Pontes de Miranda, em erudito trabalho, que «os arabes nos povos que invadiam, ou dominavam, como que boiavam como azeite e não tinham com elles sufficiente miscibilidade» (1) é exigir da palavra miscibilidade não sabemos que extraordinario sentido. Porque si os arabes — mouros, diria mais precisamente o joven mestre de direito, tão rigorista em questões de terminologia — não se misturaram com as populações lusitanas, ignoramos o que seja miscegenação. Aliás o proprio Pontes de Miranda, trinta paginas adiante daquella em que faz tão exquisita affirmativa, corrige-a, escrevendo: «só a religião mais estabilisada e estabilisadora, evitaria a fusão completa das raças». E cita a proposito o trecho de Alexandre Herculano em que o processo de fusão social dos christãos vencidos com os mouros victoriosos está magistralmente fixado.

O que a cultura peninsular, no largo trecho em que se exerceu o dominio arabe ou mouro — ou onde se verificou a escravidão de captivos africanos, uma vez revessados os papeis de senhor e de escravo — guardou da cultura dos invasores é o que hoje mais differencia e individualiza — esta parte da Europa. Conservados em grande parte pelos vencidos, a religião e o direito civil, nas demais espheras da vida economica e

(1) Pontes de Miranda — *Fontes e evolução do Direito Civil Brasileiro*, cit.

social a influencia, arabe em certos trechos, noutros moura, foi profunda e intensa. O grosso da população hispano-romana-goda, excluida somente irreductivel minoria refugiada em Asturia, deixou-se impregnar nos seus gostos mais intimos da influencia arabe ou moura. Quando essa maioria accommodaticia refluiu á Europa christã, sob a forma de moçarabe, foi para constituir em Portugal o substractum mesmo da nacionalidade. Nacionalidade militar e politicamente fundada por outros, mas por elles constituida economica e socialmente. E fecundada pelo seu sangue e pelo seu suor até os dias gloriosos das navegações e conquistas. Quando aquella população movel, mobilissima mesmo, refluiu á Europa foi trazendo comsigo uma espessa camada de cultura e uma energica infusão de sangue mouro e negro que persistiriam até hoje no povo português e no seu caracter. Sangue e cultura que viriam ao Brasil; que explicam muito do que no brasileiro não é europeu, nem indigena, nem resultado do contacto directo com a Africa negra atravez dos escravos. Que explicam o muito de mouro que persistiu na vida intima do brasileiro atravez dos tempos coloniaes. Que ainda hoje persiste até mesmo no typo physico.

Na viagem que em principios do seculo XIX realizou pelo interior da capitania de São Paulo, como director geral das Minas e Mattas, Martim Francisco de Andrada observou, em grande extensão, homens de physionomia accentuadamente mourisca. Si os portugueses dessa origem se extinguissem na Metropole, acreditava Martim Francisco que haveriam de persistir no Brasil muitos exemplares conservando a magnifica pureza da raça primitiva, tão numerosos lhe pareceram os paulistas de origem e caracteristicos de raça mourisca (1).

Grande como foi a influencia do mouro dominador, não foi menor a do mouro captivo de guerra.

---

(1) Martins Francisco — « Jornal de Viagens por Differentes Villas da Capitania de São Paulo », — *Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, 45.

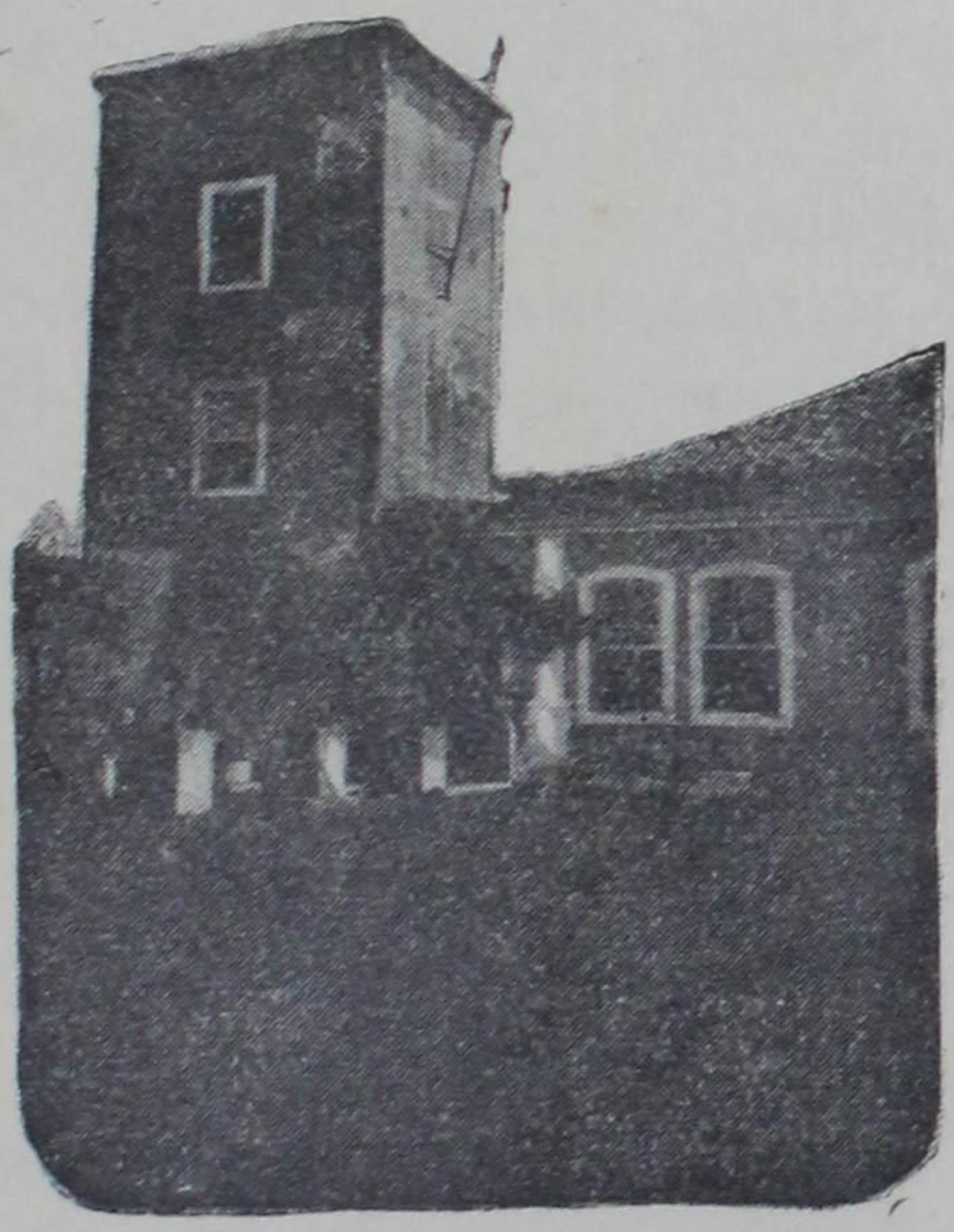
Foi o vigor de seu braço que tornou possivel em Portugal o regimen de auto-colonização agraria pela grande propriedade e pelo trabalho escravo. Regimen depois empregado tão vantajosamente no Brasil. Mercê dos mouros e dos religiosos, diz-nos J. M. Esteves Pereira que o Portugal dos primeiros tempos teve «a agricultura, sua principal industria, melhor desenvolvida do que os outros paizes mais ao norte». Mercê principalmente dos mouros. «A *picata*, ou *cegonha*, essa machina simples e primitiva de tirar agua dos fundos dos poços é obra sua. A *hora*, esse engenho de elevar a agua que a suave poesia dos campos torna agradavel, é com o calabre e com os alcatruzes um invento dos arabes, ou pelo menos uma das machinas trazidas por elles á peninsula» (1). Si foram os cruzados que trouxeram ás Hespanhas o moinho de vento, applicado em certas partes da America — nas Indias occidentaes, por exemplo — á industria do assucar, foram os mouros que introduziram em Portugal o moinho d'agua, ou azenha, avô do engenho colonial brasileiro de moer canna pelo impulso da queda d'agua sobre uma grande roda de madeira. João Lucio de Azevedo salienta que a propria oliveira parece se ter tornado melhor utilizada em Portugal depois da vinda dos mouros. Explica João Lucio: «a nomenclatura, proveniente do latim para as arvores — oliveira, olival, olivado, — de origem arabe no producto — azeitona, azeite, — leva a pensar em um maior aproveitamento dessa especie vegetal no periodo mussulmano» (2). O facto é significativo; como significativo é o verbo mourejar ter se tornado synonimo de trabalhar em lingua portuguesa:

---

(1) J. M. Esteves Pereira — *A industria portuguesa (Seculos XII a XIX), com uma introducção sobre as corporações operarias em Portugal* — Lisbôa 1900.

(2) João Lucio de Azevedo, «*Organização economica*», cit. Escrevera Alberto Sampaio em seu estudo sobre as villas do Norte de Portugal: «Mais interessante é a terminologia agricola-industrial da oliveira. que apresenta a singularidade de ser em parte latina e em parte arabe; — *oliveira, olival, olivado* pertencem á primeira, — *azeite, azeitona,* á segunda...» (*Estudos Historicos e Economicos*, cit.).

Scena do seculo XVII: um escravo chicoteado
(Reproduzido da *Relation*, de Froger).



Casa-grande, com torre, na Casa Forte (Pernambuco), perto da campina em que se travou grande combate entre os hollandezes e os brasileiros.

significava a phrase, tão commum em Portugal e no Brasil, «trabalhar como mouro». É que foi o mouro a grande força operaria em Portugal. O technico. O lavrador. Elle quem deu ás cousas sua maior e melhor utilização economica. Quem valorizou a terra. Quem a salvou das seccas por meio de intelligente irrigação. Não só a oliveira foi augmentada de valor e utilidade pela sciencia dos mouros; tambem as vinhas. Além do que foram elles que trouxeram á peninsula a laranjeira, o algodão e o bicho da seda. Desempenharam funcção de technicos e não apenas de pura energia animal (como mais tarde os escravos da Guiné) ou de simples mer' cantilismo como os judeus.

E não só o algodão, o bicho da seda e a laranjeira introduziram os arabes e mouros na peninsula: desenvolveram a cultura da canna de assucar que, transportada depois da ilha de Madeira para o Brasil, condicionaria o desenvolvimento economico e social da colonia portuguesa na America, dando-lhe organização agraria e possibilidades de permanencia e fixidez. O mouro forneceu ao colonizador do Brasil os elementos technicos de producção e utilização economica da canna.

Os portugueses que aqui, um tanto á maneira dos Templarios absorventes e todo-poderosos em Portugal, tornaram-se grandes latifundistas, por um lado seguiram o exemplo dos cruzados, principalmente o dos freires — capitalistas e proprietarias de latifundios, não raras vezes os bens, os gados e homens das terras rehavidas aos infieis ou tomadas aos moçarabes constituindo seu unico capital de installação; por outro lado, repetiram a technica dos invasores africanos, senão nos processos de cultura da terra — no que preferiram seguir suggestões indigenas — no tocante á utilização industrial dos productos. De modo que a sombra do mouro, sua grande figura de creador e não apenas explorador de valores, projectou-se beneficamente sobre os começos da economia agraria brasileira. O systema economico adoptado no Brasil foi o mesmo inaugurado pelos aventureiros

nordicos em Portugal após a reconquista christã, com a differença do prestigio eclesiastico não ter aqui absorvido o do particular, o da familia, o do senhor feudal. Mas a technica industrial foi a dos mouros. O engenho de roda d'agua, principalmente.

Até que ponto o sangue português, já muito semita, por infiltrações remotas de phenicios e judeus, infiltrou-se do mouro, durante os fluxos e refluxos da invasão mahometana, é quasi impossivel determinar. Deve ter sido profunda essa infiltração de sangue infiel, considerando-se não só as intimas relações entre conquistadores e conquistados, durante a invasão africana, como as que se seguiram, entre christãos e captivos mouros; e entre hispano-romanos e moçarabes. Estes pela sua superioridade technica impuzeram-se á ascendencia na escala social e economica. Ascendencia favorecida pelo precoce desenvolvimento da burguezia em Portugal e consequente exodo dos trabalhadores do campo para as cidades. Dentro desse desenvolvimento valorisaram-se extraordinariamente as artes industriaes e os officios de utilidade antes urbana do que rural. Artes e officios dominados pela intelligencia dos mouros.

Outra circumstancia foi-lhes favoravel á ascendencia: o estado de guerras, de seccas, de pestes e fomes que por muto tempio affligiu a população portuguesa, sujeita pela situação de seus portos — ponto de encontro entre o Norte e o Mediterraneo — a toda especie de contactos dysgenicos, Duas grandes pestes ennegreceram o reinado de Sacho I; uma, esta pandemia, de origem oriental em 1348. Em 1356 refere uma chronica monastica citada por João Lucio de Azevedo terem morrido, por effeito da fome, os dois terços da população do reino (1). Ás perturbações de clima e do meio physico juntaram-se em Portugal os males do regimen latifundiario produzindo frequentes crises sociaes por escassez de viveres.

---

(1) João Lucio de Azevedo, « Organização economica », cit.

A lei de sesmarias de D. Fernando, promulgada em 1375, tentou enfrentar os dois problemas: o do latifundio e o do exodo de trabalhadores do campo para as cidades. Contra o latifundio, pelo esbulho do proprietario que por incuria ou falta de meios deixasse inaproveitadas as terras araveis. Mas mesmo em taes leis deixou-se a porta, senão escancarada, entreaberta, para o exodo dos mouros e moçarabes dos campos para as cidades. Para os portos movimentados cujo progresso era o rei o primeiro a animar. Das obrigações de permanencia no campo, impostas aos filhos e netos de cultivadores, e aos trabalhadores ruraes, deve ter sido relativamente facil aos mouros e moçarabes, valiosos como eram, pela sua superior aptidão technica, evadirem-se, deslocando-se para as cidades maritimas e commerciaes. Convem salientar, a esta altura, que as cidades medievaes precisavam de incluir em sua população agricultores para cultivarem as hortas e as chamadas «terras de pão» destinadas á sua subsistencia (1): de modo que na propria industria rural tiveram onde se empregar com vantagem os braços peritos dos mouros e moçarabes ao fugirem do humilhante estado de servidão rural para a sombra protectora dos foraes burguezes. Tudo indica ter sido enorme a circulação, não só horizontal como vertical, que se operou então na sociedade portuguesa — de uma para outra esphera, de uma para outra zona economica — do elemento mouro e moçarabe que a reconquista deixara adstricto á gleba. Foi certamente este o elemento que, pela sua maior riqueza de aptidões industriaes, mais se aproveitou das opportunidades dos coutos para deslocar-se daquellas terras a que o prendiam obrigações de captiveiro ou de servidão para outras, igualmente agricolas ou semi-urbanas, onde sua situação já seria diversa. Cultivadores livres, facil lhes foi, nas novas circumstancias, o triumpho economico. Facil sua ascenção na escala social.

---

(1) João Lucio de Azevedo, *loc. cit.*

Assim se explica que o elemento hispanico, indigena, de sangue recentemente avivado na côr pelo do mouro e do berbere, tenha deixado de circular só por baixo da victoriosa camada hispano-goda, ou de localizar-se numa só região, para espalhar-se vantajosamente por todo o paiz, subindo por vezes ás espheras mais elevadas da sociedade portuguesa. Convem, aliás, não esquecer do elemento hispano, chamado, depois do contacto com os mouros, de moçarabe, que durante o dominio mussulmano soffrera diminuição economica e social; que essa diminuição, para grande numero, se accentuara durante a reconquista, dirigida quasi toda por adventicios descidos do Norte — especie de novos-ricos e novos-poderosos. O que depois se verificou foi, assim, menos ascensão do que reajustamento de posição, conseguido em parte pelo facto de durante o dominio mahometano a capacidade technica e industrial do elemento hispano, que contemporizara com o invasor, haver-se enriquecido e apurado ao contacto da superior cultura norte-africana.

Mas antes de verificar-se esse processo de reajustamento social, logo ao primeiro contacto dos invasores mahometanos com as populações christãs, estas soffreram não só nas classes populares como nas elevadas, a penetração do elemento victorioso. Penetração facilitada não só pela situação de dominio do povo africano como pela sua tendencia para a polygamia. Abdul-Aziz-Ibn-Muza não só tomou por esposa a viuva de Roderico como por concubinas muitas virgens christãs. Por outro lado Ramiro II, de Leão, fascinado pela belleza de uma sarracena de estirpe nobre — sem duvida das que depois se tornaram «mouras encantadas» — matou a mulher legitima, casando-se em seguida com a exotica, de quem teve numerosa prole. Os dois casos são typicos: um da penetração pela violencia exercida pelo invasor polygamo sobre as mulheres do povo vencido: outro, pela attracção da mulher sarracena, especialmente quanto nobre, sobre os homens da população desbaratada.

Innumeras as familias nobres que em Portugal, como na Hespanha, absorveram no sangue o dos invasores arabes e mouros. Alguns dos cavalleiros que mais se salientaram nas guerras de reconquista pelo ardor matamouros do seu christianismo conservavam nas veias sangue de infiel. Muito terá sido, por outro lado, o sangue hespanhol ou português, orthoxamente christão, que, dissolvido no de mahometanos, emigrou para a Africa menor. Sabe-se que até frades franciscanos o refluxo mahometano arrebanhou á Africa. Frades polygamos e femeeiros. Muito Mem ou Mendo, muito Pelagio; muito Soeiro; muito Egas; muito Gonçalo; muitos que pelo nome e pelo fervor christão se diriam hispano-godos sem mancha nenhuma de islamismo na ascendencia foram portugueses de avô ou avó moura ou arabe. Do conde de Coimbra D. Sesnando affirmam as chronicas que, mestiço de christão com mouro, até wisir fôra entre os sarracenos. De outro mestiço, D. Fifes Serrassim, sabe-se que incorporou-se á nobreza christã pelo seu casamento com uma Mendes de Bragança.

Nenhum elemento de identificação mais inseguro de hispanos e de mouros, de christãos e infieis, de vencidos e vencedores, de nobres e plebeus na sociedade portuguesa que os nomes de pessôa e de familia — tão baralhadas andaram sempre na peninsula as ethnias, as culturas e as classes sociaes, sem que o peso atado aos pés de uns pela escravidão ou pelo espolio de guerra os impedisse nunca de fluctuar de novo.

Refere Alexandre Herculano que após a invasão — acompanhada de intensa miscibilidade — tornaram-se communs os nomes mixtos: Pelagio Iban Alafe, Egas Abdallah Argeriquiz, etc. (1). O que dá bem a idéa da contemporização social entre vencidos e vencedores. Idéa exacta de quanto foi plastica, movediça e fluctuante a sociedade moçarabe em Portugal.

---

(1) Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, cit.

O que succedeu com os mouros, verificou-se tambem, até certo ponto, com os judeus. De uns e de outros deixou-se penetrar, em suas varias camadas, a sociedade portuguesa. E nunca — mais uma vez accentue-se — as classes estratificaram-se em Portugal a ponto de simplesmente pelo nome de pessôa ou familia poder identificar-se o nobre ou plebeu, o judeu e o christão, o hispano ou o mouro.

Nas guerras, contra os mouros e os castelhanos, muitos foram os portugueses que se ennobreceram, ganhando direito a terras e a titulos. Poucos, porém, conservaram-se na posse de propriedades difficeis de desenvolver, em competição com as grandes emprezas capitalistas representadas pelas ordens religiosas e militares. Quando as melhores attenções começaram a voltar-se para o mar, verificando-se a promoção social de muitos individuos nascidos na servidão do campo para o trabalho livre nas cidades, deu-se ao mesmo tempo a diminuição de outros, entre os quaes pequenos proprietarios ruraes. Senhores de terras ganhas por serviços guerreiros. Homens incapazes de competir com as emprezas latifundiarias, e por ellas absorvidos. As proprias leis de D. Fernando contra o latifundio quasi não tiveram outro effeito sinão subtrahir as terras dos proprietarios menores, incapazes de desenvolvel-as devido a penuria de capital e falta de trabalhadores, para incorporal-as ao dominio dos todo-poderosos. Donde uma numerosa nobreza de joões-sem-terra em Portugal. Nobreza que começou a affluir para as cidades, para a Côrte principalmente, farejando empregos publicos em torno do rei e mais tarde nas possessões ultramarinas.

Alberto Sampaio dá-nos a respeito da noção nada rigida de linhagem ou exclusivismo aristocratico entre os primeiros portugueses informações valiosas. Os nomes de pessôas foram então, como até certo ponto ainda hoje, em Portugal e no Brasil, os mesmos entre grandes e humildes. Nomes em geral germanicos « porque depois do advento dos suevos e visigodos, os hispanos denomina-

ram-se com os nomes delles, como dantes com os dos romanos». E accrescenta: «nos documentos da alta edade media a nomenclatura pessoal é commum para todos e em regra tão uniforme que nos diplomas pelas assignaturas não se differenciam os cavalleiros dos herdadores; este facto repete-se mais notavelmente nas inquirições, onde por entre os patronimicos d'uso geral começam a despontar os appellidos actuaes, designando ora nobres ora populares» (1). «Uma raça dominante, de sangue diverso dos habitantes — é ainda Sampaio que escreve — é inadmissivel sem denominação pessoal privativa. E a contraprova é ainda patente nos nomes e no typo physico, confundidos e misturados em toda a população». Cita o historiador portugues a esse respeito um depoimento do maior interesse: o do proprio *Livro Velho*. Livro antigo de linhagens em que já se dizia: «...cá muitos vem de bom linhagem e nom o sabem elles... e muitos som naturaes e padroeiros de muitos mosteiros, e de muitas egrejas, e de muitos coutos, e de muitas honras, que o perdem á mingua de saber de que linhagem vem» (2).

Estava aliás no interesse dos reis, que tão cedo se affirmaram em Portugal contra os vagos esboços de feudalismo, nivelar o mais possivel as classes sociaes, sem permittir o predominio de nenhuma. O que em parte conseguiram fazendo mais vontades á burguesia que á aristocracia; concedendo privilegios ás classes mechanicas; desprestigiando o mais possivel os senhores territoriaes. Menos a nobreza eclesiastica. Que esta soube em tempo, e com a protecção do Papa, conter os impetos dos dois Sanchos e conservar immensos privilegios economicos.

Ser simplesmente filho d'algo em Portugal não valeu tanto como ser freire, isto é, reunir á espada de cavalleiro o habito religioso de alguma das poderosas ordens militantes. É a filhos d'algo que responde D. Diniz nos

---

(1) Alberto Sampaio — *Estudos*, cit.
(2) Alberto Sampaio — *Estudos*, cit.

fins da edade media negando-lhes as honras de nobres emquanto vivessem de officios industriaes ou de arrendamento de lavouras: « filhando mester de ferreiro ou de sapateiro ou d'alfaiate ou de cerieiro ou d'outro mester semelhavel a este porque careça, ou lavrando por seu preço em outro herdamento alheo » (1). Aliás, esse estado de cousas prolongou-se no Brasil. Colonos de origem elevada aqui se desprestigiaram, vencidos na competição em torno das melhores terras e do maior numero de escravos agrarios. Nos principios do seculo XIX Martim Francisco conheceu no interior da capitania de São Paulo homens de procedencia nobre exercendo officios mechanicos como si fossem plebeus (2). Prejudicados, portanto, em sua qualidade de nobres, pois as leis do Reino derogavam em taes casos os fóros de nobreza.

Depois de cinco seculos não se haviam estratificado as classes sociaes em Portugal em exclusivismos intransponiveis. « Qualquer que fosse a sua preponderancia em certo tempo — escreve Alberto Sampaio — a nobreza nunca conseguiu formar uma aristocracia fechada; a generalização dos mesmos nomes a pessôas das mais diversas condições, como acontece com appellidos actuaes, não é um facto novo da nossa sociedade; explica-o assaz a troca constante de individuos, duns que se illustram, d'outros que voltam á massa popular donde haviam sahido; e a lei de D. Diniz ahi está como milliario entre duas epocas, a dar-nos a confirmação historica » (3).

O que vem reforçar a nossa convicção de ter sido a sociedade portuguesa movel e fluctuante como nenhuma outra, constituindo-se e desenvolvendo-se por uma intensa circulação tanto vertical como horizontal de elementos os mais diversos na procedencia. Sorokin não acharia melhor laboratorio para verificação e estudo de sua theoria de mobilidade do que entre esse povo cujo pas-

---

(1) Alberto Sampaio — *Estudos,* cit.
(2) Martim Francisco, « Jornal de viagens » cit.
(3) Alberto Sampaio — *Estudos,* cit.

sado ethnico e social não accusa predominio exclusivo ou absoluto de nenhum elemento, mas contemporizações e inter-penetrações successivas.

Ainda uma observação sobre os mouros e os moçarabes; sobre o processo de valorização desses dois elementos. A era commercial portuguesa, a principio de commercio limitado á Europa, quando muito estendendo-se ao Levante, mas, a partir do seculo XV, de emprezas ousadamente ultramarinas, foi particularmente favoravel, como já dissemos, aos antigos servos. Permittiu-lhes empenharem-se, já homens livres, em aventuras cheias de possibilidades de engrandecimento social e economico. Para o Brasil é provavel que tenham vindo, entre os primeiros povoadores, numerosos individuos de origem moura e moçarabes, junto com christãos-novos e portugueses velhos. Dabané suppõe que fossem elles os principaes colonizadores do nosso paiz: «...de l'an 1500 á l'an 1600, les premier colons de l'Amérique du Sud apparteient à l'Espagne et au Portugal méridional, c'est à dire à la partie fortement orientalisée et arabisée de l'Espagne et du Portugal». E ainda: «Ce n'etaient pas en effect les Espagnols ni les Portugais du Nord descendants des Visigothes qui emigraient en Amérique; ceux-ci étaient les triumphateurs, les vainqueurs des guerres livrées contre des populations arabisées du Sud de la penisule Iberique» (1). A supposição de Dabané pode taxar-se de extremada, peccando em sentido opposto á de Oliveira Vianna. Este ideou um Brasil colonizado e organizado todo por dolico-louros. Pesquizas mais minuciosas sobre o assumpto, como em São Paulo o estudo dos inventarios e testamentos do seculo XVI, tendem a revelar que a colonização do Brasil se fez muito á portugueesa. Isto é: heterogeneamente quanto á procedencias ethnicas e sociaes. Nella não terão predominado nem mo-

(1) Nicolas J. Dabané — «L'influence arabe dans la formation historique, la litterature et la civilisation du peuple brésilien», Le Caire 1911 E' opportuno recordarmos aqui as localisações de individuos de origem mourisca observadas em São Paulo por Martim Francisco.

renos nem louros. Nem moçarabes como pretende Dabané nem aristocratas nordicos como imagina o aryanismo quasi mystico de Oliveira Vianna. Nem os dourados fidalgos de Frei Gaspar nem a escoria do reino, — criminosos e mulheres perdidas — de que tanto se accusa Portugal de ter enchido o Brasil nos primeiros seculos de colonizações.

Vindo para o Brasil, os descendentes de moçarabes e de mouros christianisados, Dabané acha mesmo que até prisioneiros de guerra nas campanhas de Marrabocos e mouriscos expulsos em 1610, já não viriam directos da servidão da gleba, mas do serviço de poderosos e das occupações urbanas a que muitos se acolheram para escapar ás leis de D. Fernando. Outros, do trabalho livre de lavoura em terra de couto. Ainda outros, dos officios uteis de sapateiro e alfaiate. Nas cidades e nos povoados, muitos teriam chegado ao seculo XVI, já engrandecidos, economica e socialmente, pelo commercio de pelles de coelho e pelo exercicio da arte não só de sapateiro ou de alfaiate como de ferreiro e pelleteiro; mas outros estariam ainda luctando com difficuldades; anciosos por uma opportunidade de melhorarem de vida.

Suas aptidões technicas tornavam-nos elementos de grande valor nas expedições colonizadoras de fidalgos arruinados e soldados aventureiros que outra cousa não sabiam sinão manejar a espada, agora quasi inutil. « Desta escassez de perita mão de obra — escreve João Lucio de Azevedo — referindo-se a Portugal — derivou a importancia que os mesteres ou homens de officios, vieram a ter nos povoados, e seu influxo nas deliberações conselhiaes » (1). Ferreiros, sapateiros, pelleteiros, pedreiros, ourives, moedeiros, tanoeiros tornaram-se uma verdadeira aristocracia technica impondo-se ao respeito de uma sociedade sahida quasi de repente da monotonia agricola e da simplicidade rural; sahida quasi de repente de um regimen em que as reduzidas necessidades industriaes

(1) João Lucio de Azevedo — « Organização economica », cit.

suppriam-nas os proprios servos domesticos e a arte caseira das mulheres. E tendo, agora, de attender a diversificações e requintes de actividade industrial, e esta livre, nos novos certos urbanos. Dahi a força em que se transformaram, ao lado dos commerciantes das cidades maritimas, os technicos, os obreiros, os artistas. Os nomes das ruas de Lisbôa ainda hoje recordam o predominio que sob doce forma religiosa exerceram sobre a vida da cidade esses technicos e artistas. Concentrando-se em bairros ou arruamentos como que estrategicos, formavam quasi uns feudos. Sapateiros, fanqueiros, ferreiros, pescadores, douradores. Todos os officios. Todas as actividades — cada uma com seu santo, sua bandeira, seus privilegios. Atravez das casas-dos-vinte-e-quatro, exerceram esses technicos e artistas influencia sensivel sobre a administração das cidades. Varios privilegios foram-lhe concedidos pelos reis (1). Privilegios importando em sua elevação na escala social e politica. Dos mesteres syndicalisados é que se derivaram as irmandades e confrarias de caracter religioso que mais tarde floresceram tambem no Brasil, abrangendo até escravos; mas sem traço, sequer, do prestigio que gozavam, em Portugal, como expressão dos direitos de classe.

Analysando as primeiras camadas de povoadores de São Vicente, atravez dos inventarios e testamentos dos seculos XVI e XVII, verificou Alfredo Ellis (Junior) que a «região sulina de Portugal, comprehendendo o Alemtejo, a Estremadura Portuguesa e os Algarves» — a zona, deve-se observar, mais penetrada de sangue mouro — «nos mandou cerca de vinte e oito por cento dos povoadores

---

(1) *A casa dos 24* — diz J. de Oliveira Simões em estudo sobre *A evolução da industria portuguesa* — com o seu juiz do povo, escrivão e almotacé, junta formada por delegados dos officios mechanicos, que funccionava nas principaes cidades, mostra a importancia social que conquistava na vida da nação o trabalho do povo». (*Notas sobre Portugal,* cit.). Vejam-se tambem sobre o assumpto os trabalhos de João Lucio de Azevedo. «Organização economica», cit., J. M. Esteves Pereira, *A industria portuguesa*, cit., Paulo Merêa, «Organização social e administração publica», *in Historia de Portugal*, em curso de publicação.

de origem conhecida, porcentagem egual a que a região do norte luso nos enviou » (1). E contra a theoria lapongiana, representada entre nós por Oliveira Vianna (2), de serem os nordicos a raça mais dotada de qualidades de iniciativa e de arrojo, o que as pesquisas de Ellis Junior revelam é que a eugenia dos vinte e oito por cento que o sul enviou ao Brasil e de seus descendentes, de muito excedeu a demonstrada pelos vinte e oito por cento do norte e dos seus descendentes. Quer tenhamos em vista os feitos praticados pelos sertanistas, quer se considerem sua fecundidade, longevidade e varonilidade.

Seriam originarios da plebe moçarabe, já valorizada por dois seculos de promoção social, muitos dos carpinteiros, dos ferreiros, dos alfaiates, dos sapateiros, dos açougueiros de que se formou a sociedade paulista. Já vimos, porém, que atravez dos primeiros seculos de vida nacional portuguesa as classes não se estratificaram nem se isolaram nunca dentro de fronteiras intransponiveis. Que o rei D. Diniz reconhecia em sapateiros e alfaiates fidalgos a quem só faltavam recursos para lhes serem concedidas regalias de nobreza. Para estes a emigração, a colonização de terras virgens na America deve ter aberto opportunidades magnificas de promoção ou de reajustamento social. Ao mestre-constructor que acompanhou Thomé de Souza ao Brasil recompensou El-Rei largamente pelos seus serviços technicos. Iguaes recompensas devem ter tido os fabricantes de cal, os carpinteiros, os pedreiros.

Aos representantes da plebe moçarabe, entre os primeiros colonos do Brasil, devem-se, entretanto, juntar representantes da pequena e solida nobreza agraria. Taes os reunidos em Pernambuco, em torno á figura patriarchal de Duarte Coelho. Representantes tambem, embora

---

(1) Alfredo Eiiis (Junior) — *Raça de gigantes, a civilisação no planalto paulista,* cit.

(2) Veja-se o seu *População Meridionaes do Brasil,* Rio. Tambem, *Evolução do Povo Brasileiro,* Rio.

em pequeno numero, da aristocracia militar e erratica, trazidos ao Brasil pelo espirito de aventura ou para cumprirem pena de degredo nos ermos tropicaes.

Mas o ponto a destacar é a presença, não esporadica porém farta, de descendentes de moçarabes, de representantes da plebe energica e creadora, entre os povoadores e primeiros colonizadores do Brasil. Atravez desse elemento moçarabe é que tantos traços de cultura moura e mourisca se transmittiram ao Brasil. Traços de cultura moral e material. Dabané destaca um: a doçura no tratamento dos escravos (1) que na verdade foram entre os brasileiros, tanto quanto entre os mouros, mais gente de casa do que bestas de trabalho. Outro traço de influencia moura que se pode identificar no Brasil: o ideal de mulher gorda e bonita de que tanto se impregnaram as gerações coloniaes e do Imperio (2). Ainda outro: o gôsto dos voluptuosos banhos de gamella ou de «canôa»; o gôsto da agua corrente cantando nos jardins das casas-grandes. Burton surprehendeu no Brasil do seculo XIX varias reminiscencias de costumes mouros. O systema das crianças cantarem todas ao mesmo tempo suas lições de taboada e de solettração recordou-lhe as escolas mahomeatnas (3). E tendo viajado no interior de Minas e de São Paulo, ainda encontrou Burton o habito das mulheres irem á missa de mantilha, o rosto quasi todo tapado, como o das mulheres arabes. Nos seculos XVI, XVII e XVIII, os rebuços e mantilhas predominam por todo o Brasil dando ás modas femininas um ar mais oriental que europeu. Os rebuços eram uma especie de «dominós pretos», «mantilhas funebres em que se andam amortalhadas muitas das beldades portuguesas», como

---

(1) Dabané, *loc. cit.*

(2) «One of the greatest compliments that can he paid a lady is to tell her that she is becoming daily fatter and more beautiful», notou Gardner (George Gardner — *Travels in the interior of Brasil, principally through the Northern provinces*, London 1846.

(3) Richard F. Burton — *The Highland of the Brazil*, London 1869.

os descreveu Sebastião José Pedroso no seu *Itinerario*, referindo-se ás mulheres do Reino (1).

E não esqueçamos que nossas avós coloniaes preferiram sempre ao requinte europeu das poltronas e dos sofás estofados, o oriental, dos tapetes e das esteiras. Em casa e até nas igrejas era sobre os tapetes de seda ou as frescas esteiras de pipiri que se sentavam, de pernas cruzadas á mourisca, os pésinhos tapados pela saia «Quando vão visitar — informa um relatorio hollandês do seculo XVII, referindo-lhe ás mulheres luso-brasileiras — primeiramente mandam participar; a dona da casa senta-se sobre um bello tapete turco de seda estendido sobre o soalho e espera suas amigas que tambem se sentam a seu lado sobre o tapete, á guisa dos alfaiates, tendo os pés cobertos, pois seria grande vergonha deixar alguem ver os pés» (2).

Diversos outros valores materiaes, absorvidos da cultura moura ou arabe pelos portugueses, transmittiram-se ao Brasil: a arte do azulejo que tanto relevo tomou em nossas igrejas, conventos, residencias, banheiros, bicas e chafarizes; a telha mourisca; a janella quadriculada ou em xadrez; a gelosia; o abalcoado; as paredes grossas (3). Tambem o conhecimento de varios quitutes e pro-

---

(1) *Itinerario de Lisbôa e Vianna do Minho*, etc. *apud* Leite de Vascelos, *Ensaios Etnographicos*, Lisbôa 1910.

(2) Informa ainda o relatorio que as senhoras do seculo XVII quando sahiam, era dentro de redes sobre as quaes se lançava um tapete ou enclausuradas em palanquins. Vestidos custosos e muitas joias, ainda que algumas falsas. («Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Páráhybá e Rio Grande situadas na parte septentrional do Brasil», tr. do hollandez, de MS existente no Arch. de Haya e publicado na *Rev. Inst. Arch. e Geog. Pern.*, *n.* 34.

(3) Araujo Vianna, no seu estudo «*Das artes plasticas no Brasil em geral e na cidade do Rio de Janeiro em particular*» (*Rev. Inst. Hist. Br.*) destaca entre reminiscencias mouriscas nas nossas casas-grandes as «rotulas» e as «barras de azulejo nos saguões e nas casas de jantar», José Marianno («As Razões da Architectura Brasileira», *O Jornal*, Rio) escreve da architectura domestica brasileira: «O excesso de luminosidade ambiente foi intelligentemente corrigido pelos grandes lençoes de paredes, os alpendres amplos (copiares de Pernambuco), especialmente destinados a proteger as peças da habitação contra os rigores da insolação directa; as venezianas em adufa (rotulas), os balcões

cessos culinarios; certo gosto pelas comidas oleosas, gordas, ricas em assucar. O cuscús, hoje tão brasileiro, é de origem norte-africana.

O chronista que acompanhou á Lisbôa o cardeal Alexandrino em 1571 notou o abuso de assucar, canella, especiarias e gemmas de ovos cozidos na comida portuguesa. Informaram-lhe que a maior parte dos quitutes eram mouros. Observou tambem o facto de a meio do jantar mudarem-se os guardanapos — requinte de limpeza talvez desconhecido entre os italianos. Os velhos livros de cozinha portuguesa como a *Arte de cozinha* de Domingos Rodrigues, mestre da cozinha de Sua Magestade (Lisbôa MDCXCII) veem cheios de receitas mouras e mouriscas: « Carneyro Mourifco », « Chouriço Mourifco », « Gallinha Mourifca », « Peyxe Mourifco », « Olha Moura ».

Da influencia dos mahometanos, em geral, sobre a peninsula hispanica — sobre a medicina, a hygiene, as mathematicas, a architectura, as artes decorativas — limitamo-nos a observar que, abafada por severas medidas de repressão ou reacção catholica, ainda assim sobreviveu á reconquista christã. A arte de decoração mourisca dos palacios e das casas atravessou incolume os seculos de maior explendor christão para vir, no XVIII, enfrentar vantajosamente o rococó. Dominou em Portugal vindo florescer na decoração de casas-grandes do Brasil do seculo XIX.

Os artifices coloniaes, a quem deve o Brasil o traçado de suas primeiras habitações, igrejas, fontes e portões de interesse artistico foram homens criados dentro da tradição mourisca. De suas mãos recolhemos a herança preciosa do azulejo, traço de cultura em que insistimos devido a sua intima ligação com a hygiene e a vida de familia em Portugal e no Brasil. Mais que simples decoração mural em rivalidade com o panno-de-raz, o

---

e mcncharabiches mouriscos ». Deve-se salientar outro traço de cultura moura aproveitado pelo bom senso portugues na colonização do Brasil tropical: as ruas estreitas que, infelizmente, vão sendo todas substituidas por avenidas e ruas largas.

azulejo mourisco representou na vida domestica do português e na do seu descendente brasileiro dos tempos coloniaes a sobrevivencia daquelle gosto pelo asseio, pela limpeza, pela claridade, pela agua, daquelle instincto ou senso de hygiene tropical, tão vivo no mouro. Senso ou instincto de que Portugal, reeuropeizando-se sob as sombras da reconquista christã, infelizmente perdeu grande parte. O azulejo quasi que se transformou, para os christãos, em tapete decorativo de que o agiologio tirou o melhor partido na decoração piedosa das capellas, dos claustros e das residencias. Guardou, porém, pela propria natureza do seu material, as qualidades hygienicas, caracteristicamente arabes e mouriscas, de frescura, limpeza e lustre facil.

O contraste da hygiene verdadeiramente felina dos mahometanos com a immundicie dos christãos, seus vencedores, é traço que aqui se impõe destacar. Conde, em sua historia do dominio arabe na Hespanha, tantas vezes citada por Buckle, retrata os christãos peninsulares, isto é os intransigentes, dos seculos VII e IX, como individuos que nunca tomavam banho, nem lavavam a roupa, nem a tiravam do corpo senão podre, largando os pedaços. O horror á agua, o desleixo pela hygiene do corpo e do vestuario permanece entre os portugueses. Cremos poder affirmar que mais intenso nas zonas menos beneficiadas pela influencia moura. Alberto Sampaio destaca o desasseio do minhoto, typico da gente mais européa, mais loura e mais christã de Portugal (1). É verdade que Estanco Louro, em recente monographia sobre o Alportel freguezia rural do sul, registra «flagrante desleixo pelo asseio» da parte do alportalense; «falta de hygiene corporea que na maior parte dos casos se limita a lavagem da cara aos domingos, de modo muito summario»; «falta na villa de retretes publicas e de ourinoes; no campo de retretes, junto dos *montes*», «a permanencia de pocilgas e de estrumeiras mesmo junto das casas de habitação e

(1) Alberto Sampaio — *Estudos,* cit.

das cavallariças em communicação com estas» (1). Mas salienta por outro lado certas noções de asseio entre os habitantes que vão até á obsessão. Noções porventura conservadas do mouro. «É o que se pode ver na lavagem frequente do solo da casa, na caiação constante de casas e muros; na infallivel mudança da roupa da semana por outra muito limpa...» (2). Aliás com relação ao sul de Portugal, deve-se tomar na devida conta a escassez d'agua que colloca o morador de seus povoados e campos em condições identicas á do sertanejo do Brasil — outro que raramente toma banho, embora capriche na roupa escrupulosamente limpa e noutros habitos de asseio pessoal e domestico.

A casa portuguesa do sul, sempre caiada de fresco, contrasta pela sua alvura franciscana com a dos portugueses do norte e do centro — suja, feia, emporcalhada. Influencia evidente do mouro no sentido da limpeza, da claridade e da alegre frescura da hygiene domestica. Por dentro, o mesmo contraste. Faz gosto entrar numa casa do Sul, onde o trem de cozinha espelha nas paredes; onde se tem uma impressão deliciosa de louça limpa e de toalhas lavadas.

Devemos fixar outra influenca moura sobre a vida e o caracter português: a da moral mahometana sobre a moral christã. Nenhum christianismo mais humano e mais lyrico do que o português. Das religiões pagãs, mas principalmente da de Mahomet, conservou como nenhum outro christianismo na Europa o gosto de carne. Christianismo em que o menino-Deus se identificou com o proprio Cupido e a Virgem Maria e os Santos com os interesses de procreação, de geração e de amor mais do que com os de castidade e de ascetismo. Neste ponto o christianismo português pode-se dizer que excedeu ao proprio mahometanismo. Os azulejos, de desenhos ase-

---

(1) Estanco Louro — *O Livro de Alportel — Monographia de uma freguezia rural* — Lisbôa 1929.

(2) Estanco Louro — *O Livro de Alportel,* cit.

xuaes entre os mahometanos, animaram-se de formas quasi aphrodisiacas nos claustros dos conventos e nos roda-pés das sachristias. De figuras nuas. De meninosinhos-Deus em quem as freiras adoraram muitas vezes o deus pagão do amor de preferencia ao triste e cheio de feridas que morreu na Cruz. Uma dellas, Soror Violante do Céo, foi a quem comparou o Menino Jesus: a Cupido:

« Pastorzillo divino
que matas de amor
Ay, tened no flecheis,
No tereis, nó,
Que no cabem más flechas
En mi coraçon!
Mas tirad, y flechadme
Matadme d'amor,
que nó quiro más vida
Que morrir por vós! » (1)

No culto ao menino-Jesus, á Virgem, aos Santos reponta sempre no christianismo português a nota idyllica e até sensual. O amor ou o desejo humano. Influencia do mahometanismo parece que favorecida pelo clima doce e aphrodisiaco de Portugal. É Nossa Senhora do O' adorada nà imagem de uma mulher prenhe. É São Gonçalo do Amarante só faltando tornar-se gente para emprenhar as mulheres estereis que o aperreiam com promessas e fricções. É São João Baptista festejado no seu dia como si fosse um rapaz bonito e namorador, solto entre moças casadoras, que até lhe dirigem pilherias:

« Donde vinde S. João,
que vindes tão molhadinho? »

Ou

« Donde vindes, oh Baptista,
que cheiraes a alecrim? »

---

(1) Soror Violante do Céo — *Parnaso de divinos e humanos versos*, Lisbôa 1733, *apud* Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, cit.

E os rapazes ameaçam de pancadas o santo protector de namoros e idyllios:

« As moças não me querendo
dou pancadas no santinho. » (1)

Impossivel conceber-se um christianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo. Com Santo Antonio chega a haver semcerimonias obscenas. E com a imagem de Santo Gonçalo jogava-se peteca em festas de igreja dos tempos coloniaes.

Em Portugal, como no Brasil, enfeitam-se de tetéas, de joias, de braceletes, de brincos, de corôas de ouro e diamante as imagens das virgens queridas ou dos meninos-Deus como si fossem pessôas da familia. Dão-se-lhes attributos humanos de rei, de rainha, de pae, de mãe, de filho, de namorado. Liga-se cada um delles a uma phase da vida domestica e intima.

Nenhum resultado mais interessante dos muitos seculos do contacto do christianismo com a religião do Propheta — contacto que tantas vezes se aguçou em asperesas de rivalidade — que o caracter militar tomado por alguns santos no christianismo português e mais tarde no Brasil. Santos milagrosos como Santo Antonio, São Jorge e São Sebastião foram entre nós sagrados generaes ou chefes militares como qualquer poderoso senhor de engenho. Nas procissões carregavam-se outrora os andores dos santos como a grandes chefes que tivessem triumphado em luctas ou guerras. Alguns eram mesmo postos a cavallo e vestidos de generaes. E acompanhando essas procissões, uma multidão em dia de festa. Gente fraternal e democraticamente baralhada. Grandes senhoras com pata-missa no cabello e prostitutas de pereba nas pernas. Fidalgos e muleques.

A festa da igreja no Brasil, como em Portugal, é o que pode haver de menos nazareno no sentido detes-

---

(1) Do *folk-lore* português. No Brasil, quando chove noite de São João, diz-se sem o menor respeito pelo Santo-menino que é *mijão*. Até do venerando São Pedro diz-se, quando chove na sua noite, que é *mijão*.

tado por Nietzsche. No sentido sorumbatico e triste. Pode-se generalizar do christianismo hispanico que todo elle se dramatizou nesse culto festivo de santos com trajos e armas de generaes: São Thiago, Santo Isidoro, São Jorge, Santo Emiliano, São Sebastião. Nesse culto de santos que foram tambem patriotas, mata-mouros, campeões da causa da independencia. No Brasil o culto de São Jorge, a cavallo e espada na mão, armado para combater hereges; o de Santo Antonio, não sabemos exactamente porque, militarizado em tenente-coronel, prolongaram atravez da epoca colonial e do Imperio esse aspecto nacionalista e militarista, civico e patriotico, do christianismo peninsular, obrigado pelos embates religiosos com os mouros ou judeus a revestir-se de armadura e pennacho guerreiro. Certos «louvado seja o Santissimo Sacramento» como um que, ainda hoje, se lê á entrada de velha rua em São Salvador da Bahia, são restos dos gritos de guerra do tempo em que os christãos portugueses sentiam-se rodeados de inimigos de sua fé.

Tanto quanto do contacto com os mouros, resultaram da convivencia com os judeus traços inconfundiveis sobre os portugueses colonizadores do Brasil. Sobre sua vida economica, social e politica. Sobre seu caracter. Influencia que agiu no mesmo sentido deseuropeizante que a moura. As relações dos portugueses com os judeus, exactamente como as relações com os mouros, quando se avermelharam em conflicto, a mystica de que se revestiram não foi, como em grande parte da Europa, a de pureza da raça mas a de pureza de fé. Publicistas que hoje pretendem interpretar a historia ethnica e politica de Portugal á européa e filiar os conflictos com os judeus a odios de raça acabam contradizendo-se. É assim que Mario Sá, depois de agitar essa these e defendel-a com ardor e até brilho, termina confessando: «por toda parte teem os judeus o conhecimento de serem judeus; em Portugal não o teem. Atravessaram as idades sob a designação de christãos novos, e, ha pouco mais de cem annos, com o decreto pombalino que abolia a designação

infamada, e com a perda da unidade religiosa, se foram de si proprio desmemoriando » (1). Em essencia o problema do judeu em Portugal foi sempre um problema economico creado pela presença irritante de uma poderosa machina de sucção operando sobre a maioria do povo, em proveito não só da minoria israelita como dos grandes interesses plutocraticos. Interesses de reis, de grandes senhores e de ordens religiosas. Technicos da usura, taes se tornaram os judeus em quasi toda a parte por um processo de especialização quasi biologica que lhes parece ter aguçado o perfil no de ave de rapina, a mimica em constantes gestos de acquisição e de posse, as mãos em garras incapazes de semeiar e de crear. Capazes só de amealhar.

Circumstancias historicas assim conformaram os judeus. Max Weber attribue o desenvolvimento dos judeus em povo commercial a determinações ritualistas, prohibindo-lhes, depois do exilio, de se fixarem em qualquer terra e, portanto, na agricultura. E salienta-lhes o dualismo de ethica commercial, permittindo-lhes duas attitudes: uma para com os correligionarios; outra para com os extranhos (2). Contra semelhante exclusivismo era natural que se levantassem odios economicos. Em virtude daquella ethica ou moralidade dupla, prestaram-se os judeus em Portugal aos mais antipathicos papeis na exploração dos pequenos pelos grandes. Por ahi se explica que tivessem gosado da protecção dos reis e dos grandes proprietarios e, á sombra dessa protecção, prosperado em grandes plutocratas e capitalistas. Concentrando-se nas cidades e nos portos maritimos, concorreram para a victoria da burguesia sobre a grande propriedade territorial, alliada mais á Igreja do que aos reis. Mas é interessante observar que, mesmo a grande propriedade agricola, quando enfraquecida pela politica maritima e ante-feudal dos reis, não hesitou em buscar forças

---

(1) Mario Sáa — *A Invasão dos Judeus* — Lisbôa 1924.
(2) — Max Weber — *General Economic History*, (tr.), New York.

que a reanimassem na plutocracia israelita. Nos dotes das judias ricas. O sangue da melhor nobreza em Portugal mesclou-se com o da plutocracia hebréa pelo casamento de fidalgos ameaçados de ruina com filhas de agiotas ricos. É o que explica terem judeus illustres, já aristocratizados por ligações com a nobreza, haverem tomado o partido, essencialmente aristocratico, da rainha D. Leonor, contra o da plebe e da burguesia, na successão d'El-Rei D. Fernando.

Escreve Varnhagen que a agiotagem conseguira monopolizar na Hespanha e em Portugal os «suores e os trabalhos de toda a industria do lavrador, do armador e até a renda do Estado». E accrescenta: «o rapido gyro de fundos dado pelas letras de cambio, a promptidão com que se passavam grandes creditos de Lisbôa para Sevilha, para a feira de Medina, para Genova, para Flandres, deu aos desta classe, ajudados pelos estabelecimentos dos correios, de que souberam tirar partido, tal superioridade nos negocios que ninguem podia com elles competir. Ás vezes acudiam nas urgencias do Estado e o soccorro era reputado um grande serviço e recompensado como tal. Outras vezes era o herdeiro de um grande nome e representante de muitos heroés, que para accomodar-se ao luxo da epoca, não desdenhava alliar-se com a neta do sayão convertido, cujo descendente se fizera rico tratante, como então se dizia, sem que o vocabulo se tomasse em máo sentido, como as obras delles tratantes ou tratadores vieram a fazer que se tomasse» (1). Vê-se que, com relação aos judeus, como com relação aos mouros, foi grande a mobilidade em sentido vertical, confundindo-se no casamento origens ethnicas diversas.

Constituiram-se os judeus em Portugal em grande força e subtil influencia pelo commercio, pela agiotagem, pelo exercicio de altos cargos technicos na administração, pelas ligações de sangue com a velha nobreza guerreira

(1) Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, cit.

e territorial, pela superioridade de sua cultura intellectual e scientifica. Especialmente a dos medicos — rivaes poderosos dos padres na influencia sobre as familias e sobre os reis. O rumo burguez e cosmopolita tão precocemente tomado pela monarchia portuguesa, contra as primeiras tendencias agrarias e guerreiras, cavou-o mais fundo que qualquer outra influencia a dos interesses economicos dos judeus, concentrados estrategicamente, e por ancestral horror dos «homens de nação» á agricultura, nas cidades maritimas; e dahi, em facil e permanente contacto com os centros internacionaes de finança judia.

Os reis de Portugal é evidente que não protegeram aos judeus pelos seus bellos olhos orientaes mas interesseiramente, fazendo-os concorrer com largas taxas e impostos para a opulencia real e do Estado. É digno de nota o seguinte: que a marinha mercante portuguesa desenvolveu-se em grande parte graças a impostos especiaes pagos pelos judeus por todo navio construido e lançado no mar. De modo que da propriedade israelita aproveitaram-se os reis e o Estado para enriquecerem. Na prosperidade dos judeus baseou-se o imperialismo português para expandir-se.

Chamberlain salienta que os judeus desde o começo do periodo visigothico souberam impor-se entre os povos peninsulares como negociantes de escravos e credores de dinheiro. De modo que para o pendor português para viver de escravos, parece ter concorrido o sephardim. Inimigo do trabalho manual, o judeu desde remotos tempos inclinou-se á escravidão. Diz Chamberlain que Isaias insinua a idéa de que os extrangeiros deveriam ser os lavradores e os vinhateiros dos hebreus (1). E o certo é que na peninsula muitos dos judeus mais longinquos de que se tem noticia foram donos de escravos christãos e possuiram concubinas christãs (2).

---

(1) Chamberlain. *The Genesis of the Nineteenth century*, cit.

(2) João Lucio de Azevedo, *Historia dos christãos novos portugueses*, Lisbôa, 1922.

Parece terem mais tarde estendido sua especialização economica ao commercio de generos alimenticios: «...peixe secco e as mais cousas», dirá um memorial de 1602 accusando-os de exploradores «...do povo miudo que se sustenta de peixe secco» (1).

Em 1589 fôra á Mesa de Consciencia e Ordem, por consulta del-rei, o problema dos christãos novos estarem fazendo tambem monopolio dos officios de medico e boticario; bem assim do reino estar se enchendo de bachareis (2). Um e outro excesso resultado, ao que nos parece, do facto dos christãos novos virem procurando ascender na escala social servindo-se de suas tradições sephardinicas de intellectualismo. De sua superioridade, em traquejo intellectual, sobre os rudes filhos da terra. Pode-se attribuir á influencia israelita muito do mercantilismo no caracter e nas tendencias do português; mas tambem é justo que lhe attribuamos o excesso opposto: o bacharelismo. O legalismo. O mysticismo juridico. O proprio annel no dedo, com rubi ou esmeralda, do bacharel ou do doutor brasileiro, parece-nos reminiscencia oriental, de sabor israelita. Outra reminiscencia sephardinica: a mania dos oculos e do pince-nez — usados tambem como signal de sabedoria ou de requinte intellectual e scientifico. O abbade de la Caille, que esteve no Rio de Janeiro em 1751, diz ter visto tudo que era doutor ou bacharel em theologia, direito ou medicina de oculos no nariz «pour fe faire refpecter des paffans» (3).

---

(1) João Lucio de Azevedo, *Historia dos Christãos novos*, cit.

(2) João Lucio de Azevedo, *Historia dos Christãos novos*, cit, Mario Sáa, *op. cit.*

(3) Abbade de la Caille — *Journal historique du voyage fait au cap de Bonne Espérance*, Paris MDCCLXIII. Sobre a mania dos oculos ou *quevedos* em Portugal, nos seculos XVI, XVII, XVIII, leia-se Julio Dantas *Figuras de hontem e de hoje*, Lisbôa 1914. Recorda o escriptor terem sido os dois traços que Montesquieu salientou nos portuguêses: os oculos e bigodes (*les lunettes et... la moustache*). Montesquieu deu ao abuso dos oculos em Portugal a mesma interpretação que La Caille no Brasil. Não nos esqueçamos do facto de que, lá como aqui, quasi todos os doutores, em medicina pelo menos, eram judeus. O auctor da *Voyàge de Marseille à Lima et dans les outres Indes Occidentales* (Paris MDCCXX) diz que a cidade de

E a mania de sermos todos doutores em Portugal e sobretudo no Brasil — até os guarda-livros bachareis em commercio, os agronomos, os engenheiros, os veterinarios — não será outra reminiscencia sephardinica?

Lembra Varnhagen que valendo-se da classe media e dos leigos lettrados, poude a monarchia libertar-se, em Portugal, da pressão do clero e dos antigos senhores territoriaes. E escreve: «Essa magistratura lettrada, por seu saber, por seus enredos, sua actividade, sua loquela e a protecção que lhe davam as Ordenações, redigidas por individuos de sua classe, vem, pelo tempo adiante, a predominar no paiz, e até alista-se no numero de seus primeiros aristocratas, depois de haver em geral hostilisado a classe, antes de chegar a ella» (1). Um caso rapido de promoção social. Pois dessa burguezia lettrada que se aristocratizou rapidamente pela cultura universitaria e por serviços intellectuaes e juridicos á monarchia, grande parte seria de christãos-novos ou «homens de nação». Rebentos de outra burguesia: a de commerciantes, de traficantes, de agiotas, de intermediarios. De tal modo se empenharam os christãos-novos em alastrar de seus filhos doutores e bachareis as cathedras e a magistratura que a Mesa de Consciencia e Ordem, em fins do seculo XVII, decidiu limitar o bacharelismo em Portugal, sugerindo ao rei restringir para dois o numero de filhos que podesse enviar para a universidade de Coimbra uma pessôa nobre, a um, o pae mechanico, e

---

Salvador estava cheia de judeus. Igual observação faz Frezier. Esse conta que um vigario fugira da Bahia para a Hollanda, depois de largos annos de falsa devoção catholica, apurando-se que era muito bom do judeu.

(1) Seriam tambem, em grande numero, judeus disfarçados, ou homens de origem hebréa os advogados que, desde o seculo XVI, começaram a emigrar do Reino para as colonias com os seus oculos, as suas chicanas e o seu parasitismo. Da cidade de Gôa, invadida por agiotas e chicanistas no seculo XVI, escreveu um contemporaneo: «E parece a cidade de Gôa mais academica de litigantes que escola de armas» (Ferdinand Denis, *Portugal*, Paris MDCCCXLVI). Do Reino escrevia um observador do seculo XVIII: «A multidão dos advogados é notoria e a sua utilidade muito equivoca». (*Os Frades julgados no tribunal da Razão*, Lisbôa 1814).

fazendo depender de licença de sua magestade a inscripção de christãos-novos. Porque «ainda desta maneira sobrepujarão letrados neste reino». Formavam os christãos-novos a maioria dos lentes das escolas superiores — um delles o famoso doutor Antonio Homem; salientavam-se entre os advogados, magistrados e medicos. Coimbra chegou a tornar-se «covil d'hereticos», na phrase de João Lucio de Azevedo, tal o numero de judeus dentro das batinas de estudantes ou das becas de professor (1).

Comprehende-se que os christãos-novos, vindos da usura, do commercio de escravos e da agiotagem encontrassem nos titulos universitarios de bacharel, de mestre e de doutor a nota de prestigio social que correspondesse ás suas tendencias e ideaes sephardinicos. Que encontrassem na advocacia, na medicina e no ensino superior a maneira ideal de se aristocratizarem. Seus appelidos é interessante observar que se dissolveram nos germanicos e latinos dos christãos-velhos. Facilitou aliás D. Manoel I aos christãos-novos a naturalização, e, ao mesmo tempo, a aristocratização de seus nomes de familia, permittindo-lhes usar os mais nobres appelidos de Portugal. O que se prohibia aos outros — tomar «appelido de fidalgos de solar conhecido, que tenham terras com jurisdicção em nossos reinos» — concedeu-se amplamente aos christãos-novos: «porém os que novamente se tornarem á nossa santa fé poderão tomar, e ter em suas vidas, e trespassar a seus filhos somente, os appelidos de quaesquer linhagens que quizerem, sem pena alguma». Dahi o erro, como observa Mario Saa, dos que pretendem applicar a Portugal o criterio, possivel em outros paizes da Europa, de discriminar judeus de christãos pelo appelido: «... a verdade é que elles usam todos os nomes de que usaram os christãos suevos e godos; se até ha judeus chamados Godinhos!» (2). Tudo

---

(1) João Lucio de Azevedo, *Historia dos Christãos novos*, cit.
(2) Mario Sáa, *A Invasão dos Judeus*, cit.

isto nos mostra como, mesmo no caso do judeu, foi intensa a mobilidade e livre a circulação por assim dizer de uma raça a outra; e, literalmente, de uma classe a outra classe. De uma a outra esphera social.

Concorreram os judeus em Portugal, e, em partes da Hespanha, para o horror á actividade manual e para o regimen do trabalho escravo — tão caracteristico da Hespanha e de Portugal. Concorreram para a situação de riqueza artificial observada por Francisco Guicciardini, historiador italiano que no principio do seculo XVI esteve nas Hespanhas, como embaixador de Florença junto ao rei de Aragão: «A pobreza é grande e ao meu vêr não provem tanto da natureza do pais quanto da indole de seus habitantes, opposta ao trabalho; preferem enviar a outras nações as materias primas que seu reino produz para compral-as depois sob outra forma, como se verifica com a lã e a seda que vendem a extranhos para comprar-lhes depois pannos e tecidos» (1). Exceptuavam-se da generalização de Guicciardini as zonas agricolas em que por muito tempo se projectaram os beneficios de sciencia ou da technica mourisca. Entre outras, as regiões proximas de Granada. Zonas privilegiadas. Outro viajante, Navajero, descreveu-as com verdadeiro lyrismo: farto arvoredo, muita fructa madura pendendo das arvores, grande variedade de uvas, espessas mattas de oliveiras. E no meio desse luxo de verdura, as casas dos descendentes de mouros: pequenas, é certo, mas todas com agua e rosa, «mostrando que a terra fôra mais bella ainda quando em poder dos mouros» (2). E Navajero contrasta com a actividade dos mouriscos os desmazelos e o ocio dos hispanos, nada industriosos, sem amor nenhum pela terra, guardando seu melhor enthusiasmo para as emprezas de guerra e as aventuras commerciaes nas Indias. O mesmo que na região andaluza se observava no sul de Portugal e no Algarve: ter-

(1) J. Garcia Mercadal. *España vista por los estranjeros*, cit.
(2) Mercadal, *España vista por los estranjeros*, cit.

ras igualmente beneficiadas pelos mouriscos e nas quaes o polaco Nicolas de Popielovo, ao percorrel-as em fins do seculo XV, quasi não encontrou differença das de Andaluzia: «em todas as terras de Andaluzia, Portugal e Algarvia... os edificios e os homens se assemelham e a differença na educação e costumes entre sarracenos e christãos unicamente se pode perceber na religião...» (1) Devendo-se observar, de passagem, que os christãos não eram grandes devotos, só se confessando na hora da morte, e não jejuavam senão raramente. Nem era facil praticar o jejum em terras que, em vez de pobres de mantimento como a maior parte das Hespanhas, mantiveram-se por largo tempo, devido ao reflexo da actividade moura e mourisca, fartas de cereaes, de carnes e de vinho.

Com relação a Portugal, deve-se salientar que seus começos foram todos agrarios; agraria a sua formação nacional depois pervertida pela actividade commercial dos judeus e pela politica imperialista dos reis. Agrario tambem o seu primeiro commercio de exportação de productos da terra: azeite, mel, vinho, trigo. Dos mouros, como já vimos, muito aproveitara a terra portuguesa. Sobretudo o sul, necessitado de irrigação e tornado zona productiva pela sciencia dos invasores.

A reconquista, embora seguida da concessão de largos trechos de terra aos grandes guerreiros, não accentuou em Portugal traços e caracteristicos feudaes. Entre as concessões de terra a particulares encravaram-se sempre terras da Coroa ou do rei, cultivando-as foreiros e rendeiros. Destes é que recebia o monarcha, atravez de mordomos, rendas e foros ás vezes exaggerados. Metade da colheita do vinho. A terça parte da de trigo. Nas terras dos grandes senhores incumbia aos foreiros e rendeiros levantar e reparar os castellos e os moinhos, os fornos e os celleiros. A unidade economica formava-a

---

(1) Mercadal, *España vista por los estranjeros*, cit.

o solar — a mansão senhorial de taipa ou barro amassado, avó da casa-grande de engenho brasileiro. O regimen economico não se pode dizer que tenha sido a principio o da grande propriedade — considerando-se grandes proprietarios o rei, as fundações ecclesiasticas e todos aquelles por quem a conquista foi dividida — mas uma combinação desse regimen com o da cultura parcellada, «achando-se repartido o solo de cada grande acervo senhorial pelas sub-unidades a cargo dos adstrictos, no primeiro periodo, entregues mais tarde aos rendeiros e foreiros» (1).

Teve assim a formação agraria de Portugal, na sua primeira phase um equilibrio e uma solidez que nenhum dos dois regimens, sosinho, teria conseguido manter. Nem a pequena propriedade teria sido capaz da tensão militar, necessaria em terras agricolas rodeadas de inimigos fortes, nem o latifundio, sem a cultura parcellada, teria dado aos começos da economia portuguesa côres tão bôas de saude. Accresce a vantagem da grande propriedade nunca ter representado em Portugal desbragado privatismo. Contra os interesses particulares se fez sentir muitas vezes não só o poder da Corôa como o das grandes corporações religiosas, donas de algumas das melhores terras agricolas. Terras a que fizera jús o esforço guerreiro dos freires nas guerras da reconquista; e accrescidas, depois, de doações e legados dos monarchas e dos particulares devotos ou incapazes de vida agricola. «No povoamento e reducção á cultura de um paiz devastado pelas guerras cabe parte notavel á Igreja», escreve João Lucio de Azevedo. «Á roda dos mosteiros — accrescenta — desenvolvia-se o labor agricola. Parte consideravel da Estremadura foi arroteada e povoada, á iniciativa dos monges de Alcobaça. Outro tanto se pode dizer de lugares e de regiões differentes. Tambem bispos, monges e simples parochos foram grandes edificadores

---

(1) João Lucio de Azevedo «Organização economica», cit. Vd. tambem *Epocas de Portugal economico*, Lisbôa 1929, pelo mesmo auctor.

e reparadores de pontes, obras das mais meritorias naquelle tempo rude» (1).

Durante os tempos indecisos de lucta com os mouros foi principalmente á sombra das abbadias e dos grandes mosteiros, que se refugiou a agricultura, sob o cuidado dos monges. No interior dos claustros refugiaram-se industrias e artes. Escreve Esteves Pereira que os mosteiros em Portugal «a par de mansões de oração e de estudos se tornaram em focos e escolas de actividade industrial, em laboriosas colonias agricolas, que arrotearam sertões, desdobraram campinas incultas, que fecundaram varios territorios, até então desertos e maninhos» (2). Aos grandes mosteiros e corporações monasticas e religiosas, informa ainda Esteves Pereira que os particulaes doaram varias terras «por lhes faltarem elementos para os seus exercicios». Reconhecia-se assim no latifundio, isto é, na grande propriedade activa, a capacidade de acção colonizadora e civilizadora que faltava aos proprietarios menores ou ausentes. Estes foram absorvidos nas grandes propriedades por outro meio, além do das doações por incapacidade: pelas obrigações creadas por emprestimos que lhes facilitavam as ricas corporações religiosas, no desempenho de funcções como de bancos agricolas que por largo tempo exerceram na economia portuguesa. Mechanismo vantajoso para os interesses agrarios por não desviar as terras e os bens para a posse de capitalistas judeus ou burgueses ricos das cidades.

Um ponto nos surge claro e evidente: a acção creadora, e de modo nenhum parasitaria, das grandes corporações religiosas — freires, cartuchos, alcobacenses, cistercienses de São Bernardo — na formação economica de Portugal. Elles foram como que os verdadeiros antecessores dos grandes proprietarios brasileiros. Daquelles cujas casas-grandes de engenho foram tambem focos de actividade industrial e de beneficiencia. Officinas, asylos de

---

(1) João Lucio de Azevedo — *Epocas de Portugal Economico*, cit.
(2) J. M. Esteves Pereira — *A Industria Portuguesa*, cit.

orphãos, hospitaes, hospedarias. Os frades não foram em Portugal as simples montanhas de carne, asphyxiantes e estereis, em que alguns se deliciam em caricatural-os. Na formação agraria do tempo dos affonsinos foram elles o elemento mais creador e mais activo. Elles e os reis. Ao lado da tradição moura, foi a influencia dos frades, grandes agricultores, a força que em Portugal mais contrariou a dos judeus. Si mais tarde o parasitismo invadiu até os conventos é que nem a formidavel energia dos monges poude remar contra a maré. Contra o Oceano Atlantico — diga-se literalmente. Tanto mais que no sentido do grande Oceano, e das aventuras ultramarinas de imperialismo e de commercio, remavam os fortes interesses israelitas, tradicionalmente maritimos e antiagrarios.

Até trigo exportara Portugal na sua phase agraria, de saude economica; aquella em que maior foi a acção dos mosteiros. « Demos pão aos ingleses desde o reinado do senhor D. Diniz até o do Senhor D. Fernando », lembra-nos o esclarecido autor de certo opusculo escripto nos fins do seculo XVIII, em defesa dos frades portugueses (1). Para esse publicista, a decadencia da agricultura devia attribuir-se aos senhores inertes, ausentes de suas terras, entregues ao luxo das capitaes. Emquanto que nas propriedades ecclesiasticas era mais difficil de verificar-se tanto o absenteismo como o desmazelo: as fazendas nas mãos dos frades « são de ordinario mais bem cultivadas; porque se hum prelado ou presidente se descuida, o prelado-maior em suas visitações os adverte, e os companheiros os accusa da sua ignorancia ou negligencia: assim estas propriedades sempre têm olhos, e braços que as auxiliam, e por isso sempre rendem e se melhoram » (2). Dahi ter-se conservado melhor nos conventos do que nas mãos dos particulares a riqueza agri-

---

(1) *Os Frades julgados no Tribunal da Razão*, obra posthuma de Fr. —?——, Doutor Conimbrense, Lisbôa 1814.

(2) *Os Frades julgados*, etc., cit.

cola em Portugal — bem administrada pelos frades e pessimamente pelos particulares, senhores de latifundios estereis. Beckford, visitando Portugal no seculo XVIII — um Portugal já de fidalgos arruinados — poude recolher nos mosteiros por onde andou impressões de grande fartura. A cozinha de Alcobaça, por exemplo, maravilhou-o. Seus olhos, elle proprio o confessa que nunca viram em convento nenhum da Italia, da França ou da Allemanha tão largo espaço consagrado aos ritos das cousas culinarias. Muito peixe fresco das aguas do proprio convento. Uma fartura de caça das mattas proximas. Hortaliças e fructas maduras de toda especie das proprias hortas dos frades. Montes de farinha e de assucar. Gordas jarras de azeite. Trabalhando nesta abundancia enorme de massas, numerosa tribu de serventes e leigos. Gente toda feliz, cantando emquanto preparavam os pasteis e bolos para a mesa hospitaleira de Alcobaça. E o Dom abbade a dizer ao estrangeiro, maravilhado de tanta fartura, que «em Alcobaça não haveria de morrer de fome» (1).

Nada indica que nos solares de Portugal acolhessem o viajante inglês metade siquer daquella abundancia e variedade de viveres, todos frescos e da melhor qualidade. Viveres que alimentando centenas de ecclesiasticos, ainda chegavam para dar de comer a numerosos viajantes e indigentes. O Portugal que chegara a exportar trigo para a Inglaterra tornou-se, na sua phase de mercantilismo, o importador de tudo para a sua mesa — menos sal, vinho e azeite. Do estrangeiro vinham trigo, centeio, queijo, manteiga, ovos, gallinha. A não ser para os ultimos reductos de producção agricola e portanto de alimentação fresca e sadia. Esses reductos foram os conventos.

Por onde se vê que não deixou de ter motivos Ramalho Ortigão para desenvolver curiosa theoria sobre os frades em Portugal e a profunda influencia dos con-

---

(1) William Beckford — *Excursion to the monasteries of Batalha and Alcobaça* — London 1835. Veja-se tambem o seu *Italy with sketches from Spain and Portugal*, London 1834.

ventos no progresso do paiz. Os frades — argumentava Ramalho Ortigão — tendo constituido por varios seculos a classe pensante da nação, uma vez extinctas as ordens religiosas, a civilização portuguesa ficou acephala. Nenhuma outra classe herdou-lhe a preponderancia intellectual. Resultado, concluia Ortigão, da alimentação regular e perfeita dos frades; da irregular e imperfeita das outras classes, prejudicadas na sua capacidade de trabalho e estudo pela insufficiencia alimentar.

Colonizou o Brasil uma nação de homens mal nutridos. É falsa a ideia que geralmente se faz do português: um super-alimentado. Ramalho atinou com o engano, embora por um caminho incerto: atravez do reduzido consumo de carne em Portugal. Seria anti-hygienico que esse consumo fosse, em terra de clima africano, proporcionalmente o mesmo que nos paizes do Norte. Seguindo estreito criterio, idealizou o grande publicista um português alimentando-se da mesma fartura de *beef* que o inglês. Ora, esse português idealizado por Ortigão, teria sido um absurdo. Mas o consumo de carne que suas pesquisas surprehenderam em Lisbôa espantam pela miseria: kilo e meio por mez para cada habitante (1).

A deficiencia não foi, porém, só de carne de vacca: tambem de leite e de vegetaes. Desde cedo parece ter actuado desfavoravelmente sobre a saude e a efficiencia do português a preponderancia de peixe secco e da comida em conserva no seu regimen de alimentação. «O povo miudo vive pobremente, sendo a sua comida diaria sardinhas cosidas», informam Tron e Lippomoni que es-

---

(1) Ramalho Ortigão — *As Farpas*, Lisbôa. Varios os physiologistas modernos que ligam, como Mc Collum, Simonds, Chittenden, á prosperidade dos povos e á sua efficiencia, o consumo de alimento proteinico. Principalmente de carne e leite. As estatisticas de Roberts, para o Ministerio de Agricultura dos Estados Unidos, parecem indicar essa relação. O consumo de carne é maior nos paizes de gente mais efficiente e prospera: Estados Unidos (178 lbs.), Inglaterra e Irlanda (122), Allemanha (99), França (80), Suecia e Noruega (62). («Annual Production of Animals for Food and Per Capita Consumption of Meat in the United States», U. S. Department of Agriculture (1905), *apud* Ruy Coutinho, *Regimens alimentares entre nós*, em preparo.

tiveram em Portugal em 1520. « Raras vezes compram carnes, porque o alimento mais barato é esta casta de peixe... » E o pão « nada bom... todo cheio de terra ». Vitella, rara. Trigo vindo de fóra: de França, de Flandres, da Allemanha (1).

Informa Strabão que na peninsula, antes da occupação romana, durante os tres quartos do anno, os habitantes viviam de « pão de glandes », isto é, de uma massa de glandes esmagadas e trituradas depois de seccas. Vinhos só em dia de festa, nos banquetes ou comeisanas, quando era evidentemente mais farta e variada a alimentação (2).

Desde esses remotos tempos que se deve distinguir entre comeisanas e banquetes e a alimentação dos dias communs. Entre o regimen de reduzido numero de ricos e o da grande maioria — o da plebe rural e das cidades. As generalizações sobre o assumpto baseiam-se em factos excepcionaes — quasi os unicos registrados pelas chronicas historicas. Dahi a crença num português tracionalmente regalão, sempre rodeado de gordos piteus. De bois inteiros assados em espeto. De gallinhas, porcos, carneiros. Resultado de não se saber descontar nas chronicas o facto dellas só registrarem o extraordinario ou excepcional.

Alberto Sampaio dá-nos como cultivados na peninsula, nos tempos da dominação romana e nos immediatos, o centeio, a cevada, a aveia, o farello, o trigo — reservado o trigo, devido a sua producção pouco abundante, para a gente rica, « emquanto o mais commum devia ser a mistura de centeio e milho alvo ». Das leguminosas, o historiador nos dá a certeza das seguintes: fava, ervilha, lentilhas e chicaro. Fructas, os romanos introduziram varias nas provincias e desenvolveram a cultura de outras, indigenas. Mas foram os arabes que introduziram as laranjas, os limões e as tangerinas e os processos adiantados de conservação e aproveita-

---

(1) Alexandre Herculano, *Opusculos*, cit.
(2) Strabo *apud* Alberto Sampaio, *Estudos*, cit.

mento dos fructos em «fructos seccos». Processo que se communicaria vantajosamente ao Brasil, atravez das matronas portuguesas do seculo XVI que tão cedo se tornaram peritas confeiteiras de fructas tropicaes.

Como circumstancia particularmente desfavoravel á agricultura e, por conseguinte, ao supprimento de viveres frescos em Portugal, mesmo nos seus tempos de melhor saude economica, devem ser lembradas: as crises de clima, por um lado; por outro, as crises ou perturbações sociaes — guerras, epidemias, invasões, etc. Ainda assim pode-se concluir que a gente portuguesa atravessou nos seus começos, antes de transformar-se em potencia maritima, um periodo de alimentação equilibrada que talvez explique muita da sua efficiencia e das suas superiores qualidades de arrojo e de iniciativa até o seculo XVI. Indicam-no documentos antigos decifrados por Alberto Sampaio. Por exemplo: as obrigações da comida fornecida aos mordomos reaes por occasião de receberem as rendas. Dessas obrigações constam ora pão, carne, vinho, ora pão, vinho, leite fervido, frangos, filhós, carne de porco, queijo, manteiga, ovos, etc. Sampaio é o primeiro a commentar que muito maior era então a frequencia dos lacticinios na alimentação portuguesa que depois tanto se empobreceu delles e de carne vermelha. O qué o illustre historiador attribue, com evidente parcialidade, á «revolução cultural apurada pela introducção do milho maiz» (1).

As causas desse empobrecimento parecem-nos mais profundas e complexas. Elle reflecte a situação de miseria geral que creou para as Hespanhas o abandono da agricultura, sacrificada pelas aventuras maritimas e commerciaes; depois, a monocultura, estimulada em Portugal pela Inglaterra atravez do tratado de Methuem. As chronicas de banquetes, as tradições de comesainas, as leis contra a gula não nos devem deixar a illusão de um povo de super-alimentados. Sampaio mesmo deixa-nos

---

(1) Alberto Sampaio — *Estudos,* cit.

perceber nas populações do Minho o contraste entre a alimentação fraca e insufficiente dos dias communs e a desbragada dos jantares de festa. « Nos jantares de festa — escreve elle — as vitualhas accumulam-se em massas enormes: as grandes terrinas e escudellas de viveres, os largos pratos com peças desmedidas, seguem-se numa successão interminavel, intermeados com as *injusas* e canecões de vinho verde, que quanto mais rascante, mais estimula o apetite, aliás sempre complascente » (1). Desbragamento que indica alimentação normalmente pobre. Não nos esqueçamos nunca do caracter excepcional dessas comesainas: sua propria intemperança faz pensar em estomagos mal alimentados que umas quantas vezes por anno se expandissem em excessos como que compensadores de regimen de parcimonia alimentar dos dias communs.

Os jejuns devem ser tomados na devida conta por quem estude o regimen de alimentação do povo português, sobretudo durante os seculos em que sua vida domestica andou mais duramente fiscalizada pelo olhar severo da Inquisição. Da Inquisição e do jesuita. Dois olhos duros e tyrannicos, fazendo as vezes do de Deus. Fiscalizando tudo.

É possivel que correspondessem aos jejuns e aos frequentes dias de comida de peixe, fortes razões de Estado. Os jejuns terão contribuido para o equilibrio entre os limitados viveres frescos e as necessidades da população. Estimulava-se o povo ao regimen de peixe secco e de artigos de conserva, em grande numero importados do estrangeiro. O foral de Gaya, conferido por Affonso III em 1255, deixa entrever que já nos tempos affonsinos, de relativa saude economica, o peixe secco ou salgado avultava no regimen de alimentação portuguesa. Os pescadores, além da costa portuguesa, exploravam a gallega, colhendo peixe, salgando-o e remettendo-o para o consumo do povo. Já no seculo XIII, a carne vermelha começava a ser luxo ou pecado para imperar, trium-

(1) Alberto Sampaio — *Estudos,* cit.

phante e virtuoso, o peixe salgado. Leon Poinsard, no seu estudo *Le Portugal Inconnu*, lembra que os portugueses chegaram a exportar, na edade media, peixe salgado para Riga e que em 1353 Eduardo III da Inglaterra concedia-lhes o direito de pescarem nas costas inglesas (1). Mas esse exaggerado consumo de peixe, com deficiencia do de carne fresca e de leite, accentuou-se com o declinio da agricultura em Portugal. E deve ter contribuido de maneira consideravel para a reducção da capacidade economica do portugues, depois do seculo XV. Facto por alguns vagamente attribuido á decadencia de raça; por outros á Inquisição.

Pompeyo Gener pretende que «con los ayunos predicados por el clero» tenha degenerado «en costumbre el comer mal y poco». Refere-se á Hespanha mas pode estender-se a Portugal sua curiosa maneira de explicar porque «las razas antes inteligentes y fuertes que plobavam la peninsula enflaqueceran, se encanijaron, debilitandose fisica e moralmente; volvieranse improductivas y visionarias» (2). O critico hespanhol, atravez das palavras transcriptas, parece-nos inclinado a sobrecarregar de responsabilidades a Igreja pela deficiencia da alimentação hespanhola. Exaggero com que de modo nenhum concordamos. Parece-nos, porém, fóra de duvida que o appelo religioso ás virtudes de temperança, frugalidade e abstinencia; a disciplina ecclesiastica contendo no povo o appetite de mesa farta, reduzindo-o ao minimo, soltando-o apenas nos dias de festas e suffocando-o nos de preceito, — consciente ou inconscientemente agiram no interesse de equilibrio entre os limitados meios de subsistencia e os appetites e necessidades da população. De maneira que a critica, não é o clero ou a Igreja que merece. O mal vinha de raizes mais fundas. Do declinio da agricultura causado pelo desenvolvimento anor-

---

(1) Leon Poinsard — *Le Portugal Inconnu* — Paris 1910.

(2) Pompeyo Gener — *Herejias* — Barcelona 1888, *apud* Fidelino de Figueiredo — *Critica do Exilio*, Lisbôa 1930.

malissimo do commercio maritimo. Do empobrecimento da terra depois de abandonada pelos mouros. Do parasitismo judeu. O facto é que os observadores da vida peninsular nos tempos modernos, depois das conquistas, dos descobrimentos, da expulsão dos mouros e dos mouriscos, é que são os mais insistentes em salientar a extrema parcimonia da alimentação portuguesa ou hespanhola. «A temperança ou melhor abstinencia chega a limites inverosimeis» escreve um. Outro salienta a extrema simplicidade da comida da gente pobre: um taco de pão com uma cebola. No seculo XVII a fome chegaria até aos palacios: a embaixatriz de França em Madrid nessa epoca diz ter estado com oito ou dez camaristas que ha tempo não sabiam o que era comer carne. Morria-se de fome pelas ruas (1).

Já no seculo anterior — o da descoberta do Brasil — Clenardo notara nos lusitanos, mesmo fidalgos, que eram uns *comedores de rabano,* alimentando-se pouco e mal. Admiraveis de realismo e exactidão — observemos de passagem — as cartas desse Clenardo. Excedem as de Sasseti. Neste a tendencia para a caricatura está sempre a deformar-lhe o traço; o abuso da nota pittoresca a prejudicar-lhe a limpidez das informações. Clenardo, ao contrario, contem-se na gaiatices, offerecendo-nos um retrato honesto e fiel da vida lusitana de seu tempo. Antes de Alexandre de Gusmão dar seu grito de alarme contra o regimen de trabalho escravo em Portugal, attribuindo a essa instituição a indolencia do portugues, sua lentidão e esterilidade, já Clenardo salientara a extensão dos effeitos perniciosos do captiveiro sobre o caracter e a economia lusitana. Com a differença de Alexandre de Gusmão diagnosticar um Imperio já começando a desfazer-se de podre; Clenardo receitou-o pelos primeiros escarros de sangue. «Se ha povo algum dado á preguiça, sem ser o português, então não sei eu onde

---

(1) Buckle, op. cit.; Mercadal, *España vista por los estranjeros,* cit.

elle exista... Esta gente tudo prefere supportar a aprender uma profissão qualquer». Tão grande indolencia, a custa da escravidão: «Todo o serviço é feito por negros e mouros captivos. Portugal está a abarrotar com essa raça de gente. Estou quasi a crer que só em Lisbôa ha mais escravos e escravos que portugueses livres de condição... Os mais ricos teem escravos de ambos os sexos e ha individuos que fazem bons lucros com a venda de escravos novos, nascidos em casa. Chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas, para vender, sem que se offendam com as ribaldias das escravas (1). Ao excesso de escravos filiou Clenardo a horrivel carestia da vida em Portugal. Só a barba levava-lhe uma fortuna toda a semana. Assim mesmo o barbeiro fazendo-se esperar como um lorde. Serviços e generos — tudo tinha de ser arrancado ás mãos dos vendedores e dos artifices: a carne das mãos do carniceiro depois de se ter esperado a pé firme no talho duas ou tres horas.

A carestia da vida soffriam-na, entretanto, os portugueses de preferencia na sua vida intima, simulando fóra de casa ar e fausto de fidalgos. Em casa, jejuando e passando necessidade; na rua, ostentando grandeza. O contrario do dictado: «por fóra muita farofa, por dentro molambo só».

Clenardo retrata nas suas cartas os «faustosos comedores de rabanetes que trazem todavia pelas ruas atraz de si maior numero de creados do que de reaes gastam em casa». Tamanho era o luxo de escravos que alguns senhores se acompanhavam de um para levar-lhes o chapeo, outro o capote, um terceiro a escova para limpar o fato, um quarto o pente para pentear o cabello. Mas toda essa opulencia de roupa e criadagem na rua á custa de verdadeiro ascetiscmo dentro de casa. Esse brilho de vestuario á custa de verdadeira indigencia na alimentação. De falta absoluta de conforto domestico. Ou en-

---

(1) As cartas de Clenardo foram admiravelmente traduzidas pelo Cardeal Gonsalves Cerejeira e publicadas no seu livro *O Humanismo em Portugal — Clenardo*, cit.

tão á custa de dividas. Situação esta commum ás Hespanhas como mais tarde á America hispanica. Aos senhores de engenho do Brasil, por exemplo. Dos hispanos já generalisara em principios do seculo XVI o historiador Guicciardini: «...se teem o que gastar levam-se sobre o corpo ou sobre a cavalgadura, ostentando mais do que possuem em casa onde subsistem com extrema mesquinharia e tão economicamente que causa maravilha» (1). De outro humanista italiano, Lucio Marineo, resta-nos identica observação: «Uma cousa não quero deixar de dizer: que a maioria dos hespanhoes tem grande cuidado em vestir-se e em ataviar-se muito bem como gente de gastar mais no trajo e nos atavios do corpo do que na alimentação e em outras cousas por muito necessarias que sejam» (2). O mesmo observariam viajantes ingleses e franceses no Brasil dos seculos XVII e XVIII, onde ao esplendor das sedas e ao numero excessivo de escravos raramente correspondia o conforto domestico das nações do norte da Europa. Dampier surpreendeu na Bahia, em fins do seculo XVII, casarões enormes, mas mal mobiliadas. Cousa de que os portugueses e e hespanhoes não fazem caso — annota elle. Dahi as casas-grandes de senhores de engenho que viu no Brasil — todas de escasso mobiliario. E quadros na parede, raros — só numa ou noutra, mais requintada (3).

Enganam-se, ao nosso vêr, quem suppõe ter o portugues se corrompido na colonização da Africa, da India e do Brasil. Quando elle projectou por dois terços do mundo sua grande sombra de escravocrata já suas fontes de vida e de saude economica se achavam compromettidas. Seria elle o corruptor, e não a victima. Comprometteu-o menos o esforço, de facto extenuante para povo tão reduzido, da colonização dos tropicos, que a victoria, no proprio reino, dos interesses commerciaes sobre os agri-

---

(1) Mercadal, *España vista por los estranjeros*, cit.
(2) Mercadal, *España vista por los estranjeros*, cit.
(3) Dampier — *Voyages*, cit.

colas. O commercio maritimo precedeu ao imperialismo colonizador e é provavel que, independente deste, só pelos desmandos daquelle, Portugal se tivesse arruinado como paiz agricola e economicamente autonomo. A escravidão que o corrompeu não foi a colonial mas a domestica. A de negros de Guiné que emendou com a de captivos mouros.

Comprehende-se que os fundadores da lavoura de canna nos tropicos americanos se tivessem impregnado, em condições de meio physico tão adversas ao seu esforço, do preconceito de que « trabalho é só para negro ». Mas já seus avós, vivendo em clima suave, haviam transformado o verbo *trabalhar* em *mourejar*.

Desde quando a economia portuguesa deixou-se empolgar pela furia parasitaria de explorar e transportar riqueza, em vez de produzil-a, não é facil de dizer-se com precisão. Dois Portugaes antagonicos co-existiram por algum tempo, baralhando-se e confundindo-se na fervura das guerras e revoluções, antes de vencer o Portugal burguez e commercial. Poinsard assignalou a co-existencia de dois typos de familia ou de formação social, entre os portugueses. A familia feudal e a familia communaria (1). Mas os grandes anatagonismos que se defrontaram foram os economicos. O interesse agrario e o commercial.

A decadencia da economia agraria em Portugal, o modo porque a nação se mercantilizou a ponto de tornar-se grande casa de negocios com o proprio rei e os maiores fidalgos transformados em negociantes — está magnificamente traçado por Costa Lobo, Alberto Sampaio, Oliveira Martins, João Lucio de Azevedo (2). Antes delles já economistas antigos, de quinhentos e de seiscentos, haviam atinado com os inconvenientes, do latifundio de um lado

---

(1) Leon Poinsard, *Le Portugal Inconnu*, cit.

(2) A. Costa Lobo — *A Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*, cit.; Alberto Sampaio, *Estudos*, cit.; Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, cit.; João Lucio de Azevedo, *Epocas de Portugal economico*, cit.

e do mercantilismo do outro. Este roubando braços á lavoura e desviando della as melhores energias. Aquelle difficultando o aproveitamento de vastas regiões incultas e estereis. «Porque, sendo as herdades de muitos filhos — escrevia Severim de Faria nas suas *Noticias de Portugal* (Lisbôa 1655) — ficam de ordinario as tres partes della por semeiar, faltando por esta causa os muitos fructos que della se poderam colher e a commodidade que poderam dar a tantos homens que não acham lugar onde fazer um recolhimento onde se meta». Outro economista houve, entre os de seiscentos, admiravel de intuição e de bom senso. Mostrou comprehender que Portugal, mesmo dono das Indias e do Brasil, tornara-se, com a sua improductividade de nação simplesmente commercial, mero explorador ou transmissor de riqueza: «... será de estrangeiros a utilidade que a nossa industria descobriu nellas — refere-se ás colonias — e o nosso trabalho cultivou, e viremos a ser no Brasil uns feitores da Europa, como são os castelhanos, que para ella tira das entranhas da terra o ouro e a prata». Essa voz de propheta que tão claramente anteviu a exploração de Portugal pela Inglaterra foi a de Ribeiro de Macedo que em 1675 escreveu um ensaio profundo de bom senso: *Sobre a Introducção das Artes* (1).

Muito se tem fallado do caracter oceanico do territorio portugues como o irresistivel motivo de ter o povo lusitano abandonado a vida agricola pela de commercio e conquistas ultramarinas. O mercantilismo português, como a propria independencia do reino, teria sido inevitavel consequencia de condições geographicas. Tudo mussulmanamente determinado e o velho de Restello, em cuja bocca Camões dramatizou o conflicto entre os interesses da Agricultura e os do Oceano, teria apenas repetido o gesto ingenuo do rei Canuto querendo parar as ondas.

---

(1) Veja-se Antonio Sergio, *Antologia dos Economistas Portugueses*, Lisbôa 1924.

Mas as condições geographicas não determinam de modo absoluto o desenvolvimento de um povo; nem hoje se acredita na peculiaridade geographica ou ethnica de Portugal em relação ao conjuncto peninsular. A propria oceanicidade do territorio portugues em opposição á continentalidade da Hespanha não constitue senão factor insignificante de differenciação: «porque tambem ha oceanicidade no territorio hespanhol como ha continentalidade no territorio português», observa Fidelino de Figueiredo. E o erudito historiador lembra que «ha povos maritimos durante seculos desinteressados do mar como a Inglaterra e a França» (1). O mar não teria determinado sosinho a independencia nem o commercialismo portugues. Pode-se, ao contrario, salientar que Portugal quebrou a solidariedade peninsular fazendo da agricultura e não do commercio maritimo sua base principal de autonomia politica. Que foram as igualdades e não as differenças economicas que separaram Portugal da Hespanha. O excesso de semelhanças e não o de differenças. É verdade que esse excesso de semelhanças, tanto quanto as differenças, explorados por um elemento exotico — os adventicios vindos do norte que, por traição á Castella, fundaram a monarchia portuguesa.

Ganivet andou proximo dessa interpretação, extravagante só na apparencia, ao referir-se no seu *Idearium Español* a «...la antipatia historica entre Castilla e Portugal, nacida acaso de la semejanja, del estrecho parecido de sus caracteres». O odio ao hespanhol, já assignalámos como factor psychologico de differenciação politica de Portugal. Mas nem esse odio nem o fundamental, ao mouro, separaram o português das duas grandes culturas, uma materna, outra, por assim dizer, paterna, da sua. A hispanica e a berbere. Contra ellas formou-se politicamente Portugal mas dentro de sua influencia é que se formou o caracter português. Neste a romanização intensa não apagou os traços essenciaes his-

---

(1) Fidelino de Figueiredo — *Critica do Exilio*, cit.

panicos nem a reconquista christã os profundos traços berberes e mouros. É ponto que nos sentimos na necessidade de salientar porque explica nossa insistencia em considerar hispanica a formação social e cultural da America colonizada por hespanhoes e portugueses. Hispanica e não latina. Catholica, tingida de mysticismo e de cultura mahometana e não resultado da Revolução Francesa ou da Renascença Italiana. Neste ponto, collocamo-nos com Antonio Sardinha e contra F. Garcia Calderon. Impossivel negar-se que ao imperialismo economico da Hespanha e de Portugal ligou-se, da maneira mais intima, o religioso, de Igreja. A conquista de mercados, de terras e de escravos — a conquista de almas. Pode-se dizer que o enthusiasmo religioso foi o primeiro a inflammar-se no Brasil deante de possibilidades só depois entrevistas pelo interesse economico. Colonia fundada quasi sem vontade, com um sobejo apenas de homens, estilhaços do bloco de gente nobre que só faltou ir inteira do reino para as Indias, o Brasil foi por algum tempo a Nazareth das colonias portuguesas. Sem ouro nem prata. Somente pau de tinta e almas para Jesus Christo.

Para a escravidão, aliás, não necessitava o portugues de nenhum estimulo. Nenhum europeu mais predisposto ao regimen de trabalho escravo do que elle. No caso brasileiro, porém, parece-nos injusto accusar o português de ter manchado com instituição que hoje tanto nos repugna, sua obra formidavel de colonização tropical. O meio e as circumstancias exigiram o escravo. A principio o indio. Quando este, por incapaz e molengo, mostrou não corresponder ás necessidades da agricultura colonial — o negro. Sentiu o português com o seu grande instincto colonizador, que para completar-lhe o esforço de fundar agricultura nos tropicos — só o negro. O operario africano. Mas o operario africano disciplinado na sua energia intermittente pelos rigores da escravidão.

Deixemo-nos de lyrismo com relação ao indio. De oppol-o ao português como igual contra igual. Sua substituição pelo negro — mais uma vez accentuemos não se deu pelos motivos de ordem moral que os indianophilos tanto se deliciam em allegar: sua altivez deante do colonizador luso em contraste com a passividade do negro. O indio, precisamente pela sua inferioridade de condições de cultura — á nomade, apenas tocada pelas primeiras e vagas tendencias para a estabilização agricola — é que falhou no trabalho sedentario. O africano executou-o com decidida vantagem sobre o indio principalmente por vir de condições de cultura superiores. Cultura já francamente agricola. Não foi questão de altivez nem de passividade moral (1).

Teria sido mesmo «um crime escravisar o negro e leval-o á America?» pergunta Oliveira Martins. Para alguns publicistas foi erro e enorme. Mas nenhum nos disse até hoje que outro methodo de supprir as necessidades do trabalho poderia ter adoptado o colonizador português do Brasil. Apenas Varnhagen, criticando o caracter latifundiario e escravocrata dessa colonização, lamenta não se ter seguido entre nós o systema das pequenas doações. «Com doações pequenas, a colonisação se teria feito com mais gente e naturalmente o Brasil estaria hoje mais povoado — talvez — do que os Estados Unidos: sua população seria porventura homogenea e não teriam entre si as provincias as rivalidades que, se ainda existem, procedem, em parte, das taes capitanias» (2). Cita o

---

(1) Aliás, os negros não foram assim tão passivos. Ao contrario: mais efficientes — por mais adiantados em cultura — na sua resistencia á exploração dos senhores brancos que os indios. «Os negros luctaram», escreve Astrogildo Pereira a proposito da these de Oliveira Vianna de de não ter havido lucta de classes no Brasil. «Authentica lucta de classes que encheu seculos de nossa historia e teve o seu episodio culminante de heroismo e grandeza na organização da Republica dos Palmares, tendo a sua frente a figura epica de Zumby, o nosso Spartacus negro». (Astrogildo Pereira, «Sociologia ou apologetica?», cit.).

(2) Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, cit. Varnhagen é sempre de um simplismo infantil quando deixa a pura pesquisa historica, pela philosophia da historia.

exemplo da Madeira e dos Açores. Mas essas doações pequenas teriam dado resultado em paiz, como o Brasil, de clima aspero para o europeu e grandes extensões de terra? E de onde viria toda a gente que Varnhagen suppoz capaz da fundação de lavouras em meio tão diverso do europeu? Terra de insectos devastadores, de seccas, inundações. A sauva sosinha, sem outra praga, nem damno, teria vencido o colono lavrador, devorando-lhe a pequena propriedade do dia para a noite; consumindo-lhe em curtas horas o difficil capital de installação; o esforço penoso de muitos mezes. Tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiaria e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstaculos enormes que se levantaram á civilização do Brasil pelo europeu. Só a casa-grande e a senzala. O senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agricola e a elle obrigado pelo regimen de trabalho escravo.

Comprehenderam os homens mais avisados em Portugal, logo após as primeiras explorações e noticias do Brasil, que a colonização deste trecho da America tinha de resolver-se em esforço agrario. Um delles, Diogo de Gouveia, escreveu nesse sentido a D. João III. E ao decidir povoar os ermos da America, seguiu effectivamente El-Rei o criterio agrario e escravocrata de colonização, já esboçada nas ilhas do Atlantico.

Tudo deixou-se, porém, á iniciativa particular. Os gastos de installação. Os encargos de defesa militar da colonia. Mas tambem os privilegios de mando e de jurisdicção sobre terras enormes. Da extensão dellas fez-se um chamariz, despertando-se nos homens de pouco capital, mas de coragem, o instincto de posse; e accrescentando-se ao dominio sobre terras tão vastas, direitos de senhores feudaes sobre a gente que fosse ahi mourejar. A attitude da Corôa ve-se claramente qual foi: povoar sem onus os ermos da America. Desbraval-os do matto-grosso, defendel-os do corsario e do selvagem, transformal-os em zona de producção correndo as despezas por conta dos particulares que se atravessem a desvirginar

terra tão aspera. A estes se deve, na verdade, a coragem de iniciativa, a firmeza de animo, a capacidade de organização que presidiram o estabelecimento, no Brasil, de uma grande colonia de plantação.

Diante do successo alcançado pelo esforço dos primeiros senhores de engenho, é que a Corôa comprehendeu as possibilidades de riqueza colonial pela producção do assucar. Como observa João Lucio de Azevedo «o privilegio, outorgado ao donatario, de só elle fabricar e possuir moendas e engenho de agua, denota ser a lavoura do assucar a que se tinha especialmente em mira introduzir» (1). E as concessões todas e, mais tarde, o Regulamento de Thomé de Souza, affirmam a mesma politica de prestigiar-se a cultura do assucar na pessoa toda-poderosa do senhor de engenho (2). Claro que dahi só poderia resultar o que resultou: de vantajoso, o desenvolvimento da iniciativa particular estimulada nos seus instinctos de posse e de mando; de malefico, a monocultura desbragada. O mandonismo dos proprietarios de terras e escravos. Os abusos e violencias dos autocratas das casas-grandes. O exaggerado privatismo ou individualismo.

Mesmo assim, a economia colonial praticada no Brasil durante os primeiros dois seculos restituiu a Portugal côres de saude ha muito desapparecidas sob a furia morbida de exploração de riqueza, de rapina, de saque. Nos fins do proprio seculo XVI já havia em Portugal quem sentisse a superioridade do methodo de colonização adoptado no Brasil sobre o seguido na India e na Mina; e o quizesse generalizar ás outras terras da Corôa. «É juiso de Deus — argumentava o autor do «Discurso sobre as Cousas da India e da Mina» (1573) — é juiso de Deus que ganhando-se no Brasil dinheiro em assucar e

---

(1) João Lucio de Azevedo, *Epocas de Portugal Economico*, cit.

(2) Politica que tambem se revelou na jurisprudencia de se impedir a execução de senhores de engenho — que adquiriram assim uma situação excepcional como devedores. (Gilberto Freyre, «A agricultura da canna e a industria do assucar», *Livro do Nordeste)*, cit.

algodão, pau e papagaios, Va. A. perca muita fazenda em ouro fino» (1). Palavras a que o rei fez — litteralmente — ouvidos de mercador. Seu chamego continuou a ser com as terras ricas em metaes preciosos.

É verdade que para Portugal a politica social exigida pela colonização agraria representava esforço acima de suas possibilidades. Por maior que fosse a elasticidade do português, essas exigencias ficavam-lhe superiores aos recursos de gente. Numa feitoria, o capital humano era um; numa colonia agricola tinha de ser muito maior, mesmo contando-se com a acção multiplicadora da polygamia e da miscegenação. E Portugal, desde seus mais remotos tempos historicos, foi um paiz em crise de gente. As condições dysgenicas de região de transito — pestes, epidemias, guerras — accrescidas das de meio physico em largos trechos desfavoravel á vida humana e á estabilidade economica — seccas, terremotos, inundações — encarregaram-se de conservar a população rente com as necessidades nacionaes, desbastando-a dos excessos porventura conseguidos pela polygamia dos conquistadores africanos e pela fecundidade patriarchal dos lavradores e dos creadores nos trechos de clima suave e de solo fertil.

Reflectiu-se nas leis portuguesas o problema de escassez de gente ao qual parece ás vezes ter-se sacrificado a propria orthodoxia catholica. Vemos com effeito a Igreja consentir, em Portugal, no casamento de *juras*, ou secreto, consumado com o coito; e as Ordenações Manuelinas, e depois as Philippinas, o permittirem, considerando conjuges os que vivessem em publica voz e fama de marido e mulher. Uma grande tolerancia para com toda a especie de união de que resultasse o augmento de gente. Uma grande benignidade para com os filhos naturaes. Na propria Hespanha, notaram viajantes do seculos XVI e XVII que havia o maior despreso pelas leis contra a

(1) João Lucio de Azevedo, *Epocas de Portugal Economico*, cit.

mancebia, educando-se juntos, em muitas casas, filhos legitimos e naturaes (1). Nem se allegue o ascetismo dos frades e padres como obstaculo aos interesses nacionaes e imperiaes de povoamento e de geração. O concurso de grande parte, senão da maioria delles, á obra de procreação, foi tão generosamente acceito em Portugal que as Ordenações do Reino mandavam que as justiças não prendessem nem mandassem prender clerigo algum, ou frade, por ter barregã.

Os interesses de procreação abafaram não só os preconceitos moraes como os escrupulos catholicos de orthodoxia; e ao seu serviço vamos encontrar o christianismo que, em Portugal, tantas vezes tomou caracteristicos quasi pagãos de culto phallico. Os grandes santos nacionaes tornaram-se aquelles a quem a imaginação do povo achou de attribuir milagrosa intervenção em aproximar os sexos, em fecundar as mulheres, em proteger a maternidade: Santo Antonio, São João, São Gonçalo do Amarante, São Pedro, o Menino-Deus, Nossa Senhora do O', da Bôa Hora, da Conceição, do Bom Successo, do Bom Parto. Nem os santos guerreiros como São Jorge, nem os protectores das populações contra a peste como São Sebastião ou contra a fome como Santo Onofre — santos cuja popularidade corresponde a experiencias dolorosamente portuguesas — elevaram-se nunca á importancia ou ao prestigio dos outros — patronos do amor humano e da fecundidade agricola. Importancia e prestigio que se communicaram ao Brasil onde os problemas do povoamento, tão angustiosos em Portugal, prolongaram-se atravez das difficuldades da colonização com tão fracos recursos de gente. Uma das primeiras festas meio-populares, meio de igreja, de que nos fallam as chronicas coloniaes do Brasil é a de São João já com as fogueiras e as danças (2). Pois as funcções desse popularissimo santo são aphrodisiacas; e ao seu culto

---

(1) Mercadal, *España vista por los estranjeros*, cit.
(2) Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, cit.

se ligam até praticas e cantigas sensuaes. É o santo casamenteiro por excellencia:

« dai-me noivo, S. João, dai-me noivo
dai-me noivo que me quero casar. »

As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo d'agua; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comel-a; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente a mancha ou a nodoa na lamina; a da bacia d'agua, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram protecção em Santo Antonio. Por exemplo: as affeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desapparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados ás praticas de feitiçaria aphrodisiaca no Brasil. É a imagem desse santo que frequentemente se pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que attenda ás promessas o mais breve possivel. Os mais impacientes collocam-na dentro de urinóes velhos. São Gonçalo do Amarante presta-se a sem cerimonias ainda maiores. Ao seu culto é que se acham ligadas as praticas mais livres e sensuaes. Ás vezes até safadesas e porcarias. Attribuem-lhe a especialidade de arrumar marido ou amante para as velhas como a São Pedro a de casar as viuvas. Mas quasi todos os amorosos recorrem a São Gonçalo:

« Casae-me, casae-me
São Gonçalinho
Que hei de resar-vos
Amigo santinho. »

Excepção só das moças:

« São Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das velhas
Porque não casaes as moças?
Que mal vos fizeram ellas? »

Gente esteril, maninha, impotente é a São Gonçalo que se agarra nas suas ultimas esperanças. Antigamente no dia da sua festa dançava-se dentro das igrejas — costume que de Portugal communicou-se ao Brasil. Dançou-se e namorou-se muito nas igrejas coloniaes do Brasil. Representaram-se comedias de amor. Numa de suas pastoraes, recommendava em 1726 aos padres de Pernambuco Dom Frei José Fialho, por mercê de Deus e da Santa Fé Apostolica, bispo de Olinda: «...não consintão se fação comedias, coloquios, representações nem bailes dentro de alguma Igreja, capella, ou seus adros» (1). Isto em principios do seculo XVIII. De modo que talvez não exaggere Le Gentil de la Barbinais ao descrevernos as festas do Natal de 1717 que teria presenciado no convento de freiras de Santa Clara na Bahia. Cantavam e dançavam as freiras com tal algazarra que o viajante chegou a acreditar que estivessem possuidas de algum espirito zombeteiro. Depois do que representaram uma comedia de amor (2).

Em Pernambuco parece ter Dom Frei José Fialho clamado em vão porque em principio do seculo XIX Tollenare soube, no Recife, que ainda se dançava na igreja de São Gonçalo de Olinda. Só em 1817 os conegos prohibiram taes danças «porque os europeus as censuravam como uma indecencia indigna do templo de Deus» (3). Na Bahia dançava-se dia de São Gonçalo não só no convento do Desterro como na ermida de Nazareth, na igreja de São Domingos, na do Amparo, em varias outras (4).

---

(1) Pastoral de Dom Frei José Fialho, «dada em Olinda sob nosso selo, e sinal aos dezanone dias do mes de Fevereiro de mil setecentos e vinte e seis annos». MS do Archivo da Cathedral de Olinda gentilmente posto á nossa disposição pelo Revmo. Conego José do Carmo Baratta.

(2) Le Gentil de la Barbinais — *Nouveau voyage autour du monde*, cit.

(3) Tollenare — *Notas dominicaes* tomadas durante uma *viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817, e 1818* (parte relativa a Pernambuco traduzida do MS francês inedito por alfredo de Carvalho), *Rev. Inst. Arch. Geog. Pern.*, vol. XI, n. 61.

(4) J. da Silva Campos — «Tradições Bahianas», *Rev. Inst. Geog. Hist.* (Bahia), 56.

E mesmo depois de prohibição das danças, continuou o namoro nas igrejas. Até nas da Côrte. Max Radiguet ainda alcançou as moças das melhoras familias do Rio de Janeiro namorando com os rapazes na Capella Imperial: « accroupées sur leur chaise de tapisserie prenaient sans scruple des sorbets et des glaces avec les jeunes gens qui venaient converser avec elles dans le lieu Saint » (1). Namorando e tomando sorvete nas igrejas exactamente como noventa annos depois nas confeitarias e nas praias.

Mas outros caracteristicos pagãos do culto de São Gonçalo conservam-se em Portugal. Entre outros, as enfiadas de rosarios phallicos fabricados de massa doce e vendidos e « apregoados em calão fescenino » — informa Luis Chaves — pelas docceiras á porta das igrejas. E já nos referimos ao costume das mulheres estereis de se friccionarem « desnudadas, pelas pernas da imagem jacente do Bemaventurado, emquanto os crentes resam baixinho e não erguem os olhos para o que não devem ver » (2). A fricção sexual dos tempos pagãos accommodada a formas catholicas.

Como era natural, esses santos, protectores do amor e da fecundidade entre os homens, tornaram-se tambem protectores da agricultura. Com effeito tanto São João e Nossa Senhora do O' — ás vezes adorada na imagem duma mulher gravida — são santos amigos dos lavradores, favorecendo-os ao mesmo tempo que aos amorosos. No Brasil, como em Portugal, o povo do interior quando quer chuva costuma mergulhar Santo Antonio dentro d'agua. Em certas regiões do Norte quando ha incendio nos cannaviaes colloca-se a imagem do santo numa das janellas da casa-grande até abrandar o fogo. Quando ronca cheia ou inundação é ainda sua imagem que se oppõe ao perigo das aguas alagarem a lavoura. O São João é no Brasil, além de festa aphrodisiaca, a festa agricola

---

(1) Max Radignet — *Souvenirs de l'Amérique espagnole*, Paris 1848.

(2) Luiz Chaves — *O Amor Português — O namoro, o casamento, a familia.* Lisbôa.

por excellencia. A festa do milho cujos productos culinarios — a cangica, a pamonha, o bolo — enchem as mesas patriarchaes para as vastas comesainas da meia noite.

No Norte, quanto dá lagarta no algodão, ainda hoje costumam os lavradores rezar em cada canto da roça: «Virgem no parto, Virgem antes no parto, Virgem depois do parto». E no fim, tres Ave-Marias (1). A mesma associação da idea de fecundidade humana á idea de fecundidade da terra.

A festa de São Gonçalo do Amarante que La Barbinais assistiu na Bahia no seculo XVII surge-nos das paginas do viajante francês com todos os traços dos antigos festivaes pagãos. Festivaes não só de amor, mas de fecundidade. Danças desenfreadas em redor da imagem do santo. Danças em que o viajante viu tomar parte o proprio vice-rei, homem já de edade, cercado de frades, fidalgos, negros. E de todas as marafonas da Bahia. Uma promiscuidade ainda hoje caracteristica das nossas festas de igreja. Violas tocando. Gente cantando. Barracas. Muita comida. Exaltação sexual. Todo esse desadoro, — por tres dias e no meio da matta. De vez em quando, hymnos sacros. Uma imagem do santo tirada do altar andou de mão em mão, jogada como uma peteca de um lado para outro. Exactamente — notou La Barbinais — «o que outrora faziam os pagãos num sacrificio especial annualmente offerecido a Hercules, cerimonia na qual fustigavam e cobriam de injurias a imagem do semi-Deus» (2).

Festa evidentemente já influenciada, essa de São Gonçalo, na Bahia, por elementos orgiaticos africanos que teria absorvido no Brasil (3). Mas o residuo pagão, o elemento erotico caracteristico, trouxera-o de Portugal o

---

(1) Alberto Deodato — *Senzalas* — 1919.

(2) La Barbinais — *Nouveau voyage autour du monde*, cit.

(3) Não se faz idéa do que foram as procissões de Corpus Christi em Portugal nos seculos XV e XVI. Uma do seculo XV que vem descripta em *O Panorama*, (Lisbôa), vol. 2, 1838 pode servir de exemplo. Primeiro a procissão organizando-se, ainda dentro da egreja:

colonizador branco no seu christianismo lyrico, festivo, de procissões alegres com as figuras de Baccho, Nossa Senhora fugindo para o Egypto, Mercurio, Apollo, o Menino-Deus, os doze Apostolos, satyros, nymphas, anjos, patriarchas, reis e imperadores dos officios; e só no fim o Santissimo Sacramento (1). Não foram menos faustosas nem menos pagãs as grandes procissões no Brasil colonial. Froger notou na do Corpus Christi, na Bahia, musicos, bailarinos e mascarados em saracoteios lubricos. E uma que se realizou em Minas em 1733 foi uma verdadeira parada de paganismo ao lado dos symbolos do christianismo. Turcos e christãos. A Serpente do Eden. Os quatro pontos cardeaes. A Lua rodeada de nymphas. E no fim, uma verdadeira consagração das raças de côr: Cayapós e negros congos dansando á vontade suas dansas gentilicas e orgasticas em honra dos santos e do Santissimo (2).

---

pendões, bandeiras, dançarinos, apostolos, imperadores, diabos, santos, rabbis comprimindo-se, pondo-se em ordem. Pranchadas de soldados para dar modos aos salientes. A' frente, um grupo dançando a «judinga», dança judia. O rabbi levando a Toura. Depois dessa seriedade toda, um palhaço fazendo mungangas. Uma serpente enorme, de panno pintado, sobre uma armação de pau, e varios homens por debaixo. Ferreiros. Carpinteiros. Uma dança de ciganos. Outra de mouros. São Pedro. Pedreiros trazendo nas mãos castellos pequenos, como de brinquedo. Regateiras e peixeiras dançando e cantando. Barqueiros com a imagem de São Christovão. Pastores. Macacos. São João rodeado de sapateiros. A Tentação representada por uma mulher dançando, aos requebros. São Jorge, protector do Exercito, a cavallo e acclamado em opposição a Santo Iago, protector dos hespanhoes. Abrahão. Judith. David. Baccho sentado sobre uma pipa. Uma Venus semi-núa. Nossa Senhora num jumentinho. O Menino-Deus. São José. São Sebastião nú cercado de homens malvados fingindo que vão atirar nelle. Frades. Freiras. Cruzes alçadas. Hymnos sacros. O Rei. Fidalgos. Toda a vida portuguesa, emfim. Depois das conquistas, accrescentaram-se danças de indios e negros ás procissões do Reino.

(1) Sabe-se a grande importancia de Orixa ente os Yoruba como deus da fecundidade agricola (Veja-se sobre o assumpto Wilson D. Wallis. *An introduction to anthropology,* London.). Ainda hoje, em festas de seitas africanas no Brasil, sentem-se reminiscencias do culto da terra, o regosijo pelas colheitas fartas associado ao sentimento de amor e de fecundidade humana. Tambem reminiscencias do culto phallico (*Elegba* dos Yoruba) dos africanos.

(2) Affonso d'E. Taunay — *Sob El Rey Nosso Senhor — aspectos da vida setecentista brasileira, sobretudo em S. Paulo,* São Paulo — 1923.

Um catholicismo ascetico, orthodoxo, entravando a liberdade aos sentidos e aos instinctos de geração teria impedido Portugal de abarcar meio mundo com as pernas. As sobrevivencias pagãs no christianismo portugues desempenharam assim papel importante na politica imperialista. As sobrevivencias pagãs e as tendencias para a polygamia desenvolvidas ao contacto quente e voluptuoso com os mouros.

A culinaria portuguesa, tanto quanto o agiologio, recorda nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas fôrmas e ornamentos meio phallicos de bolos e doces, na condimentação picante, como que aphrodisiaca, dos guisados, cosidos e molhos, a vibração erotica, a tensão procreadora que Portugal precisou de manter na sua epoca intensa de imperialismo colonizador. Na culinaria colonial brasileira surprehendem-se iguaes estimulos ao amor e á fecundidade. Mesmo nos nomes de doces e bolos de convento, fabricados por mãos seraphicas, de freiras, sente-se ás vezes a intenção aphrodisiaca, o toque fescenino a confundir-se com o mystico: suspiros-de-freiras, toucinho-do céo, barriga-de-freira, manjar-do-céo, papos-de-anjo. Eram os bolos e doces por que suspiravam os freiraticos á portaria dos conventes. Não podendo entregar-se em carne a todos seus adoradores, muitas freiras davam-se a elles nos bolos e caramellos. Estes adquiriam uma especie de symbolismo sexual. Observa Afranio Peixoto num dos seus romances de costumes brasileiros: «...não foram outros como nós, gosadores, que lhes demos (aos bolos e doces da sobremesa patriarchal) taes appellidos, mas as suas autoras, as respeitaveis abbadessas e freiras dos conventos portugueses nos quaes a occupação, mais do que o serviço divino, era a fabrica dessas iguarias» (4). Isto depois de recordar os nomes, alguns bem fesceninos, da gulozeima luso-brasileira: beijinhos, desmamados, le-

---

(1) Afranio Peixoto, *Uma Mulher como as Outras*, Rio 1927. Já salientara Sousa Viterbo em *Artes e Artistas em Portugal, (Contribuição para a historia das artes e industrias portuguesas)*. Lisbôa 1892, o facto de que as freiras portuguesas — nem todas amantes de reis,

vanta-velho, linguas-de-moça casadinhos, mimos-de-amor. Não ha quem não possa accrescentar á lista outros nomes, igualmente suggestivos, de bolos e gulodices. E é curioso o facto de chamar-se «dinheiro para comprar bôlo» o que dão certos paes brasileiros aos filhos rapazes, em idade, segundo elles, de «conhecer mulher». De conhecer outro bôlo, sem ser o de gomma ou o de milho. Sabe-se aliás da intima relação entre a libido e os prazeres do paladar (1).

Outro aspecto da obsessão que se tornou em Portugal o problema do amor physico surprehende-se no facto de não haver, talvez, nenhum paiz onde a anecdota fescenina ou obscena tenha maiores apreciadores. Nem em nenhuma lingua os palavrões ostentam tamanha opulencia. Os palavrões e os gestos. Byron foi o que aprendeu do idioma portugues na sua rapida passagem por Lisbôa: sonoros palavrões que nas cartas ao seu amigo, o Rev. Francis Hogson, felizmente não soube escrever direito: *carracho, ambra di merdo. Carracho,* para D. G. Dalgado — nos seus commentarios ás cartas de Byron — deve ser caramba (2); identificação que não nos parece correcta. Quer nos parecer que o poeta inglês procurasse graphar palavra menos innocente e mais portuguesa do que caramba. O erotismo grosso, plebeu, domina em

---

fidalgos ou eclesiasticos, algumas simples namoradas de *freiraticos* e muitas, verdadeiras noivas de Nosso Senhor — «satisfaziam a sua indole caseira, entregando-se aos mistéres da culinaria, consagrando o seu melhor affecto aos «peitos de Venus» e aos «papos d'anjo».

(1) Inevitavel, aqui, a citação de Freud, que já estava tardando. Pensa elle ter-se derivado da primitiva expressão da libido — a transmissão de semen pela bocca, como no caso do paremoecium e de outras formas atrazadas da vida — o facto de, ainda hoje observar-se no amor humano reminiscencia do antigo processo como que de assimilação. (Sgd. Freud — *Psycho'ogie collective et analyse du moi* — tr. Paris 1924). No Bras'l, o uso do verbo «comer» é bem caracteristico, sob esse ponto de vista. Tambem o uso das expressões «comida», «piteu», «succo», «pirão», «uva», etc. Pelo mesmo criterio cremos poder explicar-se o symbolismo sexual dos nomes de bolos e dos doces portugueses e brasileiros e as formas phallicas de alguns.

(2) D. G. Dalgado — *Lord Byron's Child Harold's pilgrimage to Portugal* — Lisbôa 1919.

Portugal todas as classes, considerando-se effeminado o homem que não faça uso dos gestos e dos palavrões obscenos. A mesma cousa no Brasil, onde esse erotismo lusitano só fez encontrar ambiente propicio nas condições lubricas de colonização. A maior delicia do brasileiro é conversar safadesa. Historias de frades com freiras. De portugueses com negras. De ingleses impotentes. Cremos, porém, que só em Portugal se consideraria pilheria de salão a que nos referiu um amigo illustre. Passou-se com elle numa das mais fidalgas casas de Lisbôa e em sociedade mixta elegantissima. Á hora da ceia annunciou-se uma surpresa aos convivas. Essa surpresa era nada mais nada menos do que os pratos, á mesa, substituidos por papeis hygienicos; e sobre elles, fino doce de côr parda, esparramado em pequenas porções. Imaginem-se entre os convivas, ingleses ou norte-americanos! Teriam succumbido de pudor. Em Portugal e no Brasil é commum pilheriar-se em torno desse e de assumptos parecidos; somos todos de um rude naturalismo, em contraste com os excessos de reticencia caracteristicos dos anglo-saxões.

Certo Rev. Creary, que andou pelo Brasil nos tempos da escravidão e cujo diario se conserva na secção de manuscriptos da Bibliotheca do Congresso, em Washington, diz horrores da pouca-vergonha dos brasileiros. Cita o exemplo de uma menina de 11 ou 12 annos que elle ouviu, bestificado, dizer de um irmão pequeno, menino de andar ainda no collo, que lhe fizera pipi no vestido. Outro facto o horrorisou: os annuncios em jornaes do Rio de solteirões indecorosos dizendo precisarem de ama mas dando a entender que para outros misteres, além de cuidar da cozinha ou da casa (1). Não imaginemos o Rev. Creary nenhum monstro de puritanismo: estava-se então na epoca da rainha Victoria. Livros de etiqueta

---

(1) R. Creary — *Brasil under the Monarchy — A Record of Facts and Observations, e Chronicas Lageanas.* MS na Bibliotheca do Congresso de Washington.

ingleses chegavam a aconselhar ás senhoras de tom que não misturassem na mesma prateleira de estante livros de autores masculinos e femininos. Cada sexo na sua prateleira. Em bôa sociedade não se fallava, nem na Inglaterra nem nos Estados Unidos, em perna de cadeira ou de mesa, evitando-se a suggestão sensual de perna de mulher. Pelo que respondendo a um ingles da marca de Creary — certo Mansfield — escrevia em 1861 um nosso compatriota, A. D. de Pascual: «...as nossas brasileiras não desmaiam se pronunciamos na sua presença as palavras perna, collo, etc., como as inglesas embora não façam ver nas ruas, carruagens e salões as realidades dessas palavras». Apenas não negava Pascual, depois de oppor tão triumphantemente uma convenção á outra, que «a existencia dos escravos nas nossas habitações» fosse «um grande inconveniente para a educação das nossas filhas e familias...» (1).

Nessa instituição social — a escravidão é que encontramos na verdade o grande excitante de sensualidade entre os portugueses, como mais tarde entre os brasileiros. Talvez o maior, em Portugal, abaixo da necessidade de gente para a tarefa de colonização. Tarefa desproporcionada aos recursos normaes da população e obrigando-a a manter-se sempre super-excitada, no interesse da procreação á grande.

A escravidão, de que sempre se serviu a economia portuguesa, mesmo nos seus tempos de rija saude, tomou aspecto accentuadamente morbido ao tornar-se a monarchia mercantil e imperialista. «A vida do escravo — diz-nos Alexandre Herculano referindo-'se ao seculo XVI — era nessa epoca verdadeiramente horrivel em Portugal» (2). E isto devido á necessidade de corrigir-se a todo custo o desequilibrio demographico e economico causado pelas conquistas e aventuras de ultramar. Foi o que corrompeu

---

(1) A. D. de Pascual —

(2) Alexandre Herculano — *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* — Lisbôa MDCCLXXIX.

o regimen de trabalho. O que azedou as relações, outr'ora, senão saudaveis, dentro de limites mais doces, entre senhores e servos em Portugal. Sob novos estimulos, os senhores foram os primeiros a favorecer a dissolução «...para augmentarem o numero das crias, como quem promove o accrescimo de um rebanho». «Era permittido entre elles (os escravos) o concubinato, misturando-se baptisados e não baptisados, e tolerando-se até, essas relações illicitas entre servos e pessôas livres» (1). Não é outra a impressão que nos transmitte o italiano João Baptista Venturino que em 1571 esteve em Portugal acommhando o cardeal Alexandrino, legado do Papa. Os escravos, consideravam-nos então os portugueses como os italianos as raças de cavallo. Tratavam-nos pelo mesmo methodo. «Que o que se buscava — informa o italiano — era ter muitas crias para as vender a trinta e a quarenta escudos» (2). As necessidades de braços, tanto no reino, desfalcado pela emigração, como nas colonias agricolas, tornavam proveitosissimo o commercio de gente.

Não se pode attribuir ao regimen de trabalho escravo, por si, toda a dissolução moral da sociedade portuguesa salientada pelos viajantes extrangeiros depois do seculo XV. Nem a devassidão era só portuguesa mas iberica, embora accentuando-se em traços mais grossos entre os portugueses.

Da Hespanha, e não de Portugal, escreveu no seculo XVII Madame D'Aulnoy, baseada em bons informantes, que os jovens aristocraticos desde os doze ou quatorze annos começavam a ter mancebas havendo poucos que em tão verde edade não estivessem doentes de males venereos. Que as mancebas se ostentavam. Que se educavam muitas vezes em promiscuidade os filhos legitimos e os naturaes. Que nas casas mais nobres se fallava abertamente de doenças do mundo, por todos

---

(1) Alexandre Herculano, *op. cit.*

(2) «Viagem do Cardeal Alexandrino», *in* Alexandre Herculano, *Opusculos*, cit.

supportadas com paciencia, sem ninguem envergonhar-se de tamanha desgraça (1).

Soffreram os colonizadores, não exclusiva ou directamente da America, mas das colonias em geral, dos contactos com povos exoticos e raças atrazadas, das conquistas e das relações ultramarinas, decidida influencia no sentido da dissolução moral. O onus moral do imperialismo.

Reconhecendo essa influencia geral do imperialismo sobre a vida e a moral sexual dos povos hispanicos, devemos, entretanto, recordar que sobre elles actuaram condições de meio physico, de situação geographica, de desenvolvimento historico particularmente perturbadoras da moralidade christã: o constante estado de guerras causando na peninsula o fluxo e o refluxo de populações; as alternativas de hegemonia; a extrema mobilidade social; a instabilidade economica; os contactos cosmopolitas por via maritima; a convivencia com os mahometanos polygamos. Junte-se a essas circumstancias certa disparidade, nos vestuarios e nas praticas de hygiene domestica entre as exigencias ou normas de moral sexual christã do Norte da Europa e o clima africano de Portugal e de grande parte da Hespanha. Todas essas influencias devem ter concorrido para o facto de excitar-se mais cedo que no Norte a fome sexual nos adolescentes, dahi resultando os donjuans de 14 annos.

No caso do brasileiro, desde menino tão guloso de mulher, actuaram, ainda com mais força, influencias de caracter social contrarias á continencia, ao ascestimo, á monogamia. Entre nós o clima tropical terá indirectamente contribuido para a super-excitação sexual de meninos e adolescentes; para a sua antecipação, tantas vezes morbida, no exercicio de funcções sexuaes e conjugaes. Menos, porém, que as influencias puramente sociaes. Procuraremos mostrar no capitulo seguinte a força tremenda com que estas actuaram.

---

(1) Mercadal — *España vista por los estranjeros,* cit.

Montesquieu e recentemente o escritor politico, tão em voga na Allemanha imperialista de antes da guerra, Treitschke, attribuiram ao clima tropical a sensualidade, a polygamia e a escravidão. A primeira devido ao facto das meninas parecerem tornar-se mais cedo mulheres nos tropicos do que nos paizes de clima frio ou temperado. A propria escravidão julga-a Treitschke «o complemento do harem» e, por conseguinte, da sensualidade precoce.

Não é ponto sobre o qual se possa sentenciar, esse do clima tropical antecipar por influencia sua, directa, a vida sexual. Ha quem desloque o facto para a questão de raça e até para a social, de classe e ambiente. Que nos adventicios o clima super-excite os orgãos sexuaes e antecipe nas mulheres a menstruação parece fora de duvida (1). Que continue a excital-o nos individuos já aclimatados, é ponto dubio. Quanto á menstruação occorrer mais cedo nos tropicos, as estatisticas nos surprehendem com o facto de tambem entre esquimós a puberdade ser precocemente attingida (2). Dahi o criterio de raça que

---

(1) A. Jousset — *apud* William Z. Ripley — *The Races of Europe, a Sociological Study*, cit.

(2) O assumpto foi estudado por Ribbing *(L'Hygiène sexuelle et ses consequences morales)* que reuniu as seguintes dados estatisticos sobre a edade do inicio da menstruação: Laponia, Suecia, 18 annos; Christiania, 16 annos, 9 mezes e 25 dias; Berlim, 15 annos, 7 mezes e 6 dias; Paris, 15 annos, 7 mezes, 18 dias; Madeira, 14 annos e 3 mezes; Sierra Leone e Egypto, 10 annos. Nas mulheres esquimós a menstruação começa aos 12 ou 13 annos. Moll registra a informação (de Jacobus X —, *Lois Genitales*, Paris 1906) de entre as mulheres francesas das Antilhas a menstruação raramente verificar-se antes dos 14 annos; emquanto que nas mulheres africanas, nas mesmas ilhas, a menstruação começa, como na Africa, aos 10 ou 11 annos. Salienta Moll a possibilidade da influencia do clima exercer-se cumulativamente em successivas gerações, não produzindo effeito completo senão depois de varias gerações. (Albert Moll, *The sexual life of the child*, tr. New York 1924). No Brasil, não são as mesmas as edades em que se inicia o apparecimento da puberdade, variando do Amazonas ao Rio Grande (Joaquim Moreira da Fonseca, «Casamento e Eugenia», *1.º Congresso Brasileiro de Eugenia*, Rio de Janeiro 1929). Em Portugal, a edade em que as meninas attingem a puberdade é fixada por Dalgado em 14 annos (D. G. Dalgado, *The Climate of Portugal*, cit.). De accordo com os estudos, mais recentes que os de Ribbing, de G. J. Engelman («First age of menstruation in the North American Continent», *Transaction of the American gynecological socety*, 1901) a edade da menstruação varia com o clima de 12.9 annos

alguns pretendem applicar ao assumpto, de preferencia ao de clima. Mas a despeito de tão importante excepção, a tendencia geral, registrada pelas estatisticas, é effectivamente no sentido da menstruação verificar-se mais cedo nos tropicos que nos paizes de clima frio ou temperado.

Referindo-nos á influencia do clima africano sobre a vida sexual dos hispanos consideramos menos a influencia directa, que a indirecta, provocadora de reacções importantes — as instituições sociaes norte-africanas correspondentes a necessidades do ambiente, do meio physico, do clima. A polygamia e a escravidão, entre outras. O facto é que essas instituições, com a sua serie de irregularidades sexuaes, se apresentam particularmente ligadas ao clima por assim dizer mussulmano do Norte da Africa. Clima que teria actuado sobre as populações hispanicas a favor da Africa moura e contra a Europa christã. Que teria predisposto singularmente portugueses e hespanhoes para a colonização polygama e escravocrata dos tropicos na America.

O português no Brasil muito transigiu com a hygiene nativa, quer a da habitação, quer a pessoal. Na pessoal, adoptando o banho diario e desembaraçando as crianças dos cueiros e abafos grossos. Na da habitação adoptando dos indios a coberta de palha, como adoptara dos asiaticos a parede grossa e o alpendre. Tambem teve o bom senso de não despresar de todo os curandeiros indigenas pela medicina official do reino, apesar dos jesuitas declararem áquelles guerra de morte. Mas os proprios jesuitas, combatendo nos curandeiros os mysticos, absorveram delles varios conhecimentos de plantas e hervas. É provavel que nas mãos de um curandeiro indigena estivesse mais segura a vida de um doente, no Brasil dos primeiros tempos coloniaes, do que nas de um medico vindo do

---

annos nos paizes quentes para 16.5 nos frios. Deve-se notar que, em geral, as meninas das classes baixas attingem mais cedo a puberdáde que as das classes altas. (Pitirim Sorokin, *Contemporary Social Theories*, New York, London 1928).

reino, extranho ao meio e á sua pathologia. Frei Caetano Brandão, bispo do Grão Pará e homem de profundo bom senso, dizia ser «melhor tratar-se uma pessôa com um tapuya do sertão, que, observa com mais desembaraçado instincto, do que com um medico desses vindos de Lisbôa» (1). E Joaquim Jeronymo Serpa, tendo estudado para cirurgião nos hospitaes de Lisbôa, ao voltar á colonia inclinou-se mais á arte dos tapuyos que á sciencia dos doutores da Metropole: não perdendo occasião de aconselhar o pão cardoso em lugar da raiz de Altheia, o pau tacagé para adstringente, a gomma de cajueiro em vez de arabica (2). São traços, todos esses que indicam o pendor português para a adaptação.

A aclimatação propriamente dita é difficil de determinar até que ponto tem se realisado com vantagem no Brasil. Difficil de separal-a da adaptação. Difficil de precisar até que ponto os europeus do sul, os portugueses em particular, se teem aclimatado melhor que os do norte. O confronto seria quasi impossivel. Raras são as familias no Brasil tropical que se teem mantido brancas ou quasi brancas. Mas um caso talvez seja susceptivel de estudo no Norte, região essencialmente tropical e de formação aristocratica como nenhuma: o dos Wanderleys de Serinhaem e Rio Formoso. Familia fundada nos principios do seculo XVII, por Gaspar van der Lei, fidalgo do sequito do conde Mauricio de Nassau, radicou-se no extremo sul da capitania e aqui tem conservada, por *inbreeding*, relativa pureza nordica. Attesta-o a predominancia, nos seus membros, da pigmentação côr-de-rosa, dos olhos azues muito claros e do cabello louro ou ruivo. O *in-breeding* — note-se bem — menos por preconceitos de raça do que pelos sociaes, de familia, observados sempre nas velhas zonas ruraes do Brasil em que os casamentos de primos com primas e tios com sobrinhas se succe-

---

(1) Frei Caetano Brandão, *apud* Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis* — Rio de Janeiro, 1932.

(2) Antonio Joaquim de Mello — *Biographias* (mandadas publicar pelo Governador Barbosa Lima) — Recife 1895.

deram atravez de gerações. Maria Graham surpreendeu-se da frequencia dessas uniões consanguineas, em que parece ter sentido certo gosto mau de incesto; e nos meiados do seculo XIX chegou o casamento de primos com primas e de tios com sobrinhas a ser o assumpto de muita these alarmista de doutoramento, nas faculdades de medicina do Imperio (1).

Dos Wanderleys teem sahido para a vida politica, para a magistratura e o sacerdocio, alguns homens illustres, embora nenhum com caracteristicas de genio — excepção, talvez, do barão de Cotegipe, um dos maiors estadistas do Imperio. Mas este, ao que parece, com a sua pinta de sangue negro. Por outro lado poderiam colher-se exemplos numerosos, entre os Wanderleys authenticos — entre os mais louros e côr-de-rosa — de degenerados pelo alcool. Irregularidade pela qual chegam a ser celebrados no folk-lore rural brasileiro, do mesmo modo que os Albuquerques pela tendencia para mentir (mythomania), os Cavalcanti — familia pernambucana que se deriva do fidalgo florentino Felippe Cavalcanti — pelo horror a pagar dividas, e os Souza Leão e Carneiro da Cunha pela erotomania. Nas palavras do povo: «Não ha Wanderley que não beba; Albuquerque que não minta; Cavalcanti que não deva (2). Nem Souza Leão ou Carneiro da Cunha que não goste de negra.

---

(1) A este proposito escreveu Julio Bello interessante comedia em que um representante de cada uma das tres velhas familias apparece no esplendor do vicio que a tradição lhe attribue. E' trabalho de que existe apenas uma edição particular, da *Revista do Norte,* de José Maria Carneiro de Albuquerque e Mello.

(2) Os casamentos consanguineos foram communs no Brasil não só por motivos economicos, faceis de comprehender no regimen de economia particular, como sociaes, de exclusivismo aristocratico. Sobre os aristocratas ruraes da Bahia escreveu Sá Oliveira que, conservando-se individuos altos, revelavam entretanto no todo «qualquer cousa de degenerescencia physica». O que attribuiu ás «uniões conjugaes dentro de esphera mui limitada, afim de não introduzirem na familia sangue que revele a condição de ex-escravo». (J. B. de Sá Oliveira, *Evolução Psychica dos Bahianos,* Bahia 1894). Mas não indica quaes fossem os traços de degenerescencia. Os modernos estudos de genetica, em vez de confirmarem de modo absoluto a idea de Darvini — «Nature abhores perpetual self-fertilization» — indicam que os resultados

Mas contra generalizações que interpretassem o alcoolismo dos Wanderleys como degeneração de raça nordica por effeito do clima quente, levanta-se a circumstancia de não sabermos até que ponto seja responsavel por taes excessos a raça em conflicto, ou difficuldade de adaptação, com o clima. O alcoolismo bem pode ser resultado de tara de familia, favorecida por condições sociaes. Os estudos genealogicos entre nós, realizados superficialmente, para attender a vaidade de barões do Imperio e de snobs da Republica, carecem de realismo e de profundidade que correspondam ás necessidades propriamente scientificas. No caso dos Wanderleys impõe-se detalhado estudo dos antecedentes de Gaspar. Delle se sabe por Wâtjen que era de gente nobre mas homem de caracter fraco. Pelo menos — na opinião dos chronistas hollandeses. Que fraqueza de caracter seria essa? A de caçador de dote? A de transfuga? A de ebrio? Até que ponto podemos acceitar o depoimento dos hollandeses, suspeitos no assumpto, desde que Gaspar foi uma especie de Calabar ás avessas, trahindo a propria gente, para collocar-se ao lado dos pernambucanos e da noiva? É verdade que noiva rica, filha de senhor de engenho. Outros hollandeses casaram-se com brasileiras — informa-nos o marquez de Basto; mas de familias menos importantes — circumstancia que explica, juntamente com o facto de não terem triumphado social e economicamente, a insignificancia de sua descendencia.

O facto de se encontrarem tantos Wanderleys degenerados pelo alcool e destituidos do antigo prestigio aristocratico prende-se a causas principalmente sociaes e economicas que envolveram outras familias illustres, da era colonial, hoje igualmente decadentes: a instabilidade da riqueza rural causada pelo systema escravocrata e da monocultura; as leis sobre successão hereditaria, favoraveis á dispersão dos bens; a lei da abolição, sem nenhuma in-

---

do *in-breeding*, quando maus, dependem mais da composição genetica dos individuos que de influencia perniciosa inherente ao processo (East e Jones, *Inbreeding and outbreeding*, apud Pitt-Rivers, *op. cit.*).

demnisação aos senhores de escravos. Lei que colhendo São Paulo já cheio de immigrantes europeus, apanhou o Norte desprevenido, sem outros valores que os escravos africanos.

Uma familia, por exemplo, como os Paes Barreto, tambem de Pernambuco e tanto quanto os Wanderleys, em Serinhaem e Rio Formoso, radicada, atravez de seculos, a uma só região do Estado — o actual municipio de Cabo; familia garantida, como nenhuma outra no Brasil, na successão dos seus bens e na pureza de sua linhagem aristocratica, pelo privilegio do morgadio; uma familia assim privilegiada e defendida contra os perigos de dispersão, é hoje das mais dispersas e decadentes. Onde estão os Paes Barreto, continuadores dos que, até o principio do seculo XIX, exerceram acção preponderante sobre os destinos de Pernambuco? Muitos, dos de melhor ascendencia, arrastam-se por mesquinhos empregos publicos. Outros são donos de engenhocas miseraveis.

A questão da degenerescencia de europeus que se teem conservado relativamente puros no Brasil é difficillima de apurar deante das condições de instabilidade social caracteristicas de nossa formação agraria. Da dependencia em que vivemos, primeiro do assucar; depois do café; e sempre do escravo negro.

Em regiões de clima diverso do nosso clima, considerado *bom* e até *optimo,* no sentido technico desses graus, tem-se verificado, por effeito das mesmas influencias sociaes — a escravidão e a monocultura — phenomenos de degenerescencia e dispersão semelhante aos verificados no Brasil. Entre nós, Joaquim Nabuco, occupando-se da sociedade escravocrata do seu tempo, notou a tendencia para a fortuna passar das mãos dos que a fundaram para a dos credores. Accrescentando: «... poucos são os netos de agricultores que se conservam á frente das propriedades que seus paes herdaram; o adagio «pae rico, filho nobre, neto pobre» expressa a longa expe-

riencia popular dos habitos da escravidão, que dissipam todas as riquesas, não raro no extrangeiro...» (1). Facto identico observou-se no Sul dos Estados Unidos sob a pressão das mesmas forças sociaes de inconstancia e instabilidade; no proprio Norte, sob a influencia de outros factores de degradação (2); e no Brasil, em São Paulo —região de clima tão mais favoravel que o de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão aos europeus do Norte. Que sirva de exemplo a familia Leme, tambem de origem nordica, outr'ora tão illustre, hoje decadente, só lhe restando, talvez, do antigo brilho, a eloquencia do Cardeal Dom Sebastião Leme. «E o que é feito dessa familia? Que fim teve?» perguntava ha annos Antonio A. da Fonseca. «O mesmo fim que terão quasi todas as familias hoje importantes e que na segunda ou terceira geração serão o que hoje se chama *caipira,* ou caboclos, como são os descendentes dos poderosos Lemes de 1720... Eu conheci no bairro do Cajurú um caipira ou caboclo, que vivia do seu trabalho de enxada, e que acompanhou meu pae nas corridas de veado na qualidade de cachorreiro, ganhando por isso alguns patacos; este caipira era Apolinario Leme, descendente dos potentados aos quaes El-rei de Portugal perdoava seus crimes...» E não só Apolinario Leme reduzido a cachorreiro conheceu Fonseca; mas netos de capitães-mores arrastando-se por empregos rasteiros: uns feitores, outros *camaradas.* «O filho de um dos signatarios das emendas do projecto da Constituição» achatado em meirinho de Itú. O neto legitimo de um barão do Imperio — feitor de uma fazenda de

---

(1) Joaquim Nabubco, *O Abolicionismo*, cit.

(2) Factores geraes, de degradação e renovação, que se teem feito sentir tambem, em paizes europeus, no decorrer do seculo XIX e principios do XX, com a ascenção social das massas proletarias. Com relação aos Estados Unidos escreve o professor Pitirim Sorokin: «many families of the old Americans are already extinct; part are sunk; part are surrounded by the newcommers in the highest social strata. The rapidity of the burning out of the best material has been grasped already in a popular statement that prominent American families rise and sink back within three generations». (Pitirim Sorokin — *Social Mobility*, cit.).

café. E os descendentes dos colonos europeus subindo. Tornando-se os grandes da terra. Substituindo os antigos barões de Pedro II com os seus titulos de condes do Papa.

Essa *debâcle* devida, principalmente, á instabilidade da riqueza agraria baseada num só producto, e este sujeito, como o assucar ou o café, a grandes fluctuações, nos mercados consumidores; e explorado pelo braço escravo. Porque as familias degeneradas ou decadentes não são apenas as raras, de sangue nordico, mantido relativamento puro atravez da epoca colonial pelos casamentos de primo com prima e tio com sobrinha; são tambem muitas das portuguesas pelos quatro costados, ou aqui avigoradas por mais de uma mistura com gente de côr; familias outr'ora de prol e hoje sem relevo ou expressão nenhuma.

Resta-nos salientar o facto, de grande significação na historia social da familia brasileira, de ter sido o Brasil descoberto e colonizado — do fim do seculo XVI em diante o Brasil auto-colonizou-se, defendendo-se por si das aggressões extrangeiras — na epoca em que os portugueses, senhores de numerosas terras na Asia e na Africa, haviam-se apoderado de uma rica variedade de valores tropicaes. Alguns inadaptaveis á Europa. Mas todos productos de finas, opulentas e velhas civilizações asiaticas e africanas. Desses productos, o Brasil foi talvez a parte do imperio lusitano que, graças ás suas condições sociaes e de clima, mais largamente se aproveitou: o chapeu-de-sol, o palanquim, o leque, a bengala, a colcha de seda, a telha á moda sino-japonesa, o telhado das casas cahido para os lados e recurvado nas pontas em cornos de lua (1), a porcellana da China e a louça da India

---

(1) Esse traço de architectura asiatica, recolhido pelos portugueses na China e no Japão e adaptado ao Brasil, é dos que melhor demonstram seu genio plastico de colonizadores e seu talento de adaptação aos tropicos. Morales de los Rios pretende que a telha sino-japoneza recurvada em aza de pombo e outros valores de architectura oriental tenham sido introduzidos entre nós «pelos mestres lusitanos que praticaram nas colonias asiaticas do Reino.» (A. Morales de los

Plantas, especiarias, animaes, quitutes. O coqueiro, a jaqueira, a mangueira, a canella, a fructa-pão, o cus-cus (1). Moveis da India e da China.

O aristocrata brasileiro do littoral de Pernambuco e do Reconcavo — entrou immediatamente no goso de vantagens que na Europa só as côrtes requintadas conheceram no seculo XVI. Foram com effeito os portugueses que primeiro trouxeram do Oriente á Europa o leque, a porcellana de mesa, as colchas da China e da India, os apparelhos de chá e parece que tambem o chapeu-de-sol (2). É provavel que até o gosto do banho diario tenha-o transmittido do Oriente á Inglaterra o português

---

Rios, « Resumo monographico da evolução da architectura do Brasil », *Livro de Ouro commemorativo do Centenario da Independencia e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro 1923). Faltam-nos infelizmente pormenores sobre os mestres portugueses que edificaram as primeiras casas, fortalezas e egrejas no Brasil. Sabe-se apenas que um delles — o que acompanhou Thomé de Souza ao Brasil — ganhou uma fortuna.

(1) O cus-cus é um prato que em geral se suppõe muito nosso. Trata-se de um velho prato patriarchal do Norte da Africa. Nas palavras de Edmond Richardin « plat primitif et lointain, plat patriarcal dont la saveur nomade rejouit la fantaisie du voyageur qui se souvient ! » (Edmond Richardin, *La cuisine Française du XIV^a au XV^a siècle*, Paris 1913. No Brasil foi o antigo processo norte-africano applicado a productos indigenas. Outra illusão a desfazer: sobre a cabidella. Não é prato português, muito menos brasileiro. Muito bom do quitute frances. Origem: Chateauroux.

(2) Em *Culto da Arte em Portugal*, Lisboa 1896, affirma Ramalho Ortigão que foram os portugueses os primeiros que fabricaram e introduziram o chapeu-de-sol na Europa. O que talvez não seja exacto com relação á Italia. Quanto aos primeiros apparelhos de chá, vasos de porcellana e cristaes, caixas de pastilhas e signaes, lembra que foram trazidos, com os primeiros leques, pelos companheiros de Fernão Mendes Pinto, doando os portugueses — nas palavras de Ortigão — « a Roma e a Florença, a Paris e a Londres todos os principaes attributos e os themas fundamentaes de toda a arte da casa e a de toda a elegancia feminina da civilisação moderna. » Sobre o leque, a porcellana e o apparelho de chá parece não haver duvida. Salienta ainda Ortigão o facto de se ter tornado Lisbôa no seculo XVI « o primeiro jardim de aclimatação, o primeiro jardim zoologico e o primeiro mercado da Europa » pela introducção do « chá, do assucar, do algodão, da pimenta, do gengibre do Malabar, do sandalo de Timor, das teccas de Cochim, do bejoim do Achem, do pau de Solor, do anil de Cambaya, da onça, do elephante, do rhinoceronte, do cavallo arabe ». Sobre a influencia geral das conquistas ultramarinas sobre á vida européa, particularmente a inglesa, vejam-se os trabalhos de James E. Gillespie, *The Influence of Oversea Expansion on England to 1700*,

do seculo XVI (1); facto que, si fôr verdadeiro, tem sua ironia: lembra o do missionario que salvou as almas dos outros, e perdeu a propria. Talvez tenham sido ainda os portugueses os introductores, ou pelo menos os divulgadores na Europa, dos foguetes e dos fogos de artificio da China, tão caracteristicos das festas das igrejas portuguesas e brasileiras; tambem da moda das muitas joias e teteias.

Parecem-nos ás vezes patranhas de frade — de frades coloniaes com lettra bonita, sem assumpto para seus exercicios de calligraphia e de grammatica — as historias que se contam da opulencia e do luxo dos senhores de engenho bahianos e pernambucanos nos seculos XVI e XVII. E não de um nem dois mas de muitos desses senhores. Particularmente dos grandes, que costumavam descer do engenho para vir passar a festa em Olinda — a festa dos antigos, que era a estação das chuvas, do Carnaval a São João. Historias, em que deve haver exaggero, de jantares comidos a garfo, requintado instrumento ainda tão pouco em uso nas cortes européas. De mesas cobertas de prata e de louça fina. De camas forradas de riquissimas colchas de seda. De portas com fechaduras de ouro. De senhoras cobertas de pedras preciosas. Mas attentando-se no facto de que muitos dos requintes de mesa e, de tratamento domestico e de vestuario adoptados pela Europa, nos seculos XVI e XVII, foram requintes orientaes, comprehende-se a opulencia de alguns senhores de engenho pernambucanos e bahianos. Comprehende-se o uso, em terras tão novas, de artigos refinados e de luxo. Porque não, si Pernambuco e a Bahia desde cedo tornaram-se pontos

---

New York 1920 e Jay Barrett Bedsford, *English Society in the Eighteenth Century as influenced from oversea*, New York 1924. Veja-se tambem sobre o assumpto Sousa Viterbo, *Arte e Artistas em Portugal*, cit.

(1) Por intermedio ou não dos portuguêses, a moda inglesa do banho frio diario veio do Oriente. E não se generalizou na Inglaterra antes do seculo XVIII. Tambem o uso do chapeu de sol ou de chuva não se generalizou na Inglaterra antes do fim do seculo XVII (Bedsford, *English Society in the Eigteenth Century*, cit.).

de escala de naus que voltavam do Oriente, rangendo de tão carregadas de mercadorias de valor, arrastando-se pelo mar com vagares de mulher gravida; cheias dos objectos finos que os portugueses vinham introduzindo por essa epoca na Europa aristocratica e burguesa? A só presença de baixelas de prata entre os senhores de engenho de Olinda, do seculo XVI, basta, não ha duvida, para causar-nos pasmo. É luxo que surpreende entre homens que tinham acabado de abrir os primeiros claros na matta virgem e fundar os primeiros engenhos de canna.

Desse luxo é bem de vêr, não falam apenas frades-capellães em tom de quem faz panegyrico de santo; tambem extrangeiros da marca de Pyrard de Laval. Foi talvez Pyrard o primeiro europeu a fazer o elogio das casas-grandes dos engenhos do Brasil: « bellas casas nobres » — « de belles maifons nobles ». Refere-se ás do Reconcavo. Numa delles esteve o frances em visita ao senhor de engenho; mas infelizmente só nos dá o appellido do dono da casa, e este mesmo, ao que parece, estropiado: *Mangue la Bote*. Pois esse Mangue la Bote vivia no seu engenho, em principios do seculo XVII, á maneira de grande fidalgo: até banda de musica mantinha para alegrar seus jantares. Uma banda de trinta figuras, todos, negros, sob a regencia de um marselhez. A Mangue la Bote attribuia-se uma fortuna superior a trezentos mil escudos, feitos todos no assucar. (« riche de plus de trois cent mil écus ») (1). No assucar e em negros. Foi, aliás, em que se fundou a colonização aristocratica do Brasil: em assucar e em negros.

---

(1) Accrescenta Pyrard sobre a organização feudal aristocratica dos senhores de engenho da colonia portuguêsa da America: « Il y a des Seigneurs qui y ont un grand domaine, entr'autres force engins à sucre, que le Roy d'Espagne leur a donné en recompense de quelque service, e cela eft erigé en titre de quelque dignité, comme Baràonie, Comté, etc. Et ces Seigneurs la donnent des terres à ceux qui y veulent aller demeurer e planter des cannes de sucre á la charge de les porter aux moulins au engins de ces Seigneurs en leur poyant le prix ». (*Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes orientales, Maldives, Molugues et au Brésil*, et. Paris MDCLXXIX.

Homens de fortuna feita em assucar e em negros devem ter sido todos aquelles «moradores ricos de fazendas de raiz» de que nos fala Gabriel Soares: os mais de cem moradores da Bahia do seculo XVI que tinham cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda; senhores cujas fazendas valiam vinte mil até cincoenta e sessenta mil cruzados. Os quaes — diz o chronista — «tratam suas pessoas mui honradamente com muitos cavallos, creados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas...» Na sua mesa «serviço de prata». Muitos dos seus engenhos, soberbos, de roda d'agua como o de Sebastião de Faria, á beira do riacho Cotegipe: «grandes edificios de casa de purgar e de vivenda, e uma igreja de S. Jeronymo, tudo de pedra, cal, no que gastou mais de doze mil cruzados»; ou movidos a bois, como o de Vasco Rodrigues Lobato, «todo cercado de cannaviaes de assucar, de que se faz muitas arrobas» (1).

De modo que talvez não exaggere o padre Fernão Cardim ao descrever os senhores de engenho que conheceu em Pernambuco em 1583: «homens muito grossos de quarenta, cincoenta e oitenta mil cruzados». Suas fazendas, «maiores e mais ricas que as da Bahia». É verdade que alguns, nesse tempo ainda de altos preços do assucar — 460 reis por arroba, o branco, e 320 o mascavado — muito cheios de dividas; mas precisamente por causa das «demasias e gastos grandes que teem em seu tratamento». Ginetes de duzentos e trezentos cruzados. Leitos de damasco franjados de ouro. Colchas da India. Escravos além de numero necessario. Banquetes, nos dias de casamento e baptisado, com iguarias extraordinarias e muito gasto de comida e bebida cara (2).

---

(1) Gabriel Soares de Souza — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587* — ed. de F. A. de Varnhagen, *Rev. Inst. Hist. Geo. Br.*, Rio de Janeiro, 1851.

(2) Fernão Cardim — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, cit. Em interessante estudo — «The Rise of the Brazilian Aristocracy» (*The Hispanic American Historical Review*, vol. XI, n. 2) — lembra Alan K. Manchester que emquanto o pernambucano dormia

Vida opulenta, e até espaventosa a daquelles primeiros colonos portugueses que, dispondo de capitaes para se estabelecerem com engenhos, conseguiram prosperar no Brasil, a custa do assucar e do negro — os de Pernambuco com 23 engenhos movidos a bois ou a agua produzindo, em 1576, de 50 a 70 mil arrobas de assucar; os da Bahia com 18. Cada engenho desses construido a razão de 10.000 cruzados pouco mais ou menos: e com 50 peças de escravos ao seu serviço e 15 ou 20 juntas de bois. E uma producção annual — a dos melhores, pelo menos de 6 a 10.000 arrobas de assucar masko (1).

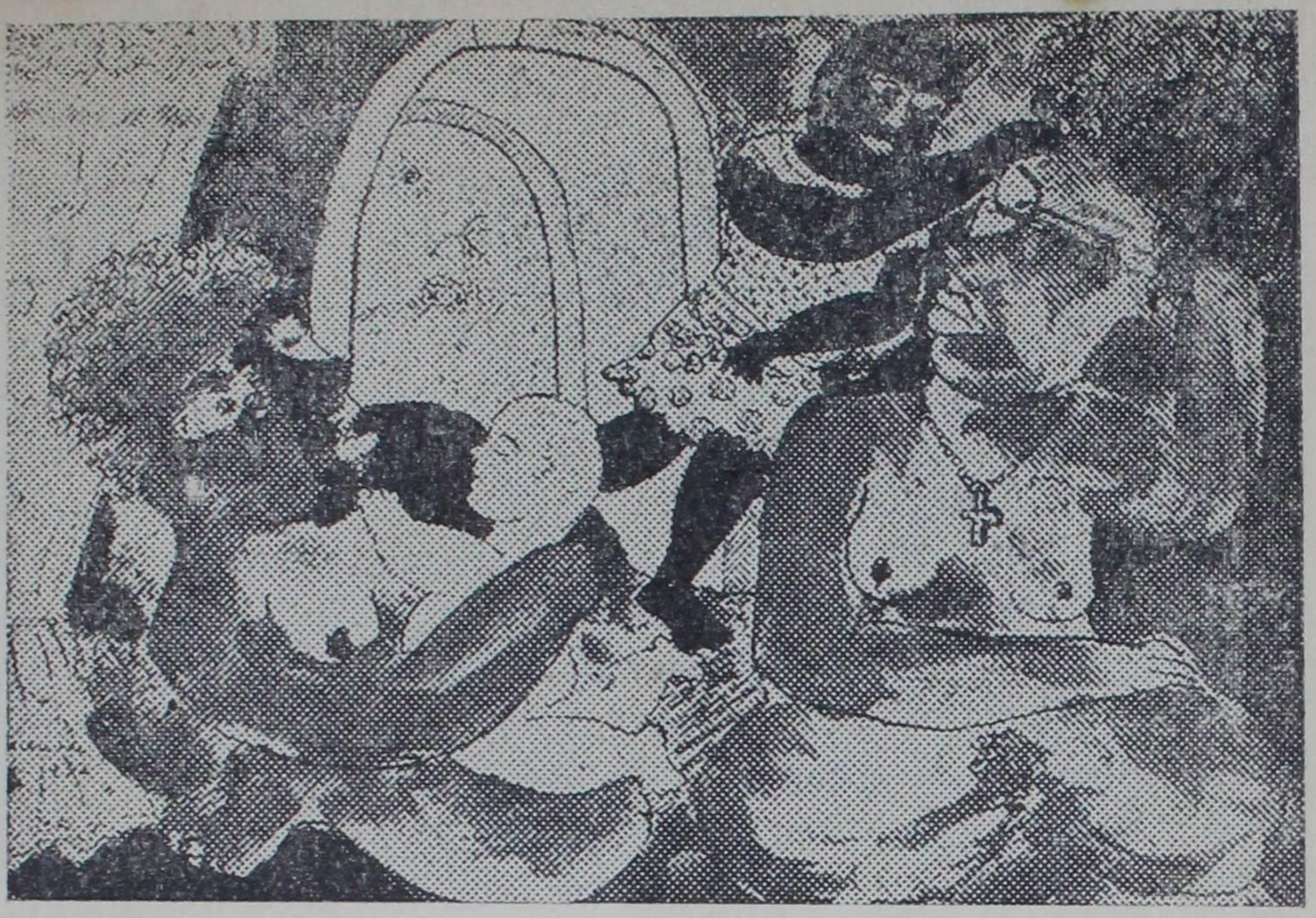
Já nesse primeiro seculo de escravidão podia dizer-se, como no ultimo diria Silveira Martins — « o Brasil é o café, e o café é o negro » — que o Brasil era o assucar, e o assucar era o negro. Porque na Bahia e em Pernambuco — os dois grandes centros de opulencia, economica e social, os dois grandes portos brasileiros de expressão internacional, no seculo XVI — o indio ficou logo no segundo plano. Achatado na sua inferioridade cultural. Inutil e incapaz. E « a lavoura de mantimentos » abafada pelas bandeiras dos cannaviaes. Nestas é que o português, desenganado das riquezas da India, viu quasi de repente o *In hoc signo vinces* que o animou á colonização agraria e escravocrata do Brasil (2).

---

em leito de damasco carmezim, o paulista dormia em rede, seus bens raramente excedendo de 8.000 cruzados. O que depois se inverteu com a victoria do café sobre o assucar.

(1) Pero de Magalhães Gandavo — *Historia da Provincia de Santa Cruz o que vulgarmente chamam Brasil.*

(2) *Dialogos das grandezas do Brasil*, cit. Véja-se tambem Pereira da Costa, *Origens Historicas da Industria Assucareira de Pernambuco.* Recife 1905. Lembra este autor que desde 1559 houve ordem regia permittindo a cada senhor de engenho do Brasil mandar vir até 120 escravos do Congo; que em 1584 havia já uns dez mil nos engenhos de Pernambuco, segundo informação do padre Anchieta.



IV — O ESCRAVO NEGRO NA VIDA SEXUAL E DE FAMILIA DO BRASILEIRO

Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabello louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — ha muita gente de genipapo pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do negro.

Na ternura, na mimica excessiva, no catholicismo em que se deliciam nossos sentidos, na musica, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos todos a marca inconfundivel da influencia negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ella propria amollegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras historias de bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão bôa. Do que nos iniciou no amor physico e nos transmittiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.

Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações intimas da creança branca com a ama de leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de côr no filho familia dos paizes escravocratas A importancia psychica do acto de mamar, dos seus effeitos sobre a creança, é na verdade considerada enorme pelos psychologos modernos; e talvez tenha razão Calhoum para suppor esses effeitos de grande significação no caso de brancos creados por amas negras (1). É verdade que as condições sociaes do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de assucar do Brasil, como nas plantações *ante-bellum* da Virginia e das Carolinas — do menino sempre rodeado de negra ou mulata facil — talvez expliquem, por si sós, aquella predilecção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predilecção mas de exclusivismo; homens brancos que só gosam com negra. De rapaz de importante familia rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossivel aos paes promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de familias igualmente illustres. Só queria saber de mulecas. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um joven de conhecida familia escravocrata do sul; este para excitar-se deante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa humida de suor, impregnada de budum, da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Morbidos, portanto; mas atravez dos quaes se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de familia do brasileiro.

Não nos interessa, senão indirectamente, neste ensaio, a importancia do negro na vida esthetica, muito menos no progresso economico, do Brasil. Devemos, entretanto, recordar que foi formidavel. Muito maior, ao nosso ver, que a do indigena. Maior, em certo sentido, que a do português.

---

(1) Arthur W. Calhoum — *A Social History of the American Family from Colonial Times to the Present*, Cleveland 1918.

Idéa extravagante para os meios orthodoxos e officiaes do Brasil, essa do negro superior ao indigena e até ao português, em varios aspectos de cultura material e moral. Superior em capacidade technica e artistica. Mas já um livro de academico acolheu, em paginas didacticas, a primeira these — a superioridade do negro sobre o indigena. E deu o seu a seu dono, reconhecendo no africano, aqui introduzido pelo colonizador português, cultura superior ao indigena: «....estavam (os africanos) numa evolução social mais adiantada que a dos nossos indios» (1). É verdade que semelhante ousadia do professor Afranio Peixoto custou-lhe severas restricções da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. «Com effeito, os nossos aborigenes — escreveu a douta *Revista* em commentario ao livro do professor Peixoto — eram já astrolatas, emquanto os filhos do continente negro aqui introduzido, não haviam ainda transcedido o fetichismo puro, sendo alguns francamente dendolatras». Accrescentando com soberano desdem pela realidade: «nem pelos artefactos, nem pela cultura dos vegetaes, nem pela domesticação das especies zoologicas, nem pela constituição da familia ou das tribus, nem pelos conhecimentos astronomicos, nem pela creação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos selvicolas»; para concluir com ar de triumpho: «e, até quanto á separação dos poderes temporal e espiritual, da sua rudimentar organisação politica, ainda não podem os autochtones do Brasil ser postos em degraus inferior aos filhos da terra adusta de Ham» (2).

O estudo realizado entre as sociedades primitivas da America, em torno dos valores de cultura desigualmente accumulados nas varias partes do continente — accumulação que, elevando-se em semi-civilisações no centro,

---

(1) Afranio Peixoto — *Minha Terra e Minha Gente*, Rio 1916. Opinião de dois outros pedagogos, illustres, em livro didactico: mas estes, nada orthodoxos. Referimo-nos a Sylvio Romero e João Ribeiro no seu *Compendio de Historia de Literatura Brasileira*, Rio 1909, (2.ª ed.).

(2) *Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo LXXVIII, parte II.

achata-se, em grande pobreza de relevo, na região da floresta tropical para estender-se ainda mais rente com o solo na da Patagonia — deixa grande parte da população indigena do Brasil nesses duas areas menos favorecidas. Apenas ás margens, como em Marajó, verificam-se expressões mais salientes de cultura. Resultado, naturalmente, do contagio com o centro da America.

O mappa de areas de cultura da America, organizado por Kroeber, dá-nos idéa exacta da maior ou menor quantidade ou elaboração de valores. Dos altos e baixos caracteristicos da formação cultural do continente. Vê-se que a area da Patagonia, mais rasteira que a da floresta tropical, contrasta notavelmente com as duas ou tres areas que dão relevo cultural á America.

Nem da cultura nativa da America pode-se falar sem muita e rigorosa discriminação — tal a desigualdade de relevo cultural — nem da Africa basta excluir o Egypto, com a sua opulencia inconfundivel de civilização, para falar-se então á vontade da cultura africana, chata e uma só. Esta se apresenta com notaveis differencas de relcvo variando seus valores na quantidade e na elaboração. Um mappa das differentes areas já identificadas, umas por Leo Frobenius, diversas, de modo geral, por Meville J. Herskovits (1) nos permittiria apreciar mais a commodo que atravez de seccas palavras de anthropologistas ou de ethnologos, essas variações, ás vezes profundas, da cultura continental africana. Semelhante mappa nos alertaria, pelo puro alarme dos altos e baixos, contra o perigo das generalizações faceis.

Porque nada mais anti-scientifico que falar-se da inferioridade do negro africano em relação ao amerindio sem discriminar-se antes que amerindio; sem distinguir-se que negro. Si o tapuyo; si o bantú; si o hottentote. Nada mais absurdo do que negar-se ao negro sudanês, por exemplo, importado em numero consideravel para o Brasil, cultura superior á do indigena mais adiantado.

---

(1) Melville J. Herskovitz — «A Preliminary Consideration of the Culture Areas of Africa», *American Anthropologist*, vol. XXVI, n. 1.

Escrever que «nem pelos artefactos nem pela cultura dos vegetaes nem pela domesticação das especies zoologicas nem pela constituição da familia ou da tribu nem pela creação da linguagem e das lendas eram os pretos

Areas de cultura da Africa (adaptação do mappa de Herskovits).

superiores aos nossos selvicolas», é produzir uma affirmativa que virada pelo avesso é que dá certo. Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos *stocks* mais adiantados, em condições de concorrerem melhor que os indios á formação economica e social do Brasil. Ás vezes melhor que os portugueses.

Pode-se juntar a essa superioridade technica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biologica e psychica para a vida nos tropicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia

sempre fresca e nova quando em contacto com a floresta tropical. Gosto e energia que Bates foi o primeiro a contrastar com o facil desalento do indio e do caboclo sob o sol forte do Norte do Brasil. Bates notou nos indios que conheceu, não superficialmente, mas na intimidade, tendo vivido entre elles de 1848 a 1859 — «constitutional dislike to the heat». Accrescentando que sempre os viu mais alegres, mais bem dispostos, mais vivos nos dias de chuva, o corpo nú escorrendo agua. Nostalgia, talvez, dos gelos ancestraes. «How different all this is with the negro, the true child of tropical climes!» (1).

Recentemente Waldo Frank, em admiravel ensaio sobre o Brasil, quasi repete Bates nessa exaltação do negro como o verdadeiro filho dos tropicos (2); como o ungido do Senhor para as regiões de sol forte; como o homem melhor integrado no clima e nas condições de vida brasileira. Adaptação que talvez se realize por motivos principalmente psychicos e physiologicos. Questão de constituição psychologica, como pretende Mc. Dougall. E physiologica tambem, atravez da capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos. De transpirar como si de todo elle manasse um oleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco. O que se explica por uma superficie maxima de evaporação no negro, minima no branco (3).

Um tanto á maneira de Bates, Wallace constatou o indigena do Brasil, taciturno e moroso, com o negro alegre, vivo e loquaz (4). Em termos modernos de psychologia, essa differença seria expressa attribuindo-se ao

---

(1) Bates, — *The Naturalist in the Amazon River*, London.

(2) Waldo Frank — loc. cit.

(3) Nas palavras do professor L. W. Lyde «... the Black man is normally covered with a complete and continuous film, and this means a maximum surface for evaporation — in which quantitues of heat are consumed — a maximum reflection of ligt, and maximum protection against nerve injury». (L. W. Lyde, «Skin Colour», *The Spectator*, Londres, 16 de Maio de 1931).

(4) Alfred R. Wallace — A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, London 1852.

Uma negra brasileira verdedora de cocada.
(Photographia de Ulysses de Mello Freyre).

amerindio a qualidade de introvertido e ao negro a de extrovertido. É a theoria que McDougall esboça nos seus trabalhos *National Welfare and National Group* e *Group Mind*. Theoria ousada porque importa na applicação de um criterio até hoje empregado em casos individuaes, criterio quasi circumscripto ás clinicas psychiatriças — ao difficil problema de discriminação e caracterização de traços ethnicos. Attribue Mc.Dougall o facto de contrahir-se o indio mais do que o negro ao contacto civilizador do europeu, oppor-lhe maior resistencia ao dominio para afinal perecer em luta desigual — a essa differença de constituição psychologica. O indigena da America, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difficil adaptação. O negro, o typo do extravertido. O typo do homem facil, plastico, adaptavel. Absoluto esse criterio não deixariam de ter motivos, embora indirectos, os indianophilos, para acreditarem na superioridade moral dos indigenas do Brasil. Estes se teriam recusado a trabalhar de enxada nos cannaviaes portugueses, num gesto superior de grandes de Hespanha. Grandes de Hespanha por temperamento. Duros, hirtos, inadaptaveis.

O criterio historico-cultural, porém, que tantas vezes tem rectificado o physiologico e o psychico na discriminação de caracteristicos ethnicos, mostra-nos ter havido da parte dos amerindios incapacidade antes social e technica que psychica e biologica. Embora não se devam despresar as indisposições psychicas, o facto que avulta é o do nomadismo de vida economica actuando poderosamente sobre os amerindios; incapacitando-os para o trabalho agricola regular. Ora, a esse trabalho e ao da creação de gado e utilização de sua carne e leite, já se tinham afeito varias sociedades africanas donde nos vieram escravos em grandes massas.

Fique bem claro: não pretendemos negar ao criterio de typos psychologicos a possibilidade de vantajosa applicação á discriminação de traços ethnicos. A introversão do indio, em contraste com a extroversão do negro da Africa, pode-se verificar a qualquer momento no

facil laboratorio que, para experiencias desse genero, é o Brasil. Contrastando-se o comportamento de populações negroides como a bahiana — alegre, expansiva, sociavel, loquaz, — com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo indigena — a piauhyense, a parahybana ou mesmo a pernambucana — tem-se a impressão de povos diversos. Populações tristonhas, caladas, sonsas e até sorumbaticas, as do Nordeste, principalmente nos sertões; sem a alegria communicativa dos bahianos; sem aquella sua petulancia ás vezes irritante. Mas tambem sem a sua graça, a sua espontaneidade, a sua cortezia, o seu riso bom e contagioso. Na Bahia tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. Festa de igreja brasileira com folha de canella, bolo, foguete, namoro.

Pitt-Rivers confronta as danças dos negros com as dos indios, salientando naquellas a espontaneidade de emoção exprimida em grandes effeitos de massa mas sem rigidez nenhuma de ritual com o compassado e o medido das danças amerindias (1). Danças quasi puramente dramaticas. Esse contraste pode-se observar nos xangôs afro-brasileiros — ruidosos, exuberantes — quasi sem nenhuma repressão de impulsos individuaes; sem a impassibilidade das cerimonias indigenas.

Esses contrastes de disposição psychica e de adaptação talvez biologica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro na America portuguesa o maior e mais plastico collaborador do branco na obra de colonização agraria; o facto de haver até desempenhado entre os indigenas uma missão civilizadora no sentido europeisante Missão que quizeramos fosse melhor conhecida pelos nossos indianophilos. Roquette Pinto foi encontrar evidencias, entre populações do Brasil central, da acção europeisante de negros quilombos. Escravos fugidos que propagariam entre os indigenas, antes de qualquer missionario branco, a lingua portuguesa e a religião catholica. Aquilombados na serra dos Pareci, os negros fugidos

(1) Pitt-Rivers — *The Clash of Cultures and the contact of races*, cit.

cruzaram com mulheres roubadas aos indigenas. Uma bandeira que os foi dispersar no seculo XVIII encontrou ex-escravos dirigindo populações aquilombadas de cafusos. Encontrou grandes plantações. Criação de gallinhas. Cultura de algodão. Fabrico de pannos grossos. E todos os caborés de maior idade verificaram os bandeirantes que « sabiam alguma doutrina christã que aprenderam com os negros... todos fallavam Portugues com a mesma intelligencia dos pretos de quem aprenderam » (1).

Mas reconhecida a extroversão do negro, não lhe attribuamos influencia absoluta. Os antecedentes e predisposições de cultura do negro é que devem ser tomados em maior conta. E dentro desses antecedentes e predisposições de cultura, a dieta ou o regimen alimentar.

A cultura e o peso do homem variam consideravelmente sob a acção da dieta tanto de região para região como de classe para classe. Os individuos de classe elevada são quasi sempre mais altos e corpulentos que os de classes inferior. Superioridade attribuida pelos pesquisadores modernos ao facto de consumirem aquelles individuos maior quantidade de productos ricos em « vitamina de crescimento » (1). F. P. Armitage procura mostrar, em livro recente, que até a côr e a forma de craneo depende da qualidade de alimento (2). Na Russia verificou-se, diz-nos Sorokin, que em consequencia da fome de 1921-1922 houve diminuição de estatura (3), emquanto na Hollanda, segundo Otto Ammon e na America, segundo Ales Hrdlicka, tem-se observado a elevação da estatura (4).

No caso dos negros, comparados com os indigenas do Brasil, pode-se talvez attribuir parte de sua superioridade de efficiencia economica e eugenica ao regimen

---

(1) Documentos ineditos encontrados pelo professor Roquette Pinto no archivo do *Instituto Historico Brasileiro* (arch. do Conselho Ultramarino, correspondencia do governador de Matto-Grosso — 1777—1805 — codice 246) — *in Rondonia*, cit.

(2) Apert — *La croissance*, *apud* Sorokin, *Social Mobility*, cit.

(3) F. P. Armitage, *Diet and Race*, cit.

(4) Sorokin — *Social Mobility*, cit.

(5) Hrdlicka, *The Old Americans*, cit.

alimentar mais equilibrado e rico que o dos outros, povos ainda nomades, sem agricultura regular nem criação de gado. Devendo-se accrescentar que varios dos mais caracteristicos valores nutritivos dos negros — pelo menos os vegetaes — acompanharam-nos á America, concorrendo para o processo como que de africanização aqui soffrido por brancos e indigenas; e amaciando para os Africanos os effeitos perturbadores da transplantação. Uma vez no Brasil, os negros tornaram-se, em certo sentido, verdadeiros donos da terra: dominaram a cozinha. Conservaram em grande parte sua dieta.

É verdade que não deixou de verificar-se nelles certa tendencia para se conformarem aos usos do homem nativo; menos, porém, que nos adventicios de origem européa, para os quaes a transplantação foi experiencia mais radical; maior a novidade do clima e do meio physico e bio-chimico.

Em 1909 Leonard Williams, em trabalho que ficou então abafado sob as idéas orthodoxas da biologia weismanniana, suggeriu as possibilidades da influencia do clima fazer-se sentir sobre o caracter racial atravez das glandulas endocrinas. Essa influencia pareceu-lhe explicar differenças entre asiaticos e europeus, latinos e anglo-saxões. Si num dos seus exemplos — acolhido aliás por W. Langdon Brown sem rectificação nenhuma — Williams foi de todo infeliz — o dos judeus terem adquirido em climas frios da Europa cabello arruivado e pelle fina — noutros pontos, sua argumentação impõe-se ao interesse dos anthropologistas modernos. A base endocrinologica da theoria de Leonard Williams é que a pelle pode se comparar a uma placa sensivel: estimulada, produz actividades reflexas em orgãos distantes (1). A formação do pigmento cutaneo se teria desenvolvido como protecção a excessos de taes estimulos; e os orgãos distantes nos quaes se produziriam as mais importantes actividades reflexas seriam as glandulas endocrinas. Esta

(1) Leonard Williams, *apud* W. Langdon Brown — *The Endocrines in General Medicine*, London 1927.

theoria, a que em 1909 quasi não se prestou attenção nenhuma, vae sendo hoje estudada com interesse. Numa das mais suggestivas monographias medicas editadas pelo professor Maclean, da Universidade de Londres, W. Lang-

Senhora de engenho viajando de rede, carregada por escravos negros
(Reproduzido de Barleus).

don Brown, versa o assumpto a proposito das relações das endocrinas com o metabolismo geral. Parece-lhe fóra de duvida que na producção de pigmento intervenham as glandulas supra-renaes e pituitaria. «Que a pituitaria tanto quanto as supra-renaes intervenham de modo importante no processo de pigmentação, demonstra-o a maneira porque os gerinos, após a extracção dessa glandula, tornam-se albinos». Parece-lhe tambem estabelecida a intima relação entre as glandulas productoras de calor e a pigmentação; donde se concluiria a melhor adaptabili-

dade dos morenos que dos louros e albinos aos climas quentes. Brown cita a proposito que o governo da França vem recusando empregar gente alva e loura no serviço colonial nos tropicos, preferindo os francezes do sul « capazes de desenvolver pigmento protector » (1).

Para Leonard Williams outras alterações occorreriam em adventicios por effeito do clima e atravez do processo chimico cuja importancia destacou; e veremos mais adiante que as possibilidades dessas alterações constituem um dos problemas por assim dizer dramaticos na anthropologia e na sociologia moderna. Assim os descendentes de europeus na America do Norte estariam se conformando aos traços aborigenes: « the stereotyping by the climate of the North American continent of the descendants of its widely dissemblant annual European recruits into the hatched-shaped face and wiry frame of the red Indian aborigins » (2).

O assumpto se acha ainda cheio de sombras. Delle o que se sabe de certo é quasi nada: apenas o bastante para nos advertir contra os preconceitos de systema e os exaggeros de theoria. A verdadeira relação do pigmento com o meio physico permanece um dos problemas mais obscuras em anthropologia. A generalização de que o homem é escuro ou preto nas regiões quentes, roseo ou alvo no hemispherio norte, oppõem-se restricções serias. Haddon salienta que se encontram povos de côr e de caracteres physicos differentes cujas condições de ambiente e de clima são entretanto analogas. Cita o exemplo do negro retinto do Congo, cujo meio physico pouco differe das condições do interior de Borneo ou da Amazonia. Entretanto, os nativos destas regiões são de um amarello pallido ou côr de canella. Tão pouco lhe parece haver motivo de clima para os australianos serem tão escuros na côr da pelle. Os australianos e os pasmanianos. Pode-se concluir, segundo esse anthropologista:

---

(1) W. Langdon Brown — *The Endocrines in general Medicine*, cit.
(2) Leonard Williams, *apud* W. Langdon Brown, *op. cit.*

(a) que a pigmentação surgiu espontaneamente, independente da acção do meio em periodo de variabilidade e que os individuos de pigmento escuro, mais aptos para resistir ás condições tropicaes, sobreviveram aos outros; (b) ou por outro lado, que a pigmentação represente adaptação ao meio, tendo resultado de longa influencia deste sobre o homem em epoca em que os tecidos seriam mais plasticos e susceptiveis do que hoje; a variação assim adquirida ter-se-ia tornado transmissivel embora se desconheça o mechanismo pelo qual as cellulas de germen possam receber influencia exterior (1).

É onde o problema se entronca noutro — talvez o mais importante que agite a biologia moderna: o da transmissão de caracteres adquiridos. Ninguem hoje se abandona com a mesma facilidade de ha quinze ou dez annos ao rigido criterio weismanniano da não transmissão de caracteres adquiridos. Ao contrario: um neo-lamarckismo se levanta nos proprios laboratorios onde se sorriu de Lamarck. Laboratorios onde o ambiente vae se assemelhando um pouco ao das cathedraes catholicas no seculo XVII. Para Bertrand Russell o scepticismo scientifico de que Eddington é talvez o representante mais illustre pode resultar no fim da era scientifica; precisamente como do scepticismo theologico da Renascença resultou o fim da era catholica. O homem de cultura scientifica de hoje já não sorri apenas do darwinismo orthodoxo de seus avós. Começa a sorrir tambem do enthusiasmo weismanniano da geração de seus paes. Mas esse profundo scepticismo talvez não signifique o fim da era scientifica. Delle é possivel que se aproveite a sciencia para avigorar-se em vez de enfraquecer-se. Nunca porém para encher-se das pretensões á omnipotencia que a caracterizaram durante a segunda metade do seculo XIX e nos principios do XX.

Sob o novo scepticismo scientifico o problema dos caracteres adquiridos é dos que se recollocam entre as

---

(1) Haddon, *Races of Man*, cit.

questões fluctuantes e susceptiveis de debate. Já não sôa tão persuasiva a palavra de Weismann: os caracteres adquiridos não se transmittem. Os caracteres somatogenicos não se convertem em blastogenicos. São as recentes experiencias de Pavlov que veem enriquecer o neo-lamarckismo. Em communicação ao Congresso de Physiologia reunido em Edinburgh o professor russo versou o problema dos reflexos, isto é, das «respostas automaticas aos estimulos de varias especies por meio do systema nervoso», de uma maneira que se pode considerar sensacional. Distinguiu o Professor Pavlov os reflexos condicionados, isto é, adquiridos individualmente, dos não-condicionados. E apresentou o resultado de suas pesquisas sobre os estimulos de vista e cheiro de alimento. Estimulos naturaes. Certos movimentos caracteristicos se verificam; vem a saliva; a agua na bocca. Toda uma serie de reflexos não-condicionados. Mas si toda a vez que se der alimento ao animal se estabelecer gradualmente uma ligação entre o som de uma campa e o reflexo alimentar, depois da coincidencia repetir-se durante sufficiente numero de vezes, a reacção alimentar se verificará em resposta ao som puro e simples. Nas exactas palavras do professor Pavlov: «Conseguimos obter o reflexo condicionado de alimentação em ratos brancos, por meio do som de uma campa electrica. Com o primeiro grupo de ratos foi necessario repetir a coincidencia do toque da campainha com a alimentação trezentas vezes para conseguir-se um reflexo satisfactorio (*well-established reflex*). A segunda geração formou o mesmo reflexo após cem repetições. A terceira adquiriu o reflexo depois de trinta repetições. A quarta ,depois de dez. A quinta depois de cinco, somente... Tendo por base esses resultados, antecipo o facto de que uma das proximas gerações dos ratos mostrará a reacção alimentar ao ouvir o primeiro toque da campainha electrica» (1).

---

(1) *British Medical Journal*, August 11, 1923, *apud* Arthur Dendy, *The Biological Foundation of Society*, London 1924.

O Professor Arthur Dendy, que salienta a importancia social das experiencias do mestre russo, reune aos resultados da pesquisa de Pavlov uma das mais suggestivas evidencias indirectas a favor da possivel transmissão dos caracteres adquiridos: o endurecimento da pelle ou a calosidade do calcanhar humano. Sabe-se, diz elle, que callosidades dessa naturesa podem-se obter por fricção ou pressão. O facto, por conseguinte, da criança nascer com a pelle da sola do pé já endurecida, e desse caracteristico endurecimento verificar-se antes mesmo da criança nascer, longo tempo antes — de modo a não poder attribuir-se á fricção ou á pressão — leva-nos a concluir por uma modificação causada originalmente pelo uso do pé, e tornada fixa, por assim dizer, por hereditariedade. Em outras palavras: seria este um caso de caracter somatogenico que atravez de muitas gerações se teria tornado blastogenico.

E si é certo que as mutilações não se transmittem, ha entretanto casos como o referido pelo professor Gates, no seu *Heredity and Eugenics*, de uma menina cujos antepassados usaram as orelhas furadas por muitas gerações e que por sua vez nasceu de orelhas já furadas (1). Impressionantes são tambem as experiencias de Kammerer; experiencias sobre mudanças de côr e de habitos de reproducção de amphibios e reptis ao estimulo de meios ou ambientes novos (2). E, dentre as mais recentes, as de Guyer e Smith sobre defeitos, adquiridos, de visão, transmittidos, ao que parece, hereditariamente, e comportando-se como recessivos mendelianos (3). São experiencias, sem duvida, necessitando de confirmação; mas que indicam o muito de fluctuante que encerra o assumpto. De fluctuante e duvidoso. Weismannianos e neo-

---

(1) Dendy, *op. cit.*

(2) P. Kammerer — *The Inheritance of Acquired Characteristics*, New York, 1924.

(3) M. F. Guyer e E. Smith, *apud Our Present Knowledge of Heredity* (a series of leitures given at the Mayo Foundation, etc.), Philadelphia and London, 1923-1924.

lamarckianos são hoje em physiologia e biologia uns como theologos da predestinação e do livre arbitrio.

Diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu physico e pela sua bio-chimica, surge-nos com intensa capacidade de affectar a raça, modificando-lhe caracteres mentaes que se teem pretendido ligar a somaticos. Já as experiencias de Franz Boas (1) parecem indicar que a bio-chimica do meio — como chama Wissler — é capaz de alterar o typo physico do immigrante. Admittida essa alteração, e a possibilidade de gradualmente, atravez de gerações, conformar-se o adventicio, a novo typo physico, diminue consideravelmente, a importancia attribuida a differenças hereditarias de caracter mental, entre as varias raças. Differenças interpretadas como de superioridade e inferioridade e ligadas a traços ou caracteres physicos.

Aliás na inferioridade ou superioridade de raças pelo criterio da forma do craneo já não se acredita; e esse descredito leva atraz de si muito do que pareceu ser scientifico nas pretenções de superioridade mental, innata e hereditaria, dos brancos sobre os negros. A theoria da superioridade dos dolicos louros tem recebido golpes profundos nos seus proprios reductos. O allemão Hertz mostrou recentemente, baseado em pesquizas de Nystrom entre quinhentos suecos, que naquelle viveiro de dolicos louros, os individuos das classes mais altas eram em grande maioria brachycephalos. E não só elles; tambem os homens eminentes, vindos das classes baixas. E é Hertz quem salienta não terem sido nordicos puros nem Kant nem Goethe nem Beethoven nem Ibsen nem Luthero nem Schopenhauer nem Schubert nem Schumann nem Rembrandt. Quasi nenhum dos homens mais gloriosos dos paizes nordicos (2).

---

(1) Franz Boas — *Changes in Bodly Form of Descendants of Immigrants* — Washington 1910.

(2) F. Hertz — *Rasse und Kultur, apud* Kelsey, *The Physical Basis of Society*. cit.

Quanto ao peso do craneo e á sua significação, é ponto indeciso. Se as pesquizas anthropometricas realisadas por Hunt no Exercito Americano durante a Guerra Civil e continuadas por Bean indicam que o craneo do negro é mais leve e menor do que o do branco, contra as conclusões de inferioridade da raça preta, baseadas em taes resultados, oppõem-se factos consideraveis. Acceitas as medidas do peso do craneo do negro — 1.292 — e do branco — 1.341 — ha entretanto que considerar, o facto da media do peso do craneo da mulher branca ser de 1.250 grs; e a media de peso do craneo do chinez, 1.428 grs. (1). Por conseguinte — notavelmente inferior, a media da mulher branca á do homem negro; e a do amarello (Chinez) superior ao branco.

O que se sabe das differenças da estructura entre os craneos de brancos e negros não permitte generalizações. Já houve quem observasse o facto de que alguns homens notaveis teem sido individuos de craneo pequeno e authenticos idiotas, donos de cabeças enormes.

Nem merece contradita seria a superstição de ser o negro, pelos seus caracteristicos somaticos, o typo de raça mais proximo da incerta forma ancestral do homem cuja anatomia se suppõe semelhante á do chimpanzé. Superstição em que se baseia muito do julgamento desfavoravel que se faz da capacidade mental do negro. Mas os labios dos macacos são finos como na raça branca e não como na preta — lembra a proposito o professor Boas (2). Entre as raças humanas são os europeus e os australianos os mais pelludos de corpo e não os negros. De modo que a approximação quasi se reduziria ás ventas mais chatas e escancaradas no negro do que no branco.

---

(1) R. R. Bean, «The Negro Brain», *Century Magazine*, 1906; Kelsey, op. cit., Franz Boas, *The Mind of Primitive Man*, New York, 1911. Alexander Goldenweiser, «Concerning racial differences». Menorah Journal, vol. VIII, 1922.

(2) Franz Boas — *Anthropology aná Modern Life*. London, 1929.

São esses caracteristicos physicos — principalmente a forma do craneo — que se teem pretendido ligar á inferioridade do negro em realizações e iniciativas de ordem intellectual e technica; inferioridade essa que seria congenita. Outra tem sido a conclusão dos que mais demoradamente teem procurado confrontar a intelligencia do negro com a do branco. Bryant e Seligman, por exemplo, de estudos comparativos entre escolares bantús e europeus na Africa do Sul concluiram pela maior precocidade e mais rapido desenvolvimento mental dos bantús até a edade de doze annos em contraste com o desenvolvimento mais demorado e tardonho do europeu até a puberdade, porém maior que o dos negros dahi em diante; concluiram ainda que o africano, excedido pelo europeu no confronto de qualidades de reflexão, julgamento, comprehensão, excede o branco em memoria, intuição, ou percepção immediata das cousas e capacidade de assimilação (1). Differenças difficeis de reduzir, como nota Pitt-Rivers, a um factor de intelligencia geral (2) que sirva de base a conclusões de inferioridade ou superioridade de uma raça sobre a outra.

O depoimento dos anthropologistas revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior á das outras raças: « consideravel iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão technica e economa », diz-nos o professor Boas (3). E outros traços superiores. O difficil é comparar-se o europeu com o negro, em termos ou sob condições iguaes. Acima das convenções: numa esphera mais pura, onde realmente se confrontassem valores e qualidades. Por longo tempo, a grande e forte belleza da arte negra de esculptura, por exemplo, foi considerada pelos europeus simples *grotes-*

---

(1) A. T. Bryant e C. G. Seligman — « Mental Development of the South African native », *Eugenics Review*, vol. IX.

(2) George Henry Lane — Fox Pitt-Rivers — *The Clash Culture and the contact of Races* — cit.

(3) Franz Boas, *The Mind of Primitive Man*, cit.

querie. E simplesmente por chocarem-se suas linhas, sua expressão ,seu exaggero artistico de proporções e de relações, com a esculptura convencional da Europa greco-romana. Esse estreito criterio ameaçou de suffocar, no Brasil, as primeiras expressões artisticas de espontaneidade e de força creadora que, revelando-se principalmente nos mestiços, de mãe ou avó escrava, trouxeram á tona valores e canones anti-europeus. Quasi por milagre restam-nos hoje certas obras do Aleijadinho. Requintados no gosto europeu de arte ou na arthodoxia catholica varias vezes pediram a destruição de «figuras que mais pareciam fetiches» (1).

Quanto aos *tests* chamados de intelligencia, muitos delles de resultados tão desfavoraveis ao negro (2), sua technica tem soffrido restricções serias. Goldenweiser ridiculariza-os como methodo de medir qualidades de raça; deixam o negro pouco acima do macaco, escreve elle. «O ponto de vista estatistico — accrescenta — o desejo de exprimir os factos em numeros e curvas é uma louvavel attitude, resultado do methodo critico e objectivo: mas tem seus perigos. Quando alguem exprime qualquer bobagem em palavras não ha damno nenhum; mas se a exprime em formulas mathematicas surge o perigo da roupagem mathematica dissimular a bobagem» (3). Tambem Kelsey critica os *tests* na sua pretensão de medi-

---

(1) Padre Julio Engracia — *Relação chronologica do Santuario e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas no Estado de Minas Geraes* — São Paulo, 1908.

(2) Principalmente os realizados nos Estados Unidos. Delles, entretanto, se prevalece Hankins para considerar de grande importancia as differenças hereditarias de caracter mental entre as duas raças. E elle nos adverte contra o perigo de substituirmos um mysticismo, de raça, por outro, de cultura: o de Lapouge e de Gobineau — que crearam o mytho da superioridade nordica — pelo dos anthropologistas e sociologos que insistem em attribuir as differenças entre as raças a puro phenomeno de diffusão de cultura; a simples questão de maior ou menor opportunidade social. (F. H. Hankins — «Individual differences and their significance, for social theory», *Publications of the American Sociological Society*, vol. XVII, 1922.

(3) Alexander Goldenweiser — «Race and culture in the modern world», *Journal of Social Forces*, vol. III, 1924.

rem qualidades de raça; e aponta nelles grossos defeitos e irregularidade de technica desfavoraveis ao negro (1).

Aliás os resultados desses *tests* teem sido contradictorios; e não unanimes em fixarem a «inferioridade mental» do negro, como pretende Sorokin. As pesquisas realizadas entre 408 escolares negros de Missouri chegaram á conclusão de que as differenças de capacidade mental entre elles e os brancos diminuiam com a idade; as realizadas em Atlanta que as differenças augmentavam. A pesquiza de Freeman concluiu pela superioridade dos americanos brancos sobre os negros em todas as idades menos no grupo de 10 annos; mas concluiu tambem pela superioridade dos negros americanos sobre os italianos brancos, com excepção de dois grupos. Pintner e Keller encontraram entre os negros o mesmo I. Q. que entre os escossezes; e superior ao dos gregos, italianos, polacos. E Hirsh encontrou nos negros I. Q. superior ao dos portugueses. Nos proprios *tests* do Exercito Americano, tão citados contra o negro, os resultados accusaram maiores differenças entre os negros do Norte e do Sul dos Estados Unidos que entre negros e brancos; e collocaram os negros do estado de Ohio em plano superior aos brancos de todos os Estados do Sul, com excepção de Florida (2).

Não se negam differenças mentaes entre brancos e negros. Mas até que ponto essas differenças representam aptidões innatas ou especializações devidas ao ambiente ou ás circumstancias economicas de cultura é problema difficilimo de apurar. Sorokin inclina-se a admittir a superioridade do factor *hereditariedade* sobre o factor *ambiente* approximando-se assim do racialismo. Ninguem investe com mais vigor contra Hutington e o determinismo geographico (3). Esquece, porém, ao nosso ver que os dois factores em muitos pontos se cruzam, sendo dif-

---

(1) Kelsey, *op. cit.*

(2) *Opportunity*, 1927, *apud* Kelsey, op. cit. Veja-se tambem Sorokin, *Contemporary Social Theories*, New York and London 1928.

(3) Sorokin, *Contemporary Social Theories*, cit.

ficil de separar a hereditariedade, do meio. Principalmente se admittirmos a possibilidade de se transmittirem influencias adquiridas em novo meio physico ou sob sua acção bio-chimica.

Lowie parece-nos collocar a questão em seus verdadeiros termos. Como Franz Boas ,elle considera o phenomeno das differenças mentaes entre grupos humanos mais do ponto de vista da historia cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geographico puro. «Como explicar, senão pela historia, as grandes oscillações na cultura britannica?» pergunta Lowie. «Ou admitte-se que os patriarchas Elizabethianos eram portadores em suas cellulas sexuaes de factores que desappareceram sob o Puritanismo e reappareceram sob a Restauração? O mesmo pode perguntar-se do povo japonez e do seu sensacional desenvolvimento desde 1876. De Athenas e da sua rapida floração de genios de 530 a 430 A. C. E, ainda, da Allemanha e da sua brilhante superioridade musical. Superioridade de raça? Mas fundamentalmente a raça é a mesma que a inglesa — gente que mal sabe assobiar no banho e cantar hymnos de igreja. A differença ethnica que ha, deveria ser a favor dos ingleses pois ella os approxima dos gregos. ...Devemos ter a franqueza de admittir que a aptidão musical, innata em individuos e hereditaria em familias, não é innata na raça... A sociedade allemã vem desde algum tempo estimulando systematicamente a cultura musical, ao contrario da sociedade inglesa que a tem negligenciado. Naquella, a natural habilidade para a musica encontrou campo livre para desenvolver-se; nesta, escassa sympathia... A proeminencia allemã (na musica) é recentissima. Até poucos seculos atraz a Allemanha se achava em situação inferior á Hollanda, á Italia e á propria Inglaterra. Mozart, no seculo XVIII, ainda desenvolveu-se sob a influencia de tradições italianas» (1).

---

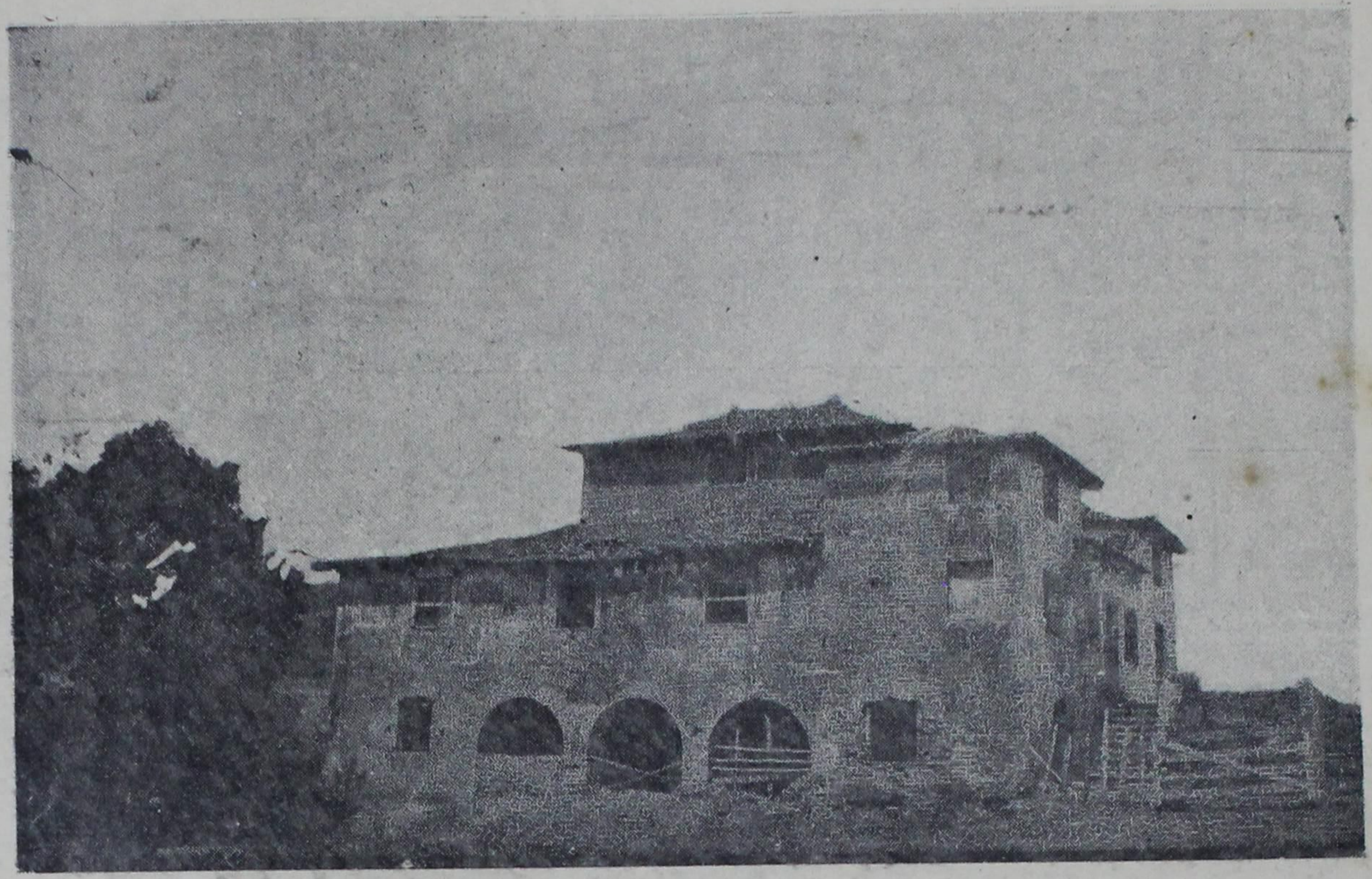
(1) Robert H. Lowie — *Are We civilized?* — London.

No caso dos africanos vindos para o Brasil, dos principios do seculo XVI aos meiados do XIX, devemos procurar surpreender nos principaes *stocks* de immigrantes, não só o grau como o momento de cultura que nos communicaram.

Momento que entre as tribus variou consideravelmente nesses trezentos e tantos annos de profundas infiltrações mahometanas na Africa negra. Grau que variou de maneira notavel de sudaneses para bantús. Importa determinarmos a area de cultura de procedencia dos escravos, evitando-se o erro de vermos no africano uma só e indistincta figura de «peça da Guiné» ou de «preto da Costa».

A verdade é que importaram-se para o Brasil, da area mais penetrada pelo islamismo, negros mahometanos de cultura superior não só á dos indigenas como á da grande maioria dos colonos brancos — portugueses e filhos de portugueses quasi sem instrucção nenhuma, analphabetos uns, semi-analphabetos, na maior parte. Gente que quando tinha de escrever uma carta ou de fazer uma conta era pela mão do padre-mestre ou pela cabeça do caixeiro. Quasi que só sabiam lançar no papel o jamegão; e este mesmo em lettra troncha. Lettra de menino aprendendo a escrever.

O abbade Etienne revela-nos sobre o movimento malê da Bahia em 1835 aspectos que quasi identificam essa supposta revolta de escravos com um desabafo ou erupção de cultura adeantada, opprimida por outra, menos nobre. Não romantizamos. Fosse esse movimento puramente malê ou mahometano, ou combinação de varios grupos sob *leaders* mussulmanos, o certe é que se destaca das simples revoltas de escravos dos tempos coloniaes. Merece lugar entre as revoluções libertarias, de sentido religioso, social ou cultural. O relatorio do chefe de policia da Provincia da Bahia, por occasião da revolta, o Dr. Francisco Gonçalves Martins salienta o facto de quasi todos os revoltosos saberem ler e escrever em caracteres desconhecidos. Caracteres que «se assemelham



Casa-grande do Engenho Megahype, construcção do seculo XVII.
(Photographia de Ulysses de Mello Freyre).

ao arabe» accrescenta o bacharel, pasmado, naturalmente, de tanto manuscripto redigido por escravo. «Não se pode negar que havia um fim politico nesses levantes; pois não commettiam roubos nem matavam seus senhores occultamente» (1). É que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior numero de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes. Mal sahira a nação, vencidos apenas dez annos de vida independente, do estado de ignorancia profunda em que a conservara a Corôa nos seculos XVIII e principios do XIX quando «os mais simples conhecimentos elementares eram tão pouco espalhados que, não raro, ricos fazendeiros do interior encarregavam seus amigos do litoral de lhes arranjar um genro que em vez de quaesquer outros dotes apenas soubesse ler e escrever» (2).

Os historiadores do seculo XIX limitaram a procedencia dos escravos importados para o Brasil ao *stock* bantú. É ponto que se deve rectificar. De outras areas de cultura africana transportaram-se para o Brasil escravos em grosso numero. Muitos de areas superiores á bantú. A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da Africa, absorvendo elementos por assim dizer de élite que faltaram na mesma proporção, ao sul dos Estados Unidos. «I have often thought that slaves of the United States are descended not from the noblest African stock», observou Fletcher confrontando os escravos das senzalas brasileiras com os dos Estados Unidos (3).

Errou Sá Oliveira ao escrever que na estratificação social da Bahia «veio collocar-se nas infimas ca-

---

(1) Etienne, *loc. cit.*; Manuel Querino, «A Raça africana e os seus costumes na Bahia», *Rev. Academia Brasileira de Letras*, n. 70.

(2) Handelmann, *Historia do Brasil*, cit. Veja-se tambem Koster, *Travels*, cit., em quem provavelmente se inspirou Handelmann. No seculo XVI e primeira metade do seculo XVII a situação intellectual dos colonos foi melhor que no XVIII devido aos educadores jesuitas: aos seus collegios e escolas.

(3) D. R. Kidder e J. C. Fletcher — *Brazil and the Brazilians.*

madas uma onda volumosa de africanos quasi todos colhidos nas tribus mais selvagens dos cafres e atirados aos traficantes de escravos do litoral da Africa » (1). Exaggero. Porque não foi menor o numero de sudaneses; estes, segundo as pesquisas de Nina Rodrigues, é que predominaram na formação bahiana.

Foram Spix e Martius — pensa Nina Rodrigues — que crearam o erro de suppor-se exclusivamente bantú a colonização africana do Brasil. E ao illustre professor da Faculdade de Medicina da Bahia deve-se o primeiro esforço critico no sentido da discriminação dos *stocks* africanos de colonização do Brasil.

« Nos seus prestimosos estudos sobre o nosso paiz — diz Nina Rodrigues nas paginas ainda ineditas do seu trabalho *O problema da Raça Negra na America Portuguesa* (2) — reduzem estes autores (Spix e Martius) as procedencias do trafico para o Brasil ás colonias portuguesas da Africa Meridional e ás ilhas do golfo de Guiné. Para elles, dos Congos, Cabindas e Angolas na costa occidental da Africa, dos Macúas e Angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros. Tambem se referem ás procedencias de Cacheo e Bissao para os negros de Pernambuco, Maranhão, e Pará, naturalmente mais conhecidos pela historia da Companhia de Commercio do Grão Pará e Maranhão, com que foi feito o contracto da introducção desses negros. Mas nem destes, nem dos procedentes da ilhas de Fernando Pó, Principe, São Thomé e Anno Bom, a que tambem alludem, convenientemente se occuparam. Mal se concebe como os Negros sudaneses tivessem escapado á sagaz observação de Spix e Martius que a proposito da Bahia se occuparam do

---

(1) J. B. de Sá Oliveira — *Craniometria comparada das especies humanas na Bahia sob o ponto de vista evolucionista e medico-legal* — Bahia 1895. Veja-se tambem seu estudo *Evolução Psychica dos Bahianos* — Bahia 1898.

(2) Devemos a leitura dos originaes á gentileza do Dr .Homero Pires, que nos franqueou sua excellente Brasiliana. Posteriormente o trabalho de Nina Rodrigues foi publicado sob o titulo *Os Africanos no Brasil*, São Paulo 1933.

trafico africano e estiveram nesta provincia precisamente ao tempo em que dominavam aqui os sudaneses».

Infelizmente as pesquizas em torno da immigração de escravos negros para o Brasil tornaram-se extremamente difficeis depois que o eminente bahiano Conselheiro Ruy Barbosa, ministro do Governo Provisorio após a proclamação da Republica de 89, por motivos ostensivamente de ordem economica — a circular emanou do Ministerio da Fazenda sob o N.º 29 e com data de 13 de Maio de 1891 — mandou queimar os archivos da escravidão. Talvez esclarecimentos genealogicos preciosos se tenham perdido nesses autos-de-fé republicanos.

Mesmo sem o valioso recurso das estatisticas aduaneiras de entrada de escravos poude Nina Rodrigues destruir o mytho do esclusivismo bantú na colonização africana no Brasil. Basta, na verdade, attentar-se na politica portuguesa de distribuição de negros nas colonias para duvidar-se de semelhante esclusivismo. Ora, essa politica foi não permittir que se juntasse numa capitania numero proponderante da mesma nação ou *stock*. «Do que facilmente podem resultar perniciosas consequencias» como em carta a Luiz Pinto de Souza dizia em fins do seculo XVIII Dom Fernando José de Portugal. Se na Bahia predominaram sudaneses e no Rio e em Pernambuco negros austraes do grupo bantú não significa que outros *stocks* não fornecessem seu contingente aos trez grandes centros de immigração e distribuição de escravos.

A carta escripta por Henrique Dias aos hollandeses em 1647 traz a respeito preciosos dados: «De quatro nações se compõe esse regimento: Minas, Ardas, Angolas e Creoulos: estes são tão malevolos que não temem nem devem; os Minas tão bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome; os Ardas tão fogosos que tudo querem cortar de um só golpe; e os Angolas tão robustos que nenhum trabalho os cança» (1).

(1) Citada por Nina Rodrigues no referido trabalho.

Ora, os «Ardas» ou «Ardras» eram gêge ou dahomanos do antigo reino de Ardia; os Minas, nagôs, os Angola, apenas, bantú.

Já Barleus, lembra Nina Rodrigues que se referira aos ardrenses. E refere-se. Mas para consideral-os pessimos escravos agrarios. Elles, os calabranses, os de Guiné, Cabo, Sierra Leôa. Bons para o trabalho no campo eram os congo, os sombrenses e os angola. Os da Guiné, Cabo, Sierra Leôa, maus escravos, porém bonitos de corpo. Principalmente as mulheres. Dahi serem as preferidas para os serviços domesticos; para o trabalho das casas-grandes (1). Facil é de imaginar, completando a insinuação do chronista, que tambem para os doces concubinatos ou simples amores de senhor com escrava em que se regalou o patriarchalismo colonial.

Um depoimento valioso a favor da these de Nina Rodrigues, e que este parece ter desconhecido, é o de João de Laet na sua *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até o fim de 1636*, publicada originalmente em Leyde em 1644. Dos negros de Angola, diz Laet resumindo informações do conselheiro politico Servacios Carpentier sobre a capitania da Parahyba que eram os empregados em maior numero no serviço da lavoura. Mas «sempre mantidos com muitos açoites». Accrescentando: «os negros de Guiné são excellentes, de sorte que a maior parte são utilisados nos serviços domesticos, para co-

---

(1) Gaspar Barleus — *Rerum per Octennium in Brasilien* — MDCLX «Os ardrenses — escreve Barleus — são muito preguiçosos, teimosos, estupidos, têm horror ao trabalho, si exceptuarmos pouquissimos que, muito pacientes no trabalho, augmentam o seu preço...»; dos Calabrenses destaca «a frouxidão e preguiça»; dos negros de Guiné, Serra Leôa, Cabo, a delicadesa ou suavidade, principalmente das mulheres; dos Congos e sonhenses, a aptidão para o trabalho: *aptissimi ad opera*. Os mais laboriosos informa que eram os Angolenses *(laboriosissimi Angolenses)*. Antonil por sua vez escreveu no seculo XVIII: «E porque commumente (os escravos) são de nações diversas, e huns mais boçaes que outros, e de figuras muito differentes, se ha de fazer repartição com reparo, e escolha, e não ás cegas. Os que vem para o Brasil são Ardas, Minas, Congos, de S. Thomé, d'Angola, de Cabo Verde, e alguns de Moçambique, que vem nas naos da India. Os

peiros, etc.; os do Cabo Verde são os melhores e os mais robustos de todos e são os que custam mais caro aqui». Quanto á capitania de Pernambuco trazem os *Annaes* a informação de grande trafico annual entre o porto do Recife e não somente Angola mas «outras regiões da Africa». É verdade que maiores seriam as facilidades de communicação com Angola. O conde de Nassau quiz fazer do Recife o principal centro distribuidor de escravos para as plantações americanas e para as minas do Perú, ficando Angola sob a immediata dependencia do governo de Pernambuco. Ao seu ver Pernambuco tinha direitos adquiridos sobre a Angola, S. Thomé e Anno Bom: as forças hollando-brasilianas é que haviam tomado dos hespanhoes essas colonias africanas. E do Recife e não de Amsterdam pensava elle que devia ser dirigido o commercio de escravos (1).

Embora o plano do conde não tivesse vingado — temendo-se porventura em Amsterdam que Nassau preparasse o terreno para a fundação de um principado tropical, unidas aquellas colonias africanas ao norte do Brasil — o certo é que a importação de negros se fez á grande sob o dominio hollandês. Mas mesmo sob os hollandeses as informações de Laet indicam não terem sido os escravos importados exclusivamente da Angola.

As evidencias historicas mostram assim, ao lado das pesquisas anthropologicas e de linguistica realisadas por Nina Rodrigues entre os negros da Bahia, a frouxa base em que se firma a ideia da colonisação exclusivamente

---

Ardas e os Minas são robustos. Os de Cabo Verde e S. Thomé são mais fracos. Os d'Angola criados em Loanda são mais capazes de aprender officios mechanicos que os das outras partes já nomeados. Entre os Congos ha alguns bastantemente industriosos e bons não só por o serviço da canna, mas para os officios, e para o menos da casa» (Antonil, *op. cit.*). Com relação ao Norte nos principios do seculo XIX deixou-nos Koster as seguintes informações: os escravos importados em maior numero eram de Angola, Congo e os conhecidos por Moçambiques, Rebelos, Angico, Gabão. Os Moçambiques, só nos ultimos tempos (*Travels*, cit.). Maria Graham baseada em estatisticas aduaneiras obtidas no Rio de Janeiro dá como os negros mais geralmente importados nos principios do seculo XIX: Moçambiques, Cabindos, Benguellas, Quilumanos, Angolas, (*Journal of a Residence in Brazil*, London, 1824).

(1) Wätjen. *op. cit.*

bantú do Brasil (1). Ao lado da lingua bantú, da kinbunda ou congoense falaram-se entre os nossos negros outras linguas geraes: a gêge, a haussá, a nagô ou yorubá — que Varnhagen dá como mais fallada do que o português entre os antigos negros da Bahia (2). Lingua ainda hoje prestigiada pelo facto de ser o latim do culto gêge-yorubano.

Identificou Nina Rodrigues entre os negros do Brasil que elle conheceu ainda no tempo da escravidão os chamados pretos de raça branca ou fulahs. Não só fula-fulos ou fulahs puros mas mestiços provenientes da Senegambia, Guiné portuguesa e costas adjacentes. Gente de côr cobrea avermelhada e cabellos ondeados quasi lisos. Os negros desse *stock*, considerados, por alguns, superiores aos demais do ponto de vista anthropologico, devido á mistura de sangue hamitico e arabe, vieram principalmente para as capitanias, e mais tarde provincias, do norte. Daqui, devem alguns ter emigrado para Minas

---

(3) Sylvio Romero que parece se haver inclinado a principio para a idéa do exclusivismo bantú, na colonização brasileira, no seu *Compendio de Historia da Literatura Brasileira*, escripto em collaboração com João Ribeiro, faz intelligente discriminação dos *stocks* africanos: «Não foram, porém, só as numerosas tribus de Guiné, da Nidricia ou Africa subtropical, e os do grupo *Bantú* que serviram de viveiro á escravidão brasileira. Os varios ramos de Boschimanos e Hottentotes entraram com seu contingente... Releva não esquecer o contingente do grupo *Nubio*. Foram os saidos desta ultima fonte os mais intelligentes escravos brasileiros. Seu numero, porém, foi muito reduzido em confronto com os demais». Em seu estudo sobre os mercados de escravos no Brasil e as tribus importadas, apresentado ao Congresso de Historia Nacional (*Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo especial, parte II) identifica Braz do Amaral os seguintes *stocks*: Yorubas, Egbas, Gêgis. Dahomeyanos, Yjejas, Angolas, Minas, Haussás, Krumanos, Filanio, Timinis, Bengos, Gallinhas, Efans, Ashantes, Cabindas. As Costas de Serra Leôa, Angola e os portos do Golpho de Guiné teriam sido os principaes mercados de escravos para o Brasil. Em pesquiza que realizamos. com o auxilio de José Antonio Gonsalves de Mello, neto, na collecção do *Diario de Pernambuco*, recolhemos dos annuncios de *Vende-se* e de *Escravos fugidos* as seguintes denominações de «nações» africanas: camundongo ou cambundongo, Angola, Moçambique, Caçange, Congo, Rebollo, Benguella, Muxicongo, Mina, Cabinda, Calabar, Angico, Cabunda, Costa, Gabão, Gejá (sic) Quisamá, Benè ou Benim, Costa de Nagou (sic), Loanda, Quelimano, Songa ou Songo, Magó, Báca, Mazango, Ubaca, ou Embaca, Ganguella, Malembá,, Massangana, Costa de Caxéo, Senze ou Songe, Ibanara.

(2) Nina Rodrigues no seu trabalho já citado. Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, cit.

e São Paulo. Os mysticos da superioridade de raça talvez enxerguem no facto a explicação das familias mestiças do Norte e de certas regiões de Minas e São Paulo virem contribuindo para o progresso brasileiro com maior numero de homens de talento — estadistas do Imperio, escriptores, bispos, artistas, presidentes e vice-presidentes da Republica — do que as do Sul — Rio de Janeiro, a maior parte de Minas e São Paulo, o Rio Grande do Sul. Poderão allegar tratar-se de um elemento com larga dose de sangue berbere e talvez até de origem berbére. Predominantemente não negroide, considera Haddon a esse povo africano de que dá como verdadeiro nome, *pulbe*. O mais (fula, fulani, fellava, filani, fube) seriam corruptelas. Descreve-os Haddon como gente alta, a pelle amarella ou avermelhada, o cabello ondeado, o rosto oval, o nariz proeminente.

Os haussá, *stock* de que tambem houve larga importação para o Brasil, notadamente para a Bahia, são igualmente mestiços de hamitas e talvez de berberes embora nelles os traços negros predominem. Tambem os Niam Niam, os Mangbattu, os Kanembu, os Bagirmi, os Bornú, os Kanuri (1).

Os Mandingos, de que o Brasil recebeu varias levas, accusam por sua vez sangue arabe e tuareg: os Yoruba accusam sangue não negro, ainda por identificar, e os proprios Bantú se nos apresentam, na sua grande variedade de typos, tocados de varios sangues: de hamita e negrillo, principalmente. Nos demais caracteristicos physicos são: na côr, de um pardo escuro, chocolate, differente do amarello sujo ou do pardo claro, avermelhado, dos fulos tanto quanto da côr de couro dos hottentotes e dos boschimanos ou do preto retinto dos naturaes da Guiné; dolicocephalos (havendo entretanto grupos de mesocephalos); menor prognatismo que o dos negros puros, o nariz mais proeminente e estreito (2).

---

(1) Haddon, *The Races of Man*, cit.
(2) Haddon, *The Races of Man*, cit.

Varias invasões e migrações teem alterado, em tempos historicos, a população da Angola — origem de numerosos escravos importados para o Brasil — na sua anthropologia e na sua cultura: uma dellas a dos Jagga em 1490. Mas sem nenhuma alteração profunda de raça, dada a semelhança entre os *stocks* invasores e nativos: todos já heterogeneos desde epoca remota.

Dos negros importados para o Brasil podem-se incluir os Bantú — sem contar excepções, consideradas apenas as grandes massas ethnicas — entre os mais caracteristicamente negros; pelo que não significamos a côr — convenção quasi sem importancia — e sim traços de caracterização ethnica mais profunda: o cabello em primeiro logar. Este, como se sabe, mostra-se encarapinhadissimo nos negros authenticos *(ulotrichiafricani)*, isto é, negrillos, boschimanos, hottentotes, koravas, negros, nilotes. Esse caracteristico não se encontra tão carregado nos individuos dos varios *stocks* mestiços de hamitas e até de berberes de que nos vieram numerosos escravos: emquanto os fulos e outros povos da Africa oriental que contribuiram tambem para a formação da familia brasileira se filiam pelo cabello aos *cynotrichi*. Cabello mais suave. Nariz mais afilado. Traços mais proximos dos europeus. Mais doces ou «domesticados», como se diria em linguagem anthropologica.

Mas dentro da orientação e dos propositos deste ensaio, interessam-nos menos as differenças de anthropologia physica (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade de familia para os de raça) que as de anthropologia cultural e de historia social africana. Estas é que nos parecem indicar ter sido o Brasil beneficiado com um elemento melhor de colonisação africana que outros paizes da America. Que os Estados Unidos, por exemplo.

Nina Rodrigues percebeu as differenças nos *stocks* africanos de colonização das duas Americas; mas fixou-as do ponto de vista, por elle rigidamente adoptado,

da inferioridade da raça negra. « Não eram negros boçaes os haussás que o trafico lançava no Brasil », escreveu o professor da Faculdade de Medicina da Bahia (1). E ao lado dos haussás mesclados de sangue hamita, cita triumphante, dominado pelo criterio de raça, os fula-fulos. Os « negros de raça branca », dos quaes não se teria feito nenhuma grande corrente immigratoria da Africa para os Estados Unidos.

De passagem observaremos que o professor Oliveira Vianna, o maior mystico do aryanismo que ainda surgiu entre nós, menos coherente que o scientista bahiano, escreveu num dos seus brilhantes trabalhos: « Os proprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da selecção imposta pelas contingencias da lucta com um adversario temivel, como é o anglo-saxão, ficou muito abaixo do theor medio da civilisação norte americana, etc. ». Tendo antes escripto que « a potencialidade eugenistica do H. Afer » não só « é reduzida em si mesma, como posta em funcção de civilisação organisada pelo homem da raça branca, ainda mais reduzida se torna » (2). As duas affirmativas do illustre publicista brasileiro se repellem: numa, a fraca civilisabilidade do negro se reduziria em contacto com a organização social da raça superior; noutra, ao contrario, se desenvolveria nesse contacto.

Fique bem claro, para regalo dos aryanistas, o facto de ter sido o Brasil menos attingido que os Estados Unidos pelo supposto mal da « raça inferior ». Isto devido ao maior numero de fula-fulos e semi-hamitas — falsos negros e, portanto, para todo o bom aryanista, de *stock* superioi ao dos pretos authenticos — entre os emigrantes da Africa para as plantações e minas do Brasil.

Em trabalho, já hoje classico (3), sobre a escravidão africana nos Estados Unidos, situa Phillips as principaes

---

(1) Nina Rodrigues — Trabalho referido.

(2) F. J. Oliveira Vianna — *Evolução do Povo Brasileiro* — São Paulo.

(3) Ulrick Bonnell Phillips — *American Negro Slavery, a Survey of the Supply, Employment and Control of Negro Labor as determined by the Plantation Regime* — New York — London 1929.

fontes de escravos para as plantações do seu paiz em Sierra Leone ou Leôa, Costa do Grão, Costas do Marfim, do Ouro, do Escravo, Rio do Eleo, Camereon, Gabão e Loango. Na Carolina do Sul os negros da Gambia, principalmente os Mandingas, teriam sido os preferidos; bôa acceitação tiveram tambem os da Angola. Os Carromantes (da Costa do Ouro), a julgar pelas palavras que Phillips transcreve de Christopher Codrington, governador das ilhas Lesward, teriam sido apreciadissimos pelos ingleses na America colonial; e encontram-se referencias a negros do Senegal, com o seu salpico de sangue arabe, preferido pela sua «maior intelligencia» para o serviço domestico (1). Não ha, porém, evidencia nenhuma de emigração africana para a America inglesa levando comsigo fula-fulos — pelo menos na mesma proporção que para a America portuguesa; nem representantes tão numerosos, da cultura mahometana. Esta só no Brasil desabrochou em escolas e casas-de-oração; em movimentos e organisações que accusam a presença de uma verdadeira elite malê entre os colonos africanos do nosso paiz.

Parece que para as colonias inglesas o criterio de importação de escravos da Africa foi quasi exclusivamente a agricola. O de energia bruta, animal, preferindo-se, portanto, o negro resistente, forte e barato. Para o Brasil a importação de africanos fez-se attendendo-se a outras necessidades e interesses. Á falta de mulheres brancas; ás necessidades de technicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de selecção.

Salienta Oliveira Vianna que em Minas Geraes observam-se hoje nos negros «delicadeza de traços e relativa belleza» ao contrario das «cataduras simiescas... abundantissimas na região occidental da baixada fluminense — o que indica que ali se concentrou e fixou alguma tribu de negros caracterisados pela sua fealdade: talvez os «bisagos» ou «yebús» ou «mandingas» (2). Deve-se notar

---

(1) Phillips — *American Negro Slavery*, cit.
(2) Oliveira Vianna — *Evolução do Povo Brasileiro*, cit.

que a primeira das regiões attrahiu negros affeitos ao trabalho de metaes, por conseguinte de cultura mais elevada, emquanto na segunda bastavam aos plantadores de canna de assucar ou de café simples pretalhões vigorosos, capazes de dar conta do amanho da terra. Até hottentontes boschimanos com suas ventas esparramadas e suas nadegas enormes. Ao nosso ver essas circumstancias explicam o melhor *stock* negro importado para a região mineira. Por outro lado, a superioridade de recursos economicos, talvez explique o facto de Pernambuco e da Bahia terem sido beneficiados com melhor gente africana do que o Rio de Janeiro. Puderam os senhores de engenho do Norte dar-se ao luxo de importar escravos mais caros.

Oliveira Vianna cita de Luiz Vahia Monteiro, governador do Rio de Janeiro em 1730, palavras que veem favorecer nossa interpretação quanto a Minas Geraes: «...e pela mesma razão não ha mineiro que possa viver sem nenhuma negra Mina, dizendo que só com ellas teem fortuna» (1). Foram essas Minas e as Fulas — africanas não só de pelle mais clara, como mais proximas, em cultura e «domesticação» dos brancos — as mulheres preferidas, em zonas como Minas Geraes, de colonização escoteira, para «amigas», «mancebas» e «caseiras» dos brancos. Illustres familias daquelle Estado, que ainda hoje guardam traços negroides, terão tido o seu começo nessa união de brancos com negras Minas, vindas da Africa como escravas, mas aqui elevadas a condição, segundo o testemunho de Vahia Monteiro, «de donas de casas». Outras terão permanecido escravas, ao mesmo tempo que amantes dos senhores brancos: «preferidas como mucamas e cosinheiras». Araripe Junior escreveu que a negra Mina apresentou-se sempre no Brasil com todas as qualidades para ser «uma excellente companheira». Sadia, enge-

(1) Luiz Vahia Monteiro, cit. por Oliveira Vianna, *Evolução do Povo Brasileiro*, cit.

nhosa, sagaz, affectiva. « Com semelhantes predicados — accrescenta Araripe — e nas condições precarias em que no primeiro e segundo seculos se achava o Brasil em materia de bello-sexo era impossivel que a *mina* não dominasse a situação » (1). Dominou-a em varias regiões. Particularmente em Minas no seculo XVIII.

Em meados do seculo XIX, Burton encontrou em Minas Geraes uma cidade de cinco mil habitantes, com duas familias apenas de puro sangue europeu. No litoral observou o inglês que fôra possivel aos colonos casar suas filhas com europeus. Mas nas capitanias do interior o mulatismo tornara-se um « mal necessario » *(mulatism became a necessary evil)*. A principio — é de suppor — menos por casamento do que por uniões irregulares de brancos com negras, muitas vezes suas escravas. Dahi a « extranha aversão ao casamento » que Burton ainda surprehendeu nas populações mineiras. Os homens « não gostavam de casar para toda a vida », mas de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos illegitimos só faziam favorecer essa tendencia para o concubinato e para as ligações ephemeras. É verdade que já os moralistas brasileiros vinham dando combate a tamanha irregularidade, alguns tendo mesmo lembrado que se não admittissem aos cargos publicos individuos que vivessem em franco concubinato (2).

Os escravos vindos das areas de cultura negra mais adeantada foram um elemento activo, creador, e quasi que se pode accrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animaes de tracção e operarios de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma funcção civilisadora. Foram a mão direita da formação brasileira; os portugueses e os indios, a mão esquerda.

---

(1) Araripe Junior — *Gregorio de Mattos* — Rio de Janeiro, 1894.
(2) Richard Burton — *The Highlands of the Brazil*, cit.

Eschwege salienta que a mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos (1). E Max Schmidt destaca dois aspectos da colonização africana que deixam entrever superioridade technica do negro sobre o indigena e até sobre o branco: o trabalho de metaes e a creação de gado (2). Poderia accrescentar-se um terceiro: a culinaria, que no Brasil enriqueceu-se e refinou-se com a contribuição africana.

Schmidt observou em Matto Grosso que muitas das praticas ligadas á creação de gado eram de origem africana. Tambem os instrumentos de ferreiro. Teriam sido transmittidas aos mestiços de indios com brancos pelos escravos negros. E o professor Roquette Pinto fixou interessante caso que já referimos, da acção civilizadora dos escravos fugidos entre os indios da Serra dos Pareci. Pode-se aliás generalisar dos negros fugidos, internados nas mattas e nos sertões, que desempenharam todas uma util funcção civilizadora: quasi sempre elevando a cultura das populações indigenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por ellas. Deante dos caboclos, os negros foram elemento europeisante. Agentes de ligação com os portugueses. Com a Igreja. Representaram não só aquelle papel de mediadores plasticos entre os europeus e indigenas a que se refere José Maria dos Santos (3), mas, em alguns casos, funcção original e creadora, transmittindo á sociedade em formação elementos valiosissimos de cultura ou technica africana.

O contacto mais intimo entre algumas das areas mais elevadas de cultura negra e o Brasil explica, ao

---

(1) Eschwege citado por J. Capistrano de Abreu, *Capitulos de Historia Colonial* (1500-1800) — 1928. «Em um caso mesmo foram guias dos brasileiros», diz por sua vez João Pandiá Calogeras: «seu é o merito da primeira industria de preparo directo de ferro, nas forjas rudimentares de Minas Geraes, fructo natural da sciencia pratica infusa nesses metallurgistas natos que são os africanos» (João Pandiá Calogeras — *Formação Historica do Brasil* — Rio de Janeiro).

(2) Max Schmidt, artigo em *Koloniale Rundschau*, Abril 1909, resumido por Sir Harry H. Johnston — *The Negro in the New World*, London 1910.

(3) José Maria dos Santos — *Politica Geral do Brasil*, Rio 1930.

nosso ver, o facto observado pelo professor Nina Rodrigues e por elle attribuido ao factor *raça*— isto é, á infusão de sangue hamita — da superioridade da colonisação negra do Brasil sobre a dos Estados Unidos. Facto que já fôra salientado por um americano: Fletcher. E antes de Fletcher, pelo naturalista inglês George Gardner (1).

Não se limitou o Brasil a recolher da Africa a lama de gente preta que lhe fecundou os cannaviaes e os cafesaes; que lhe amaciou a terra secca. Vieram-lhe da Africa «donas de casa» para seus colonos sem mulher branca; technicos para as minas; artifices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na industria pastoril; commerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza mahometanos. Por outro lado a proximidade da Bahia e de Pernambuco da Costa d'Africa actuou no sentido de dar ás relações entre o Brasil e o continente negro um caracter todo especial de intimidade. Uma intimidade mais fraternal que com as colonias inglesas. Do consul O' Sullivan Beare, que juntamente com Sir Roger Casement, foi um dos melhores informantes de Sir Harry Johnston no Brasil, recolheu este dados interessantissimos sobre o commercio entre a Bahia e as cidades africanas de Lagoa e Dahomé nos principios do seculo XIX. Commercio muito activo e conduzido por Fulos e Mandingo: — em geral ex-escravos (2).

---

(1) Gardner esteve no Brasil em 1836, visitando a Bahia. Ahi observou que os escravos eram mais difficeis de dominar do que em qualquer outro ponto do Brasil. «A causa é obvia», escreveu o scientista inglês. «Quasi a população inteira — refere-se aos negros — daquella provincia é originaria da Costa do Ouro. Os homens e as mulheres não só são mais altos e de melhores formas que os de Moçambique, Bengala e de outras partes da Africa como possuem maior («a much greater share») energia mental devido talvez ás suas intimas relações com os mouros e arabes. Entre elles ha muitos que leem e escrevem o arabico». (George Gardner, *Travels in the interior of Brazil*).

(2) Sir Harry H. Johnston, *The Negro in the New Wolrd*, cit.; tambem Nina Rodrigues referiu-se a esse commercio, como adiante veremos.

O estudo de Melville J. Herskovits sobre a Africa, baseado na idéa de areas de cultura (1), permitte-nos surprehender, nos seus altos e baixos, a cultura africana de que se contagiou e enriqueceu a brasileira, atravez de larga e variada importação de escravos e de frequente communicação commercial com portos africanos. Por esse criterio, deparamo-nos com as seguintes areas: (a) hottentote, caracterizada pela creação de gado, pelo uso de bois no transporte de fardos, pela utilização de suas pelles no vestuario, pelo largo consumo de sua carne, etc.; (b) boschimana — cultura inferior á primeira, pobre, nomade, sem animal nenhum a serviço do homem a não ser o cachorro, sem organização agraria ou pastoril, semelhante nesses traços á cultura indigena do Brasil, mas superior a esta em expressão artistica, em pintura pelo menos, como o demonstram os exemplos destacados por Frobenius; (c) a area de gado da Africa oriental (Bantú), caracterizada pela agricultura, com a industria pastoril super-imposta; tanto que a posse do gado numeroso e não de terras extensas, é que dá ao individuo prestigio social; trabalhos em ferro e madeira; polygamia; fetichismo; (d) area do Congo (tambem de lingua Bantú, ainda que na fronteira occidental se falem ibo, fanti, etc.), estudada por Leo Frobenius no seu trabalho *Ursprung der Afrikanischen Kulturen*, em que salienta as differenças, entre o Congo e as areas circumvisinhas, de vestuario, typo de habitação, tatuagem, instrumentos de musica, uso da banana, etc., traços a que Herskovits accrescenta outros: a economia agricola, além da caça e da pesca; a domesticação da cabra, do porco, da gallinha e do cachorro; mercados em que se reunem para a venda productos agricolas e de ferro, balaios, etc.; a posse da terra em commum; fetichismo, de que é interessante expressão artistica a esculptura em madeira, os artistas occupando lugar de honra na communidade; (e)

---

(1) Melville J. Herskovits — « A Preliminary Consideration of the Culture Areas of Africa », cit.

Horn Oriental — região difficil de caracterizar, representando já o contacto da cultura negra do sul com a mahometana do norte; actividade pastoril; utilização de numerosos animaes — vacca, cabra, carneiro, camello; organização social influenciada pelo islamismo; (f) Sudão oriental — area ainda mais influenciada que a anterior pela religião mahometana; lingua arabe; abundancia de animaes a serviço do homem; actividade pastoril; grande uso do leite de camello; nomadismo; tendas; vestuario de pannos semelhantes a dos berberes; (g) Sudão occidental — outra area de inter-penetração de culturas, a negra propriamente dita e a mahometana; região de grandes monarchias ou reinos — Dahomey, Benin, Ashanti, Haussá, Bornú, Yoruba; sociedades secretas de largo e efficiente dominio sobre a vida politica; agricultura, creação de gado e commercio; notaveis trabalhos artisticos de pedra, ferro, terra cotta e tecelagem; fetichismo e mahometismo; (h) area do deserto (berberes); (i) area egypcia cujas caracteristicas dispensamonos de fixar por não interessarem directamente á colonização do Brasil. Notaremos apenas o facto de terem uma e outra projectado larga influencia sobre o continente africano (1).

---

(1) Sylvio Romero e João Ribeiro (*Compendio de Historia da Literatura Brasileira*, cit.) não deixaram de suggerir o estado de cultura das principaes tribus ou «nações» africanas que concorreram para a nossa colonização: «Não estavam todas, é certo, no mesmo grau de cultura; mas do seu contacto com os Arabes desde o VII seculo, com os Egypcios e os Berberes, desde epocas immemoriaes tinham na mór parte de suas tribus chegado já a notavel grau de adiantamento». E mencionam: Jalofos, «aptos á vida do mar»; Mandingas, «convertidos em geral ao mahometismo, intelligentes e emprehendedores»; Yorubas ou Minas «quasi todos mahometanos e tão habeis quanto os Mandingas»; Haussás, «cuja lingua é a mais espalhada no Soldão»; Felupos, «os mais selvagens da zona»; Fulas, «os sectarios de Mahomet, melhor organisados no paiz»; Balantas, «gentios democratas»; Biafadas, «senhores de regular imperio destruido pelos Bijjagozes»; Ba-Congos, cujo «vasto reino» era «um dos mais adiantados da Africa nos seculos XV e XVI»; Cabindas, «excellentes trabalhadores»; Ambaquistas, «ladinos, habeis sophistas, amigos da escripta»; Ma-guiocos, «dextros caçadores»; Guissamas, «bons extrahidores de sal»; Libollos, agricultores; Bihenos, artistas; Ba-gangellas ou Ambuellas, mineradores de ferro; Guimbandes, artistas; Banhanecas e Ba-ncumbis, pastores e agricultores; Ajaus,

Atravez dessa caracterização, vê-se que nenhuma area de cultura negra, nem mesmo a boschimana, se some ou achata em confronto com a dos povos indigenas do Brasil. Deve-se, porém, salientar que a colonização africana do Brasil, realizou-se principalmente com elementos bantús e sudaneses. Gente de areas agricolas e pastoris. Bem alimentada a leite, carne e vegetaes (1). Os sudaneses da area occidental, senhores de valiosos elementos de cultura material e moral, proprios, uns e outros adquiridos e assimilados dos mahometanos.

Aos sudaneses dá Nina Rodrigues a «proeminencia intellectual e social» entre os negros importados para o Brasil, parecendo-lhe filiarem-se á organização religiosa dos sudaneses mahometanos, não só o movimento de 1835 da Bahia mas outras revoltas de senzala. Attribue Nina grande importancia á influencia exercida sobre os yorubanos ou nagô e sobre os ewes ou gêge pelos fulas e haussá mahometanos. Estes parecem ter dirigido varias revoltas de escravos. Teriam sido uns como aristocratas das senzalas. Vinham elles dos reinos de Wurno, Sokotô, Gandô, de organização politica já adeantada; de litteratura religiosa já definida — havendo obras indigenas es-

---

«relacionados ha seculos com os Arabes»; Sengas, mercadores de marfim; Mozuzuros, creadores de gado e dados á mineração; Vatuas ou Zulús, guerreiros; Tongas ou Bitongas, «inferiores em cultura»; Mabringelas, Ma-changanos, Macuacuas, Ma-chopes, Mindongues, Landins, pastores e agricultores; Nubios — fonte dos «mais intelligentes escravos brasileiros», importados «em numero muito reduzido». Mencionam outras tribus que teriam concorrido para a colonização do Brasil; mas sem destacar-lhes a significação cultural.

(1) Recentes estudos de Orr e Gilks mostram que os Masai, por exemplo, são um povo superiormente alimentado. Tal é a abundancia de seus rebanhos de carneiros, cabras e bois que a cada individuo «caberia uma média de 25 cabeças de bovinos e duas vezes mais carneiros e cabras». Os elementos basicos de sua dieta são: leite, carne e sangue (este retirado do animal pela puncção da jugular). Diversas raizes e cascas são usadas para infusões que os homens tomam com carne cozida e leite. Segundo aquelles investigadores a quantidade de proteina ingerida pelos Masai é: homens, 300 grs; mulheres, 165 grs. (J. B. Orr e J. L. Gilks, «The Physique and Health of two African Tribes», *Medical Research Councel, Special Report Series,* 1932, n. 155, apud Ruy Coutinho, trabalho em preparo, cit.). Sobre o regimen alimentar de varias sociedades africanas veja-se tambem Wállis, *An Introduction to Anthropology*, cit.

criptas em caracteres arabicos; de arte forte, original, superior ás anemicas imitações portuguesas dos modelos mouriscos. Semelhantes escravos não podiam conformar-se ao papel de manés-gostosos dos portugueses; nem seria a agua benta do baptismo christão que nelles apagaria o fogo mahometano.

Notou o abbade Ignace Etienne que o islamismo ramificou-se no Brasil em seita poderosa, florescendo no escuro das senzalas. Que da Africa vieram mestres e pregadores afim de ensinarem a ler no arabe os livros do Alcorão. Que aqui funccionaram escolas e casas de oração mahometanas (1).

O ambiente que precedeu o movimento de 35 na Bahia foi de intenso ardor religioso entre os escravos. No becco de Mata-porcos, na ladeira da Praça, no cruzeiro de S. Francisco, á sombra das igrejas e mosteiros catholicos, dos nichos da Virgem Maria e de Santo Antonio de Lisbôa, escravos lidos no Alcorão pregavam a religião do Propheta, oppondo-se á de Christo, seguida pelos senhores brancos, no alto das casas-grandes. Faziam propaganda contra a missa catholica dizendo que era o mesmo que adorar pau; e aos rosarios christãos, com a cruz de Nosso Senhor, oppunham os seus, de cincoenta centimetros de comprimento, noventa e nove contas de madeira, terminando com uma bola em vez da cruz (2).

Forçosamente o catholicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influencia mahometana como se impregnou da animista e fetichista, dos indigenas e dos negros menos cultos. Encontramos traços de influencia mahometana nos papeis com oração para livrar o corpo da morte e a casa dos ladrões e dos malfeitores; papeis que ainda se costumam atar ao pescoço das pessôas ou grudar ás portas e janellas das casas, no interior do Brasil. E é possivel que certa predisposição de negros

---

(1) Abbé Ignace Etienne — «La Secte Mussulmane des Malés du Brésil et leur révolte em 1835», *Anthropos*, cit.

(2) Nina Rodrigues, trabalho cit.; Manuel Querino, «A Raça africana e os seus costumes na Bahia», cit.

e mestiços para o protestantismo, inimigo da missa, dos santos, dos rosarios com a cruz, se explique pela persistencia de remotos preconceitos anti-catholicos, de origem mahometana. Mello Moraes Filho descreve uma festa dos mortos, em Penedo, (Alagoas) (1), que para Nina Rodrigues é, sem duvida nenhuma, mussulmana. Longas rezas e jejuns. Abstinencia de bebidas alcoolicas. Relação da festa com as phases da lua. Sacrificio de carneiro. A vestimenta, umas longas tunicas alvas (2).

Em nossas observações de praticas e ritos de seitas africanas em Pernambuco temos varias vezes notado o facto dos devotos tirarem as botinas ou os chinelos antes de participarem das cerimonias; e num «terreiro» que visitamos no Rio de Janeiro notámos a importancia attribuida ao facto do individuo estar ou não pisando sobre velha esteira estendida no meio da sala. No centro da esteira, de pernas mussulmanamente cruzadas, o negro velho, «pae de terreiro». Junto delle um alguidar com a comida sagrada — toda picada dentro de sangue de gallinha preta. Nas festas das seitas africanas que conhecemos no Recife — na dirigida por Eloy, rapaz quasi branco, de seus dezesete annos, creado por negras velhas,

---

(1) Mello Moraes Filho — *Festas e Tradições*, Rio de Janeiro.

(2) O mesmo, quanto a relação de festas com as phases da lua e o uso de tunicas alvas durante as cerimonias, observamos recentemente em Pernambuco, entre os adeptos da seita «Adoradores dos Astros e da Agua», no Fundão (Recife). Estes são tambem estrictos na abstinencia de bebidas alcoolicas. Adoram principalmente a Estrella d'Alva, a Lua e a Agua viva, organizando peregrinações a cachoeiras, rios e quedas dagua. O culto, na séde da seita, que é uma casinha toda branca, consta principalmente de danças, imitando os «movimentos dos astros», executadas por meninos que tambem cantam, ora em português, ora em «linguas extranhas», ao que parece inventadas. Uma «aguá sagrada», que recebe os «fluidos dos astros» é distribuida aos fieis em garrafas ou copos. Manteem escola, «aula de catecismo» e já mandaram um emissario para o Pará.

Ninguem pode assistir ás cerimonias que não esteja vestido de branco. Os canticos teem alguma cousa dos hymnos das igrejas protestantes:

«A união das aguas
Com as estrellas eu via
O circulo e o meu reino
Que a Deus pertencia».

e na de Anselmo, negro de seus cincoenta annos, filho de africanos, que vae, frequentemente, á Bahia, «no interesse da religião», — temos observado o facto de dançarem as mulheres com uma faixa de panno amarello em volta do pescoço. Exactamente como nos jejuns mahometanos da Bahia, que Manuel Querino descreve (1), celebrados na mesma semana das festas que a Igreja dedica ao Espirito Santo. Nas festas de Anselmo, quando uma mulher termina a dança, passa o panno amarello a outra, que, de pescoço envolvido, continua a dançar. Noutras seitas africanas, temos visto pannos vermelhos, com funcções evidentemente mysticas. E entre seus adeptos, como entre os devotos da Igreja, é commum á mystica das côres se associarem promessas a santos. Manuel Querino fala tambem de uma «tinta azul», importada da Africa, de que se serviam os malês para seus feitiços ou mandingas: escreviam com essa tinta signaes cabalisticos sobre uma taboa preta. Depois lavavam a taboa, e davam a beber a agua a quem quizesse fechar o corpo; ou atiravam-na no caminho da pessôa que se pretendia enfeitiçar (2).

Importaram-se até pouco tempo da Africa para o Brasil *tecebas* ou rosarios; instrumentos sagrados como o *heré* ou *chéchéré* — chocalho de cobre que nos xangôs ou toques alvoroça as *filhas de santo*; hervas sagradas e para fins aphrodisiacos ou de puro prazer (3).

---

(1) Manuel Querino — «A Raça Africana e seus costumes na Bahia», cit.

(2) Manuel Querino — «A Raça Africana e seus costumes na Bahia», cit.

(3) Entre outras, a herva conhecida no Rio de Janeiro — segundo Manuel Querino — por *pungo* e por *macumba* na Bahia; e em Alagôas por *maconha*. Em Pernambuco é conhecida por *maconha*; e tambem, segundo temos ouvido entre seus *aficionados*, por *diamba* ou *liamba*. Diz Querino que o uso de *macumba* foi prohibido pela Camara do Rio de Janeiro em 1830: o vendedor pagaria 20$000 de multa; o escravo que usasse seria condemnado a 3 dias de cadeia. Já fumámos a *macumba* ou *diamba*. Discordamos de Querino quanto a algumas qualidades que lhe attribue. Produz realmente visões e um como cansaço suave; a impressão de quem volta cansado dum baile, mas com a musica ainda nos ouvidos. Parece, entretanto, que seus effeitos variam consideravelmente de individuo para individuo.

O catholicismo das casas-grandes aqui se enriqueceu de influencias mussulmanas contra as quaes tão impotente foi o padre-capellão quanto o padre-mestre contra as corrupções do português pelos dialectos indigenas e africanos. É ponto a que nos havemos de referir com mais vagar, esse da interpenetração de influencias de cultura no desenvolvimento do catholicismo brasileiro e da lingua nacional. A esta altura apenas queremos salientar a actuação cultural desenvolvida na formação brasileira pelo islamismo, trazido ao Brasil pelos escravos malês.

Os negros mahometanos no Brasil não perderam, uma vez distribuidos pelas senzalas das casas-grandes coloniaes, o contacto com a Africa. Não perderam-na aliás os negros fetichistas das areas de cultura africana mais adeantadas. Os nagô, por exemplo, do reino de Yoruba, deram-se ao luxo de importar, tanto quanto os mahometanos, objectos de culto religioso e de uso pessoal. Nós de kola, kawris, panno e sabão da Costa, azeite de dendê.

Aliás é curioso notar que até fins do seculo XIX deu-se o repatriamento de haussás e nagôs libertos da Bahia para a Africa; que gêge libertos repatriados fundaram em Ardra uma cidade com o nome de Porto Seguro (1). Tão intimas chegaram a ser as relações da Bahia com cidades africanas que chefes de casas commerciaes de São Salvador receberam distincções honorificas do governo de Dahomey (2).

Como o seu uso se tem generalizado ultimamente em Pernambuco, a Policia vem perseguindo com rigor os seus vendedores e consumidores — os quaes fumam-na em cigarros, cachimbos e alguns até a ingerem em chás. Em muitos desses consumidores, o professor Ulysses Pernambucano, director da Assistencia a Psychopathas, do Estado de Pernambuco, estuda actualmente os effeitos da *macumba* ou *diamba*.

Alguns consumidores da planta, hoje cultivada em varias partes do Brasil, attribuem-lhe virtudes mysticas: fuma-se ou «queima-se a planta» — com certas intenções, boas ou más. Segundo Querino, o Dr. J. R. da Costa Doria attribue-lhe tambem qualidade aphradisiaca.

(1) Nina Rodrigues, trabalho cit.

(2) Nina Rodrigues, trabalho cit. Quando chegou ao Rio em 1852 a delegação da Sociedade dos Amigos (Quakers) foi recebida, por uma

Na Bahia, no Rio, no Recife, em Minas, o trajo africano, de influencia mahometana, permaneceu longo tempo entre os pretos. Principalmente entre as pretas doceiras; e entre as vendedeiras de aluá. Algumas dellas, amantes de ricos negociantes portugueses e por elles vestidas de seda e setim. Cobertas de quimbembeques. De joias e cordões de ouro. Figas da Guiné contra o mau olhado. Objectos de culto phallico. Fieiras de missangas. Collares de busio. Argollões de ouro atravessados nas orelhas. Ainda hoje se encontram pelas ruas da Bahia negras de doce com os seus compridos xales de panno da Costa. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamascada, de côres vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Teteas. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante mussulmano. Chinellinha na ponta do pé. Estrellas marinhas de prata. Braceletes de ouro. Nos principios do seculo XIX Tollenare, em Pernambuco, admirou a belleza dessas negras quasi rainhas. E Mrs. Graham surprehendeu-lhes a graça do talhe e o rythmo do andar.

São em geral pretalhonas de elevada estatura — essas negras que é costume chamar de «bahianas». Heraldicas. Aristocraticas. A elevada estatura é aliás um caracteristico sudanês, que convém salientar.

O sudanês é um dos povos mais altos do mundo No Senegal vêem-se negros tão altos que parecem estar andando de pernas de pau; tão compridos nas suas camisolas de menino dormir que de longe parecem almas do outro mundo. Magricelas dentuços, angulosos, hieraticos. Mais para o Sul da Africa, é que se encontra gente baixa e redonda. Mulheres culatronas. Redondezas aphrodisiacas de corpo. Hottentotes e boschimanos verdadeiramente grotescos com as suas nadegas salientes (esteatopygia).

---

commissão de Minas libertos. Sessenta tinham sido repatriados para Benin. Os ingleses receberam dos Minas papeis redigidos em arabico. (Veja-se John Candler e W. Burgess — *Narrative of a Recent Visit to Brazil* — London 1853).

Os caracteristicos physicos dos negros importados para o Brasil, é interessante seguil-os atravez da linguagem pittoresca do povo, nos annuncios de compra e venda de escravos para o serviço domestico ou agricola. Nesse sentido a collecção do *Diario de Pernambuco* apresenta-se com particular interesse para o estudante de anthropologia (1). Vê-se atraves dos velhos annuncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferencia pelos negros e negras altas e de formas attrahentes — «bonitas de cara e de corpo» e «com todos os dentes da frente». O que mostra ter havido selecção eugenica e esthetica de pagens, mucamas e mulecas para o serviço domestico — as negras mais em contacto com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa — muitos delles futuros doutores, bachareis e até padres.

Considerados esses pontos, que nos parecem de importancia fundamental para o estudo da influencia africana sobre a cultura, o caracter e a eugenia do brasileiro, sentimo-nos agora mais á vontade para o esforço, de procurar surprehender aspectos mais intimos dessa influencia e desse contagio.

---

(1) Eis alguns annuncios, dos que nos parecem mais interessantes do ponto de vista da caracterização anthropologica: «escravo... alto, fullo, barbado, cabeça puxada para traz» (Diario de Pernambuco, 7 de Março 1828); «escravo... fullo, Nação Massambique, com signaes na cara da mesma nação, pés apalhetados» (13 de Março, 1828); «ladino de nação Angola e de nome João, bastante preto, bem parecido, pouca barba, alto, olhos grandes (6 de Agosto 1828); «qualquer capitão de campo poderá pegar o preto chamado Benedito, Nação Gabão... baixo e seco de corpo, barbado, e tem suiças, bonito de cara, e de corpo» (25 de Agosto 1828); «Catharina, do gentio Benguella, alta, grossa de corpo, peitos em pé, cara larga, beiços grossos, dentes abertos, bem preta, de bonita figura» (9 de Outubro 1828); «Antonio, de Gentio da Costa, idade de 25 anos, tem 3 talhos na testa, signal de sua terra, tem o dedo grande do pé esquerdo sem unha, tem a falla fina, e a côr fulla» (3 de Agosto de 1829); «escravo da Nação Benguella de nome Manoel... delgado de corpo, pouca barba, nariz algum tanto afilado» (6 de Setembro 1828); «escrava preta de Angola com bom leite e bastante» (7 de Agosto 1828); «Izabel, Nação Congo, 30 annos... alta e grossa... pouco cabello na cabeça» (22 de Janeiro 1835); «Bento, de nação Camundá, alto, cheio de corpo, sem barbas, pés grandes, anda um tanto banzeiro» (9 de Julho 1850). Numerosos annuncios se referem a fulos; tambem a «negros altos... e com todos os dentes da frente»; alguns a pretas

Mas logo de inicio uma discriminação se impõe: entre a influencia pura do negro (que nos é quasi impossivel isolar) e a do negro, na condição de escravo. «Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao captiveiro», escreveu Joaquim Nabuco em 1881 (1). Admiraveis palavras para terem sido escriptas na mesma epoca em que Oliveira Martins sentenciava em paginas gravissimas: «Ha de certo, e abundam os documentos que nos mostram no negro um typo anthropologicamente inferior, não raro proximo do anthropoide, e bem pouco digno do nome de homem» (2).

Sempre que consideramos a influencia do negro sobre a vida intima do brasileiro, é a acção do escravo, e não a do negro per si, que apreciamos. Ruediger Bilden pretende explicar pela influencia da escravidão todos os traços de formação economica e social do Brasil (3). Ao lado da monocultura, foi a força que mais affectou a nossa plastica social. Parece ás vezes

---

com nadegas grandes, de chamarem a attenção como traço identificador de negro fugido. O que revela a presença de hottentotes ou boschimanos entre os escravos de Pernambuco no seculo XIX. Que negro ou negra feia era artigo quasi sem importancia no mercado de escravos vê-se atravez de varios annuncios. Deste, por exemplo (*Diario de Pernambuco*, 23 de Setembro 1830): «Vende-se uma escrava por preço tão favoravel que será incrivel no tempo presente por tal compra-la; a mesma escrava não tem vicio algum, e he quitandeira, e só tem contra si huma figura desagradavel e he o nocivo porque se vende; na cidade de Olinda na segunda casa sobre o aterro das vicas, ou no Recife na rua do Crespo D. 3». O negro que se vendia bem ou que, quando fugia, se procurava como quem procura uma joia de familia, fazendo-se até promessas a Santo Antonio, era o negro forte e bonito de corpo. Ainda em 1882 o *Diario de Noticias* do Rio de Janeiro publicava um annuncio promettendo a gratificação de 200$ a quem apprehendesse o escravo Sabino «bons dentes... quando falla carrega muito nos rr... um pouco gago... intelligente e muito esperto» (10 de julho de 1882).

(1) Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, cit.

(2) J. P. de Oliveira Martins — *O Brasil e as colonias portuguesas* — Lisbôa 1887.

(3) Ruediger Bilden, em trabalho em preparo. Para Bilden, o estudo do desenvolvimento historico do Brasil demonstra que males, attribuidos por alguns criticos á composição racial do paiz, derivam-se da escravidão.

influencia de raça o que é influencia pura e simples do escravo: do systema social da escravidão. Da capacidade immensa desse systema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos apparece no Brasil, atravez de toda nossa vida colonial e da nossa primeira phase de vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrario do indio, sempre movediço.

Salienta Goldenweiser quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua intelligencia, atravez do esforço por elle desenvolvido nas plantações da America sob o regimen da escravidão. O negro deve ser julgado pela actividade industrial por elle desenvolvida no ambiente de sua propria cultura, com interesse e enthusiasmo pelo trabalho (1).

Do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influencia deleteria como escravo. Foi o erro grave que commetteu Nina Rodrigues ao estudar a influencia do africano no Brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. «Abstrahindo pois — escreve elle ás primeiras paginas do seu trabalho sobre a raça negra na America portuguesa — da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como fariamos com os que de qualquer outra procedencia, etc». Mas isto é impossivel. Impossivel a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

Si ha habito que faça o monge é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos negreiros immundos, da Africa para o Brasil. Para de tanga tornar-se carregador de «tigre». A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de familia, soltando-o entre gente

---

(1) Alexander Goldenweiser — «Race and Culture in the Modern World», *Journal of Social Forces*, vol. III.

estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contacto de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o immoral, de que tanto o accusam.

Passa por ser defeito da raça africana, communicado ao brasileiro, o erotismo, a luxuria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da Africa, como entre os primitivos em geral — já o salientamos em capitulo anterior — é maior moderação do appetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estimulos picantes. Danças aphrodisiacas. Culto phallico. Orgias. Emquanto que no civilizado o appetite sexual de ordinario se excita sem grandes provocações. Sem esforço A idéa vulgar de que a raça negra é chegada, mais do que as outras, a excessos sexuaes, attribue-a Ernest Crawley ao facto do temperamento expansivo dos negros e do caracter orgiastico de suas festas criarem a illusão de desbragado erotismo. Facto que «indica justamente o contrario», demonstrando a necessidade, entre elles, de «excitação artificial». Havelock Ellis colloca a negra entre as mulheres antes frias do que fogosas: «indifferentes aos refinamentos do amor». E, como Ploss, salienta o facto dos orgãos sexuaes entre os povos primitivos serem, muitas vezes, pouco desenvolvidos (*comparatively undeveloped*) (1).

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor physico os filhos-familia. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou mas pela escrava. Onde não se realizou atravez da africana, realizou-se atravez da escrava india. O Padre Manoel Fonseca, na sua *Vida do Padre Belchior de Pontes*, é quem responsabiliza pela facil depravação dos meninos coloniaes: a mulher india.

---

(1) Ernest Crawley, *Studies of Savages and Sex*, cit.; Havelock Ellis, *Analysis of the Sexual Impulse*, cit. Veja-se tambem Pitt-Rivers, *The Clash of Culture and the Contact of Races*.

E de uma zona quasi sem salpico nenhum de sangue negro é que escreveu no seculo XVIII o bispo do Pará: «a miseria dos costumes neste paiz me faz lembrar o fim das cinco cidades por me perecer que moro nos suburbios de Gomorra, mui proximo, e na visinhança de Sodoma» (1).

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do indio mas do systema social e economico em que funccionaram passiva e mechanicamente. Não ha escravidão sem depravação sexual. É da essencia mesma do regimen. Em primeiro lugar, o proprio interesse economico favorece a depravação, criando nos proprietarios de homens immoderado desejo de possuir o maior numero possivel de crias. Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: «a parte mais productiva da propriedade escrava é o ventre gerador» (2).

Fôra assim em Portugal, de onde a instituição se communicou ao Brasil, já opulenta de vicios. «Os escravos mouros, e negros, além de outros trazidos de diversas regiões, aos quaes se ministrava o baptismo, não recebiam depois a minima educação religiosa», informa Alexandre Herculano. Entre esses escravos os senhores favoreciam a dissolução para «augmentarem o numero de crias como quem promove o accrescimo de um rebanho» (3). Dentro de semelhante atmosphera moral, creada pelo interesse economico dos senhores, como esperar que a escravidão — fosse o escravo mouro, negro, indio ou malaio — actuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxuria? O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem muleques.

---

(1) Fr. João de S. Joseph Queiroz, *Memorias* apud Oliveira Martins, *O Brasil e as Colonias Portuguesas*, cit.

(2) Joaquim Nabuco. *O Abolicionismo*, cit.

(3) Alexandre Herculano — *Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, cit.

Joaquim Nabuco salientou «a acção de doenças africanas sobre a constituição physica do nosso povo» (1). Teria sido esta uma das terriveis influencias do contagio do Brasil com a Africa. Mas é preciso notar que o negro se syphilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniaes. A «raça inferior», a que se attribue tudo que é «handicap» no brasileiro, adquiriu da «superior» o grande mal venereo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminue. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze annos, a rapazes brancos já podres da syphilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o syphilitico «não ha melhor depurativo que uma negrinha virgem». O Dr. João Alvares de Azevedo Macedo Junior registrou, em 1869, o extranho costume, vindo, ao que parece, dos tempos coloniaes; e de que ainda se encontram traços nas areas pernambucana e fluminense dos velhos engenhos de assucar. Segundo o Dr. Macedo seriam os blenorrhagicos que o «barbaro prejuizo» considerava curados si conseguissem intercurso com mulher pubere: «a innoculação deste virus em uma mullher pubere é o meio seguro de o extinguir em si» (2).

É igualmente de suppor que muita mãe negra, ama de leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se tambem por esse meio, da casa-grande á senzala, a mancha da syphilis. Já o Dr. José de Goes e Siqueira, em estudo publicado em 1877, julgava que se deviam sujeitar a multas e indemnisações aquelles que, sem escrupulo, entregavam os filhos syphiliticos aos cuidados de amas em perfeita saude. «Sendo o aleitamento

---

(1) Joaquim Nabuco — *O Abolicionismo*, cit.

(2) João Alvares de Azevedo Macedo Junior — *Da Prostituição do Rio de Janeiro e de sua Influencia sobre a Saude Publica* — These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1869. Veja-se tambem Evaristo de Moraes *A Escravidão no Brasil*.

um dos meios communs de transmissão, comprehende-se quantos resultados favoraveis á população produzirá uma medida de natureza tão simples e de facil exequibilidade». As negras amas de leite «não poderiam se entregar ao aleitamento mercenario sem attestações ou exames de sanidade pelo medico competente»; mas tambem «teriam o direito de reclamação sobre os paes ou tutores dos meninos que lhes houvessem communicado a molestia syphilitica» (1).

É claro que, syphilizadas — muitas vezes ainda impuberes — pelos brancos seus senhores, as escravas tornaram-se, por sua vez, depois de mulheres feitas, grandes transmissoras de doenças venereas entre brancos e pretos. O que explica ter se alagado de gonorrhéa e de syphilis a nossa sociedade do tempo da escravidão.

O mesmo se verificou no sul dos Estados Unidos. Janson, no seu livro *The Stranger in America* (2), refere-se á verdadeira epidemia de curandeiros dé doenças venereas nos Estados Unidos durante a primeira metade do seculo XIV. Signal de muita gente doente de genorrhéa e de syphilis. E Odum attribue proporções alarmantes á syphilis nos estados escravocratas do sul (3). Entre nós, no littoral, isto é, na zona mais colorida pela escravidão, sempre foi larga a extensão da syphilis. Continua a ser impressionante. A reclame de remedios, elixires e garrafadas para tratamento de males venereos faz-se ainda hoje com uma insistencia escandalosa. Até em estampas devotas, com imagens do menino-Deus cercado de anjinhos, annuncia-se que o elixir tal «cura syphilis»; que se «o proprio Christo viesse hoje ao mundo seria Elle que ergueria a sua santa palavra para aconselhar o uso do Elixir... aos soffredores de todas as

---

(1) José de Goes e Siqueira — *Breve estudo sobre a prostituição e a syphilis no Brasil* — Rio de Janeiro 1877.

(2) Janson, cit., por Calhoum, *A Social History of the American Family*, cit.

(3) Odum, cit. por Calhoum, *A Social History of the American Family*, cit.

molestias que teem como origem a impureza do sangue». E os mestres da medicina brasileira recommendam aos discipulos que, em clinica, pensem sempre syphiliticamente, isto é, considerando antes de tudo a possivel origem syphilitica do mal ou da doença (1).

A syphilis fez sempre o que quiz no Brasil patriarchal. Matou, cegou, deformou a vontade. Fez abortar mulheres. Levou anjinhos para o céo. Uma serpente creada dentro de casa sem ninguem fazer caso de seu veneno. O sangue envenenado rebentava em feridas. Coçavam-se então as perebas ou «cabidellas», tomavam-se garrafadas, chupava-se cajú.

A syphilização do Brasil vimos ás primeiras paginas deste trabalho que data dos principios do seculo XVI. Mas no ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, mulecas, mucamas, é que as doenças venereas se propagaram mais á vontade, atravez da prostituição domestica — sempre menos hygienica que a dos bordeis. Em 1845 escrevia Lassance Cunha que o brasileiro não ligava importancia á syphilis, doença «como que hereditaria e tão commum que o povo a não reputa um flagello, nem tão pouco a receia». Doença como que domestica, de familia, como o sarampo e os vermes. E insurgia-se contra a frequencia dos casamentos de syphiliticos. Casamentos sabidos por «nós outros medicos, que penetramos os segredos pathologicos das familias» (2). Já Manoel Vieira da Silva, posteriormente Barão de Alvaesar, nas suas *Reflexões so-*

---

(1) Lembra Oscar da Silva Araujo, repetindo, aliás, o velho Silva Araujo, que o Barão de Lavradio calculava em 50 % o numero de crianças syphiliticas encontradas no seu serviço no Hospital da Misericordia do Rio; que Moncorvo e Clemente Pereira verificaram a percentagem de 40 a 50 % de infecções syphiliticas no Serviço de Pediatria e Polyclinica; Moura Brasil a de 20 % nos doentes de olhos por elle tratados na Polyclinica do Rio de Janeiro. (Oscar da Silva Araujo — *Alguns Commentarios sobre a Syphilis no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro 1928.

(2) Herculano Augusto Lassance Cunha — *Dissertação sobre a Prostituição em Particular na Cidade do Rio de Janeiro* — These apresentada á Faculdade do Rio de Janeiro, Rio 1845.

bre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro, observara, nos principios do seculo XIX, o facto das «molestias cutaneas» serem «reputadas de muito pouca monta nesta cidade, chegando o prejuizo publico a affirmar que ellas não devem curar-se, quando talvez que a disposição morbosa, em que apparecem os naturaes desta cidade, desde a sua infancia, seja devido a semelhante desprezo» (1). Mas não foi Vieira da Silva o primeiro que teve o bom senso de insinuar fosse effeito da syphilis e do desprezo pelo seu tratamento o que para muitos era effeito do clima ou do «calor». Antes delle, vamos encontrar Vilhena, professor regio de lingua grega na Bahia nos fins do seculo XVIII, rebatendo a idéa de ser «o calor» a causa principal dos vicios e das doenças de sensualidade na colonia. «Meros subterfugios», escreveu Vilhena. A verdadeira causa lhe pareceu sempre «a desordenada paixão sensual». E não só a das ruas, como a das casas-grandes, contaminadas pelas senzalas. Contaminadas pelos escravos. Estes é que, para Vilhena, teriam transformado o clima saudavel do Brasil num clima mortifero; num clima que «tendo sido admiravel, por sadio, pouco ou nada differe hoje do da Angola...» (2).

Em principios do seculo XVIII já o Brasil é assignalado em livros estrangeiros como terra da syphilis por excellencia. O autor da *Histoire Générale des Pirates* escreve que «...presque tous les brésiliens sont atteints d'affections vénériennes» (3). E o Dr. Oscar da Silva Araujo traduz de John Barrow, viajante inglês que no seculo XVIII andou pelo Brasil, pela ilha de Java e pela Co-

---

(1) Citado por Oscar da Silva Araujo, *op. cit.*, que suppõe estarem incluidas nas «molestias cutaneas», tão toleradas pelos brasileiros, as syphiliticas. Lembra a proposito o abusão, então reinante, quanto ao perigo de poderem taes doenças «recolher, com grave damno para o enfermo».

(2) Luiz dos Santos Vilhena — *Recompilação de Noticias, Soteropolitanas e Brasilicas* (anno de 1802) — Bahia 1921.

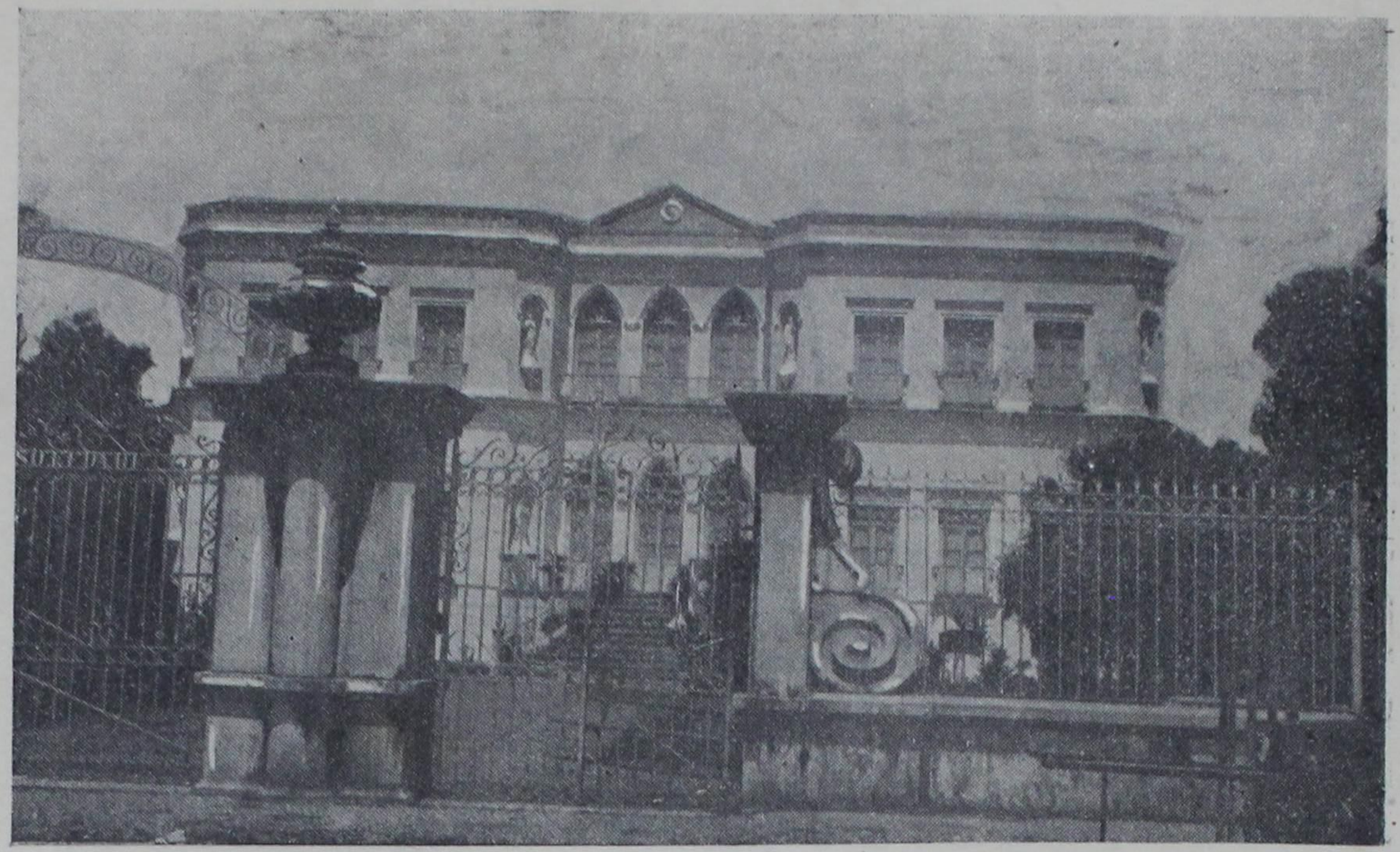
(3) Citado por Oscar Clark — *Syphilis no Brasil e Suas Manifestações Visceraes* — Rio de Janeiro 1918.

chinchina, curióso trecho sobre a syphilis no Rio de Janeiro. Segundo esse viajante até nos mosteiros o mal gallico causava devastações. E a proposito de certa caixa com medicamento mercurial, receitado á abbadessa de um convento por um medico conhecido de Barrow e aberta, indiscretamente, pelo portador — « galhofeiro frade de S. Bento » — conta o viajante que o tal ecclesiastico levando a caixa ao nariz teria dito com expressivo piscar de olhos: *ah! domine! mercurialia! ista sunt mercurialia!* Accrescentando que a abbadessa e todas as damas do Rio *pronae sunt omnes at deditae veneri* (1).

Transcreve ainda Silva Araujo estas palavras do Dr. Bernardino Antonio Gomes, velho medico colonial, em resposta ao inquerito do Senado da Camara do Rio de Janeiro em 1798 para apurar quaes as doenças endemicas na cidade dos vice-Reis: que para a prostituição e para o mal venereo no Brasil concorria poderosamente « o exemplo familiar de escravos, que quasi não conhecem outra lei que os estimulos da natureza ». Devia o Dr. Bernardino ter salientado que essa animalidade nos negros, essa falta do freio aos instinctos, essa desbragada prostituição dentro de casa, animavam-na os senhores brancos. No interesse da procreação á grande, uns; para satisfazerem caprichos sensuaes, outros. Não era o negro, portanto, o libertino; mas o escravo a serviço do interesse economico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a « raça inferior » a fonte de corrupção mas o abuso de uma raça por outra. Abuso que implicava em conformar-se a servil com os appetites da todopoderosa. E esses appetites estimulados pelo ocio — pela « riqueza adquirida sem trabalho », diz o referido Dr. Ber-

---

(1) Citado por Oscar da Silva Araujo — *Alguns Commentarios Sobre a Syphilis no Rio de Janeiro,* cit. — Em 1875 calcularia Goes e Siqueira (*op. cit.*) que se achando em 1872 infestada de syphilis a sexta parte do Exercito, em seis annos estaria todo atacado do mal. Quanto á população civil, escrevia: « não se ignora que a syphilis invade todas as classes sociaes ». A' syphilis attribue Ruediger Bilden nos seus estudos sobre a formação brasileira grande importancia como factor de depauperamento da população.



O palacete dos Viscondes do Livramento (Pernambuco), [*accusando requintes do meiado do seculo XIX*. (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

nardino: pela «ociosidade» ou pela «preguiça», diria Vilhena; por conseguinte ,pela propria estructura economica do regimen escravocrata.

Si é certo, como querem anthropologistas modernos, que «a irregularidade de relações sexuaes tem em geral manifestado a tendencia para crescer com a civilização» (1); que nos animaes domesticados encontra-se o systema sexual mais desenvolvido que nos selvagens (2); que entre os animaes domesticos, amollecidos pela relativa falta de lucta e de competição, as glandulas reproductoras absorvem maior quantidade de alimento (3); e, ainda, que o poder reproductor no homem tem augmentado com a civilização da mesma maneira que, nos animaes, com a domesticação (4) — podemos nos arriscar a concluir que dentro de um regimen como o da monocultura escravocrata, com uma maioria que trabalha e uma minoria que só faz mandar, nesta, pelo relativo ocio, se desenvolverá, necessariamente, mais do que naquella, a preoccupação, a mania, ou o refinamento erotico. É o exemplo da India, onde o amor é tanto mais fina, artistica e até perversamente cultivado quanto mais elevada é a casta e maior o seu lazer.

Nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o Brasil a pegajenta luxuria em que nos sentimos todos prender, mal attingida a adolescencia. A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze annos faz de todo o brasileiro um don Juan, não vem do contagio ou do sangue da «raça inferior» mas do systema economico e social da nossa formação; e um pouco, talvez, do clima; do ar molle, grosso, oleoso, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente. Impossivel negar-se a acção do clima sobre a mo-

---

(1) E. A. Westermark — *The History of Human Marriage*, cit.
(2) Havelock Ellis, *The Analysis of the Sexual Impulse*, cit.
(3) G. Adlez, cit. por Crawley, *op. cit.*
(4) W. Heape, cit. por Crawley, *op. cit.*

ral sexual das sociedades. Sem ser preponderante, dá entretanto para accentuar ou enfraquecer tendencias; endurecer ou amollecer traços sociaes. A voz sabemos que se torna estridente e aspera nos climas quentes; enquanto que sob a influencia da maior ou menor pressão atmospherica, do ar menos ou mais secco, altera-se no homem a temperatura, a circulação, a eliminação de gaz carbono. Tudo isso com repercussão sobre o seu comportamento social; sobre sua efficiencia economica; sobre sua moral sexual. Pode-se concluir, com Kelsey, (1), que certos climas estimulam o homem a maiores esforços e consequentemente a maior productividade; outros, o enlanguecem. Para admittil-o, não necessitamos de ir aos exaggeros de Huntington e dos outros fanaticos da «influencia do clima».

Nada, entretanto, de desviar-se para o factor clima a massa enorme de responsabilidades que, bem apuradas, tocam a forças sociaes e economicas dentro das quaes se teem articulado culturas, organizações, typos de sociedade. É certo que, muitas vezes, numa como alliança secreta com as forças naturaes. Outras vezes, porém, quasi independentes dellas.

O negro no Brasil, nas suas relações com a cultura e com o typo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sob o criterio da historia social e economica. Da anthropologia cultural. Dahi ser impossivel — insistamos neste ponto — separal-o da condição degradante de escravo, dentro da qual abafaram-se nelle muitas das suas melhores tendencias creadoras e normaes para accentuarem-se outras, artificiaes e até morbidas. Tornou-se ,assim, o africano um decidido agente pathogenico no seio da sociedade brasileira. Por «inferioridade de raça», gritam então os sociologos aryanistas. Mas contra estes gritos se levantam as evidencias historicas — as circumstancias de cultura e principalmente economicas — dentro das quaes se

(1) Kelsey, *The Physical Basis of Society*, cit.

deu o contacto do negro com o branco no Brasil. O negro foi pathogenico mas a serviço do branco; como parte irresponsavel de um systema articulado por outros.

Nas condições economicas e sociaes favoraveis ao masochismo e ao sadismo creadas pela colonização portuguesa — colonização, a principio, de homens quasi sem mulher — e no systema escravocrata de organização agraria do Brasil; na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas principaes do abuso de negros por brancos, atravez de formas sadistas de amor que tanto se accentuaram entre nós; e em geral attribuidas á luxuria africana.

Accresce que o culto de Venus Urania, trouxeram-no para o Brasil os primeiros colonos vindos da Europa — portugueses, hespanhoes, italianos, judeus. Aqui encontraram na moral sexual dos indigenas e nas condições, a principio desvairadas, de colonização, o meio de cultura favoravel á expansão daquella forma de luxuria e amor. Europeus de nome illustre figuram como sodomitas em processos da *Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil*(1). Um delles, o fidalgo florentino Felippe Cavalcanti, fundador de familia que lhe conserva o nome. O que não é de extranhar, dado o desenvolvimento da sodomia na Italia da Renascença. Da Italia da Renascença é que se internacionalizaram os principaes termos para designar particularidades do *peccado nefando;* e em processos e condemnações hespanholas dos seculos XVI e XVII encontrou Arlindo Camillo Monteiro numerosos casos de sodomitas italianos (2). João Lucio de Azevedo particulariza os caorsinos, dos quaes chegou a haver numerosa colonia em Lisbôa, e que teriam sido

---

(1) A denuncia de Felippe Cavalcanti como sodomita vem nas *Denunciações da Bahia* (1591-593). Denunciou-o Belchior Mendes d'Azevedo, morador em Pernambuco, na Villa de Olinda.

(2) Arlindo Camillo Monteiro — *Amor Safico e Socratico — Estudo Medico Forense* — Lisbôa 1922.

propagadores do amor socratico entre os portugueses (1).

Mas entre os proprios portugueses e hespanhoes, e entre os judeus e mouriscos da peninsula, lavrava intensamente essa forma de luxuria ao descobrir-se e colonizar-so o Brasil, figurando nos processos frades, clerigos, fidalgos, desembargadores, professores, escravos. Varios viram degredados para o Brasil, entre outros certo Fruitoso Alvarez, vigario de Matoim, que na Bahia confessou ao visitador do Santo Officio em 29 de Julho de 1591: «de quinze annos a esta parte que ha que está nesta capitanya da Baya de Todos os Sanctos, cometeo a torpeza dos tocamentos desonestos com algumas quarenta pessôas pouco mais ou menos, abraçando, beyjando...» (2).

Por «abraçar e beijar» — euphemismo que indica varias formas de priapismo — foram degredados de Portugal para o Brasil numerosos individuos; e a esse elemento branco e não á colonização negra, deve-se attribuir muito da lubricidade brasileira. Um elemento de colonização portuguesa do Brasil, apparentemente puro, mas na verdade corruptor, foram os meninos orphãos trazidos pelos jesuitas para seus collegios. Informa Monteiro que nos «livros de nefando são citados com relativa frequencia» (3).

Entre os proprios homens d'armas portuguesas sabe-se que nos seculos XV e XVI, talvez pelo facto das longas travessias maritimas e dos contactos com os paizes de vida voluptuosa do Oriente, desenvolveram-se todas as formas de luxuria. Heroes por todos admirados, delles facilmente se communicaram ás outras classes sociaes os vicios e os requintes eroticos. Lopo Vaz de Sampaio faz crer que o proprio Affonso de Albuquerque — o

---

(1) João Lucio de Azevedo, «Organização economica», cit.
(2) *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil*, cit.
(3) Monteiro, *op. cit.*

« Albuquerque terrivel » — teria tido seus requintes libidinosos (1).

A frequencia da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. Entretanto o primeiro volume de documentos relativos ás actividades do Santo Officio no Brasil registra varios casos de bruxas portuguesas. Suas praticas podem ter recebido influencia africana: em essencia, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado á feitiçaria africana ou indigena. Antonia Fernandes, de alcunha Nobrega, dizia-se alliada do Diabo: as consultas, quem respondia por ella era « certa cousa que fallava, guardada num vidro ». Magia medieval do mais puro sabor europeu. Outra portuguesa, Izabel Rodrigues, ou Bocca Torta, fornecia pós mirificos e ensinava orações fortes. A mais celebre de todas, Maria Gonçalves, de alcunha Arde-lhe-o-Rabo, ostentava as maiores intimidades com o Diabo. Enterrando e desenterrando botijas, os bruxedos de Arde-lhe-o-Rabo ligavam-se quasi todos a problemas de impotencia e esterilidade. A clientela dessas feitiçeiras coloniaes parece que era quasi exclusivamente de amorosos, infelizes ou insaciaveis.

Sabe-se aliás que em Portugal a bruxaria chegou a envolver a vida de pessôas as mais cultas e illustres. Julio Dantas retrata o proprio D. Nuno da Cunha, inquisidor-mór do reino no tempo de D. João V, todo embrulhado na purpura de cardeal — « especie de bicho da seda », diz o chronista — a tremer com medo de bruxas e feitiços. E graves doutores, espiritos adeantados da epoca como Curvo Semedo, recommendavam aos seus doentes, contra a infidelidade conjugal, « certa bruxaria feita ás palmilhas do sapato da mulher e do marido ». « Boticarios astutos, de capas negras pingadas e grandes fivellas de prata nos sapatos, faziam fortuna vendendo a herva « pombinha » defumada com dentes de defunto

(1) Monteiro. *op. cit.*

lançados sobre tijolos em brasa — extranho feitiço que despertava para o amor o organismo decrepito dos velhos e a frigidez desdenhosa dos moços» (1).

O amor foi o grande motivo em torno do qual girou a bruxaria em Portugal. Comprehende-se aliás a voga dos feiticeiros, das bruxas, das benzedeiras, dos especialistas em sortilegios aphrodisiacos, no Portugal desfalcado de gente que, num extraordinario esforço de virilidade, poude ainda colonizar o Brasil. A bruxaria foi um dos estimulos que concorreram, a seu modo, para a super-excitação sexual de que resultou preencherem-se, legitima ou illegitimamente, na escassa população portuguesa, os claros enormes abertos pelas guerras e pelas pestes. Da crença nos sortilegios já chegavam impregnados ao Brasil os colonos portugueses. A feitiçaria de directa origem africana aqui desenvolveu-se em lastro europeu. Sobre abusões e crenças medievaes.

Como em Portugal a bruxaria, a feitiçaria no Brasil, depois de dominada pelo negro, continuou a girar em torno do motivo amoroso, de interesses de geração e de fecundidade; a proteger a vida da mulher gravida e da creança ameaçada por tantos males — febres, caimbras de sangue, mordedura de cobra, espinhela cahida, máo olhado. A mulher gravida passou a ser prophylacticamente resguardada desses e de outros males por uma serie de praticas em que ás influencias africanas misturaram-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia catholica e sobrevivencias de rituaes indigenas.

Vindas de Portugal, desabrocharam aqui varias crenças e magias sexuaes: a de que a raiz de mandragora attrae a fecundidade e desfaz maleficios contra os lares e a propagação das familias; o habito das mulheres trazerem ao pescoço durante a gravidez «pedras de ara» dentro de um saquinho; o cuidado de não passarem, quando prenhes, debaixo de escada, sob o risco do filho não crescer; o habito de cingirem-se, quando aperreadas

---

(1) Julio Dantas — *Figuras de Ontem e de Hoje*, cit.

pelas dores do parto, com o cordão de São Francisco; o de fazerem promessas a Nossa Senhora do Parto, do Bom Successo, do O', da Conceição, das Dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito. Attendido o pedido por Nossa Senhora, pagava-se a promessa, consistindo muitas vezes em tomar a creança o nome de Maria; donde as muitas Marias no Brasil: Marias das Dores, dos Anjos, da Conceição, de Lourdes, das Graças (1). Outras vezes, em sahir a creança vestida de anjo ou de santo em alguma procissão; em estudar para padre; em tornar-se freira; em deixar crescer o cabello até crear longos cachos que servissem para offertar á Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos; em vestir-se até a idade de doze ou treze annos de branco e azul, ou só de branco, em homenagem á Virgem Maria (2).

Deve-se ainda registrar o costume dos *ex-votos* de mulheres gravidas: offertas de meninos de cêra ou madeira ás santas e Nossas Senhoras conhecidas como protectoras da maternidade. Algumas capellas de engenho guardam numerosas collecções de *ex-votos* de mulheres.

Mas o grosso das crenças e praticas da magia sexual que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso mysticismo do negro; algumas trazidas por elle da

---

(1) Um estudo a fazer-se no Brasil é o das promessas a santos como reflexo das tendencias estheticas do nosso povo; das suas predilecções de côr, de nome, etc. Com relação ao «culto de Maria na linguagem popular do Brasil» deixou-nos Affonso Arinos paginas interessantissimas. «Cada familia nossa tem, com raras excepções, uma ou muitas Marias». (Affonso Arinos, *Lendas e Tradições Brasileiras*, S. Paulo 1917). Resultado, muitas dessas numerosas Marias, de promessas a Nossa Senhora. Resultados de promessas ou do culto de Maria são ainda os nomes de muitos lugares do Brasil — Graça, Penha, Conceição, Monserrate — que tornam a nomenclatura geographica do nosso paiz tão mais poetica que a dos Estados Unidos com os seus Minneapolis, Indianopolis e outros nomes em «polis» que Mathew Arnold achou horrorosamente inexpressivos.

(2) Aliás esta ultima forma de pagar promessa encontra-se tambem entre negros fetichistas com relação a seus oxalás. Ortiz observou em Cuba promessas de devotos de oxalá só se vestirem de branco. Nina Rodrigues e Manuel Querino surprehenderam praticas semelhantes na Bahia: «filhas de santos» cujos trajes variam de côr conforme o «oxalá».

Africa, outras africanas apenas na technica, servindo-se de bichos e hervas indigenas. Nenhuma mais caracteristica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. O sapo tornou-se tambem, na magia sexual afro-brasileira, o protector da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retroz verde, fazer com ella uma cruz no rosto do individuo adormecido e coser depois os olhos do sapo. Por outro lado, para conservar o amante sob seu jugo precisa apenas a mulher de viver com um sapo debaixo da cama, dentro de uma panella. Neste caso, um sapo vivo e alimentado a leite de vacca. Ainda se emprega no Brasil o sapo, na magia sexual ou no feitiço, cosendo-se-lhe a bocca depois de cheia de restos de comida deixada pela victima. Outros animaes ligados á magia sexual afro-brasileira são o morcego, a cobra, a coruja, a gallinha, o pombo, o coelho, o kagado. Hervas, varias — umas indigenas, outras trazidas da Africa pelos negros. Algumas tão violentas, diz Manuel Querino, que produzem tonturas, apenas trituradas com as mãos. Outras que se bebem, se mascam, ou se fumam, tragando, como a maconha. Até o caranguejo é instrumento de magia sexual: preparado com tres ou sete pimentas da Costa e atirado ao solo produz desarranjos no lar domestico (1).

Foi a pericia no preparo de feitiços sexuaes e aphrodisiacos que deu tanto prestigio a escravos macumbeiros junto a senhores brancos já velhos e gastos. Agrippino Grieco recolheu no Rio de Janeiro, na região das velhas fazendas de café, a tradição de senhores de 70, 80 annos, que estimulados pelos aphrodisiacos dos negros macumbeiros, viviam rodeados de negrinhas ainda impuberes; e estas a lhes proporcionarem as ultimas sen-

(1) Manuel Querino, «A Raça Africana e os Seus Costumes na Bahia», cit. Veja-se tambem Pereira da Costa, «Folk-lore pernambucano», *Rev. Inst. Arch. Pern.;* Alfredo de Carvalho, «A Magia Sexual no Brasil», (fragmento), *Rev. Inst. Arch. Pern.,* n. 106; Julio Ribeiro, *A Carne,* São Paulo.

sações de homem. De um barão do Imperio conta Grieco que morreu já octogenario, a acariciar mucamas puberes e impuberes. Era «muito camarada das bruxas e dos curandeiros que o aprovisionavam de aphrodisiacos» (1). Não teve outra velhice, em Portugal, o Marquez de Marialva: Beckford diz que elle se fazia rodear de anjinhos ,isto é, de crianças vestidas de anjos; e que essas crianças prodigalizavam-lhe toda a especie de caricias.

Não devemos esquecer o papel importante que chegou a representar o café na magia sexual afro-brasileira. Ha mesmo no Brasil a expressão «café mandingueiro». Trata-se de um café com mandinga dentro: muito assucar e «alguns coagulos do fluxo catamenial da propria enfeitiçante» (2). Antes filtro amoroso do que mandinga. Mas um filtro amoroso como não se pode imaginar outro mais brasileiro: café bem forte, muito assucar, sangue de mulata. Ha outra technica: a de coar-se o café na fralda de uma camisa com que tenha dormido a mulher pelo menos duas noites consecutivas. Este café deve ser bebido pelo homem duas vezes, uma no almoço, outra no jantar (3). Aliás a fralda suja de camisa de mulher entra na composição de muita mandinga de amor; como entram outras cousas nojentas. Pellos de sovaco ou das partes genitaes. Suor. Lagrimas. Saliva. Sangue. Aparas das unhas. Esperma. Alfredo de Carvalho menciona ainda: «o muco catamenial, excreto das glandulas de Bartholin e até mesmo dejecções». De posse de qualquer destas substancias, o catimboseiro, mandingueiro ou macumbeiro diz que «abranda o coração» das pessoas mais esquivas (4).

---

(1) Agrippino Grieco — «Parahyba do Sul», *O Jornal*, ed. especial commemorativa do bi-centenario do café.

(2) Basilio de Magalhães — «As lendas em torno da lavoura do café», *O Jornal* (Rio), ed. especial commemorativa do bi-centenario do café.

(3) Basilio de Magalhães, *loc. cit.*

(4) Alfredo de Carvalho, «A Magia Sexual no Brasil», cit.

Ha catimboseiros que confeccionam bonecos de cera ou de panno. São os feitiços mais hygienicos do ponto de vista do enfeitiçado. Sobre esses calungas operam os mestres-carlos tudo quanto desejam que se reflicta sobre o individuo a enfeitiçar; questão de rezarem forte. O mais é só brincar com o boneco: apertal-o, machucal-o, estender-lhe os braços, escancarar-lhe as pernas. Que tudo se reflecte na pessôa distante.

Ha outro feitiço que consiste em cortar a tesoura cruzes na camisa do homem, bem no meio do peito. Para isso, roubam-se peças da trouxa de roupa lavada.

Não só para fins amorosos, como em torno ao recemnascido, reuniram-se, no Brasil, as duas correntes mysticas: a portuguesa, de um lado; a africana ou a amerindia do outro. Aquella representada pelo pae ou pelo pae e mãe brancos; esta, pela mãe india ou negra, pela ama de leite, pela mãe-de-creação, pela mãe-preta, pela escrava africana. Os cuidados prophylacticos de mãe e ama confundiram-se sob a mesma onda de ternura maternal. Quer os cuidados de hygiene do corpo, quer os espirituaes, contra os quebrantos e o máo olhado.

Na protecção mystica do recem-nascido salientou-se porém a acção da ama africana. Tradições portuguesas trazidas pelos colonos brancos — a do cordão umbilical ser atirado ao fogo ou ao rio, sob pena de o comerem os ratos, dando a creança para ladra; a da creança trazer ao pescoço o vintem ou a chave que cura os *sapinhos do leite;* a de não se apagar luz emquanto o menino não fôr baptisado para não vir a feiticeira, a bruxa ou o lobishomem chupar-lhe o sangue no escuro; a de se darem nomes de santos ás creanças pois, do contrario, se arriscam a virar lobishomens — foram aqui modificadas ou enriquecidas pela influencia da escrava africana. Da ama de menino. Da negra velha.

Tambem as canções de berço portuguesas, modificou-as a bocca da ama negra, alterando nellas palavras; adaptando-as ás condições regionaes; ligando-as ás crenças dos indios e ás suas. Assim a velha canção « escuta,

escuta, menino» aqui amolleceu-se em «durma, durma, meu filhinho», passando Belem de «fonte» portuguesa a «riacho» brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com mãe d'agua dentro, em vez de moura encantada. O riacho onde se lava o timãosinho de nênê. E o matto ficou povoado de «um bicho chamado carrapatú». E em vez de papão ou da côca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas-grandes, atraz de meninos malcreados gritando de noite nas redes ou dos trelosos, lambusando-se da geléa de araçá guardada na dispensa — cabras-cabriolas, o boi-tátá, negros de surrão, negros velhos, papa-figos.

Deixou-se de ninar o menino cantando como em Portugal:

«Vae-te Côca, vae-te Côca
para cima do telhado
deixa dormir o menino
um somninho descançado» (1)

para se cantar de preferencia:

«Olha o negro velho
em cima do telhado
Elle está dizendo
quer o menino assado», (2)

Não que a côca ou cuca tenha desapparecido de todo das canções de acalanto do Brasil. Amadeu Amaral (pae) ainda recolheu esta quadrinha — evidentemente no sul:

«Durma meu bemzinho
que a cuca j'ei vem
papai foi na roça
mamãe logo vem». (3)

Mas seu prestigio empallideceu diante de phantasmas mais terriveis. De novos medos e mal-assombros.

---

(1) Leite de Vasconcellos — *Tradições Populares de Portugal*, cit.
(2) Lindolfo Gomes — *apud* Amadeu Amaral Junior — «Superstições do povo paulista» — *Revista Nova* (São Paulo), n.º 4.
(3) Citada por Amadeu Amaral Junior — «Superstições do Povo Paulista», cit.

Novos medos trazidos da Africa, ou assimilados dos indios pelos negros, juntaram-se aos portugueses, da côca, do papão, do lobishomem; ao do olharapos, da côcaloba, da farranca, da Maria da Manta, do trango-mango, do homem-das-sete-dentaduras, das-almas-penadas. E o menino brasileiro dos tempos coloniaes viu-se rodeado de maiores e mais terriveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo. Nas praias, o homem-marinho — terrivel devorador de dedos, nariz e piroca de gente (1). No matto, o sacy-pererê, o caipora, o homem de pés ás avessas, o boi-tátá. Por toda a parte, a cabra-cabriola, a mula sem cabeça, o tutú marambá, o negro do surrão, o tatú gambeta, o chibamba, o mão-de-cabello. Nos riachos e lagôas, a mãe d'agua. A beira dos rios, rios, o sapo cururú. De noite, as almas penadas. Nunca faltavam: vinham lambusar de «mingau das almas» o rosto dos meninos. Por isso menino nenhum devia deixar de lavar o rosto ou de tomar banho logo de manhã cedo. Um outro grande perigo: andar o menino na rua fóra de horas. Phantasmas vestidos de branco, que augmentavam de tamanho — «os cresce e mingua» — eram muito capazes de apparecer ao atrevido. Ou então redes malassombradas de bexiguentos. E havia ainda o papa-figo — homem que comia figado de menino. Ainda hoje se affirma em Pernambuco que certo ricaço do Recife, não podendo se alimentar sinão de figado de crianças, tinha seus negros por toda parte pegando menino num sacco de estopa. E o Kibungo? Este, então, veio inteiro da Africa para o Brasil. Um bicho horrivel. Metade gente, metade animal. Uma cabeça enorme. E no meio das costas um buraco que se abre quando elle abaixa a cabeça. Come os meninos abaixando a cabeça: o buraco do meio das costas se abre e a criança escorrega por elle. E adeus!

---

(1) Varios são os mythos brasileiros que envolvem suggestão ou ameaça de castração. Entre outros, o mão-de-cabello, do qual se diz em Minas, aos meninos que mijam na cama: «Oia, si nenem mijá na cama, mão-de-cabello vem te pega e corta minhoquinho de nenem!» Veja-se Basilio de Magalhães — *O Folk-lore do Brasil*, 1928.

Está no papo do Kibungo. O Kibungo se approximava das casas onde havia menino malcreado dizendo:

« De quem é esta casa
anê
como gérê, como gérê
como erá? » (1)

O Cabelleira, o bandido dos cannaviaes de Pernambuco, que foi afinal enforcado, é outro que tornou-se quasi um phantasma. Quasi um Kibungo. Não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até os principios do seculo XX — o seculo da luz electrica, que acabou com tanto mal-assombrado bom, para só deixar os banaes, das sessões de espiritismo — não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabelleira. A negra velha só tinha de gritar para o menino chorão: « Cabelleira vem ahi! » E o menino se calava logo, engolindo o choro, entre soluços:

« Fecha porta, Rosa
Cabelleira eh — vem
comendo mulheres
meninos tambem! »

Em zonas ruraes do sul perdura a superstição do *turco* comer menino (2); superstição que não se encontra no norte. A do negro do surrão é que não perdeu de todo o seu antigo prestigio. Ainda ha meninos que se arrepiam ouvindo contar a historia:

« Canta, canta meu surrão
Sinão te metto este bordão »

E não querem saber de encontrar negro velho de surrão. Lembram-se logo da *menina que tinha uns brincos de ouro*. Era uma menina que tinha uma madrasta muito malvada (as madrastas são sempre muito malvadas nas historias brasileiras e portuguesas: haja vista a do figo da figueira). Um dia a menina foi tomar banho no rio; e como de costume tirou os brincos de ouro e botou em cima de uma pedra. Chegando em casa deu por falta dos

(1) Nina Rodrigues, em trabalho cit.
(2) Amadeu Amaral Junior, *loc. cit.*

brincos: Valha-me Nossa Senhora, onde estão meus brinquinhos! Meus brinquinhos do coração! E minha madrasta! Minha madrasta me mata por causa desses brincos. E voltou ao rio para procurar os brincos. Quando chegou ao rio — quem havia de encontrar? Um negro velho e feio que agarrou a menina e botou dentro do seu surrão. Sahiu o velho com a menina e onde chegava botava o surrão no chão e dizia:

«Canta, canta meu surrão
Sinão te dou com meu bordão»

E o surrão cantava numa vozinha doce:

«Neste surrão me metteram
Neste surrão hei de morrer
por causa de uns brincos de ouro
que no riacho eu deixei»

Todo o mundo gostava da voz do surrão; e dava dinheiro ao negro velho. Um dia chegou o negro á casa da madrasta. Convidaram o velho para descansar. Para comer e beber; e como já era tarde, para dormir. Parece que as irmãs da menina tinham desconfiado da voz bonita do surrão. De noite, quando o negro pegou no somno, as moças foram, abriram o surrão, tiraram a menina. Estava se acabando de fraca. Coitadinha, o negro só lhe tinha dado de comer sola de sapato velho. Em lugar da menina, as moças encheram o surrão de côcô. No dia seguinte o negro levantou-se, tomou café e partiu — sem dar pela cousa. Quando na casa proxima o negro mandou o surro cantar — o surrão calado. O negro pensou que era a menina dormindo. Metteu o pau no surrão. Mas este se arrebentou todo, emporcalhando o velho.

As historias portuguesas soffreram no Brasil, consideraveis modificações na bocca das negras velhas ou amas de leite. Foram as negras que se tornaram entre nós, as grandes contadoras de historias. Os africanos, lembra Ellis, possuem os seus *contistas*. «Alguns individuos fazem profissão de contar historias e andam de

logar em logar recitando contos » (1). Ha o *akpalô* fazedor de *alô* ou conto; e ha o *arokin,* que é o narrador das chronicas do passado. O *akpalô* é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar historias. Negras que andavam de engenho em engenho contando historias ás outras pretas, amas dos meninos brancos. José Lins do Rego, no seu *Menino de Engenho* (2) fala das velhas extranhas que appareciam pelos *banguês* da Parahyba; contavam historias e iam se embora. Viviam disso. Exactamente a funcção e o genero de vida do *akpalô.*

Por intermedio dessa negras velhas e das amas de menino, historias africanas, principalmente de bichos — bichos confraternizando com as pessoas, falando como gente, casando-se, banqueteando-se, etc., — accrescentaram-se ás portuguesas, de Trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniaes — quasi todas historias de madrastas, de principes, gigantes, princezas, pequenos-pollegares, mouras encantadas, mouras tortas.

A linguagem infantil tambem aqui se amolleceu ao contacto da creança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influencia da bocca africana. Da bocca africana alliada ao clima — outro corruptor das linguas européas, na fervura, por que passaram na America tropical e sub-tropical.

O processo de reduplicação da syllaba tonica, tão das linguas selvagens e da linguagem das creanças, actuou sobre varias palavras dando ao nosso vocabulario infantil um especial encanto. O « doe » dos grandes tornou-se o « dodoe » dos meninos. Palavra muito mais dengosa.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: amollengou-as, machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a bocca do menino branco as syllabas molles. Dahi

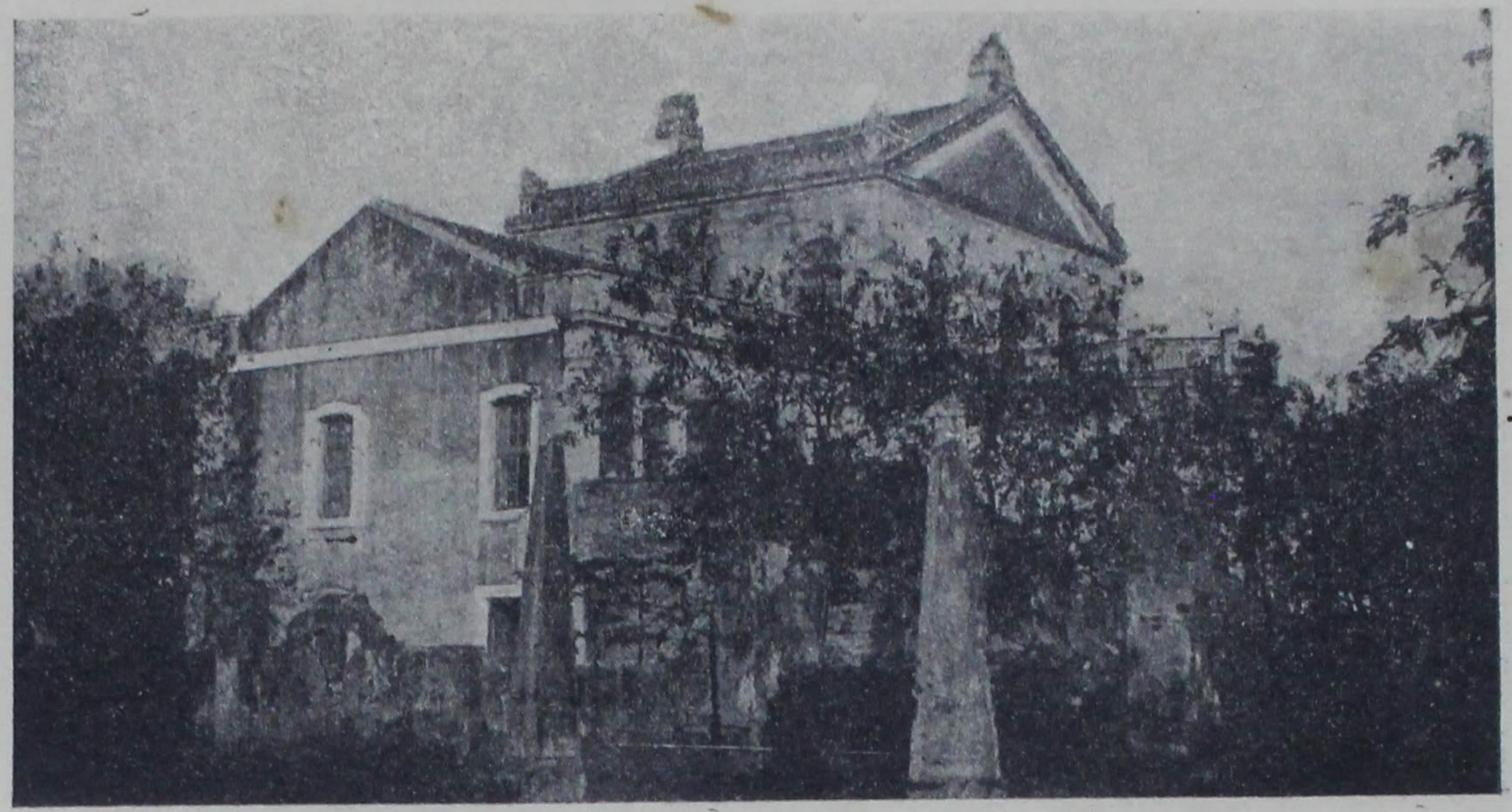
---

(1) Sir A. B. Ellis, cit. por Nina Rodrigues, trabalho cit.
(2) José Lins do Rego — *Menino de Engenho,* cit.

esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as syllabas finaes molles; palavras que só faltam desmanchar-se na bocca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quasi africano: cacá, pipi, bumbum, ten-tem, nênem, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, côcô, dindinho, bimbinha. Amollecimento que se deu em grande parte pela acção da ama negra junto á creança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes proprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solemnidade, dissolvendo-se deliciosamente na bocca dos escravos. As Antonias, ficaram Dondonas, Toinhas, Totonhas; as Theresas, Tetés, os Manoeis, Nezinhos, Mandús, Manés, os Franciscos, Chicos, Chiquinhos, Chicós, os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Yayás, dos Yoyôs, das Sinhás, das Manús, Calús, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês.

E não só a linguagem infantil se abrandou desse geito mas a linguagem em geral, a fala seria, solemne da gente grande, toda ella soffreu no Brasil, ao contacto do senhor com o escravo, um amollecimento de resultados ás vezes deliciosos para o ouvido. Effeitos semelhantes aos que soffreram o inglês e o francês noutras partes da America, sob a mesma influencia do africano e do clima quente. Mas principalmente do africano. Nas Antilhas e na Louisiana « bonnes vieilles négresses » adocicaram o francês, tirando-lhe o fanhoso antipathico, os *rr* zangados; no sul dos Estados Unidos as « old mamies » deram ao ranger das syllabas asperas do inglês uma brandura oleosa. Nas ruas de New Orleans, nos seus velhos *restaurants*, ainda se ouvem annunciar nomes de bolos, de doces, de comidas num francês mais lyrico que o da França: « pralines de pacanes », « bon café tout chaud », « blanches tablettes à la fleur d'oranger ». Influencia das « bonnes vieilles négresses ».

Calcleugh, que esteve no Brasil em principios do seculo XIX, deliciou-se com o português colonial. Um



Casa-grande onde por muito tempo morou o Visconde de Suassuna, no Pombal (Pernambuco) (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

português gordo, descançado. Distinguiu-o logo do da Metropole. A pronuncia dos brasileiros pareceu-lhe menos nasal que a dos portugueses; e menos judia («not so Jewish») na maneira de pronunciar o *s;* «and on the whole is a more agreeable language than in the mouth of a native», (1). Facto que Calcleugh attribuiu exclusivamente ao clima. Ao calor dos tropicos. O clima lhe pareceu agir sobre a fala, como sobre a actividade mental dos brasileiros, no sentido de uma grande lassidão. Curioso, porém, que tão attento á influencia dos judeus sobre a pronuncia reinol do *s*, não tivesse reparado Calcleugh na influencia dos negros — sobre o português do Brasil. Quando os negros foram maiores inimigos que o clima dos *ss* e dos *rr*; maiores corruptores da lingua no sentido da lassidão e do langôr. Mães negras e mucamas, alliadas aos meninos, ás meninas, ás moças brancas das casas-grandes, crearam um português diverso do hirto e grammatical que os jesuitas tentaram ensinar aos meninos indios e semi-brancos, alumnos de seus collegios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil. Depois delles, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capellães de engenho procuraram contrariar a influencia dos escravos, oppondo-lhe um português quasi de estufa.

Embora tenha fracassado o esforço dos jesuitas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já alludimos, entre a lingua escripta e a falada do Brasil: a escripta recusando-se, com escrupulos de donzellona, ao mais leve contacto com a falada; com a do povo; com a de uso corrente. Mesmo a lingua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma das casas-grandes; outra, das senzalas. Mas a alliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhôzinho com o moleque acabou com essa dualidade. Não foi possivel se-

---

(1) Alexander Calcleugh — *Travels in South America During the Years 1819-1820-21, containing an account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres and Chili* — London MDCCCXXV.

parar a cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão frequente e intimamente confraternizavam. No ambiente relasso da escravidão brasileira, as linguas africanas, sem motivos para subsistirem á parte, em opposição á dos brancos, dissolveram-se nella, enriquecendo-a de expressivos modos de dizer; de toda uma serie de palavras deliciosas de pittoresco; agrestes e novas no seu sabor; muitas vezes, subştituindo com vantagem vocabulos portugueses, como que gastos e puidos pelo uso. João Ribeiro, mestre em assumptos de português e de historia da lingua nacional, que o diga com voz auctorizada: «Numero copioso de vocabulos africanos penetraram na lingua portuguesa, especialmente no dominio do Brasil, por effeito das relações estabelecidas com as raças negras». E não apenas vocabulos soltos, desconjunctados, se accrescentaram á lingua do colonizador europeu: verificaram-se alterações «bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulario, mas até ao systema grammatical do idioma» (1). É certo que as differenças a separarem cada vez mais o português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influencia africana: tambem da indigena; «dos ciganos»; «dos hespanhoes»; e João Ribeiro accrescenta — «do clima, de novas necessidades, novas perspectivas, novas cousas e novas industrias». Mas nenhuma influencia foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diario; palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado ou exotico, são innumeras. Os menos puristas, escrevendo ou falando em publico, já não teem, como outrora, vergonha de empregal-as. É como si nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos diccionarios e dos

---

(1) João Ribeiro — *Diccionario Grammatical Contendo em Resumo as Materias que se Referem ao Estudo Historico-Comparativo* — Rio 1889. Veja-se tambem sobre a influencia das linguas africanas sobre o português do Brasil o estudo de A. J. de Macedo Soares, «Estudos lexicographicos do dialecto brasileiro», *Revista Brasileira* (Rio 1880), tomo IV. Dos trabalhos mais recentes destacaremos: o de Jacques Raimundo, *O Elemento Afro-negro na Lingua Portuguesa*, Rio 1933, e o de Renato Mendonça, *A Influencia Africana no Português do Brasil*, Rio 1933.

classicos; com genealogia latina, arabe ou grega; com pae ou mãe illustre. São entretanto vocabulos orphãos, sem pae nem mãe definida, que adoptamos de dialectos negros sem historia nem litteratura; que deixamos que subissem, com os moleques e as negras, das senzalas ás casas-grandes. Que brasileiro — pelo menos do Norte — sente exotismo nenhum em palavras como caçamba, canga, dengo, cafuné, lubambo, molambo, caçula, quitute, mandinga, muleque, camondongo, muganga, cafageste, quibêbe, quengo, batuque, banzo, mocambo, banguê, bozó, mocotó, bunda, zumbi, vatapá, carurú, banzé, giló, mucama, quindim, catinga, mugunzá, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblé? Ou acha mais geito em dizer «mau cheiro» do que catinga? Ou «garoto» de preferencia a «muleque» ou «moleque»? Ou «trapo» em vez de «molambo»? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas á nossa experiencia, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, ás nossas emoções.

Os padres-mestres e os capellães de engenho, que, depois da sahida dos jesuitas, tornaram-se os principaes responsaveis pela educação dos meninos brasileiros, tentaram reagir contra a onda absorvente da influencia negra, subindo das senzalas ás casas-grandes; e agindo mais poderosamente sobre a lingua dos sinhô-moços e das sinhazinhas do que elles, padres-mestres, com todo o seu latim e com toda a sua grammatica; com todo o prestigio das suas varas de marmelo e das suas palmatorias de sicupira. Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama era um dos que se indignavam quando ouvia «meninas galantes» dizerem «mandá», «buscá», «comê», «mi espere», «ti faço», «mi deixe», «muler», «coler», «le pediu», «cadê elle», «vigie», «espie» (1). E dissesse algum menino em sua presença um «pru mode» ou um «oxente»; veria o que era beliscão de frade zangado.

---

(1) Pe. Miguel do Sacramento Lopes Gama — *O Carapuceiro* — Recife 1832 - 34, 37 - 43 e 1847.

Para Frei Miguel — padre-mestre ás direitas — era com os portugueses illustres e polidos que deviamos aprender a falar, e não «com tia Rosa», nem «mãe Benta»; nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. Meninos e moças deviam fechar os ouvidos aos «oxentes» e aos «mi deixe» e aprender o português correcto, do Reino. Nada de expressões bundas nem cassanges.

Succedeu, porém, que a lingua portuguesa nem se entregou de todo á corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aulas das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres. A nossa lingua nacional resulta da interpenetração das duas tendencias. Devemol-a tanto ás mães Bentas e ás tias Rosas como aos padres-Gamas e aos padres Pereiras. O português do Brasil, ligando as casas-grandes ás senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhô-moços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa. Um exemplo, e dos mais expressivos, que nos occorre, é o caso dos pronomes. Temos no Brasil dois modos de collocar pronomes, emquanto o português só admitte um — o «modo duro e imperativo» (1): diga-me, faça-me, espere-me. Sem desprezarmos o modo português, creamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: me diga, me faça, me espere. Modo bom, doce, de pedido. E servimo-nos dos dois. Ora, esses dois modos antagonicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimonia, por um lado, e de intimidade ou de supplica, por outra, parecem-nos bem typicos das relações psychologicas que se desenvolveram atravez da nossa formação patriarchal entre os senhores e os escravos; entre as sinhamoças e as mucamas; entre os brancos e os pretos. «Faça-se», é o senhor falando; o pae; o patriarcha; «me dê» é o escravo, o filho, a mucama. Parece-nos justo attribuir aos escravos, alliados aos

---

(1) João Ribeiro — *A Lingua Nacional* — S. Paulo. «E' esse (o modo brasileiro) um modo de dizer de grande suavidade e doçura ao passo que o — «diga-me» — e o — «faça-me» — são duros e imperativos».

meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de collocar pronomes. Foi a maneira filial e meio dengosa que elles acharam de se dirigir ao pater familias. Por outro lado o modo português adquiriu na bocca de senhores certo ranço de emphase hoje antipathico: «faça-me isso»; «dê-me aquillo». O mestre illustre que é João Ribeiro permitta-nos accrescentar esta interpretação historica ao seu exame psychologico da questão dos pronomes; e ao mesmo tempo fazermos nossas estas suas palavras: «Que interesse temos, pois, em reduzir duas formulas a uma unica e em comprimir dois sentimentos diversos n'uma só expressão?» (1). Interesse nenhum. A força ou antes a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. Seguirmos só o chamado «uso português», considerando illegitimo o «uso brasileiro», seria absurdo. Seria suffocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentaes, e até de intelligencia, que só encontram expressão justa no «me dê» e no «me diga», vindos do escravo negro. Supprimil-as seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos. Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternisantes que se veem mutuamente enriquecendo de valores e experiencias diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrificio de um elemento ao outro. Lars Ringbom vê grandes possibilidades de desenvolvimento de cultura no mestiço: mas attingido o ponto em que uma metade de sua personalidade não procure supprimir a outra (2). O Brasil pode-se dizer que já attingiu esse ponto: o facto de já dizermos «me diga», e não apenas «diga-me», é dos mais significativos. Como é o de empregarmos palavras africanas

(1) João Ribeiro — *A Lingua Nacional*, cit.
(2) Lars Ringbom — *The Renewal of Culture*, tr., London.

com a naturalidade com que empregamos as portuguesas. Sem aspas nem gripho.

Á figura bôa da ama negra que, nos tempos patriarchaes, creava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de portugues errado, o primeiro «Padre-Nosso», a primeira «Ave-Maria», o primeiro «vôte!» ou «oxente», que lhe dava na bocca o primeiro pirão com carne e «molho de ferrugem», ella propria amollengando a comida — outros vultos de negros se succediam na vida do brasileiro de outr'ora. O vulto do muleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de historias. O da mucama. O da cosinheira. Toda uma serie de contactos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em experiencias que se realisavam atravez do escravo ou á sua sombra de guia, de cumplice ou de corruptor.

Ao muleque companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva-pancadas, já nos referimos em capitulo anterior. Suas funcções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado á vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como si fosse todo de pó da serra por dentro; de pó de serra e de panno como os judas de sabbado de alleluia, e não de carne como os meninos brancos. «Logo que a creança deixa o berço — escreve Koster que soube observar com tanta argucia a vida de familia nas casas-grandes coloniaes — dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua edade, pouco mais ou menos, por camarada ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objecto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e alem disso incorre sempre em censura e em punição... Enfim, a ridicula ternura dos paes anima o insupportavel despotismo dos filhos» (1). «Não havia casa onde não existisse um ou mais muleques, um ou mais corumins, victimas consagradas aos caprichos de nhonhô», escreve

(1) Koster — *Travels in Brazil*, cit.

José Verissimo, recordando os tempos da escravidão. «Eram-lhe o cavallo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os creados» (1). Lembra-nos Julio Bello o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outr'ora: montar a cavallo em carneiros; mas na falta de carneiros, muleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos de senhores de engenho, os muleques serviam para tudo: eram bois de carros, eram cavallos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente, cavallos de carro. Ainda hoje. nas zonas ruraes menos invadidas pelo automovel, e onde velhos cabriolets de engenho rodam ainda pelo massapé, entre os cannaviaes, os meninos brancos brincam de carro de cavallo «com muleques e até mulequinhas filhas das amas», servindo de parelhas (2). Um barbante serve de redea; um galho de goiabeira, de chicote.

É de suppor a repercussão psychica sobre os adultos de semelhante typo de relações infantis — favoravel ao desenvolvimento de tendencias sadistas e masochistas. Sobre a creança do sexo feminino, principalmente, aguçava o sadismo, pela maior fixidez e monotonia nas relações da senhora com a escrava, sendo até para admirar, escrevia o mesmo Koster em principios do seculo XIX, «encontrarem-se tantas senhoras excellentes, quando tão pouco seria de surprehender que o caracter de muitas se resentisse da desgraçada direcção que lhes dão na infancia» (3). Sem contactos com o mundo que modificassem nellas, como nos rapazes, o senso pervertido de relações humanas; sem outra perspectiva que a da senzala vista da varanda da casa-grande, conservavm muitas vezes as senhoras o mesmo dominio malvado sobre as mucamas que na infancia sobre as negrinhas suas companheiras de brinquedo. «Nascem, criam-se e continuam a viver rodeadas de escravos, sem experimentarem a mais

---

(1) José Verissimo — *A Educação Nacional* — Rio.

(2) Antiogenes Chaves — «Os Sports em Pernambuco», *O Jornal* (Rio) ed. especial de Pernambuco, 1928.

(3) Koster, *Travels*, cit.

ligeira contrariedade, concebendo exaltada opinião de sua superioridade sobre as outras creaturas humanas, e nunca imaginando que possam estar em erro», escreveu Koster das senhoras brasileiras (1). Além disso, aborrecendo-se facilmente. Falando alto. Gritando de vez em quando. Fletcher e Kidder, que estiveram no Brasil no meiado do seculo XIX, attribuem a fala estridente e desagradavel das brasileiras ao habito de falarem sempre aos gritos, dando ordens ás escravas (2). O mesmo teriam observado no sul dos Estados Unidos, que soffreu influencias sociaes e economicas tão semelhantes ás que actuaram sobre o Brasil durante o regimen de trabalho escravo. Ainda hoje, por contagio das gerações escravocratas, as moças das Carolinas, do Mississippi, de Alabama falam gritando do mesmo modo que no Brasil as nortistas, filhas e netas de senhor de engenho.

Quanto á maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é facto geralmente observado nas sociedades escravocratas. Confirmam-no os nossos chronistas. Os viajantes, o *folk-lore*, a tradição oral. Não são dois nem tres, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá-moças que mandaram arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazel-os á presença do marido, á hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronezas já de edade que por ciume ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze annos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravos; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma serie de judiarias.

O motivo, quasi sempre, o ciume do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher.

«Entre-nós — escreveu Burlamaqui nos começos do seculo XIX — as phrases mais communs quando huma

---

(1) Koster, *Travels*, cit.

(2) J. C. Fletcher e D. P. Kidder — *Brazil and the Brazilians*, Boston 1879.

mulher desconfia que seu marido, ou seu amante, tem contactos illicitos com alguma escrava são: eu a frigirei, eu a assarei, lhe queimarei ou cortarei tal ou tal parte & C. E quantas vezes estas ameaças não vão a effeito mesmo por simples desconfianças» (1). Anselmo da Fonseca, escrevendo cincoenta annos depois de Burlamaqui, salientou a crueldade das «brasileiras escravocratas» que «se regosijão em sobre ellas (as escravas) exercer na estreitesa do lar, ferrea tyrannia, nestas condições affligentissimas: porque as victimas são obrigadas a estar constantemente ao lado, e a viver ao pé do algoz». Como exemplo, cita Fonseca o caso de Dona F. de C. — tão exaggerada na sua crueldade para com as escravas, que chegou a ser processada pela morte de uma dellas, Joanna (2).

O isolamento arabe em que viviam as antigas sinhádonas, principalmente nas casas-grandes de engenho, tendo por companhia quasi que exclusivamente escravas passivas; sua submissão mussulmana deante dos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de «Senhor», talvez constituissem estimulos poderosos ao sadismo das sinhás, descarregado sobre as mucamas e as mulecas em rompantes hystericos; «passando adiante», como em certos jogos ou brinquedos brutos. Sadistas eram, em primeiro lugar, os senhores com relações ás esposas.

Tanto quanto o inglês Koster admirou-se o padre-mestre Lopes Gama que crescendo as brasileiras entre o «desprimor, a sem vergonha, a frascaria, os desregramentos dos escravos... as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes» ainda assim dessem para virtuosas e até para delicadas. «Pudera além disso sustentar que as brasileiras são de

---

(1) F. L. C. B. (Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui) — *Memoria Analytica Acerca do Commercio d'Escravos e Acerca dos Males da Escravidão Domestica* — Rio de Janeiro, 1837.

(2) L. Anselmo da Fonseca — *A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo*. Bahia 1887.

todas as mulheres as mais propensas ás virtudes; pois vendo desd'a infancia tantos exemplos de lubricidade, ha entre ellas tão crescido numero de senhoras honestas, e verdadeiramente honradas. Que fariam, se tivessem huma educação delicada e cuidadosa?» (1).

Verificaram-se, é certo, casos de irregularidades sexuaes entra sinhá-donas e escravos. Um que teria occorrido em Pernambuco nos meiados do seculo passado e no seio de importante familia, assegura-nos velho senhor de engenho ter visto registrado, em documento intimo, com detalhes persuasivos. Mas nem as tradições ruraes nem os relatos dos estrangeiros merecedores de fé, nem as criticas, muitas vezes verdadeiros libellos, dos más-linguas desabusados da marca do padre Lopes Gama, autorizam-nos a concluir com M. Bomfim, no seu *America Latina:* «não raro a sinhá-moça creada a roçar os molecotes, entrega-se a elles, quando os nervos degenerados acordam em desejos irreprimiveis; então intervem a moral paterna: castra-se com uma faca mal afiada o negro ou mulato, salga-se a ferida, enterram-no vivo depois. A rarariga, com um dote reforçado, casa com um primo pobre... (2).

Não que o despotismo paterno do tempo da escravidão nos pareça incapaz de malvadeza dessas, ou ainda peiores; nem a sensibilidade muitas vezes morbida das yayás, de desejos ainda mais lubricos. Mas o ambiente em que eram creadas nas casas-grandes difficilmente permittia aventuras tão arriscadas. O «não raro» de M. Bomfim nos sôa artificial ou pelo menos exaggerado. Basta recordarmos o facto de que, durante o dia, a moça ou menina branca estava sempre sob as vistas de pessôa mais velha ou de mucama de confiança. Vigilancia que se aguçava durante a noite. Á dormida das meninas e moças reservava-se, nas casas-grandes, a alcova, ou ca-

(1) Pe. Lopes Gama — *O Carapuceiro*, cit.
(2) M. Bomfim — *America Latina*, Rio de Janeiro 1908.

marinha, bem no centro da casa, rodeada de quartos de pessôas mais velhas. Mais uma prisão que aposento de gente livre. Especie de quarto de doente grave que precisasse da vigilia de todos. Não louvamos o systema: apenas procuramos lembrar sua quasi incompatibilidade com aventuras da especie referida por M. Bomfim. Estas occorreram, de certo; porém raramente.

Objectar-se-á que o sexo é todo-poderoso quando desembestado; e não o negamos de modo algum. A difficuldade que reconhecemos é mais a physica: a das grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhá-moças. Ahi vinha colhel-as verdes o casamento: aos treze e aos quinze annos. Não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões lubricas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no thalamo patriarchal. Abafadas sob as caricias de maridos dez, quinze, vinte annos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. Maridos da escolha ou da conveniencia exclusiva dos paes. Bachareis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades politicas. Negociantes portugueses redondos e grossos; suissas enormes; grandes brilhantes. Officiaes. Medicos. Senhores de engenho. Desses casamentos feitos pelos paes nem sempre resultaram dramas ou infelicidades. Talvez pelo facto dos velhos, pensando a fio, encararem o problema com mais realismo e melhor senso pratico que os jovens romanticamente apaixonados.

É certo que nem sempre foram os paes obedecidos nas suas escolhas de noivos para as filhas. As tradições referem casos, raros, é verdade, de raptos e fugas romanticas. Sellin affirma que do meiado do seculo XIX em diante esses raptos tornaram-se frequentes (1). Nelles figurava sempre um negro ou mucama — cum-

(1) A. W. Sellin — *Geographia Geral do Brasil* (tr.) Rio de Janeiro 1889.

plice do raptor ou da raptada; negro ou mucama que era costume alforriar-se. Com a cumplicidade de esperta mucama é que fugiu, em Pernambuco, por volta de 1860, bonita moça da familia C... Occorreu a fuga bem na vespera do seu casamento com illustre bacharel da escolha dos paes. Estes offereceram logo ao noivo ludibriado a mão de outra filha, que foi immediatamente acceita. De modo que o casamento realizou-se tranquillamente, sem outro incidente que o perturbasse.

Sabe-se que enorme prestigio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mysterios do amor. «A mucama escrava — observou no meiado do seculo XIX o romancista Joaquim Manoel de Macedo, o celebre, da *A Moreninha* — «...embora escrava, é ainda mais que o padre confessor e do que o medico da donzella; porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o medico, ainda nos casos mais graves de alteração da saude, conhece-lhe imperfeitamente o corpo infermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre e o corpo mais do que o medico».

Historias de casamento, de namoros, ou outras, menos romanticas, mas igualmente seductoras, eram as mucamas que contavam ás sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calôr, a menina sentada, á mourisca, na esteira de piripiri, cosendo ou fazendo renda; ou então deitada na rede, os cabellos soltos, a negra catando-lhe piolho, dando-lhe cafuné; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. Suppria-se assim para uma aristocracia quasi analphabeta a falta de leitura. Modinhas e canções, era ainda com as mucamas que as meninas aprendiam a cantar — essas modinhas coloniaes tão impregnadas do erotismo das casas-grandes e das senzalas; do erotismo dos yoyôs nos seus derreios pelas mulatinhas de cangote cheiroso ou pelas priminhas brancas; voluptuosas modinhas de que Eloy Pontes recolheu uma tão expressiva do amor entre brancos e mulatas.

«Meu branquinho feiticeiro
Doce yoyô meu irmão
Adoro teu captiveiro
Branquinho do coração
Pois tu chamas de irmãsinha
A tua pobre negrinha
Que estremece de prazer
E vaes pescar á tardinha
Mandy, piau e corvina
Para a negrinha comer».

Em nenhuma das modinhas antigas se sente melhor o visgo de promiscuidade nas relações de sinhô-moços das casas-grandes com mulatinhas das senzalas. Relações com alguma cousa de incestuoso no erotismo ás vezes doentio. É mesmo possivel que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pae. Walsh, nas suas viagens pelo Brasil, surprehendeu uma familia brasileira francamente incestuosa: irmãos amigados com irmãs. Só variavam as mães que eram duas; o pae era o mesmo (1). E os irmãos todos num agarrado, num chamego, que escandalizaram o padre inglês.

É verdade que para escandalizar o padre inglês não eram precisos casos extremos de incesto: bastavam os casamentos, tão frequentes no Brasil desde o primeiro seculo da colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a limpeza do sangue de origem nobre ou illustre. Tudo indica ter sido este o intuito de Jeronymo de Albuquerque, o patriarcha da familia pernambucana, ao casar seus dois primeiros filhos varões, havidos de D. Maria do Espirito Santo Arcoverde — a princesinha india — com duas irmãs de sua mulher legitima, D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão de Mello (2). A mulher que lhe recommendara para esposa a rainha D. Catharina, horrorisada com a vida mussulmana de polygamo do cunhado de Duarte Coelho. Não foram uniões consanguineas: mas de individuos

---

(1) Walsh, *Noticias of Brasil.*

(2) José Victoriano Borges da Fonseca — *Nobiliarchia Pernambucana* — (1776-1777) *Rev. Inst. Arch. Geo. Pern.*, n.º 27.

que, casando-se, apertavam os laços de solidariedade de familia em torno do patriarcha. Era esse o fim dos casamentos de tios com sobrinhas.

Maria Graham ficou encantada com os certos aspectos da vida de familia no Brasil: um apego, uma intimidade, uma solidariedade entre as pessôas do mesmo sangue que lhe recordaram o espirito de clan dos escosseses. Mas notou esta inconveniencia: dos casamentos só se realizarem entre parentes. Principalmente tios com sobrinhas. Casamentos, escreve, ella, que em vez de alargarem as relações da familia e de diffundirem a propriedade, concentravam-nas, estreitando-as e limitando-as. Além de «prejudicarem a saude» (1).

Mas quem ao referir-se á frequencia dos casamentos consanguineos no Brasil levanta a voz, indignado, contra a Igreja e os padres, é o capitão Richard Burton. «Licenças para commetter incesto», chama elle ás dispensas da Igreja. Mas confessa não ter deparado casos em que se revelassem «os resultados terriveis» do horroso peccado (2). Não que Burton — livre pensador á inglesa, embora casado com uma protestante de idéas estreitissimas — acreditasse em peccado no sentido theologico; si estava convencido do mal dos casamentos de tio com sobrinha e de primo com prima era do ponto de vista da eugenia.

O que os casamentos entre parentes, tão communs no Brasil do tempo da escravidão, nunca impediram foi que luctas tremendas separassem primos e até irmãos, genros e sogros, tios e sobrinhos, extremando-os em inimigos de morte; que grandes familias se empenhassem em verdadeiras guerras por questões de heranças ou de terras; ás vezes por motivos de honra ou de partidarismo politico. Um trecho de cannavial, uma mulher, um boi, uma eleição de deputado. Escreveu Andreoni (Antonil) no seculo XVIII: «...ha no Brasil muitas paragens em

---

(1) Maria Graham — *Journal of a Residence in Brazil*, etc. cit.
(2) Burton. *The Highlands of the Brazil*, cit.

que os senhores de engenho são entre si muito chegados por sangue, e pouco unidos por caridade, sendo o interesse a causa de toda a discordia, e bastando talvez um páo que se tire ou um boi que entre em um cannavial por descuido para declarar o odio escondido, e para armar demandas e pendencias mortaes» (1). Mal inseparavel do privatismo; do exaggerado sentimento de propriedade privada. O qual começa criando rivalidades sangrentas entre vizinhos — grandes senhores de terras — para terminar balkanizando continentes.

As chronicas coloniaes guardam a memoria das luctas em que se empenharam Pires e Camargos em São Paulo; no seculo XIX foi terrivel o conflicto entre Montes e Feitosas em Pernambuco. E os escravos sempre fieis e valentes ao lado dos senhores. Brigando. Morrendo por elles. No tempo do Imperio, com a rivalidade entre os partidos, os negros das senzalas, tanto quanto os brancos das casas-grandes, dividiam-se em «liberaes» e «conservadores» e participavam das rixas eleitoraes dos brancos, esfaqueando-se e brigando a cacete.

As luctas entre Pires e Camargos romperam em 1640; e prolongaram-se por mais de um seculo. Arrastaram outras familias: os Taques, os Lemes, os Laras, do lado dos Pires; os Buenos e os Rendons, do lado dos Camargos (2). Combateram nessas luctas entre grandes familias indios de arco e flexa; negros escravos; cabras. Foi nellas que se desenvolveram os nossos *bravi* de côr: os cabras, negros, caboclos que a principio defenderam as casas-grandes dos seus senhores dos ataques dos indios; que depois serviram nas guerras contra a Hollanda; nas expedições contra os quilombos; na guerra do Paraguay. Que deram força ao espirito de ordem representado pelos senhores de engenho do typo do Morgado do Cabo contra a demagogia das cidades; ao espirito de indepen-

---

(1) Antonil — *Cultura e Opulencia do Brasil,* cit.

(2) Affonso de E. Taunay — *Sob El Rey Nosso Senhor* — São Paulo 1923.

dencia brasileira contra as pretensões portuguesas de administrarem o Brasil como simples colonia de plantação. Não só os *bravi* de côr desenvolveram-se nessas luctas em *suissos da America* — como aos negros das charqueadas e estancias do sul do Brasil chamou uma vez um official argentino (1): tambem os brancos, seus senhores, em chefes desassombrados e temiveis. Condottieri. Chefes da marca de Pedro Ortiz de Camargo — o que mandou dizer ao governador português do Rio de Janeiro ser desnecessaria sua presença em São Paulo. Da marca dos senhores de engenho pernambucanos que em 1666 tiveram a afoiteza de prender na rua de S. Bento, o 4.º governador e capitão general de Pernambuco, Jeronymo de Mendonça Furtado e de expulsal-o da capitania para o reino. Da marca dos Antonio Cavalcanti, dos Vidal de Negreiros, dos Fernandes Vieira — que venceram a guerra contra os hollandeses, quasi sosinhos e sem auxilio da metropole. Apenas com seus negros e cabras de engenho.

Voltando ás modinhas de engenho do Brasil — resultado do erotismo patriarchal — chamegos com negras, mulatas, primas — recordaremos que ellas fizeram furor nos salões portugueses do seculo XVIII alternando com as novenas, os laus-perennes e as festas de igreja. William Beckford, que teve occasião de ouvil-as em casa fidalga, frequentada tambem pelo arcebispo do Algarve, D. José Maria de Mello — grande apreciador de modinhas cantadas ao violão — procurou interpretar-lhes o encanto viscoso: «Penetram ellas no coração como que insinuando-se infantilmente antes que elle tenha tempo para defender-se dessa influencia enervante; julgareis bêber um doce leite e é o veneno da voluptuosidade que penetra até aos mais intimos recessos do vosso organismo» (2).

---

(1) Nicolau Dreys — *Noticia Descriptiva da Provincia do Rio Grande do São Pedro do Sul*, Rio de Janeiro 1839.

(2) Beckford. *op. cit.*

Nem todas as modinhas celebravam o *quindim* das mulatas das senzalas; muitas exaltavam as yayás das casas-grandes, filhas de senhor de engenho. Meninas de doze, treze, quatorze annos. «Anjos louros». «Santas immaculadas». «Pallidas madonnas». «Marias do Céo». «Marias da Graça». E eram de facto umas Nossas Senhoras: quando sahiam de palanquim ou de liteira, nos hombros de negros de libré, era com si sahissem de andor. Brincos de ouro. Teteas. Figas. Ás vezes iam mucamas na frente levando outros brincos e outras tetéas das sinhazinhas; e tanto era o ouro que levavam ás vezes as negras ou mulatas em cordões, pulseiras, braceletes e bentinhos que «sem hyperbole — diz Vilhena — basta para comprar duas ou tres negras ou mulatas como a que o leva» (1). Desde o dia da Primeira Communhão que deixavam as meninas de ser crianças: tornavam-se sinhámoças. Era um grande dia. Maior só o do casamento. Vestido comprido todo de cassa guarnecido de folhos e pregas. O corpete franzido. A faixa de fita azul cahindo para atraz, em pontas largas, sobre o vestido branco. A bolsa esmoleira de tafetá. O véo de filó. A capella de flôr de laranja. Os sapatinhos de setim. As luvas de pelica. O livrinho de missa encadernado em madreperola. O terço, de cordãosinho de ouro. Cruz tambem de ouro.

O livrinho de missa nem sempre se sabia lêr. Tollenare observou em principios do seculo XIX: «Ha ainda muitos paes que não querem que as filhas aprendam a lêr e a escrever» (2). Mas outros confiavam-nas aos Recolhimentos: ahi aprendiam a lêr, a coser e a rezar. No Recolhimento que o grande bispo Azeredo Coutinho fundou em Pernambuco — o de Nossa Senhora da Gloria — aprendiam tambem a tratar christãmente os escravos: «irmãos e filhos do mesmo Pai». A «necessidade de uns e a escravidão de outros, imposta pelas leis humanas, ou em pena de seus delictos, ou para lhes acautelar um

---

(1) Vilhena, *Cartas*, cit.
(2) Tollenare — *Notas Dominicaes*, cit.

maior mal », é que estabelecera a « accidental desigualdade » (1). Muitas brasileiras, porém, tornaram-se baronesas e viscondessas do Imperio sem terem sido internas dos Recolhimentos: analphabetas, algumas; outras fumando como umas caiporas; cuspindo no chão; e ainda outras mandando arrancar dentes de escravas por qualquer desconfiança de uxumbergação do marido com as negras.

Isto no seculo XIX. Imagine-se nos outros: no XVI, no XVII, no XVIII. NO XVIII esteve no Brasil uma inglesa que achou horrorosa a situação das mulheres. Ignorantes. Beatas. Nem ao menos sabiam vestir-se. Porque a julgar por Mrs. Kindersley, que não era nenhuma parisiense, nossas avós do seculo XVIII trajavam-se que nem macacas: saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de velludo, faixa. Por cima desse horror de indumentaria, muito ouro, muitos collares, braceletes, pentes. As mocinhas ou meninotas, não eram feias; notou, porém, Mrs. Kindersley que as brasileiras envelheciam depressa; seu rosto tornava-se logo de um amarello doentio (2).

Resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, mollerona, dentro de casa; do facto de só sahirem de rede e debaixo de pesados tapetes de côr — *modus gestandi lusitanas,* escreveu Barleus no seculo XVII (3); ou então de banguê ou liteira; e no seculo XIX de palanquim e carro de boi. Algumas senhoras até nas igrejas entravam de rede, muito anchas e triumphantes, nos hombros dos escravos. Verdadeira affronta aos santos. Foi preciso que os bispos prohibissem tamanha ostentação de

---

(1) *Estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Gloria,* cit. pelo Conego José do Carmo Baratta — « Um grande sabio, um grande patriota, um grande bispo » (Conferencia) — Pernambuco 1921.

(2) Mrs. Kindersley — *Letters from the Islands of Teneriff, Brazil, The Cape of Good Hope and the East Indies* — London MDCCLXXVII.

(3) Gaspar Barleus, *Rerum per octennium,* etc., cit.

indolencia. «Por nos parecer indecente entrarem algumas pessôas do sexo feminino em serpentinas, ou redes, dentro da Igreja, ou capellas, prohibimos o tal ingresso», escreveu em pastoral de 19 de Fevereiro de 1726 o bispo de Pernambuco Dom Frei José Fialho (1). Aliás, a julgar pelas palavras de Dom Frei José contra os modos das pernambucanas se vestirem, não trajavam ellas tão amacacadamente como as bahianas de Mrs. Kindersley. Pelo menos o bispo viu nos seus trajos alguma cousa de diabolico: «Por vermos, não sem grande magoa do nosso coração, a profanidade com que se vestem as mais das pessôas do sexo femenino usando de modas e inventos diabolicos, admoestamos a taes pessôas que, nelles comprendidas, que se abstenham dos taes vestidos». Eram essas pernambucanas descendentes das «grandes senhoras» que o padre Cardim conheceu no seculo XVI: mais «grandes senhoras» do que devotas. Das senhoras de engenho que já no tempo do chronista dos *Dialogos* pintavam o rosto de vermelho. Descendentes das bonitas yayás por amor de quem herejes hollandeses abjuraram no seculo XVII da fé calvinista para abraçarem a catholica.

Foi geral, no Brasil, o costume das mulheres casarem cedo. Aos doze, treze, quatorze annos. Com filha solteira de quinze annos dentro de casa já começavam os paes a se inquietar e a fazer promessas a Santo Antonio ou São João. Antes dos vinte annos, estava a moça solteirona. O que hoje é fructo verde, naquelles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguem o colher a tempo. Em São Salvador, conta-nos um viajante do seculo XVII, ter encontrado o preconceito de que «la fleur de virginité doit fe cueillir... dans les premières années, afin qu'elle ne fe fletriffe pas». Tambem dá como «fort ordinaire aux mères de questionner leurs filles fur ce qu'elles font capables de fentir à l'age de

---

(1) Pastoral de Dom Frei José Fialho de 19 de Fevereiro de 1726, inedita. Archivo da Cathedral de Olinda.

douze ou treize ans & de les inviter à faire ce qui peut emouffer les aiguillons de la chair » (1).

Com relação ao preconceito da virgindade perder logo o gosto, as palavras de Coreal parecem exactas. Desde o seculo XVI dominou no Brasil semelhante prejuizo. Quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. Porque depois da certa edade as mulheres pareciam não offerecer o mesmo sabor de virgens ou donzellas que aos doze ou aos treze annos. Já não conservavam o provocante verdôr de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta annos. Ás vezes de cincoenta, sessenta e até setenta. Burton escreve que no meiado do seculo XIX ainda eram communs os casamentos de velhos de setenta com mocinhas de quinze annos (2).

Do padre Anchieta, que foi, como todo jesuita no seculo XVI, um grande casamenteiro, approximou-se um dia certo Alvaro Neto com uma filha nesta tristissima situação: quinze annos e ainda solteira. « Fazia-lhe grandes queixas Alvaro Neto, morador da villa de São Paulo — diz-nos o padre Simão de Vasconcellos na sua *Vida do Veneravel Palo Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesu* — que tinha huma filha já de quinze annos & nam tinha remedio pera cafalla ». Outra moça apparece na chronica jesuitica na mesma situação da filha de Alvaro Neto: Felippa da Mata. Esta fôra noiva de Joseph Adorno; mas desmanchara-se o casamento, ficando a familia inconsolavel. Não teria talvez quinze annos a desgraçada Felippa, já solteirona dolorosa: num instante con-

---

(1) *Voyages de François Coreal, aux Indes Occidentales... depuis 1666 jusqu'en 1697.* Amsterdam 1722.

(2) « Unions between December of seventy and May of fifteen are common and the result is a wife coeval with her grandchildren by marriage » diz Burton (*The Highlands of the Brazil,* cit.). Verifica-se o mesmo atravez de velhos inventarios e testamentos da primeira metade do seculo XIX existentes em archivos de engenhos e nos cartorios antigos. São tambem interessantes as differenças de idade entre marido e mulher, em famiilas pernambucanas, que se observam atravez de *Uma estatistica* de João Francisco Paes Barreto, publicada em Pernambuco em 1857. As differenças de 40 para 26, 23 para 15, 31 para 21, 47 para 20, 57 para 22 occorrem frequentemente.

solou-a e aos seus paes o grande missionario. Não só prophetizou-lhe casamento para muito breve com um rapaz de Lisbôa como uma vida ideal depois de casada: « tantos filhos que nam saberá quaes sam as camisas de huns & outros » (1).

Ainda hoje, nas velhas zonas ruraes, o *folk-lore* guarda a reminiscencia dos casamentos precoces: e a idéa de que a virgindade só tem gosto quando colhida verde. Diz-se no interior de Pernambuco:

« Meu São João casai-me cedo
emquanto sou rapariga
que o milho rachado tarde
não dá palha nem espiga »

Noutros pontos do Brasil a quadra varia:

« Minha mãe nos casa logo
quando somos raparigas
O milho plantado tarde
Nunca dá bôas espigas »

Quasi todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a frescura encantadora das meninotas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das matronas de mais de dezoito. De Mrs. Kindersley já vimos a opinião: as senhoras « ficavam com o ar de velhas muito depressa » (they look old very early in life »). Seus traços perdiam a delicadeza e o encanto. O mesmo notou Luccock no Rio de Janeiro. Olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres — tal o retrato que nos traça de meninas de treze ou quatorze annos. Aos dezoito annos, já matronas, attingiam a completa maturidade. Depois dos vinte, decadencia (2). Ficavam gordas, molles. Criavam papada. Tornavam-se pallidas. Ou então murchavam. Algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o original de certo retrato antigo, que hoje se vê na galeria do Instituto Historico da Bahia: mas feias, de buço, um ar de homem ou virago.

---

(1) Pe. Simão de Vasconcellos — *Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesu,* cit.

(2) John Luccock — *Notes* cit.

No seculo VII, notara em Pernambuco um observador hollandês que as mulheres, ainda moças, perdiam os dentes; e pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das mucamas e negras que lhes faziam as menores cousas, andavam «como si tivessem cadeias nas pernas» (1). Sem a agilidade dos hollandesas. Mawe, nas suas viagens pelo interior do Brasil, surprehendeu nas mulheres a mesma tendencia para, ainda novas, perderem a vivacidade (2); Mrs. Graham, na Bahia, notou que ellas se tornavam «almost indecently slovenly, after very early youth» (3).

No meiado do seculo XIX, Burton, no sul do Brasil, ficou encantado com as mineiras; mas as mineiras de treze para dezeseis annos. Em Minas, escreve elle, não ha «beauté du diable» (4). As meninas adquiriam encantos de moça sem atravessarem a phase da puberdade, tão antipathica na Europa. Outro que se deixou seduzir pelas meninas-moças do Brasil foi Von den Steinen que aqui esteve em 1885. «Um anjo de moça», chamou a uma dellas o scientista germanico. Expressão de bacharel de Olinda em versos para ser recitados ao som da Dalila na casa da prima. «Estas brasileiras — são ainda palavras lyricas de Von den Steinen — aos 12 e 13 annos, quando já na puberdade, e a mãe começa a pensar seriamente em casamento, encantam e enleiam com sua belleza florescente». Para o scientista allemão evolava-se «destas criaturas tropicaes, antes da completa maturidade, tão delicado, tão delicioso perfume de feminilidade, como não o possuem os nossos botões de rosa europeus» (5).

---

(1) «Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias, conquistadas, etc.», cit.

(2) John Mawe — *Travels in the Interior of Brazil* — Philadelphia, 1816.

(3) Maria Graham — *Journal of a Residence in Brazil*, cit.

(4) Burton, *The Higlands of the Brazil*, cit.

(5) Herbert H. Smith — *Do Rio de Janeiro a Cuyabá* — (com um capitulo de Carlos Von den Steinen sobre a capital de Matto-Grosso) — Rio, 1922.

Pena que tão cedo se desfolhassem essas «entre-fechadas rosas». Que tão cedo murchasse sua extranha belleza. Que só durasse mesmo até os quinze annos.

Idade em que já eram sinhá-donas; senhoras casadas. Algumas até mães. Na missa, vestidas de preto, cheias de saias de baixo e com um véo ou mantilha por cima do rosto; só deixando de fôra os olhos — os grandes olhos tristonhos. Dentro de casa, na intimidade do marido e das mucamas, mulheres relassas. Cabeção picado de renda. Chinello sem meias. Os peitos ás vezes de fóra. Maria Graham quasi não conheceu no theatro as senhoras que vira de manhã dentro de casa — tamanha a disparidade entre o trajo caseiro e o de cerimonia (1).

Mulheres sem ter, ás vezes, o que fazer. A não ser dar ordens estridentes aos escravos; ou brincar com papagaios, saguis, mulequinhos. Outras, porém, preparavam doces finos para o marido; cuidavam dos filhos. As devotas, cosiam camizinhas para o menino-Jesus ou bordavam pannos para o altar de Nossa Senhora. Em compensação, havia freiras que se encarregavam de coser enxovaes de casamento e de baptizado para as casas-grandes.

«Os casamentos se fazem aqui muito cedo», escreveu do Brasil o inglês Alexander Caldleugh; «não é raro encontrarem-se mães de treze annos». «O clima — accrescenta — e os habitos retrahidos das brasileiras teem consideravel effeito sobre seu physico. Quando novas, os bellos olhos escuros e a figura bonita attrahem a admiração de todos; mas dentro de poucos annos, dá-se uma mudança na sua apparencia, que longa e continua doença difficilmente causaria na Europa» (2). Walter Colton, no seu diario de viagem, conta que no Rio de Janeiro lhe mostraram uma criança de doze annos — já

---

(1) Mawe *(op. cit.)* notou essa disparidade entre o trajo da rua e o caseiro no Brasil. Tambem a notou Henderson *(op. cit.)*.

(2) Alexander Caldleugh — *Travels in South America*, cit.

senhora respeitavel (1). Mãe! Na idade de brincar com boneca, já estava lidando com filho.

O casamento era dos factos mais espaventosos em nossa vida patriarchal. Festa de durar seis, sete dias, simulando-se ás vezes a captura da noiva pelo noivo. Preparava-se com esmero a «cama dos noivos» — fronhas, colchas, lençoes, tudo bordado a capricho, em geral por mãos de freiras; e exposto no dia do casamento aos olhos dos convidados (2). Matavam-se bois, porcos, perús. Faziam-se bolos, doces e pudins de todas as qualidades. Os convivas eram em tal numero que nos engenhos era preciso levantar barracões para accommodal-os. Danças européas na casa-grande. Samba africano no terreiro. Negros alforriados em signal de regosijo. Outros dados á noiva de presente ou de dote: «tantos pretos», «tantos moleques», uma «cabrinha».

Um facto triste é que muitas noivas de quinze annos morriam logo depois de casadas. Meninas. Quasi como no dia da Primeira Communhão. Sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta annos. Morriam de parto — vans todas as promessas e rogos a Nossa Senhora da Graça ou do Bom Parto. Sem tempo de criarem nem o primeiro filho. Sem provarem o gosto de ninar uma criança de verdade em vez dos bêbês de panno, feitos pelas negras de restos de vestidos. Ficava então o menino para as mucamas crearem. Muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi creado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pae ou a mãe. Que não cresceu entre muleques. Brin-

---

(1) Walter Colton — *Deck and Port,* New York 1850.

(2) Em contraste com certas franquezas e até exhibicionismos que caracterizaram a vida sexual do brasileiro antigo, houve exaggeros verdadeiramente morbidos de discreção em pudor. Conjuges, por exemplo que nunca se viram despidos na intimidade das alcovas, processando-se entre elles o acto sexual vedado por uma colcha com orificio no meio: evitava-se assim não só o contacto directo de corpo com corpo como a revelação da nudez.

cando com muleques. Aprendendo safadezas com elles e com as negras da copa. E cedo perdendo a virgindade. Virgindade do corpo. Virgindade de espirito. Os olhos, dois borrões de semvergonhice. A bocca como a das irmãs de Maria Borralheira: boccas por onde só sahia bosta. Meninos que só conversavam porcaria. Ou então conversas de cavallo, de gallo de briga, de canario.

Isto succedeu a muito menino com a mãe ainda viva; vivinha da silva, e energica, mandando castigar escravos safados ou negras sem-vergonha que ensinassem porcaria aos filhos. Imaginem-se os meninos sem mãe; sem madrinha; sem avó; entregues a mucamas nem sempre capazes de lhes substituir as mães.

«Primeiramente eu estou persuadido — escrevia em 1837 no seu jornal *O Carapuceiro* o padre-mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama — que a escravaria que desgraçadamente se introduziu entre nós, he a causa primordial da nossa pessima educação e em verdade quaes os nossos primeiros mestres? São sem duvida a africana, que nos mamentou, que nos pensou, e nos subministrou as primeiras noções, e quantos escravos existião na casa paterna em a quadra dos nossos primeiros annos. Maneiras, linguagem, vicios, tudo nos innocula essa gente safara, e brutal, que á rusticidade da selvageria une a indolencia, o despejo, o servilismo proprio da escravidão. Com pretas e pretos boçaes, e com os filhinhos destes vivemos desde que abrimos os olhos; e como poderá ser bôa nossa educação?» E ainda: «Mulequinhos, que nascem na casa paterna, são os companheiros da nossa infancia, e as mães destes as nossas primeiras mestras; porque muitas vezes ou nos mamentão ou nos servem de aias; e que sementes de moralidade, que virtudes poderão escravas plantar em nossos tenrinhos corações?» (1). Em 1823 já perguntara José Bonifacio, em sua *Representação á Assembléa Geral Constituinte:* «que educação podem ter as familias que se servem com esses infelizes sem honra,

(1) Pe. Lopes Gama — *O Carapuceiro*.

sem religião? que se servem com as escravas, que se prostituem ao primeiro que as procura? Tudo se compensa nesta vida. Nós tyrannisamos os escravos e os reduzimos a brutos animaes; elles nos innoculam toda a sua immoralidade e todos os seus vicios. E na verdade, senhores, se a moralidade e a justiça de qualquer povo se fundam, parte nas suas instituições religiosas e politicas, e parte na philosophia, por assim dizer domestica, de cada familia, que quadro pode apresentar o Brasil quando o consideramos de baixo desses dois pontos de vista?» Cinco annos depois o Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, feriu a mesma nota em discurso no Parlamento: «Sempre estive persuadido que a palavra escravidão desperta as ideias de todos os vicios e crimes; sempre lastimei, finalmente, a sorte dos tenros meninos brasileiros que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os primeiros annos as funestas impressões dos contagiosos exemplos desses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse! oxalá que fossem mais raros os triumphos da sedução e os naufragios na innocencia! oxalá que tantas familias não tivessem de deplorar a infamia e a vergonha em que as tem precipitado a immoralidade dos escravos!» (1).

Descontem-se nas palavras do patriarcha da Independencia e principalmente nas do marquez Arcebispo da Bahia os exaggeros da emphase parlamentar; nas do padre Lopes Gama os excessos de moralista e pamphetario. Ellas reflectem, assim desbastadas, experiencias por elles vividas. Factos que observaram. Influencias que soffreram. Deve-se notar que nenhum dos tres attribue ao negro, ao africano, á «raça inferior», as «funestas consequencias» da senzala sobre a casa-grande. Attribuem-nas ao escravo. Ao facto social e não ao ethnico. Seus depoimentos constituem material de primeira ordem a favor daquelles que como R. Bilden procuram interpretar

(1) *Annaes do Parlamento*, Rio de Janeiro.

os males e vicios da formação brasileira, menos pelo *negro* ou pelo *português*, do que pelo *escravo*.

José Bonifacio, ao escrever libello tão forte contra a escravidão, não sabemos si teria consciencia dos vicios de caracter por elle proprio adquiridos no contacto dos escravos: seu extranho sadismo, por exemplo. Revelou-o bem ao assistir por puro prazer, sem nenhuma obrigação, o castigo patriarchal que a soldados portugueses mandou infligir de uma feita o Imperador D. Pedro I no Campo de Sant'Anna: cincoenta açoites em cada um. Castigo de senhor de engenho em negros ladrões. Arrumaram-se os soldados em grupos de cinco, conforme a estatura. Despiram-se-lhes as fardas e as camisas. Os homens ficaram então nús da espaduas ás nadegas, curvadas para a frente. E começaram os açoites. Alguns soldados terminaram deitados de bruços sobre o chão, vencidos pela dôr da chibata. José Bonifacio, que assistiu a tudo por gosto, conservou-se no campo até o final da flagellação (1). Até o cahir da noite. Signal de que a scena não o desagradou. Outras evidencias poderiam juntar-se de varios traços, no caracter de José Bonifacio, que se podem attribuir á influencia da escravidão. E si destacamos José Bonifacio é para que se faça idea da mesma influencia sobre homens de menor porte e personalidade menos viril.

Mas acceita, de modo geral, como deleteria a influencia da escravidão domestica sobre a moral e o caracter do brasileiro da casa-grande, devemos attender ás circumstancias especialissimas que entre nós modificaram ou attenuaram os males do systema. Desde logo salientemos a doçura nas relações de senhores com escravos domesticos, maior no Brasil do que em qualquer outra parte da America.

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais intimo e delicado dos senhores uma serie de individuos — amas de crear, mucamas, irmãos de creação dos

---

(1) Tobias Monteiro — *Historia do Imperio — a Elaboração da Independencia* — Rio de Janeiro 1927.

meninos brancos. Individuos cujo lugar na familia ficava sendo não o de escravos mas o de pessôas de casa. Especie de parentes pobres nas familias européas. Á mesa patriarchal das casas-grandes sentavam-se como si fossem da familia numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Muleques de estimação. Alguns sahiam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como si fossem filhos.

Quanto ás mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam occupando no seio das familias patriarchaes. Alforriadas, arrendondavam-se quasi sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhes a benção; os escravos tratavam-nas de senhoras; os boleeiros andavam com ellas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e engangentas entre os brancos de casa, havia de suppol-as senhoras bem nascidas; nunca escravas vindas da senzala.

É natural que essa promoção de individuos da senzala á casa-grande, para o serviço domestico mais fino, se fizesse attendendo a qualidades physicas e moraes; e não a tôa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para ninal-o, preparar-lhe a comida e o banho môrno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe historias; ás vezes para substituir-lhe a propria mãe — é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos «boçaes» e as mais «ladinas» — como então se dizia para distinguir as negras já christianizadas e abrasileiradas, das vindas ha pouco da Africa; ou mais renitentes no seu africanismo.

No Brasil, paiz de formação social profundamente catholica, sempre se fez mais questão do que nas Antilhas e no sul dos Estados Unidos da condição religiosa do escravo. «Os africanos importados de Angola — informa Koster — são baptisados em massa antes de sahirem de sua terra e chegando ao Brasil ensinam-lhes os dogmas religiosos e os deveres do culto que vão seguir.

Trazem no peito o signal da Corôa Real afim de indicar que foram baptisados e por elles pagos os direitos. Os escravos que se importam das outras regiões da Africa chegam ao Brasil sem ter sido baptisados e antes de proceder-se a cerimonia que os deve fazer christãos é necessario ensinar-lhes certas orações, para o que concede-se aos mestres o praso de um anno no fim do qual são obrigados a apresentar os discipulos á egreja parochial» (1). Essa lei não acreditava Koster que fosse rigorosamente cumprida com relação ao tempo; era-o porém em essencia, não havendo senhor brasileiro capaz de trahir os preceitos da Igreja contra o paganismo. «Do seu lado o escravo deseja a qualidade de christão porque os camaradas tendo com elle a menor questão terminam sempre o excesso dos injuriosos epitetos que lhe dirigem, com o de pagão». Pagão ou mouro. Accrescenta Koster: «O negro sem baptismo, vê-se com pezar considerado um ser inferior e embora ignorando o valor que os brancos ligam áquella cerimonia, sabe que deve lavar a mancha que lhe exprobam e mostra-se impaciente por tornar-se egual aos outros. Os africanos, chegados ha muito tempo, estando já imbuidos de sentimentos catholicos, parecem esquecer que outr'ora estiveram nas mesmas condições que os recem-chegados. Não se pergunta aos escravos se querem ou não ser baptisados; a entrada delles no gremio da Egreja Catholica é considerada como questão de direito. Realmente elles são tidos menos por homem do que por animaes ferozes até gosarem do privilegio de ir á missa e receber os sacramentos» (2).

Não pretendemos aqui considerar o gráo de christianização attingido pela massa escrava — assumpto de que nos occuparemos em estudo proximo; mas o certo é que, por contagio e pressão social, rapidamente se impregnou o escravo negro, no Brasil, da religião dominante. Approximou-se por intermedio della da cultura do senhor; dos

---

(1) Koster — *Travels*, cit.
(2) Koster — *Travels*, cit.

seus padrões de moralidade. Alguns tornaram-se tão bons christãos quanto os senhores; capazes de transmittir ás creanças brancas um catholicismo tão puro quanto o que estas receberiam das proprias mães.

Sylvio Romero, recordando o seu tempo de menino num engenho do Norte, disse uma vez que nunca viu rezar tanto quanto a escrava Antonia, sua mãe negra. Ella é que o fizera religioso. «Devo isso (a religião) á mucama de estimação a que foram, em casa de meus avós, encarregados os desvellos de minha meninice. Ainda hoje existe, nonagenaria, no Lagarto, ao lado de minha mãe, essa adorada Antonia, a quem me acostumei a chamar tambem de mãe... Nunca vi creatura tão meiga, e nunca vi resar tanto. Dormia commigo no mesmo quarto e, quando, por alta noite, eu acordava, la estava ella de joelhos... resando... Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coisa seria, que ainda agora a tenho na conta de uma creação fundamental e indestrutivel da humanidade. Desgraçadamente, ai de mim! não reso mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sentir inteiriça e irreductivel» (1). Outros brasileiros, da geração de Sylvio, poderiam dizer o mesmo. O proprio Joaquim Nabuco terá porventura aprendido com a sua velha ama negra de Massangana o Padre-Nosso que, no fim da vida, voltou a rezar na Igreja do Oratorio em Londres. Quando morreu-lhe a madrinha — «scena de naufragio» que evoca numa das paginas mais commovidas de *Minha Formação* — foi o seu grande consolo: a velha ama negra continuar a servil-o como dantes. «O menino está mais satisfeito — escrevia a seu pae o amigo que o devia levar á Côrte — depois que eu lhe disse que a sua ama o acompanharia» (2).

---

(1) Sylvio Romero, na sua resposta ao inquerito realizado por João do Rio entre intellectuaes brasileiros e reunido em volume sob o titulo *O Momento Litterario*, Rio de Janeiro, 1910.

(2) Carolina Nabuco — *Vida de Joaquim Nabuco* — Rio 1931.

Mas o ponto que pretendemos destacar não é o dessas fundas affeições, quasi de mãe e filho, que no tempo da escravidão se formaram entre escravas amas de leite e nhonhôs brancos; mas rectificar a ideia de que atravez da ama de leite o menino da casa-grande só fizesse receber da senzala influencias ruins; absorvendo com o primeiro alimento os germens de todas as doenças e superstições africanas. Os germens de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmittiu; mas recebeu tambem nos afagos da mucama a revelação de uma bondade maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os christãos; o contagio de um mysticismo quente, voluptuoso de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros.

Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominantemente collectivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes. Confraternização que difficilmente se teria realizado se outro typo de christianismo tivesse dominado a formação social do Brasil: um typo mais clerical, mais ascetico, mais orthodoxo; calvinista ou rigidamente catholico; diverso da religião doce, domestica, de relações quasi de familia entre os santos e os homens, que, das capellas patriarchaes das casas-grandes, dos templos sempre em festas — baptisados, casamentos, «festas de bandeira» de santos, chrismas. novenas — presidiu o desenvolvimento social brasileiro. Foi esse christianismo domestico, lyrico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras Madrinhas dos meninos, que creou nos negros as primeiras ligações espirituaes, moraes e estheticas com a familia e com a cultura brasileira. «Os escravos tornados christãos fazem mais progresso na civilisação», observou Koster. «Não se tem lançado mão de constrangimento para os fazer adoptar os costumes dos senhores mas insensivelmente lhes dirigem as ideias para este lado; os senhores ao mesmo tempo contrahem alguns habitos dos seus es-

cravos e desta sorte o superior e o inferior se approximam. Eu não duvido que o systema de baptisar os negros importados tenha antes a sua origem na devoção dos portugueses do que em vistas politicas, mas tem produzido os melhores resultados» (1).

Não foi só «no systema de baptizar os negros» que se resumiu a politica de assimilação, ao mesmo tempo que de contemporização, seguida no Brasil pelos senhores de escravos: consistiu principalmente em dar aos negros a opportunidade de conservarem, á sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas catholicas, formas e accessorios da cultura e de mythica africana. Salienta João Ribeiro o facto do christianismo no Brasil ter concedido aos escravos uma parte no culto; de santos negros como São Benedicto e Nossa Senhora do Rosario terem se tornado patronos de irmandades de pretos; dos escravos terem se reunido em grupos que foram verdadeiras organisações de disciplina, com «reis do Congo» exercendo autoridade sobre «vassalos» (2).

Já Koster notara que a instituição dos reis do Congo no Brasil, em vez de tornar os negros refractarios á civilização, facilitava esse processo e o da disciplina dos escravos: «...os reis do Congo eleitos no Brasil resam á Nossa Senhora do Rosario e trajam á moda dos brancos; elles e os seus subditos conservam, é certo, as danças do seu paiz: mas nas suas festas admittem-se escravos africanos de outras regiões, creoulos e mulatos que dançam da mesma maneira; essas danças actualmente são mais danças nacionaes do Brasil do que da Africa» (3). Ve-se quanto foi prudente e sensata a politica social seguida no Brasil com relação ao escravo. A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternisação entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponivel ou dura barreira. Os proprios padres proclamavam a vantagem de concederem-se aos negros

---

(1) Koster — *Travels*, cit.
(2) João Ribeiro — *Historia do Brasil*, (curso superior) Rio.
(3) Koster, *Travels*, cit.

seus folguedos africanos. Um delles, Antonil, escrevendo no seculo XVIII, aconselhava os senhores não só a permittirem, como a «acodirem com sua liberalidade» ás festas dos pretos. «Portanto não lhes extranhem o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do anno, e o alegrarem-se honestamente á tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosario, de São Benedicto e do orago da capella do engenho...» (1)

A liberdade do escravo de conservar e até de ostentar em festas publicas — a principio na vespera de Reis, depois na noite de Natal, na de Anno Bom, nos tres dias de Carnaval — formas e accessorios de sua mythica, de sua cultura fetichista e totemica, dá bem a idéa do processo de approximação das duas culturas no Brasil. Liberdade a que não deixou nunca de corresponder forte pressão moral e doutrinaria da Igreja sobre os escravos. Koster observou em Pernambuco: «a religião que ensinam (os senhores) aos escravos do Brasil tem operado nelles salutar effeito porque conseguiu diminuir ou destruir a cega confiança, que depositavam nos sortilegios de seus compatriotas. Exercem a sua credulidade do modo mais innocente. Os terriveis resultados da autoridade dos *Obeahs* nas Antilhas não se verifica no Brasil entre os mandingueiros» (2). Gente prompta a admittir a efficacia das mandingas nunca deixou de haver entre nós; mas esse «prejuizo», não o considerou o inglês nem «geral» nem de «perniciosas consequencias». É verdade que muito senhor de engenho, já sem forças para dar conta dos harens de negras e mulatas, teve os dias encurtados pelo uso de beberagens aphrodisiacas preparadas por pretos mandingueiros. Tambem houve quem morresse de «cousas feitas» e de veneno africano. Casos raros, porém. Esporadicos.

---

(1) André João Antonil — (João Antonio Andreoni, S. J.) — *Cultura e Opulencia do Brasil por suas Drogas e Minas*, cit.

(2) Koster. *Travels*, cit.

Occupando-se da christianização do negro, no Brasil, Nina Rodrigues se extrema, ao nosso ver, num erro: o de considerar a catechese dos africanos uma illusão (1). Mesmo deante das evidencias reunidas pelo scientista bahiano a favor de sua these não se pode negar a extensa acção educativa, abrasileirante, moralizadora no sentido europeu, da religião catholica sobre a massa escrava. Aliás o ponto de partida da these de Nina Rodrigues, consideramol-o falso: o da incapacidade da raça negra de elevar-se ás abstrações do christianismo. Nina Rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo o surto intellectual. E não admittia a possibilidade do negro elevar-se até o catholicismo.

Foi, porém, ao calor da catechese catholica — de um catholicismo, é certo, que para attrahir os indios já se opulentara de novas côres e até de imitações, pelos padres, das gatimonhas dos pagés — que se amolleceram nos africanos, vindos de areas fetichistas, os traços mais duros e grossos da cultura nativa. A catechese era a primeira fervura que soffria a massa de negros, antes de integrar-se na civilização officialmente christã aqui formada com elementos tão diversos. Esses elementos, a Igreja quebrou-lhes a força ou a dureza, sem destruir-lhes toda a potencialidade.

Na ordem de sua influencia, as forças que dentro do systema escravocrata actuaram no Brasil sobre o africano recem-chegado foram: a igreja (menos a igreja com I grande, que a outra, com i, pequeno, dependencia do engenho ou da fazenda patriarchal), a senzala, a casa-grande propriamente dita — isto é, considerada como parte, e não centro dominador do systema de colonização e formação patriarchal do Brasil. O methodo de desafricanização do negro «novo», aqui seguido, foi o de mis-

---

(1) Nina Rodrigues — *L'Animisme Fétichiste des Nègres de Bahia*. Bahia 1900. Veja-se tambem o seu *As Raças Humanas — sua Responsabilidade Penal* — Bahia 1894. Os estudos de Nina Rodrigues veem sendo intelligentemente continuados, do ponto de vista da psychologia, por Arthur Ramos, na Bahia e Ulyses Pernambucano, em Pernambuco.

tural-o com a massa de « ladinos » ou veteranos; de modo que as senzalas foram uma escola pratica de abrasileiramento.

A verdadeira iniciação do « negro novo » na lingua, na religião, na moral, nos costumes dos brancos ou antes dos negros « ladinos », fez-se, porém, na senzala e no eito, os « novos » imitando os veteranos. Foram ainda os « ladinos », os que iniciaram os « boçaes » na technica ou na rotina da plantação da canna e do fabrico do assucar. Um chronista hollandês do seculo XVII gaba os negros « ladinos » de origem Angola como mestres ou iniciadores dos negros « novos ». Do mesmo modo que aconselha a só se importarem pretos da Angola (1). Que os de Arda eram cabeçudos e tardos; difficeis de se habituarem á rotina dos engenhos. Levantavam-se contra os feitores; moiam-nos de pancadas.

Outras forças podem-se particularizar como tendo actuado sobre os negros no sentido do seu abrasileiramento; modificando-lhes a plastica moral e é possivel que tambem a physica; conformando-as não só ao typo e ás funcções de escravo como ao typo e aos caracteristicos de brasileiro. O meio physico. A qualidade e o regimen da alimentação. A natureza e o systema de trabalho.

A repercussão de todas essas influencias, naturaes umas, outras artificiaes e até perversas, sobre o physico e a moral do negro no Brasil é assumpto para ser estudado com minucia. Falta-nos infelizmente material de pesquisa anthropologica que permitta exacto confronto do negro brasileiro — extreme de cruzamento, rigorosamente puro — com o africano. Os estudos de Roquette Pinto revelam-nos uma disparidade surprehendente, que talvez se possa attribuir á influencia da *peristase*, entre os negros do Brasil e os da Africa: geral a brachicephalia entre os nossos, em contraste com a dolicocephalia dos afri-

(1) « Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas », cit.

canos. Differenças tambem de indice nasal: — os melanodermos brasilianos de nariz mais achatado, approximando-se dos bartardos do sul da Africa e dos philippinos. O que os colloca fóra do grande grupo negro (1).

As differenças de indice nasal, attribue-as Roquette Pinto ao facto de serem raros os negros realmente puros no Brasil; a propria brachycephalia acredita que deva correr por conta de «differenciação local, muito possivelmente oriunda de velhos cruzamentos». Mas não deixa de admittir a possibilidade de casos de imitação (Davenport) ou de influencia de *peristase* (Boas) (2).

Interessante é ainda o facto, salientado pelo professor Roquette Pinto, dos mulatos brasileiros tenderem para estatura «nas proximidades dos brancos mais baixos» (3) quando nos Estados Unidos, para onde parece ter sido menor a migração dos sudaneses altos, os mulatos se apresentam com uma media elevada de estatura. Pode muito bem tratar-se de diminuição de estatura por effeito da qualidade e do regimen de alimentação; resultado de modo por que variou do regimen nativo a nutrição do negro no Brasil e nos Estados Unidos. Ou pode ser simplesmente a influencia do cruzamento com o branco mais alto e melhor alimentado nos Estados Unidos.

Sá Oliveira, em trabalho publicado em 1895, indicou varios effeitos sobre individuos da raça negra das novas circumstancias, que podemos chamar economicas, de sua vida domestica e de trabalho no Brasil; primeiro como escravos, depois como parias. Por exemplo: obrigadas as negras, no trabalho agricola de longas horas por dia, a trazerem os filhos atados ás

(1) E. Roquette Pinto — «Notas sobre os typos anthropologicos do Brasil», *Actas e Trabalhos, 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia,* Rio 1929.

(2) Convem recordar que em 1914 Alberto Torres *(O Problema Nacional Brasileiro)*, já anti-weismanniano, considerava demonstrada por Boas «a alteração de caracteres somaticos de uma geração para outra». Mas faltam ás suas affirmações rigoroso espirito scientifico, prejudicado pela facilidade e emphase nas convicções.

(3) E. Roquette Pinto, *loc. cit.*

costas — costume seguido na Africa, mas só durante viagens ou pequena parte do dia — « veem mais tarde os seus filhos ficarem com as pernas defeituosas, arquedas, de modo que, tocando-se pelos pés formam uma elypse alongada » (1). Por outro lado, quasi todas, obrigadas a se entregarem a occupações agricolas ou domesticas, atiravam os filhos ao berço, á esteira ou á rede — ahi permanecendo as crianças dias inteiros. Dahi, para Sá Oliveira, o facto de muitos negros e mulatos que se encontram no Brasil com a « região occipital projectada para a parte posterior como os africanos e outros teem-na achatada, diminuindo de algum modo a projecção do craneo posterior ». Effeito de pressão invariavel e constante no occiput, quasi o dia inteiro.

Brandão Junior refere o facto de um fazendeiro no Maranhão que obrigava as escravas negras a deixarem seus filhos, creanças ainda de mama, no *tejupabo,* mettidos até o meio do corpo em buracos para esse fim cavados na terra (2). O fim era evidentemente assegurar-lhes a immobilidade, evitando-se o perigo de engatinharem para o matto; ou para os pastos, chiqueiro, estribaria, etc. Acreditamos ter sido costume seguido numa ou noutra fazenda, ou engenho de canna, e não pratica generalizada, mesmo no Maranhão, cujos fazendeiros e senhores de engenho crearam fama de extremamente crueis com os escravos. Pratica generalizada, teria sido outra causa de deformações pathologicas dos escravos, negros e seus descendentes, tantas vezes contrariados no seu desenvolvimento physico, moral e eugenico pelas circumstancias de sua situação economica; pelas necessidades ou abusos do regimen de trabalho nas plantações brasileiras. Deve-se notar, por outro lado, que as negras conservaram

---

(1) J. B. de Sá Oliveira — *Craniometria Comparada das Especies Humanas na Bahia sob o Ponto de Vista Evolucionista e Medico-legal,* Bahia 1895.

(2) F. A. Brandão Junior — *A Escravatura no Brasil, Precedida d'um Artigo Sobre Agricultura e Colonisação no Maranhão* — Bruxellas 1865.

no Brasil, sempre que lhes foi possivel, certos costumes, para ellas quasi sagrados, de deformação physica das creanças — como o de «amassarem-lhes a cabeça». Costumes que conservaram nas senzalas; mas que terão empregado ás vezes nas casas-grandes, onde chegaram algumas a ser quasi omnipotentes como mães de criação de meninos brancos.

A escolha da escrava negra para ama de menino suggere-nos outro aspecto interessantissimo das relações entre senhores e escravos no Brasil: o aspecto hygienico. De Portugal transmittira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. Julio Dantas, nos seus estudos sobre o seculo XVIII em Portugal, registra o facto: «o precioso leite materno era quasi sempre substituido pelo leite mercenario das amas» (1). O que attribue á moda. Com relação ao Brasil, seria absurdo attribuir-se á moda a apparente falta de ternura materna da parte das grandes senhoras. O que houve, entre nós, foi impossibilidade physica das mães de attenderem a esse primeiro dever de maternidade. Já vimos que se casavam todas antes de tempo; algumas physicamente incapazes de ser mães em toda a plenitude. Casadas, succediam-se nellas os partos. Um filho atraz do outro. Um doloroso e continuo esforço de multiplicação. Filhos muitas vezes nascidos mortos — anjos que iam logo se enterrar em caixõesinhos azues. Outros que se salvavam da morte por milagre. Mas todos deixando as mães uns molambos de gente.

Nossos avós e bisavós patriarchaes, quasi sempre grandes procreadores, ás vezes terriveis satyros de patuá de Nossa Senhora sobre o peito cabelludo; machos insaciaveis colhendo do casamento com meninas todo um extranho sabor sensual, raramente tiveram a felicidade de se fazerem acompanhar da mesma esposa até a velhice. Eram ellas que, apesar de mais moças, iam morrendo;

(1) Julio Dantas — *Figuras de Ontem e de Hoje*, cit.

e elles casando com irmãs mais novas ou primas da primeira mulher. Quasi uns Barba-azues. São numerosos os casos de antigos senhores de engenho, capitães-mores, fazendeiros, barões e viscondes do tempo do Imperio, casados tres, quatro vezes; e paes de numerosa prole. Essa multiplicação de gente á custa do sacrificio das mulheres, verdadeiras martyres em quem o esforço de gerar, consumindo primeiro a mocidade, logo consumia a vida.

A esse facto, e não a nenhuma imposição da moda, deve-se attribuir a importancia, em nossa organização domestica, da escrava ama de leite, chamada da senzala á casa-grande para ajudar franzinas mães de quinze annos a crearem os filhos. Imbert observou que no Brasil as senhoras brancas, alem de mães prematuras, soffriam «a acção incessante de um clima situado debaixo dos tropicos»; clima que lhes «esgota as forças vitaes» e «irrita o systema nervoso». Emquanto as amas negras «organisadas para viver nas regiões calidas em que sua saude prospera mais que em qualquer outra parte, adquirem nesta condição climaterica um poder de amamentação que a mesma zona recusa geralmente ás mulheres brancas por isso que a organisação physica destas não se allia com tanta harmonia á acção da temperatura extrema destas regiões equatoriaes» (1). Observação que se concilia com a de Bates sobre a tristeza do indio e do branco nos tropicos em contraste com a alegria exuberante, a vivacidade e a saude esplendida do negro. Talvez não seja ponto inteiramente despresivel, o salientado por Imbert, do maior poder de amamentação da mulher preta que a branca nos paizes tropicaes. A tradição brasileira não admitte duvida: para ama de leite não ha como as negras.

Mas a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores

---

(1) J. B. A. Imbert — *Guia Medico das Mães de Familia, ou a Infancia Considerada na sua Hygiene, suas Molestias e Tratamentos* — Rio de Janeiro 1843.

condições eugenicas. Em motivos inteiramente sociaes, e não de raça nem de clima. Em Portugal divergiam, nos seculos XVII e XVIII, os mestres na «arte de curar e crear meninos» quanto á côr que se devia preferir nas amas de leite. O que mostra ter o problema de louras e morenas preoccupado os medicos antes de inquietar os esthetas encarregados de escolher coristas para os theatros de Paris e New York. O Dr. Francisco da Fonseca Henriques — grande celebridade medica em Portugal no seculo XVIII — oppunha-se ás mulheres fuscas e morenas; aconselhava as louras (1); o auctor da *Polyanthéa* era grande partidario das morenas. Allegava que «alem de serem mais sanguinhas, convertem melhor o alimento em sangue e em leite, á maneira da terra, que quanto é mais negra, tanto é mais fertil» (2).

Os conselhos do auctor da *Polyanthéa* devem ter repercutido sympathicamente entre os portugueses da America, por varias circumstancias predispostos a crear seus meninos em peito de escrava negra. Negra ou mulata. Gordos peitos em bico de mulheres sãs, rijas, côr das melhores terras agricolas da colonia. Mulheres côr de massapé e de terra roxa. Negras e mulatas que alem do leite mais farto apresentavam-se satisfazendo outras condições, das muitas exigidas pelos hygienistas portugueses do tempo de D. João V. Dentes alvos e inteiros (nas senhoras brancas era raro encontrar-se uma de dentes sãos, e pode-se affirmar, atravez dos chronistas, das anecdotas e das tradições coloniaes, ter sido essa uma das causas principaes de ciume ou rivalidade sexual entre senhoras e mucamas). Não serem primiparas. Não terem sardas. Serem mães de filhos sadios e vivedouros.

J. B. A. Imbert, no seu *Guia Medico*, ao abeirar-se do delicado problema das amas de leite, principia um tanto acacianamente: «os peitos deverão ser convenien-

---

(1) *Soccorro Delfico aos Clamores da Natureza Humana* ... pelo Dr. Francisco da Fonseca Henriques — Amsterdam 1731.

(2) *Apud* Julio Dantas, *op. cit.*

temente desenvolvidos, nem rijos nem molles, os bicos nem muito pontudos nem encolhidos, accomodados ao labio do menino » (1). Reconhecia Imbert a conveniencia das amas de crear serem escravas, não admittindo « em regra geral, que as mães ainda mui jovens possam no Brasil supportar as fadigas de uma amamentação prolongada sem grave detrimento de sua saude bem como dos filhos ». Mas salientando sempre a necessidade de fiscalizarem as senhoras as amas negras.

Os fazendeiros deviam preoccupar-se com a hygiene pre-natal e infantil, não só nas casas-grandes, como nas senzalas. Muito negrinho morria anjo por ignorancia das mães. « As negras de ordinario — informa o *Manual dos Fazendeiros ou tratado domestico sobre as enfermidades dos negros* — cortão o cordão muito longe do embigo e estão de mais a mais no pernicioso costume de lhe porem em cima pimenta, e fomental-o com oleo de ricino ou qualquer outro irritante. Feito isto apertam essas malditas o ventre da creança a ponto quasi de suffocal-a. Este barbaro costume corta o fio da vida a muitas e muitas creanças e contribue para desenvolver no embigo essa inflammação a que no Brasil se dá o nome de mal de sete dias ». Ainda as negras nas senzalas « mal nasce a creança, costumam... amassar-lhe a cabeça, afim de dar á testa uma forma mais agradavel; « sem attenderem á fraqueza dos orgãos digestivos dos recem-nascidos, dão-lhes algumas vezes, poucos dias depois delles nascerem alimentos grosseiros, tirados de sua propria comida ». Contra praticas dessa natureza é que as senhoras brancas deviam conservar-se attentas, não somente impedindo que as grosserias das negras subissem ás casas-grandes mas que continuassem a proliferar nas senzalas. Afinal « as negras que acabam de parir — diz Imbert — acabam de augmentar o capital de seu senhor... » (2)

---

(1) J. B. A. Imbert — *Guia Medico das Mães de Familia ou a Infancia Considerada na sua Hygiene, suas Molestias e Tratamento*, cit.

(2) J. B. A. Imbert — *Manual do Fazendeiro ou Tratado Domestico Sobre as Enfermidades dos Negros* — Rio de Janeiro 1839.

Importando a mortalidade nas senzalas em diminuição seria no capital dos senhores (1).

É curioso surprehender o mesmo Imbert (tão intolerante de tudo que cheirasse a anti-scientifico em materia de crear menino e curar doente: de quanto remedio, elixir, unguento ou pomada para bôbas, ulceras, empingens, ictericia, erysipela, escoriações na verilha, coxas e nadegas de meninos novos devido a não mudarem frequentemente de coeiro, sapinhos na bocca, tinha,

(1) A mortalidade infantil nas senzalas chegou a ser consideravel. Em Matta Paciencia, no engenho de Dona Marianna, filha mais velha do barão e da baroneza de Campos — talvez o primeiro engenho a vapor, installado no Brasil, dispondo de 200 escravos de trabalho e cerca de 200 bois — Maria Graham foi informada pela propria senhora do engenho que menos de metade dos negros nascidos na propriedade chegavam aos dez annos de edade («not half the negroes born ou her estate live to be ten years old»). O que muito alarmou Mrs. Graham (*Journal of a Residence in Brazil*, cit.). Já Eschwege apurara em Minas Geraes que entre os mulatos escravos, em 105 nasciam 4, em 100 morriam 6; e que entre os escravos negros, em 103 nasciam 3, em 102 morriam 7; emquanto entre os brancos livres, em 99 nasciam 4, em 106 morriam 3; entre indios livres, em 99 nasciam 4, em 108 morriam 4; entre os mulatos livres, em 109 nasciam 4, em 109 morriam 3; entre os negros livres, em 84 nasciam 4, em 93 morriam 5. Estatistica, esta de Eschwege, que fez Oliveira Vianna concluir pela «formidavel acção destructiva das selecções ethnicas e pathologicas do interior das senzalas», o negro e mulato tendo «uma mortalidade inferior á sua natalidade».

Entretanto, os resultados da estatistica que em 1827 se empreendeu referente á população em Pernambuco, de Santo Antonio, accusam differença minima na mortalidade de negros, pardos e brancos. Por exemplo, com referencia ao anno de 1826 temos:

NASCIDOS	*MORTOS*
Brancos 192, pardos 178, pretos 294	Brancos 135, pardos 60, pretos 125

E com relação aos annos anteriores, a começar pelo da Independencia:

NASCIDOS

1822	Brancos	279,	pardos	197,	pretos	239
1823	»	294,	»	223,	»	256
1824	»	281,	»	209,	»	276
1825	»	221,	»	234,	»	271

MORTOS

1822	Brancos	103,	pardos	61,	pretos	87
1823	»	108,	»	49,	»	95
1824	»	115,	»	53,	»	87
1825	»	124,	»	70,	»	119

(Esta estatistica foi-nos gentilmente fornecida pelo conego José do Carmo Baratta, da Sé de Olinda).

bexiga doida, sarampo, lombriga, solitaria, etc., parecesse cousa de curandeiro africano (1), aconselhando contra o mal das creanças mijarem na cama este infallivel remedio: comerem carne assada e beberem um pouco de bom vinho; ou então «o medo, a ameaça de castigo». «A ameaça de castigo e o medo, produzem algumas vezes effeito salutar, sobre tudo quando a incontinencia é o resultado da preguiça, ou de um mau habito...» (2). O que mostra que medicos e curandeiros nunca estiveram muito distanciados uns dos outros, antes da segunda metade do seculo XIX.

A arte de sangrar, exerceram-na no Brasil colonial e do tempo do Imperio, escravos africanos, que foram tambem barbeiros e dentistas; e o mister de parteiras, exerceram-no ao lado de brancas e caboclas boçaes, negras nas mesmas condições; todas appellidadas *comadres*. *Comadres* que alem de partejarem, curavam doenças gynecologicas, por meio de bruxedos, rezas, benzeduras. As casas que habitavam tinham á porta uma cruz branca. E ellas quando sahiam a serviço, era debaixo de uns mantos ou xales compridos, como umas côcas; muitas «levando debaixo das mantilhas cartas de alcoviteiras, feitiços e pussangas»; algumas conduzindo tambem, «a abandonar nas ruas e recantos, os productos das praticas illicitas e criminosas a que essa profissão se presta e a que sem escrupulos os entregavam» (3).

A ignorancia das mães brasileiras de outr'ora — meninas inexperientes — não encontrava nas *comadres* o correctivo necessario. Nada porém, nos autoriza a concluir que as *comadres* e os curandeiros africanos dos tempos

---

(1) J. B. A. Imbert — Veja-se o seu opusculo «Uma palavra sobre o charlatanismo e os charlatães» — Rio de Janeiro 1837.

(2) Imbert — *Guia Medico*, cit. O medo consistia principalmente, em dizer-se, em voz grossa, ao menino mijão que o mão-de-pello, o Kibundo ou o negro velho havia de comer-lhe a piroca. Medo que se fazia á creança masturbadora.

(3) Alfredo Nascimento — *O Centenario da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro — Primordios e evolução da medicina no Brasil* — Rio de Janeiro, 1929.

coloniaes excedesse á medicina official, isto é, européa, dos seculos XVI, XVII e XVIII, em porcaria ou simulação.

É ao patriarcha da litteratura medica no Brasil, o Dr. Joam Ferreyra da Rosa, physico do seculo XVII, que vamos encontrar receitando aos seus doentes: «pós de carangueijos queimados dados a beber em hum copo de agua de herva cidreira»; trazerem «debaixo do braço no fovaco... pafta ouropimiente» com «goma arabica»; e para a «fupre-fão de ourina» untarem com oleo de copauba «as verilhas, cano interfemine e ventre». A peste que nos fins do seculo XVII devastou Pernambuco pareceu-lhe arte dos astros: «pode o ar receber... sordicie, ou qualidade contagiosas dos Aftros». Ou então obra da Justiça Divina, «em quanto fe não reformarem noffos peffimos coftumes». A população devia combatel-a com fogueiras. Queimando «coufas aromaticas». Andando com «pomos aromaticos na mão» (1). Isto escreveu Ferreyra da Rosa que não era nenhum doutor caturra, mas dos mais adiantados de sua epoca; tirando seus remedios e suas doutrinas «não dos Empiricos, mas dos Methodicos & Racionaes».

Em Portugal, no seculo XVIII, Fonseca Henriques, pediatra illustre, ainda se orientava pelos astros na sua clinica. Quem lhe abrir o celebre *Soccorro Delfico aos Clamores da Natureza Humana* depara com estas graves palavras sobre a lua: «a sua luz é nociva aos meninos». Nem mesmo as roupas e pannos da creança deviam deixar-se á luz da lua. Seriam robustos, segundo elle, os meninos que nascessem chorando alto e «muyto mays os que nacem com o escroto corrugado» (2).

Nas *Observações Doutrinarias*, de Curvo Semêdo, Luiz Edmundo foi encontrar receitas que na verdade pouco se distanciam das dos curandeiros africanos ou caboclos;

---

(1) Joam Ferreyra da Rosa — *Trattado Unico da Constituiçam Pestilencial de Pernambuco Offerecido a Elrey N. S.* — Lisbôa 1694.
(2) Fonseca Henriques — *Soccorro Delfico*, cit.

e em certa *Pharmacopéa Ulysiponense,* de João Vigier recolheu cousas ainda mais immundas. Remedios caseiros, communs em Portugal e que de lá se transmittiram ao Brasil: chás de percevejos e de escremento de rato para desarranjos intestinaes; moela de ema para dissolução de calculos biliares; urina de homem ou de burro, cabellos queimados, pós de esterco de cão, pelle, ossos e carne de sapo, lagartixas, carangueijos, etc. (1).

Uma medicina que pela voz de seus doutores mais orthodoxos receita aos doentes tamanhas immundicies difficilmente pode firmar pretenções de superior á arte de curar dos africanos e amerindios. Porque a verdade é que destes tão desdenhados curandeiros absorveu a mal agradecida uma serie de conhecimentos e processos valiosissimos: o quinino, a cocaina, a ipecacuanha. No Brasil colonial parece-nos justo concluir terem medicos, *comadres,* curandeiros e escravos sangradores contribuido quasi por igual para a grande mortalidade, principalmente infantil e de mães, que por epocas successivas reduziu quasi de 50 % a producção humana nas casas-grandes e nas senzalas.

A mortalidade infantil vimos que foi enorme entre as populações indigenas desde o seculo XVI. Naturalmente devido ao contacto perturbador e dysgenico com a raça conquistadora. Consideravel tornou-se tambem a mortalidade de creanças entre as familias das casas-grandes. Foi talvez a esphera em que mais dolorosa e difficilmente se processou a adaptação dos europeus ao meio tropical americano — a da hygiene infantil. Traziam elles da Europa rigidas noções de resguardo e de agasalho. Supersticioso horror do banho e do ar. Noções que, nocivas á creança em clima temperado, em clima quente significaram muitas vezes a morte. Piso contrastou-as com

---

(1) Luiz Edmundo — *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis* — Rio 1932. Em meados do seculo XIX, acommettida de cholera uma filha de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello e sobrevindo «suppressão de urina... tudo quanto os dois systemas medicos aconselham applicou-se, mas em vão. Cinco moscas torradas, dissolvidas numa colher d'agoa morna, fel-a urinar em 13 minutos». (*Livro de Assentos,* Ms., cit.).

a hygiene infantil dos caboclos para concluir pela superioridade do methodo indigena: conclusão a que antes chegara, sem ser medico nem naturalista, mas simples homem de bom senso, o francês Joan de Léry.

Á hygiene infantil indigena ou africana — á maior liberdade da creança dos pannos grossos e dos agasalhos pesados — é que se foi acommodando a europa, atravez da mediação da escrava india ou negra. Mas aos poucos. A custa de muito sacrificio de vida.

Nieuoff salientou a grande mortalidade infantil nos primeiros seculos de colonização: teve, porém, o bom senso de attribuil-a menos ao clima ou á escrava africana que á alimentação impropria (1). E Fernandes Gama quasi o repete ao escrever que « as mulheres Portuguesas a principio criaram mui poucos filhos »; que « dois terços destes morriam pouco depois de nascidos ». Que já « as filhas destas mulheres que chegaram a crear-se, e mesmo ellas, accommodando-se ao clima e regeitando o peso dos vestidos, e o uso de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os em agua morna, não se queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recem-nascidos » (2).

Abrandou, decerto, a mortalidade infantil no Brasil, da segunda metade do seculo XVI em diante; mas continuou impressionante. No seculo XVIII preoccupa-se com ella o Dr. Bernardino Antonio Gomes; no seculo XIX é um dos problemas que mais inquietam os hygienistas do Segundo Imperio — Sigaud, Paula Candido, Imbert, o barão de Lavradio; até que em 1887 — José Maria Teixeira consagra-lhe um estudo verdadeiramente notavel: *Causas da mortalidade das crianças no Rio de Janeiro.*

Na sessão da Academia de Medicina de 18 de Junho de 1846 o assumpto é posto em discussão e debate,

---

(1) John Nieuhoff — *Voyages and Travels into Brasil and the East Indies* — London 1703.

(2) Fernandes Gama — *Memorias Historicas de Pernambuco* — Recife 1844.

dentro dos seguintes itens: 1) *a que causa se deve attribuir tão grande mortalidade nas crianças nos seus primeiros annos de vida; a pratica da amamentação por escravas, com pouco escrupulo escolhidas, poderá ser considerada como uma das principaes?* 2) *quaes as molestias mais frequentes nas creanças?*

As opiniões são as mais desencontradas. Ergue-se o Dr. Reis para salientar como influencia particularmente nociva sobre a saude das creanças brasileiras o uso e abuso de comidas fortes, o vestuario improprio, o aleitamento mercenario; as molestias contagiosas das amas africanas, muitas dellas, portadoras de syphilis e principalmente de bôbas e escrophulas. Mas fala depois o Dr. Rego para responsabilizar pela mortalidade das creanças brasileiras menos as escravas e o vestuario que o habito de se conservarem os meninos nús; salientando outro factor importante: a falta de tratamento medico na invasão das molestias. Levanta-se então Paula Candido que insiste no perigo das amas de leite escravas, escolhidas sem cuidadoso exame; que salienta os males da dentição e dos vermes. Varios outros medicos e hygienistas falam nessa reunião memoravel. O Dr. De Simoni que tambem se refere ao perigo das amas escravas e da alimentação impropria. O Dr. Jobim que lembra a influencia perniciosa da «humidade das casas» (1). O Dr. Feital que salienta a alimentação impropria. O Dr. Nunes Garcia que insiste no mesmo ponto e no da amamentação mercenaria para ser contestado pelo Dr. Lallemant: este diz considerar a alimentação da creança no Brasil melhor que na Europa. Quem fala por ultimo é o Dr. Marinho: salienta como causa da mortalidade infantil no Brasil a humidade, as fortes alternativas de temperatura, o vestuario, a alimentação prematura, a amamentação mercenaria.

---

(1) Procuraremos mostrar, em ensaio proximo, que muitas habitações coloniaes e do tempo do Imperio foram, com effeito, horriveis de humidade — menos pelo plano e pelas condições da architectura das casas que pela falta de escrupulo no material empregado.

Em 1847, o Barão de Lavradio, em serie de artigos no jornal da Imperial Academia sob o titulo «Algumas considerações sobre as causas da mortandade das creanças no Rio de Janeiro e molestias mais frequentes nos seis ou sete primeiros mezes de edade» fêz do assumpto larga sondagem, concluindo pela predominancia das seguintes causas: mau tratamento do cordão umbilical; vestuario improprio; pouco cuidado no principio das molestias das escravas e das creanças de mais idade; alimentação desproporcional, insufficiente ou impropria; despreso no principio das molestias da primeira infancia, apresentando-se ao medico creanças já moribundas de gastro-enterites, hepatites e tuberculo mesenteicos.

A verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a familia patriarchal a mesma dôr profunda que para uma familia de hoje (1). Viria outro. O anjo ia para o ceu. Para junto de Nosso Senhor, insaciavel em cercar-se de anjos. Ou então era mau olhado. Cousa feita. Bruxedo. Feitiço. Contra o que só as figas, os dentes de jacarés, as rezas, os te-esconjuros.

O Dr. Teixeira registra, na sua memoria, ter frequentemente ouvido dos paes estas palavras: «é uma felicidade a morte das creanças» (2); e o facto é que se prolongaram pelo seculo XIX os enterros de «anjos». Uns em caixões azues ou encarnados, os cadaveres pintados á carmin como o do meninosinho que Eubank viu morto no Rio de Janeiro; os mais pobres, em taboleiros cheios de flores; alguns até, em caixas de papellão, das grandes, de camisas de homem.

As causas da mortalidade infantil no Brasil do tempo da escravidão — causas principalmente sociaes — preci-

---

(1) Observou Burton em Minas Geraes: «... an «anjinho» or «innocente», a very young child dies unregretted because its future happiness is certain». (*The Highlands of the Brazil*, cit.). A superstição dos «anjinhos» é provavel que se tenha derivado do seguinte: diante do numero alarmante de creanças indias que a morte levou no seculo XVI os jesuitas espalharam, para consolo das mães e no interesse da catechese que era «uma felicidade»: os pequeninos iam para o Ceo.

(2) José Maria Teixeira, *Causas da Mortalidade das Creanças no Rio de Janeiro, 1887*.

sou-as com admiravel nitidez de senso critico José Maria Teixeira, attribuindo-as principalmente ao systema economico da escravidão, isto é, aos costumes sociaes delle decorrentes: falta de educação physica, moral e intellectual das mães; desproporção na idade dos conjuges; frequencia de nascimentos illicitos (1). Devendo accrescentar-se: o regimen improprio da alimentação; o aleitamento por escravas nem sempre em condições hygienicas de crear; a syphilis dos paes ou das amas. Foi evidentemente a acção dessas influencias que muitos confundiram com a de clima. «Numerosas creanças que morrem no Brasil — escreveu Luccock — é por falta de tratamento apropriado ou por «negligencia» ou «indulgencia» dos grandes (2).

Varias foram as doenças que affligiram a creança brasileira no tempo da escravidão. Mal dos sete dias (inflammação do umbigo). Tinha. Sarna. Empingem. Crus-

(1) José Maria Teixeira, *op. cit.*, Quanto á desproporção na idade dos conjuges deve-se notar o seguinte: Teixeira exaggerou o que possa haver de essencialmente pernicioso nos casamentos de homens já maduros com meninas de treze ou quatorze annos. Nesta idade as meninas, nos paizes tropicaes, já podem se achar aptas á procreação. Não ha evidencias de damno physico causado ás mães ou a sua descendencia pela simples discrepancia de edade entre os conjuges. Entre varias sociedades primitivas, de gente forte e robusta, as moças geralmente se casam logo depois da puberdade, a edade nupcial dos homens sendo o dobro e ás vezes mais do dobro da edade das noivas. Dentro do nosso systema patriarchal de familia é provavel que em muitos casos as meninas não se achassem aptas ao casamento e á procreação, dahi resultando males gravissimos. As principaes causas, porém, da morte de tantas mães franzinas e de tantas crianças em edade de mama foram sociaes: a falta de educação physica das meninas que attingiram á maternidade não só ignorantes de hygiene sexual e maternal como prejudicadas no seu desenvolvimento e na sua saude. «As molestias do figado, dos orgãos de respiração e dos intestinos, a que em geral estão sujeitas desde a infancia, as enerva», escreveu nos meiados do seculo XIX o medico Luiz Corrêa de Azevedo referindo-se ás mães brasileiras (*Annaes Brazileiros de Medicina*, vol. 21). Accrescentando que as enervavam tambem «exaggerados cuidados contra a influencia do ar livre», os «vestuarios comprimentes, prejudiciaes ao desenvolvimento das visceras, e por conseguinte actuando sobre o utero», «a leucorrhéa, molestia muito mais generalizada do que se suppõe nos collegios». Sobre o assumpto veja-se tambem Nicolau Moreira, «Discurso sobre a educação moral da mulher», Rio de Janeiro, 1868.

(2) John Luccock — *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country from 1808 to 1818* — London MDCCCXX.

tas leitosas. Sarampo. Bexiga. Lombrigas. Doenças que se combateram a clisteres, purgantes, bichas, medicação evacuante, sangrias, vomitorios, sinapismos. É provavel que alguns remedios e preventivos se tenham antecipado ás doenças, levando muito anjinho para o céo.

Attribuem alguns chronistas ao contacto dos meninos brancos com os muleques, o vicio, que muitos adquiriram, de comer terra. Vicio que foi a causa da morte de tanto escravo no Brasil colonial — desde o tempo dos escravos indios: «Um dos meios que esses infelizes empregam na propria destruição — escreve Koster — é comer terra e cal. Tão extranho habito, contrahido ás vezes pelos africanos, o é igualmente por muleques creoulos e com frequencia tambem por meninos livres tanto quanto pelos escravos. Tal disposição não é considerada doença, mas vicio, que se pode vencer com a vigilancia dos que cuidam das creanças, sem recorrer á medicina. Em varias occasiões, verifiquei que não empregam como necessario nenhum tratamento medicinal e que os meninos curam-se á força de castigo e de vigilancia. Tive conversações a este respeito e notei que muitas pessoas livres que conhecem essa affecção atravez dos exemplos que observam nos filhos ou nos meninos do visinho, a tinham por costume e não por doença. Nos adultos, é mais commum nos escravos do que nos forros» (1).

Parece que Koster não teve occasião de observar o tratamento de crias ou muleques viciados em comer terra, e até de meninos brancos, pelo systema da mascara de flandres. Muito menos pelo do panacum de cipó enorme balaio dentro do qual o negro era guindado até o tecto de improvisado lazareto com auxilio de cordas mettidas por entre os caibros e presas em argolas nos portaes. Esses lazaretos existiram até meiados do seculo XIX em engenhos do norte; viu-os, ainda menino, Phaelante da Camara: «o paciente era isolado num lazareto ou hospital *sui generis* onde lhe era de todo impossivel

(1) Koster, *Travels*, cit.

manter o abominavel vicio da geophagia». Mettido no tal panacum e suspenso do solo «impunha-se-lhe uma quarentena de muitos dias emquanto se lhe dava leite de jaracatiá afim de corrigir-lhe a anemia e era submettido a um regimen de alimentação substanciosa levada a horas certas na ponta de uma vara, quando não era possivel descer o panacum á vista da pessoa da maior confiança» (1).

O menino de engenho do tempo da escravidão parece que descontava os soffrimentos da primeira infancia — doenças, castigos, por mijar na cama, purgante uma vez por mez — tornando-se dos cinco aos dez annos verdadeiro menino-diabo. Seus jogos e brincadeiras accusam nelle tendencias acremente sadistas. Sadismo exercido sobre victimas doceis e faceis — malungos, muleques, escravos velhos, animaes domesticos. Briga de gallo e de canario; perseguição de animaes por meio de bodoques, balladeiras, arapucas; toda uma serie de jogos em que o muleque servia de cavallo de carro, de besta, de leva-pancadas, de victima — foram esses os brinquedos dos meninos das casas-grandes.

Mesmo no jogo de pião e no brinquedo de empinar papagaio achou geito de exprimir-se o sadismo do menino de engenho do tempo da escravidão, atravez das praticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje correntes no Norte, de «lascar-se o pião» ou de «comer-se o papagaio» do outro; o papagaio por meio da lasca, isto é, lamina de vidro ou caco de garrafa, occulto nas tiras de panno do rabo. Nos proprios jogos coloniaes da sala surprehendem-se tendencias sadistas: no «jogo do beliscão», tão querido das crianças brasileiras nos seculos XVIII e XIX, por exemplo. Offerecendo aos meninos larga opportunidade de beliscarem de rijo as primas ou as crias da casa não é de admirar a popularidade de jogo tão besta:

---

(1) Phaelante da Camara — «Notas Dominicaes de Tollenare», *Cultura Academica*, (Recife), 1904.

Uma duas, angolinhas
Finca o pé na pampolinha
O rapaz que jogo faz?
Faz o jogo do capão.
O' capão, semi-capão
Veja bem que vinte são
E recolha o seu pesinho
Na conchinha de uma mão
Que lá vae um beliscão...

E ia mesmo o beliscão em quem fosse attingido na roda «por lá vae um beliscão». Beliscão suave da parte das meninas e das crias; doloroso e forte quando dado pelos meninos brancos. Mas o maior soffrimento reservava-se ao ultimo a ser attingido pela phrase. Este era agarrado por todas as creanças que batiam com elle no chão, cantando com toda força:

E' de rim-fon-fon
E' de rim-fon-fon
Pé de pilão
Carne secca com feijão.

E é de imaginar, quanto se judiava então com as crias e com as meninas.

Em outro jogo, o de «belilisco de pintainho que anda pela barra de vinte e cinco», manifestavam-se iguaes tendencias: começava com beliscões para terminar em bolos nas mãos da creança menos esperta. E no jogo de peia queimada é bem possivel que muitas vezes a peia servisse de imitação do tira-mandinga-de-negro do feitor nas costas do escravo fugido; como o galho de goiabeira fez tantas vezes o papel de chicote no brinquedo de carro de cavallo.

«E que são pela maior parte os filhos destes madraços?» pergunta o padre Lopes Gama, referindo-se aos filhos de senhor de engenho. «Muitos nem aprendem a ler, e escrever... As deshumanidades e cruezas, que desd'os tenros annos vêm praticar com os miseros escravos, os tornam quasi insensiveis aos padecimentos do seu proximo...» E «na verdade como se formarão para as virtudes sociaes os nossos corações, se nós brasileiros, desde que abrimos os olhos, é logo observando a cruel

distincção entre senhor e escravo, e vendo pelo mais pequeno motivo e ás vezes por méro capricho rasgar desapiedadamente em açoites as carnes dos nossos semelhantes? Como apreciaremos o pudor, nós, que vemos, ou mandamos levantar as roupas de uma desgraçada escrava para ser surrada?» (1) «Apenas nos assoma á intelligencia — são palavras do mesmo padre-mestre, em outro dos seus artigos de critica aos costumes brasileiros dos principios do seculo XIX — vamos observando de uma parte o desprimor, a sem vergonha, a frascaria, o desregramento dos escravos, e de outra os duros tratamentos, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes, sem que taes creaturas degradadas sintam mais do que sensação physica, e rarissima vez o sentimento moral; e dahi o que deverá seguir-se? o tornarmo-nos grosseiros, voluntariosos, e cheios d'orgulho» (2). Nas suas recordações de infancia o visconde de Taunay, que foi um homem tão suave, quasi uma moça, confessa que gostava de fazer suas judiariasinhas com os muleques (3). E ha um trecho de romance de Machado de Assis em que o fino observador da sociedade brasileira do tempo do Imperio retrata-nos o typo do menino sadista; da creança pervertida pelas condições sociaes de sua formação entre escravos inermes; entre creaturas doceis aos seus caprichos. Não ha brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e creado depois de officialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Braz Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Aquelle morbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animaes é bem nosso: é de todo o menino brasileiro attingido pela influencia do systema escravocrata. «Desde os cinco annos merecera eu a alcunha de «menino-diabo», confessa o heroi das *Memorias Posthumas de Braz Cubas*. «Por exemplo,

---

(1) *O Carapuceiro*, cit.
(2) *O Carapuceiro*, cit.
(3) Visconde de Taunay — *Trechos de Minha Vida*, ed. posthuma, 1923.

um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de côco que estava fazendo, e, não contente com o maleficio, deitei um punhado de cinzas no taxo e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce « por pirraça »; e eu tinha apenas seis annos. Prudencio, um muleque de casa, era o meu cavallo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos á guiza de freio, eu trepava-lhe no dorso cum uma varinha na mão, fustigava-o, dava-lhe mil voltas a um e outro lado, e elle obedecia — algumas vezes gemendo, mas obedecia sem dizer palavra ou quando muito um — « ai, nhonhô » — ao que eu retorquia: — calla a bocca, besta! Esconder os chapeus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puchar pelos rabichos das cabelleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um genio indocil, mas devo crer que eram tambem de um espirito robusto, porque meu pae tinha-me em grande admiração; e se ás vezes me reprehendia, á vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos ».

Era essa attitude dos paes, tolerando nos filhos a estupidez e a malvadeza e até estimulando-os a bravatas, que o padre Lopes Gama não comprehendia nem perdoava. Não comprehendia que deixassem os meninos de familia viver pelos telhados como gatos e pelas ruas empinando papagaio; jogando a pedrada e o pião « com a rapaziada mais porca e brejeiral ». Isso nas cidades e suburbios. « Pelos nossos matos (com poucas, e honrosas excepções) é lastimosa a educação dos meninos. Ali o primeiro divertimento que se lhes dá é uma faquinha de ponta; e assim como no seculo da cavalleria andante os paes de bom tom armavam cavalleiros os seus filhos, apenas estés começavam a ensaiar os passos, e os beatos vestiam de fradinhos os seus pequenos, assim muitos dos nossos matutos armam cavalleiros da faca aos seus filhinhos, logo que estes podem enfiar-se em uma ceroulinha ». E accrescentava o padre-mestre sobre o me-

nino filho do senhor de engenho: «ali o menino é um persiguidor cruel das innocentes avesinhas, espiolhando-lhes os ninhos, e não podendo com a clavina, já teem gabos de insigne escupeteiro. Desd'os tenros annos avesam-se as creanças ao sangue, á matança e á crueldade; por que tomar por divertimento o tirar a vida a animaesinhos, que nos não offendem, antes nos regosijam, e concorrem para louvar as obras do Creador, é em meu humilde entender formar o coração para a barbaridade e a crueza. Lidando quasi só com escravos ali os meninos adquirem uma linguagem viciosa, e montesinha, e os mais grosseiros modos, e não poucos tomam a terrivel manha de comer terra» (1).

Noutros vicios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quaes, um tanto por effeito do clima e muito em consequencia das condições de vida creadas pelo systema escravocrata, antecipou-se sempre a actividade sexual, atravez de praticas sadistas e bestiaes. As primeiras victimas eram os muleques e animaes domesticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nelle é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescencia insaciavel.

Dahi fazer-se da negra ou mulata a responsavel pela antecipação de vida erotica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma logica poderiam responsabilizar-se os animaes domesticos; a bananeira; a melancia; a fructa do mandacarú com o seu visgo e a sua adstringencia quasi de carne. Que todos foram objectos em que se exerceu — e ainda se exercé — a precocidade sexual do menino brasileiro.

Na «Idea Geral de Pernambuco em 1817» fala-nos um chronista anonymo de «grande lubricidade» dos negros de engenho; mas adverte-nos que estimulada «pelos

---

(1) *O Carapuceiro*, cit. Ainda hoje, nas zonas ruraes mais influenciadas pelas tradições do regimen escravocata, o menino approxima-se, pelas suas tendencias sadistas, precoce iniciação no amor physico e vicios do menino no tempo de Lopes Gama e de Machado de Assis. Vejam-se a este proposito os romances regionaes *A Bagaceira*, de José Americo de Almeida e *Menina de Engenho*, de José Lins do Rego.

senhores avidos de augmentar seus rebanhos » (1). Não seria extravagancia nenhuma concluir, deste e de outros depoimentos, que os paes, dominados pelo interesse economico de senhores de escravos, viram sempre com olhos indulgentes e até sympathicos, a antecipação dos filhos nas funcções genesicas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de garanhões. Referem as tradições ruraes que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes, e ainda donzellos, negrinhas ou mulatinhas capazes de despertal-os da apparente frieza ou indifferença sexual.

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quiz para si a gloria de conservar filhos maricas ou donzellões. O *folk-lore* da nossa antiga zona de engenhos de canna e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzello é sempre em tom de debique; para levar o maricas ao ridiculo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse mettido com raparigas. Rapariguei[illegible]o, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, augmentando o rebanho e o capital paternos.

Si este foi sempre o ponto de vista da casa-grande como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce do menino nos tempos patriarchaes? O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo, não: ordem. Os publicistas e até scientistas brasileiros que se teem occupado da escravidão é um ponto em que sempre exaggeram a influencia perniciosa da negra ou da mulata: esse de terem sido ellas as corruptoras dos filhos-familia. « Corruptoras da feminil e mascula filharada », chamou ás negras F. P. do Amaral (2). E Burlamaqui: « . . . corrompem os costumes dos filhos de seus senhores . . . » (3). Antonil

---

(1) « Idea Geral de Pernambuco em 1817 », *Rev. Inst. Arch. Pern.* 29.

(2) F. P. do Amaral — *Excavações*, Recife 1884.

(3) F. L. C. B. — *Memoria analytica*, cit.

observou das mulatas de engenho que conseguiam alforriar-se: o dinheiro com que se libertam «raras vezes sahe de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados; e depois de forras continuam a ser ruina de muitos» (1). O professor Moniz de Aragão, este em communicação á Sociedade de Medicina de Paris, chegou a considerar «o grande numero» de contaminações insolitas de cancros extragenitaes nos negros e mestiços do Brasil como resultado da «lubricidade simiesca sem limites», das pretas e mulatas (2). Mas não é de estranhar: o proprio Nina Rodrigues acreditou ser a mulata um typo anormal de super-excitada genesica.

Melhor sentido de discriminação revelou Vilhena escrevendo no seculo XVIII: «As negras e ainda huma grande parte das mulatas, para quem a honra he um nome chimerico e que nada significa, são ordinariamente as primeiras que começão a corromper logo de meninos os senhores moços, dando-lhe os primeiros ensaios da libidinagem em que de crianças se engolfão; principios de onde para o futuro vem huma tropa de mulatinhos e crias que depois vem a ser perniciosissimos nas familias». Mas salientando logo: «Succede muitas vezes que os mesmos senhores chamados velhos, para distincção dos filhos, são os mesmos que com suas proprias escravas dão maior exemplo ás suas proprias familias...» (3) Super-excitados sexuaes foram antes estes senhores que as suas negras ou mulatas passivas. Mas nem elles: o ambiente de intoxicação sexual creou-o para todos o sys-

---

(1) Antonil, *cultura e opulencia do Brasil*, cit.

(2) Egas Moniz de Aragão, *Contribution à l'étude de la Syphilis an Brésil*, apud Oscar da Silva Araujo. *Alguns Commentarios Sobre a Syphilis no Rio de Janeiro*, cit. Aliás Oscar da Silva Araujo chegou a conclusões inteiramente oppostas á de Egas Moniz de Aragão: «O numero de cancros syphiliticos — diz elle resumido observações em hospitaes e ambulatorios frequentados por avultado numero de pretos, pardos e mulatos — não é relativamente elevado, não se verificando uma maior percentagem entre os negros ou mestiços; nota-se um numero mais elevado entre os brancos e principalmente entre os extrangeiros». (*Alguns Commentarios*, cit.).

(3) Vilhena, *Cartas*, cit.

tema economico da monocultura e do trabalho escravo, em alliança secreta com o clima. O systema economico, porém, e seus effeitos sociaes, em franca preponderancia sobre a acção do clima.

« Les jeunes Brésiliens — escreveu Alp. Rendu — sont souvent pervertis presque au sortir de l'enfance ». O que lhe pareceu em grande parte devido ao clima: « la chaleur du climat hâte le moment de la puberté »; mas devido principalmente a causas sociaes; e estas ligadas ao systema de producção economica: « les désirs excités par une education vicieuse et le mélange des sexes souvent provoqués par les nègresses » (1). Ninguem nega que a negra ou a mulata tenha contribuido para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como parte de um systema de economia e de familia: o patriarchal brasileiro.

O padre Lopes Gama escreveu dos meninos de engenho do seu tempo: « apenas tocam os limiares da viridade já se entregam desenfreiadamente aos mais porcos appetites; são os garanhões daquelles contornos... » (2) Quando não estavam garanhando sua occupação era braganhar cavallos e bois e jogar o maior ponto e o trunfo na casa de pungar. Mas isso — accentue-se ainda uma vez — depois de uma primeira infancia de constipações, de clisteres, de lombrigas, de convalescenças; de uma primeira infancia cheia de dengos, de agrados, de agarrados com as mucamas e com a mãe; de banhos môrnos dados pelas negras; de mimos; de cavilação; de cafuné por mão de mulata; de leite mamado em peito de negra ás vezes até depois da edade da mama; da farofa ou pirão com carne comido na mão gorda da mãe preta; de pereba coçada por mulata; de bicho do pé tirado por negra; de somnos dormidos em collo da mucama.

---

(1) Alp. Rendu — *Etudes sur le Brésil*, Paris 1848.
(2) Pe. Lopes Gama — *O Carapuceiro*, cit.

Mimos que em certos casos prolongavam-se pela segunda infancia. Houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quasi uns maricas. Molles e bambos. Sem andar a cavallo nem virar bunda canastra com os muleques da bagaçeira. Sem dormir sozinhos, mas na cama de vento da mucama. Sempre dentro de casa brincando de padre, de baptisado e de pae das bonecas das irmãs. O padre Gama nos fala de meninos que conheceu sempre «empapelados e envidraçados»; e tratados com tantas «cautelas de sol, de chuva, de sereno, e de tudo, que os pobres adquirem uma constituição debil, e tão impressionavel que qualquer ar os constipa, qualquer solzinho lhes causa febre, qualquer comida lhes produz indigestão, qualquer passeio os fadiga, e molesta» (1). Amollengado por tantos mimos e resguardos da mãe e das negras, era natural que muito menino crescesse amarello: a mesma pallidez das irmães e das mães enclausuradas noas casas-grandes. Por outro lado, houve mulequinhos da senzala criados nas casas-grandes com os mesmos affagos e resguardos de meninos brancos. Cousa, já se vê, de yayás solteironas, ou de senhoras maninhas, que não tendo filho para criar deram para criar muleque ou mulatinho. E ás vezes, com um exaggero ridiculo de mimos. «O mulequinho quebra quanto encontra — informa desse privilegiado o padre Gama, — é tudo, é gracinha; já tem 7, e 8 annos; mas não pode ir de noite para a cama, sem dormir o primeiro somno em o regaço de sua yayá que o faz adormentar balanceando-o sobre a perna, e cantando-lhe uma embirrante enfiada de chacaras, e cantilenas monotonas do tempo do capitão Frigideira». E mais: «eu conheço uma respeitavel Sibila, que creando uma negrinha que hoje já terá os seus 14 annos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço de sua yayá gorda, que esta lhe vá dando trincos na carapinha (que é uma graxa de pomada) e fazendo mechas do vestido da pateta, e chu-

(1) Pe. Lopes Gama — *O Carapuceiro*, cit.

pado-as até adormecer! aqui ha porcaria, má creação e desaforo » (1). Outro caso curioso refere entre serio e gaiato, o padre-mestre: o de meninos, estes brancos e de familia, que se habituaram a ir para a cama, embriagando-se antes com cheiro de sovaco; vicio talvez adquirido quando creanças de peito, nos braços da mãe-preta.

Vilhena ficou admirado do numero de mulequinhos — negros e mulatos — criados dentro de casa « com mimo estremoso ». Escreveu numa de suas cartas da Bahia: « ...he aqui tão dominante a paixão de ter mulatos e negros em caza que logo que seja cria que nasceo nella, só por morte he que della sahe; havendo muitas familias que das portas para dentro tem 60, 70 e mais pessoas desnecessarias; fallo dentro da cidade, porque no campo não admira » (2).

Os mulequinhos criados nas casas-grandes chamaram tambem a attenção de Maria Graham, nos engenhos de canna que visitou no sul do Brasil: um delles o Engenho dos Affonsos, da propriedade da familia Marcos Viana — uma bôa propriedade com 200 bois e 170 escravos agricolas e produzindo 3.000 arrobas de assucar e setenta pipas de aguardente. Ahi viu Maria Graham crianças de todas as idades e de todas as côres comendo e brincando por dentro da casa-grande; e tão carinhosamente tratados como si fossem da familia (3).

Tanto o excesso de mimo de mulher na criação dos meninos e até dos mulatinhos, como o extremo opposto — a liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os muleques safados na bagaceira, deflorarem negrinhas, emprenharem escravas, abusarem de animaes — constituiram vicios de educação, talvez inseparaveis do regimen de economia escravocrata, dentro do qual se formou o Brasil. Vicios de educação que explicam melhor do que o clima, e incomparavelmente melhor que

---

(1) Pe. Lopes Gama, *O Carapuceiro*, cit.
(2) Vilhena, *Cartas*, cit.
(3) Maria Graham, *Journal*, cit.

os duvidosos effeitos da miscegenação sobre o systema sexual do mestiço, a precoce iniciação do menino brasileiro na vida erotica. Não negamos de todo a acção do clima: tambem na zona sertaneja do Brasil, — zona livre da influencia da escravidão, da negra, da mulata — o menino é um antecipado sexual. Cedo se entrega ao abuso de animaes. A melancia e o mandacarú fazem parte da ethnographia do vicio sexual sertanejo. A vírgindade que elle conserva é a de mulher. E nisto tem consistido sua superioridade tremenda sobre o menino de engenho.

Certas tendencias do caracter do sertanejo puxando para o ascetismo; alguma cousa de desconfiado nos seus modos e attitudes; o ar de seminarista que guarda a vida inteira; sua extraordinaria resistencia physica; seu corpo anguloso de Don Quixote, em contraste com as fórmas mais arredondadas e macias dos brejeiros e dos individuos do littoral; sua quasi pureza de sangue, que só agora começa a contaminar-se de syphilis e de doenças venereas — são traços que se ligam da maneira mais intima ao facto do sertanejo em geral, e particularmente nas zonas mais isoladas das capitaes, e das feiras de gado, só conhecer mulher tarde; e quasi sempre pelo casamento. Gustavo Barroso, em estudo sobre as populações sertanejas do Nordeste, diz serem communs, no sertão, rapazes de mais de vinte annos ainda virgens (1). O que, no brejo e no littoral, seria motivo para debiques e troças ferozes. Sente-se ahi o resultado da influencia directa da escravidão sobre estas duas zonas; e apenas indirecta e remota sobre o sertão. Esse antagonismo de conductas sexuaes — que seriam tão interessantes de contrastar-se por meios estatisticos, procedendo-se a um inquerito entre estudantes de escolas superiores vindos das duas regiões — só tem feito empallidecer nos ultimos annos. Vão rareando nos sertões os donzellos de mais de vinte annos. A syphilis vae se alastrando entre os sertanejos.

(1) Gustavo Barroso — *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, 1913.

Aos bordeis de Itabayana e ás celebres seiscentas meretrizes de Campina Grande — «dois centros de contacto de sertanejos com adventicios do Recife e da Parahyba» — attribue José Americo de Almeida a rapida syphilização, nos ultimos annos, dos sertanejos parahybanos (1).

Fosse o clima, a causa principal da sensualidade brasileira e teria agido sobre os sertanejos ao mesmo tempo que sobre os brejeiros e as populações do littoral; e não tres seculos depois. Não tenhamos hoje a ingenuidade que não teve Vilhena no seculo VXIII. Numa de suas cartas da Bahia, critica Vilhena os paes e mães que, concorrendo para «a destruição da innocencia dos seus filhos», attribuiam depois ao calor «certos descuidos que só são producções de sua grosseiria e má criação» (2).

Além do que, confrontando-se os effeitos moraes, ou antes sociaes, da monocultura e do systema de trabalho escravo sobre a população brasileira, com os effeitos produzidos pelo mesmo systema sobre populações de raça differente e em condições diversas de clima e de meio physico — nas Antilhas e no sul dos Estados Unidos, por exemplo — verifica-se a preponderancia das causas economicas e sociaes — a technica escravocrata de producção e o typo patriarchal de familia — sobre as influencias de *raça* ou de *meio*.

No sul dos Estados Unidos criou-se e desenvolveu-se, do seculo XVII ao XVIII, um typo aristocratico de familia rural muito mais parecido ao do norte do Brasil de antes da abolição que á burguesia puritana da outra metade da America, de origem tambem anglo-saxonica, porém influenciada por um regimen economico diverso. Quasi os mesmos fidalgos rusticos — cavalheirescos a seu geito; orgulhosos do numero de escravos e da extensão das terras; multiplicando-se em filhos, crias e muleques; regalando-se com amores de mulatas; jogando

---

(1) José Americo de Almeida, *A Parahyba e Seus Problemas*, Parayba 1923.

(2) Vilhena, *Cartas*, cit.

cartas, divertindo-se em brigas de gallo; casando-se com meninas de dezeseis annos; empenhando-se em luctas por questões de terra; morrendo em duellos por causa de mulher; embriagando-se com rhum em grandes jantares de familia — vastos perús com arroz assados por «old mammies» peritas na arte do forno; geléas; pudins; guizados; doce de pera; quitutes de milho.

No sul dos Estados Unidos, como em Cuba, a criança e a mulher soffreram passivamente, nas casas-grandes, as mesmas influencias, não tanto de «clima», nem da «simiesca lubricidade africana», como do systema de producção economica e de organização patriarchal da familia soffridas pelo menino e pela sinhá-dona, nos engenhos e nas fazendas do Brasil. No Brasil, os meninos de engenho anteciparam-se aos do sertão em experiencias de mulher; os do sul dos Estados Unidos anteciparam-se aos do norte. Refere Calhoun que um negociante do sul em visita a amigos de New York informou-os de que estivera ha pouco na fazenda de um seu irmão; e que ahi todos os escravos domesticos estavam soffrendo de doença venerea; e no meio delles, não tardando a se infeccionarem, os filhos do fazendeiro. Era o mesmo do que si crescessem e se educassem num bordel. *(I told him he might as well have them educated in a brothel at once).* Interessante é tambem este depoimento de velho escravocrata de Alabama recolhido por Calhoun: que na sua fazenda «every young man ..became addicted at fornication at an early age» (1). O mesmo que nos engenhos do Brasil.

Não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros; estes é que, no sul dos Estados Unidos, como nos engenhos de canna do Brasil os filhos dos senhores, creavam-se desde pequenos para garanhões. Ao mesmo tempo que as negras e mulatas para «ventre geradores». «Slave-women were taught — escreve Calhoun — that it was their duty to have a child

---

(1) Calhoun, *A Social History of the American Family*, cit.

once a year, and it mathered little who was the father » (1). O mesmo interesse economico dos senhores em augmentar o rebanho de escravos que corrompeu a familia patriarchal no Brasil e em Portugal corrompeu-a no sul dos Estados Unidos. Os viajantes que la estiveram durante o tempo da escravidão referem factos que parecem do Brasil (2). É verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus « strong sex instincts » e principalmente a mulata — « the lascivious hybrid woman » (3) pela depravação dos rapazes brancos. Entre nós, já vimos que Nina Rodrigues considerou a mulata um typo anormal de super-excitada sexual; e até José Verissimo, de ordinario tão sobrio, escreveu da mestiça brasileira: « um dissolvente de nossa virilidade physica e moral » (4). Nós, uns innocentinhos; ellas, uns diabos dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo.

A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento activo na corrupção da vida de familia; e muleques e mulatos o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiu por si, muito menos como

---

(1) Calhoun, *op. ct.*

(2) Entre outros viajantes — William Faux — *Memorable Days in America*, London 1823; Harriet Martineau — *Retrospect of Western Travel*, London 1838; Sir Charles Lycel, *Travels in the Unides States*, London 1845; Francis Trollope, *Domestic manners of the Americans*, London 1832. Para uma visão de conjuncto, leiam-se os trechos referentes ao sul de antes da Guerra Civil no excellente trabalho de compilação de Allan Nevins *American Social History as Recorded by British Travellers* (London). Com relação a vida de engenho em Jamaica veja-se o *Journal of a West India Proprietor* (London 1929) escripto por M. S. Lewis de 1815 a 1873 e com relação a Cuba e a vida de senhores e escravos nas suas plantações de assucar e em Havana vejam-se os trabalhos de Fernando Ortiz; *Los Cabildos Afrocubanos* (Havana 1921). *Hampa Afrocubana — los Negros Brujos* (Madrid 1917) e especialmente *Los Negros Esclavos* (Madrid). Tambem o estudo de J. S. Saco *Historia de la Esclavitad de la Raza Africana an el Nuevo Mundo.* Havana 1893. Infelizmente não nos foi possivel ler, para effeitos de comparação, o trabalho, mais recente, de Ramiro Guerra: *Azucar y Poblacion en las Antilhas.*

(3) Veja-se Colhoun, *A Social History of the American Family*, cit.

(4) José Verissimo, *A Educação Nacional*, cit.

raça, ou sob a acção preponderante do clima, nas relações de sexo e de classe que se desénvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprimiu-se nessas relações o espirito do systema economico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Delle se deriva toda a acre tendencia para o sadismo caracteristico do brasileiro, nascido e creado em engenho; e a que insistentemente temos alludido neste ensaio.

Imagine-se um paiz com os meninos armados de faca de ponta! Pois foi assim o Brasil, pelo menos no seculo XVII. Na sua *Histoire des Indes Orientales* diz Monsieur Souchu de Rennefort: «Tous les habitans de ce Pays jusques aux enfants, ne marchent point en campagne, qu'ils ne portent de grands conteaux nuds, trenchans des deux côtez...» Attribuiu Souchu de Rennefort á necessidade de se defenderem, grandes e pequenos, das cobras veados, esse uso generalizado de faca de ponta: «pour couper ces ferpens nommez cobre-veados...» Mas nem sempre matavam-se apenas serpentes; tambem homens e mulheres.

A verdade, porém, é que o habito da faca de ponta deve datar dos primeiros tempos da colonização, quando meninos e gente grande deviam estar sempre promptos a enfrentar surprezas de indios e de animaes selvagens. Dahi, em grande parte, certa precocidade nas creanças coloniaes, cedo chamadas a participar das angustias e preoccupações dos adultos.

V — O ESCRAVO NEGRO NA VIDA SEXUAL E DE FAMILIA DO BRASILEIRO (Continuação)

Os viajantes que aqui estiveram no seculo XIX são unanimes em destacar este ridiculo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos á força desde os nove ou dez annos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabello bem penteado, ás vezes frisado á menino-Jesus; o collarinho duro; calça comprida; roupa preta; botinas pretas; o andar grave; os gestos sisudos; um ar tristonho de quem acompanha enterro. Meninos-diabos elles só eram até os dez annos. Dahi em diante tornavam-se rapazes. Seu trajo, o de homens feitos. Seus vicios, os de homens. Sua preoccupação syphilizarem-se o mais breve possivel, adquirindo as cicatrizes gloriosas dos combates com Venus que Spix e Martius viram com espanto ostentadas pelos brasileiros.

Quando visitou o Brasil em principios do seculo XIX surprehendeu-se o Dr. Rendu, medico francês, da precocidade dos meninos. A qual lhe pareceu sobretudo grotesca. E são dos seus *Etudes sur le Brésil* estes reparos: «Á sept ans le jeune Brésilien a dejá la gravité d'un adulte; il se proméne majestueusement, une badine á la main, fier d'une toilette que le fait plutôt ressembler aux marionettes de nos foires qu'á un être humain» (1). Vinte

(1) Alf. Rendu, *Etudes sur le Brésil*, cit.

e poucos annos depois annotaria Fletcher sobre o menino brasileiro do meiado do seculo XIX: « he is made a little old man before he is twelve years of age, having his stiff black hat, standing collar and in the city he walks as if everybody were looking at him and as if he were encased in corset. He does not run or jump or play roops or throw stones as boys in Europe and North America » (1).

Foi quasi um Brasil sem meninos, o dos nossos avós e bisavós. Aos sete annos já muito menino dizia de cór os nomes das capitaes da Europa; os dos « trez inimigos da alma »; sommava, diminuia, multiplicava, dividia; declinava em latim; recitava em francês. Tirado o retrato de Primeira Communhão, de sobrecasaca preta e botinas pretas ou borzeguins — todo esse luto a contrastar com o amarello desmaiado do rosto anemico — estava a creança rapaz.

Luccock, que esteve no Brasil em principios do seculo XIX, observou a falta de alegria nos meninos e de vivacidade nos rapazes. A educação da creança pareceu-lhe reduzir-se a esta funcção melancolica: destruir nos pequenos toda a espontaneidade. Em casa, até os cinco annos, notou que os meninos de familia andavam nús do mesmo modo que os muleques; mais tarde é que vinham as roupas pesadas e solemnes distinguir os filhos familia dos mulecotes da senzala. Roupas de homem.

De uma escola de meninos que o viajante inglês conheceu no Rio ficou-lhe para sempre a impressão tristonha. Viu os pequenos dando lição em salas acanhadas e sem ar. Todos lendo alto e ao mesmo tempo. Conheceu tambem Luccock um collegio de padres no Rio: o Seminario de São Joaquim. Viu bandos de collegiaes no recreio: todos de batina encarnada. Alguns tonsurados. A maior parte, umas creanças. Não surprehendeu nelle nenhuma elasticidade de intelligencia. Nenhuma curiosidade de espirito. Nem mesmo bôas maneiras. « Olharam-nos com olhar estupido » (« they surveyed us with a stupid

---

(1) Fletcher e Kidder, *Brazil and the Brazilians,* cit.

glare ») diz Luccock, que os achou, ainda por cima, pouco asseiados (1). Olhos remelentos e dentes sujos, talvez. Quanto ao ensino, quasi exclusivamente ecclesiastico. Os professores pouco versados em sciencia (2). Entretanto, por essa mesma epoca, o illustre bispo Azevedo Coutinho imprimia ao Seminario de Olinda feição bem diversa da que Luccock observava no Seminario de São Joaquim.

Até meiados do seculo XIX, quando vieram as primeiras estradas de ferro, o costume nos engenhos foi fazerem os meninos os estudos em casa ,com o capellão ou com mestre particular. As casas-grandes tiveram quasi sempre sala de aula, e muitas até cafúa para o menino vadio que não soubesse lição. Muitas vezes, aos meninos se reuniam crias e muleques, todos aprendendo juntos a lêr e a escrever; a contar e a rezar. Noutros engenhos cresceram em igual ignorancia meninos e muleques.

Os collegios dos jesuitas nos primeiros dois seculos, depois os seminarios e collegios de padre, foram os grandes focos de irradiação de cultura no Brasil colonial. Aquelles estenderam tentaculos até os mattos e sertões. Descobriram os primeiros missionarios que andavam nús e a tôa pelos mattos meninos quasi brancos, descendentes de normandos e portugueses. E procuraram recolher aos seus collegios esses joões felpudos. Foi uma heterogenea população infantil a que se reuniu nos collegios dos padres, nos seculos XVI e XVII: filhos de caboclos arrancados aos paes; filhos de normandos encontrados nos mattos; filhos de portugueses; mamelucos; meninos orphãos vindos de Lisbôa. Meninos louros, sardentos, pardos, morenos, côr de canella. Só negros e muleques parecem ter sido barrados das primeiras escolas jesuitas. Negros e muleques retintos. Porque a favor dos pardos levantou-se no seculo XVII a voz d'El-Rei num documento que honra a cultura portuguesa e deshonra o

---

(1) Luccok, *Notes,* cit.
(2) Luccock, *Notes,* cit.

christianismo dos jesuitas; é pena que todo este tempo tenha se conservado inedito papel de tamanha significação. «Honrado marquez das Minas amigo», escreveu em 1686 o rei de Portugal ao seu representante no Brasil: «Honrado marquez das minas amigo. Eu Elrei vos envio muito saudar como aquelle que prezo. Por parte dos nossos pardos dessa Cidade, se me propoz aqui que estando de posse ha muitos annos de estudarem nas Escolas publicas ao Collegio dos Religiosos da Companhia, novamente os excluirão e não queirão admittir, sendo que nas escolas de Erva e Coimbra erão admittidos, sem que a côr do pardo lhes servisse de impedimentos. Pedindo-me mandasse que os taes Religiosos os admittissem nas suas escolas desse Estado como o são nas outras do Reyno. E parece-me ordenar-vos (como por esta o faço) que houvindo aos Padres da Companhia vos informeis se são obrigados a ensinar nas escolas desse Estado e contando-vos que assim he os obrigueis a que não excluão a estes nossos geralmente só pela qualidade de pardos, porque as escolas de sciencias devem ser communs a todo o genero de pessôas sem excepção alguma. — escripta em Lisbôa a 20 de Novembro de 1686. Rey» (1). «*Porque as escolas de sciencias devem ser communs a todo o genero de pessôas sem excepção alguma*» — são palavras que quasi não se acredita virem até nós do remoto seculo XVII. Nellas devem attentar os que accusam os portugueses de terem sempre tratado o Brasil de resto — terra de pés de cabra e de curibocas; negrada; indiada. A attitude quasi demagogica de Luiz Edmundo, por exemplo, no seu recente *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. Salienta ahi o scintillante belletrista que contra a frequencia dos casamentos legitimos no Brasil colonial — instituição por muitos substituida pelo concubinato e pelas ligações ephemeras, como ainda em meiados do seculo XIX notou Burton em Minas Geraes — teria actuado

---

(1) Cartas Regias, doc. n. 881 bis, secção de MSS da Bibliotheca Nacional (Rio de Janeiro).

poderosamente « o preconceito de muitos portugueses contra os naturaes do paiz, preconceito ensinado pela lei portuguesa deste tempo, uma vez que infames eram por ella considerados os que se ligassem á chamada raça desprezivel dos caboclos » (1). Não nos parece que a preconceitos rigorosamente de portugueses contra brasileiros deva attribuir-se a frequencia do concubinato; os mazombos que aqui se amasiaram com caboclas e pretas tiveram decerto as mesmas razões para fugirem do casamento que mais tarde brasileiros brancos — tantos delles amigados com negras Minas e mulatas, em vez de casados. Preconceitos não de reinoes contra coloniaes; nem mesmo de brancos contra mulheres de côr. Mas de senhores contra escravas e filhas de escravas. Quanto á lei portuguesa ter considerado infames os que se ligassem a caboclas e negras — quando é que as leis de prohibição portuguesas e brasileiras foram escriptas para ser cumpridas á risca? Tambem as leis portuguesas prohibiam os individuos com sangue de mouro ou negro de ser admittidos ao sacerdocio; e Pandiá Calogeras affirma que assim se praticou; que o sacerdocio foi no Brasil uma especie de aristocracia branca, exclusivista e fechada (2). Talvez o tenha sido até o seculo XVIII. Observadores extrangeiros dos mais merecedores de fé — Koster e Walsh, por exemplo — deixam bem clara a existencia — no seculo XIX, pelo menos — de padres com sangue negro; e até, alguns, negros retintos. Um

(1) Luiz Edmundo — *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, cit.

(2) « Entre os privilegios negados á gente de côr achava-se o sacerdocio; por esse motivo grande empenho faziam as familias de avoengos mais respeitaveis em ter entre seus membros padres ou religiosos; era uma prova de puresa de sangue . . . » (Pandiá Calogeras, *Formação Historica do Brasil*, cit.). Parece que o exclusivismo rompeu-se depois de fundada a diocese de Marianna sob D. João V. Cita Capistrano de Abreu nos seus *Capitulos de Historia Colonial* um documento em que vem accusado o governador daquelle bispado, Oliveira Gondim, de ter ordenado em menos de tres annos cento e um pretendentes e dispensado em mulatismos e illegitimidades. E' curioso observar que Minas Geraes parece ter sempre tomado a dianteira nos movimentos de democratização social do Brasil e contra os preconceitos de branquidade e de legitimidade.

que Walsh viu celebrando apparatosa missa era tão preto que a côr escura do rosto («jet-black visage») contrastava fortemente com a alvura das rendas e dos paramentos ecclesiasticos. Notou entretanto o inglês que seus gestos revelavam mais decôro que os dos sacerdotes brancos (1).

Lei por lei, contra a que declarou «infames os portugueses que se ligassem a caboclas» deve-se oppôr a do marquez de Pombal, em sentido justamente contrario: animando o casamento delles com as indias (2). Ha tanto que criticar na politica dos colonizadores portugueses no Brasil que para accusal-os de erros tremendos não é necessario recorrer á imaginação; e fazer do typo mais complacente e plastico de europeu um exclusivista feroz, cheio de preconceitos de raça que nunca teve no mesmo grau elevado dos outros. Raros os governadores portugueses no Brasil que tiveram, já não diremos contra os indios, mas contra os negros, a attitude aspera e intolerante do 8.º vice-rei, marquez de Lavradio; o qual em portaria de 6 de Agosto de 1771 rebaixou a um indio do posto de capitão-mór por ter casado com uma negra e assim «haver manchado o seu sangue e se mostrado indigno do cargo» (3). Aliás, já depois de independente o Brasil houve padres que se recusaram a casar branco com negra. Padres e juizes. Um dos juizes, o pernambucano Castello Branco. Mas attitudes, todas essas, esporadicas; fóra da tendencia genuinamente portuguesa e brasileira, que foi sempre no sentido de favorecer o mais possivel a ascenção social do negro. Estamos, porém, a sahir dos limites deste ensaio; e a invadir os de trabalho proximo.

Os pretos e pardos no Brasil não foram apenas companheiros dos meninos brancos nas aulas das casas-gran-

---

(1) Walsh — *Notices of Brazil*, cit.

(2) J. F. Lisbôa transcreve o decreto pombalino no *Jornal de Timon;* existe do mesmo decreto copia da epoca na secção de MSS do Instituto Archeologico Pernambucano onde primeiro o lemos. E' pena que seja tão pouco conhecido.

(3) Citado por Alfredo de Carvalho, *Phrases e Palavras — problemas historicos — etymologicos*, Recife 1900.

des e até nos collegios; houve tambem meninos brancos que aprenderam a lêr com professores negros. A lêr e a escrever e tambem a contar pelo systema da taboada cantada. Refere Arthur Orlando que seu professor de primeiras lettras, em Pernambuco, foi um preto chamado Calixto. Calixto andava de cartola cinzenta, casaca preta e calças brancas (1). Trajo de gente lorde. De doutores e fidalgos coloniaes com medo de hemorrhoidas ou já soffrendo da maldita doença que desde o seculo XVI parece ter perseguido os portugueses ricos ou lettrados e seus descendentes no Brasil. O que não é para admirar andando os colonos dos seculos XVI, XVII e XVIII de roupas tão improprias para o clima: velludo, seda, damasco; muitos delles só sahindo em palanquins tambem de seda, de velludo ou de damasco por dentro. Uns verdadeiros fornos ambulantes, cobertos de pesados tapetes azues, verdes e encarnados ou de grossas cortinas. Nas redes e palanquins deixavam-se os senhores carregar pelos negros dias inteiros: uns viajando de um engenho a outro; outros passeando pelas ruas das cidades, onde ao se avistarem dois conhecidos, cada um na sua rede, era costume pararem para conversar; mas sempre deitados ou sentados nas almofadas pegando fogo. Em casa, tambem, sempre sentados; ou então deitados nas redes e almofadas quentes. As mulheres, de tanto viverem sentadas, diz um chronista hollandez do seculo XVII que cambaleavam quando se punham de pé. Até nas egrejas esparramavam-se pelo chão, — sentando-se de pernas cruzadas sobre as sepulturas, ás vezes ainda frescas. Dentro de casa, nas horas de modorra, é que homens, mulheres e meninos desforravam-se dos excessos europeus de vestuario. Os meninos andando nús ou de sunga-nênê. Os grandes, de chinellos sem meia; de pés descalços; os senhores de engenho, de chambres de chita por cima das ceroulas; as mulheres de cabeção. «Quando sahem ás suas vi-

---

(1) Arthur Orlando em resposta ao inquerito de João do Rio para a *Gazeta de Noticias*, depois reunida no livro *O Momento Literario*, cit.

sitas de cerimonia — escreveu Vilhena das senhoras bahianas — he em sumo gráo aceadas, sem que duvidem gastar em hum vestido quatrocentos mil reis e mais, para apparecer em huma só funcção...» (1). Setins. Sedas. Cambraias ou cassa bordada. Suas mucamas tambem: «ricas sayas de setim, becas de lemiste finissimo, e camisas de cambraya». Com o bom senso de sempre, defendeu Vilhena as senhoras brasileiras da critica de «pouco honestas por andarem dentro em suas casas em mangas de camiza, com as gollas tão largas que ás vezes cahem e se lhes veem os peitos...». Os «maus criticos» pareceram ao professor de grego esquecidos do facto de estar-se não na Europa, mas no Brasil «debaixo da zona torrida, onde o grande frio corresponde ao que ahi (em Portugal), sentimos em Mayo» (2).

A falta de adaptação do trajo brasileiro ao clima prolongou-se, porém, ao seculo XIX. Homens, mulheres e até meninos continuaram a vestir-se para a missa, para as visitas e para ir ao collegio como si um eterno luto de mãe os obrigasse ao preto felpudo, espinhento e solemne. A rodar em victorias e cabriolets de almofadas quentes como as dos palanquins. Os homens, de cartola desde sete horas da manhã. Até os principios do seculo XX os estudantes de direito em São Paulo e em Olinda, os de medicina no Rio e na Bahia, os medicos, os advogados, os professores, só achavam geito de andar de cartola e sobrecasaca preta. Um ou outro chapeu do Chile mais afoito branquejou no meio desse preto orthodoxo de cartolas. A transigencia dos doutores e dos fidalgos com o clima tropical foi se fazendo de baixo para cima: pelas calças brancas. Desde meiados do seculo XIX que começaram a usal-as na Bahia e no Recife os armazenarios de assucar ou de café, os altos funccionarios publicos, os medicos, advogados, professores. De modo que o preto Calixto, apresentando-se aos seus alumnos,

---

(1) Vilhena, *Cartas*, cit.
(2) Vilhena, *Cartas*, cit.

de cartola, sobrecasaca preta e calças brancas, apresentava-se orthodoxamente vestido: no trajo por assim dizer official da classe alta e lettrada do seu tempo. «Comprometteu-se com meu pae — escreveu Arthur Orlando do seu professor negro — a ensinar-me as primeiras lettras em troca de uma flauta de ebano com chaves de prata». Os pretos foram os musicos da epoca colonial e do tempo do Imperio. Os muleques, meninos de côro nas igrejas. Varias capellas de engenho tiveram côros de negros; varias casas-grandes, conservando a tradição de Mangue la Bote, mantiveram, para deleite dos brancos, bandas de musica de escravos africanos. No engenho Monjope, em Pernambuco, — por muito tempo de uns Carneiro da Cunha que acabaram barões de Vera Cruz — houve não só banda de musica de negros, mas circo de cavallinhos em que os escravos faziam de palhaços e de acrobatas. Musicos, acrobatas de circo, sangradores, dentistas, barbeiros e até mestres de menino — tudo isto foram os escravos no Brasil; e não apenas negros de enxada ou de cozinha. Muito menino brasileiro deve ter tido por seu primeiro heroe, não nenhum medico, official de marinha ou bacharel branco mas um escravo acrobata que viu executando piruetas difficeis nos circos e bumbas-meu-boi de engenho; ou um negro tocador de piston ou de flauta.

E felizes dos meninos que aprenderam a ler e a escrever com professores negros, doces e bons. Devem ter soffrido menos que os outros: os alumnos de padres, frades, «professores pecunarios», mestres regios — estes uns ranzinzas terriveis, sempre fungando rapé; velhos caturras de sapato de fivella e vara de marmello na mão. Vara ou palmatoria. Foi á força de vara e palmatoria que «os antigos», nossos avós e bisavós, aprenderam latim e grammatica; doutrina e historia sagrada.

É verdade que depois da Independencia começaram a apparecer collegios particulares, alguns de extrangeiros — pedagogos ou charlatães; e a frequental-os, filhos de magistrados e altos funccionarios publicos, de nego-

ciantes e até de senhores de engenho. Imagine-se a saudade com que os meninos de engenho, acostumados a uma vida toda de vadiação — banho de rio, arapuca de apanhar passarinhos, briga de gallo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os muleques, chamego com as primas e as negrinhas — deixavam essas delicias para virem, de barcaça ou a cavallo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos paes, estudar nos internatos; ou mesmo nos externatos — neste caso hospedando-se em casa dos commissarios de assucar ou café. Os commissarios foram muitas vezes uns segundos paes dos meninos de engenho; e nem sempre terriveis sangue-sugas dos proprietarios de terras. Ás vezes amigos leaes dos senhores de engenho e dos fazendeiros.

Dos collegios de extrangeiros escreveu em 1842 o padre mestre Lopes Gama: «qualquer francês, qualquer inglês, qualquer suisso, etc., qualquer abelha mestra desses paizes aporta a Pernambuco, e não tendo outro genero de vida diz que vem repartir comnosco das suas muitas luzes». E antecipava o sagaz do padre todo o mal do desenvolvimento de semelhantes collegios: «em breve irão sahindo desses fócos de heterodoxia uns socianos, outros anabaptistas, outros presbiterianos, outros methodistas, etc...» (1).

Vieram depois de 1850 as estradas de ferro facilitar o internato dos meninos de engenho nos collegios das capitaes. Dessa phase em que se ampliou a influencia dos internatos pode ser considerado typico o de Nossa Senhora do Bom Conselho, fundado em 1858 no Recife pelo bacharel Joaquim Barbosa Lima. Ensinava-se ahi arithmetica, geographia, latim, francês, calligraphia, musica. Os alumnos compareciam ás aulas de paletot preto e calças pardas, sapatos de tapete ou couro e gravata azul. Nos dias de festa e nos domingos deviam apresentar-se de sobrecasaca preta, calça preta, chapeo preto, collete

(1) *O Carapuceiro*, cit.

branco, gravata de seda preta, sapatos ou borzeguins pretos. Eram obrigados a banhar os pés nas quartas e sabbados e a tomar banho geral uma vez por semana (1).

Com o apparecimento de maior numero de collegios, um assumpto que começou a preoccupar os hygienistas da epoca foi o da hygiene escolar; particularmente a hygiene dos internatos. Muito menino do interior morreu de febre ou de infecção nos collegios das capitaes. Em seu trabalho «Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos» escreveu em 1855 José Bonifacio Caldeira de Andrade Junior: «Infelizmente contamos um grande numero de collegios no coração mesmo da nossa cidade (Rio de Janeiro), em ruas acanhadas e tortuosas, pela maior parte pouco asseiadas, o que á vista das nossas condições hygrometricas e de temperatura, e da pouca elevação do solo em que repousamos não podem deixar de exercer uma fatal influencia sobre a saude dos educandos». E não era só isso: «...as illuminações com o azeite e a gaz são as mais usadas em nossos collegios, e são exactamente as menos convenientes: a ultima sobretudo» (2). Outro trabalho sobre os collegios, este de um doutorando da Faculdade de Medicina da Bahia, Fructuoso Pinto da Silva, versa de preferencia o problema da moralidade e da hygiene sexual nos internatos. Chama-se ahi a attenção dos paes, dos mestres e dos censores para os perigos do onanismo; e isto em palavras alarmantes. Tambem para a pederastia. «A pederastia — escreveu Pinto da Silva neste seu ensaio de 1864 — parece ir com passo surrateiro fazendo suas perniciosas conquistas no meio da mocidade dos collegios...» (3). Mais graves eram porém os avanços da gonorrhéa e da syphilis — indicio de grandes excessos

---

(1) Collegio de Nossa Senhora do Bom Conselho — *Estatutos* — Recife 1859.

(2) These apresentada e sustentada no dia 12 de Dezembro de 1855 perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — Rio 1855.

(3) These apresentada, para ser sustentada em Novembro de 1869 perante a Faculdade de Medicina da Bahia — Bahia 1869.

sexuaes entre os meninos de collegio. Já no seculo XVIII, a acreditarmos no relatorio do Padre Capela, discretamente archivado no Instituto Historico do Rio de Janeiro, a quinta de São Christovão, onde então funccionaram aulas de philosophia, fôra «uma Sodoma». Os discipulos dos padres Cardim e Faria «sem temor de Deus nem vergonha dos homens» andavam o dia inteiro como uns bodes, pulando cercas e saltando vallados, atraz de escravas e de «outras mulheres que para esse fim mandam vir da cidade» (1).

Nos antigos collegios, si houve por um lado em alguns casos, lassidão — fazendo-se vista grossa a excessos, turbulencias e perversidades dos meninos — por outro lado abusou-se criminosamente da fraqueza infantil. Houve verdadeira volupia em humilhar a criança; em dar bolo em menino. Reflexo da tendencia geral para o sadismo creada no Brasil pela escravidão e pelo abuso do negro. O mestre era um senhor todo-poderoso. Do alto de sua cadeira, que depois da Independencia tornou-se uma cadeira quasi de rei, com a corôa imperial esculpida em relevo no espaldar, distribuia castigos com o ar terrivel de um senhor de engenho castigando negros fujões. Ao vadio punha de braços abertos; ao que fosse surprehendido dando uma risada alta, humilhava com um chapeu de palhaço na cabeça para servir de mangação á escola inteira; a um terceiro, botava de joelhos, sobre grãos de milho. Isto sem falarmos da palmatoria e da vara — esta, muita vezes com um espinho ou um alfinete na ponta, permittindo ao professor furar de longe a barriga da perna do alumno.

O alumno que não soubesse a lição de português, que desse uma syllabada em latim, que borrasse uma pagina do caderno — quasi um missal — de calligraphia, arriscava-se a castigo tremendo da parte do padre-mestre, do mestre-regio, do director do collegio — de um desses ter-

---

(1) Relatorio do padre Capela, cit. por Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, cit.

riveis Kibungos de sobrecasaca ou de batina. Da lettra bonita fez-se sempre muita questão: o ensino da calligraphia teve alguma cousa de liturgico nos antigos collegios do Brasil. Escrevia-se com penna de ganso. «O mestre gastava horas e horas em aperfeiçoar-lhes os bicos, tendo antes talhado o *aparão* com um canivete de molas», diz-nos o padre Antunes de Sequeira (1). Preparados os bicos das pennas de ganso, começava a tortura — o menino com a cabeça para o lado, a ponta da lingua de fóra, numa attitude de quem se esforça para chegar á perfeição; o mestre, de lado, attento á primeira lettra gothica que sahisse troncha. Um errinho qualquer — e eram bordoadas nos dedos, beliscões pelo corpo, um horror. Os rapazes de lettra bonita que o Visconde de Cabo Frio sempre preferiu, para secretarios de legações, aos de lettra de medico, foram educados por esses mestres terriveis que fizeram do ensino da calligraphia um rito; alguma cousa de religioso e de sagrado.

Outro estudo sagrado foi o de latim. Quanto á solettração, aprendia-se «numa balburdia enfadonha», diz-nos o padre Sequeira. Solettrando-se tudo alto. Cantando-se:

B — a — ba
B — e — be
Ba, be!

Com o methodo Valdetaro, adoptado já no meiado do seculo XIX, a cousa melhorou um pouco. Vieram *As cartas syllabicas com exercicios parietaes, Simão de Nantua ou o mercador de feiras, Poesias sacras* de Lopes Gama, *Synonimos* de Frei Luis de Souza (2). Grammatica latina — a do padre Pereira. Catechismo, o de Montpellier. Quem tiver a pachorra, num dia de veneta, de passar a vista pelos compendios, livros de leitura, arithmeticas, por onde estudaram nossas avós coloniaes e do tempo do Imperio ficará com uma idéa da cousa terrivelmente

---

(1) Padre Antunes Sequeira, *Esboço Historico dos Costumes do Povo Espirito-santense Desde os Tempos Coloniaes até Nossos Dias* — Rio de Janeiro 1893.

(2) Pe. Antunes Sequeira, *Esboços*, cit.

melancholica que foi outr'ora aprender a ler (1). Imaginem-se esses honrosos compendios completados pelos mestres regios, pelos padres mestres, pelos professores de collegio do tempo do Imperio — todos elles fedendo a rapé, assoando-se de vez em quando em lenços enormes, encarnados; todos de palmatoria e de vara de marmelo na mão; no pollegar ou no indicador da mão direita, uma unha enorme, de mandarim chinês, ameaçadora e nojenta.

A outros tormentos esteve obrigada a criança branca — e até a preta ou mulata, quando criada pelas yayás das casas-grandes. «A sociedade tem tambem sua grammatica», escreveu em 1845 o auctor de certo *Codigo do Bom Tom* que alcançou grande voga entre os barões e viscondes do Imperio (2). Os quaes, para tomarem ar de europeus, não só deram para forrar os tectos das casas-grandes — até então de telha vã — como para adoptar regras de bom tom francesas e inglesas na creação dos filhos. E adoptal-as com exaggeros e excessos.

A victima desse snobismo dos barões foi o filho. Que judiasse com os muleques e as negrinhas, estava direito; mas na sociedade dos mais velhos o judiado era elle. Elle que nos dias de festa devia apresentar-se de roupa de homem; e duro, correcto, sem machucar o terno preto (3) em brinquedo de creança. Elle que em presença

---

(1) Recommendamos alguns ao leitor mais pachorrento: *Compendio de Arithmetica,* por Candido Baptista de Oliveira, Rio de Janeiro 1832; *Educador da Mocidade,* por Alexandre J. Mello Moraes, Bahia 1852; *Guia de leitura e maximas geraes de conducta* por Antonio Alves Branco Moniz Barreto, Rio de Janeiro 1854; *Lições elementares de arithmetica por* «Hum brasileiro», Rio de Janeiro 1825.

(2) J. I. Roquette — *Codigo do Bom Tom* — Paris 1845.

(3) E' verdade que já em principios do seculo XIX Joaquim Jeronymo Serpa, no seu *Tratado de Educação Physica-moral dos Meninos,* adaptação da pedagogia de um Mr. Garden, e publicado em Pernambuco, aconselhava os paes a vestirem os filhos das «cores que mais se approximam da branca», condemnando ao mesmo tempo o uso, entre certos paes medrosos de piolho, de «raspar á navalha as cabeças dos meninos». Uso que talvez não fosse de todo mau. Insurgindo-se contra o sadismo dos mestres-escola e dos paes, Serpa condemna severamente o uso de se açoitarem os meninos nas nadegas, «pratica perniciosa», propria para «fomentar costumes funestos:

Casa-grande do Pombal, vendo-se o brazão do Visconde de Suassuna. (Photographia de José Maria C. de Albuquerque e Mello).

dos mais velhos devia conservar-se calado, um ar seraphico, tomando a benção a toda a pessôa de idade que entrasse em casa e lhe apresentasse a mão suja de rapé. Elle que ao pae devia chamar «senhor pae» e á mãe «senhora mãe»: a liberdade de chamar «papae» e «mamãe» era só na primeira infancia. Este duro costume modificou-se, porém, no seculo XIX. Como modificou-se o das mulheres só chamarem o marido de «senhor»; as mais afoitas foram chamando de «tu», as outras de «você», acabando-se com o rigido tratamento colonial de «senhor» da parte das esposas e dos filhos. Esposas e filhos si achavam quasi no mesmo nivel dos escravos.

É verdade que desde esses tempos remotos o «senhor» se adoçou em «sinhô», em «nhonhô», em «yôyô»; do mesmo modo que «negro» adquiriu na bocca dos brancos um sentido de intima e especial ternura: «meu negro», «minha negra»; e nas cartas coloniaes: «Saudoso primo e muito seu negro», «negrinho humilde», etc. (1).

Só depois de casado arriscava-se o filho a fumar na presença do pae; e fazer a primeira barba era ceri-

---

a irritação que se occasionar sobre esta parte, communicar-se-ha ás partes da geração, logo que a impressão de dôr principiar a enfraquecer-se». De modo que talvez fossem melhores os supplicios de que nos fala o padre Sequeira: o menino ajoelhado em caroço de milho durante 2, 3, 4 horas; os bôlos das varias palmatorias pedagogicas e domesticas — a de pelle de *cação*, a de *jacarandá* e a maior, para os valentões, de *gramary*. A pedagogia como a disciplina patriarchal no Brasil apoiou-se sobre base distinctamente sadista. Resultado, em grande parte das condições do seu inicio: uma pedagogia e uma disciplina de vencedores sobre vencidos, de conquistadores sobre conquistados, de senhores sobre escravos. E' um estudo a fazer-se, o das varias formas e instrumentos de supplicios a que esteve sujeito o menino no Brasil em casa e no collegio: as varias especies de palmatorias, a vara de marmelo, ás vezes com alfinete na ponta, o cipó, o galho de goiabeira, o muchicão, o cachação, o puxavante de orelha, o beliscão simples, o beliscão de frade, o cascudo, o cocorote, a palmada. O menino foi victima, quasi tanto quanto o escravo do sadismo patriarchal.

(1) Affonso de E. Taunay no seu *Sob El-Rei Nosso Senhor*, cit. registra varios modos de tratamento caracteristicos das relações de marido com mulher, irmão com irmã, etc., sob o regimen patriarchal. Uma irmã ao irmão, em carta: «Senhor capitão. Mas, que Deus lhe pague, etc.,» e no fim: «De V. mce. irmã no amor e serva». Do padre José de Almeida Lara ao seu primo irmão Diogo de Toledo Lara: «Saudoso primo e muito seu negro».

monia para que o rapaz necessitava sempre de licença especial. Licença sempre difficil, e só obtida quando o buço e a penugem da barba não admittiam mais demora.

Á menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independencia. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde. O ar humilde que as filhas de Maria ainda conservam nas procissões e nos exercicios devotos da Semana Santa, as meninas de outr'ora conservavam o anno inteiro. É verdade que as atrevidas namoravam nas festas de São Gonçalo; outras nos concertos de igreja. Mas isso nas cidades: no Rio, no Recife, na Bahia; e assim mesmo namoros a signaes de leque; quasi sem conversa ou agarrado de mão.

As meninas creadas em ambiente rigorosamente patriarchal, estas viveram sob a mais dura tyrannia dos paes — depois substituida pela tyrannia dos maridos. E si mucamas e muleques foram quasi sempre alliados naturaes dos filhos contra os «senhores paes», das mulheres de quinze annos contra os «senhores maridos» de quarenta e cincoenta, de sessenta e setenta, houve casos de escravas enredeiras e fuchiquentas, umas delatoras, outras que por vingança inventavam historias de namoro das sinhámoças ou das sinhádonas. De modo que estas deviam estar sempre prevenidas; e nunca se considerarem sozinhas, nem mesmo para innocentes namoros de leque, de lenço ou de recados trazidos pelas negras boceteiras.

Dizia-se outrora em Portugal, como advertencia aos indiscretos no falar e no escrever, que detraz de cada tinteiro estava um frade. Um olho ou um ouvido de frade do Santo Officio vendo os actos e ouvindo as palavras menos orthodoxas. No Brasil o olho de frade enredeiro não desappareceu das casas: foi um ecclesiastico que avisou a Dona Veronica Dias Leite, matrona paulista do seculo XVII, que a filha estivera por algum tempo á janella. Crime horrendo de que resultou — conta a tra-

dição — a mãe ter mandado matar a filha. Antonio de Oliveira Leitão, patriarcha ás direitas, este não precisou de enredo de ninguem — nem de frade nem de escravo: tendo visto tremular no fundo do quintal da casa um lenço que a filha tinha levado para enxugar ao sol, maldou logo que era senha de algum Don Juan a lhe manchar a honra e não teve duvida — sacou de uma faca de ponta e com ella atravessou o peito da moça (1).

Mas em geral, nessas historias de filhas ou esposas assassinadas pelos patriarchas, andou sempre enredo, ou de frade ou de escrava. Principalmente de escrava. No Brasil quem tivesse seu namoro ou seu segredo, que desconfiasse não só dos tinteiros, por traz dos quaes podiam andar frades escondidos, mas, principalmente, dos tachos de doce. Por traz dos tachos de doce estavam ás vezes olhos de negras enredeiras. Dom Domingos Loreto do Coutto, o frade benedictino que em *Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco* (2), retratou tantos aspectos interessantes da vida patriarchal no Brasil, refere casos impressionantes de assassinatos por suspeitas de infidelidade conjugal. Crimes occorridos por «falsos testemunhos», de individuos que «livres na sua vida, são escrupulosos na dos Senhores». Carapuça que Dom Domingos talhou só para os escravos; mas que se ajustaria tambem á corôa de ecclesiasticos.

O coronel Fernão Bezerra Barbalho, por exemplo, senhor de engenho na Varzea, «no lugar que hoje chamam de matança», este, homem de maus bofes, deixando-se levar por enredos de um escravo que fugira para «desviar» o castigo que a senhora lhe mandara dar por crimes que havia commettido na ausencia do senhor, não teve duvidas em assassinar a mulher e as filhas. «Acompanhado de seu filho primogenito e de alguns escravos caminhou apreçado para a Varzea, chegou a sua

---

(1) Affonso de E. Taunay — *Sob El-Rei Nosso Senhor*, cit.

(2) Domingos Loreto do Coutto — *Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco* — (*Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXIV).

casa, e tomadas as portas da rua, subio acima». Foi uma matança horrivel. Só escapou á morte uma filha — justamente a mais alvejada pelo escravo enredeiro. E quem a salvou da ira paterna foi outro escravo — talvez sua mãe preta. Fernão Bezerra «foi preso, e remettido para a Relação da Bahia, onde em publico cadafalso pagou com a cabeça coberta de cãas as leviandades e os desatinos do seu errado juizo» (1). O mesmo destino de Antonio de Oliveira Leitão.

Foi tambem uma escrava, alliada a terrivel sogra, que causou em Pernambuco o assassinato de D. Anna, moça de «rara fermosura», diz o chronista, filha do sargento mór Nicolao Coelho e mulher de André Vieyra de Mello. A escrava contou á mãe de André Vieyra de Mello que D. Anna «dava furtivas entradas a João Paes Barretto que com sacrilego desprezo do sacramento e de tão authorisadas pessôas injuriava o thalamo conjugal». André Vieyra de Mello quiz desprezar as noticias. Mas tal foi a insistencia de sua mãe e de seu pae que acabou mandando matar João Paes Barretto e envenenar a esposa. D. Anna antes de tomar o veneno pediu que lhe trouxessem um padre para se confessar e um habito de São Francisco para se amortalhar. Confessou-se e amortalhou-se. Deram-lhe então o veneno. Desconfiando da efficacia da potagem, deram-lhe outra. O resultado foi o segundo veneno desfazer os effeitos do primeiro. De modo que D. Anna só veio a morrer depois, do «golpe de hum garrote que lhe deu a sogra» na garganta. «He fama constante que passados annos, abrindo-se a sua sepultura se achara seo corpo fragrante, e incorrupto», diz-nos D. Domingos Loreto do Coutto. O qual sustenta que «castidade, vergonha, recolhimento, pejo, encolhimento, sizudesa e modestia» foram sempre «o insigne distinctivo das mulheres do Brasil...» É verdade — accrescenta — que «em muitas mulheres pretas, e pardas falta talvez a compostura, e sobeja a liberdade».

---

(1) Loreto do Coutto — *Desaggravos do Brasil,* etc., cit.

E mais: «Não negamos que sirvão (as mulheres de côr) de tentação, mas esta guerra permitte Deus no mundo para os vencedores merecerem a corôa da gloria». Palavras que encerram um grande ainda que indirecto elogio á tentadora belleza das pretas e pardas; tentadora belleza de que se serviria o Senhor para experimentar a firmeza dos homens.

Mas o proprio D. Domingos refere casos de mulheres pardas virtuosissimas. O da linda Joanna de Jesus, por exemplo. Floresceu «no novo convento da villa de Iguarassú», onde se salientou como «cordialissima devota de Maria Santissima Senhora Nossa». Principiou a vida grande peccadora; terminou-a quasi uma santa Quando morreu causou surpresa seu «rosto tão corado, e com tanta formosura, que nella desapparecerão todos os sinaes de morte e os estragos causados pelos rigores da penitencia».

Outro caso interessante foi o de Clara Henriques, mulher preta, escrava de Maria Henriques, branca que não somente deixou de instruir a escrava em doutrina christã, «senão que a provocou com ruins exemplos». «Seguindo Clara Henriques os costumes de sua senhora na idade de quatorze annos se entregou a huma vida torpe...» Desta vida libertou-se Clara por graça de Nossa Senhora do Rosario, padroeira dos negros. Tornou-se então uma santa mulher. Aproveitando-lhe o Senhor suas predisposições africanas deu-lhe «o dom da prophecia, porque disse muitas cousas, que ao depois se virão cumpridas» (1).

Os viajantes franceses que nos seculos XVII e XVIII estiveram no Brasil não se mostram tão crentes como o benedictino D. Domingos na castidade e na fidelidade conjugal das senhoras brasileiras. Mas, em compensação, D. Domingos tem a seu favor depoimentos de viajantes ingleses. É verdade que em assumptos de amor e de

---

(1) Loreto do Coutto — *Desaggravos do Brasil,* cit.

mulheres os franceses passam por mais entendidos que os ingleses; como viajantes, porém, os ingleses levam a palma aos franceses em lisura, exactidão e honestidade de narrativa. Raro um Rendu ou um Saint-Hilaire: um Pyrard mesmo; numerosos os exaggerados; e não de todo raros os poucos escrupulosos nas suas informações. Genero em que se salientaram Thevet, Dabadie, Expilly.

Pyrard diz que passeiando um dia pelas ruas de São Paulo, todo gabola, vestido de seda, ar de fidalgo, approximou-se delle uma negra. Pediu-lhe que a acompanhasse: havia um senhor muito desejoso de lhe falar. Seguia-a Pyrard, atravez de viellas e de ruas tronchas, feias, até que se viu, como num conto de mil e uma noites, numa casa muito bonita. Um verdadeiro palacio. E em vez de senhor, quem lhe appareceu foi uma «joven dama portuguesa». A «joven dama portuguesa» não se limitou a dispensar ao viajante grandes carinhos; ainda deu-lhe de presente um chapeu de lã de Héspanha novo. O que fez Pyrard de Laval generalizar que as mulheres do Brasil eram mais amigas dos extrangeiros do que os homens (1).

Ninguem, porém, mais afoito em suas generalizações contra as senhoras coloniaes do que Coreal — viajante ainda mal identificado. Achou-as mais enclausuradas que no Mexico; mas nem por isto menos libertinas. Tamanho seu fogo sexual, que arriscavam honra e vida por uma aventura de amor. Dahi resultava serem, umas apunhaladas pelos maridos, outras, tornarem-se publicas cortezãs á disposição de brancos e negros (2).

Frezier e Froger tiveram quasi a mesma impressão que Coreal das mulheres bahianas: muito enclausuradas e só sahindo de casa para irem á igreja: mas «quasi todas libertinas» e sempre engendrando meios ou achando geito de illudir a vigilancia dos maridos ou dos paes.

---

(1) Pyrard de Laval, *cit.*
(2) Coreal, cit.

O que conseguiam, diz Frezier que auxiliadas pelas mães (1). Mas nas historias galantes contadas por Pyrard e Coreal, quem apparece auxiliando as senhoras brancas nas suas aventuras de amor são escravas negras. O mais provavel é que fossem negras as principaes alcoviteiras. Tudo, porém, nos leva a crer na extrema difficuldade das aventuras de amor das mulheres coloniaes, a toda a hora cercadas de olhos indiscretos. Olhos de frades. Olhos de negros. Olhos de sogras. Os olhos dos negros mais vigilantes, ellas podiam mandar arrancar sob um pretexto qualquer. Mas os dos frades e os das sogras eram de mais difficil eliminação.

O certo é que John Mawe, tendo chegado ao Brasil na espectativa de uma terra de moral feminina muito lassa, onde os viajantes fossem abordados por escravas alcoviteiras com recadinhos e offerecimentos das senhoras libidinosas, teve impressão inteiramente diversa. «Devo observar — escreve elle — que nem em São Paulo nem em parte alguma que tenho visitado, testemunhei um só exemplo da leviandade que alguns escriptores dizem ser o traço mais saliente do caracter das mulheres brasileiras» (2). A mesma observação do medico inglês John White que esteve no Brasil em fins do seculo XVIII: depois de um mez de permanencia no Rio de Janeiro concluiu que as mulheres mal comportadas eram as da classe baixa (3). É verdade que alguns annos depois, numa festa em casa de Luiz José de Carvalho e Mello, em Botafogo — festa requintada com baronesas, filhas de baro-

---

(1) Diz Frezier referindo-se ás mulheres coloniaes: «Les Portugais sont fi jaloux qu'a peine leur permettent ils d'aller à la Meffe les jours de Fêtes & Dimanches; neanmois malgrès toutes leurs precautions, elles font prefque toutes libertines & trouvent le moyen de tromper la vigilance des pères & des maris, s'expofant à la cruauté de ces derniers qui les tuent impunément, dés qu'ils découvrent leurs intrigues. Ces examples font fi frequens, qu'on comptoit depuis un an, plus de trente femmes égorgées para leurs maris...» (*Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chily et du Perou fait pendant les années 1712, 1713 et 1714.* Paris MDCCXVI).

(2) John Mawe, cit.

(3) John White — *Journal of a Voyage to New South Wales* — London MDCCXC.

nesas, viscondessas, moças falando francês, outras inglês, senhoras bem vestidas, negros servindo chá em bandejas de prata — um compatriota de Mrs. Graham contou-lhe entre goles de chá cousas escandalosas das senhoras da Côrte: naquella mesma reunião, pelo menos dez das senhoras presentes... Mas tendo olhado em redor, atalhou logo: «Não, aqui não. Mas no Rio...» O que mostra que a generalização não era facil de reforçar com exemplos concretos, pelo menos immediatamente. Esse mesmo inglês observou a Mr. Graham que a causa de toda a corrupção no Brasil eram os escravos (1). As escravas. As negras. As mucamas. Mas seria muito maior a corrupção das senhoras na Côrte do Brasil do que nas da Europa? (2).

Loreto do Coutto, que evidentemente se exaggerou no seu culto da mulher brasileira do tempo da escravidão, escreveu do «fogo sexual» que era «mal hereditario» dos filhos de Adão — poderia ter accrescentado das filhas de Eva — e não peculiar ás terras ou climas quentes. «As influencias sensuaes» pareciam-lhe actuar «em toda parte»; e «em qualquer lugar o seu fogo sempre está ardendo, se o não apagão com muita oração e com

---

(1) Maria Graham — *Journal of a Residence in Brazil*, cit. O facto referido por Mr. Graham de uma senhora da alta sociedade do Rio de Janeiro, assassinada quando na companhia de duas filhinhás, parece ser o mesmo de que recentemente se occupou o professor Assis Cintra num dos capitulos do seu livro *As Amantes do Imperador*, Rio de Janeiro 1933. Mrs. Graham diz que se attribuiu o crime a ciume de outra senhora, apaixonada pelo marido da victima; ou ao facto dellá se achar no conhecimento de importantes segredos politicos. Segundo Assis Cintra o crime teria sido praticado por um mulato, a mandado da rainha D. Carlota Joaquina, que foi na verdade uma garanhona capaz de todos os excessos. D. Carlota estaria apaixonada pelo marido da pobre senhora, certo Fernando Carneiro Leão, homem muito elegante; e a victima teria se queixado ao proprio D. João VI. Não foram raros os casos de assassinatos de senhores e senhoras brancas de qualidade, praticados por negros ou mulatos a mandado de seus donos.

(2) A Alexander Calceugh, a immoralidade no Rio de Janeiro nos principios do seculo XIX não pareceu maior que em Paris, Londres ou Berlim: «I shall conclude with observing, and without wishing to extenuate any thing, that taking into account the mixed nature of the inhabitants, the number of foreigners, and the mulatto and black population, no greater quantity of vice exists here than in the Europeen cities of London, Paris or Berlin». (*Travels in South America*, cit.).

muita penitencia, e assim aquelle que for mais devoto e mais penitente será o mais casto». Não comprehendia que se chamasse o Brasil, como o auctor de certa *Historia*, paiz de «clima adusto, provocativo de sensuaes torpezas». Que exemplo citava o tal historiador a favor de sua these? O de certo «expulso de sua religião pelas torpezas de seus appetites» que para cá viera degredado e que no Brasil teria augmentado de «intemperança libidinosa». Como si o clima — commenta o frade — pudesse ter augmentado na alma do depravado «o infernal incendio». Já vimos, porém, que Loreto do Coutto enxergou nas mulheres pretas e pardas do Brasil uma tentação a serviço do aperfeiçoamento das almas; por conseguinte, combustivel do «infernal incendio». O clima, não, mas a presença de negras e mulatas pareceu-lhe uma excitação ao peccado, difficil de resistir-se no Brasil. Mas negras e mulatas degradadas pela escravidão; porque á raça negra fez o frade benedictino a devida justiça, destacando-lhe os serviços ao Brasil. Não só serviços prestados na execução de «difficultosas e laboriosas empresas», como iniciativas de «valor e prudencia».

O que houve no Brasil — cumpre mais uma vez accentuar com relação ás negras e mulatas, ainda com maior emphase do que com relação ás indias e mamelucas — foi a degradação das raças atrazadas pelo dominio da adiantada. Esta desde o principio reduziu, os indigenas ao captiveiro e á prostituição. Entre brancos e mulheres de côr estabeleceram-se relações de vencedores com vencidos — sempre perigosos para a moralidade sexual.

Os jesuitas conseguiram vencer nos primeiros colonos a repugnancia pelo casamento com indias. «Os mais aqui — escrevia de Pernambuco em 1551 o padre Nobrega — tinham india de muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infamia casarem com ellas. Agora se vão casando, e tomando vida de bom estado». Havendo tambem «muita somma de casados em Portugal outros que vivem cá em graves pecados; a uns fazemos ir, a outros mandar buscar suas mulheres». Das mes-

tiças informa: «se não casavam dantes era porque continuavam a viver os homens em seus pecados livremente, e alguns diziam que não pecavam por que o arcebispo do Funchal lhes dava licença». Da mesma supposta licença do arcebispo se prevaleceram, aliás, clerigos libidinosos para viverem regaladamente amancebados. Oito annos mais tarde escrevia de São Salvador o grande missionario: «com os christãos desta terra se faz pouco, porque lhes temos cerrada a porta da confissão por causa dos escravos que não querem senão ter e resgatar mal e porque geralmente todos ou os mais estão amancebadas das portas a dentro com suas negras, casados e solteiros, e seus escravos todos amancebados, sem em um caso nem no outro quererem fazer consciencia e acham lá padres liberaes da absolvição em que vivem da mesma maneira...» E da mesma Bahia em 1549: «... a gente da terra vive em pecado mortal, e não ha nenhum que deixe de ter muitas negras, das quaes estão cheios de filhos, e é grande mal» (1).

Introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual, a seu favor não se levantou nunca, como a favor das mulheres indias, a voz poderosa dos padres da Companhia. De modo que por muito tempo as relações entre colonos e mulheres africanas foram as de franca lubricidade animal. Pura descarga de sentidos. Mas não que fossem as negras que trouxessem da Africa nos instinctos, no sangue, na carne, maior violencia sensual que as portuguesas ou as indias.

Dampier, que esteve na Bahia, no seculo XVII, soube de varios colonos amasiados com negras: «Plufieurs des *portuguais*, qui ne font pas merrez, entretennent de ces femmes noires pour leurs maitreffes» (2). Já não eram as relações dos portugueses com as pretas, as de pura animalidade dos primeiros tempos. Muita africana conseguira impor-se ao respeito dos brancos; umas, pelo

---

(1) Pe. Manoel da Nobrega, *Cartas*, cit.
(2) Dampier, cit.

temor inspirado por suas mandingas; outras, como as Minas, pelos seus quindins e pela sua finura de mulher. Dahi ter uma minoria dellas conquistado para si uma situação quasi identica á que o moralismo parcial dos jesuitas só soubera assegurar para as indias. Situação de «caseiras» e «concubinas» dos brancos; e não exclusivamente de animaes engordados nas senzalas para gôso physico dos senhores e augmento do seu capital-homem.

Com a vida mais descansada e mais facil para os colonos; com o assucar vendido em quantidade maior e por melhores preços na Europa do que nos principios do seculo XVI, desenvolveu-se dos fins desse seculo aos começos do XVII, não tanto o luxo, como desbragada luxuria, entre os senhores de engenho do Brasil. Em Pernambuco, ao augmento de producção de assucar de duzentas mil arrobas em 1584 (1) para quinhentas mil em 1618 (2), (contados agora os engenhos das capitanias vassalas — Itamaracá e Parahyba); e do numero de engenhos de trinta em 1576 (3) para sessenta e seis em 1584 e cento e cincoenta em 1630 (4), correspondeu o augmento do numero de escravos africanos — tudo concorrendo para o maior ocio dos senhores; e para sua maior libertinagem.

---

(1) Segundo o padre Cardim que escreve: «...a fertilidade dos cannaviaes não se pode contar; tem sessenta e seis engenhos, que cada um é uma bôa povoação; lavram-se em alguns annos duzentas mil arrobas de assucar e os engenhos não podem esgottar as cannas, que em um anno se faz descer para moer, e por esta causa as não podem vencer, pelo que moem canna de tres e quatro annos; e com virem cada anno quarenta navios a Pernambuco, não podem levar todo o assucar». (*Tratado,* cit.).

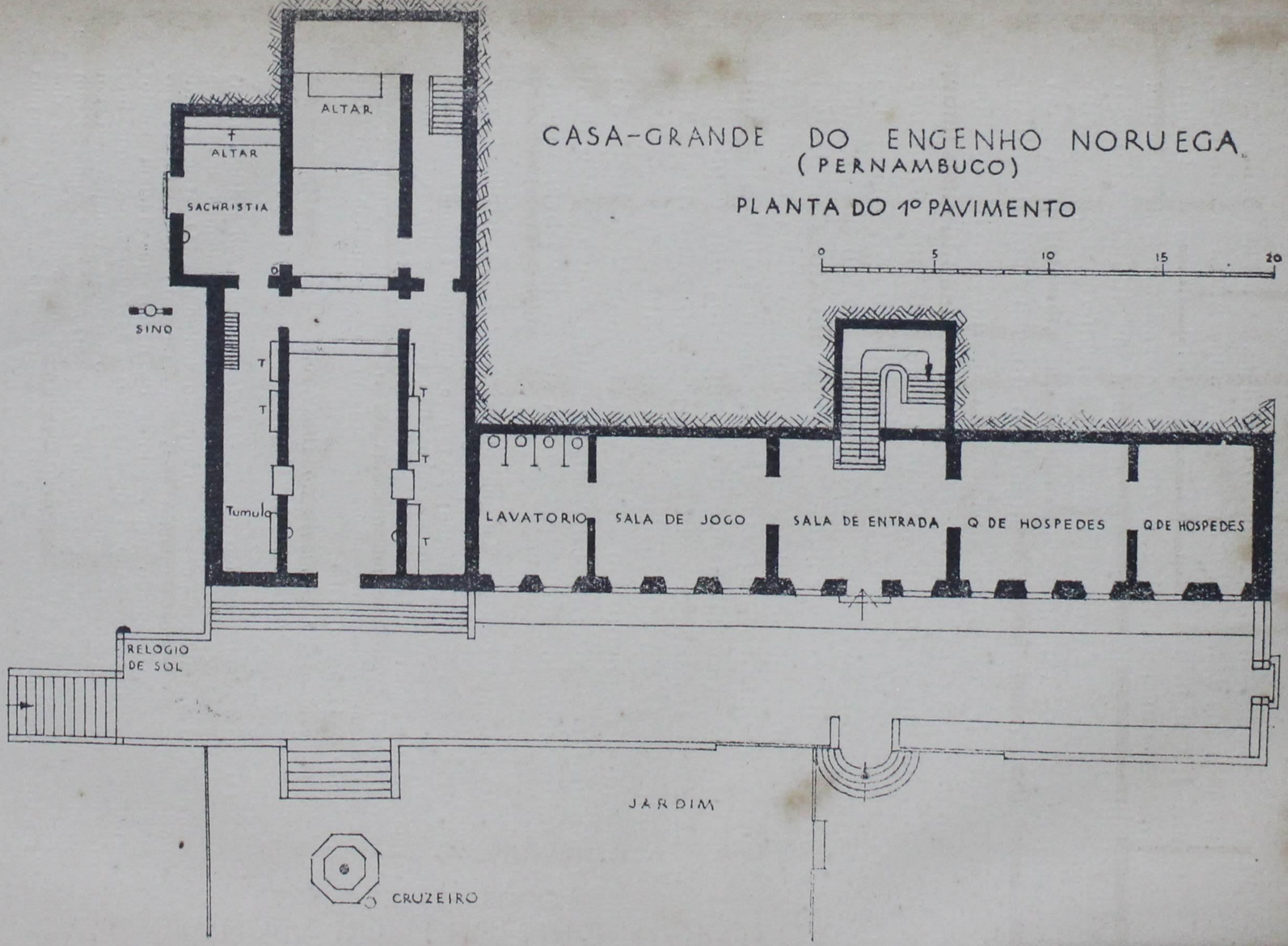
(2) *Dialogos da Grandesa do Brasil,* cit.

(3) Pero de Magalhães de Gandavo — *Historia da Provincia de Santa Cruz,* etc., cit.

(4) Frei Manoel Calado no seu *O Valoroso Lucideno* (Lisbôa 1648) dá-nos interessantes informações sobre o estado economico e a vida moral de Pernambuco antes da occupação hollandesa. O assucar produzido pelos engenhos pernambucanos deve ter sido de qualidade superior para ser disputado pelos pilotos de navios que faziam muitos «mimos e regalos aos senhores de engenhos e lavradores para que lhes dessem suas caixas de assucar...» Era o assucar transportado em grandes caixas de madeira contendo vinte arrobas cada uma. Eram essas caixas que segundo o frade, penduradas na ponta da vara dos ministros da justiça, «logo dobravão» as varas. No meio de tamanha

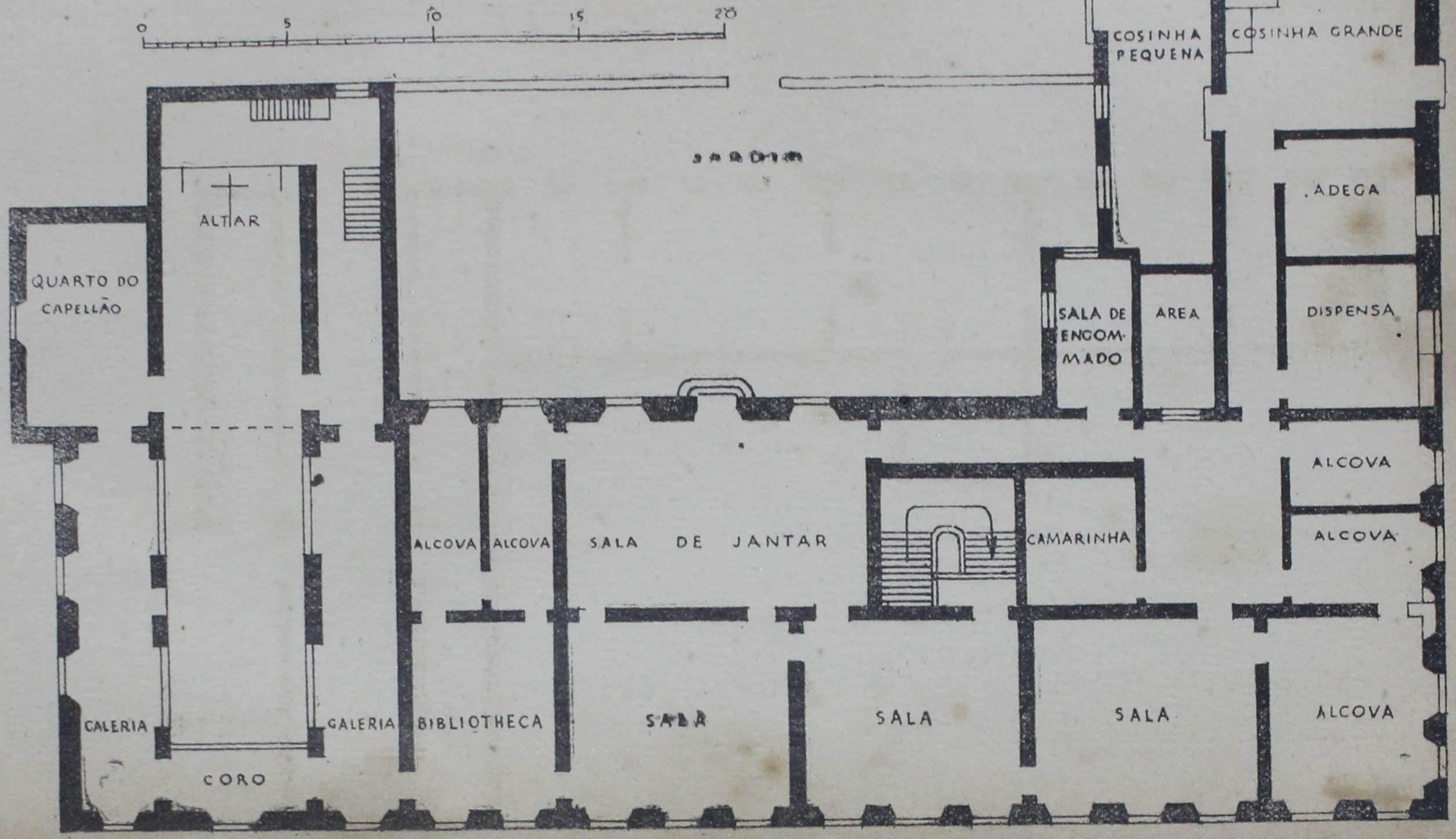
CASA-GRANDE DO ENGENHO NORUEGA
(PERNAMBUCO)

PLANTA DO 1º PAVIMENTO



CASA-GRANDE DO ENGENHO NORUEGA
(PERNAMBUCO)

PLANTA DO 2º PAVIMENTO



Ocio que a tal ponto se desenvolveu nas zonas dominadas pelos engenhos de canna, que doutores moralistas da epocha chegaram a associal-o ao muito consumo do assucar: «talvez q da abundancia deste humor» — o fleugmatico, causado pela alimentação abundante em assucar — «proceda aquella preguiça que a tantos reduz a hum mizeravel estado», escreveu um delles. Accrescentando: «Muito certamente predomina este humor em muitos homens do Brasil. Passão muitos a vida, com huma mão sobre a outra, e nascendo o homem para o trabalho, elles só querem descanço. Ha alguns que num dia inteiro não dão hum só passo». E terminando por aconselhar que se comesse pouco assucar — além do mais, propagador de lombrigas.

O assucar não teve, por certo, responsabilidade tão directa pela molleza dos homens. Teve-a, porém, e grande, como causa indirecta: exigindo escravos; repellindo a polycultura. Exigindo escravos para «mãos e pés do senhor de engenho», como disse Antonil. E não só do senhor de engenho português, já viciado na escravidão: os hollandeses, quando no seculo XVII se installaram nas plantações de canna de Pernambuco (1) reconheceram a necessidade de se apoiarem no negro; sem escravos não se produziria assucar. E escravos em grande numero; para plantarem a canna; para a cortarem; para collocarem a recoltada entre as moendas impellidas a roda d'agua — nos engenhos chamados d'agua, e por gyro de bestas ou de bois, nos chamados *almanjarras* ou trapiches; limparem depois o summo nas caldeiras de coc-

---

prosperidade «as uzuras, onzenhos e ganhos illicitos era causa commum», havendo na terra muitos christãos novos. Communs os «amancebamentos publicos... ladroices, roubos... as brigas, ferimentos, mortes... os estupros e adulterios...» O «dinheiro fazia suspender os castigos...».

(1) «Sem taes escravos não é possivel fazer alguma cousa no Brasil; sem elles os engenhos não podem moer, nem as terras ser cultivadas, pelo que necessariamente devem de haver escravos no Brasil, e por nenhum modo podem ser dispensados: si alguem sentir-se nisto aggravado será um escrupulo inutil». («Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas», cit.).

ção; fazerem coalhar o caldo; purgarem e branquearem o assucar nas formas de barro; distillarem a aguardente. Escravos que se tornaram litteralmente os pés dos senhores: andando por elles, carregando-os de rede ou de palanquim. E as mãos — ou pelo menos as mãos direitas; as dos senhores se vestirem, se calçarem, se abotoarem, se limparem, se catarem, se lavarem, tirarem os bichos dos pés. De um senhor de engenho pernambucano conta a tradição que não dispensava a mão do negro nem para os detalhes mais intimos da toilette; e de illustre titular do Imperio refere Von den Steinen que uma escrava é que lhe accendia os charutos passando-os já accesos á bocca do velho. Cada branco de casa-grande ficou com duas mãos esquerdas, cada negro com duas mãos direitas. As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosario no terço da Virgem; para pegar nas cartas de jogar; para tirar rapé das bocetas ou dos corriboques; para agradar, apalpar, amollegar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus harens.

No senhor branco o corpo quasi que se tornou exclusivamente o *membrum virile*. Mãos de mulher; pés de menino (1); só o sexo arrogantemente viril. Em contraste com os negros — tantos delles gigantes enormes, mas pirocas de menino pequeno. Imbert, nos seus conselhos aos compradores de escravos, foi ponto que salientou: a necessidade de se attentarem nos orgãos sexuaes dos negros, evitando-se adquirir os individuos que os tivessem pouco desenvolvidos ou mal conformados (2). Receiava-se que dessem maus procreadores.

Ociosa, mas alagada de preoccupações sexuaes, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochi-

---

(1) Burton (*The Highlands of the Brazil*, cit.) notou no «anglo-americano» como no «ibero brasileiro» a «belleza, pequenez e delicadeza dos pés e das mãos, delicadeza ás vezes exaggerada, degenerando em effeminação» em contraste com as mãos e pés grandes dos ingleses e portugueses. O que attribue, mas vagamente, a influencias locaes identicas. Parece-nos que resultado, principalmente, de causas sociaes.

(2) Imbert, *Manual do Fazendeiro*, cit.

lando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro della. Da rede não precisava de afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capellão; jogar as cartas com algum parente ou compadre. De rede viajavam quasi todos — sem animo para montar a cavallo; deixando-se tirar de dentro de casa como geléa por uma colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que elles faziam longamente o quilo — palitando os dentes, fumando charutos, cuspindo no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas mulequinhas, coçando os pés ou a genitalia; uns coçando-se por vicio; outros por doença venerea ou da pelle. Lindley diz que na Bahia viu pessôas de ambos os sexos deixando-se catar piolho; e os homens coçando-se sempre de « sarnas syphiliticas » (1).

É verdade que esses homens molles, de mãos de mulher; amigos exaggerados da rede; voluptuosos do ocio; aristocratas com vergonha de ter pernas e pés para andar e pisar no chão como qualquer escravo ou plebeu — souberam ser duros e valentes em momentos de perigo. Souberam empunhar espadas e repellir extrangeiros afoitos; defender-se de bugres; expulsar da colonia capitães-generaes de Sua Magestade. Foram os senhores de engenho pernambucanos que colonizaram a Parahyba e o Rio Grande do Norte, tendo de enfrentar indios dos mais brabos e valentes; que livraram o Maranhão dos franceses; que expulsaram os hollandeses.

E não só os senhores: tambem as senhoras de engenho tiveram seus assomos de energia. Seus rompantes de stoicismo. « No mostrarán por cierto menos valor en esta accion que nuestros soldados », diz o marquez de Basto

---

(1) Thomas Lindley — *Narrative of a Voyage to Brasil... with General Sketches of the Country, its Natural Productions, Colonial Inhabitants and a Description of the City and Provinces of St. Salvador and Porto Seguro*, London 1805.

Casa-grande, senzala e engenho do seculo XVI. (Reproduzido do livro de Barleus).

das senhoras pernambucanas que tomaram parte na retirada para Alagôas deixando os engenhos e as casas-grandes em ruinas (1).

Mas exceptuados esses rompantes guerreiros, a vida dos aristocratas do assucar foi languida, morosa. Uma vez ou outra, as «cannas» e as «argolinhas»; cavalhadas; danças. Mas raramente. Os dias se succediam iguaes; a mesma modorra; a mesma vida de rede, banzeira, sensual. E os homens e as mulheres, amarellos, de tanto viverem deitados dentro de casa e de tanto andarem de rede ou de palanquim. Nos Estados Unidos, onde a rede não chegou a dominar como aqui; onde a molleza dos senhores de escravos se contentou com o sofá e a cadeira de balanço, mais tarde adoptadas pelo patriarchalismo brasileiro, os homens creados sob a influencia da escravidão africana impressionaram aos europeus pelas suas attitudes sempre commodistas; pelo seu andar desengonçado; pela nenhuma esbelteza do seu porte; pelo seu ar de individuos fracos do peito, os hombros curvos, as espaduas estreitas. Só a voz, grande e imperiosa. Frances Trollope dá-nos um retrato de americano dos tempos da escravidão que parece de brasileiro do Norte: «I never saw an American man walk or stand well...» (2). E raros os europeus que não se deixaram impressionar pela pallidez doentia dos homens e das senhoras americanas de antes da Guerra Civil. O regimen economico de producção — o da escravidão e da monocultura — dominando a diversidade de clima, de raça, de moral religiosa, creou no Sul dos Estados Unidos um typo de aristocrata morbido, franzino quasi igual ao do Brasil nas maneiras, nos vicios, nos gostos e no próprio physico. Os ingredientes, diversos; mas a mesma fôrma. O clima quente

---

(1) Duarte de Albuquerque Coelho — *Memorias Diarias de la Guerra del Brasil*. Madrid 1654.

(2) Frances Trollope, *Domestic Manners of the Americans*, London 1832. Vejam-se tambem John Bernard, *Retospection of America* (1797-1811) — New York 1887; William Faux, *Memorable Days in America*, London 1823; Anthony Trollope, *North America*, London 1862.

pode ter contribuido para a maior lubricidade e a maior languidez do brasileiro; mas não as creou ou produziu.

Souchu de Rennefort, escreveu dos colonos de Pernambuco: «...ils vivent dans une grande licence...» Uma nonchalance levantina, a dos senhores de escravos pernambucanos: «...ils dorment & fument & n'ont guères d'autres meubles que des brambes de cotton & des nattes; les plus somptueux ont une table & des chaifes de cuir façonné; quelques-uns se servent de vaisselles d'argent. la plus grande partie de vaisselles de terre» (1). Notaremos de passagem que nem Rennefort, com relação a Pernambuco nem Pyrard, Dampier e Mrs. Kinderley com relação á Bahia, salientam nenhum luxo de moveis, de pratas e de damasco. Dampier e Pyrard, apenas o tamanho das casas e o numero de escravos; e todos, a vida molle dos senhores descansando o dia inteiro dentro de casa, ou atravessando as ruas nos hombros dos negros e caminho das igrejas. Dampier chegou a escrever que os colonos do Brasil, do mesmo modo que os hespanhoes e os portugueses, pouca importancia ligavam a mobiliario ou a quadros: só faziam questão de grandes casas (2). De grandes casas e de muitos escravos, festas de igrejas, mulheres, mulecas.

---

(1) Souchu de Rennefort — *Histoire les Indes Orientales.* 1688.

(2) E' provavel que se faça ás vezes ideia exaggerada do luxo nortista nos seculos XVI e XVII. Aquellas casas com fechaduras de ouro de que fala frei Manoel devem ter sido raras; e só os mais ricos ostentariam leitos de damasco «forrados de ouro». Não se deve porém confundir a vida pernambucana nos seculos XVI e XVII com a de São Paulo — vida de uma simplicidade, de um ascetismo de moveis, e de uma rudesa de utensilios quasi franciscana. Muitos dos colonos de Pernambuco foram homens de origem européa mais elevada e de capitaes de installação mais fortes que os de São Vicente. E maiores aqui do que no Sul os proventos da agricultura da canna e do fabrico do assucar. Cardim que percorreu do Norte ao Sul do Brasil do seculo XVI, deixou-nos bem clara a distincção: muito mais fausto em Pernambuco que no sul. Affonso de E. Taunay reconhece terem os «colossaes proventos do assucar» permittido «na Bania e sobretudo em Pernambuco» grande importação e uso de objectos de luxo como sedas, velludos, vinhos finos. (*S. Paulo nos primeiros annos,* cit.). E do seculo XVII resta-nos entre outros depoimentos o dos capuchinhos italianos Frei Miguel Angelo de Gattina

Coreal impressionou-se na Bahia com a voluptuosidade dos colonos. Uns grandes indolentes sempre nas suas redes (1). Voluptuosidade e indolencia quebradas, porém, pelo espirito de devoção religiosa que só no seculo XIX diminuiu nos homens, para refugiar-se nas mulheres, nos meninos e nos escravos. No seculo XVII e mesmo no XVIII não houve senhor branco, por mais indolente, que se furtasse ao sagrado esforço de rezar ajoelhado diante dos nichos: ás vezes rezas quasi sem fim tiradas por negros e mulatos. O terço, a corôa de Christo, as ladainhas. Saltava-se das redes para rezar nos oratorios: era obrigação. Andava-se de rosario na mão, bentos, relicarios, patuás, Santo Antonios pendurados ao pescoço; todo o material necessario ás devoções de reza. Maria Graham ainda alcançou o tempo das ladainhas cantadas ao anoitecer, nas ruas do Recife: brancos, negros, mulatos todos rezando ao mesmo Deus e á mesma Nossa Senhora. Alguns senhores mais devotos acompanhavam o Santissimo á casa dos moribundos. Dentro de casa rezava-se de manhã, á hora das refeições, ao meio dia; e de noite, no quarto dos santos — os escravos acompanhavam os brancos no terço e na Salve Rainha. Havendo capellão cantava-se: *Mater purissima, ora pro nobis*. Em Canta

---

e Frei Dyonisio de Piancenza recolhido pelo mesmo Taunay. Foram dois missionarios que em 1667 estiveram no Brasil a caminho do Congo. Ao entrarem no porto do Recife observaram em carga e descarga oitenta navios. Saltaram e assistiram a festa do Corpus Christi. Muita gente. Excellente musica de harpas, clarins e violinos. Das casas dizem: «ricamente adornadas»; de um engenho de assucar que visitaram ficou-lhes impressão triste do doloroso trabalho dos negros empurrando aos magotes a enorme roda motora e arriscando a cada passo ter as mãos e os braços colhidos pela moenda; mas a impressão que os dominou foi a da riqueza dos pernambucanos. Riqueza baseada no trabalho dos negros. Os altos preços pagos por uma missa e por um sermão registram-n'os admirados, os capuchinhos. (Affonso de E. Taunay, *Non Ducor, duco*, cit.).

(1) «La molleffe des habitans de *San Salvador* & la pente des rues, que eft fort roide; leur fait regarder l'ufage de marcher comme une chofe indigne d'eux. Ils se font porter dans une efpece de lit de coton à raifeau, fulpendus á une perche longue, & épaiffe, que deux Nègres portent fur leurs epaules. Ce lit eft couvert d'une imperiale d'ou pendent des rideaux verts, rouges ou bleus...» «Je n'ai vû de lieu — accrescenta Coreal — où le Chriftiánifme parut avec plus

Gallo, na casa-grande do fazendeiro Joaquim das Lavrinhas, Mathison ficou encantado com o patriarchalismo do dono da casa, ajoelhando-se diante de todo o pessôal da fazenda — parentes aggregados e escravos — para pedir a benção de Deus e a protecção da Virgem Maria. E nada lhe pareceu mais digno no brasileiro colonial que o facto de ter sempre em sua casa lugar destinado ao culto divino. Signal de «respeito pela religião», concluiu. E não esqueceu de salientar a observancia, pelos negros, dos ritos da igreja (1). Ao jantar, diz-nos um chronista, que o patriarcha benzia a mesa e cada qual deitava a farinha no prato em forma de cruz (2). Outros benziam a agua ou vinho fazendo antes, no ar, uma cruz com o copo (3). No fim davam-se graças em latim:

«Per haec dona et coetera data
Sit Sancta Trinitas semper laudata» (1)

Ao deitar-se, rezavam os brancos da casa-grande e na senzala, os negros veteranos:

«Com Deus me deito, com Deus me levanto
Com graça de Deus e do Espirito Santo
Si dormir, muito, acordae-me
Si eu morrer, alumiae-me
Com as tochas da vossa Trindade
Na mansão da Eternidade» (5)

---

d'éclat qu'en cette ville folt par la richeffe & la multitude des Eglifes, des Couvens & des Gentishommes, des Dames & des courtifannes & generalement des tous les citoiens de la *Baie*. On n'y marche point fans un Rofaire à la main, un chapelet au col & un faint Antoine fur leftomac. On eft exact à s'agenouiller au fon de l'*Angelus* au milieu des rues: mais en même tens on a la precaution de ne point fortir de chez soi fans un poignard dans le fein, un piftollet dans la poche & une épée des plus longues au coté gauche...» O excessivo numero de pessôas se confessando pareceu a Coreal ter ligação com excessivo numero de peccados: «...la confeffion y eft fort commune, fans doute á caufe de la multitude des péchés...» (*Voyage de François Coreal*, cit.).

(1) Gilbert Farqhar Mathison — *Narrative of a Visit to Brasil, Chili, Perú and the Sand-wich Slands During the Years 1821 and 1822*. London MDCCCXXV.

(2) Pe. Antunes de Siqueira — *Esboço Historico*, cit.

(3) Costume ainda hoje observado em certos pontos do Brasil.

(4) Pe. Antunes de Siqueira — *Esboço Historico, etc.*, cit.

(5) Pe. Antunes de Siqueira — *Esboço Historico, etc.*, cit.

E de manhã, ao levantarem-se, era tambem com o nome de Nosso Senhor na bocca: « Meu Deus, é ainda por effeito de vossa bondade que eu vejo a luz do dia! Fazei que eu caminhe seguro, guiado por vossa providencia infallivel ». Quando alguem espirrava dizia-se: « Deus vos salve ». Os negros tomavam a benção ao senhor dizendo: « Louvado seja o nome de Nosso Senhor Jesus Christo! » E o senhor respondia « Para sempre! » Ou « Louvado Seja! »

Quando trovejava forte, brancos e escravos reuniam-se na capella ou no quarto do santuario para cantar o bemdito, rezar a *magnificat,* a oração de São Braz, de São Jeronymo, de Santa Barbara. Accendiam-se velas; queimavam-se ramos bentos; recitava-se o credo em cruz. Certas doenças, tratavam-se com orações e com oleo, como nos tempos apostolicos: a erysipela, por exemplo:

« Pedro e Paulo foi á Roma
E Jesus Christo encontrou
Este lhes perguntou
Então que ha por lá
Senhor, erysipela má
Benze-a com azeite
E logo te sarará ».

Pelas janellas e portas da casa grudavam-se papeis com orações para proteger a familia de ladrões, assassinos, raios, tempestades. Orações a Jesus, Maria e José. E nos velhos engenhos patriarchaes, cantavam-se hymnos á Sagrada Familia. Entre os papeis e MSS do capitão-mór Manoel Thomé de Jezus — patriarcha pernambucano que floresceu nos fins do seculo XVIII e na primeira metade do XIX, fomos encontrar os seguintes versos devotos em louvor de Santa Anna, « mãe de Maria e avó de Jesus »:

« Decantemos todos
Em lirios divinos
Os dons de Sta. Anna
. . . . . .
Na Santa familia
Sta. Anna nasceo
Para avó de Christo
Deus Padre escolheo

. . . . . .
. . . . . .
Sta Anna bemdita
Rogai com affecto
Por nós miseraveis
A Deos vosso neto

Louvores a Sta. Anna
E ao Espozo tambem
E toda a Trindade
Para sempre Amen. » (1)

Hymno que nos parece interessante, pelo destaque que dá ás relações de familia entre Santa Anna, Nossa Senhora, Jesus Christo.

Nos engenhos jejuava-se e observavam-se os preceitos da Igreja. É verdade que combinando-se a observancia dos preceitos divinos com as necessidades do trabalho agricola e com o regimen de alimentação dos escravos: « pessôas de trabalho ». O mesmo Manoel Thomé de Jezus, homem muito devoto, que deu á sua casa-grande um aspecto de convento, especie de Escurial rustico, como observou Luiz Cedro, com cruzeiro na frente, e capella de lado (2), não hesitou em dirigir-se a D. João, bispo de Pernambuco, pedindo a S. Excia. Revma. conceder-lhe e aos seus negros o privilegio de comerem carne em dias de abstinencia: « Diz Manoel Thomé de Jezus, Snr. do Engenho da Noruega, que tendo no d.º Engenho hua numeroza famba de escravos e outras pessoas do seu serviço, e não sendo possivel dar a todos o alimento proprio aos dias de abstinencia, que é necessario para as pessôas de trabalho, e querendo elle em tudo conformar-se com os Preceitos da S. M. Igreja, e com a obediencia que lhe hé divida, por isso com o mais profundo respeito.

---

(1) Archivo do capitão-mór Manoel Thomé de Jezus. Engenho Noruega (Pernambuco) Parte do MS se acha illigivel, muito picada de traça.

(2) Nas palavras de Luiz Cedro: « casa-grande . . . enorme, conventual, solarenga, com reminiscencias, na mole pesada da construcção, de qualquer cousa do Escurial. Um cruzeiro immenso plantado no pateo . . . sombreando a paysagem de um tom mystico e taciturno » (« O Dr. Geroncio de Noruega », *Diario de Pernambuco*, 26 Julho 1925).

Pede a V. Excia. Revma. que pelas faculdades que tem de Sta. Sé se digne dispensar com o supplicante e com toda a familia do seu Eng.º e pessôas do seu serviço o preceito d'abstinencia de carne com excepção de alguns poucos dias, que V. Excia. notar».

Ao que Dom João attendeu, despachando: «Attentas as faculdades que a Santa Sé nos tem communicado concedemos que o supe. possa usar de comida de carne em todos os dias em que a Santa Igreja tem prohibido o seu uso ainda mesmo na Quaresma, e nesta concessão é comprehendida toda a sua familia e escravatura. Exceptuamos todavia a vespera de Natal, a quarta-feira de Cinzas, a Semana Santa, a Vigilia da Ascensão de Jezus C. sobre todos os Ceos, e os que se celebrão no Sabbado junto ao Domingo do Espirito Santo e no dia 14 d'Agosto ou 13 qdo. a Vigilia de N. S. d'Assumpção for antecipada. O supe. entregará na Caixa Pia cem mil rs. pa. serem divididos pelos pobres por sua intenção. Pal.º da Soledade, 16 de Dezembro de 18— — João Bispo de Pernambuco» (1).

No dia da *botada*, — primeiro dia de moagem das cannas — nunca faltava o padre para benzer o engenho; o trabalho iniciava-se sob a benção da Egreja. O sacerdote primeiro dizia missa; depois dirigiam-se todos para o engenho. os brancos debaixo de chapeus de sol, lentos, solemnes. senhoras gordas, de mantilha. Os negros contentes. já pensando em seus batuques á noite. Os muleques dando vivas e soltando foguetes. O padre traçava cruzes no ar com o hyssope, aspergia as moendas com agua benta — muitos escravos fazendo questão de ser tambem salpicados pela agua sagrada. Seguiam-se outros gestos lentos do padre. Phrases em latim. Ás vezes discurso (2). Depois de todo esse cerimonial, é que se col-

(1) MS encontrado no archivo do Capitão-mór Manoel Thome de Jesus; no Engenho Noruega (Pernambuco).

(2) O illustre pregador sacro do seculo XIX padre-mestre Lino do Monte Carmello Luna, ao benzer o engenho Maçauassú a 4 de

locavam entre as moendas as primeiras cannas maduras, atadas com laços de fita verde, encarnada ou azul. Só então o trabalho começava nos engenhos patriarchaes. Foi assim desde o seculo XVI. Já o padre Cardim observara dos senhores de engenho pernambucanos: «Costumavam elles a primeira vez que deitam a moer os engenhos benzel-os, e neste dia fazem grande festa, convidando uns aos outros. O padre, á sua petição lhes benzeu alguns, cousa que muito estimaram» (1). Seguiam-se á benção dos engenhos, banquetes de senhores nas casas-grandes, comezaina e dansas dos escravos no terreiro. Festas até de madrugada. Banquetes de vitellas, porcos, gallinhas, perús. Tudo sob a benção da Igreja: não consagrava esta «nos seus ritos uma cerimonia ecclesiastica chamada vulgarmente Ladainhas de Maio, que não são mais de que preces a Deus pela prosperidade das searas?» (2).

Ao sentirem approximar-se a morte, pensavam os senhores nos seus bens e escravos em relação com os filhos legitimos seus descendentes; os testamentos accusam a preoccupação economica de perpetuidade patriarchal atravez dos descendentes legitimos. Mas accusam — ás vezes em antagonismo com esse espirito de perpetuidade e de legitimidade — um vivo sentimento christão de ternura pelos bastardos e pelas negras. Jeronymo de Al-

---

Novembro de 1868 pronunciou uma allocução que foi muito applaudida e publicada depois em folheto; «A benção do Engenho Maçauassú», Recife 1869. E' o elogio do senhor de engenho patriarchal. «E' sempre bella e aprazivel a reunião familiar composta de pae, de esposo, de filhos, de irmãos», começou dizendo o padre-mestre Lino. Mas ao mesmo tempo faz elogio da machina; do progresso industrial representado, no momento, por «um sistema de serviço, adoptado na casa da moenda deste Engenho, isto é, à facilidade com que um simples carro sobre trilhos de ferro recolhe todo o bagaço que sae da moenda, e com impulso de um fragil braço corre ao logar competente para o depositar». Significava o novo systema grande economia de escravos. Regulava por essa epoca o numero de escravos ao serviço de um bom engenho em cem ou duzentos. Já no seculo XVI Cardim observara que nos engenhos da Bahia precisava-se, no minimo, de sessenta escravos; «mas os mais delles têm cento e duzentos escravos de Guiné e da terra». (*Tratado*, cit.). O padre Luna fazia o elogio de duas cousas inconciliaveis: a familia patriarchal e a machiná.

(1) Cardim, *Tratado*, cit.

(2) Introducção á «*Benção do Engenho Maçauassú*», cit.

buquerque determina no seu testamento, datado de Olinda, «aos treze dias do mez de Novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e oitenta e quatro»: «Mando que se dê a todos os meus filhos naturaes solteiros quinhentos mil réis para entre si repartirem irmãmente». E dirigindo-se aos filhos legitimos: «No segundo lugar lhes encommendo todos os seus Irmãos e Irmães naturaes e para isto lhes baste entender, e saber, que são meus filhos...» Preoccupado com a paz de sua alma de grande peccador pede Jeronymo á «Virgem Nossa Senhora, e a todos os Santos, e Santas da Côrte dos Céos, que quando a minha alma do meu corpo sahir a queiram apresentar diante da Magestade Divina»; e «ao Sr. Provedor e Irmãos da Santa Misericordia» que acompanhem seu corpo «á Egreja que tenho no meo Engenho de Nossa Senhora da Ajuda onde tenho minha sepultura»; e determina varias maneiras de ser dividido seu dinheiro — esmolas de cincoenta mil réis aos irmãos da Misericordia, de vinte cruzados aos pobres; officios de lições cantadas em intenção de su'alma; trinta mil réis para um alampadario de prata destinado á Capella do engenho; vinte cruzados á Confraria do Santissimo Sacramento; seis ou tres mil reis a outras confrarias. Uma grande dispersão de dinheiro, em prejuizo da perpetuidade e cohesão patriarchal dos bens nas mãos dos filhos legitimos (1).

Raro o senhor de engenho que morreu sem deixar alforriados, no testamento, negros e mulatos de sua fabrica. É verdade que «o alforriado — observa Alcantara Machado, referindo-se aos escravos das fazendas de São Paulo, nos seculos XVI e XVII — é muita vez um bastardo, fructo dos amores do testador ou de pessôa da familia com uma negra da casa» (2). Bastardos e filhos

(1) Transcripto por Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, «Nobiliarchia Pernambucana», (1777), cit.

(2) Alcantara Machado — *Vida e morte do bandeirante*, São Paulo 1930. O livro do professor Alcantara Machado é um excellente estudo dos inventarios processados em São Paulo de 1578 a 1700.

naturaes — que senhor de engenho não os deixou em grande numero? Rarissimo o patriarcha do tempo da escravidão, que no momento de «descarregar a consciencia», poude seraphicamente escrever como em Pernambuco Manoel Thomé de Jezus: «Em nome de Deus, Amen. Padre Filho Espirito Santo, Tres Pessoas Distinctas e hum só Deos verdadeiro. Saibão quantos este testamento virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos cincoenta e cinco, aos dois dias do mez de Outubro do dito anno, eu Manoel Thomé de Jezus, estando em meo perfeito juiso e em casa de minha moradia no engenho novo da Noruega, freguezia de Nossa Senhora da Escada, etc... faço o meu solemne testamento na forma, modo e maneira seguinte». (Segue-se a encommendação da alma do grande devoto e escrupuloso Catholico a N. S. Jesus Christo, «meo Redemptor, Salvador e Glorificador», a Maria Santissima Nossa Senhora, ao Archanjo São Miguel, «Principe da Côrte do Céo, e aos seus companheiros principaes que alli estão sempre na presença de Deus e a cumprirem as suas ordens, São Gabriel, São Rafael, São Uriel, São Theatriel e São Baraquiel» — para virem então as declarações impressionantes: «*declaro que tenho sido cazado tres vezes sempre em face da Igreja*»... e: «*por não ter filho nenhum natural ou bastardo...*» A ultima declaração, verdadeiramente sensacional para a epoca.

Determinou Manoel Thomé que, por morte de seu neto André, ficassem forros varios escravos: um delles, Felippa, mulata, mulher de Vicente, por ter dado bastantes crias» (1). A glorificação do «ventre gerador». E seguem-se numerosas dotações a confrarias e igrejas.

Em 1866 escreveu Perdigão Malheiro no seu «ensaio historico-juridico-social» *A Escravidão no Brasil:* «Em testamentos e codicillos é commum a concessão de alforrias: posso mesmo attestar como Procurador dos Fei-

(1) Testamento do capitão-mór Manoel Thomé de Jezus. MS no archivo do Engenho Noruega.

tos nesta Côrte que raro é aquelle de pessoa que possue escravos, em que algum não seja libertado, e melhor o attesta o registro da Provedoria». O mesmo podemos dizer dos testamentos do seculo XIX que nos foi possivel examinar em Pernambuco não só em archivos de engenhos, como em cartorios mais antigos, e dominando regiões escravocratas.

Desde o tempo de Jeronymo de Albuquerque, cunhado do fundador da capitania de Pernambuco, ao de Manoel Thomé de Jezus, capitão-mór por graça de Dom João VI, patriarcha que veio a morrer de uma ferida na perna, aos oitenta e um annos de edade, depois de uma vida que tanto teve de severa quanto a de Jeronymo de dissoluta e libertina — foi costume sepultarem-se os senhores e pessôas da familia quasi dentro de casa: em capellas que eram verdadeiras puxadas da habitação patriarchal. Os mortos ficavam na companhia dos vivos: até que os hygienistas, já no segundo Imperio, começaram a perguntar: «até quando persistirá a triste prerogativa dos mortos envenenarem a vida dos vivos?» (1).

Os enterros faziam-se á noite, com grandes gastos de cêra: com muita cantoria dos padres em latim; muito chôro das senhoras e dos negros. Que estes ficavam sem saber que novo senhor a sorte lhes reservava; e choravam não só com saudades do senhor velho, como pela incerteza do seu proprio destino.

Ewbank descreve-nos o luxo dos enterros de gente fidalga no Rio de Janeiro; o vaidoso apparato da toi-

---

(1) «Discurso inaugural que na sessão publica da installação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro recitou José Martins da Cruz Jobim» — Rio de Janeiro 1830. Já em 1808 Manoel Vieira da Silva nas suas «Reflexões para melhorar o clima do Rio de Janeiro» salientara a necessidade de prohibir-se o sepultamento dentro das igrejas. Tambem em 1812 José Corrêa Picanço, na monographia: «Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e seos contornos». Só em 1838 o Codigo Municipal do Rio de Janeiro consignou a prohibição absoluta de enterramentos «dentro das egrejas, ou nas sachristias, claustros dos conventos», etc. (Antonio Martins de Azevedo Pimentel, *Subsidios para o Estudo da Hygiene do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro 1890. Noutros pontos do Brasil a pratica anti-hygienica continuou ainda por longos annos.

lette dos defuntos — fardas, uniformes, sedas, habitos de santos, condecorações, medalhas, joias; as criancinhas muito pintadas de rouge, cachos de cabello louro, azas de anjinhos: as virgens, de branco, capella de flôr de laranja, fitas azues (1). Nesse luxo de dourados, rouge, sedas eram os defuntos conduzidos para as sepulturas nas igrejas; igrejas que nos dias humidos ficavam fedendo horrivelmente a pôdre, os defuntos só faltando estourar das covas (2).

Os negros, é claro, não se enterravam envolvidos em sedas e flores, nem dentro das igrejas. Enrolavam-se seus cadaveres em esteiras; e perto da capella do engenho ficava o cemiterio dos escravos, com cruzes de pau preto assignalando as sepulturas. Quando eram negros já antigos na casa morriam como qualquer pessôa branca: confessando-se, commungando, entregando a alma a Jesus e a Maria; e a São Miguel, São Gabriel, São Rafael, São Uriel, São Theatriel, São Baraquiel. Archanjos louros que devem ter acolhido os pretos velhos como São Pedro á negra Irene do poema de Manuel Bandeira: «entra Irene! entra Cosme! entra Benedicto! entra Damião!» Alguns senhores mandavam dizer missa por alma dos escravos de estimação (3); enfeitavam-lhes as sepultura de flores; choravam com saudade delles como se chora com saudade de um amigo ou de um parente querido. Mas havia tambem muito senhor bruto. E na cidade, com a falta de cemiterios durante os tempos co-

---

(1) Thomas Ewbank — *Life in Brazil, or a Journal of a Visit to the Land of Cocoa and the Palm*. New York 1856.

(2) «As catacumbas do Carmo, São Pedro, São Francisco de Paula empestão, assim como as outras Igrejas, os lugares circumvisinhos pois as emanações se filtrão ao travez das paredes. As que escapão das catacumbas do ultimo dos referidos templos são até sensiveis ao olfato de quem transita pela rua do Cano, proximo aos fundos da Igreja». (*Relatorio da Commissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro sobre as Causas de Infecção da Atmosphera da Côrte, Rio de Janeiro, 1832*. A proposito veja-se tambem Walsh, *Notices of Brazil*, cit.

(3) «E costumavão (muitos senhores) fazer-lhes administrar os ultimos sacramentos, encommendar antes de serem dados á terra e suffragar depois a sua alma» (Perdigão Malheiro, *op. cit.*).

loniaes, não era facil aos senhores, mesmo caridosos e christãos, darem aos cadaveres dos negros o mesmo destino piedoso que nos engenhos. Muitos negros foram enterrados na beira da praia: mas em sepulturas rasas, onde os cachorros quasi sem esforço achavam o que roer e os urubús o que pinicar. Maria Graham, na praia entre Olinda e Recife, viu horrorisada um cachorro desenterrar o braço de um negro. Segundo Mrs. Graham nem mesmo sepulturas rasas se davam aos «negros novos»: estes, atados a pedaços de pau, eram atirados á maré. É um ponto, esse, em que se pode accusar a Igreja, os padres e as Misericordias no Brasil de não terem cumprido rigorosamente seu dever (1).

Outro ponto houve em que a doutrina da Igreja e os interesses dos senhores de escravos por algum tempo andaram em conflicto: em relação á guarda do domingo nos engenhos de canna. Loreto do Coutto dedica ao assumpto um capitulo inteiro do seu livro, *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco* concluindo por não achar «culpa mortal trabalharem nos Domingos e dias santos os officiaes de assucar, e escravos dos senhores de Engenho do Brasil». Isto devido ao facto, allegado por todo o plantador de canna e fabricante de assucar, da moagem depender do tempo de verão: «...porque entrando o inverno com as suas chuvas ou pejão os Engenhos, e ficão as cannas no campo, ou essas cannas faltam com o rendimento por ficarem aguosas, e insulsas, porque de maduras as tornam verdes, rasão por onde se sente claramente a falta de rendimento». E «alem desta necessidade — accrescenta Dom Domingos, na sua defesa dos senhores de engenho — ha outras varias cousas pelas

---

(1) Creados pela Misericordia, os primeiros cemiterios para negros, indigentes e herejes, a situação melhorou. Mas eram cemiterios immundos. Do Cemiterio da Misericordia na Côrte informa um documento de 1832 que os cadaveres eram «atirados aos montes em hum grande vallado», sendo «mal cobertos de terra e ainda peor socadas as camadas que della lhes lanção». Faziam-se exhumações antes de tempo: «os ossos sahem ainda pegados pelos ligamentos e capsulas e a putrilagem dos outros tecidos brandos sahe como lama nas enxadas» (*Relatorio da Commissão de Salubridade Geral*, cit.).

quaes se excusão de peccado mortal os que trabalhão em taes dias, como são o costume, a utilidade, temor de perder grande lucro, e outras semelhantes das que apontão os Doutores, as quaes todas, ou quasi todas se achão juntas e unidas no nosso caso» (1). Deve-se observar, de passagem, que os frades da Ordem a que pertenceu Dom Domingos — a de São Bento — e tambem do Carmo, foram no Brasil grandes proprietarios de terras e de escravos. Frades — senhores de engenho. Os de São Bento tratando muito bem os seus negros; deixando os mulequinhos brincar a maior parte do dia; cuidando dos negros velhos, arrumando os casamentos entre as raparigas de quatorze e quinze annos e os rapazes de dezesete ou dezoito; facilitando a alforria aos diligentes (2). Os do Carmo parece que nem sempre primaram pelo bom tratamento dispensado aos escravos; um delles, na Bahia, acabou assassinado de modo barbaro: cortado em pedacinhos pelos negros.

Nem todos os senhores de escravos seriam capazes de pedir aos seus bispos — como o capitão-mór de Noruega a Dom João da Purificação Marques Perdigão — dispensa para si e para os negros dos dias de abstinencia. Para alguns, os dias de jejum devem ter representado um elemento de equilibrio em sua vida precaria; dias de economia não só das despesas de carne, mas de toda a comida forte. Dias de peixe secco e farinha. Presos á tradição peninsular — não fossemos nós descendentes dos *comedores de rabanos* que Clenardo retratou de modo tão cruel — muitos dos nossos avós menos opulentos sacrificaram o conforto domestico e a alimentação da familia e dos negros á vaidade de apparentarem grandeza. Uns cobrindo de joias os Santos seus padroeiros e as pretas suas amantes; outros ostentando sedas e velludos pelas ruas e igrejas. E os negros da lavoura, e ás vezes até os domesticos, mulambentos ou quasi nús —

---

(1) Loreto do Coutto — *Desaggravos do Brasil, etc.*, cit.
(2) Koster, *Travels*, cit.

sobretudo depois que o tratado de Methuen tornou caríssimos os pannos em Portugal e no Brasil. O bispo de Pernambuco Dom Frei José Fialho chegou a recommendar aos reverendos parochos que prohibissem de entrar nas igrejas negras semi-nuas; considerou-as em estado de «deploravel indecencia». «Tambem advertimos aos senhores de escravas não consintão que estas andem deffpidas como vulgarmente coftumão mas sim cobertas com aquelle ornato que seja baftante para cobrir a provocação da sensualidade...». Isto em pastoral de 19 de Fevereiro de 1726 (1). A 16 de Agosto de 1738. em nova carta aos seus parochianos, insistiu no assumpto; desta vez não só reprovando nos senhores de escravos a desnudez de certas negras como o facto de outras «trazerem aberturas grandes nas saias, e que vulgarmente chamam maneiras...». Os enfeites ficaram prohibidos «sob pena de excommunhão maior» (2).

Cem annos depois, os annuncios de escravos fugidos do *Diario de Pernambuco* esclarecem-nos sobre a indumentaria dos domesticos das familias pernambucanas: uns ainda semi-núS, isto é, «só de tanga»; a maioria, porém, de «camisa de baeta encarnada e ceroula de algodão»; ou de «calça e camisa de estopa»; ou de «camisa de algodão grosso e calça de ganga». Mulecas de vestido de «panno da Costa com listras vermelhas»; pretas velhas de «vestido de chita roxa, saia lila, preta por cima, panno da Costa azul com matames brancos, e lenço azul amarrado na cabeça» (3). Alguns negros de argolla na orelha — ornamentação de sua terra que aqui lhes foi permittido conservar.

Le Gentil de La Barbinais escreveu que si não fossem os santos e as amasias os colonos, no Brasil, seriam

---

(1) MS do archivo da Cathedral de Olinda, cit.

(2) Pastoral de Dom Frei Fialho «dada nesta vila de S. Antonio do Recife... aos 16 dias do mez de Agosto de 1738». MS. archivo da Cathedral de Olinda.

(3) Collecção do *Diario de Pernambuco*. A phase 1825-1850 é a mais interessante para o estudo dos annuncios de negros fugidos e de compra e venda de escravos.

muito ricos (1). Mas todo o dinheiro era pouco para fazerem figura nas festas de igrejas, que se realizavam com uma grande pompa — procissões, foguetes, cera, incenso, comedias, sermões, danças — e no adorno das femeas; das negras e mulatas cheias de balagandans e tetéas de ouro.

Grandes comezainas por occasião das festas; mas nos dias communs, alimentação deficiente, muito lorde falso passando até fome. Tal a situação de grande parte da aristocracia e principalmente da burguesia colonial brasileira e que se prolongou pelo tempo do Imperio e da Republica. O mesmo velho habito dos avós portugueses, ás vezes guenzos de fome, mas sempre de roupa de seda ou velludo, dois, tres, oito escravos atraz, carregando-lhes escova, chapeu de sol e pente. Na India encontrou Pyrard fidalgos lusitanos que se revesavam no uso de um só trajo de seda — um fidago ostentando a seda nas ruas, dois permanecendo em casa em trajes menores. Ainda hoje se encontra no brasileiro, muita simulação de grandeza no vestuario e em outras exterioridades, com sacrificio do conforto domestico e da alimentação diaria. Os estudantes das escolas superiores foram até pouco tempo uma mocidade alimentada irregularmente, alguns passando fome do dia 15 até o fim do mez, e quasi todos morando em «republicas» sem conforto nenhum — apenas redes penduradas das paredes, cabides para a roupa e caixões de kerozene para os tres ou quatro livros indispensaveis. Mas na rua, uns principes, de fraque e cartola; fumando charutos; ostentando amantes caras; andando de victoria.

O que nem o português, nem o brasileiro, nunca sacrificaram a interesse nenhum, foi o culto faustoso de

---

(1) Escreve La Barbinais dos luso-brasileiros: «... ils dépenfent le revenu d'une année en courfes de Taureaux, Comédies, en Sérmons, en ornemens d'Eglife & ils meurent de faim le refte de l'année. Si on ôtoit aux Portugais leurs Saints & leurs maitreffes, ils devientroient riches». (Le Gentil de la Barbinais — *Nouveau Voyage au tour du Monde par M.Le Gentil enrichi de plufieurs Plais. Vues & Perspectives des principales Villes & Ports du Perou, Chily, Brèsil & de la Chine — A Amsterdan* MDCCXXVIII).

Venus. E particularmente o da Venus fusca. Frizier lembrou-se na Bahia do seu Ovidio:

« Est etiam fusco grata colore Venus » (1).

E Froger reparou nos brasileiros. « Ils aiment le fexe à la folie... » (2).

E não apenas os simples christãos: tambem frades e ecclesiasticos Que muitos levaram a mesma vida turca e sensual dos senhores de engenho, sob a provocação de mulatinhas e negras da casa se arredondando em moças, de mulecas criando peitos de mulher; e tudo facil, ao alcance da mão mais indolente. Foi decerto um dos motivos de Antonil recommendar aos capellães que morassem « fóra da casa do senhor do engenho ». Fóra da casa-grande — antro de perdição. E mesmo morando em casinha a parte, que não tivessem escrava para seu serviço sinão velha ou adiantada em edade. A mesma recommendação de Dom Frei José Fialho aos reverendos parochos de Pernambuco: que não tivessem escravas em casa de « menos de quarenta annos ». De quarenta annos para cima já não se consideravam as negras perigosas.

Talvez não tenha sido tão preciso o severo Dom Frei José na fixação da edade perigosa das escravas. Parece que as negras não ficam velhas tão depressa, nos tropicos, como as brancas; aos quarenta annos dão a impressão de corresponder ás famosas mulheres de trinta annos dos paizes frios e temperados. Uma preta quarentona é ainda uma mulher apenas querendo ficar madura; ainda capaz de tentações envolventes.

(1) *Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chily et du Perou, fait pendant le anneés 1712, 1713 e 1714... par M. Frizier. Ingenieur ordinaire du Roy* — Paris MDCCXV.

(2) *Relation d'un voyage Fait em 1695, 1696 e 1697 aux Côtes d'Afrique, Detroit de Mazallan, Brésil, Cayenne & les Isles Antilles par une Efcadre des Vaiffeaux du Roy commandée par Monfieur de Gennes, faite par le Sieur & Froger...* Paris MDCC. Sobre o Recife escreve Pierre Moreau que no tempo de sua permanencia nesta cidade tropical — meiados do seculo XVII — foi lugar onde « ... tous les vices y eftoint en vogue... » Durante o dominio hollandez diz Moreau que christãos e judeus « faifoint commerce non seulement des

Notou Le Gentil de la Barbinais, que aqui esteve em principios do seculo XVIII, a preferencia quasi morbida dos colonos pelas negras e mulatas: « Les portugais naturels du Brésil préfèrent la poffession d'une femme noir ou mulâtre à la plus belle femme. Je leur ai fouvent demandé d'ou procedait un gout fi bizarre mais ils l'ignorent eux-mêmes. Pour moi je crois qu'élevez & nourris par ces Efclaves, ils en prennent l'inclination avec le lait ». Nada menos que a theoria de Calhoun applicada aos anglo-americanos do Sul dos Estados Unidos — louros finos em quem se desenvolveu a mesma accentuada predilecção por negra e mulata. Ficaram celebres os bailes de quadraronas e mulatas de Nova Orleans em que os rapazes das melhores familias brancas iam farejar amantes de côr.

Le Gentil de la Barbinais particulariza um caso curioso dentre os que observou no Brasil do seculo XVIII: o de uma encantadora mulher de Lisbôa casada com um luso-brasileiro. Em pouco tempo separou-os profunda discordia, o brasileiro despresando a lisbôeta pelo amor de uma negra que não teria merecido « as attenções do mais feio preto de toda a Guiné ». A opinião é do francês — nostalgico, talvez, das parisienses de cabello louro e pelle sardenta.

O intercurso sexual de brancos dos melhores stocks — inclusive ecclesiasticos, sem duvida nenhuma dos elementos mais selectos e eugenicos na formação brasileira — com escravas negras e mulatas foi formidavel. Resultou dahi grossa multidão de filhos illegitimos — mu-

---

enfans efclaves qu'ils permettoiant aux negres de venir abufer en leurs maisons mais encore de ceux que avoint efté engendez de leur propre fang avec les negrines lesquelles debauchoient & tenoient comme concubines, vendoint & acheptoint, como l'on fait ici avec les veaux & les moutons ». Accrescentando que todos — e não somente os portugueses, reinoes ou creoulos — levavam aqui vida lasciva e escandalosa: « . . . Juifs Chrestiens, Portugois, Hollandois, Anglois, François, Allemands, Negres, Bresiliens, Tapoyos, Molates, Mammelus & Crioles habitoint pefle — mefle, fans parler des inceftes & pechez contre nature pour lefquels plufieurs Portugois coinvaincus furent executez à mort ». *(Histoire des Derniers Troubles du Brésil*, Paris MDCLI).

latinhos creados muitas vezes com a prole legitima, dentro do liberal patriarchalismo das casas-grandes; outros á sombra dos engenhos de frades; ou então nas «rodas» e orphanatos.

O grande problema da colonização portuguesa do Brasil — o de gente — fez que entre nós se attenuassem escrupulos contra irregularidades de moral ou conducta sexual. Talvez em nenhum paiz catholico tenham até hoje os filhos illegitimos, particularmente os de padre, recebido tratamento tão doce; ou crescido em circomstancias tão favoraveis. Dos filhos illegitimos, recolhidos nos numerosos orphanatos coloniaes, observou La Barbinais: «Ces fortes d'enfants font fort confiderez dans ce Pais: le Roi les adopte, & les Dames les plus qualifiées fe font un honneur de les retirer dans leurs maifons, & de les élever comme leurs propres enfans. Cetté charité eft bien louable mais elle eft fuyette à bien des inconvenens». Mais dignos de admiração eram porém os meninos nascidos nas senzalas e creados em casa, misturados aos brancos e legitimos.

No seculo XVI, com excepção dos jesuitas — donzellões intransigentes — padres e frades de ordens mais relassas, em grande numero se amancebaram com indias e negras; os clerigos de Pernambuco e da Bahia escandalizando o padre Nobrega. Atravez dos seculos XVII e XVIII e grande parte do XIX continuou o livre arregaçar de batinas para o desempenho de funcções quasi patriarchaes, quando não para excessos de libertinagem com negras e mulatas. Muitas vezes por traz dos nomes mais seraphicos deste mundo — Amor Divino, Assumpção, Monte Carmello, Immaculada Conceição, Rosario — dizem-nos certos chronistas que, em vez de ascetas angustiados pelo voto de virgindade, floresceram garanhões formidaveis. O padre La Caille ficou horrorizado com a libertinagem dos frades no Rio de Janeiro (1).

---

(1) La Caille, cit.

Froger, que esteve no Rio de Janeiro antes de La Caille — no seculo XVII — informa que não sómente os burgueses, mas os religiosos, ostentavam amantes; le Gentil de la Barbinais escreve que na Bahia religiosos e frades seculares mantinham commercio publico com mulheres, accrescentando: «...on les connoit plûtôt par le nom de leurs Maitreffes que par celui qu'ils ont». E mais: «Ils courent pendant la nuit traveftis les uns en femmes en habits d'Efclaves, armez de poignards & d'armes encore plus danzereufes. Les couvens mêmes... fervent de retraite aux femmes publiques». O auctor das «Revoluções do Brasil», referindo-se ao seculo XVIII, conta horrores dos conventos: «centros ...de ignorancia atrevimento, e libertinagem de costumes». Carmelitas, benedictinos, franciscanos, marianos, barbinos italianos, congregados do Oratorio — a todos accusa de safadezas. Deve haver, porém, exaggero tanto nesse pamphleto como no relatorio do Padre Bento José Cepeda, sobre os jesuitas, documento que se conserva nos archivos do Instituto Historico Brasileiro; ahi foi colher Luiz Edmundo a informação de que um jesuita, em solemnidade do Carmo, teria pedido ao povo «uma Ave Maria para a mulher do bispo que está em trabalho do parto»; que outro, certo Victor Antonio, teria por costume tomar da cabelleira do Senhor dos Passos e ir com ella disfarçado para a pandega. O padre Lopes Gama, no *Carapuceiro*, não poupou fradinhos de mão furada; retratou-os ou antes caricaturou-os, de maneira cruel.

Maria Graham teve má impressão do clero brasileiro nos principios do seculo XIX: mas fala do assumpto quasi de oïtiva, pelo que ouviu dizer, em Pernambuco. Não perdoou aos padres o estado de abandono do collegio e da bibliotheca de Olinda (1).

Mas os ecclesiasticos libertinos — padres e frades que andavam escandalosamente com mulheres da vida, es-

---

(1) Maria Graham — *Journal*, cit. — Veja-se tambem o que diz no seu relatorio a Sua Santidade o bispo de Pernambuco Dom Frei Luiz de Santa Thereza referindo-se ao estado do

quecidos de Deus e dos livros — não se pode affirmar que tenham sido o maior numero; houve sacerdotes que impressionaram protestantes ingleses como Mathison pela sua vida pura e santa; a Koster, pelo seu saber e por suas preoccupações elevadas; a Burton, pela sua bondade e instrucção (1). Outros tiveram *comadres;* mas discretamente quasi sem peccado. Vivendo vida como de casado: creando e educando com esmero os *afilhados* ou *sobrinhos.* Sem perderem o respeito geral (2).

Dessas uniões, muitas foram com mulheres de côr, escravas ou ex-escravas; outras, porém, com moças brancas ou brancaronas, verdadeiros typos de belleza, do ponto de vista aryano (3). Não insistimos neste ponto com o

---

clero no seculo XVIII. (Conego José do Carmo Baratta — *Historia Ecclesiastica de Pernambuco,* Recife 1922). O relatorio de Dom Frei Luis de Santa Thereza, de que se conserva copia no archivo da Cathedral de Olinda, é documento interessantissimo. E' pena que esteja ainda inedito e sem traducção portuguesa.

(1) Richard Burton, insuspeito de parcialidade a favor da Igreja, observou que em geral os extrangeiros exaggeravam, nas suas criticas aos padres brasileiros («As a rule they are grossly and unworthly abused by foreigners, especially by English catholics, who as a rule are Ultramontanes») Burton achou-os «sufficiently elevated in point of education above their flocks». E alem disto — liberaes, bondosos e hospitaleiros. Lembra que da mesma opinião fôra Liais que escrevera do clero brasileiro: «J'ai eu occasion, á Olinda, surtout, de voir souvent des prètres très recommendables sous les rapports». (Richard Burton, *The Highlands of the Brazil,* cit.).

(2) Notou Richard Burton o facto dos parochianos pouco caso fazerem do facto dos vigarios terem mulher ou «caseira». «O clima — escreve elle — não é favoravel á castidade; a raça, especialmente quando cruzada, é material inflammavel; e a influencia, desde cedo, dos escravos, por palavras e acções, não conduz ao decoro. Quasi não preciso dizer que o celibato do clero é questão puramente de disciplina...» «Por outro lado — accrescenta com preconceitos de liberal á maneira do seculo XIX mas ao mesmo tempo com o sentido exacto das necessidades brasileiras — a dignidade superior do ascetismo, da virgindade esteril, quer forçada, quer voluntaria, é uma idea que repugna á razão e ao bom senso, especialmente num paiz novo, onde a polygamia se justifica moralmente, os males sendo mais do que compensados pelos beneficios». (Richard Burton. *The Highlands of the Brazil,* cit.).

(3) Alexander Calcleugh conheceu em Minas um velho padre, Antonio Freitas, cuja «caseira» salientou ser uma bella mulher, de lindos olhos pretos (Calcleugh, *Travels,* cit.). Annos depois Burton esteve na casa-grande que foi do padre Freitas; ahi soube que a alma do padre costumava não só apparecer, mas vir abastecer-se de iguarias no guarda-comida. Um antigo escravo do padre, Pedro, com a cabe-

fim de accentuar a fraca vocação para o ascetismo do clero colonial — deficiencia que, no caso das ligações de parochos com *comadres*, foi largamente compensada pelas virtudes patriarchaes que souberam desenvolver e cultivar. Nossa insistencia visa outro fim: accentuar que á formação brasileira não faltou o concurso genetico de um elemento superior, recrutado dentre as melhores familias e capaz de transmittir á prole as maiores vantagens do ponto de vista eugenico e de herança social. Dahi o facto de tanta familia illustre no Brasil fundada por padre ou cruzada com sacerdote; o facto de tanto filho e neto de padre, notavel nas lettras, na politica, na jurisprudencia, na administração.

Baseado em Lapouge, Alfredo Ellis (Junior) inclue a «selecção religiosa» entre as forças ou influencias que teriam feito diminuir «a potencialidade eugenica» do paulista (1). A Igreja teria subtrahido á procreação individuos dotados de altas qualidades de espiritualidade concorrendo assim para sua propria decadencia. Alfredo Ellis (Junior) imagina resultados ainda «mais funestos» da selecção religiosa exercida pelo catholicismo sobre a familia brasileira: «...tambem afastou da reproducção os elementos de maior valor cerebral, diminuindo assim a força do intellecto da população, visto como era costume, entre as familias paulistas, dedicarem á carreira sacerdotal o filho que maiores pendores manifestasse pelas cousas intellectuaes. Seguindo esse destino, os melhores elementos das familias sob esse ponto de vista, deixavam de se reproduzir, só o fazendo os que não tinham mostrado tendencia ás cousas do intellecto». Discordamos neste ponto do sociologo paulista. Si é certo

---

cinha já toda branca, tinha o cuidado de deixar carne na mesa para o espirito do seu senhor, que dava mostras de não se ter saciado das delicias terrenas. Gardner encontrou no Ceará um vigario, homem de 70 para 80 annos, que era um patriarcha completo, com seis filhos. Um destes, tambem padre, fôra presidente de Provincia e era Senador do Imperio. Amigado com uma prima, della houvera dez filhos. E era pae de outros, avulsos. (*Gardner, Travels*, cit.).

(1) Alfredo Ellis (Junior), *Raça de Gigantes*, cit.

que foi elevadissimo o numero de sacerdotes e frades sahidos das melhores casas coloniaes — em geral a flôr, a expressão intellectual mais fina de cada familia — não nos parece que todo esse superior potencial eugenico tenha sido abafado e esterilizado pela «selecção religiosa». Lapouge refere-se á influencia da Igreja naqulles meios em que o ascetismo ou o celibato é rigorosamente observado pelo clero. Não foi de modo nenhum o caso brasileiro. Raros, entre nós, os ecclesiasticos que se conservaram estereis; o grande numero contribuiu liberalmente para o augmento da população, reproduzindo-se em filhos e netos de qualidades superiores. O facto allegado por Alfredo Ellis (Junior) dos paulistas se virem revelando «no passado, muito mediocres no concernente ás funcções cerebraes» parece-nos derivar-se de outras causas, ainda indeterminadas. A verdade é que a «selecção religiosa», de que fala Lapouge, mal se fez sentir no Brasil. São numerosos os casos de brasileiros notaveis, filhos de padre.

E notaveis não só pelo talento ou a cultura, como pela excellente conducta moral. Ainda hoje netos de padre se salientam na politica, nas letras, na diplomacia. Poderiamos citar o nome de notavel romancista do tempo do Imperio, o de sabio jurisconsulto, ainda vivo, o de illustre hygienista dos começos da Republica, o de eminente diplomata collaborador de Rio Branco. Não são duas, nem tres, porém, varias as familias que no Brasil se entroncam em padre, ou se derivam de vigario ou parocho. Na ascendencia do ramo de uma das mais finas — a dos Andradas — encontra-se, informa Alberto de Souza, a figura respeitavel de velho sacerdote colonial: o Revmo. Padre Patricio Manuel Bueno de Andrade, rico proprietario em Santos, cuja filha D. Maria Sebinda casou-se com um primo, Francisco Xavier da Costa Aguiar, recolhendo a familia legitima a fortuna do velho ministro da Igreja (1).

---

(1) Alberto de Souza, *Os Andradas*, cit.

Luiz dos Santos Vilhena, o erudito professor regio de lingua grega nos tempos coloniaes, enxergava serio inconveniente no patriarchalismo torto dos clerigos. Ligando-se muitos, não com moças brancas ou brancaranas, cuja descendencia pudesse ser reabsorvida facilmente na familia antiga e legitima, mas com negros ou mulatas chapadas, resultava dahi a dispersão dos bens por mãos de mulatos. «Ha ecclesiasticos e não poucos — informa Vilhena — que por aquelle antigo e mao habito, sem lembraram-se do seu estado e caracter, vivem assim em dezordem com mulatas e negras de quem por morte deixam os filhos por herdeiros de seus bens; e por estes e semelhantes modos vem a parar nas mãos de mulatos presumpçosos, soberbos e vadios muitas das mais preciosas propriedades do Brasil, como são aqui os engenhos que em breve tempo se destroem com gravissimo prejuiso do Estado...». Tão grave parecia a Vilhena o inconveniente, e tão generalizados deviam ser os casos de padres de fortuna amigados com negras e mulatas, que o professor de grego chamou para o facto a attenção de D. João VI: «sendo cousa bem digna da Real attenção de S. Magestade; porque, a não se obviar a virem os Engenhos e Fazendas a cahir nas mãos desses pardos naturaes, homens commumente estragados, e que estimam aquellas incomparaveis propriedades em tanto quanto lhes custam, a elles, pelo decurso dos tempos lhes hão de vir a cahir das mãos, e por consequencia a perder-se, bem como tem succedido á maior parte dos que por este modo tem vindo ao poder de donos desta natureza» (1). Talvez exaggerasse mestre Vilhena; de qualquer modo, na frequencia das uniões irregulares de homens abastados — negociantes, ecclesiasticos, proprietarios ruraes — com negras e mulatas, devemos enxergar um dos motivos da rapida e facil dispersão da riqueza nos tempos coloniaes, com prejuizo, não ha duvida, para a organização da economia patriarchal e para o Estado capitalista, mas

(1) Vilhena, *Cartas*, cit.

com decididas vantagens para o desenvolvimento da sociedade brasileira em linhas democraticas.

Accresce que a actividade patriarchal dos padres, embora exercida, muitas vezes, em condições moraes desfavoraveis, trouxe á formação genetica do Brasil a contribuição de um elemento social e eugenicamente superior. Homens das melhores familias e da mais alta capacidade intellectual. Individuos educados e alimentados como nenhuma outra classe. Em geral, transmittiram aos descendentes brancos, e mesmo mestiços, essa sua superioridade ancestral e de vantagens sociaes. Inclusive a da cultura intellectual e a de riqueza. É o que explica tanto filho de padre, cuja ascenção social, quando branco ou mestiço claro, tem se feito, sempre com grande facilidade, abrindo-se-lhes as profissões e carreiras mais nobres, ao mesmo tempo que os casamentos no seio das familias mais exclusivistas. Não é sem razão que a imaginação popular costuma attribuir aos filhos de padre sorte excepcional na vida. Aos filhos de padre, em particular, e aos illegitimos em geral. «Não ha nenhum que não seja...», diz a gente do povo. Querendo dizer: «Não ha nenhum que não seja feliz».

Aos bastardos, em geral, pode extender-se, é verdade, que sem a mesma intensidade, o que ficou dito dos filhos de padre: quando mestiços resultaram quasi sempre da união do melhor elemento masculino — os brancos afidalgados das casas-grandes — com o melhor elemento feminino das senzalas — as negras e mulatas mais bonitas, mais sadias e mais frescas.

Comte — não o philosopho da rue Monsieur le Prince, mas outro, Charles, que infelizmente não alcançou entre nós a mesma voga que Auguste — salientou este facto de grande significação para o estudo da formação brasileira: a ampla opportunidade de escolherem os senhores, nas sociedades escravocratas, as escravas mais bellas e mais sans para suas amantes: «les plus belles et les mieux constituées». Opportunidade que no Brasil já tivera o colonizador português com relação ás indias.

Dessas uniões pensa Charles Comte ter quasi sempre resultado, nos paizes de escravidão, o elemento melhor; cremos que diria «o mais eugenico» si em vez de ter escripto em 1833, escrevesse hoje, cem annos depois. «Les enfans nés de ces alliances — são palavras de Charles Comte — n'ont pas tous été affranchis; ce n'est cependant que par mieux qu'il y a eu de nombreux affranchissemens. Les personnes de cette classe auxquelles la liberté n'a pas été ravie, ayant été soustraites aux fatigues et aux privations des esclaves, et n'ayant pu contracter les vices que donne la domination, ont formé la classe la mieux constituée et la plus énergique» (1). Em vez de considerar os filhos de senhores com escravas individuos socialmente perigosos, reunindo os vicios dos dois extremos (2), considera-os Charles Comte livres dos inconvenientes, tanto de uma classe como de outra; e constituindo um feliz meio termo.

No Brasil, muito cria e mulatinho, filho illegitimo do senhor, aprendeu a ler e a escrever mais depressa que os meninos brancos, distanciando-se delles e habilitando-se aos estudos superiores. As tradições ruraes estão cheias de casos desses: de crias que subiram, social e economicamente, pela instrucção bem aproveitada, emquanto os meninos brancos só deram, depois de grandes, para lidar com cavallos e gallos de briga. Nas mãos desses brancos legitimos e não nas dos «pardos naturaes», tão desdenhados por Vilhena, é que se dispersou muita propriedade; é que se malbarataram fortunas accumuladas pelo esforço de duas, tres, quatro gerações.

---

(1) Charles Comte — *Traité de Législation ou Exposition des Lois Générales suivant lesquelles les Peuples Prospèrent, dépérissent ou Restent Stationnaires* — Paris MDCCCXXXV.

(2) A opinião mais generalizada. Recolheu-a no Brasil Mathison: «Parece (o mulato) unir aos vicios da vida selvagem os da vida civilizada sem contrabalançal-os com nenhum *stock* de virtudes caracteristicas; e as mulheres são tão notaveis quanto os homens pela violencia de suas paixões, que nenhum principio religioso ou de moralidade natural governa». (Gilbert Farqhar Mathison, *Narrative of a Visit to Brazil, etc.*, cit.). Da miscegenação, propriamente dita, pretendemos nos occupar em trabalho proximo.

Deve-se, entretanto, restingir nas affirmações de Charles Comte as vantagens que elle destaca nos filhos mestiços de senhores com escravas. Porque não faltam desvantagens: os preconceitos inevitaveis contra esses mestiços. Preconceitos contra a côr, da parte de uns; contra a origem escrava, da parte de outros.

Sob a pressão desses preconceitos desenvolve-se em muito mestiço evidente complexo de inferioridade que mesmo no Brasil, paiz tão favoravel ao mulato, se observa em manifestações diversas. Uma dellas, o emphatico arrivismo dos mulatos, quando em situação superior de cultura, de poder ou de riqueza. Desse inquieto arrivismo podem-se salientar duas expressões caracteristicas: Tobias Barretto — o typo do novo-culto, que recorda em tantos aspectos a curiosa figura de Luciano estudada por Chamberlain; e na politica, Nilo Peçanha. Por outro lado, ninguem mais reticente que Machado de Assis; nem mais subtil que o Barão de Cotegipe. Deste e de outros aspectos da miscegenação pretendemos nos occupar em ensaio proximo.

Attribuem alguns chronistas da escravidão grande importancia á prostituição das negras; mas das negras e mulatas exploradas pelos brancos. Affirma La Barbinais que até senhoras se aproveitavam de tão nefando commercio. Enfeitavam as mulecas de correntes de ouro, pulseiras, anneis e rendas finas, participando depois dos proventos do dia (1). Os negros e as pretas chamados de ganho serviram para tudo no Brasil: vender azeite de carrapato, bôlo, cús-cús, manga, banana, carregar fardos, transportar agua do chafariz ás casas dos pobres — trazendo de tarde os proventos para o senhor; e a acreditarmos em La Barbinais serviram até para isso... Mas, admittida uma excepção ou outra, não foram senhoras de familia, mas brancas desclassificadas, que assim exploraram as escravas. Ás vezes negrinhas de dez, doze an-

---

(1) Le Gentil de la Barbinais — *Nouveau voyage au tour du monde,* cit.

nos já estavam na rua se offerecendo a marinheiros enormes, grangazás ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses, com uma fome doida de mulher. E toda essa superexcitação dos gigantes louros, bestiaes, descarregava-se sobre mulequinhas; e além da superexcitação, a syphilis; as doenças do mundo — das quatro partes do mundo; as podridões internacionaes do sangue.

Em meiado do seculo XIX, reinando sobre o Brasil S. M. o Imperador Dom Pedro II, um homem tão casto e puro — typo do marido ideal para a rainha Victoria — em contraste com seu augusto pae que, muito brasileiramente, até negrinhas desvirginou e emprenhou — as ruas do Sabão e da Alfandega eram ainda peiores do que o Mangue de hoje: escravas de dez, doze, quinze annos mostrando-se ás janellas, semi-nuas; escravas a quem seus senhores e suas senhoras (geralmente *maîtresses de maison*) obrigavam — diz-nos um escripto da epoca — «a vender seus favores, tirando d'esse cynico commercio os meios de subsistencia» (1). Nas ruas da Bahia, diz-nos Vilhena, referindo-se aos ultimos annos de vida colonial, que era um horror: «Libidinozos, vadios e ociozos de hum e outro sexo que logo que anoitece entulhão as ruas, e por ellas vagão, e sem pejo nem respeito a ninguem, fazem gala de sua torpeza...». Refere-se ainda o professor de grego a «paes de familia pobres» — os nossos «brancos pobres» — que não deixando ás filhas outra herança sinão a da ociosidade e a dos preconceitos contra o trabalho manual, «depois de adultas se valem dellas para poderem subsistir...» (2). Mas o grosso da prostituição, formaram-no as negras, exploradas pelos brancos. Foram os corpos das negras — ás vezes meninas de dez annos — que constituiram, na architectura moral do patriarchalismo brasileiro, o bloco formidavel que de-

---

(1) João Alvares de Azevedo Macedo Junior — *Da Prostituição no Rio de Janeiro e da sua Influencia sobre a Saude Publica* (These sustentada no dia 6 de Dezembro de 1868 na augusta presença de Sua Magestade o Imperador), cit.

(2) Vilhena, *Cartas*, cit.

fendeu dos ataques e afoitezas dos donjuans, a virtude das senhoras brancas.

Burton lembra a relação entre Agapemone e a pureza dos lares; tanto mais opulento Agapemone, mais livres os lares do donjuanismo. A theoria de Bernard de Mandeville. Applicada ao Brasil patriarchal, dá realmente nisto: a virtude da senhora branca apoiou-se em grande parte, na prostituição da escrava negra. A familia, isto é, a mulher, não só em Minas, como no Brasil em geral, pareceu a Burton «excepcionalmente pura» («exceptionally pure»). Que não se julgasse a mulher brasileira pelos costumes da Côrte e das cidades, e sim pelos do interior. Nas provincias viviam as senhoras num systema de semi-reclusão oriental, é certo; mas dentro desse systema, eram mulheres de uma pureza rara. Pureza que o viajante inglês não hesitou em contrastar com as «flirtations» das moças inglesas antes do casamento, com a relativa liberdade das canadenses e das norte-americanas antes e depois de casadas (1). Mas somos forçados a concluir, antes de nos regosijarmos com os elogios de Burton á pureza das senhoras brasileiras do tempo de escravidão, que muita dessa castidade e dessa pureza manteve-se a custa da prostituição da escrava negra; a custa da tão calumniada mulata; a custa da promiscuidade e da lassidão estimulada nas senzalas pelos proprios senhores brancos.

«Oppoem-se alguns senhores aos casamentos dos escravos e escravas», escreveu o jesuita Andreoni — e não somente não fazem caso dos seus amancebamentos, mas quasi claramente os concentem, e lhes dão principio, dizendo: Tu Fulano a seu tempo casarás com Fulana: e dahi por diante os deixão conversar entre como si já fossem recebidos por marido, e mulher; e dizem que os não casão, porque temem que enfadando-se do casamento se matem logo com peçonha, ou com feitiço; não faltando entre elles mestres insignes». «Outros — escreveu ainda

(1) Richard Burton, *The Highlands of the Brazil*, cit.

o padre, referindo-se a senhores dos fins do seculo XVII — depois de estarem casados os escravos, os apartão de tal sorte por annos, que ficão como se fossem solteiros; o que não podem fazer em consciencia » (1).

Deve-se porém distinguir entre os escravos de trabalho agricola e os do serviço domestico — estes beneficiados por uma assistencia moral e religiosa que muitas vezes faltava aos do eito (2). Na maior parte das casas-grandes sempre se fez questão de negros baptizados, tendo-se uma como repugnancia supersticiosa a « pagãos » ou « mouros » dentro de casa, fossem embora simples escravos. E os testamentos e inventarios do seculo XIX referem-se frequentemente a negros casados: Fulana, mulher de Sicrano. Diz-nos Perdigão Malheiro que houve senhoras, de tal modo interessadas no bem estar dos escravos que levavam aos proprios seios mulequinhos, filhos de negras, fallecidas em consequencia de parto, alimentando-os do seu leite de brancas finas; que nos engenhos e fazendas varios escravos chegaram a unir-se pelo casamento, « vivendo assim em familia, com certas regalias que os senhores lhe conferem » (3).

Esses negros baptisados e constituidos em familia tomavam em geral o nome de familia dos senhores brancos: dahi muitos Cavalcantis, Albuquerques, Mellos, Mouras, Wanderleys, Lins, Carneiros Leões, virgens do sangue illustre que seus nomes accusam. No Brasil, ainda mais do que em Portugal, não ha meio mais incerto e precario de identificação de origem social do que o nome de familia. Contou-nos senhora de distincta familia pernambucana, viuva de um diplomata e historia-

---

(1) Antonil — *Opulencia do Brasil*, cit.

(2) Cartas regias de 1663, 1701 e de 1704, 1719 indicam que muitos senhores não davam então aos escravos o necessario descanço nem tempo de trabalharem para si; que alguns negligenciavam as necessidades espirituaes dos pretos, a ponto de não baptisarem os pequenos nem mandarem administrar os ultimos sacramentos aos moribundos. (Veja-se Perdigão Malheiro, *A Escravidão no Brasil*, cit.). Mas é evidente que se referiam antes á escravatura grossa que aos escravos do serviço domestico.

(3) Perdigão Malheiro — *A Escravidão no Brasil*, cit.

dor eminente, que uma vez, em Londres ou Washington, appareceu como *attaché* militar da legação brasileira um official do Exercito com o mesmo nome de familia que o della. Quiz saber si não seriam parentes. Indagou. Tratava-se de um nome de familia illustre adoptado por motivos de pura esthetica — o official achara-o bonito e adoptara-o. É o que teem feito tambem alguns filhos de padre e varios filhos naturaes. Muitos sem se contentarem com nomes bonitos ou fidalgos da terra teem ido buscar na historia de Portugal e da Hespanha nomes de ainda maior resonancia e gloria; os mais requintados não se esquecem de um «da» ou «de» que suggira nobreza: Fulano *de Alba*, *de Cadaval*, *Sicrano Beltrano da Gama*. Dahi o que o escriptor Antonio Torres chamou uma vez a nossa «nobreza de sobrecarta» ou de livro de registro de hotel.

No caso dos escravos constituidos christãmente em familia, á sombra das casas-grandes e dos velhos engenhos, terá havido, na adopção dos nomes fidalgos, menos vaidade tôla, que natural influencia do patriarchalismo, fazendo os pretos e mulatos, em seu esforço de ascenção social, imitarem os senhores brancos e adoptarem-lhes as fórmas exteriores de superioridade. É, aliás, digno de observar-se que muitas vezes o nome illustre ou fidalgo dos senhores brancos foi absorvido no indigena e até no africano das propriedades ruraes — a terra como que recreando os nomes dos proprietarios á sua imagem e semelhança. Foi assim que, em Pernambuco, um ramo da antiga familia Cavalcanti de Albuquerque tornou-se Suassuna; recentemente um ramo da familia Carneiro Leão transformou-se em Cedro. Suassuna e Cedro — nomes de engenho em que se apagaram os europeus e illustres das familias proprietarias.

Logo depois da Independencia correu por todo o Brasil grande furor nativista fazendo que muitos senhores mudassem os nomes de familia portugueses para os nomes indigenas das propriedades, ás vezes confirmados por titulos de nobreza concedidos pelo Imperio.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTER
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

Muitos individuos de origem européa, e outros de procedencia africana, ficaram tendo nomes de familia indigenas; pelo que alguns suppoem-se caboclos e não de origem predominantemente portuguesa ou africana. Nomes arrogantemente nativistas: Buritys, Muritys, Juremas, Jutahys, Araripes (1). O depois visconde de Jequitinhonha, este transformou em Francisco Gê Acayaba Montezuma o nome portuguesissimo de Francisco Gomes Brandão. Brasileiros menos indianistas nas suas tendencias, porém não menos nativistas — alguns até bairristas — intercalaram no nome um « Brasileiro », um « Pernambucano », um « Paraense », um « Maranhão » emphatico, annunciando-lhes a origem brasileira ou particularisando-lhes a regional. Tal o caso do velho José Antonio Gonsalves de Mello que pôz num filho o nome de Cicero Brasileiro, noutro o de Ulysses Pernambucano — nomes que se teem conservado na familia, já estando na terceira ou quarta geração. Outro patriarcha, da mesma familia, do ramo ligado aos Fonseca Galvão, mudou o nome legitimamente português para Carapeba; e com esse nome horrivel de Carapeba morreu-lhe heroicamente um filho na Guerra do Paraguay. Este, aliás, recebera do pae, talvez maçon dos ranzinzas, o nome — pode-se dizer christão? — de Voltaire. Voltaire Carapeba.

Muitos foram os nomes de engenhos que se encostaram aos nomes de familia dos donos, embora sem os absorver. Dahi os Joaquins de Lavrinha, os Sinhôsinhos (Souza Leão) de Almecega, os Eurico do Vena (Eurico Chaves, do Venus), os Sebastiões (Wanderley) do Rosario, os Seraphins (Pessôa de Mello) de Matary, os Pedrinhos (Paranhos Ferreira) de Japaranduba.

Quantos aos nomes christãos, parece que por muito tempo pouca differença houve entre os dos brancos e os dos negros, tirados todos da folhinha (2). Nomes de santos

---

(1) Theodoro Sampaio, *O Tupy na Geographia Nacional*, cit.; Alfredo de Carvalho, *Phrases e Palavras*, cit.

(2) No seculo XIX, começou a quebrar-se a tradição dos nomes de santos indicados pela folhinha; e a apparecerem os inspirados pela

— predominando o de João — que livrava a casa de menino com esse nome do diabo vir dançar á porta; e os de Antonio, Pedro, José, nomes de santos poderosos que impediam o setimo filho da familia de virar lobishome. Mesmo sem ter havido differenciação ostensiva, podem-se considerar certos nomes — Benedicto, Bento, Cosme, Damião, Romão, — como caracteristicamente de negros.

Um traço importante de infiltração de cultura negra na economia e na vida domestica do brasileiro restanos accentuar: a culinaria. O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos. « Da aspera cozinha do caboclo — escreve Luiz Edmundo — ao passarmos á cozinha laudavel do masombo veremos que ella nada mais era que uma assimilação da do reinol, sujeita apenas ás contingencias ambientes » (1). Palavras injustas em que vem esquecida, como sempre, a influencia do negro sobre a vida e a cultura do brasileiro.

No regimen alimentar brasileiro, a contribuição africana affirmou-se principalmente pela introducção do azeite de dendê, e da pimenta malagueta, tão caracteristicas da cozinha bahiana; pela indroducção do quiabo; pelo maior uso da banana; pela grande variedade na maneira de preparar a gallinha e o peixe. Varias comidas portuguesas ou indigenas foram no Brasil modificadas pela condimentação ou pela technica culinaria do negro; alguns dos pratos mais caracteristicamente brasileiros são de technica africana: a farofa, o quibêbe, o vatapá.

Dentro da extrema especialização de escravos no serviço domestico, reservaram-se sempre dois, ás vezes tres individuos aos trabalhos de cozinha. De ordinario, grandes pretalhonas; ás vezes negros incapazes de serviço bruto, mas sem rival no preparo de quitutes e doces. Negros

---

« Historia Profana, pela Mythologia, pelas Novellas, e pela Geographia ». (Padre Gama, *O Carapuceiro*). Os nomes, na familia de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello (Livro de assentos, ns.) reflectem essa tendencia: Democrito, Heraclito, Thales, Lycurgo, Lisbella, Ranuzia, etc.

(1) Luiz Edmundo, *op. cit.*

sempre amaricados; uns até usando por baixo da roupa de homem cabeção picado de renda, enfeitado de fita côr de rosa; e ao pescoço tetéas de mulher. Foram estes, os grandes mestres da cozinha colonial; continuam a ser os da moderna cozinha brasileira.

Si é certo que no Rio de Janeiro fidalgos reinóes mantiveram por muito tempo cozinheiros vindos de Lisbôa, nas cozinhas typicamente brasileiras — as dos engenhos e fazendas, as das grandes familias patriarchaes ligadas á terra — quem desde o seculo XVI preparou os guizados e os doces foi o escravo ou a escrava africana. «Os senhores de epocas afastadas — diz-nos Manuel Quirino no seu estudo sobre *A Arte Culinaria na Bahia* — muitas vezes, em momentos de regosijo, concediam cartas de liberdade aos escravisados que lhes saciavam a intemperança da gula com a diversidade de iguarias, cada qual mais selecta, quando não preferiam contemplal-os ou dar expansão aos sentimentos de philantropia em algumas das verbas do testamento... Era vulgar nos jantares da burguesia uma saudação, acompanhada de canticos, em honra da cozinheira, que era convidada á comparecer á sala do festim e assistir a hommagem dos convivas» (1).

Varios são os alimentos pura ou predominantemente africanos em uso no Brasil. No Norte especialmente: na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão. Manuel Quirino annotou os da Bahia (2); Nina Rodrigues os do Maranhão (3); tentámos o mesmo com relação aos de Pernambuco (4).

---

(1) Veja-se tambem Richard Burton, *The Highlands of the Brazil*, cit. Burton refere-se a essas saudações cantadas depois do jantar que devem ter sido uma das notas mais interessantes e alegres dos jantares patriarchaes de outr'ora.

(2) Manuel Quirino — *A Arte Culinaria na Bahia*, cit.

(3) Nina Rodrigues — *O Regimen Alimentar no Norte do Brasil*, Maranhão 1881.

(4) Trabalho lido perante o Congresso Regionalista do Nordeste, Recife 1925.

Desses tres centros de alimentação afro-brasileira é decerto a Bahia o mais importante. A doçaria de rua ahi desenvolveu-se como em nenhuma cidade brasileira, estabelecendo-se verdadeira guerra civil entre o bôlo de tabuleiro e o dôce feito em casa. Aquelle, o das negras forras, algumas tão bôas doceiras que conseguiram juntar dinheiro vendendo bôlo. É verdade que senhoras de casas-grandes e abbadessas de convento entregaram-se ás vezes ao mesmo commercio de dôces e quitutes; as freiras acceitando encommendas, até para o extrangeiro, de dôces seccos, bolinhos de gomma, sequilhos, confeitos e outras guloseimas. Mestre Vilhena falla desses dôces e dessas iguarias — quitutes feitos em casa e vendidos na rua em cabeça de negras mas em proveito das senhoras — mocotós, vatapás, mingaus, pamonhas, cangicas, acassás, acaragés, abarás, arroz de côco, feijão de côco, angús, pão de ló de arroz, pão de ló de milho, rolete de canna, queimados, isto é, rebuçados, etc., «Viandas tediozas», chama-as Vilhena: «e o que mais escandaliza he huma agoa suja feita com mel e certas misturas a que chamão o aloá que faz vezes de limonada para os negros» (1). Nostalgias de reinol. Saudades do caldo verde.

Mas o legitimo dôce ou quitute de tabuleiro foi o das negras forras. O das negras doceiras que até meiados do seculo XIX se chamaram «boceteiras». Dôce feito ou preparado por ellas. Por ellas proprias enfeitado com flor de papel azul ou encarnado. E recortado em forma de corações, de cavallinhos, de passarinhos, de peixes, de gallinhas — ás vezes com reminiscencias de velhos cultos phallicos ou totemicos (2). Arrumado por cima de

(1) Vilhena, *Cartas*, cit.

(2) Em Portugal ainda hoje é costume, em Bragança, por occasião dos casamentos, fazerem-se dois bolos, um representando os orgãos sexuaes masculinos e o outro os femininos. A' sahida da igreja, o noivo ergue o seu bolo, o mesmo fazendo a noiva. Os rapazes e as moças procuram então tirar das mãos dos noivos o bolo symbolico; quem o conseguir, casa breve. E em Azurei, proximo de Guimarães, vendem-se bolos com o nome de «sardões» (termo popular dado ao orgão genital masculino); em outros pontos com o nome de *passarinhas* (orgão genital feminino). Veja-se a este proposito o trabalho de Em-

folhinhas frescas de banana. E dentro de tabuleiros enormes, quasi liturgicos, forrados de toalhas alvas como panno de missa. Ficaram celebres as «mães Bentas»; e ainda hoje se vendem em Garanhuns, no interior de Pernambuco, as «brôas das negras do Castainho». Tudo doce de negra.

Desses tabuleiros de pretas quituteiras, uns corriam as ruas, outros tinham seu ponto fixo, á esquina ou num pateo de igreja, debaixo de velhas gamelleiras. Ahi os tabuleiros repousavam sobre armações de páo escancarados em x. A negra ao lado, sentada num banquinho.

Por esses pateos ou esquinas, tambem pousaram outr'ora, gordas, mysticas, as negras de fogareiro, preparando ali mesmo peixe frito, mangunzá, milho assado, pipoca, grude, manuê; e em São Paulo, que nos fins do seculo XVIII tornou-se a grande terra do café, as pretas de fogareiro deram para vender a bebida de sua côr a «dez réis a chicara acompanhada de fatias do infallivel cúscús de peixe, do pãosinho cosido, do amendoim, das pipocas, dos bolos de milho sovado ou de mandioca, «purva», das empadas de *piquira* ou *lambary*, do *quitunga* (amendoim torrado e socado com pimenta *cumari*), do pé de moleque com farinha de mandioca e amendoim, do içá torrado, do «*quentão*, do *ponche* e quejandas guloseimas vindas em linha recta das cozinhas africanas e da indigena» (1). De noite os tabuleiros illuminavam-se como que liturgicamente de rolos de cera preta; ou então de candieirinhos de folha de flandres ou de lanternas.

Dessas pretas de bôlo e de fogareiro vê-se hoje uma ou outra na Bahia, no Rio, ou no Recife; vão rareando. Mas ainda sobrevivem traços da antiga rivalidade entre seus dôces mais coloridamente africanos e os das casas de familia. No preparo de varios quitutes ellas ganham longe: acaçá,

---

manuel Ribeiro *O Doce Nunca Amargou* . . . (Doçaria portuguesa. Historia. Decoração. Receituario.) Coimbra 1928. No Brasil já observamos que varios bolos e doces tomaram nomes de suggestões fesceninas).

(1) João Vampré — «Factos e festas na tradição», *Rev. Inst. São Paulo*, vol. XIII.

acaragé, aluá. É nossa opinião que no preparo do proprio arroz dôce, tradicionalmente português, não ha como o de rua, ralo, vendido pelas negras em tijellas gordas donde o guloso pode sorvel-o sem precisar de colher. Como não ha tapioca molhada como a de tabuleiro, vendida á maneira africana, em folha de banana. Só conhecemos uma excepção: a preparada por illustre senhora pernambucana da familia Andrade Lima (1).

No preparo do acaçá e de outros quitutes africanos o orthodoxo é usar-se a *pedra de ralar,* tambem africana, que se incorporou victoriosamente á technica da cozinha afro-brasileira; a *colher de pau;* e depois de prompto, servir sobre macia cama de folha de banana o creme ou o bôlo. A pedra de ralar mede cincoenta centimetros de comprimento por vinte e trez de largura tendo cerca de dez centimetros de altura (2): tritura facilmente o milho, o feijão, o arroz, etc. Na pedra de ralar prepara-se o acaçá: depois de deitado o milho com agua em vasilha limpa até amollecer é ralado, passado em urupema, refinado. Quando já está adherindo ao fundo da vasilha escôa-se a agua, põe-se a massa no fogo com outra agua, até cozinhar em ponto grosso. Emquanto no fogo a massa, mexe-se com colher de pau; com a mesma colher vão-se depois retirando pequenos bocados que se enrolam em folhas de bananeira.

O arroz de aussá é outro quitute afro-bahiano que se prepara mexendo com colher de pau o arroz cosido n'agua sem sal. Mistura-se depois com o molho em que entram pimenta malagueta, ceboula e camarão: tudo ralado na pedra. O molho vae ao fogo com azeite de cheiro e um pouco d'agua. Bem africano é tambem o acaragé, prato que é um dos regalos da cozinha bahiana. Faz-se com feijão fradinho ralado na pedra. Como tempero, leva ceboula e sal. A massa é aquecida em frigideira

---

(1) Dona Angelina Barros de Andrade Lima. Tambem sua irmã Dona Angelina Ferraz. A receita é uma tradição de familia.

(2) Manuel Quirino, *A Arte Culinaria na Bahia,* cit.

de barro onde se derrama um bocado de azeite de cheiro. Com o acaragé se come um molho preparado com pimenta malagueta secca, ceboula e camarão, tudo moido na pedra e frigido em azeite de dendê.

Mas os dois pratos de origem africana que maior triumpho obtiveram na mesa patriarchal brasileira foram o carurú e o vatapá, feitos com intima e especial pericia na Bahia. Prepara-se o carurú com quiabo ou folha de capeba, taioba, oió, que se deitam ao fogo com pouca agua. Escôa-se depois a agua, espreme-se a massa que novamente se deita na vasilha com ceboula, sal, camarão, pimenta malagueta secca, tudo ralado na pedra de ralar e lambusado de azeite de cheiro. Junta-se a isto a garopa ou outro peixe assado. O mesmo processo do êfô em que foi perita a grande preta Eva, descoberta na Bahia por Manuel Bandeira, poeta. Morreu essa bôa Eva ha trez annos, no anno fatidico de 1930, em que tambem morreu em Pernambuco o cozinheiro José Pedro, negro fulo, filho de mãe africana, sobrinho de macumbeiro e talvez o maior especialista do seu tempo em comidas de milho e de leite de côco: mungunzá, cuscús, pamonha, cangica, bôlo de milho. Foi cozinheiro dos Baltar, no Poço da Panella; dos Santos Dias; dos Pessôa de Queiroz; dos Pessôa de Mello; e ultimamente da casa do Carrapicho, de uns solteirões, hoje dispersos. Mãe Eva dizem-nos que era tambem grande perita no preparo de xin-xin — uma gallinha feita com camarão secco, cebola, pevide de gerimun e azeite de dendê (1).

A gallinha, aliás, figura em varias cerimonias religiosas e tisanas aphrodisiacas dos africanos no Brasil. Já o notára Dampier no seculo XVII referindo-se particularmente a uma grelha chamada « Macker », cujo

(1) Infelizmente a Bahia não tem restaurante á altura de suas tradições culinarias. Nenhum que se compare com os afro-franceses de New-Orleans. Mas quem quizer conhecer uma digna substituta de mãe Eva, dirija-se á casa de D. Valeria, á rua da Assembléa e veja si consegue que ella lhe prepare um almoço ou jantar.

caldo servia para o fabrico de filtros amorosos (1). Alguns pratos afro-brasileiros guardam alguma cousa de religioso ou liturgico na sua preparação. E para o seu preparo com todos os ff e rr importaram-se por muito tempo da Africa, além do azeite de cheiro ou de dendê, exquisitos condimentos: o bejerecum, o ierê, o urú. o ataré. Manuel Quirino refere-se a umas bolas de arroz feitas no azeite de cheiro, ou no mel de abelha, que os pretos mussulmanos na Bahia costumavam comer em cerimonias religiosas (2).

Da cozinha afro-brasileira muito se approximam alguns dos pratos afro-carolinianos que conhecemos no Sul dos Estados Unidos, na casa do Dr. E. C. Adams, na Carolina do Sul, na da viuva Simkins, na de Clint Graydon, e em Charleston. Verdadeira casa de engenho do norte do Brasil, cheia de mulecas, muleques, negros velhos, a desse Dr. Adams, medico e folk-lorista, auctor de estudos bem interessantes sobre os negros das Carolinas; e senhor da melhor cozinha dos arredores de Columbia. Tambem em New Orleans saboreámos dôces e quitutes nos quaes se sente o gosto bom da Africa e que lembram os da Bahia e de Pernambuco. Principalmente as comidas de gallinha cozida com arroz e quiabo.

A cozinha brasileira em que predomina a influencia africana tem tido ao lado de enthusiastas e apologistas do valor de Pereira Barreto (3) e de John Casper Branner (4), criticos severos e até detratores. Sigaud, que foi talvez quem primeiro se occupou com criterio scientifico da alimentação brasileira, considerou a cozinha bahiana,

---

(1) Dampier, *op. cit.*

(2) Manuel Querino, *A Arte Culinaria na Bahia*, cit. Querino annota varios pratos afro-bahianos alem dos que já mencionámos: o eran-patêtê, o efun-oguedé, o ipetê, o ebó, o dengué, o abará, o aberén. E muitos outros ainda.

(3) L. Pereira Barreto — «A Hygiene da mesa», *Estado de São Paulo*, 7 de Setembro de 1922.

(4) John Casper Branner — «O que eu faria si fosse um estudante brasileiro nos Estados Unidos», *El Estudiante latino-americano* (New York), Janeiro 1921. Esse artigo do sabio geologo norte-americano foi escripto a nosso pedido.

— por conseguinte, a caracteristicamente afro-brasileira — « la veritable cuisine nationale », destacando o *matapá* (sic) que considerou uma especie de *Kari*. O luxo da mesa brasileira — da mesa das casas-grandes em dia de festa, pois Sigaud accentua que « ce luxe... ne se déploie qu'à l'occasion des fêtes nationales ou de famille » — impressionou-o agradavelmente. Principalmente o luxo da sobremesa, dos doces e das guloseimas de assucar — estas de creação mais pernambucana do que bahiana. Berthelemot, diz Sigaud, ficaria pasmo « de tout ce que le genie peut extraire du coco, des amandes de menduby, de sapotille, et des palmiers... » E este genio, foi mais da escrava africana do que da senhora branca. Refere-se ainda Sigaud á fructa pão cozida, a certos cactus, de gosto doce, tambem cozidos, como outras delicias da sobremesa brasileira. Si esses piteus todos escapavam á attenção dos viajantes extrangeiros, que sahiam do Brasil falando mal da comida, é que, muitos delles, só conheceram a alimentação das vendas e das pessimas estalagens. Teriam deixado o paiz com outra idéa de sua arte culinaria, si tivessem gosado da hospitalidade de uma casa-grande de engenho ou fazenda. Si tivessem provado os quitutes de uma bôa cozinheira preta de familia patriarchal. Que dessem seu testemunho Mawe, Spix, Martius, St. Hilaire, Koster. Elle. Sigaud, só sabia dizer bem da comida brasileira, que aliás observava vir sendo sensivelmente modificada, desde os principios do seculo XIX, pela influencia inglesa, quanto ao maior uso do chá, do vinho e da cerveja. Modificada tambem pela introducção do gelo em 1834, trazido pela primeira vez ao Brasil por um navio norte-americano, o *Madagascar* (1). Grandes bebedores d'agua — talvez pela predominancia do assucar e da condimentação africana em sua comida — os brasileiros regosijaram-se immensamente com a introducção do gelo no paiz. Datam dahi os deliciosos sorvetes

(1) Sigaud, *Le Climat et les Maladies du Brésil*, cit.

de fructas tropicaes — deliciosos para o olfacto e para o gosto — tão apreciados por Max Rodiguet (1), que deve ter sido um *gourmet* de primeira ordem.

Outros criticos tem tido a cozinha afro-brasileira — bem menos sympathicos do que o scientista francês. De Vilhena já vimos a impressão de repugnancia que lhe deixou a comida colonial. Repugnancia por assim dizer esthetica. Outros criticaram-na ferozmente do ponto de vista hygienico. A Antonio José de Souza, o uso immoderado de condimentos, «taes como o azeite de dendê, a pimenta & principalmente dos bredos (carurús, quibêbes)» pareceu a causa de varias enfermidades generalizadas a senhores e escravos no Brasil; que todos abusavam desses «aphrodisiacos do paladar». «Um tal genero de alimentos» forçosamente concorria para as «indigestões, diarrheas, dysenterias, hemorrhoidas e todas as molestias das vias digestivas» (2). Em 1850 José Luciano Pereira Junior, occupando-se do regimen das classes abastadas, salientava com grande satisfação o facto da «cozinha brasileira, representada hoje pela da Bahia e Pernambuco» vir sendo «pouco a pouco modificada». A alimentação «toda excitante de outro tempo tem sido mudada por uma outra mais simples sob a influencia da cozinha extrangeira». Já não eram tão communs as feijoadas; raros os guisados em que «apenas apparecem hoje» — escreve radiante de tanto progresso culinario no sentido da desafricanização da mesa brasileira — «a pimenta» e «outros condimentos excitantes». «O uso immoderado da gordura que fazia parte dos guisados de outro tempo tem sido refreado e em muitas casas substituido pela manteiga francesa». Em vez do aloá, da garapa do tamarindo, do caldo de canna — o chá á inglesa; e em vez da farinha, do pirão ou do quibêbe, a batata chamada

---

(1) Max Rodiguet — *Souvenirs de l'Amerique Hespagnole*, cit.

(2) Antonio José de Souza — *Do Regimen das Classes Pobres, e dos Escravos, na Cidade do Rio de Janeiro em seus Alimentos e Bebidas. Qual a Influencia desse Regimen sobre a Saude*, (These apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) Rio de Janeiro 1851.

inglesa. Juntando-se a tudo isso o requinte do gelo «que muito se compadece com o ardor do nosso clima» (1). Manteiga francesa, batata inglesa, chá tambem á inglesa, gelo — tudo isso agiu no sentido da desafricanização da mesa brasileira, que até os primeiros annos da Independencia estivera sob maior influencia da Africa e dos fructos indigenas.

O pão foi outra novidade do seculo XIX. O que se usou nos tempos coloniaes, em vez de pão, foi beijú de tapioca ao almoço e ao jantar, a farofa, o pirão escaldado ou a massa da farinha de mandioca feita no caldo do peixe ou da carne. O feijão era de uso quotidiano. Communs, como já dissemos, as feijoadas com carne salgada, cabeça de porco, linguiça, muito tempero africano; e mais communs do que durante o seculo XIX, as verduras e os vegetaes, tão caracteristicos da alimentação africana. Com a europeização da mesa, é que o brasileiro tornou-se um abstemio de vegetaes; e ficou tendo vergonha de suas mais caracteristicas sobremesas — o mel ou melado com farinha, a cangica temperada com assucar e manteiga. Só se salvou o doce com queijo. É que a partir da Independencia, os livros franceses de receita e de bom tom começaram o seu trabalho de sapa da verdadeira cozinha brasileira; começou o prestigio das negras africanas de forno e fogão a soffrer consideravelmente da influencia europea.

Não negamos que a influencia africana sobre a alimentação do brasileiro necessitasse de restricções ou de correctivo no seu exaggero de adubos e de condimentos. Principalmente, no caso das classes mais pobres, que

---

(1) José Luciano Pereira Junior — *Algumas considerações sobre . . . o Regimen das Classes Abastadas da Cidade do Rio de Janeiro em seus Alimentos e Bebidas*, cit. (These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro 1850. Vejam-se tambem José Maria Rodrigues Regadas — *Regimen das Classes Abastadas no Rio de Janeiro em seus Alimentos e Bebidas*, etc. (These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro 1852 e Ferdinand Dénis — *Brésil* (Collecção *L'Univers*, Paris MDCCCXXXIX.

alimentando-se insufficientemente, nem por isto deixavam de abusar dos adubos mais picantes e de servir-se de miseraveis peixes salgados. «Sobremesas condimentadas com todas essas substancias excessivamente excitantes, e com esse pernicioso azeite da Costa d'Africa tão usado por nossa população pobre que de um lado acha uma alimentação insufficiente por sua quantidade, e de outro por sua qualidade» (1). Além de deficiente, a nossa alimentação — escreveu meio seculo depois de Sampaio Vianna outro critico da cozinha brasileira em geral, e da afro-bahiana em particular — ainda se resente do «abuso da pimenta e das substancias oleosas que entram especialmente nas decantadas *muquecas*, *carurus*, *vatapás*, et reliqua, resquicios da acção funesta dos africanos introduzidos no paiz pelos nossos colonizadores». A cozinha afro-bahiana pareceu a Santos Souza — não só *insufficiente* como *prejudicial*. Porque sendo «insufficiente é necessaria grande quantidade de alimentos para uma ração trazendo como resultado dilatação do estomago e suas consequencias». Prejudicial, ainda, pelo «abuso da pimenta, cuja causticidade é superior á mostarda, originando as gastrites e gastro-enterites (infecções intestinaes), tão frequentes entre nós»; pelo «abuso do azeite de palma e demais condimentos que trazem mais tarde perturbações para o figado, devido á superexcitação de bilis e pela acção irritante de taes condimentos». E mais pelo uso, sinão tambem abuso, das «comidas excessivamente cosidas, que contendo grande quantidade de bases cretinicias e santicas (fontes de acido urico, segundo Fawel) são causas principaes das manifestações arthriticas tão frequentes no nosso meio» (2).

Restricções tão severas quanto as de Santos Souza á cozinha afro-bahiana fez Eduardo de Magalhães no

---

(1) Azevedo Cesar de Sampaio Vianna — *Qual a Causa da Frequencia das Ascites na Bahia?* (These apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia). Bahia 1850.

(2) Francisco Antonio dos Santos Souza — *Alimentação na Bahia — suas Consequencias* — (These apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia). Bahia 1910.

seu estudo *Hygiene de Alimentação:* «a dyspepsia, a ulcera no estomago, as molestias do figado, as desordens intestinaes, as enfermidades dos rins, a syncope cardiaca, o aneurisma, a apoplexia e outros mais são o epilogo de tanto abuso e tanta sensualidade». Applicou ao Brasil as palavras de Rasforil — «a indigestão dos ricos vinga a fome dos pobres». Poderia ter accrescentado que os escravos, preparando para a mesa dos senhores brancos carnes e peixes sobrecarregados de pimenta e de temperos, alimentaram-se melhor nas suas senzalas, conservando no Brasil a saudavel predilecção africana pelos vegetaes. Emquanto que no regimen dos brancos, vegetaes e legumes verdes chegaram quasi a desapparecer. «Ha muita gente, entre nós, que na sua vida nunca se serviu de salada, de um prato de hervas ensopadas, restringindo-se á simples carne e ao pão ou a farinha» (1), notaria Magalhães em 1908. Veremos em ensaio proximo que, no regimen alimentar dos escravos negros, os vegetaes tiveram parte saliente, foram de uso diario. E um dos caracteristicos da cozinha orthodoxamente afro-brasileira é fazer acompanhar de verduras — de quiabo, couve, taioba, gerimum — os seus quitutes de peixe, de carne, de gallinha.

Quanto á pimenta, tão caracteristica dos vatapás e carurús afro-bahianos, tem tido defensores mesmo entre extrangeiros. O principe Maximiliano considerou-a «excellente pour la digestion»; Burton «excellent stomachic». Burton, aliás, foi um voluptuoso da cozinha brasileira: o tutú de feijão mineiro encantou-o; e proclama-o um prato hygienico, combinando carbono e nitrogenio; ainda que indigesto, quando comido diariamente (2).

Não nos parece justo accusar a negra quituteira, cozinheira ou creada de copa, de suja ou descuidada, no preparo da comida ou na hygiene domestica. Um

---

(1) Eduardo de Magalhães — *Hygiene alimentar* — Rio 1908.

(2) Burton, *The Highlands of the Brazil*, cit. Aliás Burton manifesta a opinião de ser a carne alimento de melhor digestão nos tropicos do que os vegetaes.

tabuleiro de bôlo de negra quituteira chega a brilhar de limpeza e de alvura de toalhas. A cozinha da casa-grande brasileira dos tempos coloniaes não foi decerto nenhum modelo de hygiene. Mawe, Luccock, Mathison referem-se todos com repugnancia á sujeira das cozinhas que conheceram. Menos, porém, por culpa das escravas negras que dos senhores brancos, essa falta de limpeza nas cozinhas não só das casas pobres, como das casas-grandes.

Ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais immundos na hygiene domestica e publica dos tempos coloniaes. Um delles, o de carregar á cabeça, das casas para as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecidos por *tigres*. Barris que nas casas-grandes das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou num outro recanto, accumulando materia. Quando o negro os levava é que já não comportavam mais nada. Iam estourando de cheios. De cheios e de podres. Ás vezes, largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funcções, essas e varias outras, quasi tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal. Entretanto, não foi com o negro que se introduziu no Brasil o piolho; nem a «mão de coçar» (1); nem o percevejo de cama. E é de presumir que o escravo africano, principalmente o de origem mahometana, muitas vezes experimentasse verdadeira repugnancia pelos habitos menos asseiados dos senhores brancos (2).

---

(1) Referimo-nos ás «mãosinhas de coçar», de marfim, outr'ora muito usadas em Portugal pelas familias aristocraticas, victimas complacentes do piolho. (Visite-se o Museu Ethnographico Português). Deve-se tambem registrar o facto de que no Brasil senhores e senhoras das casas-grandes tiveram o costume de deixar crescer num dos dedos uma unha enorme, á chineza, costume que Thomas Lindley observou nos colonos da Bahia, no seculo XVIII (Lindley, *op. cit.*). Evidentemente com o fim de alliviar a coceira dos piolhos e das sarnas. Ainda conhecemos velhos com essas unhas á chineza.

(2) «E' um ponto, o da hygiene — escreveu Affonso Claudio no seu trabalho «As tribus negras importadas» (*Rev. Inst. Hist. Geog. Br.*, tomo especial do Congresso de Historia Nacional, parte II) em que é preciso salientar o cuidado instinctivo do africano, de maneira a evitar a invasão de epidemias. Comparado sob esse aspecto de hy-

Não se pode accusar de sujos e propagadores de immundicie os negros que, quando libertos, deram para barbeiros, dentistas, fabricantes de vassouras de piassava, importadores de sabão da Costa; alguns para lavar chapeus de Chile; as negras para doceiras caprichosas na limpeza dos seus tabuleiros ou para lavadeiras igualmente asseiadas. Profissões cujo exercicio, com evidentes preoccupações de hygiene, em parte os redime da mancha infamante de carregadores de *tigres*. É verdade que alguns negros barbeiros tinham um caroço de macahyba commum, para os clientes brancos botarem dentro da bocca e tornarem a face saliente e facil de barbear. Mas botava o caroço de macahyba dentro da bocca quem fosse porco. O cliente asseiado limitava-se a encher a bocca de ar no momento em que o africano lhe pedia: *yôyô, fazê buchichim* (1).

Foi ainda o negro quem animou a vida domestica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancolico, deu no Brasil para sorumbatico, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quasi um doente na sua tristeza. Seu contacto só fez accentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa «apagada e vil tristeza» em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Elle que deu alegria aos sãojoões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavallos marinhos, os carnavaes, as festas de Reis. Que á sombra tolerante da Igreja innundou das reminiscencias alegres de seus cultos totemicos e phallicos as festas populares do Brasil; na vespera de Reis e depois, pelo Carnaval, coroando os seus reis e as suas rainhas; fazendo sahir debaixo de umbellas e de estandartes mysticos, entre luzes quasi de procissão, seus ranchos protegidos por animaes — aguias, pavões, elephantes, peixes, cachorros, carneiros, avestruzes, cana-

---

giene preventiva não ha duvida que elle está muito acima do indigena da Oceania e da America».

(1) Manuel Querino — *Bahia de Outrora* — Bahia 1916.

rios — cada rancho com o seu bicho feito de folha de flandres conduzido á cabeça, triumphalmente; os negros cantando e dançando, exhuberantes, expansivos. Ainda no Carnaval do anno atrazado, na Praça Onze, no Rio de Janeiro, tivemos occasião de admirar esses ranchos totemicos de negros; e nos carnavaes de Pernambuco estamos cansados de vel-os quando se exhibem, felizes, contentes, dançando atraz dos seus estandartes, alguns riquissimos, bordados a ouro, com emblemas de vaga reminiscencia syndicalista misturando-se aos totemicos: a pá dourada do club das *Pás*, a vassoura dos *Vassourinhas*, o espanador dos *Vasculhadores*, o cachorro do *Cachorro do homem do miudo*, etc.

Nos engenhos, tanto nas plantações como dentro de casa, nos tanques de bater roupa, nas cozinhas, lavando roupa, enxugando prato, fazendo doce, pilando café; nas cidades, carregando saccos de assucar, pianos, sofás de jacarandá de yôyôs brancos; — os negros trabalharam sempre cantando; seus cantos de trabalho, tanto quanto os de xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno encheram de alegria africana a vida brasileira (1). Ás vezes de um pouco de banzo; mas principalmente de alegria. Os pianos não se carregavam outrora sem que os negros cantassem:

«E' o piano de yoyô, é o piano de yayá».

Os requintados é que foram achando feio esse costume, que acabou, objecto de medidas de severa repressão da parte dos administradores e das camaras municipaes.

---

(1) Doce, alfenim e cocada os negros vendiam cantando:

Chora, menino chora
chora porque não tem
vintem.

Fletcher viu no Rio enormes montanhas de café, movendo-se como que sozinhas: mas por baixo dellas verdadeiros gigantes negros. Os negros carregadores de fardos, cantavam:

Maria, rabula auê
Calunga auê.

Sobre a influencia do negro na musica popular brasileira, veja-se Mario de Andrade, *Compendio de Historia da Musica*, S. Paulo 1929. Tambem o seu *Ensaio sobre Musica Brasileira*, S. Paulo 1928.

Maria Graham ainda alcançou o tempo dos senhores das casas-grandes mandarem os negros cantar suas cantorias africanas quando chegava ao engenho qualquer visita (1). Cantos de trabalho. Cantos religiosos. Talvez dos mesmos que em Pernambuco os negros da seita africana de Anselmo ainda cantam nos seus dias de festa, meio escondidos da policia:

Xéco, xéco, xéco, Õ ni - ba - rá
Xéco, xéco xéco, Õ ni - bará
Xéco, xéco, xéco, Õ - - ni - bará
Anselmo sozinho: Õgunmajô, marnô,
(Todos): Colé marnô, ôcunmanjô marnô, ocólangé
Ogunhô ! . ! . !
E' cun dô dô, E' cun gé gé. (2)

Anselmo sozinho, dirigindo-se a Orixá:

Ôgunni tôcôbá, oni, ômaroli rolé
Ô dê, ó dê, panilê, ó dê, ó dê, panilé

E todos:

Ôdixarobô, panilé, olé

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos yôyôs e das yáyás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com hervas e potagens dos mandingueiros. O *banzo* deu cabo de muitos. O *banzo* — a saudade da Africa. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto

---

(1) Maria Graham, *Journal of a Residence in Brazil, etc.*, cit.

(2) Esta lôa é para pedir milho, feijão, etc. nos festivaes de fecundidade. Recolheu-lhe a musica (veja-se a vinheta no começo deste capitulo), juntamente com outras, nas festas da seita africana dirigida pelo negro Anselmo, uma auxiliar do Instituto de Assistencia a Psycopathas de Pernambuco, cujo director, o Prof. Ulysses Pernambuco tem concorrido para que a policia de Pernambuco reconheça como seitas religiosas, associações de negros indistinctamente classificados como «catimbó» e injustamente perseguidas pelos delegados e sub-delegados.

Possuimos varias outras lôas, umas recolhidas do «menino Eloy», outras da seita dos «adoradores dos astros», trabalho em que tivemos a collaboração de Pedro Cavalcanti, doutorando de medicina. Tambem recolhemos de Eloy um vocabulario mystico; o Instituto possue extenso vocabulario, ao que parece nagô, organizado com o auxilio de Anselmo As palavras parecem muito estropiadas; algumas podem ser identificadas como de lingua yorubana.

na vida normal — entregando-se a excessos, abusando de aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até o Brasil, devastando-os nas senzalas: o escorbuto, a ophtalmia, a variola, a dysenteria, as boubas, o pião. E communicando-se ás vezes aos brancos das casas-grandes. A Africa tambem tomou vingança dos maus tratos recebidos da Europa. Mas não foram poucas as doenças de brancos que os negros domesticos adquiriram; e as que se apoderaram delles em consequencia da má hygiene ou das novas condições de habitação e do trabalho forçado. Trabalho forçado que nas cidades foi quasi sempre «em desproporção com a nutrição»; diz-nos Jobim que, em 1835, annotou as seguintes molestias, como predominando entre os operarios e escravos domesticos do Rio de Janeiro: syphilis, hypertrophia do coração, rheumatismo, bronchites, affecções das vias aerias, pneumonias, pleurises, pericardites, irritações e inflammações encephalicas, tetano, hepatites, erysipelas, ordinariamente nos membros inferiores e nos escrotos e ahi determinando hypertrophia e degenerescencia fibrolardacea do tecido cellular subcutaneo, extravasões nas diversas cavidades sonoras, raras vezes nas articulações e frequentemente no abdomen, na pleura, no pericardio, na sorosa testicular, nos ventriculos cerebraes determinando paralysia; e ainda tuberculos pulmonares, febres intermittentes, opilação. «Os vermes e particularmente a toenia, e as ascarides lombricoides abundão muito», accrescenta Jobim (1).

---

(1) José Martins da Cruz Jobim — «Discurso sobre as molestias, que mais affligem a classe pobre do Rio de Janeiro lido na sessão publica da Sociedade de Medicina a 30 de Junho de 1835...» Rio de Janeiro 1835. Vejam-se tambem Sigaud, *op. cit.*, Roberto Jorge Haddock Lobo, «Discurso recitado em presença de S. M. o Imperador na sessão solemne, anniversario da Academia Imperial de Medicin do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 1847, seguido de reflexões acerca da mortalidade da cidade do Rio de Janeiro», Rio de Janeiro 1847; Resposta ao inquerito da Comarca do Rio de Janeiro entre medicos sobre o clima e a salubridade da côrte dos vice-reis (1798), n. 5, vol. 2, de 1846 dos *Annaes Brazilienses de Medicina;* Antonio Martins de Azevedo Pimentel, *Quaes os Melhoramentos que Devem ser Introduzidos no Rio de Janeiro,* etc. (These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro 1884.

F I M

INDICE

PREFACIO VII

CAPITULO I — Tendencias geraes da colonização portuguesa do Brasil; formação de uma sociedade agraria, excravocrata e hybrida 3

CAPITULO II — O indigena na formação da familia brasileira 85

CAPITULO III — O colonizador português: antecedentes e predisposições 197

CAPITULO IV — O escravo negro na vida sexual e de familia do brasileiro 303

CAPITULO V — O escravo negro na vida sexual e de familia do brasileiro (conclusão) 439

Estab. Graphico CANTON & REILE
Praça Vieira Souto, 3 - A.